

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

TATIANA LUCIA CARDOSO

**ENTRE A NEGRITUDE E A BRANQUITUDE:
MEMÓRIA, DISCURSO E RELAÇÕES DE PODER NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DE SUJEITOS PARDOS**

Belo Horizonte
2012

TATIANA LUCIA CARDOSO

**ENTRE A NEGRITUDE E A BRANQUITUDE:
MEMÓRIA, DISCURSO E RELAÇÕES DE PODER NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DE SUJEITOS PARDOS**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Andréa Mayorga Borges - UFMG

Belo Horizonte
2012

Cardoso, Tatiana Lucia

C268e

Entre a negritude e a branquitude: memória, discurso e relações de poder na construção da identidade de sujeitos pardos [manuscrito] / Tatiana Lucia Cardoso. – Belo Horizonte, 2012.

501f. : il.

Inclui apêndices e anexos.

Orientadora: Cláudia Andréa Mayorga Borges.

Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia.

Referências: f.200-217.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Sujeito Pardo. 3. Relações Raciais. 4. Universidade Brasileira. 5. Raça. 6. Análise do Discurso. 7. Michel Foucault. 8. Michel Pêcheux. 9. Educação Superior. I. Título. II. Borges, Cláudia Andréa Mayorga. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia.

CDD: 301.45196081

Bibliotecária responsável: Tatiana Lucia Cardoso – CRB/6 - 3006

Folha de Aprovação
(aguardado liberação do depto.de Psicologia)

*Dedico este trabalho à minha mãe Efigênia e ao meu pai Mário:
sempre no meu coração e na minha memória;
mas especialmente aos meus avôs Benedito Policarpo e Heitor Cassiano
cujas personalidades são fontes de inspiração para minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sua infinita presença mesmo quando tudo ao redor pareceu-me vazio e desprovido de qualquer coisa que lembrasse o simples rastro de vida ou da sua existência: as tempestades do caminho não foram suficientes para fazer com que o meu ceticismo superasse a incoerência irracional da minha fé.

Agradeço a minha família pela genealogia que ela encerra: saber de onde vim me ajuda a compreender para onde vou... todos os dias.

Agradeço aos meus pais e progenitores Mário e Efigênia por me ensinarem o valor da vida que espero estar refletido neste trabalho de alguma maneira.

Aos meus irmãos Viviane, Ariana e Heitor que são o elo real que tenho para dizer que a diferença não é empecilho para o exercício do amor. Com vocês compartilho as memórias mais caras de uma existência. “Se a loucura finge que isso tudo é normal... eu finjo ter paciência...”

Aos meus sobrinhos Ariadne (sol) e David (lua): sonho todos os dias com um mundo mais digno para vocês e me esforço para que vocês sejam pessoas dignas de um mundo melhor.

Ao amigo e companheiro de minh'alma: amizade e respeito para toda uma vida... e para além dela... Minha figurinha premiada. Fagner, eu não teria conseguido sem você, *mon chéri*.

À minha orientadora Profa. Dra. Cláudia Andréa Mayorga Borges pelo desafio e parceria: o trajeto da pesquisa fora árduo, mas enfim concluiu-se mais uma etapa do percurso.

Às Profas. Dras. Betânia Diniz Gonçalves da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Shirley Aparecida de Miranda da Faculdade de Educação da UFMG, pela riqueza nas contribuições da leitura atenta sobre este trabalho de investigação.

Agradeço aos meus colegas e amigos - agnósticos e ateus - pela oportunidade e riqueza da convivência e pelo exercício do respeito mútuo.

À minha querida professora de Organização Social e Política do Brasil (OSPB), de História e de Sociologia Lorena que no período dos anos de 1989 a 1991 alimentou o espírito de uma adolescente com a curiosidade e o gosto pelo conhecimento sócio-histórico. No cartão de Natal você dizia: “Eu sei que um dia ainda vou ler coisas escritas por uma certa Tatiana que estudou lá no Colégio Municipal Salgado Filho...”. Espero que haja tempo suficiente para que este texto alcance o seu caro e crítico olhar...

À minha amiga querida dos tempos de infância e adolescência Fernanda Aparecida Resende e à sua mãe Dona Tereza: onde vocês estiverem, obrigado por trazerem à minha adolescência cores, cheiros, sabores e alegria em meio aos trabalhos escolares, aos bolinhos de chuva e às brevidades nos lanches das tardes do ano de 1991.

Aos profissionais das bibliotecas onde passei boa parte da minha infância e adolescência: aqueles foram sempre momentos de completa diversão.

À minha querida amiga dos tempos da inocência... doce Iraney... pela força e persistência diante das armadilhas da vida e da prática do Direito como vocação: mulher forte que admiro e respeito...

Aos amigos do *Magnificat* com o quais eu aprendi na transição para a idade adulta - através da música - a por o pé na estrada por causas muito maiores e melhores do que a causa própria.

Aos queridos amigos da região leste de Belo Horizonte: trago sempre comigo as serestas, serenatas, gincanas, retiros, encontros, aniversários, dias, tardes e noites inteiras onde pudemos desfrutar dos ombros, braços, colos e aconchego uns dos outros. Claudinha, Vanessinha, Oberdan, Júlio, Déia, Valerinha, Cristina, Conceição (mamy), Dalmo (*in memorian*), Edilene, Gláucia, Toninho (*in memorian*) ...e tantos outros. O limite da folha de papel não permite captar o sentimento que me toma agora. Não sei o quanto doei de mim, mas recebi tanto que hoje vocês são parte de quem sou.

À amiga Jacqueline Barbosa do Departamento de Bioquímica do ICB/UFMG por ouvir minhas inquietações e compartilhar a ruptura de parte de um ciclo familiar. Você foi a ponte possível de diálogo entre o abismo do meu trânsito entre dois mundos.

À família Patrício Lucas que me acolheu com carinho, presteza e despojamento no momento da adversidade. Sem vocês o caminho seria tão mais doloroso.

À Escola de Ciência da Informação da UFMG, lugar onde ensaiei os primeiros passos na vida acadêmica e onde compreendi o sentido do exercício da palavra *autonomia*: cruzar os próprios limites.

Aos meus preciosos professores de graduação, em especial à Profa. Dra. Lídia Alvarenga, à Profa. Dra. Maria Aparecida Moura e a Profa. Dra. Beatriz Valadares Cendon: o trabalho de vocês está impresso em mim.

Aos Professores Dra. Nilma Lino Gomes e Dr. Juarez Dayrell da Faculdade de Educação da UFMG pela riqueza do convívio obtido nos Programas Ações Afirmativas, Observatório da Juventude e Conexões de Saberes na UFMG.

À Profa. Dra. Shirley Aparecida de Miranda da Faculdade de Educação da UFMG, ao Prof. Luiz Carlos Felizardo Junior (Juninho) e ao Prof. Dr. Rodrigo Ednilson de Jesus da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri pelo carinho, alegria, amizade e incentivo no percurso inicial do encontro com o saber e o fazer acadêmico.

À Cátia Avelino, Juliana Assis (Jujuba), Vanderlúcia Costa (Vandi), Mércia Marques (Mercinha), Ana Paula Oliveira (Aninha), Josemeire Alves (Josy), Edna Ângelo, Cláudia Santos, Cristina Sabino (Cris), Danielle Luíz Andrade (Dani), Marizete Silva (Mariz), Maria Aparecida Rodrigues (Cidoca), Soraya Patrocínio, Célia Diamantino (Celinha), Heloisa Costa (Helô), Elisânea Lima (Lisa), Gisele Miné, Luciana Aquino, Tainá Pedrosa, Thiago Gonçalves (Thiaguito), Amador Moreira (o Profissional), Fagner Lucas (Fagnim), Júlio Arruda, Leonardo Santos (Léo), Rodrigo Marcos (o Filósofo), Paulo Sena (Peloncito), Reginaldo Silva (Regis), Wallace Pereira, Matheus Pereira, Everton Corrêa, Eduardo Pereira (Jamaica) e Daniel Antonio pela amizade e pela

oportunidade do convívio e do amadurecimento conjunto no Conexões de Saberes – primeira fase: desejo a cada um a virtude e a plenitude nas empreitadas vida afora.

Aos meus colegas e amigos de graduação – turma de 2003/2007 - pela compreensão nos muitos momentos em que estive ausente: vocês são referência para uma carreira profissional plena.

Aos colegas e amigos do Programa Conexões de Saberes na segunda versão (2007-2008) na FAFICH: vocês possibilitaram-me outros olhares.

À Alessandra Assunção (madrinha), Joana Ziller, Silvia Silva, Andréia Silva, Edna França, Ana Laborne, Bréscia Nonato, Maria de Fátima Souza e Karime Marcenes pelas contribuições, incentivo e carinho em momentos difíceis.

Aos amigos da Faculdade de Medicina da UFMG, a equipe do Centro de Informática Médica e da Gerência Administrativa: Ângela Gusmão, Carlos Madureira, Maurílio Elias, Vânia Couto, Jussara Magalhães, Alexandre Nascimento, Marisson Parreiras, Rejane Lucinda e Denver Gomes: obrigado pelo carinho e formação para além do trajeto da graduação.

Aos amigos da Fundação João Pinheiro pelo apoio, por me cederem o espaço e a estrutura para desenvolver esta pesquisa. Também pelos momentos de descontração: entre doces, bolos e salgadinhos o processo de escrita também se tornava uma celebração à vida. Obrigado por tudo!

Aos bibliotecários Roger Guedes e Fernanda Moreira – a responsável pela normalização/padronização técnica deste trabalho - por terem compartilhado comigo o cotidiano profissional de uma biblioteca digital e compreendido os momentos da minha ausência.

Ao Sr. Filipe de Filippo e a Sra. Beatriz Aguiar Bovendorf Veloso pela sensibilidade e honradez ao defenderem a minha causa.

Ao meu querido amigo Lucas Marquesini pela revisão do texto deste trabalho e pelas tardes de pura diversão e contentamento gastronômico.

Às queridas amigas Cristiane Paulo e Marilene Silva: encontros e saudades.

Às bibliotecárias Joana Ferreira, Edna França, Sandra Resende, Luciana Werneck, Simone Sanches, Miriam Martins, Jana Ferreira, Maria Judith Pacheco pela amizade, o olhar atento e pelo carinho.

Aos colegas do mestrado Cássia Donato, Geíse Pinheiro, Leonel Cardoso, Luciana Ribeiro, Leonardo Tolentino, e tantos outros, por terem contribuído de formas bastante peculiares para que este trabalho se concretizasse.

À Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas por me possibilitar (des)construir as possibilidades e as responsabilidades de uma pesquisa.

Ao Conselho de Ética na Pesquisa (COEP-UFMG) pela atenção ao esclarecimento de dúvidas inerentes ao processo da pesquisa.

Aos Prof.Drs. Ida Lúcia Machado e Cássio Soares Miranda da Faculdade de Letras da UFMG pelo precioso encontro e pela riqueza das discussões acerca do universo teórico e metodológico da Análise do Discurso de linha francesa.

Ao Departamento de Psicologia pelo empenho em solucionar as questões de ordem prática: agradeço em especial às funcionárias técnico-administrativas Flávia Alves e Heloísa Lagaris pela paciência.

Ao Núcleo de Psicologia Política pela oportunidade de exercitar o pensamento crítico.

Ao Núcleo de Estudos em Mediações e Usos Sociais dos Saberes e Informações em Ambiente Digital pela oportunidade dos diálogos regados na inter e na transdisciplinaridade.

Ao Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo pela riqueza e profundidade das discussões.

À equipe do Centro de Educação a Distância da UFOP pela riqueza do trânsito de experiências e no ensaio do exercício da docência superior através da articulação das temáticas de gênero e raça.

Aos meus sujeitos de pesquisa pela generosidade das trocas e pela co-autoria nas reflexões – ainda que em alguma medida: obrigado por partilharem suas memórias.

Agradeço ao sistema público de ensino brasileiro - ao qual pertenci do nível básico ao superior - por me manter em contato com a diversidade e permitir aguçar o senso crítico diante da realidade da vida cotidiana.

À Fundação Mendes Pimentel pelo apóio durante o percurso da graduação.

À Universidade Federal de Minas Gerais por fornecer a estrutura adequada a minha formação profissional, pessoal e na execução deste trabalho.

Ao povo brasileiro que financiou e financia a estrutura na qual eu gozei de plenas condições para concretizar esta investigação. Espero poder retornar o ônus do investimento social que generosamente e a um alto preço me foi concedido.

Enfim, só posso concluir que o percurso até aqui nunca foi o *locus* da solidão porque este texto é o resultado de uma trajetória forjada por uma extensa e eficaz rede de solidariedade. So-li-da-ri-e-da-de: do latim *solos*, aquilo que é sólido.

À todo/as o meu muito obrigado.

Tatiana Lucia Cardoso
Verão de 2012.

“Um grupo de porcos-espinhos apinhou-se apertadamente em certo dia frio de inverno, de maneira que aproveitassem o calor uns dos outros e assim salvaram-se da morte por congelamento. Logo, porém, sentiram os espinhos uns dos outros, coisa que os levou a se separarem novamente. E depois, quando a necessidade de aquecimento os aproximou mais uma vez, o mal surgiu novamente. Dessa maneira, foram impulsionados para trás e para frente, de um problema para o outro, até descobrirem uma distância intermediária, na qual podiam mais toleravelmente coexistir”.

(Schopenhauer, 1851, p.396.)

Cardoso, T. L.(2012). *Entre a negritude e a branquitude*: memória, discurso e relações de poder na construção da identidade de sujeitos pardos. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RESUMO

A universidade é o espaço de formação onde reserva-se o cultivo do pensamento crítico acerca do mundo e da sociedade. A universidade – e do mesmo modo a universidade brasileira - é um campo de pesquisa por onde tem passado sujeitos que lutam por igualdade nas relações. É a universidade um *lócus* privilegiado do acesso ao debate sobre as ações afirmativas e as políticas de inclusão de um modo geral. Tanto para os sujeitos inseridos no seu espaço quanto para aqueles que observam do lado de fora dos muros, a passagem pelo crivo da universidade significa acessar uma instrumentalização que ofereça ferramentas teóricas e metodológicas críticas, significa alcançar um diálogo em condições de igualdade na instrumentalização e nas possibilidades de ação em níveis legítimos e simétricos no confronto às diferenças. Nesse sentido, este trabalho investigativo tem como objetivo analisar o(s) processo(s) que fomenta(m) ou fomentaram a construção identitária de jovens universitários pardos, ex-integrantes de um programa de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais que se propõe a criar pontes para o diálogo entre os conhecimentos produzidos intra e extramuros da universidade na perspectiva da inclusão e das ações afirmativas. Estes jovens foram selecionados a partir de seus históricos de participação no Programa Conexões de Saberes na Universidade Federal de Minas Gerais, pelo engajamento sócio-político dentro e fora da academia e pela auto-declaração como pardos. Pardo ou mestiço brasileiro é o sujeito elencado nas categorias do Censo brasileiro a partir da pergunta: Qual é a sua raça ou cor? O foco da investigação se volta para a pertença étnico-racial de pardos e a construção identitária destes sujeitos em seus desdobramentos a partir de um exercício de reflexão sobre a vida em sociedade. Esta investigação utiliza-se de elementos metodológicos da história oral de vida, da entrevista em profundidade tendo como suporte principal a Teoria e a Análise do Discurso. A teoria e a Análise do Discurso subsidiam a exploração dos dados que são obtidos a partir das narrativas das trajetórias de vida dos dois sujeitos pardos universitários que, continuamente, são convidados pela pesquisadora a refletirem sobre os seus percursos e escolhas. Os sujeitos identificam e possibilitam identificar o surgimento de evidências que relacionam memória, trajetória de vida e discursos às formas de opressão interiores às relações de poder marcadas por subalternidades e hierarquias prescritas aos indivíduos em seus percursos de formação/transformação em sujeitos. A ideologia, o mito, as práticas e as ações afirmativas marcam os dilemas do enfrentamento cotidiano destes sujeitos que apresentam noções de assentamento, de limites, pontos de ruptura e evidências da materialidade da força das relações da vida social sobre o contexto racial brasileiro.

Palavras-chave: Sujeito Pardo. Relações Raciais. Universidade Brasileira. Raça. Análise do Discurso. Michel Foucault. Michel Pêcheux. Educação Superior.

ABSTRACT

The university is the training area where reserves the cultivation of critical thinking about the world and society. The university - and likewise the Brazilian university - is a field of research where subjects have spent fighting for equality in relationships. The university is a privileged locus of the debate on access to affirmative action and inclusion policies in general. For both subjects inserted in its place and for those who observe from outside the walls, passing through the sieve of an instrumental means to access university that offers critical theoretical and methodological tools, means to achieve a dialogue on equal terms in the instrumentation and the possibilities of action in legitimate and symmetrical levels in comparison to the differences. In this sense, this research work aims to analyze process that fosters or fostered the identity construction of young brown college, former members of an outreach program of the Federal University of Minas Gerais, which proposes to build bridges for dialogue between the knowledge produced within and outside the walls of the university from the perspective of inclusion and affirmative action. These boys were selected based on their historical participation in the Knowledge Connections Program at the Federal University of Minas Gerais, the socio-political engagement within and outside the academy and the self-declaration as mulatto. Brazilian mestizo or mulatto is the subject of the part listed in the categories from the Brazilian Census question: What is your race or color? The focus of the investigation turns to the ethnic-racial identity construction and browns of developments in their subject from a reflection on life in society. This research makes use of elements of methodology of oral history of life, as in-depth interview with mainstay Theory and Discourse Analysis. Theory and Discourse Analysis subsidize the exploitation of data that is obtained from the narratives of the life trajectories of the two subjects brown university that continually are asked by the researcher to reflect on their paths and choices. The subjects and identify possible to identify the emergence of evidence linking memory, life path and speeches to the interior forms of oppression marked by power relations and hierarchies subalternities prescribed to individuals in their training courses / subjects in transformation. Ideology, myth, and practices affirmative action mark the face of everyday dilemmas that these guys have notions of settlement boundaries, breakpoints and evidence of the materiality of power relations of social life on the Brazilian racial context.

Keywords: *Pardo* Subject. Race Relations. Brazilian University. Race. Discourse Analysis. Michel Foucault. Michel Pecheux. Higher Education.

RESUMEN

La universidad es un espacio de formación donde se reserva el cultivo del pensamiento crítico acerca del mundo y de la sociedad. La universidad – y del mismo modo la universidad brasileña – es un campo de investigación por donde ha pasado sujetos que luchan por la igualdad en las relaciones. Es a la universidad un locus privilegiado del acceso al debate sobre las acciones afirmativas y las políticas de inclusión en general. Tanto para los sujetos insertados en el espacio cuanto para los que observan desde el exterior de los muros, el pasaje por el tamiz de la universidad significa tener acceso a una instrumentación que ofrece herramientas teóricas y metodológicas, significa lograr un diálogo en condiciones de igualdad en la instrumentación y en las posibilidades de acción en niveles legítimos y simétricos en la confrontación a las diferencias. Por lo tanto, este trabajo de investigación tiene el objetivo de analizar el(los) proceso(s) que promueve(n) o promovieron la construcción de la identidad de los jóvenes universitarios pardos, exintegrantes de un proyecto de extensión de la Universidad Federal de Minas Gerais que se propone construir puentes para el diálogo entre los conocimientos producidos dentro y fuera de los muros de la universidad desde la perspectiva de la inclusión e de las acciones afirmativas. Pardo o mestizo brasileño es el sujeto alistado en las categorías de la pregunta del Censo de Brasil: ¿Cuál es su raza o color? El foco de la investigación se vuelve a la pertenencia racial-étnica de pardos y la construcción de la identidad de estos sujetos en sus desarrollos a partir de un ejercicio de reflexión sobre la vida en sociedad. Esta investigación hace uso de elementos metodológicos de la historia oral de la vida, de la entrevista en profundidad teniendo como principal apoyo la Teoría y Análisis del Discurso. La Teoría e la Análisis del Discurso subsidian la explotación de los datos que son obtenidos a partir de las narrativas de las trayectorias de la vida de dos sujetos pardos universitarios que, continuamente, son invitados por la investigadora a reflexionar sobre sus recorridos y elecciones. Los sujetos identifican y posibilitan identificar el surgimiento de evidencias que relacionan memoria, trayectoria de vida y discursos a las formas de opresión interiores a las relaciones de poder marcadas por subalternidades y jerarquías prescritas a los individuos en sus recorridos de formación/transformación en sujetos. La ideología, el mito, las prácticas y las acciones afirmativas marcan los dilemas de lo enfrentamiento cotidiano de los sujetos que presentan nociones de asentamiento, de límites, puntos de ruptura y evidencias de la materialidad de la fuerza de las relaciones de la vida social sobre el contexto racial brasileño.

Palabras-clave: Sujeto pardo. Relaciones raciales. Universidad brasileña. Raza. Análisis del Discurso. Michel Foucault. Michel Pêcheux. Educación superior.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa da Dissertação	51
FIGURA 2 – Cone da memória	104
FIGURA 3 – Síntese das perspectivas teóricas de Foucault e Pêcheux para a Teoria do Discurso de linha francesa.....	113
FIGURA 4 – Mapa da história da historiografia estrutural.....	114
FIGURA 5 – <i>Modus operandi</i> do dispositivos da negritude e da branquidade sobre a identidade dos sujeitos evidenciada no discurso	131
FIGURA 6 – Modelo Espiral Empírico-Interpretativo	137
FIGURA 7 – Dispositivo de dotação de sentidos acionados pelos sujeitos no discurso	157
FIGURA 8 – Movimento pendular do sujeito	167
FIGURA 9 – Esquema do processo de simetria do efeito de sinonímia e metaforicidade de sentidos nas proposições.....	169
FIGURA 10 - Descrição do processo comunicacional: sentidos discursivos X significados da experiência do sujeito	170
FIGURA 11 - Planos de operação dos dispositivos Branquidade (B) e Negritude (N) sobre os sujeitos no câmbio das relações raciais.....	191

LISTA DE ILUSTRAÇÕES – QUADROS E GRÁFICOS

QUADRO 1 – Descrição sintética da variável cor ou raça nos censos brasileiros – 1872 a 2000.....	76
QUADRO 2 – Ciências Humanas X Ciência da Linguagem: lacunas	110
QUADRO 3 – Quadro descritivo-analítico das primeiras entrevistas.....	126
QUADRO 4 – Arranjo articulatório das falas dos sujeitos	145
QUADRO 5 – Princípios reguladores da Análise do Discurso (noções).....	146
GRÁFICO 1 – Composição racial dos 10% mais pobres – Brasil 1999, 2003 e 2008... 81	
GRÁFICO 2 – Composição racial dos 10% mais ricos – Brasil 1999, 2003 e 2008	82
GRÁFICO 3 – Relação entre percepção e memória.....	101

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Distribuição dos/as estudantes de 18 a 24 anos de idade, por grupos de cor/raça, segundo o grau de instrução que frequentam – Brasil, 1999 e 2008.....	54
TABELA 2 – Proporção de estudantes de 18 a 25 anos cursando o ensino superior, mestrado ou doutorado, segundo cor ou raça e regiões – 1999, 2003 e 2008 – Brasil...	55
TABELA 3 – Brasil: características da população no recenseamento do Império em 1872.....	63
TABELA 4 – Brasil: população por cor em 1890	64
TABELA 5 – População do Brasil, 1798-1872, por raça e condição	65
TABELA 6 – População segundo cor ou raça, 1999, 2003 e 2008 – Brasil.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DGE – Departamento de Gestão Estratégica da Advocacia Geral da União

FAE/UFMG – Faculdade de Educação

FAFICH/UFMG – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

FEOP – Fórum de Estudantes de Origem Popular

FNB – Frente Negra Brasileira

FUMP/UFMG – Fundação Universitária Mendes Pimentel

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNDEP/UFMG – Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MNU – Movimento Negro Unificado

NPP – Núcleo de Psicologia Política

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SECAD/MEC – Secretaria de Educação Continuada

TEN – Teatro Experimental do Negro

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal do Pernambuco

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	22
1.1. O lugar do pardo no cotidiano das relações: onde está a raça no processo de democratização da universidade?	22
1.2. Análise do discurso e trajetória de vida: elementos metodológicos da pesquisa.....	37
1.2.1. O campo.....	37
1.2.2. O(s) método(s)	40
1.2.3. Os sujeitos.....	44
1.2.4. As entrevistas	49
2. CAPÍTULO I - O CONTEXTO BRASILEIRO NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE.....	53
2.1. Educação e ações afirmativas: interrogando a ocupação dos espaços e das invisibilidades	53
2.2. Traçando um histórico dos significados da raça na sociedade brasileira	61
2.3. Relações raciais e raça no contexto do racismo brasileiro	69
2.4. O censo do IBGE: quando raça e classe interrogam as desigualdades	75
3. CAPÍTULO II - A NOÇÃO DE PARDO: DISCURSO, SUJEITO, PODER E MEMÓRIA.....	85
3.1. Negritude, Branquidade e Colonialidade do poder	85
3.1.1. Pardo: a categoria de análise.....	91
3.1.1.1. Sujeito	94
3.1.1.2. Poder.....	96
3.1.1.3. Memória: o motor da identidade	98
3.2. Por que aplicar a Teoria do Discurso à raça na noção de pardo?	106
3.3. Questões relacionadas ao discurso: operacionalizando diálogos e duelos	116
4. CAPÍTULO III - AS ANÁLISES	122
4.1. Apresentando os sujeitos da pesquisa	122
4.1.1. O Sujeito 1	123
4.1.2. O Sujeito 2	123
4.2. O mapeamento esquemático das primeiras entrevistas	124
4.3. Pertencimento racial e identidade: relações, representações, significações e o jogo perverso das inconsistências.....	149
4.4. Dialogando <i>com</i> e <i>refutando</i> a teoria: os sujeitos, o discurso, a diluição e a emergência da noção de pardo.....	153
4.5. O recorte (in)visibilizado pelo (não)dito: flexionando raça	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS	194
REFERÊNCIAS	200
APÊNDICES	218
ANEXOS.....	443
SITES CONSULTADOS	496
ÍNDICE	497

1. INTRODUÇÃO

1.1. O lugar do pardo no cotidiano das relações: onde está a raça no processo de democratização da universidade?

O recorte escolhido para a discussão nesta pesquisa culmina no contexto da universidade brasileira e, mais especificamente, no espaço de câmbio possibilitado para discussões no interior da Universidade Federal de Minas Gerais. Neste sentido, o trabalho de investigação tem como objetivo principal analisar o(s) processo(s) que fomenta(m) ou fomentaram a construção identitária de jovens universitários – nomeados como sujeitos – a partir de sua pertença étnico-racial parda no escopo da inter-relação possibilitada pelo tripé memória, discurso e relações de poder. O desdobramento deste grande objetivo concentra-se em: a) identificar as relações de poder, as subalternidades e as hierarquias prescritas pelos indivíduos em seus percursos de formação/transformação em sujeitos, através da relação dialógica mediada pelas interações sociais cujos discursos são formas legítimas da exteriorização e da expressão da percepção dos sujeitos; b) analisar elementos que resignificam a construção identitária dos sujeitos universitários - a partir das evidências da materialidade da força das relações da vida social denunciadas no discurso e dos substratos que os possibilitaram; e; finalmente c) analisar as relações constitutivas - que denunciam as possibilidades e impossibilidades - dos sujeitos, portadores e importadores da memória, do poder, da história e da cultura em sociedade. Michel Foucault e Michel Pêcheux são os autores que fornecem – em boa medida – profundidade às reflexões contidas neste texto dissertativo onde o foco são as relações raciais a partir da fala do sujeito auto-declarado pardo. Será este sujeito o elemento negro das Ações Afirmativas tal como o “preto”? Será ele o mestiço brasileiro assentado no discurso dos teóricos universalistas e adeptos da democracia racial freyreana? Ou será ele o elemento emancipado das perspectivas dicotômicas e limítrofes da ação política? Como o pardo, no complexo contexto brasileiro de múltiplos e distintos discursos como o da mestiçagem, do branqueamento, do mito, da ideologia e das ações afirmativas, se insere, constrói sentidos e reposiciona-se em relação ao próprio pertencimento racial? Quais tensões surgem e quais relações de poder estão envolvidas neste processo? É necessário adentrar

a retrospectiva histórica dos estudos raciais – revisão de literatura - para tornarem-se visíveis os contornos e os acúmulos nos quais estão sustentados os pressupostos desta pesquisa.

Esta investigação é o resultado das **minhas** incursões ao campo das experiências, das produções e do campo teórico das relações étnico-raciais iniciado ainda no período de graduação durante o **meu** percurso no Programa, outrora Projeto, Conexões de Saberes na UFMG em 2005. O Projeto ocupava um lugar no interior dos Programas Observatório da Juventude e Ações Afirmativas¹, ambos sediados na Faculdade de Educação da UFMG.

O Conexões de Saberes é um dos programas do MEC que desde sua gestação no ano de 2004 tinha como objetivo estreitar os vínculos entre as instituições acadêmicas e as comunidades populares, mas também ampliar as condições de formação para que os estudantes universitários oriundos das classes mais populares concluíssem com êxito a graduação e a pós-graduação na universidade pública. O Programa - desenvolvido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD-MEC) – é resultado da evolução e expansão em nível nacional de uma iniciativa aplicada na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2002 pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. A articulação do Conexões de Saberes deu-se a partir de uma rede de estudantes universitários alocados em cinco universidades federais do país. Entre elas estavam: UFRJ, UFF, UFPE, UFMG e UFPA. Em maio de 2005 o programa foi ampliado pela inserção de mais nove universidades federais: UFAM, UFC, UFPB, UFBA, UFMS, UnB, UFES, UFPR e UFRGS. Em 2006 já haviam 31 universidades federais que integravam o Programa. Cada uma destas instituições passaram a ter cerca de 25 universitários que são formados em um processo gradativo e contínuo de qualificação como pesquisadores. Estes estudantes são instrumentalizados e orientados à desenvolverem o senso crítico e a atitude autônoma na construção de diagnósticos sobre as condições pedagógicas dos alunos das classes mais populares lotados em suas instituições de origem e também promoverem ações que tenham impacto direto em

¹ Os Programas Ações Afirmativas e Observatório da Juventude na UFMG são programas que trabalham com a temática da inclusão na perspectiva da diversidade. O Ações Afirmativas atua na perspectiva do recorte da formação da identidade racial trabalhando com a inserção bem sucedida do segmento negro na universidade e o Observatório da Juventude trabalha com a perspectiva da inserção dos jovens, suas demandas e as perspectivas das políticas públicas para a questão da juventude.

comunidades populares. O convite ao exercício a ser realizado era chamado de “diálogo”. O objetivo era ampliar as possibilidades de encontro dos saberes das duas instancias sociais: universidade e comunidades populares (sociedade). Em nove anos de existência o Programa já produziu encontros e seminários nacionais, regionais e locais para avaliação e balanço da agenda de trabalho. Publicou artigos, memoriais, livros e os mais diversos relatos do cotidiano de trabalho. Já em 2005, os estudantes vinculados ao Programa criaram no interior das discussões do Primeiro Seminário Nacional do Conexões de Saberes em novembro na cidade de Recife, *campi* da UFPE, um fórum de discussões – FEOP² - onde atualmente também são discutidas suas demandas e reivindicações.

Na Faculdade de Educação da UFMG, o Projeto Conexões de Saberes se configurava como uma possibilidade de incorporação de alunos auto-declarados “negros³” e de origem popular a uma permanência bem sucedida e fortalecida no meio acadêmico. Dessa forma, a ação e a inserção no Projeto estavam além da mera concessão de bolsas. Ela dizia respeito, também, à instrumentalização da produção acadêmica dos estudantes, atestada nos artigos por eles produzidos; à sua participação nos debates realizados dentro da UFMG e nos seminários nacionais do Conexões de Saberes; ao enriquecimento da sua experiência cultural; à possibilidade de transpor territórios não apenas simbólicos mas – também - geográficos por meio de viagens e do trânsito dentro e fora de Belo Horizonte. O Conexões de Saberes na UFMG desde seu início privilegiou o recorte étnico-racial e popular na escolha de seus integrantes enfatizando assim sua perspectiva amparada pelas ações afirmativas. Dessa maneira, o Projeto considerou os distintos processos de construção da identidade negra dos estudantes envolvidos.

A introdução de discussões, leituras e questionamentos voltados à problemática racial produziu um efeito positivo na construção da auto-imagem de vários bolsistas; e, isso refletiu-se no atual posicionamento político destes frente a questão racial e na participação nos debates nacionais dos quais participaram. De alguma maneira, o Projeto promoveu um amadurecimento pessoal do grupo de estudantes tanto

² O FEOP ou Fórum de Estudantes de Origem Popular possui níveis de atuação nacional, regional e local. O Fórum é um instrumento de diálogo entre os estudantes das diversas universidades vinculadas ao Programa cujo modo de funcionamento e gestão é plenamente desenvolvido pelos estudantes.

³ Na perspectiva das ações afirmativas negros são os sujeitos pretos e pardos identificados nas categorias do Censo do IBGE. Portanto, os negros do Projeto (Programa) Conexões de Saberes são pretos e pardos (afro-descendentes).

na leitura crítica sobre os conflitos, quanto na descoberta dos dilemas e das possibilidades de constituição do grupo e dos coletivos de trabalho. O envolvimento e o amadurecimento não aconteceram de forma linear. Houveram diferenças de envolvimento e comprometimento no conjunto de bolsistas. Ainda assim, essa foi mais uma dimensão positiva do trabalho realizado (Miranda, 2007).

O aprendizado do trabalho coletivo, da constituição do grupo, da administração de conflitos internos ocorreu também com a coordenação. A experiência de condução de um projeto de permanência desse porte, que tinha como horizonte o desafio do diálogo entre a universidade e os setores populares, trouxe novos elementos e reflexões para todo o grupo envolvido. Foi possível capturar e problematizar o quanto a estrutura da universidade, a própria estrutura de formação e atuação acadêmica e política ainda carecem de avanços quando atua-se em projetos desse porte. Em interpelação ao modelo educacional vigente é importante ressaltar que a qualidade das intervenções dos bolsistas no cotidiano acadêmico naquele momento não conseguia fazer frente a uma ausência institucional. A movimentação interna (nos *campi*) dos estudantes bolsistas na tentativa de fomentar discussões que extrapolassem as paredes da Faculdade de Educação, em muitos momentos não apresentaram permeabilidade às paredes das outras unidades acadêmicas nas quais a grande maioria pertencia. A qualidade da participação do grupo não pode fazer frente à baixa presença de docentes e discentes nas discussões promovidas. De certo modo, isso fazia com que as discussões ficassem quase sempre circunscritas a FAE e a dinâmica da interdisciplinaridade em grande medida não se efetivava diante da diversidade das demandas das muitas áreas de formação presentes. Os ruídos na comunicação se apresentavam nas mais diversas formas: conflitos, dúvidas, incertezas, silêncio, ausência. Mas inexplicavelmente o diálogo também acontecia na forma do trabalho conjunto, das parcerias, dos encontros, do aprendizado, no sentimento de grupo, da mobilização, das afinidades e da amizade e respeito mútuo que insistiam em crescer mesmo em meio à adversidade e à distinção de interesses. O motivo de tudo isso, talvez pudesse ser sintetizado em uma explicação: todos aqueles percursos incidiam em um mesmo ponto porque em alguma medida aquelas trajetórias pessoais se entrelaçavam às vivências geracionais e se constituíam em processos socioculturais.

Ainda da FAE, as atividades dos bolsistas se dividiam em três subprojetos, ou três grupos de trabalho: 1) Além do horizonte planejado: a memória viva do

Aglomerado Santa Lúcia; 2) A juventude de Contagem em movimento e 3) Democratização da universidade. No ano de 2006 os bolsistas do grupo “Santa Lúcia” concentraram-se na reconstituição da história-memória do Aglomerado Santa Lúcia tendo em vista dois pressupostos que orientaram o conjunto de ações desenvolvidas: 1) a valorização da memória e da identidade da comunidade e; 2) o reconhecimento da importância da identidade coletiva das comunidades de favelas na constituição da história da cidade. O maior impasse identificado referiu-se à relação entre a universidade e a comunidade. Como envolver a comunidade no projeto? Como realizar processos de pesquisa mantendo o caráter acadêmico e ao mesmo tempo considerando outras perspectivas de produção de saberes que ocorrem na comunidade? Em que medida predominam a linguagem acadêmica e os saberes institucionalizados? Como romper essa lógica? Como construir uma lógica capaz de integrar os pólos comunidade e universidade?

O grupo de Contagem se organizou em torno de uma proposta de parceria com a Prefeitura Municipal de Contagem para a criação do Centro de Juventude de Contagem. O objetivo desse Centro era potencializar a existência de um espaço de diálogo, formação, lazer e cultura, para jovens de Contagem. À Prefeitura caberia a formalização do espaço, as ações de divulgação do Centro na cidade e a gestão administrativa do mesmo; ao Conexões de Saberes caberia trabalhar com a formação dos/as jovens envolvidos com os grupos culturais, mediar diálogos entre os grupos e entre esses e instâncias da Prefeitura; desenvolver um processo de investigação para a construção do mapa da produção cultural juvenil de Contagem, além de contribuir com a constituição e dinamização do Centro da Juventude propondo e desenvolvendo atividades. Durante o período final de 2005 até outubro de 2006 os estudantes tiveram suas ações mobilizadas em torno de discussões sobre os objetivos e organização do Centro; negociações entre a prefeitura de Contagem e a UFMG/ FUNDEP para encaminhamento de uma proposta de convênio; negociações para a estrutura física do Centro. Nesse período os bolsistas do Conexões estavam em contato com grupos culturais juvenis com o objetivo de dialogar sobre a proposta do Centro, coletando as expectativas e necessidades que estes grupos apresentavam e como o Centro poderia interferir nessas necessidades. Nesse contato puderam ser identificadas a ausência de espaços de socialização e vivência da juventude, incluindo aí a possibilidade dos grupos desenvolverem suas atividades e se encontrarem para diálogos.

Quanto à frente de ação “Democratização da universidade”, as atividades propostas nesse subprojeto foram realizadas com êxito. Além das atividades previstas, a participação do Conexões de Saberes no Seminário *Universidade e inclusão social: experiência e imaginação* foi bastante efetiva. Mas, não sem problemas e entraves ao processo de democratização da universidade. Enquanto alguns órgãos internos, como a pró-reitoria de Extensão e alguns núcleos de pesquisa e unidades de ensino adotam uma posição mais afirmativa a respeito do acesso e permanência de estudantes negros e de origem popular; diferentemente, a posição hegemônica da UFMG mantinha-se contrária à existência de cotas raciais, mas em favor de cotas sociais. Essa polarização dissolvia os contornos da realidade, principalmente, quando consideravam-se os estudos que indicam a persistência da discriminação racial no âmbito educacional, predominantemente no ensino superior. Esses mesmos estudos evidenciam a reprodução da exclusão no acesso e permanência de pessoas negras e pobres no espaço acadêmico. Nesse sentido, a proposição de cotas raciais caracterizava-se como um dispositivo necessário à redução dos efeitos antidemocráticos dos processos de seleção e exclusão social impostos aos afro-brasileiros no decurso de suas histórias. Sem surpresas a equipe do Conexões identificou que esse debate era/é ainda bastante incipiente na UFMG.

Da inserção inicial até os encaminhamentos realizados para a transição à unidade acadêmica da FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas), o Conexões de Saberes na FAE produziu registros de suas realizações e estabelecimento de parcerias que se resumiam, entre outros, em:

Das atividades do Santa Lúcia:

- A proposição ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte de uma atividade dentro da programação "Novos Registros";
- A elaboração de uma revista que reflita a atividade cultural, o cotidiano e os interesses da comunidade do Aglomerado Santa Lúcia – (Re)vista da Lage - com tiragens periódicas. O primeiro número da revista foi fomentado pelo Conexões de Saberes com a parceria de membros da comunidade. As tiragens seguintes são desenvolvidas em sua íntegra pela comunidade.
- Realização de uma Feira da Memória com a programação que contava com a participação do Congado; barracas de exposição; informações sobre a Casa da

Fazendinha⁴, com a participação da Dona Isabel; rádio Memória; mostra de vídeos (um evento itinerante com incursões em alguns espaços da comunidade, em dias distintos aos da Feira com a finalidade de interagir e mobilizar para a Feira).

Das atividades de Contagem:

- Identificação e descrição detalhada de 13 grupos envolvendo um total de 83 jovens cujas características principais eram: grupos de dança ou música com estilos que variavam entre o Forró, Axé, Street Dance, MPB, Dança Contemporânea, Hip Hop, Jazz, Pop Rock, Hard Core. A constituição e manutenção desses grupos indicavam, de um lado, uma ausência histórica de políticas para a juventude no município. Apontavam ainda que os laços sociais estabelecidos para preencher estas ausências são preenchidas pela atuação das igrejas, principalmente evangélicas; pelo espaço de academias de prática de ginástica, esporte e dança; pela iniciativa de escolas; pela ação individual e familiar.
- Composição de um catálogo dos grupos culturais juvenis em Contagem que apresente as bases de constituição dos grupos e os laços sociais de sua sustentação.

Da frente de ação “Democratização da universidade:

- A possibilidade de incorporação bem sucedida de alunos negros e de origem popular em um projeto de permanência visando o seu fortalecimento acadêmico destacou-se como um ponto positivo. Esse aspecto positivo vai além da concessão de bolsas. Se configurou pela produção acadêmica dos alunos nos artigos por eles produzidos, na participação nos debates realizados dentro da

⁴ Patrimônio tombado localizado na comunidade do Aglomerado Santa Lúcia. Dona Isabel é moradora da casa da Fazendinha.

UFMG e nos seminários nacionais, regionais e locais do Conexões de Saberes, fruto do enriquecimento da sua experiência cultural, da possibilidade de transpor territórios não só simbólicos como geográficos (viagens e circulação dentro e fora de Belo Horizonte).

- A introdução de discussões, leituras e problematizações voltadas para a problemática racial.
- Amadurecimento pessoal do grupo de alunos tanto na administração e resolução de conflitos quanto na descoberta dos dilemas e possibilidades de constituição do grupo e dos coletivos de trabalho. Esse mesmo aprendizado do trabalho coletivo, da constituição do grupo, da administração de conflitos internos ocorreu com a coordenação.
- Identificação das questões fundamentais que norteariam o desenvolvimento das próximas edições, agora na FAFICH, para o próximo ano do Conexões de Saberes, no sentido de investir em estratégias que pudessem produzir impacto institucional em dois sentidos: a) do ponto de vista dos saberes acadêmicos, com o aprofundamento da discussão sobre a relação universidade e comunidades populares; b) do ponto de vista da problematização do acesso e permanência de estudantes de origem popular, interrogando as práticas de exclusão no interior da universidade e as estratégias desenvolvidas pelos estudantes para sua permanência. Faltava produzir uma estratégia de articulação desses dois pólos.

Nos anos seguintes, as coordenações posteriores – versões 2⁵ e 3 do Programa Conexões de Saberes – deram continuidade ao trabalho e debruçaram-se no investimento de estratégias que pudessem produzir impacto institucional em duas vertentes: a) a articulação dos saberes acadêmicos, com o aprofundamento da discussão sobre a relação universidade e comunidades populares; b) a problematização do acesso e permanência de estudantes negros e de origem popular, interrogando as práticas de

⁵ As versões 2 e 3 do Programa Conexões de Saberes na UFMG foram sediadas na Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas da UFMG. Elas correspondem ao período de concretização dos ciclos de trabalho planejados bianualmente. Encerrados os ciclos, são lançados novos editais de seleção para convocação de novos bolsistas e coordenadores temáticos, de acordo com a necessidade dos eixos de trabalho. A versão 2 abrangeu o período de maio de 2007 a maio de 2009. A versão 3, perdura de maio de 2009 aos dias atuais. A autora desta pesquisa foi integrante da equipe de trabalho do Conexões de Saberes até meados de 2008.

exclusão no interior da universidade e as estratégias desenvolvidas pelos estudantes para sua permanência. Estas seriam as perspectivas do eixo de trabalho chamado “Democratização do Acesso”, iniciado em 2006, mas efetivamente desenvolvido nas versões posteriores na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH).

A transferência do Conexões de Saberes para um Núcleo que aprofundasse as discussões em outros aspectos às demandas urgentes identificadas pela coordenação anterior encontraram no Núcleo de Psicologia Política (NPP), da FAFICH - um grande potencial para o desenvolvimento e avanço das discussões do Programa. A expectativa assentava-se no fato de que o trabalho do Núcleo - voltado para a identidade e a participação política, a atuação interdisciplinar envolvendo professores e alunos dos cursos de Psicologia, Comunicação Social e História - poderia colaborar com os desafios que o Conexões de Saberes tinha para as próximas fases de seu desenvolvimento. As produções do NPP⁶ abarcam os registros de sua ação e intervenção teórica e política no amplo campo da Psicologia Social.

Na FAFICH, os desafios do movimento de democratização se basearam em três eixos de atuação: 1) mapa da exclusão na UFMG; 2) diálogos entre a universidade e movimentos sociais; 3) escola aberta. A partir das investigações realizadas sobre os estudos do mapa da exclusão na UFMG que “objetivou identificar e analisar hierarquias sociais presentes em distintos âmbitos da universidade” (Mayorga; Costa; Cardoso, 2010, p.37) verificou-se os lugares materiais e simbólicos que determinavam algumas experiências. O “Mapa da Exclusão”⁷ possibilitou, dessa forma, relacionar as categorias raça-cor, sexo, escolaridade, faixa etária, renda e lugares ditos como o *locus* da presença ou da ausência do prestígio social distribuídos hierarquicamente através das formações (áreas do conhecimento) e dos cursos (Anexos A, B e C). Mas, também foi além. A frente de ação denominada “Mapa da exclusão” ou “Mapa do Invisível” foi concebida para cruzar metodologias quantitativas e qualitativas cujos resultados pudessem ser lidos com familiaridade por diversas áreas da ciência (Mayorga; Ziller; Magalhães; Silva,

⁶ O Núcleo de Psicologia Política tem trabalhado em seus processos formativos – principalmente - com as temáticas de gênero, raça, juventude e participação política.

⁷ Nos capítulos seguintes serão feitas menções ao “Mapa da Exclusão”, pesquisa realizada pelo Programa Conexões de Saberes em 2007 a partir dos dados do “*Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG*”. Mais informações ver: Mayorga, 2010. In: *Universidade cindida, universidade em conexão: ensaios sobre a democratização da universidade*.

2010, pp.163). De um modo geral, buscou-se identificar mecanismos institucionais, práticas diárias e lógicas de exclusão presentes no cotidiano universitário que contribuíam para a formação ou o reforço de subalternidades.

É importante sinalizar que os dados do censo utilizados para a pesquisa “Mapa da Exclusão” foram decodificados conforme apresentado nas tabelas em anexos - e se referem exatamente ao período de 2002 à 2007 – no momento anterior a inserção da política de bônus da universidade em 2008. Este período refere-se exatamente ao momento em que os sujeitos concretos desta pesquisa – sujeitos auto-declarados pardos, oriundos das áreas das Ciências Exatas/Engenharias e Ciências Sociais Aplicadas, ambos ex-bolsistas do Programa Conexões de Saberes – realizavam seu percurso de graduação.

Ricardo Henriques (2001) afirma que mesmo em situação de pobreza, o elemento branco ainda tem o privilégio simbólico da brancura. Ele ressalta a importância de observar-se que ao tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social o resultado é a materialização de uma saída de emergência - permanentemente utilizada nas trocas discursivas estabelecida por lugares de poder. O autor afirma que, embora, os mapas comparativos da situação de trabalhadores negros (pretos e pardos) e brancos, nos últimos vinte anos, explicitem que entre os explorados, entre os pobres, os negros encontram um déficit muito maior em todas as dimensões da vida, seja na saúde, na educação ou no trabalho (Henriques, 2001), o grande destaque do fator pobreza é estar nuançado em escala de cores. Todo cidadão brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação em algum momento da vida (Henriques, 2001). A exposição dessa constatação apresenta-se no plano concreto (real) em perspectivas veladas no discurso. Se é sabido que a escravidão envolveu apropriação indébita, concreta e simbólica; violação institucionalizada de direitos durante quase 400 dos 500 anos que tem o país (Freire, 1950; Munanga, 2003; Romão, 2005) e este registro histórico reproduziu versões atualizadas daquele processo; de outro modo, a sociedade atual tem apreendido ações significativas e concretas em prol da reversão dessa dita “mancha negra da história” através de políticas universalistas e específicas - as ações afirmativas são exemplo - com o foco em combater a violência perniciosa gerada pelo racismo que grita na subjetividade contemporânea dos brasileiros: pretos, pardos e brancos. Essa violência, em grande medida, interfere nos sentidos significados da experiência dos sujeitos no processo de construção de suas identidades. De maneira

geral, tais sentidos são exteriorizados através da linguagem no proceder dos contatos possibilitados nas relações sociais. O histórico das relações e classificações raciais, suas consequências no processo de formação da sociedade brasileira **impele-nos**, em grande medida, a pensar em nível de contingências. O que é ser preto? O que é ser pardo? O que é ser branco? Estas são questões que exigem respostas sempre e cada vez mais condicionadas a um movimento de atualização, de contextualização e apropriação do fazer, do saber e do viver em sociedade. Estas são questões fundamentais para pensarem-se políticas de ações afirmativas e toda a polêmica em torno delas. Pensar a sociedade na perspectiva das ações afirmativas também diz respeito às dificuldades e aos limites em se pensar a promoção da igualdade nas sociedades e suas consequências. Se por um lado tem-se avançado em reconhecer-se as faces do racismo e das desigualdades raciais no Brasil; de outro modo, desenvolver formas de enfrentamento ao racismo e a estas desigualdades - especificamente no caso do pardo ao referir-se ao exercício de auto-declaração – envolvem um esforço e um investimento que interpele as bases, que proporcionaram o desenvolvimento e o enraizamento deste processo que envolve(u) questões históricas, de relações de poder, instituições, discursos, experiências individuais, sociais e políticas vivenciadas pelos diversos sujeitos. Esta é uma questão que está imersa, está guardada no caldeirão das identidades. Talvez identificar os ingredientes que compõem o seu conteúdo **auxilie-nos**, em alguma medida, a decompor o alimento criado a partir daquela fusão. Se o racismo é um alimento que ainda tem sido imposto e em alguma medida também tem sido palatável e consumido – ainda que inúmeras vezes desqualificado por uma conduta assertiva clamada no cotidiano - ao longo de todos estes séculos de **nostra** história; é importante desenvolver-se alimentos cujos ingredientes façam frente, confrontem esse sabor, anulando-o, evidenciando o seu caráter repulsivo, destrutivo, meticulosa e gradativamente intoxicante. Nesse sentido, é ao *lócus* das identidades que se dirige e a quem interroga este trabalho investigativo.

Nogueira (2008, pp. 236) sinaliza que no contexto estruturalista ou pós-estruturalista, a “linguagem é o lugar onde as identidades são construídas, mantidas e [transformadas]”. Iñiguez (2001) e Elias (1994), apontam que a identidade é acima de tudo um dilema entre a singularidade do indivíduo e a semelhança com seus congêneres; entre as peculiaridades da forma de ser e sentir a homogeneidade do comportamento entre o indivíduo e o coletivo. A singularidade, a individualidade, a

exclusividade parecem ser características imprescindíveis na nossa cultura. A isso corriqueiramente tem se nomeado como identidade. De fato, a identidade pode ser caracterizada por certa continuidade temporal na qual se reproduz uma tensão entre o igual e o diferente. Nesse sentido, a identidade vem acoplada à uma noção de memória veiculada as construções coletivas e às representações compartilhadas por uma historicidade fundida à idéia de imaginário social. De acordo com Norbert Elias(1994, pp. 13-60) o sujeito está imerso na idéia de um indivíduo que é moeda e matriz da sociedade. Se por um lado não é possível compreender a sociedade alheia ao indivíduo que a constitui; tampouco é possível compreender o indivíduo ao desconsidera-se a sociedade na qual ele é parte integrante. De outro modo, a questão não se finda neste princípio. Não é o indivíduo e tampouco a somatória de indivíduos que permite-se inferir respostas, princípios, conhecimento e saber sobre aquela sociedade. Não há harmonia social e tampouco individual quando a vida comunitária não é livre de conflitos, perturbações e tensões. De outro modo a vida individual também fica comprometida quando as necessidades e inclinações pessoais estão em desarmonia com a vida social. O abismo que se abre entre indivíduo e sociedade é causado quando as discrepâncias da vida e das relações cotidianas buscam localizar, em alguma medida, as discrepâncias do pensamento. Aqui também a dicotomização do conflito revela-se na opção problemática de posicionar-se em favor a um dos lados fronteiriços. Será o indivíduo e a sociedade o fim e o meio, respectivamente? Ou seria o contrário? O que seria “essencial” em detrimento do “menos importante”? Certamente a relação entre a parte e o todo está imbricada em uma forma de relacionamento bastante complexa, arraigada, interconexa e para tanto problemática. Adentrar o espaço de valorações dados aos indivíduos e à sociedade implica em questionar-se constantemente os contornos destas totalidades que tendem a incompletude de um fluxo contínuo. O complexo exercício do olhar consiste em enxergar e localizar um ponto fixo na movimentação: aquele ponto que possa e precisa ser capturado, melhorado, observado. Se por um lado o sujeito, na sua condição de indivíduo torna-se a moeda de troca das transações, nas relações sociais; de outro modo, a sociedade enquanto unidade matriz na qual o indivíduo faz parte torna-se fonte inesgotável de possibilidades de trocas entre os indivíduos. Segundo Lupicinio Iñiguez (2001, pp.209-226) a identidade é uma construção relacionada ao contexto sócio-histórico que a permeia. É um construto de difícil apreensão e conceitualização. A identidade tem na dimensão das experiências um

cambio de relações com os demais contextos que constituem o indivíduo. O autor indica quatro perspectivas em que a psicologia comumente orienta-se para discorrer sobre a construção das identidades: a biologicista, a internalista, a fenomenológica e a narrativa⁸. Em alguma medida, cada um destes aspectos formam o conjunto nomeado sujeito. Mas é importante demarcar que a identidade implica uma subjetividade lógica de um sujeito (individual e coletivo) que se vê agora e se vê ao longo do tempo. A identidade é contingencial *na* e *para* a cultura. É uma prática cultural e linguística.

A complexidade da linguagem mostra que ela não se reduz a um sistema ou código, de modo que um procedimento puramente estrutural não basta. Tratá-la como atividade situada representa um esforço teórico necessário e produtivo. A noção foucaultiana de discurso como prática contribui de modo particularmente interessante e inovador para a análise do discurso, que tem justamente em Foucault uma de suas principais inspirações. Localizar e visibilizar como funcionam as práticas em certas configurações de saber de nossa época fornecem evidências de como o acúmulo histórico-social construído pela sociedade brasileira ao longo dos séculos corporifica suas construções de sentido e de significados. Ao perguntamos o que (auto) identifica um indivíduo como sendo negro ou como sendo branco na dinâmica das interações dadas pelas relações étnico-raciais num ambiente dinâmico e de intensa produção teórico-científica - como a Universidade Federal de Minas Gerais - não desconsidera-se que o contexto brasileiro no qual esta instituição está inserida é atravessado pelo ideário meritocrático - um dispositivo balizador de recompensas e punições sociais - e perpassado pelo discurso do mito da democracia racial tanto quanto em qualquer outro espaço institucional brasileiro. Mas, ainda que o mito seja escamoteado pelas sobrepujanças estabelecidas pelas relações de poder e de saber desta época, o discurso do sujeito estabelece com o mito - localizado como produto do imaginário, da linguagem, da realidade ou da ideologia - uma chave paradoxal que interroga a

⁸ A perspectiva biologicista tem como elemento principal a importância dada ao corpo em sua natureza biológica, sua constituição física. A perspectiva internalista está assentada no pressuposto de que a experiência identitária é inerente, é essência do indivíduo e que este aspecto é a causalidade de seu comportamento e de sua experiência como sujeito. A perspectiva fenomenológica considera a identidade como um processo de simbiose, de fusão ao ligar a identidade a uma experiência de “consciência” que o indivíduo tem do mundo para os outros e para si. A perspectiva narrativa enfatiza a importância da linguagem na constituição da identidade ao ampliar as possibilidades de interpretações sobre o entorno. A natureza simbólica da linguagem faz com que a representação do indivíduo sobre o mundo constitua-se como uma subjetividade comunicada de caráter simbólico, restrita e característica dos seres humanos (Iñiguez, 2001, pp.209-226).

genealogia do pensamento crítico moderno na compreensão do homem – especificamente do brasileiro - em sociedade.

Se o discurso apresenta e diferencia – categoriza - os indivíduos na dinâmica das interações nas relações étnico-raciais, ele pode revelar ou refletir uma genealogia das desigualdades que persistem em coexistir no plano objetivo dessas relações em sociedade – habitando também o plano do imaginário - através dos dispositivos de uma linguagem situada e atravessada por práticas sociais pautadas por relações de poder.

Quais elementos sinalizados no discurso são determinantes para a demarcação da construção de identidades raciais? Qual é o alcance das demarcações da ideologia do branqueamento no discurso dos sujeitos? Como a ideologia se relaciona ao imaginário social – memória socialmente constituída – expresso no discurso desses sujeitos pardos? Quando o mito da democracia racial é ativado?

A relação *sujeito-objeto* ou *sujeito-sujeito* se efetiva a partir da correlação estabelecida pela pertença entre os grupos identitários - *negros e brancos* - tendo como perspectiva as identidades constituídas e transitórias para os grupos dicotomizados. Há possibilidade de fugir deste modelo dicotômico? As tensões localizadas no universo das *relações raciais* - emergentes do campo discursivo – podem ser relegadas ao plano das relações interpessoais? O objeto da pesquisa – a construção identitária de pardos a partir do cotidiano das relações raciais entre negros e brancos capturadas no discurso – explicita a constituição estratégica, transitória e performática das identidades negra e branca balizada pelo sentimento de pertença ou não-pertença a grupos étnico raciais cunhados a partir da ideologia do embranquecimento e do processo de mestiçagem vivenciado no país - arbitrariamente classificados em escalas de cor e em termos de estereotipia. É neste momento que se insere o pardo - sujeito e elemento de análise desta pesquisa. Seria o pardo a ausência de polaridade (negro/branco) como comumente faz parecer o dispositivo da mestiçagem ou a opção por uma delas quando discute-se relações raciais e política racial no contexto brasileiro?

Os sujeitos desta pesquisa são dois homens, ex-integrantes do Programa Conexões de Saberes na UFMG que se auto-declaram pardos. A abordagem sobre os sujeitos utiliza-se de elementos das metodologias de história de vida, entrevista em profundidade e fundamentalmente da Análise do Discurso. O diálogo estabelecido com os sujeitos foi propiciado e ganhou qualidade, em grande medida, devido ao fato de a

autora desta dissertação também ter sido ex-bolsista do Programa no mesmo período em que o eram os sujeitos da pesquisa. Por outro lado, este lugar compartilhado entre sujeitos e pesquisadora também fora o lugar do desafio e da necessidade do pesquisador de constantemente deslocar-se do lugar compartilhado para alcançar, adentrar e tocar em outros lugares possíveis na realização da pesquisa.

É importante ressaltar que a auto-declaração dos sujeitos via raça-cor utilizada pelos grupos políticos através das categorias do censo brasileiro pode não, necessariamente, informar sobre a constituição político identitária dos sujeitos da pesquisa. A assimetria existente entre a auto-declaração via raça-cor e a constituição político-identitária pode revelar e interpelar elementos que constituem a localização latente de identidades construídas ou em construção. Mas por que o ambiente escolhido será o universitário? A universidade na dinamicidade de sua produção científica também possibilita a localização dos saberes interferindo diretamente no movimento dos indivíduos, nas formas de apropriação do conhecimento e nas estratégias de intermediação dos sentidos significados no trânsito das experiências socialmente partilhadas ou, socialmente negadas e mediadas pela tecnologia da linguagem chamada discurso. A universidade é o espaço de formação onde se é reservado o cultivo do pensamento crítico acerca do mundo e da sociedade. A universidade é ainda um campo de pesquisa por onde tem passado sujeitos que lutam pela igualdade racial. A universidade é um *locus* privilegiado de acesso ao debate sobre ações afirmativas e as políticas de inclusão de um modo geral. Passar pelo crivo da universidade significa acessar uma instrumentalização que ofereça ferramentas teóricas e metodológicas críticas, significa alcançar um diálogo em condições de igualdade na instrumentalização e nas possibilidades de ação em níveis de legitimidade simétrica ao confronto dos diferentes pares.

Desde o ano de 2001 – imerso nas discussões da Conferência de Durban - alguns grupos populacionais têm trabalhado em prol de uma agenda institucional que os possibilitem concentrar e reivindicar uma agenda política para a discussão da questão do pardo ou mestiço brasileiro. O Movimento Pardo-Mestiço Brasileiro⁹ – terminologia adotada por estes agentes representativos de grupos populacionais - esteve presente a plenária das discussões sobre o Estatuto da Igualdade Racial realizado em 2010 em

⁹ Ver: Anexo D.

Brasília. Neste sentido, o teor dos questionamentos estava assentado no não ajustamento do pardo – ainda que seja possível estabelecerem-se relações de proximidade para as desigualdades do campo social - às proposições do Movimento Negro e ao desinteresse, à desmobilização e acomodação de grande parte da elite “branca” em relação à condição sócio-econômica de parte significativa da população. Diante do dilema do pardo os critérios de avaliação e a construção de indicadores que validam objetivamente o problema do racismo brasileiro novamente são dissolvidos pelo suposto (e ineficaz) antídoto da mestiçagem.

1.2. Análise do discurso e trajetória de vida: elementos metodológicos da pesquisa

1.2.1. O campo

A universidade brasileira vivencia em sua atualidade um processo ampliado de democratização do seu espaço, seus fazeres e saberes no que se refere à inclusão da agenda de trabalho dos diversos segmentos sociais que atualmente reivindicam maior inserção, participação e visibilidade na vida pública. O direito à educação - nos mais diversos níveis e aqui em especial ao ensino superior - tem atingido, na perspectiva da qualidade de vida e da cidadania, elementos da sociedade que até então não vislumbravam o ensino universitário como uma realidade materializada no seu cotidiano. O vigor disseminado pelas discussões no escopo das políticas públicas mediadas, por exemplo, pelas Ações Afirmativas, ganha novas forças também a partir das discussões em torno da criação de novas universidades públicas e particulares, e na ampliação de vagas em instituições de ensino superior já existentes. Tais discussões encontraram solo fecundo a partir das articulações efetivamente propiciadas pelo governo Lula. Em nenhum outro momento na história desse país o “bolo” do poder foi tão amplamente discutido ou repartido. Tem-se, então, um cenário de uma participação maciça de representações e de representantes dos movimentos sociais.

Em referência a cientista social e feminista norte-americana Nancy Fraser (1997) tem-se veiculado um sentido positivado, ao transportar o exemplo do contexto brasileiro na identificação das ações massificadoras do governo Lula como um dos

principais fomentadores das estratégias de desenvolvimento social associadas à prática sustentável ofertada pelas ações afirmativas. Estas trouxeram a certos segmentos sociais – ainda que em plano incipiente - a possibilidade de discutirem-se os processos transformadores que têm gerado a globalização que pulveriza os conflitos na cena pública. Tais processos têm trazido rupturas às formas institucionais tradicionais ao ponto de por em funcionamento uma insistente reestruturação social, produzindo novas mobilizações sócio-políticas e impulsionando a aparição de movimentos sociais detentores de novos valores. Entretanto, para que se realizem as duas tarefas, se fez e faz-se necessário elaborar os conceitos de reconhecimento cultural e igualdade social de um modo que sejam compatíveis em sustentabilidade e reciprocidade. Fraser (2003) se propõe a conectar duas problemáticas políticas que hoje se encontram dissociadas, de uma forma que resulte num aparato conceitual capaz de dar conta da realização de justiça social nos tempos atuais. A dificuldade de conectar as duas idéias – justiça econômica e justiça cultural ou simbólica – pode ser colocada nos seguintes termos: enquanto a primeira requer um tratamento igualitário e indiscriminado de todos os indivíduos, a segunda demanda justamente o contrário, ou seja, o reconhecimento das particularidades de cada sujeito, a celebração de suas diferenças, o seu tratamento como um ser único e inigualável. Por isso, a aliança entre uma política de redistribuição e uma política de reconhecimento parece, em princípio, inviável, pois se tratam de idéias lastreadas em pressupostos aparentemente contraditórios: universalismo de um lado e particularismo / contextualismo de outro. A urgência da manifestação das vozes de grupos (de sujeitos) silenciados historicamente tem sido comumente apresentada a partir da necessidade de uma releitura da expressão e do engajamento destes mesmos grupos que propõem para a universidade brasileira do século XXI uma troca permeável entre saber e poder.

É a partir da inserção bem sucedida de alguns destes elementos como sujeitos universitários utilizadores de estratégias de enfrentamento as mais diversas que algumas possibilidades de abertura, de solidariedade, de reprodução, de reinvenção e de inserção fértil nas brechas apresentadas pelo sistema na estrutura educacional desigual existente possibilitaram que outros quadros institucionais fossem desenhados. De outro modo, as sub-representações de gerações de sujeitos históricos na universidade cujo valor de sua experiência quando transmitida nem sempre se efetivou a partir do crivo e do filtro de um “igual” - de um “par” ou a partir de sujeitos com vivências

compartilhadas – nem sempre se constitui como objeto positivamente valorado. Em boa medida esse abismo talvez tenha impossibilitado que a Memória Institucional até então registrada dos grupos de sujeitos sub-representados estivesse aquém do fazer e do pensar destes sujeitos. Aqui aparece **nomeado** como sujeito aquele indivíduo forjado pela interseção do mecanismo da teoria e da prática e, cuja fala e, para além dela, o discurso é uma **tentativa** de captura através do gravador. Esse sujeito é efeito da ideologia e das discontinuidades que marcam as rupturas históricas, como sinalizam Michel Pêcheux e Michel Foucault em seus trabalhos investigativos. Mas também, não é possível desconsiderar-se que, o sujeito é também aquele cuja instrumentalização é legitimada por séculos de um fazer acadêmico cuja tradição é detentora de regras e instrumentos próprios de auto-legitimação – interior e exterior ao espaço chamado de Universidade¹⁰ - e se intitula “pesquisador”. A perspectiva deste sujeito que empunha o gravador, realiza as transcrições das falas capturadas das histórias vividas e dali se insere no exercício de um jogo de revezamentos entre a aproximação e o distanciamento da realidade vivida e da realidade imaginada, ao se imbuir da difícil tarefa de permitir que a fala do **outro** seja democraticamente a fala do **sujeito outro** é constantemente posta em cheque. Este exercício de pesquisa tenta não prescindir de neutralidade, mas demarcar as alternâncias nas implicações entre pesquisador e pesquisado no percurso. É um exercício de implicações entre os sujeitos falantes. Esse revezamento ora demarcado pelo paradoxo da formalidade da palavra escrita, ora pela força libertadora da oralidade que se apresenta nas conjugações verbais, na métrica lingüística - ora racionalizante ora dispersa ao longo dos capítulos desta dissertação; ele não poderá jamais ser totalizante; não pretende ser. É um retrato fixo no tempo, de um presente localizado também no passado recente.

Para alcançar os objetivos a que se propõem esta investigação – 1) identificar as relações de poder, as subalternidades e as hierarquias prescritas pelos

¹⁰ No século XII, o estabelecimento do *studia generalia*, organismo de ensino criado para suprir as deficiências das escolas catedrais e monásticas, que só preparavam os alunos para a carreira religiosa, tornou-se um local de encontro e aprendizagem de grupos de estudiosos. Quando os professores em Paris e estudantes de Bolonha destes estabelecimentos acharam vantajoso se agrupar numa corporação legal para proteção mútua, adotaram o termo *universitas*, palavra que se aplicava, a princípio, apenas às corporações escolásticas, mas era um termo que podia ser usado para qualquer associação legal. Então, por volta do fim da Idade Média, os *studium generale* tornam-se *universitas*: à natureza associativa e a distinção intelectual dos *studium generale* acrescenta-se a organização, as funções e os privilégios das *universitas*, fundadas ainda por associações ou Igrejas, mas com o caráter comum de ‘instituições de ensino’ (Minogue, 1981, pp. 15; Loureiro, 19--., pp. 26).

indivíduos em seus percursos de formação/transformação em sujeitos; 2) analisar elementos que resignificam a construção identitária dos sujeitos universitários denunciadas no discurso e nos substratos que os possibilitaram; 3) analisar as relações constitutivas - que denunciam as possibilidades e impossibilidades - dos sujeitos, portadores e importadores da memória, do poder, da história e da cultura em sociedade pelo sujeito pardo – buscou-se fornecer profundidade às análises através da metodologia da Análise do Discurso de linha francesa – tendo Pêcheux e Foucault como orientadores das discussões teórico-analítico-metodológica – acrescida de recursos apreendidos nas perspectivas dos métodos qualitativos oriundos da história oral, história de vida e entrevista em profundidade cujo tracejado percorreu o modelo narrativo e reflexivo ditado – em alguma medida – pelas falas dos sujeitos e também gradativamente desenvolvido e possibilitado pela pesquisadora a partir do roteiro de entrevistas.

1.2.2.O(s) método(s)

Antes de dizer-se um pouco mais sobre este capítulo faz-se necessário pontuar que este trabalho de pesquisa foi especialmente modelado pelo campo de pesquisa em sua complexidade e por isso tornou-se uma confluência de distintos elementos característicos de métodos da pesquisa qualitativa. O leitor perceberá aspectos da existência de limites tênues entre a história oral, a história de vida, a entrevista em profundidade e a análise do discurso (aqui demarcada – como um método).

É sabido que a história oral [de vida] inscreve-se entre os diferentes procedimentos do método qualitativo, principalmente nas áreas do conhecimento histórico, antropológico e sociológico. Ela situa-se – especificamente - no terreno da contra generalização e contribui para relativizar conceitos pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas (Delgado, 2006, pp.18). Os registros produzidos a partir de fontes orais expressam visões particulares de processos imersos em sentidos dados pela coletividade. Ao dedicar-se a recolher depoimentos individuais, que se referem a processos históricos e sociais, a história oral apresenta

inúmeras potencialidades metodológicas e cognitivas, entre elas, evocar pela memória a marca dos elementos e mitos fundadores, dos elos que conformam as identidades e as relações de poder. A memória, mais relacionada à imaginação do que a História, define relevância a tudo o que evoca o que passou, garantindo sua permanência reatualizada, ou mesmo ressignificada no presente. E aqui torna-se importante demarcar a linha tênue entre significar e dar sentidos e, para isso novamente será acessada a rede semântica como marco inicial. Significar é ter, é capturar o sentido de algo ou alguma coisa tornando-o fixo, menos plástico, compartilhado, regulado, delimitado e orientador da referência (Cunha, 1982). Sentido é uma derivação objeto do verbo sentir que traz em si a implicação do experimento, do pressentimento, da conjectura, do sentimento, da percepção. O sentido não compartilha: individualiza; não regula: torna subjetivo. “O sentido compreende tanto a capacidade de receber sensações quanto a consciência que se tem das sensações e em geral das próprias ações [...]” (Abbagnano, 2003, pp.874) Daí encerra-se a importância marcada neste trabalho da alternância entre significados e sentidos na fala e na ação dos sujeitos porque ao rememorar, ao trazer para a vivência atual a experiência passada essas duas constantes são ativadas. Aparece o efeito de atualização. A memória encontra-se em múltiplos lugares: são os lugares da memória (Delgado, 2006, pp.40). Entretanto a relação da História com a memória é complexa e por isso envolve apropriação, diálogo, desconstrução e contribuição. História e memória apesar de distintas possuem substância comum: são antídotos do esquecimento. São fontes de imortalidade e são espaços de poder. Não há oposição entre História e memória, mas alteridade. Na alteridade entre História e memória, a construção da identidade e a representação do passado as aproximam.

De modo semelhante, as narrativas, tal como os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão de heranças identitárias e tradições. Elas têm natureza dinâmica e, como gênero específico do discurso, integram a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensões materiais, sociais, simbólicas e imaginárias. Plenas de dimensão temporal, as narrativas têm na experiência sua principal fonte: ao narrar as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagens em relação imbricada com a consciência de si mesmas, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social (Khoury, 2000, pp.26 *apud* Delgado, 2006, pp.43). Neste sentido a problemática gerada em torno da constituição identitária do pardo no contexto racial e de desigualdades brasileira sinaliza

para análise do(s) processo(s) que fomenta(m) ou fomentaram a construção identitária como uma possível direção que explicita as formas, os sentidos e os dilemas de ser um sujeito pardo. Além disso, é importante observar que a linguagem - neste caso - e especificamente o discurso (uma espécie de tecnologia da linguagem aplicada à fala em situação) é um banco de dados poderoso cujos encadeamentos precisam e podem demonstrar ou evidenciar aspectos das relações em sociedade compartilhados pelos indivíduos que são próprios àquela sociedade. Neste momento - o marco específico do momento presencial das entrevistas com os sujeitos - as afinidades, as trocas estabelecidas entre pesquisador e pesquisado, o grau de confidencialidade dado pelo teor das falas, a mediação contratual entre os falantes e o risco no jogo de falas entre a cumplicidade e a discordância argumentativa possibilitou que houvesse uma transcendência da perspectiva anterior que focalizava a utilização do método de história oral de vida *in natura*. A consideração, inicial, planejada sob o desenho de uma estratégia de coleta de dados que objetivava 1) explorar, 2) atingir e 3) reordenar, finalmente, na singularidade da tentativa de objetivação do recurso da entrevista em profundidade, vislumbra nódulos que pudessem ser visibilizados, relações que pudessem emergir de onde o contato e o conflito pudessem (ou não) ser efetivamente constatado. Aqui estava instaurada a possibilidade de identificação de relações de poder, de subalternidades e de hierarquias prescritas pelos indivíduos em seus percursos de formação/transformação em sujeitos. É importante ressaltar que as entrevistas ganharam profundidade devido ao grau de envolvimento, o conhecimento prévio e a intimidade entre pesquisados e pesquisador. Dessa forma, os discursos não se ativeram apenas às descrições sumárias de períodos de vida dos sujeitos pelos sujeitos. Ou seja, aos sujeitos não foram permitidos a mera reprodução de “relatos frios” desprovidos de interpelações e de (re) posicionamentos (des)contínuos. E por quê? Porque o contrato estabelecido entre sujeito-entrevistador e sujeito-entrevistado carecia da explicitação de um exercício reflexivo dos mesmos diante da percepção da própria vivência e da vivência coletiva na atualidade. Este exercício poderia apontar elementos que resignificam a construção identitária dos sujeitos. De outro modo, havia para o pesquisador a condição do exercício de distanciamento que fomentasse uma análise crítica do contexto e dos dados a serem explorados que caminhasse para além, que alcançasse outros níveis que não somente o afetivo, que possibilitasse um olhar de fora das experiências compartilhadas, que adentrasse em camadas mais profundas de um solo enrijecido, [...]. Ora, este

exercício se configurou como um esforço constante, ético, político, metódico, reflexivo, implacável, cortante, denso, maçante, violento, libertário.

Não é possível descartar que os sujeitos dessa empreitada são sujeitos instrumentalizados pela Ciência. Talvez, por isso, o resgate da fala deles articulada ao viés ampliado da leitura da cultura em relação ao passado e ao presente corroborou para que o convite constante ao diálogo proporcionasse sabor à empreitada. A principal característica da utilidade das entrevistas em profundidade identificadas na imersão neste campo pesquisado acomodou-se na constatação de que o recurso da pesquisa exploratória opera como uma ponte que comunica entre a análise pessoal e o entendimento de si em uma perspectiva contextualizada. Sua validade localiza-se exatamente quando os problemas de pesquisa exigem a discussão de tópicos confidenciais e de perspectiva(s) sinalizadora(s) da compreensão detalhada de comportamentos e situações complexas. Mas não somente. Analisar as relações constitutivas que denunciam as possibilidades e impossibilidades dos sujeitos diante da memória, do poder, da história e da cultura em sociedade demonstra o grau de autonomia destes sujeitos diante das várias violências vivenciadas no cotidiano e dos (re)direcionamentos nas escolhas de trajetórias individuais e suas implicações na cena pública.

A substancial complementaridade dos elementos utilizados nessa pesquisa refere-se também ao aporte teórico e metodológico da Análise do Discurso que ressaltam como o ponto de partida de Pêcheux que estabelece a relação entre a evidência da linguagem e o efeito ideológico no qual consiste a constituição do sujeito (Pêcheux, 1988, pp.143-159) estão profundamente enraizados. A ligação de ambos os elementos – evidência da linguagem e efeito ideológico - só acontece através do discurso. É neste espaço – o espaço da relação entre estes elementos – que Pêcheux desenvolve a Teoria do Discurso e o dispositivo operacional para análise do discurso, como um método. Para isso Pêcheux constrói a noção de sujeito da AD (Análise do Discurso) apoiando-se na noção althusseriana, que prevê o atravessamento da ideologia; e na noção lacaniana, que pressupõe o inconsciente como constitutivo. É somente mais tarde, que Pêcheux reconhece a contribuição teórico-metodológica de Foucault para a Análise do Discurso. As discussões suportadas em Foucault permitiram desvelar alguns “encobertamentos” que trouxeram um refinamento teórico. De acordo com Petri (2006, pp.9 *apud* Pêcheux, 1999a, pp.14) a “AD foi pensada como ‘disciplina da

interpretação’, capaz de construir ‘procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito’”. Mas, é em Foucault que o campo das possibilidades se abre com uma noção de sujeito não assujeitado pela ideologia: o sujeito transgressor da própria história: o sujeito sinônimo de autonomia ou que traça estratégias, que encontra rupturas na rigidez do sistema e assim consegue adentrá-lo, interferi-lo, rearranjá-lo. Neste sentido, os relatos contidos nas entrevistas precisam ser lidos em termos de níveis de transgressão ou de conformação. Tem-se, então, uma espécie de mediação universal como sugere Foucault (2010, pp.48) porque é apesar da aparência do movimento de um *logos* que destaca as singularidades ou por intermédio da consciência da racionalidade que o discurso situa-se como forma conjectural. (Foucault, 2010, pp.48)

1.2.3. Os sujeitos

Anterior ao momento de inserção ao campo, a autoria da pesquisa empenhou-se na realização de um minucioso levantamento bibliográfico que culminasse em uma ampla e precisa – porque focada - revisão de literatura. Seria essa uma espécie de munição, de ritual, de preparo para um possível confronto com o sujeito que **sou** e com o(s) sujeito(s) com os quais me proponho ao diálogo? A empreitada foi imbuída de energia suficiente para que de tal maneira pudessem ser visualizados - no plano descritivo e no analítico - perspectivas que sinalizavam-se como convergentes e divergentes ao campo temático das relações raciais para o pardo no qual está localizado o viés desse trabalho de pesquisa. Mas não somente isso. Colocar Deus e o Diabo para juntos dividirem o mesmo pote de argila e água pode inicialmente parecer um investimento frágil, incoerente e ingênuo sob a perspectiva da visualização dos interesses: na cena pública o sujeito localiza a dicotomização teórica da questão racial que divide as discussões ao plano do que deve-se perceber ou nomear-se como perspectiva racista ou anti-racista. Seria esta um perspectiva relacional dos pólos demarcadamente antagônicos? O que acontece quando o interstício – o pardo – arbitra sobre estas perspectivas? Que contornos ele faz emergir quando joga com o sistema? O risco, o traçado da história, talvez. Mas, será que este risco permite emergir com maior

clareza os contornos da criatura concebida (o Sujeito) pela junção dos esforços díspares envolvidos em suas potencialidades, em suas características. Debruçar-se sobre registros documentais cujas perspectivas de discussão na cena pública é um imperativo para a visualização de pressupostos que podem endossar ou minar a investigação tornou-se um investimento e um risco necessário. O pesquisador não prescinde de tempo de maturação, mas precisa arriscar-se consciente e intuitivamente no seu investimento.

O que se vê não se confunde com o simples registro visual. Depende do conhecimento adquirido, de treinamento, de expectativas e de predisposições. A esse respeito o exemplo da radiografia é eloquente: o ver depende do saber. Onde o leigo nada vê, o especialista detecta o “normal” e o “patológico”. (Oliva, 2008, pp.45)

O duo relacional sobre o qual se enraízam as fontes teóricas da questão racial que endossam esta discussão estava diretamente ligado ao embate entre os pólos Negro/Branco; África/Europa; Racial/Social. Tornou-se, então, crucial o mergulho no mar denso e revoltado do campo teórico nas suas mais distintas vertentes para que o momento do retorno ao solo possibilitasse a visualização mais amadurecida da direção a ser seguida. O lugar do pardo é o lugar intermediário na dicotomização da raça. A reflexão acerca do trajeto de pesquisa possibilitou as ancoragens para ação e para o cogito de idéias. Mas essa constatação chega ao reconhecimento somente com o decorrer do processo. O processo permite perceber que o pesquisador na maior parte do tempo é ativo; não é um receptáculo passivo. Da mesma forma, esta possibilidade é uma preocupação que também atinge os sujeitos de pesquisa. Nesse sentido, o trabalho de leitura – entendido como um diálogo e não um monólogo - não poderá ser confundido ou reduzido às sínteses simplórias em relação à influência do entorno que denota uma efervescência das discussões e uma diversidade de olhares acerca das relações raciais no Brasil. As teorias não foram tomadas como sínteses das observações: uma teoria nunca é. O percurso tem mostrado isso. As teorias operaram como conjecturas submetidas ao crivo dos fatos relacionados às percepções, aos sentidos dados, as experiências; ora acolhidas, ora descartadas no diálogo, no contrato estabelecido na fala, nas estratégias adotadas, no discurso. Uma observação ora desconcertante para a pesquisadora fora estabelecida ao localizar - em um primeiro momento – perspectivas conflitantes no

desenvolvimento do trabalho cujo impulso externo era sugestivo a fuga: a saída mais imediata, precoce, parece se apresentar coerentemente na forma do descarte. E por quê? Porque os pontos de vista teórico apresentados nem sempre mostram uma convergência ou complementaridade de idéias, mas também oposição entre elas: oposição que demarca espaços políticos de embate na cena pública. Mas o caos é positivo: “uma crítica a afirmação do óbvio”. E o que seria o óbvio? O óbvio é a redução que produz o enquadramento que reduz o sujeito aos contornos do sistema, da ideologia, do mito. O óbvio é a resposta simples para um problema complexo. O óbvio é o desconsiderar a ação política sobre a percepção sujeito. O óbvio seria afirmar: todo pardo é negro; todo pardo é racista; todo pardo é anti-racista. Contraditoriamente, concentrar-se em localizar a complementaridade na aparente desconcertante incoerência pode ser um exercício produtivo. Este primeiro mapeamento do pesquisador referente ao campo sinalizava os rumos da pesquisa. Mas os sujeitos entrevistados indicariam ainda mais.

Os sujeitos da pesquisa foram pensados e selecionados através do recorte metodológico realizado a partir da perspectiva e do perfil de sujeitos selecionados para o trabalho realizado pelo Programa (ainda Projeto) Conexões de Saberes na UFMG iniciado em 2005, data de inclusão deste Projeto na Universidade Federal de Minas Gerais¹¹. As características mais específicas dos sujeitos¹² desta pesquisa estão no capítulo de análise.

¹¹ O Programa Conexões de Saberes é uma proposição do MEC, desde 2005, em parceria com IFES brasileiras visando à interlocução entre academia e as comunidades populares (movimentos sociais). Foi desenvolvido inicialmente com sede na Faculdade de Educação da UFMG - com o *status* de Projeto - onde esteve sob orientação das coordenações dos Programas Ações Afirmativas e Observatório da Juventude. Nesta universidade, o Programa foi o único que desde o seu início trabalhou a dimensão étnico-racial na proposição e articulação de suas atividades: o mesmo não ocorreu com as outras universidades selecionadas no país naquele período. Atualmente, o grupo estabelecido na universidade está sediado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas desde abril de 2007. Neste mesmo ano o Programa teve como base de trabalho três eixos norteadores: 1) O mapa da exclusão na Universidade; 2) A interlocução com os Movimentos Sociais e; 3) Conexões e Programa Escola Aberta. O recorte étnico-racial atualmente é mantido.

¹² Os sujeitos selecionados – conforme anteriormente mencionado - pertenceram ao quadro de bolsistas do Programa Conexões de saberes na UFMG. Eles são jovens do sexo masculino cuja faixa etária está circunscrita entre os 24 e 30 anos de idade; ambos se auto-declararam de cor parda; pertencem atualmente a classe média e são oriundos das áreas de formação das Ciências Sociais Aplicadas, Exatas e /ou Engenharias. Ambos os sujeitos foram selecionados também por terem um histórico de participação e algum tipo de engajamento em programas ou projetos sociais. Ambos são solteiros e estão inseridos no mercado de trabalho e na pesquisa acadêmica em nível de pós-graduação. Estes são sujeitos instrumentalizados pelo saber e o fazer da ciência.

É importante notar que o posicionamento do pesquisador é também efeito do processo de construção do seu campo. O jogo de afastamento e aproximação no qual instaura-se este fazer ciência se configura para além do exercício de uma racionalidade crítica. Ele envolve conhecimento do **outro** e sobre o **outro**, apropriação, afeto, partilha, envolvimento. Mas também se detêm na atenção à sinalização, à bússola que indica a linha divisória da distinção entre pesquisador e pesquisado. Este impasse limita, marca, reinsere e interpela os contornos, as noções e as concepções do que comumente o *status quo* acadêmico autoriza chamar-se de pesquisa. A dificuldade de entrevistar sujeitos onde o conhecimento prévio sobre suas vidas e - em alguma medida - o compartilhamento entre trajetórias está naturalizado é um fator que pode diferenciar ou influenciar a profundidade em que avança-se nas reflexões. Ao pesquisador é demandado o desconfiar, o explicitar, o interrogar, o tomar as rédeas e a direção do seu investimento diante das concepções de mundo que seriam - ainda que em um primeiro momento - camadas de um terreno sólido e assentado. Eis o desafio: a bússola que direciona o pesquisador aponta sempre para escavações cada vez mais profundas do solo. Até onde seguir e quando parar é um limite informado pelo campo.

Mas quem é a pesquisadora deste terreno fronteiro das relações raciais? Chega o momento em que se faz necessária a auto-descrição daquele sujeito que se debruça no exercício de análise contido nesta pesquisa. De modo semelhante aos sujeitos aqui entrevistados, a autora inseriu-se no Programa Conexões de Saberes no ano de 2005 tornando-se integrante da primeira equipe de estudantes instrumentalizados pelo, então, Projeto. Sua permanência durou de maio de 2005 até meados de 2008, ano em que o Programa já estava sediado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: a segunda fase. A pesquisadora inscreveu-se no projeto se auto-declarando de cor parda e de origem popular. Popular, do povo. Particularmente, este “popular” indicava-lhe apontamentos sobre a percepção das questões das diferenças de classe. Não surpresa, via repetida estas mesmas percepções nas falas dos outros estudantes, colegas do projeto. “Origem popular sempre **pareceu-me** uma generalização que dizia muito pouco sobre o que viria a conhecer do universo das discussões em que adentrava”. Mas era este o jargão que exalava o Projeto para a grande maioria dos bolsistas, ainda que inicialmente. Inseriu-se como integrante do grupo específico de trabalho denominado “Além do horizonte planejado: a memória viva do Aglomerado Santa Lúcia” em Belo Horizonte. Este eixo tinha como foco: 1) a valorização da memória e da identidade da

comunidade e; 2) o reconhecimento da importância da identidade coletiva das comunidades de favelas na constituição da história da cidade de Belo Horizonte. Aquela inserção era decorrente da sua curiosidade em relação às temáticas de memória e identidade e também pelo seu histórico de participação em movimentos sociais, associações religiosas, movimentos de bairro, organizações civis e juvenis de promoção aos direitos humanos. Percebeu que a equipe de bolsistas do projeto era composta por alunos dos cursos de Pedagogia, Letras, Biblioteconomia, História, Odontologia, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil, Engenharia de Minas, Geografia, Ciências Sociais, Filosofia, Psicologia e Educação Física: uma diversidade que aguçava-lhe as expectativas dentro da academia. Àquela época, todos os estudantes do Programa Conexões de Saberes adentraram a universidade fora da política de bônus adotada pela universidade na atualidade e; dessa maneira, aquele grupo de “calouros” também comungava acriticamente da força dos valores da ideologia meritocrática. Naquele primeiro momento, para a autora deste trabalho, assim como para muitos outros colegas o imperativo da inserção no Conexões de Saberes impunha-se pela complementação da renda, pela possibilidade primeira de inserção ao fazer acadêmico e pela curiosidade em torno das temáticas que seriam discutidas. Que projeto seria este onde várias “tribos” (cursos e áreas) teriam a possibilidade de dialogar em níveis local e nacional? O processo de formação conjunta nas temáticas de gênero, raça, juventude e políticas públicas, entre tantas outras seriam os indicadores reflexos das escolhas futuras daquele grande grupo. Em alguma medida indicariam também sobre as escolhas individuais futuras.

No contexto da UFMG onde o Conexões de Saberes da primeira fase atuava não havia, por parte da universidade, um posicionamento institucional efetivo referente às políticas de ações afirmativas. Ainda que o Programa Ações Afirmativas na UFMG - localizado na Faculdade de Educação - estivesse em plena efervescência através de palestras, seminários, cursos e oficinas; suas atividades e discussões tendiam a uma circulação bastante restrita ao público que acessava aquela unidade acadêmica. A política de bônus¹³ - adotada atualmente pela universidade - foi inserida somente em

¹³ A política de bônus é uma ajuste na nota dos candidatos ao vestibular da UFMG que se declaram negros – pretos e pardos (15%) e/ou estudantes de escola pública em todo o seu percurso do ensino médio (10%). A universidade, desta maneira, estaria considerando nos seus processos de seleção - em nível de graduação - os recortes racial e social necessários a inclusão de grupos historicamente excluídos. O bônus demarca para a história da UFMG um posicionamento institucional – inicial - a favor das ações afirmativas.

2008. Neste ano, a grande maioria dos estudantes bolsistas do Conexões de Saberes primeira fase já haviam concluído ou estavam em vias de conclusão dos seus cursos de graduação. O bônus adotado em 2008 é uma consequência das reivindicações e da ação conjunta de sujeitos simpatizantes às políticas de cotas, dos movimentos sociais e suas representações internas e externas à universidade que clamavam por um posicionamento da instituição diante do cenário nacional de discussões acerca do tema. Deste modo, os sujeitos desta pesquisa foram escolhidos porque vivenciaram o contexto dos momentos anterior e posterior à política de bônus e por isso possuem uma memória experienciada e criticamente embasada acerca da inclusão a partir da questão racial na UFMG. Dos cerca de 30 bolsistas que compuseram o Programa na primeira fase, a autora optou por descartar aqueles que fossem oriundos das áreas das Ciências Humanas objetivando investir no deslocamento de algumas falas assentadas em campos teóricos muito especialistas. Com isso, a autora tencionou inferir e observar como certas noções foram percebidas e como circulam em outros domínios do conhecimento ou em panoramas mais generalizados de discussão. É importante destacar que os sujeitos selecionados pertencem à categoria “pardo” e assim se auto-declaram. Esta categoria localiza-se exatamente no limiar dos conflitos e no limite da ação política das discussões acerca de: “para quem deverão ser destinadas – legitimamente - as políticas de ações afirmativas na universidade?” Como será visto no capítulo 1 é a partir desta categoria parda que as noções de raça e cor passam a ser subvertidas pela ação dos sujeitos.

1.2.4. As entrevistas

As entrevistas foram realizadas em rodadas que tinham um intervalo de pausa mensal, aproximadamente. Todas elas foram realizadas no campus da UFMG em horários condizentes com a disponibilidade dos sujeitos. Ao final da inserção no campo foram realizadas seis entrevistas – três para cada sujeito.

A estruturação das entrevistas obedeceu às seguintes orientações gerais:

1ª Entrevista – Exercício do contar a própria história de vida;

2ª Entrevista – Retomada dos elementos nodais a partir da síntese da primeira entrevista;

3ª Entrevista – Rememorar a experiência e a vivência do Conexões de Saberes.

A definição dos temas das segunda e terceira entrevistas foram construídas ao longo do processo. A dinâmica da relação e o conhecimento prévio acerca dos sujeitos foram indicando caminhos possíveis para a abordagem de outros temas em maior profundidade.

Foi traçado também um roteiro (Apêndice H) que seria o eixo norteador para dar impulso às falas dos sujeitos. As entrevistas perpassaram a abordagem das temáticas gerais referentes à identificação étnico-racial, classe, raça, memória, poder, saber, gênero, cultura, sociedade, relações raciais no Brasil e instrumentalização/formação do percurso durante o período de inserção no Programa Conexões de Saberes. Classe e gênero foram temáticas que surgiram insistentemente nas falas dos sujeitos apontando relações de interdependência entre si e em relação com outros temas.

Os pontos 2 e 3 do esquema-roteiro (Apêndice H) de planejamento das entrevistas serviram também de referências para as análises. Objetivamente foram exploradas nas entrevistas aspectos da noção de raça e classe em articulação ao preconceito e discriminação, ao gênero, à auto-imagem dos sujeitos, à percepção da cultura e as noções de acúmulos do capitalismo no século XXI a partir das relações de produção apontadas pelos sujeitos em suas falas (Apêndices A, B, C, D, E, F). Estes apontamentos serão discutidos e demonstrados no capítulo analítico.

Uma importante observação ao referir-se ao processo de desenvolvimento e escrita desta investigação é a sinalização no texto da implicação da pesquisadora de aproximação com os sujeitos na pesquisa ao negritar e utilizar os recursos de primeira pessoa da conjugação verbal nas frases e nos períodos demonstrando os contornos da própria personalidade: **meu, minha, me, eu**, etc. A demarcação do exercício de afastamento se dá a partir da utilização da conjugação em terceira pessoa ou da voz passiva nas conjugações verbais. Com isso, evidencia-se a pretensão em demonstrar que conhece-se o manejo linguageiro da escrita científica, mas para aprofundar-se o teor das discussões na perspectiva dessa pesquisa o conhecimento prévio do mundo precisa ser demarcado.

O mapa do conteúdo da dissertação onde sinalizam-se as articulações, as escolhas teóricas, os elementos metodológicos, o plano de trabalho e o campo de

investigação está representado conforme a Figura 1. A revisão de literatura indicou o panorama descrito a seguir:

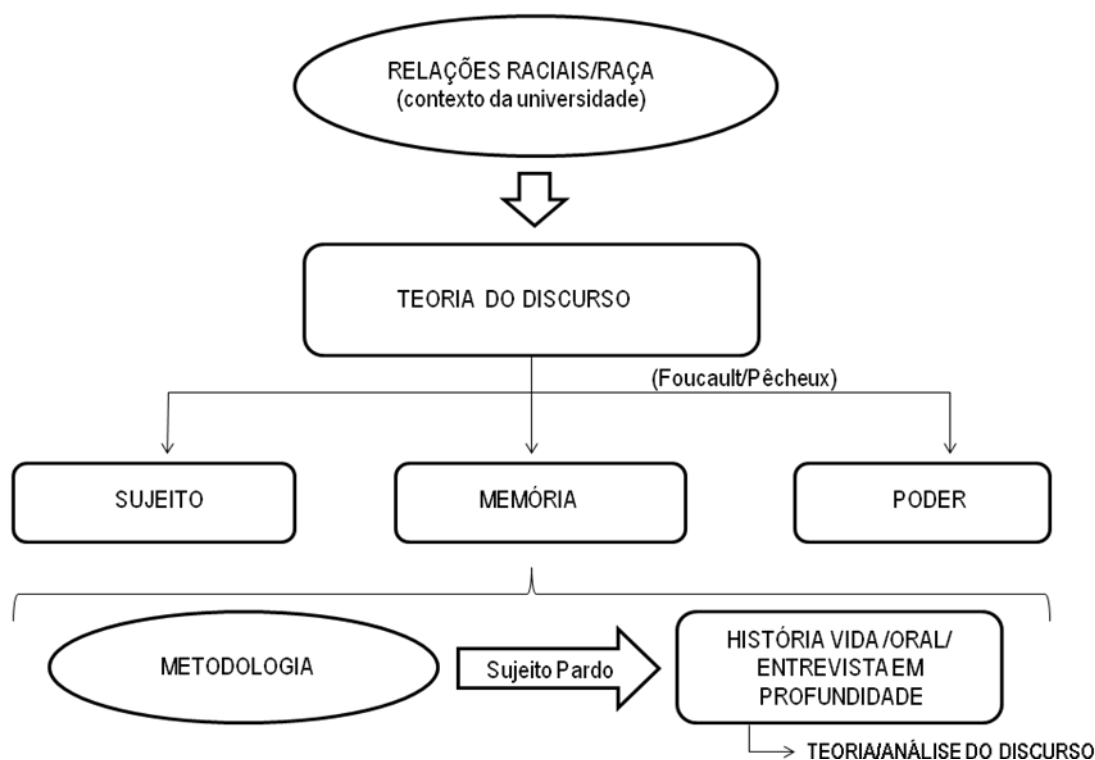


Figura 1 – Mapa da Dissertação
Fonte: a autora e a orientadora

No Capítulo 1 será apresentado o percurso teórico sobre os significados da raça no contexto brasileiro.

No Capítulo 2 será introduzida a noção de pardo em articulação com as categorias de análise sujeito, poder, discurso e memória a partir do recorte de raça articulado ao recorte teórico da Teoria e da Análise do Discurso nas perspectivas de Michel Foucault e Michel Pêcheux.

No capítulo 3 serão analisados e discutidos os elementos constitutivos do discurso em sua relação com os acúmulos históricos; as evidências ideológicas que atuam sobre a percepção e os sentidos dos sujeitos em suas significações do mundo; as relações estabelecidas pelos sujeitos entre memória, história, poder, sociedade e cultura

explicitadas no discurso e mediadas na experiência dos sujeitos; os limites da construção da noção de raça no plano teórico e a sua expansão na vida cotidiana; o paradoxo da mobilidade e os limites da autonomia em uma ética e política dos sujeitos.

Finalmente nas Considerações Finais serão realizados apontamentos sobre o momento atual do campo e para pesquisas futuras; identificações sobre vertentes de pesquisa a serem exploradas; o dilema das insuficiências teóricas e o desafio interdisciplinar; e finalmente uma breve discussão sobre os limites, as questões suscitadas e os objetivos deste trabalho.

Este trabalho se apresenta como mais uma possibilidade ou a perspectiva de outro olhar sobre a questão racial brasileira e por isso não tem a pretensão de esgotar as discussões acerca desta problemática, mas interrogar as bases epistemológicas nas quais os sujeitos insistem em subverter pela ação das relações cotidianas ou pela ação política os contornos da construção da própria identidade.

2. CAPÍTULO I - O CONTEXTO BRASILEIRO NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE

2.1. Educação e ações afirmativas: interrogando a ocupação dos espaços e das invisibilidades

A educação é um ativo importante no processo de realização sócio-econômica e no combate de desigualdades. O fator educação é um dado importante ao considerarem-se as relações raciais no país já que o Brasil enfrentou tardiamente o problema dos baixos índices educacionais da população. Frequentar a escola além de consistir em importante possibilidade diferencial para alcançar maiores oportunidades no aumento do capital intelectual humano; é também um indicador em potencial, de peso significativo que envolve investimento - por prolongado período de tempo - e dedicação à uma formação especializada. Estudos indicam que na medida em que negros ascendem na pirâmide ocupacional os contornos da segmentação racial, ou seja, a presença do preconceito racial começa apresentar maiores evidências (Lopes; Braga, 2007; Romão, 2005; Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.145-152). A educação em nível superior possibilita - através da ampliação das redes e dos canais de comunicação que envolvem o fazer e o saber intelectual em sociedade - aos sujeitos visualizarem estes aspectos no seu cotidiano. O dispositivo de acesso à recompensas do meio acadêmico nas ditas sociedades democráticas é/está baseado no mérito.

Ao detectar-se que o ambiente acadêmico, em sua rotina, informa prescrições a serem incorporadas para o alcance do mérito (Arruda *et al.*, 2006, pp.70-82) torna-se importante considerar que o mesmo ambiente informa também sobre que padrões e quais leituras transcendem os currículos fixados. O ambiente acadêmico - assim como outros espaços de convívio social - emite, expressa, fala de lógicas que atravessam as entrelinhas do discurso. E, de outro modo, o debate, o processo de democratização da universidade informa sobre uma possível explicitação de invisibilidades existentes e acomodadas no terreno do não-dito que são postas em questão no proceder dos contatos e no decorrer da história da sociedade. Dessa maneira, emerge a possibilidade de se identificar que a inserção do negro na universidade

apresenta-se, ainda, de maneira velada, subalternizada ou relegada a determinados setores (Anexos A, B e C).

A Tabela 1, a seguir, que descreve a evolução da educação brasileira a partir dos dados comparativos dos anos de 1999 e 2008:

Tabela 1
Distribuição dos/as estudantes de 18 a 24 anos de idade, por grupos de cor/raça, segundo o grau de instrução que freqüentam – Brasil, 1999 e 2008

		Branca	Preta	Parda	Total
1999	Fund./1º Grau	17,7	42,8	41,3	28,3
	Médio/2º Grau	48,8	48,2	49,7	49,1
	Superior	33,1	7,5	7,9	21,8
	Alf.de Adultos	0,4	1,5	1,1	0,7
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
2008	Fund./1º Grau	6,3	18,1	18,2	11,8
	Médio/2º Grau	32,8	53,3	51,7	41,7
	Superior	60,5	28,3	29,4	45,9
	Alf.de Adultos	0,4	0,3	0,8	0,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD/IBGE (*apud* Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.139)

A Tabela 1 sinaliza o salto dado em termos de acesso à educação superior no Brasil em dez anos. O acesso quase dobrou para a população branca e quadruplicou para as populações preta e parda.

É importante observar que as políticas de inclusão ao sistema universitário e as políticas de ampliação de vagas tem produzido efeitos interessantes no panorama educacional de redução de desigualdades raciais em curtos períodos de tempo, conforme é possível localizar-se na Tabela 1. Esse dado já pode ser constatado em graus distintos da formação superior. Veja a evolução da composição do quadro discente de graduação e Pós-Graduação nas regiões do país de acordo com raça e cor, conforme a Tabela 2:

Tabela 2
 Proporção de estudantes de 18 a 25 anos cursando o ensino superior, mestrado ou doutorado, segundo cor ou raça e regiões – 1999, 2003 e 2008 – Brasil

		1999	2003	2008
Norte	Branca	19,4	30,8	49,1
	Preta	5,7	7,4	32,3
	Parda	7,2	13,1	29,4
	Total	10,7	17,7	34,3
Nordeste	Branca	22,3	28,2	41,0
	Preta	3,3	6,6	19,4
	Parda	6,7	10,9	22,4
	Total	11,3	15,9	28,2
Sudeste	Branca	36,9	52,2	67,8
	Preta	9,2	18,7	36,0
	Parda	9,9	19,8	39,5
	Total	28,4	41,8	57,8
Sul	Branca	39,1	53,2	67,5
	Preta	11,6	22,3	45,4
	Parda	10,3	20,4	38,1
	Total	35,5	49,4	63,5
Centro-Oeste	Branca	34,1	52,1	64,2
	Preta	17,4	30,4	41,2
	Parda	14,2	25,2	44,0
	Total	24,1	38,6	53,4
Total	Branca	34,1	47,2	61,7
	Preta	7,5	14,1	29,8
	Parda	8,4	14,9	30,6
	Total	22,6	32,3	47,2

Fonte: PNAD/IBGE (elaboração de: Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.141)

Esta mudança no quadro que compõem o ensino superior no país atualmente produz efeitos na percepção das próximas gerações de estudantes brasileiros oriundos dos diversos segmentos da população, nas tematizações propostas e nos desafios da universidade brasileira no século XXI.

De acordo com Carvalho (2003, pp.163-190), em estudo que mapeava o racismo acadêmico, havia uma significativa carência de sistematização de dados sobre o perfil da classe docente e pesquisadora em nível superior no Brasil. Essa deficiência gera/gerava uma invisibilidade da exclusão racial nas associações científicas que precisava ser avaliada. Esta situação passou a ser interrogada dentro e fora dos espaços universitários principalmente pelos movimentos sociais e pelos elementos étnicos/raciais (sujeitos negros) que adentraram os grandes centros de pesquisa ao se

perceberem em situação circunstancial de isolamento. Neste sentido, as ações afirmativas surgiram e constituíram também o impulso necessário às reservas de vagas a essa categoria racializada, ironicamente invisibilizada pela contingência histórica, que trazia na agenda a urgência do fomento das discussões sobre a necessidade de integração racial no país.

As políticas de ação afirmativa são recentes na história do combate ao racismo. Seu raio de atuação visa oferecer aos grupos discriminados e excluídos um ajuste diferenciado no tratamento das desigualdades como forma de compensar o histórico de desvantagens tributárias do contexto de racismo e de suas formas de discriminação. As ações afirmativas são concentradas basicamente em programas de aprendizado e tomada de consciência racial que visam articular justiça econômica (material) e justiça simbólica (ou cultural) no plano da dimensão social. No contexto externo ao do Brasil, estas ações apresentaram exemplos de resultados eficazes quando comparados às estatísticas de desenvolvimento do montante populacional em relação ao seguimento beneficiado e sua inserção qualitativa nos meios de divulgação, aquisição e produção de conhecimento¹⁴ em estágios anteriores e posteriores a sua aplicação. O destaque qualitativo do efeito das ações afirmativas apresenta-se de forma incisiva e perene no setor educacional. Através da educação as lógicas de opressão social e racial têm sido subvertidas e transformadas em estratégias de enfrentamento e esvaziamento das mazelas historicamente acumuladas. No ensino superior brasileiro o resultado das ações afirmativas produziu – nos últimos dez anos – um salto qualitativo no domínio que descreve a representatividade da inserção dos segmentos populacionais do país nos diversos espaços, conforme demonstram as Tabela 1 e Tabela.2.

Entretanto, no Brasil - país onde a educação universalizada iniciou-se tardiamente em relação aos outros países do continente americano - as ações afirmativas ainda apresentam como questão fundamental: “como aumentar o contingente negro” – a leitura realizada é sobre “pretos” e “pardos” - “no ensino universitário e superior de modo geral, sendo que 114 anos após a abolição este seguimento representa apenas 2%

¹⁴ Países que implementaram ações afirmativas como os Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Índia, Alemanha, Austrália, Nova Zelândia, Malásia [...] favoreceram o aumento da representação de segmentos raciais da população nos Congressos Nacionais, nas Assembléias Estaduais, nos liceus e universidades. Tal perspectiva ampliou, diversificou e complexificou as análises e abordagens de interesses sociais atendidos o que possibilitou a visualização de mudanças significativas em curtos espaços de tempo (Silva; Silvério, 2003).

da comunidade universitária em detrimento dos 97% considerados “brancos”, ou brasileiros universitários?” (Munanga, 2003, pp.119).

Atualmente, as demandas por ações que efetivam a legitimidade democrática e a igualdade entre os grupos têm sido interrogadas pelos movimentos sociais eficazmente. O impacto das medidas adotadas pela movimentação na cena pública têm demonstrado a necessidade de enfrentamento aos padrões de exclusão e desigualdade que marcaram a história deste país. Esta preocupação atinge também a universidade em sua relação com as mediações em sociedade seja por meio da extensão, do ensino ou da pesquisa.

Sob este aspecto, ciente da efervescência social no seu interior e entorno, a Universidade Federal de Minas Gerais – uma das mais antigas universidades brasileiras – imbricada desde o processo de sua criação a uma proposta de modernização da sociedade vinculada a uma noção de liberalismo que concebia/concebe a universidade como uma instituição necessária à formação de grupos dirigentes, não tem se furtado a ouvir as vozes historicamente silenciadas à medida em que tem aberto espaços para eliminar os ruídos inerentes a comunicação entre os seus sujeitos. É importante sinalizar que a abertura destes espaços de diálogo não se constituem ou materializam-se em processos “naturais e tranquilos” e por isso ocorrem por meio dos conflitos, da luta e da ação política entre grupos hegemônicos e não hegemônicos.

O projeto de universidade no qual está inserida a educação brasileira é originário das idéias efervescentes do início do século XX que relacionavam a educação primária e a de nível superior como estruturas indispensáveis ao desenvolvimento do país (Veiga, 1987 *apud* Fonseca, 2007, pp.163). A universidade, de modo geral, está historicamente ligada aos valores e as demais instituições que compõem a sociedade. Ela é um projeto técnico, científico, cultural, ideológico e político sobre o qual são/estão manifestadas e produzidas ações, pessoas, paradigmas e interesses. Não se trata de uma instituição neutra e localizada à parte do trânsito político e econômico da sociedade brasileira, mas de um instrumento que produz e legitima o privilégio característico do *locus* de classe através da noção de sujeitos aptos e inaptos instaurados em seus processos seletivos balizados pela idéia de mérito. A idéia de universidade por si só é uma concepção européia da organização do conhecimento¹⁵. E, dessa maneira, a

¹⁵ Ver: Mayorga, 2010, 19-45. In: *Universidade cindida, universidade em conexão: ensaios sobre a democratização da universidade*.

universidade brasileira vem se constituindo – em grande medida – como um modelo adaptado ao contexto de país e de sociedade que a abriga: uma sociedade que tem grandes dificuldades para lidar com as diferenças, pois historicamente tem tratado-as sob um olhar filtrado por lentes subalternizantes.

Em 2006, a Pró-reitoria de graduação da UFMG lançou a publicação do estudo denominado *Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG*, que objetivava trazer à tona o perfil de estudantes que a universidade tem atendido. O censo foi produzido com o intuito de conhecer as características econômicas, sociais e culturais dos alunos da UFMG como parte integrante do processo de formulação das políticas acadêmicas. Os autores do censo, Mauro M. Braga e Maria do Carmo L. Peixoto, afirmavam que o perfil típico do ingressante da universidade se caracterizava como pertencente à classe média, havia cursado o ensino médio diurno não profissionalizante, era solteiro e declarava-se da “raça branca”. Estes estudantes haviam ingressado na universidade em curto período de tempo após concluir o ensino médio e pelo menos um de seus pais já possuía ensino superior.

As análises dos dados gerados no censo demonstravam uma significativa discrepância entre o público atendido pelos cursos e a representatividade dos segmentos populacionais que adentravam a instituição. De maneira bastante interessante também se apresentava, a forma como os seguimentos populacionais alocavam-se no preenchimento das vagas em relação aos cursos: isso delineava outros contornos. Aparecia, então, a noção de classe e o seu vínculo ao prestígio, raça/cor e *status* da profissão como dimensões a serem consideradas se não como fatores determinantes constituíam-se como um importante referencial. Braga e Peixoto (2006) concluíram através do censo que o prestígio social da formação profissional dos cursos estava diretamente relacionado com a condição sócio-econômica do candidato¹⁶:

[...] cursos de maior prestígio são procurados, preferencialmente, por estudantes de estratos sociais mais favorecidos. (...) Resulta daí que o

¹⁶ Para desenvolverem sua análise, Braga e Peixoto (2006) classificaram os cursos em grupamentos chamados de quartis de acordo com o valor médio do FSE – uma espécie de indicador que fundia dados referentes a situação socioeconômica - dos estudantes. Os cursos de quartil 1 eram considerados como de menor prestígio social, os quartis 2 e 3 como médio prestígio e o quartil 4 de maior prestígio social. Os dados dos grupamentos por prestígio em detalhamento poderão ser consultados nos anexos deste trabalho. As planilhas de dados incluídas fizeram parte da pesquisa *Mapa da exclusão na UFMG* realizada pelo Programa Conexões de Saberes em 2007 a partir da metodologia adotada no censo.

valor médio do FSE para alunos de um determinado curso é tanto maior quanto maior for o seu prestígio social.” (Braga & Peixoto, 2006, pp. 54)

O censo fez emergir a regularidade de alguns dos mecanismos de formação e reprodução do prestígio em certas profissões na sociedade além de explicitar com maior objetividade as características que corroboram para a construção dessas mesmas regularidades. Estas regularidades aparecem, ainda que indiretamente, na fala e no percurso de vida dos sujeitos entrevistados como demonstram os apêndices (Apêndice A, B, C, D, E e F) desta pesquisa e conforme será visto nos capítulos seguintes.

A sociedade e as universidades, de um modo geral, têm buscado soluções e formas de apreender a questão racial e seus dilemas no interior de seus espaços. Para a universidade brasileira, as reflexões acerca da implantação de políticas de ação afirmativa têm estado cada vez mais presentes nas pautas de discussões. Identificar e definir quais são os sujeitos das ações afirmativas – pretos e pardos – exige da universidade uma implicação e atenção sempre renovadas à imersão em um minucioso conjunto de investimentos, de capturas de trajetórias, de responsabilizações para com o social e o coletivo que estejam além da perspectiva de reserva de vagas, mas imbuída na ação política atrelada a uma noção de sociedade democrática vigilante para com a justiça social. Está é uma tarefa difícil, complexa, na qual a sociedade e a universidade não podem se furtar à ação. A questão racial na perspectiva do *pardo* - em toda a sua complexidade - é o viés escolhido para discussão nesta investigação.

Em 2002 a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) adotaram um sistema de seleção não universalista, baseado no sistema de cotas graças a um decreto do governador e da câmara Estadual do Estado do Rio de Janeiro que determinava a reserva de 50% e de 40% das vagas para egressos de escola pública e afro-descendentes, respectivamente (Carvalho, 2001, pp.3; Reis, 2007, pp.271-293). No ano de 2003, a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), através do Conselho de Professores da universidade reserva 40% das vagas de todos os núcleos para afro-descendentes na graduação e na pós-graduação. De modo semelhante a Universidade do Estado do Paraná e a Universidade Estadual do Mato Grosso procedem a ação de reserva de vagas para os elementos indígenas de seus respectivos Estados. Sucessivamente, universidades privadas,

metodistas, católicas foram adotando perspectivas de atenção a população negra semelhantes. De modo tímido e bastante refreado as universidades federais – consideradas como os grandes centros de excelência e referência do ensino superior no país - foram e têm sido convocadas ao debate e ao posicionamento diante da questão deficitária racial-educacional do ensino superior brasileiro que se encontra (ainda) bastante polarizado.

Mas, este tem sido um processo denso e de acirradas discussões na cena pública. Em 2003, a Universidade de Brasília (UNB) aprovou a proposta de cotas para negros e índios. Margeadas pelos dilemas impostos pela mestiçagem, as auto-identificações e identificações¹⁷ de raça ocorreram em um contexto de “boicotes” e protestos de diversos setores da sociedade à iniciativa de alguns setores da universidade. Em 2008, a UFMG¹⁸ aprovou o bônus para as notas dos candidatos oriundos do ensino médio público e para os auto-declarados negros (pretos e pardos). Assim como na UNB a UFMG também foi e tem sido alvo de distorções por parte de alguns membros e setores da sociedade. As distorções têm sido geralmente, articuladas pela plasticidade das ambigüidades assentadas no imaginário social por aqueles que recorrem ao dispositivo da mestiçagem sempre que as noções de “direito” e “privilégio” são confrontadas. É neste interstício que a ação afirmativa atua. É a partir desta localização que o pardo é interrogado.

¹⁷ Os escândalos ocorridos na UNB com a inclusão da política de cotas denotavam a complexidade e o enrijecimento do sistema de desigualdades que colocavam em xeque a lógica meritocrática e os privilégios adscritos de classe no interior das instituições. As cotas na UNB acionaram o mecanismo de propulsão que mantivera em estado de latência a complexidade dos conflitos raciais silenciados no interior do sistema educacional superior brasileiro (Carvalho, 2007, pp.31-50). Ver: Carvalho, José Jorge de. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. In: *PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos*.

¹⁸ É importante sinalizar que desde 2002 movimentações específicas em torno das demandas da população negra na UFMG tem sido desenvolvidas pelo Programa Ações Afirmativas na UFMG sediado na Faculdade de Educação (FAE). O programa foi instituído a partir de uma iniciativa nacional por meio de um concurso criado pelo Laboratório de Políticas Públicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em parceria com a Fundação Ford intitulado “Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira”. Nesse concurso foram selecionados 27 projetos de ações afirmativas com objetivo de garantir acesso e/ou permanência de grupos tradicionalmente excluídos do ensino superior. O Ações Afirmativas na UFMG fora um dos projetos selecionados. O Programa é gerido por um coletivo de professores – um grupo heterogêneo do ponto de vista racial - da FAE. Estes professores – negros e brancos – focam a questão racial em diferentes níveis de envolvimento da pesquisa (Fonseca, 2007, pp.161-186). É importante destacar que o posicionamento em nível institucional da UFMG em relação a implantação de políticas de ação afirmativa só ocorreu em 2008 com a adoção do bônus. Sobre a política de bônus e seu contexto veja o capítulo sobre metodologia.

2.2. Traçando um histórico dos significados da raça na sociedade brasileira

A miscigenação entre negros e brancos exaltada por Gilberto Freyre (1950) como um embrião da “democracia racial” brasileira e base de nossa identidade nacional – “povo mestiço”, “moreno” - foi parte da escravidão colonial (Ramos, 1947; Lima, 2003). Mas o cruzamento racial não foi um processo natural, pacífico, concessivo e sim determinado pela violência e exploração do português – representante europeu - contra o africano sob o cativo. Um dado importante a ser considerado no contexto de formação da sociedade brasileira é a noção de Estado-Nação. A noção de Estado-Nação cujo símbolo enraiza-se na idéia de contrato social é orientada por um mito de origem que funda o conceito de nação como uma base histórica e cultural de um povo (Leite, 1983). Na etimologia da palavra *raça*, por exemplo, os termos *linhagem* ou *cepa* relacionam raça à idéia de grupo de descendência. É desta maneira que povo e raça tornam-se termos intercambiáveis. Raça e etnia (ethns = povo) neste sentido tornam-se termos sinônimos. Com base nos nacionalismos, os países compõem, de fato, uma mistura historicamente variante de culturas, povos, meios políticos e ideológicos de lidar com a diversidade.

As ideologias [...] mostram como é falsa a idéia - que parece fazer parte da auto-imagem do brasileiro – de que o Brasil é país sem preconceito racial. Aparentemente, só na década de 1950 é que se iniciam no Brasil as pesquisas que procuram uma resposta objetiva para a situação racial no Brasil. É a partir daí que o negro deixa de ser analisado pelo seu aspecto religioso, ou pelas suas sobrevivências religiosas na cultura brasileira, para ser analisado como parte da sociedade [...] (Leite, 1976, pp.316)

Circunscrita à especificidade brasileira, as políticas imigrantistas do Estado brasileiro, ocorridas após o processo abolicionista, denunciavam a preocupação da elite brasileira em impedir a supressão ou decadência do elemento étnico denominado branco europeu pela ampla presença de mestiços – elementos étnicos majoritariamente de ascendência africana e indígena - através de propostas públicas de favorecimento maciço a entrada de imigrantes europeus, considerados como superiores aos africanos e

asiáticos (Poliakov, 1974). Este sistema de pensamento e este conjunto de ações e suas consequências são significados como ideologia do branqueamento. “A ideologia do branqueamento, [é] [...] uma espécie de darwinismo social que apostava na seleção natural em prol da ‘purificação étnica’, na vitória do elemento *branco* sobre o *negro* com a vantagem adicional de produzir, pelo cruzamento inter-racial, um homem ‘ariano’¹⁹, plenamente adaptado as condições brasileiras (Carone, 2002, pp.16). O darwinismo social²⁰ pontua que o progresso humano é intermediado pela adaptabilidade ao meio, mas principalmente pelo conflito onde os mais aptos, os mais fortes sobreviverão. O darwinismo social prevaleceu no século XIX - contexto interno à Europa de crescimento da fome e da pobreza - como forma de justificativa ao exercício do poder sobre alguns povos considerados inferiores – os semitas. As classes baixas européias, neste sentido, foram consideradas *branquicéfalas*²¹ assim como os *negros*.

Se por um lado a ideologia do branqueamento apresentava-se como solução ao projeto desenvolvimentista de país que as elites brancas cultivavam diante da questão da presença maciça dos *negros*, a partir da abolição e com a consequente mudança do regime econômico de produção, tal ideologia apresentava falhas porque se configurava como uma possibilidade de não concretizar-se conforme o modelo a ser imitado – o europeu: primeiro, por sustentar-se no plano do cogito das idéias, na forma de discurso ideológico e; segundo, o resultado final poderia não ser à extinção do *negro*, mas sim o aumento numérico de não-brancos na população brasileira. Veja as Tabela 3, Tabela .4 e Tabela. 5, a seguir:

¹⁹ Ver: Poliakov, 1974. In: *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. Carone; Bento, 2002. In: *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*.

²⁰ O termo darwinismo social que expressa a idéia de conflito com base na sobrevivência dos mais fortes a partir de uma hierarquia racial sem misturas, foi cunhado pelo sociólogo inglês Herbert Spencer.

²¹ Branquicefalia é um conceito tributário dos estudos de craniologia do médico italiano Césare Lombroso (1835-1909) onde as dimensões do crânio (tamanho e forma) eram determinantes da superioridade e inferioridade entre as raças. Nina Rodrigues, um médico criminalista brasileiro, realizou importantes estudos sobre a craniologia aplicando-a ao contexto brasileiro na sua obra *As colectividades anormaes*. O crânio de indivíduos da raça superior (os arianos) era chamado de dolicocefalo.

Tabela 3
Brasil: características da população no recenseamento do Império em 1872

	População Livre afro	População Escrava	População Total Afro	População Não-afro	População Total	% Afro
Corte	71.418	48.939	120.357	154.615	274.972	43,8
Rio Grande do Sul	84.992	69.685	154.677	292.285	446.962	34,6
Maranhão	170.615	75.272	245.887	114.753	360.640	68,2
São Paulo	207.517	156.612	364.129	473.225	837.354	43,5
Rio de Janeiro	187.251	306.425	493.676	325.928	819.604	60,2
Pernambuco	449.115	89.028	538.143	303.396	841.539	63,9
Bahia	837.816	167.824	1.005.640	373.976	1.379.616	72,9
Minas Gerais	830.255	381.893	1.212.148	890.541	2.102.689	57,6
Demais províncias	1.487.083	250.202	1.737.285	1.310.400	3.047.685	57,0
Brasil	4.326.063	1.545.880	5.871.943	4.239.118	10.111.061	58,1

Fonte: Recenseamento geral do Império do Brasil (1872) (Dados corrigidos pela DGE²²) (IPEA/IBGE)

A Tabela.3 caracteriza o perfil da população brasileira e mostra que em 1872, mais de uma década antes da abolição, a soma da população afro (escrava e liberta) já superava em números a população não-afro.

Em fins do século XIX, a mistura vislumbrada na miscigenação era compreendida como um aspecto degenerescente dos povos pela ciência, na perspectiva do racismo científico. Naquele momento os dirigentes e a intelectualidade brasileira pensavam a constituição e a viabilidade de uma idéia representativa de povo que pudesse tornar o Brasil um país apto ao progresso político, social e econômico. Neste sentido, a presença maciça de negros, seus descendentes e de outros povos não europeus não permitiam esta projeção. Silva Romero (1851-1914) e Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) eram dois intelectuais deste período cujas perspectivas divergiam quanto aos sentidos percebidos à mestiçagem. Enquanto Romero localizava na mistura de grupos raciais uma saída “positivada” para o impasse vivido pelo país argumentando que a depuração do sangue negro era possível por meio da inserção de mais *brancos* no

²² DGE: Departamento de Gestão Estratégica é o órgão de assistência direta e imediata da Advocacia-Geral da União. Estes dados foram gerados a partir da pesquisa do IPEA intitulada “Desigualdades raciais no Brasil” sob a coordenação de Ricardo Henriques.

território; para Nina Rodrigues²³ a miscigenação produziria para o Estado brasileiro seres degenerados. A solução encontrada pela via do ingresso de imigrantes europeus carecia de uma inversão de olhares sobre a miscigenação. Os significados da miscigenação precisariam afastarem-se das idéias de degenerescência.

Tabela 4
Brasil: população por cor em 1890

	Branco	Pretos e Pardos	Total	% Afro
Minas Gerais	1.292.716	1.891.383	3.184.099	59,4
Bahia	491.336	1.428.466	1.919.802	74,4
Pernambuco	423.900	606.324	1.030.224	58,9
São Paulo	873.423	511.330	1.384.753	36,9
Rio de Janeiro	376.661	500.223	876.884	57,0
Ceará	358.619	447.068	805.687	55,5
Alagoas	158.927	352.513	511.440	68,9
Demais Estados	2.326.616	2.294.710	4.621.326	49,7
Brasil	6.302.198	8.032.017	14.334.215	56,0

Fonte: Recenseamento do Brasil, 1890. (IPEA/IBGE)

Observa-se que na Tabela 4, cerca de dois anos após a abolição, a população afro (pretos e pardos) mantêm-se, numericamente, a frente da população branca, mas há uma queda de 2 (dois) pontos percentuais no crescimento da população afro em relação a Tabela 3 durante este breve período de crescimento da população geral. É importante notar que Minas Gerais é a unidade federativa brasileira com maior representatividade populacional para *brancos* e *negros* (pretos e pardos) em relação às outras unidades naquele período, inclusive Bahia e São Paulo – ambos os berços de distintas correntes teóricas²⁴ dos estudos raciais acessados neste trabalho investigativo.

²³ Nina Rodrigues propôs o estabelecimento de códigos penais distintos para brancos e negros conforme pode ser localizado em *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* publicado em 1894. O autor foi também o primeiro pesquisador a sistematizar as manifestações culturais e religiosas de origem africana com a obra *Os africanos no Brasil* publicado em 1932.

²⁴ As correntes teóricas dos estudos raciais no Brasil se subdividem-se em: 1) Escola paulista tendo entre os seus teóricos Florestan Fernandes, Thales de Azevedo, Carlos Hasenbalg, Nelson do Valle Silva. 2) Escola baiana: entre eles estavam Raimundo Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Guerreiro Ramos.

Forjada pelas elites brancas de meados do século XIX e início do XX, a ideologia do branqueamento foi sofrendo importantes alterações de função e de sentido no imaginário social. Se nos períodos pré e pós-abolicionistas ela parecia corresponder às necessidades, anseios, preocupações e medos das elites brancas; atualmente ganhou outras conotações ao se caracterizar como um tipo de discurso que atribui aos *negros* o desejo de branquear ou de alcançar os privilégios da branquitude²⁵ (Carone; Bento, 2002).

No período pré-abolição de 1798 à 1872 (TAB.5), o crescimento do número isolado de pardos livres supera o de brancos e de escravos negros e escravos mulatos. Já o percentual de escravos negros é reduzido drasticamente para 10,4% da população no período. Metade da população livre era parda. Um terço da população escrava era mulata - mestiça de negro e branco.

Tabela 5
População do Brasil, 1798-1872, por raça e condição

	1798	%	1817-1818	%	1872	%
Branco	1.010.000	31,1	1.043.000	27,3	3.787.289	38,1
Pardos Livres	406.000	12,5	585.500	15,3	4.245.428	42,8
Índios	250.000	7,7	259.400	6,8	386.955	3,9
Total Livres	1.666.000	51,3	1.887.900	49,4	8.419.672	84,8
Escravos Mulatos	221.000	6,8	202.000	5,3	477.504	4,8
Escravos Negros	1.361.000	41,9	1.728.000	45,3	1.033.302	10,4
Total de Escravos	1.582.000	48,7	1.930.000	50,6	1.510.806	15,2
População Total	3.248.000	100,0	3.817.900	100,0	9.930.478	100,0

Fonte: Hasenbalg, 2005, pp.148 *apud* Malheiro, 1944, pp. 197-198; Censo demográfico de 1872.

Ao retomar a discussão sobre a necessidade de ressignificar o valor da mestiçagem no Brasil, Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala* (1933) afasta o pessimismo racial que condenava o país através de uma perspectiva positiva e

²⁵ O termo branquitude utilizado por Carone e Bento (2002) fora/tem sido revisitado na atualidade. A menção que as autoras fazem é equivalente ao conceito de branquidade que será discutido ao longo dos capítulos deste trabalho de investigação. O termo branquitude aparece neste trabalho apenas para sinalizar a transposição semântica do conceito ao longo dos capítulos e evidenciar sua assimetria em relação a negritude.

nostálgica das relações raciais na sociedade brasileira. Esta perspectiva encontra desdobramentos nos dias atuais.

Como um problema explícito das elites brancas – o desejo de branquear – passou a ser interpretado ideologicamente como um problema dos *negros*? Evitar focalizar o *branco* é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio (Gramsci, 1991; Carone; Bento, 2002; Mayorga et al., 2008). Em “Psicologia social do racismo” Fúlvia Rosemberg e Edith Piza (2002, pp.92) afirmam que

A cor brasileira e a democracia racial brasileira têm sido objeto de estudos sistemáticos de pesquisadores estrangeiros que apontam ora a variação na nomeação da cor (Piza; Rosemberg, 2002, pp.92 *apud* Pierson; 1951, 1967; Wagley, 1952; Harris, 1964) ora as estratégias sociais e raciais de encobrimento do racismo (através de processos falhos ou inexistentes de coleta da cor pelos censos), ao mesmo tempo que registram uma aparente tolerância racial no processo de miscigenação, em face dos padrões birraciais europeu e americano (Piza; Rosemberg, 2002, pp. 92 *apud* Skidmore, 1991); ora reproduzem, sem contestar, as crenças nas relações fluidas e ainda muito pouco conhecidas, entre linhas de cor e classe social. O mito (alimentado pela ideologia da democracia racial) de que o dinheiro embranquece e de que, no Brasil, o espectro de cores corresponde a uma cor puramente social aparece com frequência em estudos comparativos (...). Considerando sempre uma perspectiva unilateral – a da população negra brasileira [pretos e pardos de acordo com o censo] [...]

Edith Piza e Fúlvia Rosemberg (2002, pp.92) ainda destacam que:

[...] estudos estrangeiros e mesmo brasileiros deixam de notar que, no processo brasileiro de construção de identidade, a população de brancos (ou dos que assim se consideram) não coloca como dado importante de identidade sua cor, raça ou etnia, como ocorre, por exemplo, na sociedade norte-americana. A desconsideração desse dado pelos estudos estrangeiros e brasileiros é mais um grande complicador para a interpretação das relações raciais brasileiras, principalmente na compreensão do redobrado esforço que militantes e estudiosos devem realizar para manter a questão racial como fator reconhecido de diferenças sociais.

Norvell (2001, pp. 261), um dos opositoristas das políticas de ações afirmativas como Peter Fry e Yvonne Maggie, em seu estudo sobre o *Desconforto da*

brancura das classes médias brasileiras afirma que embora os elementos dessas classes muitas vezes se descrevam como produtos de uma “sociedade de raça mista, essas origens tendem a desaparecer no plano concreto”. O autor afirma que a *brancura* é entendida como europeia e portuguesa e por isso os seus entrevistados sempre que possível evitavam o termo “branco” ao se referirem a si mesmos por perceberem-se incomodados ou constrangidos pelo contexto sócio-histórico estabelecido²⁶. O autor sugere que afirmar-se, abertamente, *branco* carrega em si o peso da perspectiva dicotômica do contexto racial brasileiro que enraiza-se historicamente nas perspectivas dos *opressores* e dos *oprimidos* sugeridas pelas linhas de cor, mas, que se esvaziam em grande medida devido ao contexto da mestiçagem brasileira. Mas, não afirmar-se traria que outras possibilidades? O silenciamento do conflito, a invisibilização do preconceito, a conservação do estado latente da violência do racismo, a manutenção das desigualdades seria relegada a qual espaço no cotidiano? À responsabilização do indivíduo em sua subjetividade, certamente, seria uma possibilidade. Mas relegá-la ao plano individual seria ainda mais perverso e perigoso.

Florestan Fernandes e Roger Bastide na obra *Relações Raciais entre brancos e negros em São Paulo (1955)* interrogam a função – o papel - do preconceito na sociedade brasileira antes e após a abolição e concluem que “o preconceito é um esforço deliberado das oligarquias’ dominantes de ‘manter os privilégios raciais vigentes na sociedade escravista onde posições sociais eram herdadas’ tendo como ‘base o pertencimento racial’” (Bastide; Fernandes, 1971; Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.99). Desta maneira, ainda que a ordem escravista tenha sido juridicamente extinta, a tentativa de dar continuidade - em termos de prestígio e privilégios – aos valores anteriormente vigentes na nova estrutura de classes urbana e assalariada que se estabelecia; a classe dominante - também herdeira do modelo estamental anterior - possibilitou que o preconceito racial se tornasse uma transposição desses valores no imaginário social brasileiro. Florestan Fernandes equacionou em sua análise -

²⁶ Aqui John Norvell (2001) sugere que o *status* de classe, o privilégio simbólico da *brancura* e o privilégio econômico das camadas médias brasileiras, provocam constrangimentos e incômodos em relação ao contexto racial desigual e opressivo da sociedade brasileira vivenciado pela maioria dos mais pobres porque aponta a cor branca (no sentido da branquidade) como a responsável pelo contexto opressor (Ver: NORVELL, 2001, pp. 245-267. A *brancura* desconfortável das camadas brasileiras. In: Rezende, Cláudia Barcellos; Maggie, Yvonne. *Raça como retórica: a construção da diferença*). Este constrangimento talvez venha de uma identificação com os pressupostos da branquidade. Sobre a branquidade, o capítulo 2 e o capítulo analítico percorrerá detalhadamente sobre este conceito.

simultaneamente - raça e classe e trouxe importantes contribuições aos estudos sobre as relações raciais no Brasil.

Os estudos de Fernandes e Bastide incorporados ao relatório final²⁷ da equipe de São Paulo do Projeto UNESCO²⁸ mostraram como o preconceito existente contra os *negros* era produto de uma complexa e engendradora combinação de distintos fatores: relações sociais e estigmas originários na escravidão, simetria entre posição de classe e pertencimento racial, marcas fenotípicas que diferenciavam *negros* e *brancos* e a vinculação da população ao ideal de embranquecimento como estratégia de ascensão social. Neste sentido, é importante considerar que referente à identidade racial de grupos e indivíduos, o branqueamento de negros foi um tema bastante explorado que adentrou muitas outras temáticas, especialmente aquelas que tratavam do lugar ocupado pelo negro na economia pós-abolicionista. Os estudos sobre branqueamento enfocavam as estratégias psicossociais desenvolvidas por grupos ou parcelas da população negra brasileira que objetivavam adequarem-se as demandas em prática desde meados do século XIX. Ou seja, estes estudos pressupunham uma adequação do *negro* a uma sociedade branca e embranquecedora ao supor que para atender as demandas racistas direcionadas ao embranquecimento da população brasileira, a parcela negra tenderia a desenvolver a negação de sua racialidade e promover formas de embranquecimento, tanto na busca de parceiros para a miscigenação quanto no desejo de ascendência social através da suposta “melhoria do sangue” ou “apuração da raça”, estabelecendo-se parâmetros de valoração entre elas (Carone; Bento, 2002). Isto também se refletia – como evidência a ideologia do branqueamento - no comportamento discreto e distanciado de *negros* em relação a sua comunidade de origem ao visar assemelhar-se ao *branco*. Os estudos de Costa Pinto, por exemplo, seguem esta vertente de análise ao abordar a classe média negra como alienada de sua condição de classe por esta não ser condizente com uma posição historicamente vivenciada pela grande maioria dos seus semelhantes. O impasse nas conclusões de Costa Pinto estava localizado exatamente no fato de que as massas negras

²⁷ Este relatório incorporado é referente ao estudo que Roger Bastide e Florestan Fernandes realizavam na cidade de Itapetininga (SP) onde eram observadas as relações entre negros e brancos da cidade.

²⁸ O Projeto UNESCO ou Ciclo de Estudos UNESCO (1953-1956), como veio a ser conhecido, constituiu-se em uma série de pesquisas que foram realizadas no decorrer dos anos 1950 com o objetivo de estudar a experiência brasileira – bem sucedida segundo a perspectiva freyreana - de relações raciais e exportá-la a outros espaços raciais pelo mundo. Realizaram-se investigações em diversos locais do Brasil entre elas estavam os estudos sobre *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*(1955) de Bastide e Fernandes; *Preconceito de marca*(1955) de Oracy Nogueira e *O negro no Rio de Janeiro* (1953) de Luiz Aguiar de Costa Pinto (Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.96).

se identificavam política e socialmente - em grande medida - com a questão da classe do que com a questão da raça (Paixão, 2003; Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.96-97). Assim, o branqueamento, como resultado de teorias e práticas racistas, interfere e interferiu em quase toda a produção sobre identidade racial, excetuando-se os estudos mais recentes, que evidenciam uma consciência racial precoce e conflituosa, mas nunca negada, entre indivíduos *negros* entrevistados (Souza, 1983).

2.3. Relações raciais e raça no contexto do racismo brasileiro

A prática do racismo tem se apresentado como efetiva na relação entre os indivíduos em nuances particularmente distintas no contexto da modernidade. É desta maneira que o “preconceito de ter preconceito” faz emergir o aspecto do “racismo à brasileira” que é diferenciado de outros devido ao seu contorno *trickster* (malandro), ou seja: difícil de ser visto (apontado) e desprovido de agentes. O racismo à brasileira, como os demais racismos que se desenvolveram em outros países, tem a história diferente da dos outros e por isso tem suas peculiaridades²⁹. Entre elas, podemos enfatizar o significado e a importância atribuídos a miscigenação ou mestiçagem no debate ideológico-político que balizou o processo de construção da identidade nacional e das identidades particulares (Tadei, 2002; Freyre, 1950; Leite, 1983; Schwarcz, 1998) forjadas a partir da contextualização histórica do Brasil como nação. Na Psicologia Social, tem-se na virada do século XIX e no início do século XX – como mencionado anteriormente, alguns pensadores que demonstram isso: Nina Rodrigues e Arthur

²⁹ O *racismo cordial* (1998), ou racismo à brasileira, escrito por Cleusa Turra, discorre sobre o preconceito de cor no Brasil demarcado por uma cortesia superficial que encobre atitudes e comportamentos discriminatórios que surgem nas relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras racistas. O livro destaca a existência do racismo, porém, aponta a ausência de agentes. Neste sentido, as várias formas de racismo necessitam ser compreendidas dentro de sua peculiaridade de estruturação e funcionamento. Comparações descontextualizadas e baseadas em juízos de valor não auxiliam no avanço da compreensão da especificidade e do combate de cada um. Como exemplos, tem-se o Apartheid sul-africano, o sistema segregacionista norte-americano Jim Crow e o racismo cordial brasileiro: todos são experiências localizadas no tempo que têm pontos de contato, mas não podem pertencer a uma lógica valorativa (Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c).

Ramos³⁰, são exemplos. No interior deste debate de idéias, a miscigenação - um fenômeno biológico - recebeu uma missão política de grande importância: dela dependeria o processo de homogeneização biológica da qual seria sustentada a construção da identidade nacional brasileira. Neste contexto foi cunhada a ideologia do branqueamento: peça fundamental que interroga a ideologia racial brasileira. Foi a partir dela que se enraizou a crença de que, graças ao intensivo processo de miscigenação, nasceria uma nova raça: a brasileira, que seria mais clara, mais “arianizada”, mais branca fenotipicamente, embora mestiça genotipicamente. Apta aos contornos desejáveis de uma nação rumo ao desenvolvimento sócio-político e econômico. O dispositivo da mestiçagem³¹ na sociedade pós-abolicionista seria o recurso que eficientemente acionaria e possibilitaria a proximidade com o modelo - o padrão - europeu. Mais uma vez é acionado o recurso onde desapareceriam índios, negros e os próprios mestiços, cuja presença prejudicaria o destino do Brasil como povo e nação (Freyre, 1968; Leite, 1983).

Assim como concerne a todas as ideologias, o branqueamento também carecia de ser reproduzido através dos mecanismos da socialização e da educação. Através desse mecanismo ideológico a maioria da população brasileira, *negra e branca*, absorveu o ideal do embranquecimento que, supostamente, não apenas interfere no processo de construção da identidade do *ser* negro individual e coletivo, mas também, do *ser* branco ao interferir na formação da auto-estima - sub ou supervalorizada, respectivamente - da população *negra e branca*. Mas, como seria possível pensar ou refletir minimamente acerca das evidências que informam, sinalizam ou interrogam “objetiva” e socialmente as formas nas quais se operam a construção ideológica da prática racista?

Antônio Sérgio Guimarães em *Racismo e anti-racismo no Brasil* demonstra que “cor” funciona como uma imagem figurada de “raça” (Guimarães, 1999, pp.42-47)

³⁰ Arthur Ramos assim como Nina Rodrigues era médico. Suas referências foram pautadas nos trabalhos de Nina Rodrigues. Ramos desenvolveu uma perspectiva teórica de discussão em torno de um inconsciente primitivo do brasileiro e foi um dos grandes adversários da doutrina da superioridade racial dos brancos, mas não conseguiu visualizar nas populações não-brancas uma perspectiva não primitiva de sobrevivência. Neste sentido, o processo de hierarquização dos povos foi transportado para a responsabilização da cultura. Foi observador e intérprete psicanalítico das religiões africanas e dos mitos (Leite, 1983, pp.237-238).

³¹ Idéia desenvolvida por Emanuel Mariano Tadei em texto publicado em 2002. In: *A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional*.

ao refletir que só é possível pensar, entender e agir em termos de cor se houver uma vinculação a um contexto mais amplo em que há uma ideologia racial vigente. Neste sentido, o sangue negro no Brasil não é fator decisório que estigmatiza e tampouco identifica alguém racialmente. Em alusão a este contexto amplo de ideologia racial vigente, o texto de Dante Moreira Leite (1983), ao localizar as bases da identidade nacional do país, descreve o percurso genealógico do caráter do pensamento culturalmente imbricado desta ideologia racial que perdura. Isso leva a concluir que, não há indicadores espontaneamente visíveis na cor da pele, no formato do nariz, na espessura dos lábios ou dos cabelos – sinaliza Antonio Sérgio Guimarães: estes traços apenas adquirem significados no interior de uma ideologia pré-existente. Ou seja, “de uma ideologia que cria os fatos e os relaciona a outros”.

Peter Fry em *A persistência da raça* (2005 *apud* Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.106; Fry, 2005; Schwarcz, 2006 *apud* Fry, 2005) informa que há três tipos de classificação racial vigentes no Brasil:

[...] a) a do IBGE, que utiliza as categorias preto, pardo, branco, amarelo e indígena; b) a dos movimentos sociais negros, que funciona numa perspectiva bipolar branco/negro; c) a perspectiva popular – bastante flexível/criativa – reelabora e cria incontáveis categorias, de acordo com o contexto vigente [...]

Para Fry (2005, pp.33) o mito – em menção a idéia de democracia racial bastante combatida (o autor tenta reinterpretá-la positivamente) – a partir de uma abordagem antropológica estruturalista é uma espécie de *ethos* compartilhado nas relações. Dessa perspectiva, a democracia racial seria entendida como igualdade e convivência pacífica entre os grupos raciais, ou seja, um elemento estruturador das relações sociais e um ideal a ser alcançado pelos brasileiros.

De outro modo, Guimarães (2002) no livro *Classes, raças e democracia* afirma que a democracia racial precisa ser entendida a partir das mudanças que o conceito sofre em decorrência das fases de sua elaboração, apropriação e (re)elaboração pelos indivíduos de acordo com a contextualização histórica. O autor identifica três

momentos da democracia racial: o ideal, o pacto e o mito³². Neste trabalho Guimarães articula a trajetória dos movimentos negros brasileiros contemporâneos aos seus contatos com o Estado, a dinâmica interna de funcionamento e a influência do contexto externo ao país. Da pauta baseada na idéia de integração nos anos 1930 ao final dos anos 1970 - com a bem configurada política de identidade; os ativistas do movimento negro acionaram um mecanismo baseado na noção de raça para fundamentar o seu “protesto negro” e criar dispositivos de solidariedade e identidade de grupo³³. A Frente Negra Brasileira (FNB) - “uma organização étnica” (Guimarães, 2002, pp.87) sedimentada a partir do cultivo de valores culturais específicos – posteriormente transformada em uma organização política até a sua extinção no Estado Novo, fundia-se em um protesto negro contra a Primeira República onde (material e culturalmente) as populações negras e mestiças haviam sido alocadas em condições marginais. Mas é durante o período de redemocratização de 1945 de recusa ao liberalismo econômico e ao imperialismo cultural europeu e norte-americano que o movimento negro ampliou e amadureceu intelectualmente as discussões que localizavam na sociedade brasileira a complexificação da discriminação e do preconceito para além da persistência da marginalização material das populações negras. Neste sentido, o Teatro Experimental do Negro (TEN) constituiu-se em um importante dispositivo de difusão do movimento negro em vários aspectos (Romão, 2005, pp.117-137).

Fundado em 1944 por Abdias do Nascimento, o TEN constituiu-se como uma fusão de companhia de teatro, organização recreativa, política e cultural. Através dele foram montadas e interpretadas peças que retratavam temáticas negras³⁴. Também

³² Para o autor o ideal constitui o primeiro momento de elaboração do conceito onde os pesquisadores buscam inspiração a partir do imaginário vigente do século XIX que retrata um Brasil como um exemplo de paraíso racial possibilitador da construção do ideal de democracia racial. O segundo momento, o pacto, se estabelece quando a noção de democracia racial serve como alicerce para a coalizão de grupos políticos, sociais e raciais distintos que visam a implementação da democracia racial, de fato. A última fase, correspondente ao mito que refere-se ao momento em que essa aliança entre os grupos é quebrada e a idéia de democracia racial é entendida como falácia. Os três momentos estão vinculados a fases específicas da história do país: o Estado Novo, o período nacionalista da República Populista entre 1945-1964 e o golpe militar e ascensão da ditadura em 1964, respectivamente (Guimarães, 2002).

³³ No caso do movimento negro, a movimentação política e artística ocorridas em países como França e Estados Unidos contribuíram para um releitura da noção de raça e uma nova relação com elementos culturais e religiosos de matriz africana. O exemplo de expoente de transição do ativismo negro no Brasil pode ser identificado através do Teatro Experimental do Negro (TEN).

³⁴ As peças teatrais *Imperador Jones* (1920) do dramaturgo norte-americano Eugene O’Neill (1888-1953) e *Vestido de Noiva* (1943) escrita por Nelson Rodrigues (1920-1980) são exemplos de peças que foram montadas e interpretadas pelo TEN.

promovia eventos culturais (concursos de beleza e exposições), de assistência (cursos de alfabetização) e políticos como o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, em 1950. As iniciativas do TEN promoviam uma postura do movimento negro que exalava o orgulho racial incorporado e demarcado pelos elementos (marcadores) culturais de origem negro-africana representados pela religiosidade do candomblé, a musicalidade do samba, os penteados afro e a expressão corporal presentes na capoeira, por exemplo. Esses movimentos reelaboraram a estética negra e dessa forma a noção de raça e pertencimento identitário que passaram a ser pensados em contextos sob a perspectiva da diáspora africana (Guimarães, 2002, pp.79-108).

A um só tempo o TEN alfabetizava seus primeiros participantes, recrutados entre operários, empregados domésticos, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos – e oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilitava também a ver, enxergar o espaço que ocupava o grupo afro-brasileiro no contexto nacional. Inauguramos a fase prática, oposta ao sentido acadêmico e descritivo dos referidos e equivocados estudos. Não interessava ao TEN aumentar o número de monografias e outros escritos, nem deduzir teorias, mas a transformação qualitativa da interação social entre brancos e negros. Verificamos que nenhuma outra situação jamais precisara tanto quanto a nossa do distanciamento de Bertolt Brecht. Uma teia de imposturas, sedimentada pela tradição, se impunha entre o observador e a realidade, deformando-a. Urgia destruí-la. Do contrário, não conseguiríamos descomprometer a abordagem da questão, livrá-la dos despistamentos, do paternalismo, dos interesses criados, do dogmatismo, da pieguice, da má-fé, da obtusidade, da boa-fé, dos estereótipos vários. Tocar tudo como se fosse pela primeira vez, eis uma imposição irredutível. (Nascimento, 2004, pp.211)

O grau de interferência, eficácia e amplitude do raio de ação atingido pelo Movimento Negro através da representação do TEN permite inferir-se sobre os resultados obtidos da atualidade. As políticas de ação afirmativa é um exemplo efetivo destes desdobramentos.

Após o período de ditadura o protesto negro reinscreveu-se novamente em importância através do Movimento Negro Unificado (MNU) que se posiciona 1) política e ideologicamente a partir de um “radicalismo radical”(Guimarães, 2002, pp.90) encabeçada pela “crítica de Florestan Fernandes à ordem racial de origem escravocrata”

transformada em “democracia racial” pela burguesia brasileira; 2) a partir das experiências dos “movimentos negros norte-americanos pelos direitos civis e o desenvolvimento do nacionalismo negro nos Estados Unidos”; 3) a partir da “luta de libertação dos povos da África meridional (Moçambique, Angola, Rodésia, África do Sul)”. Somados a estes ainda tem-se o movimento das mulheres – além fronteiras do Brasil – possibilitador da militância de mulheres negras; o novo sindicalismo brasileiro com o apoio dos “chãos-de-fábrica”; e os novos movimentos sociais urbanos que acenderam as mobilizações durante todo período da década de 1980.

Carlos Hasenbalg no livro *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*, publicado em 1979 e reeditado em 2005, expõe os contornos do tratamento do problema racial brasileiro a partir de uma abordagem que evidenciava a estratificação racial e os mecanismos societários da contemporaneidade produtores das desigualdades raciais. Segundo o autor – que tenta deslocar a discussão do legado do escravismo – o racismo e a discriminação pós-abolição são os principais causadores da subordinação – condição inferiorizada na hierarquia social – dos negros brasileiros. Apesar de reconhecer a existência do legado escravista, Hasenbalg visualiza que a discriminação e o preconceito são ressignificados e adquirem novas funções nas estruturas pós-escravistas já que a discriminação e o preconceito funcionam como dispositivos de preservação de privilégios, de ganhos materiais e simbólicos que os *brancos* acionam a partir da desqualificação competitiva de não-brancos. Nesse sentido, a mobilidade do critério racial no que se refere à alocação de posições na estrutura de classes torna-se majoritariamente dependente de fatores políticos de mobilização entre os dominados e as divisões do grupo dominante do que de uma lógica intrínseca ao desenvolvimento da sociedade de classes. Ou seja, os acúmulos obtidos pela classe dominante sobre a classe dominada não se esmaecem quando são incluídos o viés “raça” nas análises. Ao contrário, revelam uma profunda crítica às teses que subordinavam a questão racial ao problema de classe. Hasenbalg explora os estudos sobre cor e os relaciona ao processo de realização socioeconômica da população. Sinaliza, por exemplo, que há maiores dificuldades para as famílias não-brancas de classe média em transmitir aos filhos as posições sociais conquistadas. Dessa maneira, o autor evidencia pela pesquisa sociológica e demográfica a relação de causa e efeito do racismo, da discriminação e das desigualdades raciais (Hasenbalg, 2005, pp.17-26).

2.4. O censo do IBGE: quando raça e classe interrogam as desigualdades

Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva desenvolvem um modelo teórico-metodológico que possibilitou - através dos indicadores sócio-econômicos - visualizarem-se o processo cumulativo de desvantagens que caracterizam a desigualdade racial no Brasil ao associar os mecanismos discriminatórios pelos quais passa a população “preta” e “parda” no decorrer de sua trajetória. Os autores relacionam os fatores produtivos (educação e experiência, por exemplo) aos fatores não-produtivos (o efeito determinante de cor, sexo e região do país) com o objetivo de: 1) monitorar as mudanças de ordem estrutural que auxiliam na compreensão do quadro das desigualdades e suas alterações e; 2) operacionalizar um conceito abstrato de interesse teórico (de uso acadêmico) e programático (de aplicação nas políticas públicas).

Em termos metodológicos é importante destacar que a respeito dos critérios de classificação de raça/cor, a maioria das informações estatísticas oficiais produzidas no Brasil são estruturadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE³⁵). Atualmente a pergunta aplicada no censo - “Qual é a sua raça ou cor?” - está condicionada às opções de respostas: “branco, preto, amarelo, pardo, indígena³⁶”.

A variável raça surgiu no primeiro recenseamento geral de 1872 (Tabela 3), considerado como o primeiro recenseamento moderno realizado no país e que tinha como marco a transição do modelo escravocrata para o modelo capitalista. O quesito raça na população brasileira era categorizado basicamente nas opções branco, preto,

³⁵ O IBGE, fundado em 1938, retoma em 1940 a adoção do quesito étnico-racial nos padrões censitários brasileiros. O quesito havia sido abandonado após o censo de 1890 tendo como justificativa a complexidade da questão mestiça e a infinidade de respostas que dificultavam a identificação da população (Paixão; Carvano, 2008, pp.38; Piza; Rosemberg, 2002, pp.91-120).

³⁶ É importante sinalizar que os grupos indígenas tem uma situação peculiar de sub-representação que está ligada a distintos fatores nos dados estatísticos. O seu registro como seguimento distinto dos demais grupos somente foi processado em 1872 e 1890 sob a nomenclatura de “caboclos” e nos censos seguintes em categorias residuais ou, então, somados aos “amarelos”. Em 1940, indígenas e caboclos fundiram-se na diversificada e complexa categoria “parda” que elencava também “mulatos”, “morenos” e diversos outros mestiços. A partir do censo de 1991 introduziu-se a categoria indígena como a representada nos moldes atuais. Dessa maneira, uma das possíveis explicações para os baixos índices percentuais dessa categoria na composição da população basea-se no fato de - nos levantamentos estatísticos oficiais - não serem realizados recenseamentos na área rural da região Norte do país - localização da grande maioria das sociedades indígenas. Grande parte do território indígena está demarcado ou encontra-se em processo de identificação pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Este enlace culmina em relações regulares com outras agências governamentais e instituições que são favorecedoras de outro tipo de identificação. De outro modo, é importante notar que a categoria “indígena” não contempla, por exemplo, os descendentes de indígenas que vivem nos centros urbanos e que são classificados como pardos.

pardo e caboclo. No recenseamento seguinte de 1890, já no contexto da República, a variável raça teve sua classificação alterada com a categoria Parda como substitutiva ao termo “mestiço”. Após este período o quesito étnico-racial só retornaria aos censos a partir de 1940 e sob a instituição do IBGE. Em 1960, o Instituto introduz um modelo de recenseamento eletronicamente processado. No período da ditadura – censo de 1970 – a variável raça torna a desaparecer do recenseamento brasileiro sendo reinserida no censo de 1980 utilizando-se os mesmos padrões da década de 1960: alternativas de respostas, auto-classificação da cor e presença do quesito em uma amostra de 25% do total de domicílios. A última alteração na variável cor nos censos ocorreu em 1991 através da inclusão da categoria indígena e a redução da amostra para 10% dos domicílios. A evolução das metodologias utilizadas no censo reflete os vários momentos políticos do contexto sócio-histórico brasileiro e suas demandas. O Quadro 1 a seguir ilustra o movimento de inscrição e variabilidade dos quesitos cor/raça ao longo da história da sociedade brasileira refletida nos censos:

Quadro 1
Descrição sintética da variável cor ou raça nos censos brasileiros – 1872 a 2000

Ano censitário	Variável étnico-racial presente? (sim ou não)	Variável indagada	Tipos classificatórios (na sequência dos questionários censitários)
1872	Sim	Raça	Branco, Pardo, Preto e Caboclo
1890	Sim	Raça	Branco, Preto, Caboclo e Mestiço
1900	Não	-	-
1920	Não	-	-
1940	Sim	Cor	Branco, Preto e Amarelo (Pardo para não resposta)
1950	Sim	Cor	Branco, Preto, Amarelo e Pardo
1960	Sim	Cor	Branco, Preto, Amarelo e Pardo
1970	Não	-	-
1980	Sim	Cor	Branco, Preto, Amarelo e Pardo
1991	Sim	Cor ou Raça	Branco, Preto, Amarelo, Pardo e Indígena
2000	Sim	Cor ou Raça	Branco, Preto, Amarelo, Pardo e Indígena

Adaptação de: Paixão, Carvano, 2008, pp.40

De outro modo, é importante considerar também que a leitura dos dados sobre cor/raça realizada pelo IBGE estabelece linhas comparativas de desempenho entre os grupos segundo classe, renda, escolaridade, saúde, entre outros, e permite observar-se a evolução da composição dos grupos. Os censos e pesquisas amostrais sobre a população vão além das expectativas iniciais que se atinham a computar o crescimento numérico da população. Eles têm sido utilizados nos últimos anos como prova empírica da existência das assimetrias raciais no Brasil. O censo tem possibilitado visualizar apropriações do “espaço social específico” do “mestiço” que nas distintas intensidades de marcas raciais [linhas de cor], em termos das produções das identidades e do modo como no “interior do sistema estatístico” são apresentadas as divergências nos aspectos socioeconômicos e as distintas respostas que tem sido emitidas e mensuradas” (Paixão; Carvano, 2008, pp.25-61).

Nos estudos que relatam as assimetrias raciais, a junção de pretos e pardos na categoria negra é justificada, geralmente, pelas condições sociais de ambos os grupos serem aproximadas, semelhantes entre si. Os indicadores sociais sugerem que os traços³⁷ raciais do pardo estão imersos em uma sociedade que as sub valoriza e isto se reflete no contexto social de oportunidades desiguais onde estes sujeitos estão imersos.

A Tabela 6 descreve a trajetória da composição dos grupos na última década:

³⁷ Uma reflexão sobre o histórico da sub valorização dos traços raciais dos pardos ou mestiços é mencionada em Holanda(1993, pp.24-25 *apud* Piza; Rosemberg, 2002, pp. 95) sobre a ordem régia de 1726 que vedava “ a qualquer mulato, até a quarta geração, o exercício de cargos municipais em Minas Gerais, tornando tal proibição extensiva aos brancos casados com mulher de cor”. De outro modo, em uma situação de denúncia, D. João V emite um parecer em 1731 sobre uma denúncia feita em Pernambuco contra o bacharel nomeado Antonio Ferreira Castro alegando que “o defeito de ser Pardo não obsta para este ministério e se repara muito que vós [denunciante], por este acidente, excluísse um bacharel formado provido por mim para introduzirdes e conservardes um homem que não é formado, o qual nunca o podia ser por Lei, havendo um bacharel formado”.

Tabela 6
População segundo cor ou raça, 1999, 2003 e 2008 – Brasil

		1999	2003	2008
Branços	N	86.530.093	91.368.729	91.371.111
	%	54,1	51,9	49,0
Pretos	N	8.636.372	10.416.715	12.832.127
	%	5,4	5,9	6,9
Pardos	N	63.739.637	73.062.739	80.635.288
	%	39,9	41,5	43,2
Amarelos	N	742.091	766.265	1.090.453
	%	0,5	0,4	0,6
Indígenas	N	261.130	332.485	521.881
	%	0,2	0,2	0,3
Total	N	159.909.323	175.946.933	175.946.933
	%	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD/IBGE (*apud* Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.132)

É interessante observar-se (TAB.6) que enquanto houve um decréscimo daqueles indivíduos que se auto-declaravam *brancos* para o IBGE, para todas as outras categorias (pretos, pardos, amarelos e indígenas) o efeito de aumento nas auto-declarações apontavam novos contornos para o perfil político e social brasileiro. O período descrito coincide exatamente como o momento de ascensão e efervescência das discussões sobre a necessidade e a implantação de ações afirmativas como medidas reparatórias ao contexto de desigualdades seculares. Outras questões foram construídas durante o percurso final da década de 1990 e início da primeira década dos anos 2000 pelos movimentos sociais onde a categoria parda foi agregada politicamente como pertencente ao grupo populacional negro. Esta fusão envolve não apenas uma política de aquisição de bens simbólicos, mas também materiais.

Ao retomar a questão de classe, esta - quando abordada em confronto aos estudos das relações raciais - resulta em enfatizar a não redução do significado convencional de grupos limitados por fatores econômicos, como renda e ocupação, por exemplo. Ou seja, neste sentido é preciso englobar uma análise geral da estrutura social. Se por um lado o viés econômico pode ser interpretado como o dispositivo diferenciado para a aquisição de recompensas ou facilidades no plano individual; a repetição, a recorrência de atributos semelhantes em certos grupos ou setores da população não leva a uma análise finita, satisfatória que embase e explique a formação destes padrões de recorrência, mas – de outro modo - acusa em mesmo nível (o econômico) que na

estrutura de exploração subjacente; outros fatores – aqueles que não foram esgotados na análise - são desprezados. Segundo Hasenbalg (2005, pp. 99) “a riqueza operacionalizada como renda, ocupações escalonadas a partir de prestígio, educação, raça, padrões residenciais [...]” faz com que a estrutura de classe mostre-se descolada, “até mesmo divorciada de fenômenos de ideologia e ação coletiva”. Entretanto, ao acionar a operação de transposição dos problemas de classe em problemas de estratificação permite-se revelar os princípios implícitos do tratamento usual da desigualdade quando ela se apresenta em interpelação a questão racial. Aqui se observa uma constatação importante realizada por Hasenbalg (2005, pp.100):

O uso da possibilidade da realização como critério relativo do grau de igualdade acentua a eliminação da adscrição e do privilégio e do privilégio herdado, mas permite também que outras formas de igualdade sejam justificadas em termos de realização diferencial. Aqui o princípio da igualdade de oportunidades aponta uma saída para o dilema colocado pela escolha entre igualdade e realização. Enfatizar a igualdade de oportunidades implica um modelo normativo e uma noção de justiça social particulares [...]

Neste sentido, o mérito novamente se inscreve como um dispositivo que sustenta o sistema de classes, afasta a crítica sobre a produção de desigualdades de recompensas já que estas estão associadas a posições distintas que os processos de recrutamento - de seleção – inerentes a posições de classes silenciam no plano individual e no plano das relações. O que o mérito suscita é o combate às restrições de oportunidade para pessoas talentosas oriundas das classes – ou melhor - do estrato³⁸ inferior para assim promover uma melhoria no destino pessoal destes indivíduos. Deste

³⁸ Um resultado entre as duas ordens de problemas – estrutura de classes e estratificação social – reside no fato de os analistas da estratificação social, ao enfatizarem a mobilidade social têm, com frequência, previsto a dissolução das fronteiras de classe e o desaparecimento da luta de classes nas sociedades industriais adiantadas. Ao mesmo tempo, os autores marxistas têm se recusado a encarar as questões levantadas pela estratificação e mobilidade social. Isso pode acontecer porque a representação do sistema de estratificação na consciência social esvaziaria o conflito de classes; porque a mobilidade social está positivamente relacionada à persistência da estrutura de classes; ou porque a ênfase na mobilidade ascendente dentro da hierarquia da estratificação tende a preservar a estrutura básica da exploração (Hasenbalg, 2005, pp.102-103; Santos, José Alcides Figueiredo, 2002, pp.41-59).

ângulo, a justiça social não se reduz a igualdade de recompensas, mas na igualdade de oportunidades no jogo competitivo da disputa por postos de privilégio³⁹.

Hasenbalg (2005) sinaliza que classes ou situações de mercado comum são questões de ordem econômica; *status* e grupos de *status* são formas nas quais a honra social é distribuída, exteriorizada em uma comunidade: a estas pertencem à ordem social⁴⁰.

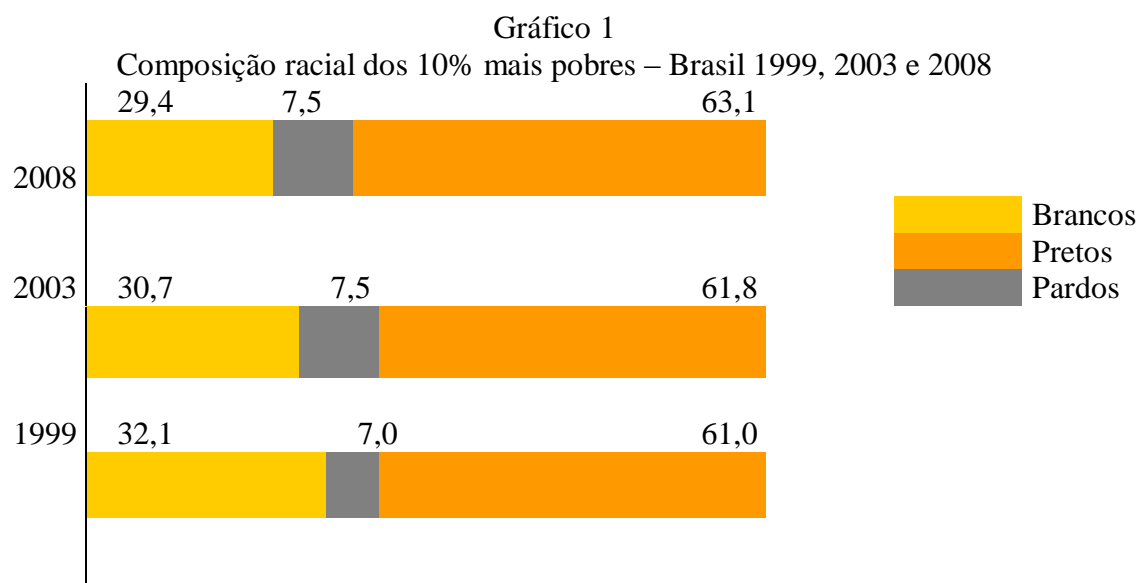
A honra social ou o prestígio, isto é, a representação de hierarquias sociais no nível da consciência social pode ser uma dimensão importante da estrutura social em termos da estruturação do conflito e do consenso social.[...] Assim, a questão não é tanto de enumeração das situações sob as quais a usurpação de honra social dá lugar (ou não) a monopólios econômicos e vice-versa, mas a do tipo de relação que prevalece entre o sistema de avaliação e ações simbólicas e o sistema de posições na produção e distribuição (Hasenbalg, 2005, pp.108).

Hasenbalg conclui que a introdução das “possibilidades econômicas e sociais” são o vetor de “transformação simbólica de diferenças econômicas e sociais” já que o “jogo de coerções” acontece entre “privilegiados das sociedades privilegiadas” – os *brancos* - que detém os instrumentos para “dissimular as oposições de fato, isto é, de força, em oposições de sentido”. Os indicadores têm apontado para as persistentes disparidades entre negros (pretos e pardos) e brancos no Brasil: maior presença de pessoas brancas nas situações de maior prestígio social (melhores empregos, universidades, aparição na mídia, etc) e maior presença de afro descendentes nas situações de vida mais precárias, instáveis e violentas. Desta maneira, pode-se inferir que a distribuição da renda familiar per capita tem peso na configuração das

³⁹Este estudo não aprofundará a análise na perspectiva das relações entre estrutura de classes e estratificação social. Em síntese, “tem sido sugerido que os processos de estratificação e mobilidade social definem um campo mais relevante de atenção sociológica quando a questão das relações entre o sistema de classes e a estratificação social é colocada. Geralmente, o modo de distribuição tem lugar dentro de um arranjo existente de relações de produção. Tais relações presumem uma dada capacidade produtiva ou de desenvolvimento de forças produtivas. O processo de obtenção individual ou mobilidade social ocorre dentro dos limites da desigualdade distributiva” (Hasenbalg, 2005, pp.103-104).

⁴⁰ Hasenbalg (2005, pp.108) reflete sobre as observações de Weber ao informar que as “classes são distinguidas pelas suas relações com a produção e a aquisição de bens; os grupos de status pelos princípios de consumo tal como expressos em estilos de vida específicos. Então, ‘isso significa que as diferenças propriamente econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas na maneira de usar esses bens no consumo e ainda mais no consumo simbólico (ou ostentatório) que transmuta os bens em signos, as diferenças de fato em distinções significantes ou, para falar como os lingüistas, em ‘valores’, privilegiando a maneira, a forma da ação ou do objeto em detrimento de sua função.’”

desigualdades raciais ainda que outras características familiares (aumento dos anos de estudo, por exemplo) tenham sido alteradas. Estas características apresentam-se semelhantes entre os grupos de cor. A seguir, os Gráfico 1 e Gráfico 2 ilustram as considerações anteriores:

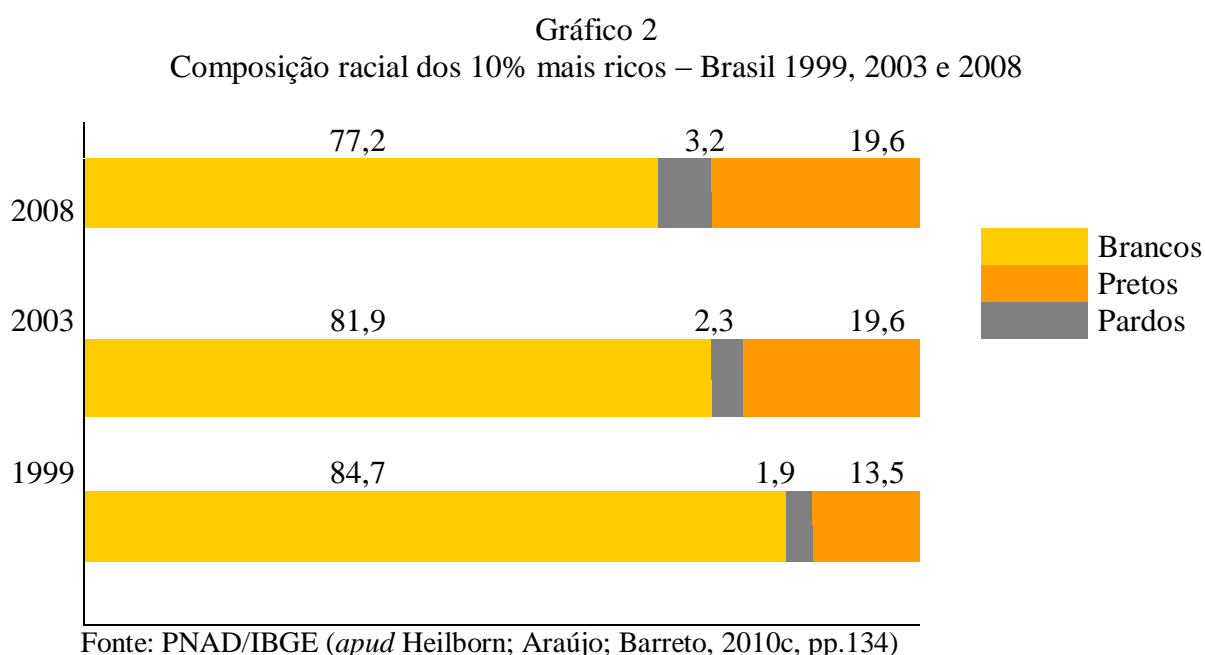


Fonte: PNAD/IBGE (*apud* Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.134)

De acordo com o Gráfico 1, o percentual da população de pretos classificada entre os mais pobres do país representa o dobro do percentual dos pobres da população branca e o sétuplo (sete vezes mais) do percentual em relação à população parda. Ao relacionar estes dados numéricos aos contidos na Tabela 6, verifica-se que em relação ao percentual do montante populacional – desagregado em categorias pelo censo – o número percentual de pretos ao longo dos dez anos analisados ainda supera a somatória percentual de brancos e de pardos pobres em 1/3 (um terço). Ou seja, para os 39% (soma aproximada) de pardos e brancos mais pobres há 61% de pretos pobres ou cerca de 22% a mais de pretos entre os sujeitos mais pobres do país: um quadro da representatividade das proporcionalidades dos segmentos populacionais. Este é um aspecto importante em nível de representação dos segmentos populacionais. Mas observe o que acontece quando se verificam os dados brutos ou o montante numérico da população desagregada. É importante notar que para os noventa e um milhões de *brancos* a situação econômico-social alcançou melhorias ao longo da década

apresentando uma pequena queda no percentual dentre os mais pobres. Para os oitenta milhões de pardos a pobreza extrema esteve numericamente estabilizada, menos eminente e significativa do que para os doze milhões de pretos brasileiros. Observe por quê. Se entre os noventa e um milhões de brasileiros brancos, dentre os que encontram-se entre os 10% mais pobres, 29% ou seja, cerca de 26.390.000 são de pessoas declaradas brancas. Entre os oitenta milhões de pardos - 7,5% ou cerca de 6.000.000 são de pessoas declaradas pardas; entre os doze milhões de pretos, 63% ou 7.560.000 são de pessoas declaradas pretas, ou seja, mais da metade da população de pretos localiza-se ainda na extrema pobreza.

Observe atentamente o Gráfico 2, a seguir.



Agora será realizado o exercício inverso, ou seja, como estão alocados os 10% mais ricos do país. Se em 2008 entre os 12 milhões de pretos cerca de 19% ou cerca de 2.280.000 de pessoas declaradas pretas estão entre os mais ricos. Entre os oitenta milhões de pardos cerca de 3,2% ou cerca de 2.560.000 de pessoas declaradas pardas estão entre os mais ricos. Dentre os noventa e um milhões de brancos cerca de 77,2% ou cerca de 70.070.000 pessoas declaradas brancas estão entre os mais ricos. A partir dessas análises pode-se inferir que a grande maioria da população preta localiza-

se em situação de pobreza extrema enquanto a maioria absoluta da população branca pertence às classes altas. Já a grande parcela da população parda pertence à classe média⁴¹ brasileira, na especificidade interior às suas complexas subdivisões. É importante frisar que o pardo é também aquele sujeito que transita livremente entre as categorias *branco* e *negro* do imaginário social brasileiro. Tanto no Gráfico 1 quanto no Gráfico 2 a categoria *branco* foi a única que sofreu redução nos seus percentuais em comparação aos três anos analisados. Para os pardos foram estabilizados os níveis de pobreza em relação aos anos de 2003 e 2008, enquanto que para os pretos a pobreza ainda teve um relativo crescimento nestes anos (Gráfico 1). De outro modo, a concentração de riqueza para os pretos estabilizou-se nos anos de 2003 e 2008, enquanto que para os pardos houve um relativo crescimento nestes anos (Gráfico 2).

A atribuição de cor no Brasil é um exercício que mescla a combinação da multiplicidade dos traços físicos como cor e textura da pele, formato do nariz, olho, boca, corpo, tipo e cor do cabelo, da posição social comparativamente atribuída ao contexto populacional majoritário e com atenção às variações regionais (Paixão, Carvano, 2008, pp.25-61; Piza; Rosemberg, 2002, pp.104). A percepção que referencia um branco nas regiões Norte e Nordeste do país não é a mesma e, portanto nem sempre é equivalente a percepção sobre os indivíduos nas regiões Sul e Sudeste. Por exemplo, um branco nos Estados de Pernambuco e Bahia poderá ser percebido como um pardo em São Paulo ou na cidade de Curitiba. Não é possível desconsiderar-e o caráter ambíguo destas atribuições, o resultado e as causas dessas ambigüidades para o cotidiano social. De fato, toda categoria étnico-racial em qualquer lugar do mundo é definida socialmente: ela é uma indelével, uma indissipável marca subjetiva. Neste sentido, os sujeitos desta pesquisa – os pardos - têm bastante a dizer a respeito. Por exemplo, o branqueamento que também é social possui um viés enraizado na noção de classe. Por quê? Dentro do processo de mobilidade social ascendente, o branqueamento ideológico – um dispositivo individual e coletivo de subordinação dos sujeitos - tenderia a informar que nas classes mais altas a auto-classificação dos indivíduos pende para o branco. De maneira inversa, nas classes mais baixas a tendência auto-classificatória

⁴¹ Note que a classe média brasileira ou, *a nova classe média brasileira* forjada no contexto do governo Lula apresenta características bem distintas da classe média anterior. Esta *nova classe média* é fragmentada, estratificada e heterogênea. Sobre este aspecto, o período abordado pelos Gráfico 1 e Gráfico 2 demarca exatamente a entrada na universidade de elementos dessa *nova classe média* cujo acesso aos bens e a diversidade de interesses econômicos, políticos e culturais é também efeito das ações e das políticas estabelecidas pelo governo.

penderia para o negro (preto ou pardo). Essa observação poderia sugerir que em uma sociedade onde as raças são definidas socialmente, as desigualdades raciais em sua base poderiam estar expressando **apenas** desigualdades sociais, como afirmam Wagley (1952) e Schwarcz (1999) citados por Paixão e Carvano (2008, pp.51). Este é um ponto importante e de onde comumente incorre-se em interpretações equivocadas sobre a questão racial brasileira porque parte-se do estágio limite de alcance das metodologias quantitativas na mensuração da realidade social. A identificação do marcador racial só pode ser capturada – ainda que momentaneamente e sujeita a restrições – pela percepção dos sentidos emitidos pelo sujeito no trânsito das relações sociais. Neste aspecto, são as metodologias de base qualitativa que apresentam maiores possibilidades de esboçar-se e evidenciar-se os contornos subjetivos da vida social que atuam sobre a ação do indivíduo. O capítulo seguinte adentrará nos detalhes da construção desta subjetividade.

3. CAPÍTULO II - A NOÇÃO DE PARDO: DISCURSO, SUJEITO, PODER E MEMÓRIA

3.1. Negritude, Branquidade e Colonialidade do poder

Dois processos históricos convergiram e associaram-se em um padrão de poder de alcance mundial a partir de diferenças entre conquistados e conquistadores: raça e classe. Dessa forma, “uma suposta” distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros⁴²” foi a “idéia assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional das relações de dominação que a conquista exigia” (Quijano, 2005, pp.1). Este sistema de valores é nomeado neste trabalho como branquidade⁴³. A branquidade é um mecanismo desenvolvido a partir da dominação européia ainda no período colonial situado como *locus* de privilégio, poder e ideologia. Como identidade racial, a branquidade é experienciada, reproduzida e tratada por homens e mulheres brancos que se identificam com suas pressuposições e valores (Giroux, 1999, pp.5). No caso brasileiro, o mito da democracia racial possibilitou a reelaboração do construto da branquidade em relação à negritude ao incorporá-la também a subjetividade dos não-brancos. Dessa maneira, brancos e não-brancos têm suas subjetividades operacionalizadas tanto pelos valores da branquidade quanto pelos valores da negritude. Retomemos a etimologia da constituição semântica da palavra para prosseguir as discussões.

O recurso semântico informa que identidade vem do latim medieval *identicus* cunhado no século XVII significando “o mesmo, a mesma coisa”. Neste

⁴² Ver: Poliakov, 1974. In: *O mito ariano*: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos; Leite, 1983. In: *O caráter nacional brasileiro*: história de uma ideologia; Nina Rodrigues, 1939. In: *As colectividades anormaes*.

⁴³ A discussão acerca desse assunto é ampliada através dos *Critical Whiteness Studies* (estudos críticos da branquidade). A investigação da branquidade nas suas diferentes manifestações pelo globo tem como premissa a crença no pensamento racial profundamente enraizado nas estruturas sociais, culturais e psicológicas que se constitui um dado fixo, indelével da vida na atualidade seja em qualquer espaço ocupado pelos indivíduos traduzindo-se na corporificação do privilégio racial supra-operante (Ware, 2004).

caso, a branquidade, ao ser criada a partir dos moldes da sociedade colonial, carrega em si o ranço de uma fixidez, de uma exterioridade essencializadora ao ser e - geralmente - não interpelada pelas relações sociais. Há uma convergência entre a significação (de ordem semântica) e o sentido (historicamente constituído) para a branquidade. Em via oposta, a negritude comporta-se como a reação, o movimento de revide à branquidade histórica e hegemonicamente constituída. Negritude, atitude. De acordo com o dicionário etimológico da língua portuguesa, atitude é o ‘porte, jeito, postura’, ‘comportamento, procedimento’ (século XVIII). Do Francês *attitude* derivado do italiano *attitudine* e, este, do latim vulgar *actitūdo* –inis, refeito pelo modelo, do latim *aptitūdo*.

Ambas as construções comportam-se como duas entidades, dois “espíritos”, dois espectros opostos cuja materialidade se constitui em um escopo de orientações que operam sobre e interferem na subjetividade do sujeito da modernidade; aquele sujeito cujo acúmulo histórico (o Sujeito do Conhecimento) é marcado pelas continuidades e descontinuidades⁴⁴ e são interrogadas na Idade da Interpretação conforme menciona Foucault (2007) em seus estudos⁴⁵.

Ao remontarmos à disposição da produção histórica da humanidade, verifica-se que – anterior a era colonial, anterior a história da América – não havia o sentido erigido de raça como o percebido na atualidade. A partir dessa idéia de raça – ressignificada nas relações sociais - foram fundadas novas identidades cujos descritores mesclavam-se à localização geográfica e à idéia de dominação que crescia atrelada ao capitalismo emergente.

A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: *índios, negros e mestiços*, e redefiniu outras. Assim, termos como *espanhol e português*, e mais tarde *européu*, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram

⁴⁴ A noção de descontinuidade segundo Foucault tem três funções: 1) constitui uma operação deliberada do historiador (que deve distinguir os níveis, os métodos adequados a cada uma, suas periodizações); 2) é o resultado da descrição; 3) trata-se de um conceito que está em constante ajuste porque toma novas formas e funções específicas de acordo com os níveis que lhes são designados (Castro, 2009, pp.103).

⁴⁵ Em *As palavras e as coisas* a auto-tematização do homem, como objeto e sujeito da ciência, no contexto da historicização da cultura ocidental permite a Foucault percorrer a arqueologia da *episteme* ocidental, desde a era medieval, para alcançar, no século XIX, as condições epistemológicas propícias para que o homem se torne objeto de estudos. Ele levanta três momentos fundamentais: a Idade da Similitude (Clássica), a Idade da Representação (Média), a Idade da Interpretação (Moderna).

também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, como constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população (Quijano, 2005, pp.2).

Tal marco histórico, ascendeu eficazmente às práticas antigas das idéias de superioridade e inferioridade entre os indivíduos agora classificados em dominantes e dominados. É preciso jogar luzes sobre a constatação de que não há momento anterior na história da humanidade que represente um conjunto de demarcações tão arbitrárias e com tamanho raio de alcance; dotado de tamanha efetividade ao longo do tempo e do espaço. Essas demarcações surtiram efeitos e atualizações tão complexas e duradouras que atingiram um legado perverso para as relações estabelecidas pelas gerações futuras em um domínio de atuação global.

A aparência, a corporeidade⁴⁶ dos povos dominados e dominantes somados ao choque cultural das diferenças articulou-se a uma bem intrincada razão entre inferioridade e superioridade enraizada no aprendizado social dos sujeitos. “Raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade⁴⁷” (Quijano, 2005, pp.2). É importante demarcar que a colonialidade do controle do

⁴⁶ Sobre o corpo: “Se se fizesse uma história do controle social do corpo, seria possível mostrar que, até o século XVIII inclusive, o corpo dos indivíduos é essencialmente a superfície de inscrição de suplícios e penas. O corpo estava feito para ser supliciado e castigado. Já nas instâncias de controle, que surgem a partir do século XIX, o corpo adquire uma significação totalmente diferente; não é mais o que deve ser supliciado, mas o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar”. (Foucault, 1994 [In: Ditos e escritos, v.2] *apud* Castro, 2009, pp.88).

⁴⁷ A privilegiada posição ganhada com a América pelo controle do ouro, da prata e de outras mercadorias produzidas por meio do trabalho gratuito de índios, negros e mestiços, e sua vantajosa localização na vertente do Atlântico por onde, necessariamente, tinha de ser realizado o tráfico dessas mercadorias para o mercado mundial, outorgou aos brancos uma vantagem decisiva para disputar o controle do comércio mundial. A progressiva monetarização do mercado mundial que os metais preciosos da América estimulavam e permitiam, bem como o controle de tão abundantes recursos, possibilitou aos brancos o controle da vasta rede pré-existente de intercâmbio que incluía sobretudo China, Índia, Ceilão, Egito, Síria, os futuros Orientes Médio e Extremo. Isso também permitiu-lhes concentrar o controle do capital comercial, do trabalho e dos recursos de produção no conjunto do mercado mundial. Tudo isso, foi, posteriormente, reforçado e consolidado através da expansão e da dominação colonial branca sobre as diversas populações mundiais (Quijano, 2005).

trabalho – agora articulado pelas relações do mundo capitalista – foi concentrado na Europa onde a distribuição geográfica de cada uma das formas integradas do capitalismo mundial ganhou contornos próprios.

O fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza, levou-os também a pensar-se como os *modernos* da humanidade e de sua história, isto é, *como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie*. Mas já que ao mesmo tempo atribuíam ao restante da espécie o pertencimento a uma categoria, por natureza, inferior e por isso anterior, isto é, o passado no processo da espécie, os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas. O notável disso não é que os europeus se imaginaram e pensaram a si mesmos e ao restante da espécie desse modo – isso não é um privilégio dos europeus – mas o fato de que foram capazes de difundir e de estabelecer essa perspectiva histórica como hegemônica dentro do novo universo intersubjetivo do padrão mundial do poder. (Quijano, 2005)

De acordo com Hage (*apud* Ware 2004, pp.140), a branquidade tem características transnacionais em comum quando é interpelada pela negritude em seus respectivos Estados nacionais. Sumarizando-as tem-se:

- a) Uma concepção de si mesmo como representando o nativo “médio”, “comum” ou da “corrente central” e, por conseguinte, um sentimento profundo da legitimidade nacional das próprias queixas;
- b) Uma percepção acentuada das “minorias” políticas e dos migrantes como uma ameaça ao bem-estar pessoal;
- c) Uma visão do “trabalho”, acoplada a branquidade, como uma forma importante de conquistar a inserção pessoal no país, e a percepção resultante dos beneficiários da assistência social, particularmente os não-brancos, como indivíduos sem merecimento, que se aproveitam fraudulentamente da generosidade da nação.

No caso brasileiro, o pesquisador Antonio Sérgio Alfredo Guimarães no livro *Racismo e anti-racismo no Brasil* auxilia na compreensão da força do cruzamento entre classe e raça ao afirmar que – a partir da leitura dos estudos de Marvin Harris e Conrad Kottak (1964, pp.61) – “um brasileiro não é meramente um ‘branco’ ou um ‘homem de cor’; ele é um branco rico e bem educado ou pobre e mal educado homem branco; um homem de cor rico e educado ou um pobre e mal educado homem de cor”. Ele ainda afirma que “o produto desta qualificação pela educação e pelos recursos financeiros determina a identidade de classe de alguém”. E continua: “É a classe e não a raça de uma pessoa que determina a adoção de atitudes subordinadas ou superordinadas entre indivíduos específicos, em relações face a face [...]”. E conclui: “A cor é um dos critérios da identidade de classe, mas não é o único critério”. Nesse sentido, a invisibilidade da raça é um fator que permeia as relações na sociedade da mestiçagem, em um nível de análise ainda superficial.

De acordo com Hage (*apud* Ware, 2004, pp. 153):

Analisar a construção social da branquidade não constitui, de modo algum, o ponto final de uma análise da identidade branca, pois o que a macroabordagem sociológica e histórica pode apontar como “construído” em todas as eras históricas é, quando muito, um ideal geral do que implica uma identidade específica. A microperspectiva do trabalho cotidiano de identificação que precisa ser desenvolvida é, precisamente, uma perspectiva das diferentes relações que as pessoas mantêm com esse ideal “construído”. No caso da branquidade, essa abordagem precisará elaborar as várias maneiras e os vários graus em que os sujeitos podem alcançar e imitar o ideal socialmente construído de branquidade que é específico de cada época.

A partir do século XV o comércio cresceu extraordinariamente, fruto, naturalmente, de modificações ocorridas no interior das sociedades feudais européias; isso favoreceu o aumento da população, o crescimento das cidades, o desenvolvimento das manufaturas, etc. É importante observar que o capitalismo mundial tal como hoje é concebido tornou-se realidade a partir deste contexto descrito. O seu desenvolvimento pode ser relatado em fases cujos aspectos podem ser sintetizados conforme as sinalizações a seguir.

- Na fase pré-inicial, recebeu o nome de pré-capitalismo, porque nesta fase as relações de produção ainda não eram totalmente assalariadas (séculos XII ao XV).
- O segundo momento, o capitalismo comercial, foi marcado pela fase em que começava-se existir as relações de trabalho e a produção assalariadas (séculos XV ao XVIII).
- O capitalismo industrial surgiu na Inglaterra com a Revolução Industrial. A acumulação de capital começou a se concentrar em grandes produções e o capital passou a dominar o processo de distribuição e consumo de mercadorias. O trabalho assalariado instalou-se definitivamente (séculos XVIII a XX).
- O capitalismo financeiro é a base do capitalismo em que se inscreve a grande concentração financeira. Grandes movimentos e sistemas bancários dominaram o mercado. É o sistema predominante nos dias atuais para os países que adotam o capitalismo como sistema econômico.
- Finalmente, o momento atual, a globalização é um dos processos de aprofundamento da integração econômica, social, cultural, política, com o barateamento dos meios de transporte e comunicação dos países do mundo no final do século XX e início do século XXI trazendo para a realidade uma noção de trânsito para além das culturas locais (Castells, 2007).

Um exemplo ilustrativo que demonstra os contornos fundantes que manifestam a presença da branquidade e sua localização histórico-conceitual – já em íntima relação com o capitalismo - é relatada por Jacobson (2004, pp.63-64) que cita a riqueza dos trabalhos de Theodore Allen (*A invenção da raça branca*) e David Roediger (*Os salários da branquidade*) onde são demonstradas a relatividade da raça (sua relação de confronto diante do diferente) ao documentar-se desde 1790 o modo como os irlandeses – conhecidos como o antigo povo celta – que foram sumariamente oprimidos no lado europeu do Atlântico tornaram-se “brancos” privilegiados no lado americano.

Desse modo, quais questões a noção de pardo fazem emergir para o

cotidiano das relações em sociedade? Como pensar as relações raciais no Brasil do século XXI, seu contexto racial e suas demandas diante do dispositivo da mestiçagem?

3.1.1. Pardo: a categoria de análise

Diz-se parte, aquele ou aquela de cor escura, entre o branco e preto; branco sujo, escurecido, de cor fosca e que pode variar do amarelo ao marrom escuro, uma sinonímia de mestiço e mulato (Instituto Antônio Houaiss, 2007, pp. 2133).

De acordo com o dicionário etimológico da língua portuguesa o termo *pardo* é definido como adjetivo e substantivo masculino ‘de cor entre o branco e o preto’, ‘mulato’, uma definição forjada e difundida no século XVIII. Originário do latim *pardus*, **pard** AC. ENTO, termo disseminado em 1881.

Este trabalho de pesquisa pretende abordar a complexidade da constituição da identidade racial do elemento pardo – o mestiço brasileiro - a partir da Teoria do Discurso de linha francesa inaugurada por Michel Pêcheux em fins da década de 1960. É a partir desta teoria que desenvolveu-se o trabalho analítico da noção de discurso a partir dos usos em situação (contexto) da linguagem. Michel Foucault tornou-se um dos filósofos mais proeminentes e notáveis da análise do discurso pelas suas contribuições ao campo; ainda que seu investimento inicial em interrogar, localizar e expor analiticamente as configurações de saber e poder de determinada época não tivesse como foco a análise do discurso e tampouco a construção de uma perspectiva teórica ou metodológica. Mas que contribuições a Teoria e a Análise do Discurso podem fomentar à este trabalho investigativo?

A Análise do Discurso foi concebida como uma ‘disciplina da interpretação’ que possibilita construir ‘procedimentos que expõe o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito’. A Análise do Discurso (AD) devido sua base epistemológica - a raiz marxista – nunca separou teoria e política. Na concepção de discurso está entranhada a idéia de política. Diferentemente de outras linhas teóricas – que também passaram a tratar de texto e de discurso a partir dos anos 1960 – para a AD derivada de Pêcheux não há como separar uma maneira de fazer teoria e sua correspondente maneira

de fazer política. Neste sentido, em analogia, as relações raciais são um campo dos estudos raciais que - assim como a AD construída por Pêcheux e influenciada por Foucault - também não separam o fazer teoria do fazer política. Se nos estudos raciais o contexto brasileiro, por exemplo, reflete as apropriações dos sujeitos ao longo do fazer de sua história nas apropriações, reelaborações e no ressignificar a própria experiência e a experiência do outro no cotidiano através dos discursos que circulam na sociedade; o analisar a totalidade e a riqueza dos “textos” e dos sentidos apresentados nos “textos”, dos sentidos subentendidos - aquilo que se quis dizer ou diz-se sem querer - Foucault conclui que tudo não é dito nunca. Esse sentido de raridade da dimensão discursiva visa à limitação, de modo que o enunciado aparece finito, limitado, desejável, útil. Neste sentido, a questão do poder que é por natureza um objeto de luta, de uma luta política é quem o enfatiza. Araújo (2004) afirma que só o sujeito qualificado - instrumentalizado - entra na ordem do discurso. Essa ordem exige do sujeito compreender e seguir um ritual, um comportamento, além da inserção, da participação de canais obrigatórios na difusão e conservação dos discursos.

Gilberto Freyre nas obras *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos* infere que o mestiço brasileiro - o pardo atual - é o elemento resultante das misturas étnicas que melhor agrega as possibilidades de uma convivência fraterna e emancipada em relação à desconstrução dos horrores do racismo. No seu texto, uma espécie de romance antropológico onde o mestiço brasileiro é descrito - em certos aspectos por lentes reducionistas e localizadas⁴⁸ - o antropólogo traz para os leitores de sua obra o desenho de uma saída original para os conflitos tributários da condição de opressão colonialista-escravagista recém vivenciada pela população brasileira. Ao longo da história estas noções foram incorporadas e atualizadas na identidade nacional do Brasil como povo e nação⁴⁹. Atualmente, mais de cem anos após a abolição da escravatura, as idéias advindas da interpretação da obra de Freyre em confronto com a realidade vivenciada pelos brasileiros desacredita no sonho de uma democracia racial. Neste

⁴⁸ Gilberto Freyre contextualiza a sua obra a partir da realidade latifundiária norte/nordestina local. O próprio Freyre era filho de fazendeiros baianos e por isso pôde vivenciar no cotidiano as trocas mediadas pelas relações étnico-raciais de seu tempo. Entretanto, quando esteve fora do Brasil - período em que desenvolvia suas pesquisas - pode observar com distinção o caráter objetivo e segregacionista do racismo norte-americano. Supõe-se que o próprio Freyre possa ter sido vítima desse racismo (In: *Gestão de políticas públicas: políticas públicas, raça e etnia*. Heilborn; Araújo; Barreto, 2010c, pp.79-83). A experiência do racismo norte-americano poderia tê-lo levado a uma leitura, uma interpretação específica sobre as relações entre as “raças” no Brasil.

⁴⁹ Ver: Leite, 1983. In: *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*.

sentido, o Movimento Negro em uma trajetória de avanços e recuos diante das conjunturas políticas vivenciadas pelo país empenhou-se ao longo da história para que o combate as desigualdades fosse efetivado, conforme descrito no capítulo 1.

Ao iniciar a empreitada desta pesquisa sobre qual seria o recorte étnico-racial abordado, uma das barreiras encontradas foi à localização da condição do pardo. Pardo?! Quem é o pardo? “É um padrão carente de definição”, sequer pode ser delimitado como um padrão em decorrência das variações de percepções e sentidos formulados para essa categoria no decorrer da história. Esta é uma constatação que na medida em que avança-se nas leituras teóricas torna-se fortalecida. É uma construção simbólica às vezes flexível demais, plástica demais, elástica demais que sempre pode dizer sobre uma infinidade de possibilidades e também negar a cada uma delas. **Debrucei-me** então, sobre a busca de noções que **me** aproximassem de uma forma ou um sentido objetivamente dado a uma possível definição do que pode vir a ser o pardo. Para a pesquisa – uma constatação - é necessário um ponto de partida

Ouvi de muitos interlocutores que o pardo seria uma categoria neutra por caber em si tantas inferências e significativas ausências. Mas neutra, de quê? E neutra em quê?

Ouvi também sobre o pardo numa condição de alienação quase subversiva ao jogo do contexto social no qual está inserido. **Apareceu-me** em tantas falas uma quase necessidade de traçar uma descrição essencialista de um sujeito-pardo quase ingênuo, meio “andrógeno” no campo da cena pública, na vivência política, na troca social e simbólica. O *locus* da ambiguidade. Será?

Este lugar deslocado da definição, por vezes caracterizado como a ausência de comprometimento, que permuta pela visão dúbia, ambígua, insubordinada ou pela possibilidade dela, **catapultou-me** sobre a perspectiva de análise na qual **me lanço** neste trabalho. Essa possibilidade apresentou-se também como exercício de um olhar de fora da **minha** “parditude”. Utilizo essa imagem na tentativa de fazê-la um dispositivo, um dialeto possível para expressar **minhas** considerações acerca do pardo, ansiando por localizar e talvez jogar luzes sobre as formas, as (ir)regularidades, a pendularidade do movimento de uma condição corpórea (re)significada numa sociedade da mestiçagem. Se a história da opressão e da violência ofertada à população africana em território brasileiro revelou-se como um ato institucionalizado de monstrosidade irascível; a mestiçagem idolatrada por Gilberto Freyre apresentou-se, em um primeiro momento

como fonte inesgotável para a cura da raiz de **nossas** mazelas sociais. Mas como foi dito, é apenas um primeiro momento. Em analogia: um jogador de baseball quando lança a bola para a sua meta tem a consciência do próprio controle sobre o movimento do corpo. Ali, estão em confluência seus músculos, sua emoção, sua racionalidade sobre aquela ação. Lançada a bola, esta ora ganha, ora perde velocidade; recebe interferências do ambiente ao seu entorno. O seu destino final não cabe mais ao lançador o controle. O caminho percorrido até o rebatedor trará toda a carga das influências recebidas por essa bola. Cabe, agora, ao rebatedor dar nova rota aquele lance. É sobre essa rota, essa identidade e essa não-identidade racial constituída e acoplada em imersão na gama de possibilidades da arena social, que se fixa a articulação do discurso e sua teoria - fonte de análise sobre o sujeito, o poder (em suas relações) com a memória.

3.1.1.1. Sujeito

A noção de sujeito tanto em Foucault quanto em Pêcheux trazem impasses que precisam ser considerados. Para Foucault há reciprocidade entre os mecanismos que submetem os sujeitos e as resistências quando estes se posicionam combativa ou não combativamente aos mecanismos disciplinares. Dessa maneira, como poderia-se pensar o assujeitamento e a História - na perspectiva das ideologias, na perspectiva dos micropoderes ou de ambas em complementaridade – se ao considerar-se um sujeito⁵⁰ como assujeitado retira-se então o caráter de imprevisibilidade, de plasticidade desde elemento [sujeito] diante da estrutura e, por conseguinte a constituição da História como a conhecemos, com as noções de *descontinuidade*? Foucault e Althusser⁵¹ em suas teses afastam do sujeito a noção humanista que o sobrecarrega de individualidade ao

⁵⁰ Ver: Foucault, 2004. In: A hermenêutica do sujeito.

⁵¹ Em Althusser, o anti-humanismo teórico leva a idéia de interpelação ideológica e está na base do conceito de História como um processo sem sujeito e sem fins, isto é, os sujeitos são agentes da História, mas determinados e introduzidos no complexo das relações sociais, jurídicas, ideológicas que, como condição de sua própria existência, impõe a todo o indivíduo a *forma-sujeito*. Não são os homens em geral que exercem o papel ativo da História, mas homens concretos revestidos da forma-sujeito, processo derivado da determinação ideológica. Para Althusser “não há Sujeito nem sujeitos, apenas o motor da luta de classes e a subjetividade é um processo constante e histórico – extra individual – de constituição de indivíduos em sujeitos, em determinadas condições” (Gregolim, 2004, pp.134)

concebê-lo como fonte dos sentidos e da própria História. De acordo com Gregolim (2004, pp.134)

[...] para Pêcheux o papel da teoria materialista do discurso desconstrói a aparente unidade do sujeito, pois sua relação com a língua é atravessada pela ‘subjetividade’: a língua tem seu real próprio, assim como a história também tem seu real. O discurso é o lugar de encontro entre esses dois reais, atravessados pelo processo-ideológico de constituição do sujeito. [...]

O mesmo não se aplica a Foucault: o discurso não é reduzido ao lugar abstrato de encontro entre uma realidade e uma língua. Para este autor o jogo das relações humanas – nas sociedades – é um jogo entre discursos que seguem regras próprias as práticas discursivas de uma época; por isso, o discurso é um espaço de confrontos materializados em acontecimentos discursivos. Se para Pêcheux a forma-sujeito do discurso tem uma apropriação subjetiva dos conhecimentos científicos e da política do proletariado, os conflitos raciais apresentam-se como uma releitura dos conhecimentos científicos que culmina na interpretação que é acontecimento no plano real e simbólico de discursos e práticas discursivas desta época. Por exemplo, na obra *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*, ele afirma que toda prática discursiva esta suportada no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que para ele caracteriza a instância ideológica em condições históricas já dadas. Pêcheux reeintera que na questão do discurso, na forma-sujeito (ou seja, aquele que pode ser interpretado aqui como o sujeito fruto da ideologia) não existe prática sem sujeito e; demarca: tampouco há prática discursiva sem sujeito. Ele infere que os indivíduos agentes adquirem uma forma, uma roupagem, de sujeitos e por isso a questão da prática discursiva levará à questão do efeito do complexo das formações discursivas na forma-sujeito. Para este autor, não se trata de dizer que um prática, discursiva ou não, seja a prática de sujeitos (no sentido dos atos, ações, atividades de um sujeito – ele chama atenção para o cuidado de desconfiar do sujeito e faz uma analogia para o que ele chama de “efeito Münchhausen⁵²”), mas de constatar que todo

⁵² Em alusão a Pêcheux (1975/1988), que liga o efeito da ideologia sobre o sujeito (na interpelação) ao paradoxo pelo qual o personagem Barão de Münchhausen consegue, puxando-se pelos próprios cabelos, elevar-se ao ar. Pêcheux, dessa maneira, coloca seu domínio teórico em suspenso estando ainda, ele mesmo, totalmente inscrito nesse campo. Aqui estão presentes não só as descontinuidades com certos

sujeito é – em sua constituição – colocado como autor de e responsável por seus atos (suas “condutas” e “palavras”) (Pêcheux, 1988, pp.214). “Os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes – em sujeitos do seu discurso. Essa interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se realiza pela identificação – do sujeito – com a formação discursiva que o domina”. Por exemplo, um exercício de reflexão que auxiliaria o pensar nesta perspectiva seria: Como nos seria apresentado um contexto em que a ideologia do branqueamento, o mito da democracia racial e o racismo cordial circulassem livremente em sociedade? Que efeitos isto teria sobre a formação identitária dos sujeitos?

3.1.1.2. Poder

Um contexto social imerso no confronto das diferenças é um contexto que apresenta relações de subordinação, hierarquias, enfrentamentos e silenciamentos sendo, portanto, um contexto onde o poder é posto em constante relação. Não existe contexto social sem relações de poder: está é uma premissa irrefutável. O poder é sempre exercido em alguma instância da vida coletiva, mas o que o define como um agente perpétuo e eficaz nas relações é a sua localização e a possibilidade de sua alternância entre os indivíduos/sujeitos. Em seus trabalhos sobre genealogia Foucault analisa que nas sociedades modernas o poder está ligado fundamentalmente ao corpo. O corpo negro, por exemplo, é carregado de simbolismos e pré-definições que funcionam no imaginário social como um conhecimento prévio sobre o outro. É sobre esse corpo que estão impostas as obrigações, as limitações e as proibições (Gregolim, 2004, pp.133). Em *Vigiar e Punir* é mostrado que nos séculos XVII e XVIII aliado a arte do corpo humano – tão anteriormente exaltada pelo Iluminismo – houve também uma apropriação do corpo como objeto transformável em máquina da eficiência e alvo do controle. O corpo dos povos conquistados no período colonial tanto quanto o corpo do trabalhador brasileiro assalariado do século XX são avaliados e valorados como máquina da eficiência e alvo do controle sob prescrições de níveis avançados de

paradigmas epistemológicos, mas também as discontinuidades com certos modos de enunciar (ou paradigmas teóricos internos). Em analogia os estudos da branquidade são a possibilidade deste mesmo movimento em relação ao conhecimento acumulado sobre as relações raciais até o presente momento.

detalhamento. Foucault chama de “momento das disciplinas”. Diferentemente das idéias althusserianas sobre a centralidade do poder como as apresentadas nos *Aparelhos Ideológicos do Estado* defendidas por Pêcheux⁵³, Foucault compreende o poder como um dispositivo pulverizado como microorganismos dotados de uma microfísica cuja materialidade corpórea é capturada pelo indivíduo através de técnicas muito sutis, aparentemente inocentes, mas que tomam - em uma quase totalidade - o corpo social regendo-o, determinando os esquemas de valoração ou de padrões de normalidade para a conduta ou o viver coletivo e individual. Trata-se de um poder ininterrupto; e por isso naturalizado, é internalizado pelo sujeito. Por exemplo, a imagem construída por Foucault na “microfísica” para descrever esse tipo de poder apresenta-se através do *olhar vigilante* que do interior das instituições (escolas, prisões, quartéis, hospitais, etc) prolonga-se para o cotidiano íntimo dos indivíduos. Dessa forma, negros e brancos, melhor dizendo, pretos, brancos, pardos, amarelos e indígenas compreendem o contrato socialmente implícito de funcionamento dos parâmetros que regem as relações raciais cotidianas, e, no contexto desta pesquisa, especificamente as relações raciais no Brasil. Esse poder cujo controle é algo que se apresenta com uma insistente regularidade às vezes tem a forma de uma quase essência do indivíduo, funde-se eficazmente ao seu *modus operandi* de vida. Nas sociedades capitalistas esse *modus operandi* se molda a uma *disciplina organizadora do tempo e do espaço* criando regularidade e ritmo ao associar-se a idéia de que tempo é dinheiro (capital), por exemplo; sendo que o dinheiro (capital) é o fator pelo qual o todo - a máquina social - está organicamente disposta. *Vencer* e *Ser* nesta estrutura orgânica significa adequar-se e suportar a pressão desse sistema de valores que se agiganta exponencialmente na estrutura da teia social. Quais os significados de *ser* negro e *ser* branco na sociedade brasileira? Quais os sentidos de *vencer* na sociedade brasileira para um negro e para um branco? Que significados e sentidos um pardo concebe e percebe, respectivamente, tributários da relação de *ser* e *vencer* para negros e brancos no Brasil? Nesse sentido, o poder sobre os corpos – na perspectiva do *Panopticon*⁵⁴ – torna-se ilimitado, pois dissipa a noção do indivíduo

⁵³ Pêcheux, 1988, pp.141-238. In: *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*.

⁵⁴ Ver: Foucault, 1987, pp.162-187. No final do Séc. XVIII o filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham concebeu pela primeira vez a idéia do panóptico. Para isto Bentham estudou “racionalmente” o sistema penitenciário criando então um projeto de prisão circular, onde um observador poderia ver todos os locais onde houvesse presos. Eis o Panóptico. Este mesmo projeto de prisão poderia ser utilizado em escolas e no trabalho com o objetivo de tornar mais eficiente o funcionamento daqueles locais. A partir disso, segundo Michel Foucault, iniciou-se um processo de disseminação sistemática de dispositivos disciplinares, a exemplo do panóptico. Analogicamente tem-se atualmente um conjunto de dispositivos

sobre o grau de controle percebido e exercido de fato pelo observado e pelo observador. É dessa maneira que o poder atinge o ápice da submissão dos indivíduos, pois o corpo já não distingue entre si mesmo e o olho do poder.

[...]Funcionando junto com outras formas sutis de aprisionamento dos corpos, essas técnicas disciplinares (sobre o espaço, o tempo, a vigilância e o saber) são a garantia para o adestramento, para a subordinação. Primeiro o controle assume a forma de uma vigilância geral, o *Panopticon*, exercitada, na sociedade moderna, sob uma variedade de formas, que vão desde as câmeras colocadas em cada canto dos prédios até as estatísticas e os sistemas de segurança que são usados para aferir e modelar o cotidiano.[...] (Gregolim, 2004, pp. 133)

Essa noção de poder em Foucault transcende a noção clássica de luta de classes por mostrar-se pertencente ao(s) sujeito(s) em seu processo de subjetivação e estabelecer-se através de uma relação onde o embate de forças não se efetiva apenas na exterioridade das relações sociais, das lutas entre as diferentes classes e indivíduos, mas também em oposição aos valores apreendidos como essenciais a existência do sujeito. Estas são micro-lutas, são lutas que perpassam toda a existência do sujeito consigo mesmo e com os outros. Neste sentido, os conflitos raciais não podem ser analisados apenas através do viés da classe, apesar deste explicitar objetivamente o contexto de desigualdades estabelecido. As micro-lutas, as lutas que perpassam a existência do sujeito pardo – o “negro” ou o mestiço – são constantemente munidas pelas ideologias raciais do contexto deste sujeito.

3.1.1.3. Memória: o motor da identidade

Enquanto nossa percepção visual é experienciada em um movimento contínuo, o movimento pelo qual buscamos reconstituir sua imagem é composto de uma

que permitiria uma vigilância e um controle social cada vez mais eficientes, porém, não necessariamente com os mesmos objetivos desejados por Bentham e seus antecessores ou contemporâneos. A idéia de Panóptico transcendeu a finalidade original. “O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder”.

infinidade de contrações e tensões musculares que nem sempre operam da mesma maneira. A consciência que temos desse movimento compreende - ela própria - sensações múltiplas, provenientes do jogo variado das articulações languageiras, sensoriais e factuais vivenciadas no âmbito da cultura. O movimento difuso que imita, limita e expande a imagem já contém uma síntese expedida pelo indivíduo que traz em si o meio de se analisar. Bergson (2010, pp.139) afirma que os verbos são, precisamente, em sua essência a expressão das ações imitáveis. A memória desenvolve, a cada nova tentativa, movimentos enredados chamando a atenção do corpo para um novo detalhe que havia passado despercebido. Faz também com que este corpo separe e classifique em termos de sentidos, acentuando-lhe o essencial. Uma palavra só tem individualidade (de sentido) a partir do momento que aprendemos a abstraí-la (Bergson, 2010, pp.135). A memória reconhece - uma a uma - as linhas que fixam sua estrutura interior. Desta forma, um movimento, uma sensação é aprendida tão logo o corpo o compreenda, o signifique, o experiencie (Bergson, 2010, pp.126-127). O esquema por meio do qual filtramos a palavra escutada, marca apenas seus contornos principais. Esse esquema está para a fala assim como o croqui está para o quadro acabado. A lógica do corpo não admite os subentendidos afirma Bergson (2010, pp.128). O que chamo meu presente é minha atitude em face do futuro imediato, é minha ação iminente. Meu presente é sensório-motor. De meu passado apenas torna-se imagem, o que é capaz de colaborar com essa ação de inserir-se nessa atitude, em uma palavra torna-se útil, mas assim que se torna imagem o passado deixa o estado de lembrança pura e se confunde com uma certa parte do meu presente. (Bergson, 2010, pp.164).

O historiador Maurice Halbwachs opõe a memória individual e a memória coletiva; define esta última como uma memória *normativa, simbólica e fora do tempo*. De acordo com o autor a primeira característica da memória é gerar o mecanismo comum de lembrar/esquecer que se constitui - neste caso - como eixo vital de permissão discursiva, de verdade social e de controle informativo. Ela - a memória - conta uma história-ficção censurada de acordo com determinados pressupostos ideológicos e políticos e visa essencialmente preservar a tradição e a estabilidade, cimentar a coesão das sociedades e - no limite - promover a legitimação do poder político. Tem ação neutralizante nas contradições históricas e nos conflitos sociais. A memória - quando coletiva - seleciona no passado o que é considerado importante para o indivíduo ou para

a coletividade, organiza e orienta esse “arquivo informacional” segundo um sistema de valores não questionável.

A segunda característica é simbólica, porque os acontecimentos escolhidos são idealizados, até mesmo sacralizados. Isso faz com que os valores e referências do sujeito sobreponham-se à procura da verdade do acontecido. Dessa maneira a ligação direta entre o passado e o presente aponta para uma visão, um viés de futuro que neutraliza e pulveriza os tempos históricos, confiscando-lhes o seu potencial enunciativo.

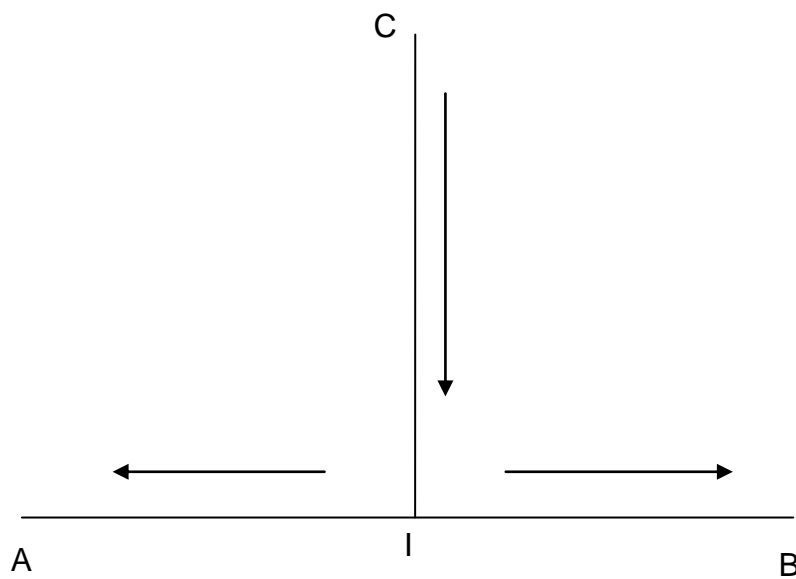
Como terceira característica, a memória está fora do tempo, ela é atemporal. A memória institucionalizada aprisiona as especificidades emocionais e reduz a complexidade das experiências pessoais, estabelecendo um deslocamento temporal no vivido, como se fosse recoberta por uma dimensão vazia de tempo. Há, pois, um fenômeno de desnaturalização que fixa e reduz o sentido da memória como algo retido ou suspenso no tempo.

A memória individual – ao contrário - está imbuída de subjetividade e em certa medida é alheia às grandes linhas interpretativas e integradoras da memória coletiva porque obedece sobretudo à necessidade vital de preservar e transmitir experiências plurais e únicas ao projetar luz sobre a diversidade e a complexidade daquilo que tantas vezes nos é mostrado como uma sucessão de fatos de um sentido interpretativo único e inquestionável, como sugere a memória coletiva. No contexto da memória individual o mecanismo comum de lembrar/esquecer alimenta uma corrente subterrânea necessária à sobrevivência de diferentes grupos e indivíduos e à reestruturação de identidades, de intencionalidades e valores que não sendo dominantes são - contudo - indispensáveis para fazer apontamentos a respeito da constituição do sujeito. Assim, mais do que um relato objetivo e factual, a memória individual é um poderoso recurso simbólico e acessado por diferentes grupos e indivíduos, configurando-se como um reservatório de práticas sociais e políticas mobilizadoras - marca identitária de uma sociedade em busca constante de referências e de projetos (Halbwachs, 1990).

Meu presente é aquilo que me interessa, vive para mim, [...] o que me impele à ação, enquanto o meu passado é essencialmente impotente (Bergson, 2010, pp.160)

Bergson (2010) ilustra bem o mecanismo acionado pelo sujeito quando confronta a percepção dos fatos ao dispositivo da memória, conforme descrito no Gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3
Relação entre percepção e memória



Fonte: Bergson, 2010, pp.167.

A reta AB representa os objetos que os “olhos”⁵⁵ percebem enquanto a linha CI contém apenas o que já foi percebido. No domínio da consciência todo real é atual. Se por um lado a consciência tem exatidão sobre os objetos, sobre os sujeitos ela age na obscuridade (Bergson, 2010, pp.167). O que vem a ser – de outro modo – as diversas partes do discurso cuja função é exatamente estabelecer entre as imagens relações e nuances de todos os tipos? Uma língua subentende muitas coisas que não consegue exprimir (Bergson, 2010). Nesse sentido, a percepção é distinta da lembrança-imagem⁵⁶: elas são complementares ao diferenciarem os objetos dos sentidos dos

⁵⁵ Olhos aqui representam a capacidade humana de captar, seja através dos sentidos, das experiências o mundo ao entorno.

⁵⁶ A lembrança pura, a lembrança-imagem e a percepção não se produzem isoladamente na realidade. A percepção não é um simples contato do espírito com o objeto presente; ela é completada pela lembrança-

objetos reais ao fundí-los em objetos da experiência. O papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas escolher para trazer à consciência a lembrança útil que completará e esclarecerá a ação presente em relação a ação final. Este esboço talvez permita traçar uma ligação com as noções de identidade e pertença na escolha dos indivíduos transformados em sujeitos. Ao discorrer-se sobre raça percebe-se que, por exemplo, analogamente este dispositivo se aplica. Veja abaixo a adaptação de uma situação real:

- 1) Um homem brasileiro, cujos pais são afrodescendentes, eurodescendentes e descendentes dos Tupi-Guarani e cuja aparência lembra um negro-africano (objetos reais);
- 2) Viveu grande parte de sua infância junto a classe média carioca. Seus pais são empresários. É professor universitário. A maioria dos seus amigos são brancos. Não chega em casa após a meia-noite porque – mesmo estando junto de seus amigos brancos - já fora abordado e inquerido repetidas vezes sobre qual “boca” do tráfico pertencia (objetos da experiência).
- 3) Este homem poderá exteriorizar os sentidos da sua experiência dizendo por exemplo: “Não há nada que me desqualifique quanto a minha condição de classe; percorri todas as etapas prescritas pelo mérito, mas no plano social, nas relações cotidianas é a raça que primeiro me define como indivíduo. Sou negro para o mundo e mestiço na minha casa e ciclo de amizades” (objetos dos sentidos).

De acordo com Iñiguez (2001) e Elias (1994), a identidade é acima de tudo um dilema entre a singularidade do indivíduo e a semelhança com nossos congêneres; entre as peculiaridades de nossa forma de ser e sentir a homogeneidade do comportamento entre o indivíduo e o coletivo. A singularidade, a individualidade, a exclusividade parecem ser características imprescindíveis na nossa cultura. A isso chamamos identidade. A identidade pode ser caracterizada por certa continuidade temporal na qual se reproduz uma tensão entre o igual e o diferente. Nesse sentido, torna-se possível partilhar uma noção de memória veiculada as construções coletivas, as

imagem que por sua vez participa da lembrança pura que será materializada e da percepção que tende a ser encarnada (Bergson, 2010, pp.155).

representações compartilhadas por uma historicidade acoplada à idéia de imaginário social: a memória coletiva.

A memória coletiva também encerra em si mesma a compreensão que uma sociedade retém de si mesma. Sua elaboração e re-elaboração contínua é fornecida pelas interações que são asseguradas continuamente através do trânsito das subjetividades identitárias. É importante ressaltar que a noção de memória aqui localizada diz respeito aos acúmulos referentes aos saberes de conhecimentos e de crenças socialmente partilhadas; às representações contidas nos sentidos dados às identidades coletivas; ao estabelecimento de comunidades discursivas que convergem na reunião “virtual” [de significações], dado pelo campo do imaginário, de sujeitos que compartilham os mesmos posicionamentos, os mesmos sistemas de valores (Charaudeau, 2007, pp.49-63)⁵⁷. Nessa construção da identidade - a literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise - apresenta três elementos essenciais: 1) há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo do indivíduo, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo (Halbwachs, 1990); 2) há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico (aqui a história, a cultura e a sociedade são importantes referências); e 3) finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados (a noção de pertença a um grupo ou a um ideário é um exemplo disso). Bergson (2010) menciona um “Cone da Memória” onde na base P temos a realidade presente, em AB temos a memória, em SAB temos o ponto de contato entre percepção, memória e a realidade presente. Com o tempo a distância em S e AB aumenta, mas o contato com a realidade nunca é um perceber puro, desconectado de AB porque a memória responde ao chamado do presente. Veja o modelo a seguir (Figura 2):

⁵⁷ Não será utilizado – focado – aqui o conceito de memória que diz respeito a uma localização relacionada ao lóbulo temporal do cérebro cuja perspectiva é oriunda de uma base biologicista/cognitivista de ciência. Apesar disso é preciso pontuar aqui que este aspecto não é ignorado.

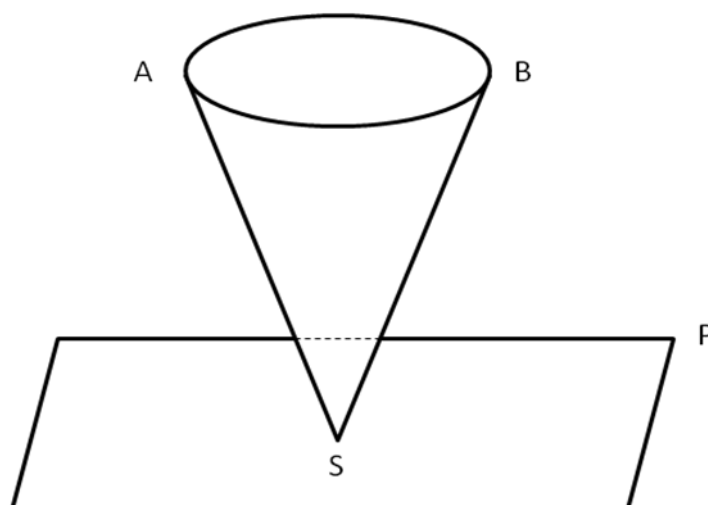


Figura 2 – Cone da memória
 Fonte: Bergson, 2010, pp.178

Pode-se, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Ser um pardo que se auto-identifica como negro e ser um pardo que se auto-identifica como mestiço carrega traços constituintes destes sentimentos de identidade. E por quê? É válido afirmar que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. É preciso atentar que a identidade social não pode ser compreendida fora das interações entre os indivíduos ao longo do tempo em um contexto cultural determinado porque é fruto dessas interações (Mead, 1982). A identidade implica numa reflexividade lógica do sujeito – indivíduo e coletivo – que percebe a si mesmo, enxergando a si mesmo ao longo do tempo. A identidade social se refere sempre à cultura sendo esta condicionadora das práticas do indivíduo no seu próprio contexto. Dessa maneira, a identidade social é um conceito contingente aos modos de percepção das coisas em dada atualidade; é uma prática cultural e lingüística. Então, quem é o pardo na cena pública? O pardo é negro? O pardo é mestiço? De fato, a linguagem nas narrações e histórias individuais é um aspecto caracterizador de elementos culturais que dizem da

constituição de determinada sociedade (Gramsci, 1991; Iñiguez, 2001, pp.220; Elias, 1994).

Tajfel (1984) define a identidade social como a consciência que temos de pertença a um grupo ou categoria social associados aos níveis de valoração dessa noção de pertença. As valorações positivas ou negativas sustentam respectivamente uma identidade social positiva ou negativa. A ação do pardo de posicionar-se efetivamente como negro ou como mestiço na cena pública leva a interpelação que dispara o mecanismo que sinaliza sobre qual(is) pólo(s) e em que níveis o poder transita. Outro aporte complementar é a descrição do processo de interação social situado em um emaranhado de relações onde a pertença de grupo categoricamente é uma dimensão determinante. Isso nos permite entender como em determinados contextos sociais, há certas categorias e grupos mais emergentes que determinam a aparição de comportamentos diferenciáveis favorecedores do próprio grupo ou prejudiciais ao grupo oposto. Nesse sentido, faz-se necessária a discussão dos processos que definem a identidade e a diferença na questão racial. Surge a pergunta: como é possível construir um sentido de pertença de grupo – raça - numa sociedade com identidades tão diluídas e sobrepostas pela mestiçagem? Como essas categorias (raça-cor) se legitimam no plano das relações sociais?

A identidade branca, ora nomeada de branquitude ora nomeada a partir do sistema de valores nomeado branquidade, não foi observada da mesma forma que a identidade negra e; por isso, não tem sido interpelada ou reivindicada como um dado bruto e concreto por pesquisadores, de modo geral, dada a sua condição de universalidade e suposta auto-completude outrora instituída pela genealogia das relações e das derivações acumuladas e leituras possibilitadas pelo discurso político ou científico (Rezende; Maggie, 2001; Fry et al., 2007) e pela invisibilidade comumente não caracterizada.

Um importante marco histórico que exemplifica as mudanças nas relações sócio-raciais americanas, vivenciadas pela comunidade negra, demonstram – e talvez ainda sejam – objeto de temor e de insegurança para brancos. O “perigo negro”, um suposto desejo de represália e, por trás de tudo isso, a inabilidade do sujeito de tratar com equanimidade aqueles que eram vistos como desiguais. Esta inabilidade nascia talvez do suposto “poder branco”, da suposta superioridade branca lidas em termos de intelectualidade - seja na produção técnica e/ou cultural - da preservação de espaços

exclusivamente brancos (Poliakov, 1974) que, agora, se encontram “invadidos”, quase desterritorializados, como, por exemplo, a Universidade. Nesse aspecto, o discurso foi/é um importante difusor da ideologia – no caso brasileiro – do embranquecimento ou da mestiçagem ao autorizá-la através dos recursos patologizantes muitas vezes utilizados pela ciência e pela sociedade através de um *ethos* que encerra em si uma linguagem comprometida com verdades teóricas e/ou empiricamente validadas (Ramos, 1957).

3.2. Por que aplicar a Teoria do Discurso à raça na noção de pardo?

A linguística introduziu importantes problemas no campo das ciências humanas ao imprimir rigor às suas investigações. Foi ela – a linguística - quem permitiu-nos estudar os meandros da linguagem em relação, em situação, isto é, o discurso. Os mitos, as narrativas populares, os contos de fadas, os textos histórico-religiosos utilizam-se dos dispositivos da linguagem para a emissão (exteriorização) de sentidos ao mundo. Mas é na situação de discurso que a linguagem envolve como prática outras práticas sociais e culturais.

Outra consideração importante refere-se à função sígnica e a função proposicional que nos ajudam a identificar as articulações languageiras presentes na fala. Elas poderiam, eventualmente, ser programadas por um computador, se resumidas ao universo semântico⁵⁸ e atrelado ao rigor estrutural de uma língua. No entanto, a função discursivo-comunicativa transcende estes contornos. Esta função não se acomoda, não se atem, não se reduz ao formalismo necessário e, por vezes, simplificado, enrijecido pelas leis que estruturam a língua; mas lança-se além desse formalismo ao ligar-se a uma historicidade dialética, remissiva, auto-regulatória, reorganizável, autônoma e plástica na constituição dos sujeitos do discurso quando estes - aos exteriorizarem sua experiência na aplicação da fala - validam os saberes nos quais lançam mão para construir argumentos em situação contextualizada. Neste sentido, é em direção ao recorte da função discursivo-comunicativa que serão desenvolvidas as discussões desse

⁵⁸ Ver: Araújo, 2004, pp.246-248.

trabalho de pesquisa. Para tal empreitada, dois autores serão ativados para o desenvolvimento do diálogo e das contraposições teóricas necessárias as questões aqui levantadas; são eles: Michel Foucault e Michel Pêcheux. Os dois autores são caros a teoria do discurso de linha francesa por posicionarem-se em complementaridade teórica e a partir de perspectivas de relevante contribuição para a análise do discurso⁵⁹ de linha francesa.

Michel Foucault não intencionava desenvolver uma teoria do discurso, mas ao debruçar-se sobre a análise de práticas discursivas imanadas das noções de saber e no exercício do poder de certas épocas, acaba por fazê-la. Já Michel Pêcheux, cujo histórico remete a uma tradição marxista-leninista da constituição dos conflitos de classe, debruçou-se sobre a problemática do discurso objetivando obter dela um arcabouço teórico que subsidiasse suas análises.

Pêcheux e Foucault tinham projetos epistemológicos distintos, mas que se evocavam em zonas de convergências⁶⁰. Para Pêcheux estão envolvidos na análise do discurso os elementos língua, sujeito e história. Sua análise é construída a partir da relação tensionada em Saussure⁶¹, Marx e Freud. Sua intenção era a de criar uma teoria do discurso cujo método resultasse em uma “análise automática”. Essa tríplice aliança – língua, sujeito e história - acompanha a construção de um projeto teórico de (re)elaborações constantes e que visava à construção de uma teoria materialista do discurso aliada a um projeto político de intervenção de classes a partir da leitura althusseriana do marxismo-leninismo e isso possibilitava que o autor concebesse a teoria vinculada à prática política. Foucault relaciona uma tríplice aliança tensionada entre Nietzsche, Freud e Marx visualizando a análise das práticas de saber e de poder de determinada época. A relação de Pêcheux com a linguística e a de Foucault com as questões históricas e filosóficas que perpassam a construção dos discursos são a zona de

⁵⁹ A Análise de Discurso (AD) é uma grande área e disciplina de estudos cujas discussões extrapolam o exercício realizado neste trabalho, pois apresenta linhas e perspectivas distintas e bem amplas de análise. Em reconhecimento e respeito à área e a disciplina, para este trabalho será utilizada a grafia “análise do discurso” - em letras minúsculas – quando houver necessidade de demarcar o uso da técnica, do método sob as articulações da Teoria do Discurso em relação a questão racial no Brasil.

⁶⁰ Ver: Gregolin, 2004.

⁶¹ Para Saussure a língua é definida como uma parte estável e homogênea da linguagem, como seu produto social já que esta apresenta regularidades. A língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade entre os indivíduos (Saussure, 1995, pp.17).

distinção de seus trabalhos. É através desse viés estabelecido que o caráter complementar na obra de ambos os pensadores emergem. A partir da consistência da obra de Michel Foucault, das implicações apresentadas no discurso através da experiência aliadas à historicidade elaborada na perspectiva de campos de saberes e das relações de poder pulverizadas e repartidas na cultura que esta pesquisa foi ganhando amplitude e um *corpus* teórico articulado à discussão das relações raciais na constituição identitária de sujeitos universitários contextualizados na realidade social brasileira.

A análise do discurso em Foucault⁶² é um dos instrumentos para entender a postura atual da filosofia da linguagem. Se ao conceber a linguagem como lugar de constituição do sujeito e o discurso como uma prática, que não se limita à função unicamente designadora, restrita àquilo que as regras linguísticas proporcionam, o autor reintera que a linguagem funciona como veículo e alvo de relações complexas de saber e poder (Araújo, 2004, pp. 204). Entretanto, é relevante pontuar as implicações e as insuficiências teóricas ainda inerentes a Teoria do Discurso devido às dificuldades suscitadas pela posição que insiste em tratar o discurso como fenômeno reduzido ou resumido da linguagem e prolongar a linguística para além dos limites da semântica que se atém à sentença ou a frase. Se a linguística permitiu estudar o uso aplicado da linguagem, o discurso; por outro lado ampliou as possibilidades de análise do mundo dos sentidos significados ao redor do sujeito. Nesse aspecto, a tecnologia do discurso, ainda é incipiente para dizer sobre a complexidade das (re)elaborações dos sujeitos.

Michel Foucault produz uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na cultura atual ao relacionar o poder e a produção dos saberes⁶³. Sua obra percorre três modos de produção histórica das subjetividades:

⁶² Foucault volta-se para a história da loucura, da medicina e de certos campos do saber que trataram dos temas da vida, da linguagem e do trabalho (In: *As Palavras e as Coisas*, 1966); investiga os saberes que embasam a cultura ocidental e busca o método arqueológico pra entender a história desses saberes (In: *Arqueologia do Saber*, 1969); debruça-se sobre a análise das articulações entre os saberes e os poderes a partir de uma genealogia do poder (In: *Vigiar e Punir*, 1975) e extrai dessas análises a idéia de que o poder se pulveriza na sociedade em inúmeros micro-poderes: surge a visão de uma “*microfísica do poder*” (1979). Essa perspectiva orientou suas pesquisas na direção da sexualidade, da constituição histórica de uma *ética e estética de si* (In: *História da Sexualidade*, em três volumes, 1976, 1984, 1984).

⁶³ O projeto foucaultiano não objetivava – imediatamente - a construção de uma teoria do discurso como o projeto de Pêcheux. As temáticas de Foucault sempre foram amplas e envolvidas com a relação entre os saberes e os poderes na história da sociedade ocidental por isso sua investigação abriu-se em várias direções: a compreensão histórica dos saberes que possibilitaram o surgimento das ciências humanas (Arqueologia do Saber); a compreensão das articulações entre saberes e poderes (Genealogia); a

- 1) Diferentes modos de investigação que buscam ascender ao estatuto de ciência e que produzem – com efeito – a objetivação do sujeito.
- 2) A objetivação do sujeito naquilo que nomeia de “práticas divergentes” onde o sujeito é aquele ser dividido no interior dele mesmo ou dividido dos outros por meio de técnicas disciplinares.
- 3) A subjetivação a partir de técnicas de si, da *governamentalidade*, que ele chama de governo de si e dos outros.

“Foucault⁶⁴ não concebia seu trabalho e o de seus predecessores como um todo homogêneo com bordas definitivas ou acabadas, [...] o autor investigava as rupturas, as fissuras, as contingências e as reelaborações no que se apresenta como uma tradição” (Rajchman, 1989 *apud* Gregolim, 2004, pp.56).

Foucault⁶⁵ sumariza o reencontro com a linguística apontando as lacunas que as ciências humanas têm com a ciência da linguagem, conforme o Quadro 2 descrito a seguir:

construção histórica das subjetividades (Ética e estética da existência). Todas são temáticas articuladas a uma reflexão sobre os discursos pressupondo que as coisas não preexistem às práticas discursivas. De acordo com Foucault estas práticas constituem e determinam os objetos. É no interior da reflexão sobre as transformações históricas do fazer e do dizer na sociedade ocidental que uma teoria do discurso vai-se delineando e encontra um lugar importante na obra de Foucault.

⁶⁴ De fato, o autor promove um diálogo conflituoso com a Filosofia, a História, entre outros, e, também desloca as disciplinas e os saberes tendo as Ciências Humanas como o ponto central de suas discussões. Por isso ele interroga a partir do modo ocidental as *epistemes* de Kant, Hegel, Heidegger, Nietzsche [...], Pinel, Esquirol, Freud, Lacan [...], Ricardo, Marx [...], Durkheim, Lévi-Strauss [...], Gramaire de Port-Royal, Saussure [...], Mendell, Darwin, etc. Mas para a discussão teórica que será explorada neste trabalho, Foucault articula-se a partir de Nietzsche, Marx e Freud – conforme visualizado na Figura 1 - para as confluências teóricas e metodológicas do que chamaremos de Teoria do Discurso.

⁶⁵ O projeto foucaultiano não objetivava – imediatamente - a construção de uma teoria do discurso como o projeto de Pêcheux. As temáticas de Foucault sempre foram amplas e envolvidas com a relação entre os saberes e os poderes na história da sociedade ocidental por isso sua investigação abriu-se em várias direções: a compreensão histórica dos saberes que possibilitaram o surgimento das ciências humanas (Arqueologia do Saber); a compreensão das articulações entre saberes e poderes (Genealogia); a construção histórica das subjetividades (Ética e estética da existência). Todas são temáticas articuladas a uma reflexão sobre os discursos pressupondo que as coisas não preexistem às práticas discursivas. De acordo com Foucault estas práticas constituem e determinam os objetos. É no interior da reflexão sobre as transformações históricas do fazer e do dizer na sociedade ocidental que uma teoria do discurso vai-se delineando e encontra um lugar importante na obra de Foucault.

Quadro 2
Ciências Humanas X Ciência da Linguagem: lacunas

Localização	descrição
a) Abordagem anti-empirista	“a linguística não atual está sobre coerções empíricas de átomos (raízes, flexões gramaticais, palavras), mas sobre conjuntos sistemáticos de relações entre elementos”(Gregolim, 2004 <i>apud</i> Foucault, 1969 [2000, pp.162]).
b) Capacidade de generalização dos conceitos	“ [...] essas relações são independentes em si mesmas (...) são generalizáveis, podem ser transpostas além dos elementos de natureza linguística. Seria possível, então, encontrar a mesma forma de relação não somente entre os fonemas, mas entre os elementos de uma narrativa, ou ainda entre indivíduos que coexistem em uma mesma sociedade’ (id. <i>ibid</i>). Entender em quais domínios essas relações de tipo lingüístico podem ser entendidas (por exemplo relatos, mitos, relações de parentescos) é um imenso campo ao qual os pesquisadores estão convocados” [...]
c) Formalização das relações	[...] “graças a linguística a causalidade foi substituída pela busca de relações lógicas. O retorno a Marx operado pelo althusserianismo tenta liberar o marxismo de uma espécie de positivismo, desatrelando-o de uma causalidade primária e lendo nele ‘uma análise lógica do real’ ” (id.pp.164-165).
d) Nova concepção de linguagem	[...] “a linguística saussureana não considera a língua como uma tradução do pensamento ou uma representação do real, mas como uma forma de comunicação, num universo semiológico, [como, por exemplo] ao estudar fenômenos como a moda, a pintura...(id.pp.165)”
e) Relação com a História	[...] “é comum a afirmação de que a linguística estrutural, ao adotar a sincronia, afasta-se da História. Mas o ponto de vista sincrônico não é a-histórico e muito menos anti-histórico; não é escolher o imóvel contra o evolutivo por algumas razões: 1) não se deve identificar a História com o sucessivo pois é preciso admitir que ela é tanto a simultaneidade quanto a subjetividade; 2) a perspectiva sincrônica procura entender as condições de mudança, isto é, quais são as transformações que toda língua deveria sofrer para que um só dos elementos seja modificado. Assim, ‘longe de ser anti-

	histórica, a análise sincrônica nos parece mais profundamente histórica, já que ela integra o presente e o passado, permite definir o domínio preciso em que poderá se repetir uma relação causal, possibilitando passar finalmente à prática'. (id., pp.168) A concepção de 'história' da Linguística estrutural está ligada à renovação das disciplinas históricas que introduziram as noções de descontínuo e de transformação".
f) Discurso	[...] “a linguística permitiu estudar o que se pode fazer com a linguagem, isto é, o discurso. Os mitos, as narrativas populares, os contos de fadas, os textos histórico-religiosos... são feitos com linguagem, a língua serve de material para todos eles. A pergunta que os estudiosos se colocaram foi: ‘não se pode encontrar nessas obras estruturas análogas às estruturas que se encontram na língua?’ ”

Fonte: Gregolin, 2004, pp.28-29.

Nota: Adaptação da autora.

Michel Pêcheux, um importante teórico fundador da análise do discurso, chama de “três épocas da análise do discurso” as fases (períodos) de embates, reconstruções e as ratificações operadas na constituição do campo teórico da análise do discurso francesa no qual trabalhou. Primeira fase: A aventura teórica com o livro *Analyse Automatique du Discours* (1969)⁶⁶; segunda fase: inicia o movimento em busca da heterogeneidade, ao Outro, à problematização metodológica⁶⁷; terceira fase: publicação do grande livro de Pêcheux, *Les Vérités de La Palice* (1975), que constitui

⁶⁶ Trata-se de uma proposta teórico-metodológica impregnada pela releitura de Saussure deslocando o objeto, pensando a *langue* – sua sistematicidade, seu caráter social – como a base dos processos discursivos nos quais estão envolvidos o sujeito e a História. Na concepção do objeto do discurso cruzam-se Saussure (relido por Pêcheux), Marx (relido por Althusser) e Freud (relido por Lacan). As teses althusserianas sobre os *aparelhos ideológicos* e o *assujeitamento* propõem um sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente – um sujeito que não é fonte nem origem do dizer; que reproduz o já dito, o já-lá, o pré-constituído (Gregolin, 2004, pp.61-62).

⁶⁷ A reinterpretação do conceito de formação discursiva de Foucault (2007) - na Arqueologia do Saber – faz as propostas peuchetianas ingressarem num período de polêmicas, reajustes que são visíveis no artigo escrito por Pêcheux e Fuchs no qual é apresentado o quadro epistemológico geral da análise do discurso explicitando a vinculação de Saussure, Marx e Freud. É neste artigo que Pêcheux refina a análise das relações entre língua, discurso, ideologia e sujeito formulando a teoria dos “dois esquecimentos”: sob a ação da interpelação ideológica, o sujeito pensa que é a fonte do dizer pois este se apresenta como uma evidência (Gregolin, 2004, pp.62).

um momento essencial de teorização das mudanças⁶⁸. Os debates teóricos que surgiram de crises que atingiram a reflexão sobre como se dá a articulação entre o discurso, a língua, o sujeito e a História possibilitaram rearranjos que reorientaram o solo epistemológico e reorganizaram a Teoria e a Análise do Discurso.

Na Figura 3, a seguir, é apresentada a síntese das influências teóricas que possibilitaram a ambos os autores desenvolverem perspectivas - mesmo originárias de motivações distintas – que tornaram-se antagônicas mas também simultaneamente complementares para o desenvolvimento da Teoria do Discurso, conforme apresentado na análise descritiva anterior.

⁶⁸ Ao propor uma teoria materialista do discurso [In: *Les Vérités de La Palice*] (1988, pp.91-94): é sobre a base linguística que se desenvolvem os processos discursivos, mas ao mesmo tempo todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classe enfatizando, entretanto, que essas relações são contraditórias. A argumentação de Pêcheux leva a crítica da ilusão da evidência e da transparência do sentido. [...] Reafirmando sua vinculação com as propostas althusserianas, Pêcheux retoma a tese de interpelação ideológica, acentuando mais claramente o caráter *contraditório, desigual* do assujeitamento e o fato de que os aparelhos ideológicos não só reproduzem, mas também transformam as relações de produção. Pêcheux retoma o conceito de *formação discursiva* do texto de 1971(*La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discourse*. In: *Langages*, n. 24, pp.93-106) e acrescenta a ele a reflexão sobre a materialidade do discurso e do sentido: os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes – em sujeitos de seu discurso – pelas formações discursivas que lhes são correspondentes” [In: *Les Vérités de La Palice*] (1988, p.161). Toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo dominante” das formações discursivas (1988, pp.162). (*apud* Gregolim, 2007, pp.63).

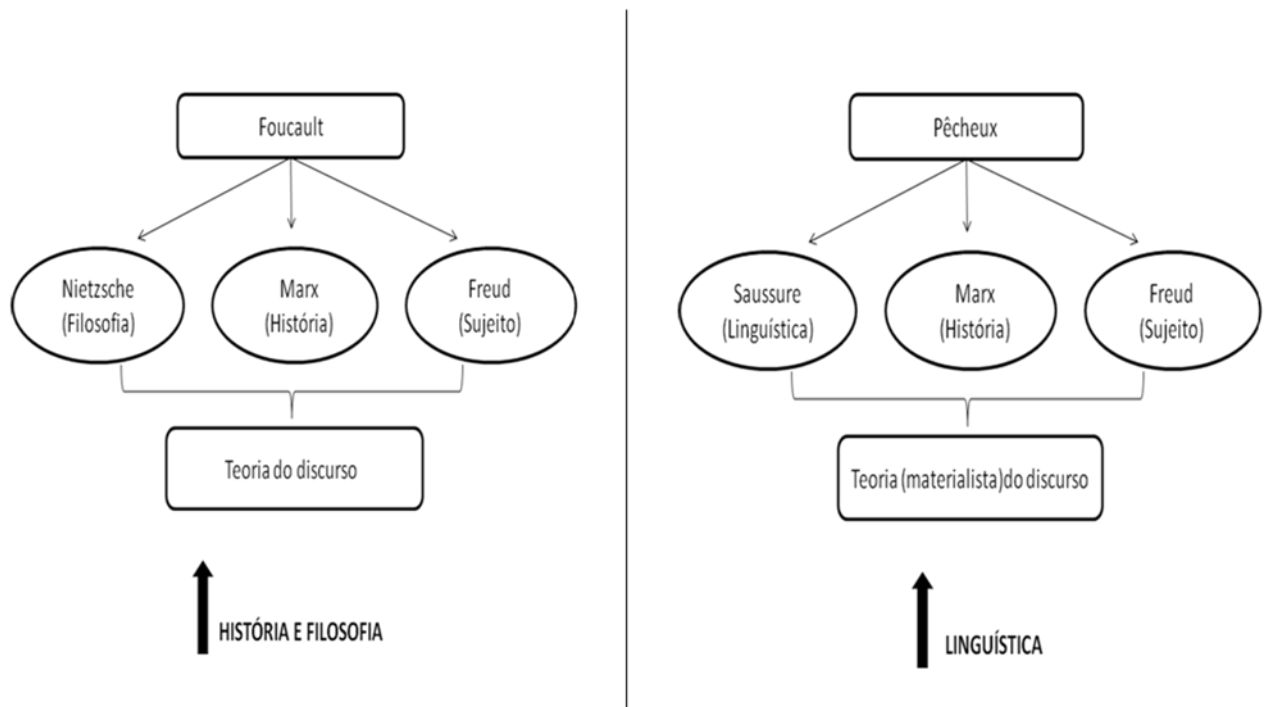


Figura 3 - Síntese das perspectivas teóricas de Foucault e Pêcheux para a Teoria do Discurso de linha francesa

Fonte: Síntese da autora

Araújo (2004) afirma que Foucault respalda e amplia as idéias sobre discurso. Segundo ele a linguagem não serve para “dizer” a “realidade”. Não há simplesmente de um lado a significação (palavras), que representaria as coisas, consideradas como entes em si, que estariam no outro lado, como puros dados. Em *As palavras e as coisas*, Foucault mostra três grandes mutações da ordem do saber ocidental, a partir do século XVI. O momento de conhecimento por semelhança, simpatia, no qual o mundo não vem separado do signo; veio em seguida o momento cartesiano da representação, pela qual os seres são organizados em quadros classificatórios em grandes taxionomias, responsáveis pela organização analógica (séculos XVII até meados do XVIII). Quando Kant entra em cena já estamos no limiar da modernidade: são as formas puras *a priori* da razão que organizam o caos empírico, e por isso, há uma atividade do próprio entendimento. Nossa época recebe a herança Kantiana, a herança hegeliana, somadas a grandes movimentos na ordem do saber proporcionados pelas ciências, que mostram as raízes e o desdobramento histórico da vida, da linguagem e da produção econômica. Inicia-se a história que permite ver o

conhecimento como histórico, com as noções de desdobramento, evolução, origem, proveniência, influência, etc. Significa que épocas diferentes têm *epistemes*, grandes redes organizadoras do saber. O veículo, o instrumento desses saberes, é o discurso. Segundo Foucault falar é criar uma situação, é investir a fala como prática entre outras práticas (Araújo, 2004). A FIG. 4 ilustra e localiza esquematicamente a procedência e as influências do estágio atual do pensamento científico:

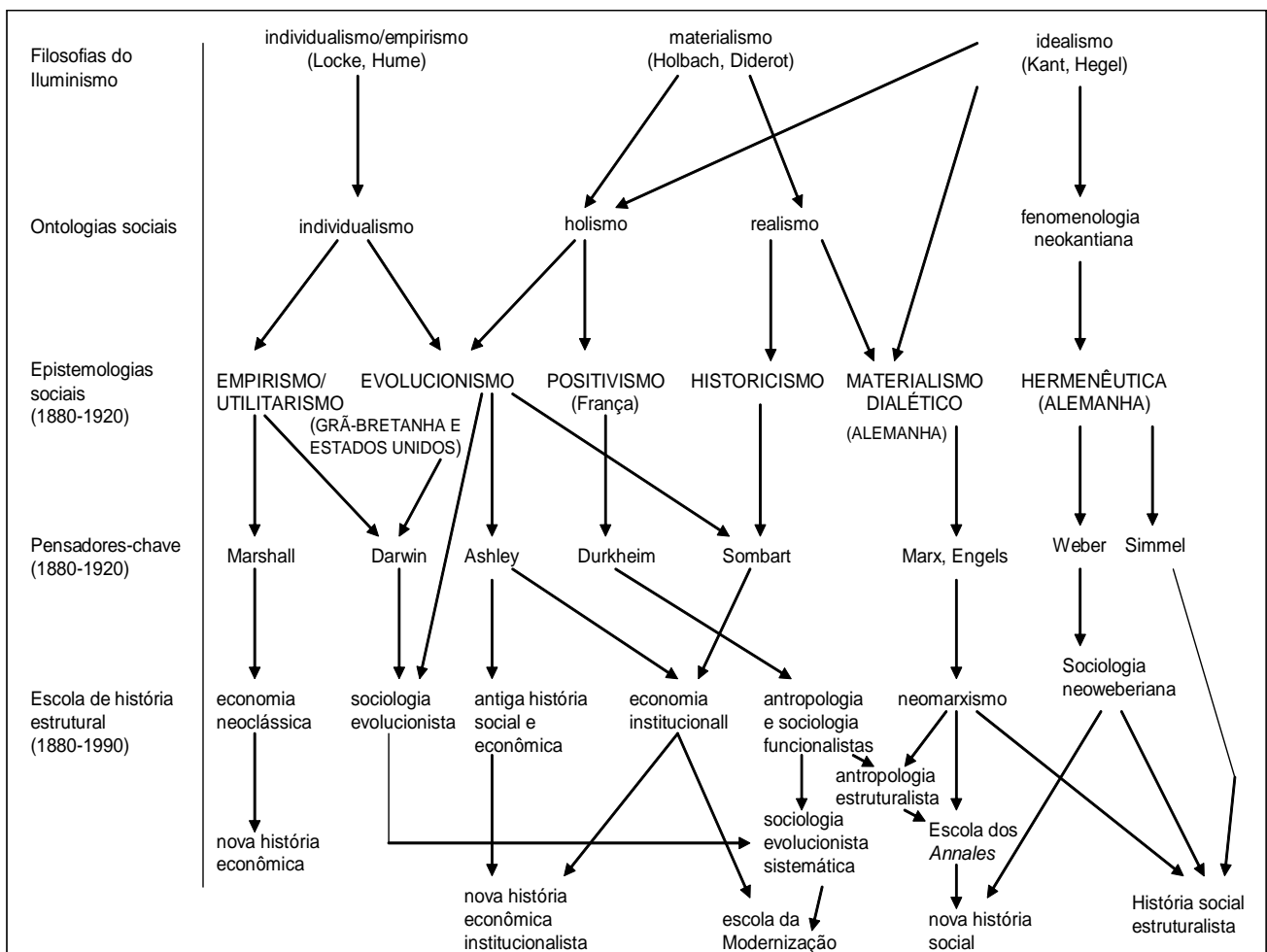


Figura 4 – Mapa da história da historiografia estrutural

Fonte: Lloyd, 1995, pp.33.

Como a teoria e o método da linguística podem auxiliar o desenvolvimento da pesquisa através da análise do discurso? É importante observar que não se trata de perguntar sobre as estruturas universais do ser do homem, mas como entender o ser particular e histórico desse homem que somos nos tempos de hoje. Como fazer a

história de nós mesmos enquanto seres historicamente determinados? Somos seres historicamente determinados?

O processo de constituição da subjetividade implica uma relação do indivíduo consigo mesmo. Tal processo envolve dois procedimentos diversos: tomar-se como objeto a ser conhecido, a objetivação de si, e trabalhar na constituição concreta e positiva de si como sujeito, a subjetivação (Foucault, 2004). Do lado da objetivação de si o indivíduo diz as verdades de si mesmo por meio de práticas discursivas. Do lado da constituição concreta do sujeito estará aquilo que Foucault chama de práticas de si, que deverão ser compreendidas como práticas que possibilitam ao indivíduo dizer a verdade de si e se constituir como sujeito daquilo que ele conhece.

O grande problema da constituição do sujeito a partir da objetivação de si e das práticas de si dirá respeito à situação limite do sujeito. Este estará posicionado, simultaneamente, entre uma relação consigo mesmo e uma relação com os eixos do saber e os eixos do poder exteriores ao próprio indivíduo. Se por um lado, é o próprio indivíduo que se constitui como sujeito, por outro, as verdades que ele atribui a si e as práticas que realiza sobre si mesmo não são inventadas por ele, mas provenientes de modelos normativos existentes independentemente dele (Foucault, 2004). Tal situação apresenta-se como problemática quando Foucault argumenta que é possível ao sujeito criar novas maneiras de se relacionar consigo mesmo e, portanto, criar novas maneiras de se constituir como sujeito. Isso significa que é possível criar as formas da relação consigo, senão dizer que o sujeito em sua relação consigo não depende das instâncias normativas dentro das quais ele está inserido. A maneira de se constituir como sujeito deriva de instâncias exteriores ao próprio indivíduo ou é ele mesmo quem as cria. No que concerne à constituição histórica do sujeito encontramos em Foucault alguns caminhos possíveis de análise. Primeiro, a questão do sujeito pode ser abordada a partir de um exame dos discursos que se desenvolvem sobre ele (Foucault, 2004; Araújo, 2004). No que tange à singularidade histórica do sujeito ou do homem da época moderna, por exemplo, aquele sujeito da “finitude positiva” próprio da Idade Moderna, Foucault constata que nesta perspectiva ele procura analisar as teorias do sujeito como ser que fala, que vive e que trabalha, nos séculos XVII e XVIII. Em *As palavras e as coisas* ele procura investigar como o sujeito moderno foi constituído teoricamente como objeto de uma ciência da linguagem, a lingüística, uma ciência da vida, a biologia, e uma ciência da riqueza e das produções, a economia. A constituição singular do sujeito

moderno a partir de práticas de poder, concretas e institucionais, aparece de maneira clara em livros como *História da loucura*, *Vigiar e punir* e *A vontade de saber*. Tais livros apontam justamente para a singularidade histórica do sujeito moderno como objeto de saber e de dominação em contraposição a outros momentos históricos, como o Renascimento e a Idade Clássica.

Mas será que ao designar o resultado de uma produção discursiva ou de uma prática de dominação, o termo sujeito deve também ser compreendido no sentido de sujeição? O sujeito-sujeitado, portanto, é aquele que é constituído como objeto de saber e objeto de dominação pautado, por exemplo, numa ideologia como defende Pêcheux. De outro modo, o termo sujeito para Foucault deve ser compreendido no seu sentido mais fortalecido, isto é, como sinônimo de subjetividade, e não mais como sujeito-sujeitado, quando se referir ao sujeito constituído em função da relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo. A este último tipo de sujeito – o sujeito ativo – uma vez que se constitui graças ao próprio indivíduo, pode-se chamar sujeito passivo as outras modalidades de sujeitos que são constituídas não pelo próprio indivíduo, mas como objetos de campos de saberes e de práticas de poder.

3.3. Questões relacionadas ao discurso: operacionalizando diálogos e duelos

O conceito de discurso (Araújo, 2004, pp.231) difere do conceito de ato de fala que se constitui de uma proposição de unidade lógica construída em acordo com regras estritamente estabelecidas e onde não sofre interferência do contexto, da origem, de data e lugar. O discurso é uma construção enunciativa que dispõe-se de princípios que o determinam – Foucault os chama de formação discursiva – a partir da reutilização, da exterioridade, do acúmulo histórico, da efetividade. O próprio Foucault sustenta que os enunciados discursivos são a base do próprio discurso quando verificamos as cadeias de ligações lógicas e interiores a estes enunciados (Foucault, 2007). O enunciado na perspectiva da teoria do discurso, em Foucault e em Pêcheux, não se reduz a condição de encadeamentos lingüísticos, propriamente ditos, e para isso não basta apenas defrontar-se com a rigidez das frases geradas gramaticalmente ou com

o significante e o significado das proposições articuladas pela fala. Mas faz-se necessário mostrar o valor do enunciado como acontecimento inserido na origem e no destino do saber ao reportá-lo a noção de formação discursiva.

A formação discursiva é a dimensão que permite descrever os enunciados no espaço geral dos discursos ao estabelecer um *corpus* passível de análise porque submetido a um conjunto finito de regras “possibilitadoras” da construção de um número infinito de performances verbais e não-verbais. Por exemplo, o discurso médico, o discurso psiquiátrico, o discurso econômico, da história natural, da gramática geral, da pedagogia, o discurso racista, o discurso anti-racista, o discurso da democracia racial entre outros discursos, têm em suas formulações uma constituição reguladora ao próprio funcionamento que assim o definem (Foucault, 2007, pp.153-154).

Ao opor a base linguística e o processo discursivo, destaca-se que todo o sistema lingüístico considerado em suas estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas é dotado de uma autonomia relativa que o submete a leis internas que as constituem como o objeto da linguística. (Pêcheux, 1988, pp.91). É sobre a base das leis internas que se desenvolvem os processos discursivos. Não se trata aqui da essência ou a expressão de um pensamento puro ou de uma atividade cognitiva desvinculada das práticas sociais e que acionam de maneira acidental os sistemas lingüísticos, afirma Pêcheux. A oposição entre o concreto/abstrato não poderia se superpor à oposição discurso/língua, concordam Pêcheux e Foucault: a discursividade não é fala (*parole*)⁶⁹.

O fato de que a língua, escreve E.Balibar, seja ‘indiferente’ a divisão de classes e a sua luta, não quer dizer que as classes sejam ‘indiferentes’ a língua. Ao contrário, elas a utilizam, de modo determinado, no campo de seu antagonismo, especialmente de sua luta política. (Balibar, pp.21-22, 1966 *apud* Pêcheux, pp. 92, 1988)

⁶⁹ Aqui Pêcheux explica que o uso individual da língua na forma de abstração não se trata da utilização ou da realização de uma função. Ele afirma que contrária a isso, a expressão *processo discursivo* recoloca a língua em seu lugar (idealista) a noção de fala (*parole*) associada ao antropologismo psicologista que ela veicula. Ou seja, ele a partir da leitura de Balibar informa que a abstração da língua aqui discutida remete as práticas de classe e não às condutas subjetivas que tais lutas evocam.

Foucault é cauteloso com o uso da noção de ideologia quando descreve em sua obra a história do saber e do exercício do poder⁷⁰. Segundo Foucault a ideologia quase inviabiliza a noção de sujeito. Primeiro porque ela parece estar sempre em lugar de oposição a algo que seria a verdade. Dessa forma, ela parece dividir a cientificidade e a verdade do que provém de outra coisa em um discurso sendo que; o que se faz necessário de fato é localizar historicamente como são produzidos os efeitos de verdade dentro do discurso. Por exemplo: a ideologia do branqueamento, produzida a partir de uma “cientificidade” (a cientificidade do racismo científico) e de uma verdade gerada a partir dessa “cientificidade” produziram uma “realidade” que reforça um discurso sobre a hierarquia das “raças” com efeitos de não-verdade para o pólo antagônico subordinado e verdade para o pólo antagônico dominante. Nesse sentido, os efeitos não são em si mesmos nem verdadeiros nem falsos: eles geram uma demanda. O segundo inconveniente é que ela se refere a algo como o sujeito. Para Foucault e Pêcheux a noção de sujeito não tem a mesma equivalência. Se a ideologia é algo que enrijece a estrutura e retira do sujeito a possibilidade de mobilidade estratégica dentro de um sistema de valores tornando-o mero instrumento deste; para Foucault o sujeito torna o sistema de valores plástico, moldável através da adoção ou incorporação de estratégias diferenciadas diante da história das práticas sociais. Para Foucault a história do saber ou das formas de exercício do poder é uma história das práticas e não das ideologias. (Castro, 2009, pp.223). O domínio de análise de Michel Foucault são as práticas. Por exemplo, *episteme* e dispositivo são, em termos gerais, práticas. As *epistemes*, práticas discursivas. A prática discursiva não se confunde com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma idéia, um desejo, uma imagem, nem com a atividade racional que pode funcionar em um sistema de inferência, nem com a competência de um sujeito falante quanto este constrói as frases gramaticais. A prática discursiva é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram para uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística favorável às condições para o exercício da função enunciativa.

[...] Mas por outro lado, a história das idéias se atribui a tarefa de penetrar as disciplinas existentes, tratá-las e reinterpretá-las. Constitui, pois – mais do que um domínio marginal – um estilo de análise, um

⁷⁰ Ver: Foucault, 1991, pp.551., In: *Historia da loucura na idade clássica*; Foucault, [1984], In: *A história da sexualidade*.

enfoque. Ela se encarrega do campo histórico das ciências, das literaturas e das filosofias: mais aí descreve os conhecimentos que serviram de fundo empírico e não refletido para formalizações ulteriores; tenta reencontrar a experiência imediata que o discurso transcreve; segue a gênese de sistemas e obras, a partir das representações recebidas ou adquiridas. Mostra, em compensação como, pouco a pouco, as grandes figuras assim constituídas se decompõem: como os temas se desatam, seguem sua vida isolada, caem em desuso ou se recompõem de um novo modo.[...] (Foucault, 2007, pp.155)

Para que um enunciado seja analisado é preciso localizar o seu estatuto de coisa ou de objeto dotado de uma “substância” modificável (Araújo, 2004, pp. 230). Aquilo que mantém o enunciado atualizado, ao possibilitar a repetição, a reutilização ao se inscrever no campo da experiência, chama-se materialidade do discurso (Pêcheux, 1988). Foucault (2007, pp.135) esclarece que o enunciado não se liga a um fragmento da matéria, não tem sua identidade ligada por ela, mas esta identidade oscila por uma variação complexa de instituições materiais. A materialidade do discurso é suscetível de repetição, já que o enunciado pode ser produzido, manipulado, transformado, composto, decomposto obedecendo a um estatuto, ou seja, obedece as condições particulares, transita por uma rede discursiva, serve ou não aos interesses e por fim produz efeitos. O conceito de discurso defendido por Foucault (2007, pp.134-142) e Pêcheux (1988) – diferente da perspectiva da Escola Analítica Inglesa⁷¹ - está disposto sobre uma noção de formação discursiva na qual se encontram relações regidas por princípios da reutilização, da dispersão, da exterioridade, do acúmulo, da efetividade. E, por isso, grande parte da análise do discurso e da semântica atém-se aos fenômenos da polissemia, das leituras múltiplas, da exegese, do sentido escondido por detrás do texto, do não-dito, das repressões. Nas formações discursivas as significações erguem-se alicerçadas pelo próprio discurso e assim o modo como o não-dito funciona depende dos enunciados.

Essa raridade dos enunciados, a forma lacunar e retalhada do campo enunciativo, o fato de que poucas coisas, em suma, podem ser ditas,

⁷¹ O ato de fala concebido pela Escola Analítica Inglesa tem um caráter performativo porque dessa forma a frase é uma unidade gramatical resultante de regras específicas; da mesma forma, a proposição é uma unidade lógica e também construída a partir de regras estritas. A localização do contexto, da origem, da data, do lugar não é tão importante: como não há um enunciado latente então, não há o que interpretar.

explicam que os enunciados não sejam, como o ar que respiramos, uma transparência infinita; mas sim coisas que se transmitem e se conservam, que tem um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos; para as quais preparamos circuitos preestabelecidos e às quais damos uma posição dentro da instituição; coisas que são desdobradas não apenas pela cópia ou pela tradução, mas pela exegese, pelo comentário e pela proliferação interna do sentido. Por serem raros os enunciados, recolhemo-los em totalidades que os unificam e multiplicamos os sentidos que habitam cada um deles. (Foucault, 2007, pp.136)

Reinscrever categorias distintas de raça numa cultura que atribui grande valor aos ideais da mistura e se identifica com eles talvez seja um dos fatores responsáveis por mascarar a divisão bipolar dos brasileiros em brancos e negros. Há a constatação localizada pela realidade – acionada no plano da experiência - de que a branquidade está associada ao prestígio social, econômico e político ao ligar-se aos modos de funcionamento do racismo no Brasil as de outras sociedades fundadas pelo colonialismo europeu. A localização histórica do Brasil como uma nação de mestiços remete a uma gênese matizada pelo marco colonial impulsionado pelo capitalismo europeu. O argumento fundante, o discurso que circula e habita o imaginário foi/é: as comunidades européias interpretaram-se como um tipo ideal de ser humano e mais especificamente, como o melhor tipo de ser humano. Esta foi uma idéia associada ao ser europeu⁷² branco. Esse argumento do tipo ideal europeu ainda sustenta-se no presente mesmo que reelaborado e nuançado nas diversas perspectivas culturais.

A idéia de raça é re-inscrita como uma subcategoria hierárquica evocada a partir da classificação biológica da raça humana. Aqui nasce o remanejamento socialmente deslocado de um conceito oriundo das ciências naturais⁷³. Raça torna-se / é um conceito da modernidade vinculado ao dualismo imagético de espelhos opostos: pré-capital/capital; não-europeu/europeu; primitivo/civilizado; tradicional/moderno. Desconstruir esta engenhoca histórico-político-estrutural remete ao desafio de dissecar a unidade do indivíduo-sujeito-sociedade sobre o qual este trabalho tenta se debruçar. No âmbito das discussões - necessárias a este trabalho de pesquisa - aqui contextualizadas

⁷²Anibal Quijano (2005) especifica claramente que não se trata de qualquer europeu, mas ao europeu do ocidente, ao europeu da Europa como produto da cultura do ocidente capitalista onde a geografia se afirma como o recorte e o filtro para a noção de raça que se instituiu determinante nas relações.

⁷³ Ver: Guimarães, 1999, pp.21-37. In: *Raça e racismo no Brasil*.

faz-se necessário localizar - já em um primeiro momento - os desdobramentos e as implicações sobre a constituição identitária do pardo brasileiro para talvez transcender-se ao duo de opostos assimétricos nomeados negritude/branquidade historicamente construído.

4. CAPÍTULO III - AS ANÁLISES

4.1. Apresentando os sujeitos da pesquisa

O campo das relações raciais é denso e conflituoso. De fato, quanto a isso não há dúvidas. As questões que envolvem as discussões sobre o pardo no Brasil, por exemplo, fazem emergir e silenciar tensões latentes no imaginário social sempre que são retomadas. Enquanto a luta do movimento negro denuncia pela via da afirmação da identidade negra e das ações afirmativas a necessidade de reparação histórica (econômica e simbólica) e mobiliza a sociedade para ação de combate e repúdio ao racismo brasileiro; o mito da democracia racial, em seu caráter “apaziguador”, “universalizante” e “totalizante” silencia a violência do racismo cotidiano porque possibilita através de uma ação permanente, duradoura e requintada que o preconceito e a discriminação se transubstanciem em múltiplas formas no cotidiano. Nesse contexto, o lugar do pardo – o mestiço brasileiro - na sociedade brasileira é o lugar intermediário da polarização do conflito. Afirmar que o povo brasileiro é majoritariamente mestiço não significa dizer que esses mestiços sejam rigorosamente semelhantes em aparência física e tampouco que possuem uma mesma interpretação sobre o seu pertencimento étnico-racial (Gomes; Laborne, 2010, pp.1-17). Analisar o lugar do pardo a partir das lentes da questão racial brasileira consiste também em perceber que a identidade racial é uma construção relacional que deve levar em consideração que as escolhas que envolvem esse processo transitam em limites estreitos cujo *tom* somente pode ser definido e autorizado pelo sujeito. O que acontece quando os sujeitos pardos são convidados a construir uma pertença racial baseada no histórico de lutas do movimento negro? Como eles passam a apreender o dispositivo da mestiçagem? Como aparecem ou agem os efeitos da ideologia na construção de suas identidades? Que valorações eles extraem dela? É preciso dizer minimamente quem são estes sujeitos para prosseguirem-se as discussões.

4.1.1. O Sujeito 1

O *Sujeito 1* (*S1*) é um homem de vinte e oito anos de idade que se auto-declara pardo. Não se considera um negro. Não se considera branco. Sua formação em nível superior pertence a área das Ciências Sociais Aplicadas da UFMG. Ele mora com os pais em uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. Tanto o pai quanto a mãe estudaram até o nível fundamental de ensino e sempre orientaram e estimularam o filho a continuar os estudos. De acordo com *S1*, seu pai, apesar de não ter uma profissão que reflita prestígio social (o pai foi pedreiro e mineiro) sempre fora uma pessoa politicamente ativa (manteve vínculos com o movimento sindical) e questionadora. A mãe, identificada e comparada por *S1* com a rainha Elizabeth da Inglaterra, é um importante referencial de conduta e perspicácia para o sujeito. A mãe, pertencente a uma família de pessoas brancas e de olhos claros, como ele próprio afirma. Ela não pode estudar por motivos que – segundo *S1* – refletiam um aspecto moral da família da mãe que estavam embasados na seguinte condição: ou todos os filhos estudariam ou nenhum filho estudaria para que assim nenhum se considerasse “melhor que o outro”. O sujeito identifica a cor do pai como morena e identifica os avos paternos como mulatos. O sujeito sente-se responsável pela manutenção do bem estar dos pais. Principalmente com o pai, cuja saúde esta bastante debilitada. O sujeito informa que é mais “apegado” a figura da mãe. *S1* está inserido no mercado de trabalho e na pesquisa em nível de pós-graduação. *S1* pertenceu ao quadro de bolsistas do Programa Conexões de Saberes no período de 2005 até 2007.

4.1.2. O Sujeito 2

O *Sujeito 2* (*S2*) é um homem de vinte e sete anos que se auto-declara pardo. Foi educado pela mãe, uma mulher negra que enfrentou sozinha a família adotiva – composta por pessoas brancas - e a sociedade para criar uma criança – “o fruto de um relacionamento proibido” - que o pai biológico não assumiu. A mãe, que fora professora

da rede pública de ensino durante quase todo o percurso educacional do sujeito, concluiu o ensino superior intercalando a rotina de estudo à rotina de trabalho. A experiência de vida da mãe é referência para S2 que se enxerga, se reconhece como um negro através da imagem dela. O pai biológico é um fazendeiro do Vale do Aço de cor branca. Atualmente, a família de S2 é composta pela mãe, o padrasto e uma irmã – filha do casamento da mãe com o padrasto que ele considera como pai. O padrasto atualmente também possui – por incentivo da mãe - ensino superior. A família reverteu a situação de pobreza em que viviam. S2 cuja formação em nível de graduação pertence à área das Ciências Exatas e Engenharias da UFMG também está inserido no mercado de trabalho e na pesquisa acadêmica em nível de pós-graduação. O sujeito pertenceu ao quadro de bolsistas do Programa Conexões de Saberes de 2005 a 2006.

4.2. O mapeamento esquemático das primeiras entrevistas

As primeiras entrevistas revelavam uma tensão inicial – esperada - nos minutos que antecederam os registros das falas e também durante os primeiros minutos de diálogo. Ambos os sujeitos – em momento anterior – haviam sido informados pela pesquisadora sobre a perspectiva da pesquisa, quais as regras que regeriam o acordo entre sujeitos entrevistados e pesquisador. É importante ressaltar que, apesar da existência de um relacionamento prévio, anterior entre os sujeitos e a pesquisadora, o tom, a direção, o *modus operandi* daquela empreitada ainda era incerto para cada um dos envolvidos. A tensão inicial era latente talvez pelas expectativas dos sujeitos entrevistados em relação ao que seria demandado e também sobre qual seria o resultado do próprio desempenho diante do gravador. O registro de uma fala tem em si um caráter bastante intimidante para qualquer indivíduo: um registro de fala da experiência pessoal cuja intenção é tornar-se dado de pesquisa é um fator que tende a expandir esta tensão. Ao longo das entrevistas as tensões diziam sobre o caráter complexo e dos diferentes investimentos dos sujeitos da pesquisa. A alternância do caminhar na linha divisória na relação estabelecida entre pesquisador e entrevistados constituiu-se através dos contornos da forma *sujeito-objeto* de / *sujeito-sujeito* na pesquisa. A intensidade do diálogo envolvia implicação de ambos os lados, construção de ambos os lados,

desconstrução de ambos os lados, afinidades em ambos os lados. Mais do que isso, expôs feridas, revelou sofrimentos, angústias, frustrações e medos. Não na perspectiva da vitimização, da redução das falas e das experiências. De modo algum. O exercício denotou o alcance de uma maturidade crítica dos sujeitos – que informavam sobre escolhas – alcançada pelo crivo da experiência de quem não apenas “passa” pelos “espaços”, mas se lança ou foi lançado no denso processo de formação social. Nesse aspecto, o pesquisador precisou ser aquele que estranha o familiar, que pergunta e duvida daquilo que talvez pareça compartilhado demais.

A primeira entrevista, de caráter mais exploratório, procurou localizar as evidências que pudessem exteriorizar as motivações dos sujeitos através do movimento destes em contar a própria história de vida elencada em fases e relacionada à pessoas, fatos, lugares, condições e percepções das situações vivenciadas: o exercício consistiu em um ato de recordar e ressignificar a própria trajetória. A questão da cor nessa entrevista foi central e posteriormente retomada nas outras entrevistas.

A segunda entrevista se deteve em explorar e aprofundar questões sinalizadas na primeira entrevista. Os encadeamentos e a sequência entre as questões foram elaborados a partir dos pontos em que a percepção da pesquisadora sinalizava para uma possibilidade de esclarecimento que pudessem estender o diálogo a níveis cada vez mais complexos de detalhamento.

A terceira entrevista tinha como objetivo relacionar a experiência dos sujeitos pesquisados durante a sua inserção no Programa Conexões de Saberes e suas implicações no campo inicial das formações pessoal, acadêmica, teórico-metodológica e também da percepção atual da questão étnico-racial na voz destes próprios sujeitos. A segunda e a terceira entrevistas buscaram proporcionar interlocuções que promoveram algum deslocamento dos lugares e falas esperadas solicitando dos sujeitos a expressão de suas dúvidas e contradições.

No quadro descritivo-analítico (Quadro 3) das duas primeiras entrevistas (Apêndices A e B), sinalizam-se as primeiras observações marcantes diante dos contextos de fala dos sujeitos:

Quadro 3
Quadro descritivo-analítico das primeiras entrevistas

Sujeitos →	Expressão de antagonismos discursivos.
Pontos em comum →	Representatividade da figura feminina materna (↑) (eixo articulatório de partida das narrativas e da exposição das idéias pelos sujeitos) em relação à figura paterna (↓).
Identificação inferencial de pólos centrais expressados pelos sujeitos para a construção de sentidos elaborados pela experiência →	(Referencial argumentativo) → Mãe Negra _{S2} <i>versus</i> Mãe Branca _{S1} ⁷⁴ = sentidos + experiência partilhada + memória + motivação.

Fonte: elaboração da autora.

A construção do Quadro 3 pareceu apontar para uma polarização dos elementos étnicos no momento em que as construções identitárias raciais dos Sujeitos 1 e 2 caminhavam em direção à divergência (discursiva) na referência para as construções argumentativas desses mesmos sujeitos ao sugerir - no discurso - preferências contrárias ao modelo orientado pelo Movimento Negro em oposição ao mito da democracia racial, e, ao Estado brasileiro com base nos critérios estatísticos coletados pelo Censo - utilizado para elaboração de políticas públicas compensatórias sobre a condição do pardo brasileiro na cena pública, entre outras questões.

[...] **S1**: Eu...o meu desejo é que fosse sempre dos vencedores...né...é se eu acreditava que o conhecimento é capaz de fazer a pessoa evoluir...isso no decorrer dos livros que eu li... que a revolução científica se deu na Europa...o auge da...da revolução científica da aplicação da técnica e da ciência... a fusão da técnica e da ciência...se daria na Europa do século XIX...eu me colocava mais como um europeu do que como um brasileiro...apesar de querer que o Brasil chegasse ao nível da Europa ainda quero que ainda chegue...mas...apesar da questão do desenvolvimento considerado ai ainda como um...um...mito...mas...eu nunca consegui me admitir como um integrante da população da...que pertencesse a um país

⁷⁴ S1: Sujeito de pesquisa 1; S2: Sujeito de pesquisa 2.

derrotado porque pra mim era inadmissível...porque pra mim derrota é uma opção e não é uma conseqüência de algo anterior...pra mim a...condição de uma sociedade derrotada pra mim era...praticamente era como se fosse uma opção não...não...como é que fala é...você faz sem ter intenção de... do que tá fazendo...como é que fala...é ...é involuntário... é quase uma opção involuntária...(PAUSA REFLEXIVA) [...]

[...] **S2:** Uai...minha mãe...é...as vezes...se eu fosse considerá-la só como mãe...no sentido...no ofício da palavra...eu já teria que dar créditos meu...pela criação...por tudo o que me proporcionou...é...pela presença...pela...por suprir o papel de pai e mãe...né...e...e ainda dou um crédito maior...pela trajetória que ela teve...que...que vamos dizer assim...não teve oportunidade de ter...ser enxergada com crédito por nenhuma outra pessoa que não fosse eu: filho dela. **Tatiana:** Como assim? **S2:** Porque...ela começa logo...a adoção...ela teve...soube por...uns parentes consangüíneos que ela encontrou... já depois de uma situação formada...que falaram que a mãe dela dava pinga pra ela dormir enquanto bebê...pra poder sair e tal...e ela foi achada...assim...por essa família que veio a adotá-la...Ahm...eu não venho a discutir o mérito criação da família...é que eu...não tava muito presente...mas é que me passa a imagem que eu até falei antes...de ser aquela pessoa...que mora nos fundos...a empregada da casa...e aí ela...junto de outras duas irmãs adotivas...dois filhos legítimos e três adotivos... de mesma faixa etária da minha mãe...E pelo o que minha mãe me conta...só hoje recentemente, né...ela sempre...era privada de algumas coisas...até mesmo...perante as...as adotivas, né...e isso...pelo o que ela me conta...sem nenhuma...mais pelo fato de predileção...mesmo...de uma por outra...mas então...aí ela começou a fazer as coisas muito cedo...a ir pra cozinha mesmo...a fazer as coisas com nove anos...trabalhou no supermercado a partir de treze anos até...a conclusão do curso superior...que nesse processo...até mesmo não era muito típico da época...ela conseguiu terminar o segundo grau...a um tempo...na idade...é...dos tempos de hoje...e...emendar o ensino superior...fazendo no Estado de São Paulo...coisa de duzentos quilômetros de distância...ela ia de carona todos os dias...né...Por ocasião...o primeiro...envolvimento da vida de mulher dela...que eu vim a ser fruto de...dessa...desse...vamos dizer assim...dessa relação inesperada...na ocasião o meu pai biológico...ele é...ele é casado...pra época não convinha pros padrões...né...então...não me assumiu...essa situação se perpetuou até hoje mas...não faço questão também, né...já...as águas já se passaram...mas isso pra época foi muito...desgastante...uma pelo fato de ser uma filha adotiva...outra pelo fato de ser...um filho é...de um fruto de um...relacionamento proibido...é...e outra...que acabou degradando com o tempo é a questão de ser negra...os filhos legítimos eram brancos...sem nenhuma predileção entre legítimos e adotivos mas a própria sociedade já vai aliando aquilo ao fato de ela ser negra... ela só não sofreu maiores aportes de resignação pelo capital cultural que ela adquiriu logo cedo...foi professora concursada...então...é...mais aí...depois de ter esse resgate dessa figura em *off* “mãe”...é que eu tenho uma valorização hiper extrema que é...só o ofício mãe...né...Então a minha mãe é essa pessoa por quem passou por tudo isso...pra poder deixar

como herdeiro, né...a minha pessoa...então a intenção é sempre também fazer...lutar mesmo...pelas coisas...não abaixar perante as dificuldades...que eu acho que foi isso que ela me ensinou...mesmo sem querer mostrar essa realidade. Essa realidade, ela não me foi posta na infância... ela foi posta aos poucos e talvez...de maneira até...assim...ahm...timidamente...por parte da minha mãe...por não querer que...já que ela não teve essa questão de meritocracia na trajetória dela...porque ninguém dava valor a isso né...aí...só...a minha posterior presença que passou a valer...e a fazer sentido, né...Aí, hoje...foi...quem é essa figura...a minha mãe hoje, né...ah! Que eu tenho que explicar porque da ida ao Vale... foi muito do que eu queria dar a minha mãe a oportunidade de ser uma esposa...eu queria ver a minha mãe com alguém...foi a ocasião que ela...casou com o meu padrasto...[...]

Enquanto a fala de *S1* sugere alcançar a posição supervalorada da branquidade em termos transnacionais (idéia daquilo que é historicamente valorizado no mundo público e político: a branquidade); a fala de *S2* sugere a busca do engajamento a estratégias que reiterem uma valoração positivada da condição e da história materna de superação como forma de reconhecimento a imagem que a figura materna transmite-lhe (idéia daquilo que valoriza-se na vida privada e no seio da família porque está ligado a auto-estima do sujeito: neste caso a negritude). As falas anteriores centram-se em perspectivas distintas significadas no cotidiano dos sujeitos. São perspectivas que marcam, em alguma medida, os posicionamentos dos sujeitos na questão racial brasileira.

O fio condutor das narrativas da história de vida dos sujeitos e suas reflexões vão demonstrando o risco do percurso de construção identitária dos mesmos situando-os a realidade percebida, incorporada, descartada e significada por cada um. É importante notar que esta realidade não é um universo descolado de um contexto geral de Estado, de país, de nação. Essas reflexões são importadoras e exportadoras de um “pacote” de valores sobre a vida em sociedade a partir da experiência e das vivências dos sujeitos. Esse movimento crescente, ora cumulativo, ora não-cumulativo também é o resultado do proceder e do significar dos afetos e do estabelecimento de vínculos afetivos por parte dos sujeitos. Mas, em que medida, estas falas exteriorizam, em cada situação descrita e refletida, um pouco mais, as escolhas e os trajetos constitutivos destes sujeitos?

O pardo é negro? Todo pardo se declara negro? Por quê?

Ainda nas duas primeiras entrevistas os sujeitos informavam campos demarcados no discurso que explicitavam sentidos - formulados em sua relação com a historicidade - contidos na ação de rememorar quando operacionalizaram na forma de interpelação ou de reafirmação a noção de branquidade estritamente atrelada a noção de europeidade e de negritude acionada pelo histórico da diáspora africana⁷⁵.

S1:[...] Eu não sou negro porque embora a única coisa que mais se aproxima de negro ahm... que eu tenho...é o meu nariz...mais...que é mais próximo...né...mas...eu não tenho...a minha boca não é próxima de negro...a minha estrutura craniana não é próxima da de um negro...eu sem camisa sou branco...igual a um outro amigo meu que ele é negro...que ele me viu sem camisa...ele falou assim: “uai o que é isso...? Você é branco...você é doido!?” ... Nem tão branco assim eu sou... mas ele...quando ele viu sem camisa ele falou que eu era branco... Eu falei: “Uai, sou...” “... multicores porque sem... com camisa...uma cor...e sem camisa outra cor...”o resto do corpo que não é coberto é outra cor por causa de sombra, mesmo...[...]

S1: [...] a medida que eu fui avançando nos estudos... como a maioria da literatura que eu tive acesso era uma literatura que representava a história do mundo...mais precisamente...a história européia...eu passei a ter como referência determinadas pessoas...determinadas é...ícones da história européia que eu considerava como...seriam aquelas pessoas que seriam...aqueles exemplos a ser seguidos...países também que deveriam ser seguidos...É que é o caso pra mim...Isaac Newton...é...é...Leibniz...ambos são filósofos e matemáticos...é...Descartes...não conhecia Marx com precisão mas tinha uma raciocínio bem *a lá marxista*. Marx eu vim a estudar com mais profundidade na universidade...[...] ...Então a Europa pra mim é o exemplo de sociedade que deveria ser seguido.[...] Como eu vivia no Brasil...então a pergunta básica era porque o Brasil por seu um país – eu gostava de geografia, gostava de história – então a minha pergunta era porque que o Brasil que...que era desse tamanho tem tantos atributos positivos...e não é um país que se insere...porque que ele é um país que se insere de forma...ahmmm... é...até na época de uma forma subalterna...mas hoje...talvez...ainda...mais eu não posso precisar com grande...com um grau de acuracidade tão alto... então a minha

⁷⁵ Diáspora africana é o nome dado ao fenômeno sociocultural e histórico que ocorreu em países além África devido à imigração forçada de africanos (em especial africanos de pele escura chamados pela cultura ocidental de negros ou afrodescendentes) cujas finalidades escravagista e mercantil perduraram da Idade Moderna ao final do século XIX. O termo foi cunhado por historiadores, movimentos civis e descendência de ex-escravos recentes.

pergunta era tendo por base o país que eu vivia...a minha classe social...e por outro lado tendo... a Europa...mas precisamente a Inglaterra...porque os próprios livros colocam a Inglaterra como o país hegemonicamente...que é hegemônico...conseguiu construir toda uma estrutura que lhe permitiu avançar e dominar...praticamente todos os cantos do mundo...então...é...o meio em que eu vivia era essa a situação, né. Eu tenho...é...Eu vivo...é não sei...como...se isso é dom...ou seja o que for...mas a minha capacidade de análise...desde pequeno era muito alta...muito...eu acho, né...que era muito alta...então me perguntava que...na família que eu vivo...no lugar que eu vivo, na minha condição, na educação, que meus pais não tem,... que é muito alta... No país que eu vivo...tendo como referencia determinados ícones da Europa...e determinados países...e...ah...porque que existe esta diferença...e...porque, a pergunta essencial é porque que eu não poderia traçar o mesmo caminho...[...]

S1: [...] os negros foram retirados da África...e transplantados pra América...por questões comerciais...e...uma série de coisas...isso levou ao longo da história a sua condição...submissa...espoliada...isso é fato...não tem como mudar...você não muda isso...né...e...é pleno direito do negro...acessar qualquer tipo de educação...de qualidade...isso é direito pleno...[...]

S2: [...] porque eu me espelho muito na minha mãe... então assim...eu olho pra minha mãe...eu vejo uma pessoa negra...Eu sou negro...não tenho...não resta dúvida disso não...Então...eu não tinha essa dúvida...Então...eu disse: “oh, é pra mim isso aqui...” Então essa dúvida não passou tanto que eu nem citei como primordial assim...Mas teve...eu lembro que tinha essa ressalva mesmo... teve o recorte... teoricamente teve o recorte menor lá dos alunos da FUMP... [...]

S2: [...] alguns setores da sociedade... que tomaram pra si...o poder e o controle...sobre quem teria a água...sobre poucas fontes pras classes das...e aí na maioria das vezes eram escravos...negros...né...aí alguém cogitou de falar...isso na discussão...porque...aí...mas já foi rechaçado logo de cara...aí eu fiquei meio assim...porque...o professor por exemplo...é referência...mundial no tema de políticas públicas...em saneamento...ele não tem esse olhar por esse viés...porque pra ele...ele considera que...não era só o negro...que aí também tem uma questão de pobreza...ou riqueza...anterior a essa questão étnica...nos idos da distribuição de água...o que eu fiquei assim...depois que eu saí da aula...eu fiquei assim...quando a gente tem um professor que é excelência mundial...a gente fica assim...nos primeiros dias de convivência a gente fica sempre querendo...aceitar tudo como ele fala...como máxima e tudo...mas eu fiquei sem querer...contradizer e tal...mas depois...eu fiquei pensando...e tal...isso antes da assinatura da Lei Áurea...então assim...era pouquíssimo provável que a classe marginalizada da

sociedade fosse outra que não negra. Então...então nem...dá pra desassociar assim...porque aí depois o negro começou a ter acesso...a água quando...da revolução industrial e do avanço industrial...que o patrão viu que precisava de um empregado né...e aí começou a dar condições salubres...pra que esse empregado não morresse de cólera...ou diarreia...então tem um viés aí também...talvez até muito bom de ser estudado...dentro da minha área...mas que ali naquele momento já foi rechaçado...[...]

Dessa posição, especificamente, os sentidos atribuídos à afetividade dos sujeitos no ato de identificação racial se formulavam oscilantes a partir das experiências em relação ao *modus operandi* da afetividade do sujeito. Conforme sintetizado na Figura 5 a seguir:

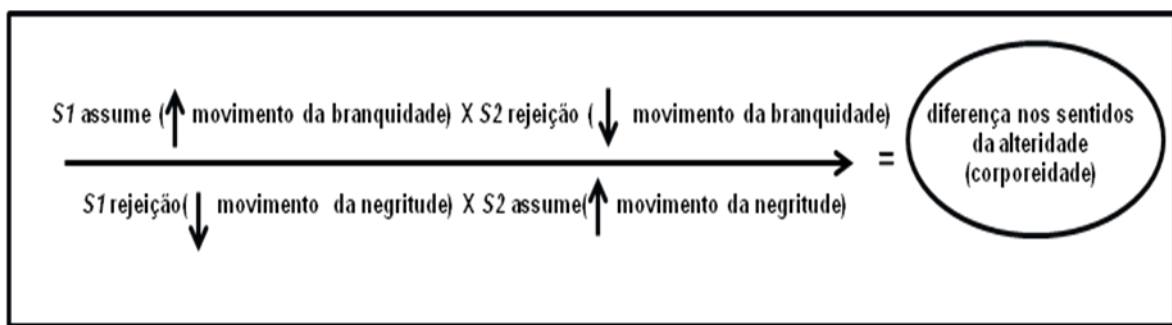


Figura 5 – *Modus operandi* do dispositivos da negritude e da branquidade sobre a identidade dos sujeitos evidenciada no discurso

Fonte: Síntese da autora

A Figura 5 ilustra o movimento oscilatório entre as construções da negritude e da branquidade emitidos através da fala dos sujeitos. A operação revela a razão entre o confronto das duas construções valorativas a partir dos sentidos capturados pelos sujeitos tendo como referência a própria corporeidade e a corporeidade do *outro/Outro*.

Há um escamoteio da identidade dos sujeitos quando são postos em confronto os valores da branquidade em detrimento da negritude. Se em *S1* a história documentada dos “vencedores” é um argumento que sustenta a soberania de uma historicidade eurocentrada; em *S2* a idéia de ruptura na cadeia secular de opressão a partir da vivência materna serve de substância para uma valoração positiva que interpela as bases da branquidade. É desse modo que, em um primeiro nível, as entrevistas

indicam o aparecimento - no discurso dos sujeitos - das seguintes distinções articulatórias, a seguir:

$$\text{Negritude: } S2 > S1 \leftrightarrow \text{Branquidade: } S1 > S2$$

Desse modo, a fórmula descrita informa que a negritude em *S2* apresenta traços de maior evidência do que em *S1*. Enquanto que, ao inverter a lógica, então: a branquidade em *S1* apresenta maiores evidências do que em *S2*. Isso, de modo algum, significa que a soma dos constructos seja zero (neutra) para ambos os sujeitos e tampouco é inexistente na construção identitária destes mesmos sujeitos. Torna-se possível inferir que ambas as construções estão operando em níveis distintos de apreensão e significação da experiência dos sujeitos.

A reflexão necessária a um exercício de suposição e conseqüente constatação sobre a existência de um consenso inicial de que para ser branco exige pele clara, feições européias, cabelo liso; ou que ser branco no Brasil é uma função social (Guimarães, 1999, pp.206-208) e implica desempenhar um papel que carrega em si certa autoridade ou respeito automático por permitir livre trânsito e eliminar barreiras ao traquejo social liga-se a conclusão de que ser branco não exclui “ter sangue negro”(Ware, 2004, pp.366).

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (Foucault, 2010, pp.49)

O construto branquidade encontra-se em processo de sedimentação: ainda há divergências sobre sua natureza. Na obra, *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*, organizada por Vron Ware (2004) os autores transitam pelas diversas perspectivas de análise sobre a branquidade ao entendê-la como dispositivo, sistema de valores, ideologia e mesmo como uma identidade invisibilizada ou politicamente constituída pelo crivo histórico-social. Esta condição não se configura como um impasse, mas como um movimento urgente e emergente para a construção de discussões

aprofundadas sobre as relações raciais e seus impactos sociais a partir do multiculturalismo e sobre o histórico das identidades nacionais constituídas com foco na dissolução do confronto imaginariamente definido pelos pólos antagônicos fundantes do embate negritude/branquidade. Neste sentido, discutir relações de raça no Brasil está intimamente ligado, em alguma medida, a discutir as relações entre “opressores” e “oprimidos”, “dominadores” e “dominados”, ou seja, relações de poder. Assim como a negritude, a branquidade tende a inscrever-se em um sistema de convenções que oriente a idéia de *ser* branco na sociedade. Se a negritude envolve uma pré-disposição a militância política, uma rede de acessos à informação, à movimentação na cena pública que se cerca desde os usos culturais, da corporeidade (de)marcada, da consciência histórica do estabelecimento e da ruptura da sua condição em relação ao *Outro*⁷⁶ para a garantia da cidadania no uso mais amplo do termo - no que refere-se a vivência da dignidade humana; a branquidade – antagonicamente – marcada pelo histórico de opressão e dominação sobre o *outro*⁷⁷ tenta caminhar no sentido de desvincular-se de uma idéia negativada de constituição do sujeito ao posicionar-se conscientemente frente aos privilégios tributários do racismo a partir do capitalismo e cogitar dinâmicas de enfrentamento e rompimento dessa lógica: o racismo. Raça e racismo são construções distintas que se ligam no cotidiano das relações sociais. Neste sentido, os estudos sobre a construção da branquidade e os estudos críticos da branquidade tentam isolar em unidades mínimas as condições de formação dessa construção histórica de maneira que o sujeito ali interposto encontre condições de ser resgatado deste receptáculo que o assujeita e operacionalize trocas sociais e simbólicas propositivas de relações mais equânimes e subversivas a lógica do racismo (Ware, 2004).

Dessa maneira, esta investigação proporciona o estímulo à interação entre a imaginação interpretativa e o conteúdo empírico fornecido pelo campo através dos sujeitos. Por se tratar de uma temática que adentra o campo da linguagem – mais especificamente, o discurso – a tentativa de fugir da especulação retórica foi uma preocupação constante. A baliza – mediação - recorrentemente acessada estava suportada no campo da experiência, do vivencial, do real. Ao considerar-se que este é um trabalho empírico, a base sobre a qual as articulações sustentam-se provém da

⁷⁶ Grafia de destaque para menção ao Outro Universal, ou a figura imaginária parâmetro de completude nas relações.

⁷⁷ Grafia de destaque para menção ao outro em relação de subalternidade ao Outro Universal.

experiência dos sujeitos e sua instrumentalização diante da flexão prático-teórica recebida no ambiente acadêmico-universitário proporcionada para ambos. O exercício de reflexão proposto transitou pelo entorno da descrição, da reflexão, da interpelação, da construção, da desconstrução das experiências exteriorizadas nos atos de fala de cada sujeito. O movimento de idas e vindas realizado nas entrevistas não objetivou demonstrar uma construção retórica eficaz ou suas falhas para fins extrinsecamente argumentativos ou relacionais aos aspectos formais da língua. Mas, ao contrário, imbuu-se na tentativa de criarem-se estratégias para fugir dessa armadilha e concentrar-se em explorar as nuances performativas da ação do sujeito sobre sua história e da história sobre os sujeitos de maneira que fosse possibilitado o aparecimento de evidências e alternâncias entre estas instâncias. Neste sentido, a experiência no Programa Conexões de Saberes foi fundamental para considerar-se de que maneira seriam melhor exploradas as potencialidades da inserção e do manejo teórico-científico com o qual os sujeitos estavam familiarizados. Esta estratégia tinha como objetivo afastar do rótulo ou da tendência em imbuir, preencher o sujeito da categoria pardo de uma essência ingênua, guardada no lugar da alienação. Este recurso também pressupunha evitar a contaminação ou a deturpação enunciativa dos sentidos transmitidos nos diálogos. Perguntados sobre os dilemas e os impactos na experiência individual de cada um no interior do Programa Conexões de Saberes, os sujeitos responderam:

[...] **S1:** É... do ponto de vista do aprendizado... com relação as leituras... elas contribuíram pra dar... uma capacidade argumentativa em prol de um abordagem não...necessariamente quantitativa... da análise...de qualquer análise é...(PAUSA REFLEXIVA) é...ampliaria o leque do meu conhecimento... na forma de interpretação... da realidade...Com relação as pesquisas de campo... elas foram muito... essenciais... eu gosto muito de trabalho de campo... Eu acho que pra trabalhar questões de pesquisa ... eu acho que vai ser válido em qualquer lugar... em qualquer tipo de...de disciplina... né... talvez ... exceto em Física... mas...é...a ida a campo é essencial porque traz um agregado a mais na interpretação das informações que você colhe... Então... de...de...mesmo sendo pobre...de origem popular...essas coisas... eu nunca morei em favela... eu nunca morei... moro num bairro de... classe média... Mas vê diferente... as várias formas...a gente...eu diria que... diria que no Brasil as especificidades de cada local...cada localidade construir uma análise estrutural...conjuntural... da organização social e das formas produtivas (PAUSA) ... que leva... refletem uma determinada organização social e...com relação aos

colegas... eu não... eu... mesmo sendo uma pessoa fechada... muito... muito pouco... é... tem um termo... como é que é? Eh... como é que é gente...hã...eu não vou lembrar agora não... é uma palavra simples mas ela... Hah! Mesmo sendo uma pessoa introspectiva eu não cheguei a ter nenhum problema de relacionamento... mas o meu próprio aspecto de pessoa fechada as vezes pode por algum motivo implicar em um problema que talvez eu...eu... tenha desconhecido... ou algum problema grave que talvez eu não conheça... mas... é... aí é uma questão de personalidade. Mas eu não... julgo ninguém... (PAUSA REFLEXIVA). Como era uma época... uma fase específica da história de vida de cada um... aquele espaço...digamos que aquele recorte temporal em que todas as pessoas estavam... que todas as pessoas que pertenciam ao Conexões estavam ali...é...é representavam uma síntese da época ...da idade... das condições históricas... sociais... de cada um naquele momento específico. Então... assim...o que que eu quero dizer: as pessoas... a personalidade das pessoas... o comportamento de cada um era... era dado específico daquele momento. Então... julgar as pessoas... em alguma medida... seria...um posso dizer que seria temerário porque hoje... já se passaram aí... é... quatro anos...né... e muito provavelmente as pessoas mudaram em alguma medida... e hoje tem pensamentos totalmente diferentes. (SILÊNCIO). Uma coisa que foi muito marcante ali nas Conexões foi a questão da...da politização... né...que é a formação do indivíduo enquanto um ator político ativo (BRAÇOS CRUZADOS) ...é...é uma questão que eu acho que foi relevante...muito...muito... muito importante... foi um espaço de treinamento... é...se você parar para pensar a universidade pública... né... a universidade federal tem uma capacidade de formar a pessoa não só profissionalmente mas ela forma a pessoa pra vida...mas também pra quem quer, né. Diploma... o diploma que a gente recebe da universidade...de universidade federal...ou das universidades federais que as pessoas recebem...é um diploma que tem muito mais peso do que o mero peso do papel e tinta que qualifica a pessoa ali...a exercer determinada profissão...e a construção da minha cidadania enquanto pessoa...brasileiro...que pensa...em projeto de país é...ela foi...o Conexões foi... o Conexões teve uma participação muito importante nesse processo. O problema é quando depois...quando você passa ...depois...pela universidade...você vê que não tem mais tanto poder quanto poderia ter teoricamente projetado o futuro...né...pra exercer aquilo que de fato deveria ser feito... mas aí são as distorções da sociedade que a gente tem. É isso... é... a contribuição é essa mesmo...assim...sinteticamente dizendo.[...]

[...] **S2:** Humhum.. Ah...a primeira... o primeiro impacto... é...eu confesso que eu estava interessado numa causa própria... que talvez se resumia a comunidades populares... e aí...nisso... eu fazia um recorte do YYYYYYY⁷⁸...Eh...ai eu tava...as vezes eu ficava... com...com uma discussão... comigo mesmo né...sobre qual que... era o meu enfoque ali...né... Assim "...o meu enfoque não é tão amplo...assim...eu quero atender algo...mesmo que seja olhando pro próprio umbigo...seja algo que... eu me sinta como parte influenciadora..." . Ai eu tive esses conflitos... de interesse... de

⁷⁸ Região do semi-árido mineiro.

fato...né...porque o Conexões...partiu pra uma coisa global...né...não era... algo tão local...assim...apesar da gente ter inserções nas comunidades aqui... o foco era algo global...hum... e eu estava muito focado localmente...Eu saí de lá...pensando localmente... mas aí depois que eu começar a andar com as próprias pernas... que eu caí no departamento que eu...pensei da coisa global... então...o amadurecimento foi posterior...mesmo. Estava um processo lento...porque ainda tinha um conflito da graduação... uma fase que eu passei muito apertado... com as matérias de graduação... e...aí eu sentia que o pessoal do... dos outros colegas do Conexões tinha um certo preparo... um bom preparo pra se engajar nas discussões... dado a... mínima convivência que seja... com leitura... Mesmo até próxima das leituras que a gente fazia... então...já eu não tinha muita leitura...e nem tão pouco...escrita... eu estava muito resumido a números...então começou a aparecer algumas coisas que me deixou com sentimento de atraso em relação a... em relação a turma... e...mais foi meio... impactante nesse sentido... aí é tanto até que...quando eu saí... eu saí nesta expectativa de que...aí eu pudesse fazer os meus planos...mais livremente... mas aí eu fui olhar o que que eu tinha na mochila...e aí era muita coisa... Eu não tive tempo de mexer nessa mochila enquanto eu estava lá...sabe...?! [...]

No contrato de fala aqui estabelecido, as questões - ainda que num primeiro momento de leitura saltasse aos olhos como “armadilhas” discursivas com o intuito de impossibilitar o sujeito de movimentar-se em meio às próprias reflexões – foram inseridas em brechas argumentativas com a finalidade de melhor exteriorizar os sentidos dados a experiência destes sujeitos. O envio das transcrições das entrevistas durante o processo de imersão no campo foi um dispositivo utilizado para que tal pressuposto fosse possibilitado: a reflexão do sujeito sobre si na re-elaboração do dizer de si e da percepção do entorno foi uma estratégia conjecturada para ampliar o diálogo e possibilitar transparência ao campo. Dessa maneira, ao final das entrevistas a visualização inicial do campo pela pesquisadora cogitou a seguinte imagem teórico-analítica:

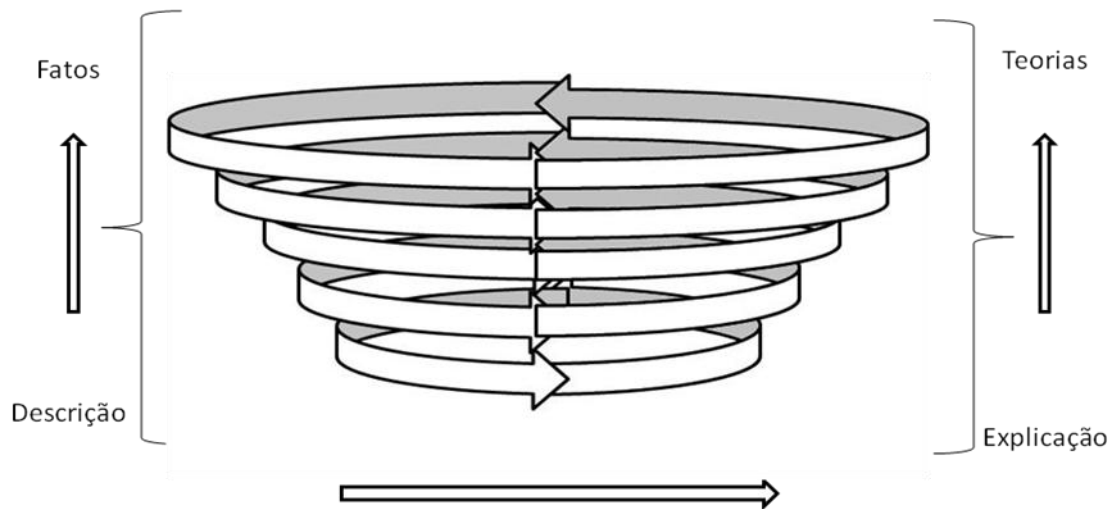


Figura 6 – Modelo Espiral Empírico-Interpretativo
Fonte: a autora

A partir de um roteiro fundamentado em entrevistas em profundidade o diálogo com os sujeitos utilizou-se da descrição dos fatos significados na história de vida destes indivíduos. O eixo da história de vida dos sujeitos foi articulado sobre o permanente convite à reflexão – demandado pela pesquisadora – dos próprios sujeitos cujas explicações fornecidas nos sentidos dados à experiência se intercambiavam ao arcabouço teórico dominado pelos mesmos sujeitos ao serem interpelados.

De acordo com Oliva (2008, p.41) “o modelo *from de bottom up*, ‘de baixo para cima’ [...], parte de observações que se supõem fidedignas cujo processo desenvolve-se do empírico para o interpretativo, dos fatos para as teorias, do plano descritivo para o explicativo [...] em camadas”. A partir desta estratégia de sistematização dos dados coletados estabeleceu-se uma ponte para a ancoragem da Análise do Discurso⁷⁹.

A Análise do Discurso se situa na necessidade de ler os textos, ler os relatos sobre o mundo, para além do seu conteúdo informacional e da codificação dos signos.

⁷⁹Aqui pontua-se a Disciplina Análise de Discurso gestada a partir do seio da linguística onde esquematicamente podemos demarcar aspectos de suas gerações: a) 1ª Geração: corrente de natureza representacional que situa os fundamentos da Análise do Discurso pensada por Pêcheux e também inicialmente na perspectiva filosófica de Foucault; b) 2ª Geração: discorre sobre a heterogeneidade das discussões e dos estudos acionados pela Análise do Discurso que resultou numa complexificação do objeto gestado na 1ª Geração através de um investimento maciço das considerações teóricas foucaultianas e; 3ª Geração: consiste no processo de configuração de uma Análise do Discurso que apresenta uma natureza multiforme e multidisciplinar no seu objeto de estudo (Emediato, 2011).

As questões sobre a natureza não informacional e não codificada de um texto, de um relato, convoca o pesquisador a dirigir-se à plataforma de acesso a uma gama de saberes e perspectivas teóricas como esforço e tentativa necessária de responderem-se questões ao debruçar-se sobre o problema. Na Análise do Discurso, a linha tênue situada entre o que está dito e o não-dito articulam-se a uma rede complexa do discurso através dos seus princípios norteadores. Neste sentido, é importante pontuar que o não-dito encerra em si uma gama de sinalizações que caracterizam a essência norteadora de um discurso. Se ler não é, somente, ver o que está ordenado e estruturado semanticamente em um texto ou relato, então ler torna-se mapear as evidências das condições que permitiram constituir aquele texto como um registro histórico e socialmente localizado pelo sujeito. Ler um texto ou um relato é também captar aquilo que está visível e localizar as condições da sua invisibilidade. É dessa maneira que adentra-se na natureza complexa do discurso. De que maneira os processos históricos possibilitam aos sujeitos apropriarem-se ou construírem discursos que remetam a sua realidade social e racial? Como eles constroem sentidos para a dinâmica da vida coletiva? Em que medida estes sentidos corroboram para a própria constituição identitária? Onde está o limite da ação do sujeito em detrimento da ação coletiva quando o contexto social e racial reproduz os meios paradoxais que fragilizam e neutralizam a insurreição do sujeito?

[...]**S2:** Ai...eu acho que talvez... acho que transcenda até esse... ponto...foco...e parte pra uma questão de... que...é...a sociedade é formada por...está muito focada em interesses próprios né... ahm...os interesses primordiais são os próprios... então isso seria anterior a esse processo ainda... Essa formação de interesse coletivo... tá longe de... sem formação coletiva...aí vai dificultar bastante...a formação de desmanche de desigualdades... para a formação de igualdade... Porque a igualdade é a coletividade...[...]

[...]**S2:** Sim...sim. Diante até do contexto político...até...que...vamos partir do pressuposto que...como opção política...nenhuma delas seja válida...porque...qualquer que seja a alternância do poder...não se atinge o alvo que foi proposto...então...vamos partir do princípio de que nenhum se tem opção em...voltar...não tem opção: nenhuma é válida... É... diante desse quadro a pessoa escolhe aquele...que lhe atende o interesse direto. Então é um...sei lá um presidente que...visa a...industrialização e aí...nisso pega um recorte dos setores das cidades mais...industrializadas. E aí as pessoas tendem a olhar aquilo que é necessário a elas mesmas. E aí recai também no “o que que eu tenho haver com isso, né?” do mesmo caso da menina que nasceu rica, linda...e...branca...tudo mais...o que que eu tenho haver com isso

e...mas aí esse o que que eu tenho haver com isso cai em diversos contextos econômicos...e aí é coisa de um...olhar pro próprio umbigo...falta senso de coletividade...e eu vejo que é todo um bem superficial mesmo...fazer bem superficial...talvez eu mesmo...caso...eu sentia isso...quando...dos projetos de extensão que eu organizava né...a gente aparecia de forma meteórica uma vez ao ano...lá no Vale do Jequitinhonha...passava quinze dias das férias...e sumia...né...em outra oportunidade de voltar só no ano seguinte...né...Aí...para os olhos da sociedade...para todos assim...enxerga isso aí como pessoas que já tem vaga garantida no céu, né. Mas eu sempre senti um vazio dentro de mim... “eu fui lá com um propósito...e o que que eu atingi desse propósito...será que...que...” a mudança incipiente tem. A pequena mudança...tem...isso é fato. Mas...daí a coisa de...muito também quando você associa o fato das coisas serem sempre projeto ou no máximo...um programa de curta duração...então as coisas não ganham efetividade...a contar pela cultura de pleito político. Todo pleito político é de quatro anos ...no máximo oito. Tudo depois disso é reconstruído...e aí...isso se transforma também...no dia a dia do ser humano...então...as pessoas tem planos pra daqui a quatro anos e olhem lá.[...]

O ato de refletir a partir dos contornos da história da sociedade brasileira vai apresentando-se na fala de *S2* como uma implicação que recorre às emendas e a noção crescente de dívida social para com a maioria da população. A dívida social é entremeada pela situação de pobreza material e simbólica que o sujeito relaciona também a falta de oportunidades ou a precariedade educacional, aos usos da máquina pública e as desigualdades que foram estabelecendo-se e reforçando-se em detrimento das diferenças. Aparece aqui uma noção de assentamento associado ao desejo de ruptura de uma situação histórica e ao sentimento de impotência que se apresenta como um fator determinante nas relações sócio-raciais da sociedade brasileira. Em alguma medida *S1* corrobora a fala de *S2* ao dizer:

[...]**S1:** Ah...a noção de que as pessoas tem hoje em dia...os alunos tem hoje em dia...de que...o que importa é ganhar dinheiro...implica em aceitar... as coisas como são. As pessoas deixam de pensar em transformar aquilo que existe e passam a agir em função de obter o máximo de vantagem daquilo que já existe. Ou seja... tem uma diferença muito grande em você obter uma vantagem daquilo que já existe e criar mecanismos para obter vantagens daquilo que existe...ou você criar mecanismos pra transformar aquilo que existe. É...um futuro que eu enxergo...é...eu posso estar errado...mas o futuro que eu enxergo é... a manutenção das condições como elas estão. O Brasil continua sendo subdesenvolvido... existe a possibilidade de no

futuro... haver uma lacuna né...de direcionamento político... no planejamento econômico social...e...ou pode acontecer algo diferente...em decorrência dessa geração que hoje eu falo, né. Pode ser que no futuro... por causa da tendência das pessoas... dos estudantes... a acharem que o mercado é a solução do problema... pode ser que haja uma contra corrente... que leve a acreditar na possibilidade de mudança. Mas aí...é meio que futurologia. Mas eu não sei se se no futuro nos vamos ter...uma... as possibilidades de transformação no futuro eu acho que se reduzem... mas não é uma conclusão determinada...que eu possa considerar que vai ser assim. Há tendências...de que seja isso. Mas eu não posso falar que vai ser assim. Porque a coisa é muito dinâmica...a vida social é muito dinâmica então...você não tem condições de controlar...ter certeza... de que vai ser aquilo. Mas eu acho que...parece que existe um consenso de que...as coisas devem seguir um caminho... já estabelecido e assim... todos serão felizes...ou alguma coisa assim... do gênero. Está determinado. Eu não sei... a questão da universidade está bem no vácuo...eu não consigo...tem vários determinantes... pra esse futuro... se vai ser bom ou ruim...então... na universidade...pública...a gente nunca sabe... Isso aí...fica...fica pra quem viver...mais pra frente...verá. É uma condição indefinida.[...]

As dimensões social e racial estão entrelaçadas ao desenvolvimento dos padrões de desigualdades, aos dispositivos de análise e mensuração das violências e formas de opressão ideológicas - como no exemplo do racismo e nos valores adscritos de classe – apontados nas falas dos sujeitos. O exercício reflexivo destes sujeitos movimenta-se a partir de olhares que se lançam de dentro e fora das condições que os permitem perceberem-se como sujeitos e objetos da ordem social posta. Passivos ou ativos ao domínio destas violências eles utilizam-se de um olhar relacional sobre seus aportes teórico e vivencial. Neste sentido, esta consideração tem implicações para o campo das produções de conhecimento e sobre a conformação ou a não conformação da noção de cientificidade sobre o viver coletivo. Este é um hiato que propicia-lhes repensar as bases do(s) pensamento(s) e das epistemologia(s) nos quais recorrem na construção das próprias argumentações. Observe-se, por exemplo, a contraposição dos argumentos de *S1* ao final da terceira entrevista (Apêndice E) que ilustram exatamente o exercício de repensar-se as conformações do próprio pensamento manifesto contido no processo de construção do conhecimento acerca do mundo e da sociedade, nas falas a seguir:

Argumento A:

[...]S1: Porque...pobre não foi criado pra debater...é uma questão essencial isso...não existe...É...isso é uma questão histórica...é...essa...há eu vou...precisa interpretar isso do ponto de vista de luta de classe...recorrendo a Marx, né... (PAUSA REFLEXIVA) Sistemáticamente...é... alguns podem concordar... ou alguns podem falar que não mas... tudo bem... mas sistematicamente... as elites moldam a classe explorada para que ela não questione a elite... isso é uma questão essencial...então... assim...pobre não vai receber formação pra questionar...pobre não vai... não receberá...não recebeu...não vai receber...nunca vai receber nem aqui nem na China...nem no ano 3016...seja em qual idade...ou planeta...ainda possa existir...pobre não vai receber formação pra se colocar...pra se posicionar... diante de determinada condição... não é da estrutura montar...não é da estrutura formar pessoas críticas... ainda mais pobre...você tá doido! Eh! Não é...se elite...o próprio nome elite já se explica... se a elite fosse todo mundo não existiria elite... então não faz sentido você formar pobres com capacidade argumentativa... não faz sentido você formar pobres com capacidade...de interpretação de textos... não faz sentido você formar pobres pra pensar lá na frente... porque eles precisam permanecer... na condição tal para que haja uma reprodução dessa determinada classe... para que as coisas mantenham-se como estão... Isso não é uma questão de ser...de maldade ou de bondade...não...Eh! Se for olhar os primatas em certo sentido...tem o líder e tem o restante do grupo que se subordina ao líder...Eu acho que a questão humana é apenas uma evolução...uma projeção... daquilo que já existe no mundo primata. Então...pelo fato de... ser o projeto Conexões...estar...constituído por pobres...em alguma medida...então... não existia ali... um treinamento básico... pra questionar... pra colocar as coisas... Refletiu muito aquela questão... de que...(PAUSA) “eu sei... não concordo...mas fico calado”. Não que pobre seja burro né...não é essa a questão...[...]

Argumento B:

[..]S1: ...então é por isso que eu coloco...que abraçar uma causa...específica...requer...mais do que só energia e empenho. Existe... capacidade para se considerar outros elementos que são essenciais...pra compreender...a conjuntura em geral da sociedade...as formas como as pessoas se organizam...as intenções...que existem...a partir daí...que...ao tentar...lutar por uma causa...é provocar...uma ruptura ou...ahm...não é questão de ruptura...a pior coisa que tem é ao você lutar...por um direito...é...subtrair o direito de outro...porque aí...gera reflexos...ou seja... se o branco antigamente...subtraiu o direito do negro...obviamente o negro vai ter rancor por isso...e aí o negro...agora...por exemplo...consegue...uma ascensão social...é maior...a custa do índio...aí o índio...aí o índio vai ter rancor do negro...o branco também vai ter rancor do negro...e aí mais para o futuro os índios se organizam...e conseguem um direito...uma maior

quantidade de direitos pra si...mas as custas por exemplo de um oriental...E aí você já começa um outro problema porque o oriental vai ter rancor do índio...o índio tem rancor do negro...o negro tem rancor do índio porque índio já roubou o direito dele...aí vira...no final das contas uma panacéia...ou seja...é impossível fugir de conflitos...mas você acaba...agravando conflitos...que teoricamente seriam desnecessários...né...[...]

[...]Tatiana: Você está falando... em... se apropriar da desigualdade... ou da diferença...?

S1: Da desigualdade e da diferença. Isso aí é fato... se determinado grupo social... você tem uma pessoa perspicaz... suficientemente pra a igualdade...a desigualdade e a diferença... ela pode usar isso para o bem e para o mal...isso...eh...pra uma coisa construtiva... ou uma coisa destrutiva...né... aí... depende da...da formação da pessoa... Então...eh... o problema essencial... talvez não seja nem... nem lutar pela... acho que o foco não seria tanto... buscar a questão da igualdade... no... na... sua essência... a igualdade em si...mas... mas lutar pela... mas na verdade combater as formas escusas que existem na sociedade... combater as formas... essas formas eh...eh...estranhas que... vira e mexe vem acontecendo... de apropriação de diferenças... e desigualdades pra... perpetuação de determinadas condições que são inaceitáveis por aí...ao próprio nível da condição humana... acho que a...acho que a gente deveria inverter a causalidade... da...da questão... né... o problema não é... igualdade... o problema é como... se trabalha a questão da diferença... da desigualdade dos meios... e das formas que as pessoas se apropriam disso para se beneficiar...determinados grupos né...se apropriam da diferença pra... se perpetuar no poder... o problema essencial talvez seja esse...eh...pode ser que eu esteja errado mas... esse exercício de reflexão... eu acredito também... seja esse o problema... é uma causa a se estudar... meditar por um bom tempo... talvez o sentido seria esse... [...]

Neste momento recai-se sobre o dilema da busca de cientificidade no campo das humanidades. Por quê? O dilema da busca de cientificidade para o campo das humanidades esta implicado no estruturalismo cuja promessa é a possibilidade de investimento na idéia de objetividade do objeto porque esta é a condição para sua descrição. Mas, então como descrever as estruturas de um objeto – o discurso – cuja objetividade escorre através dos contornos do invisível, do subjetivo? A Análise Automática do Discurso⁸⁰, cuja decodificação - a lexicometria - é também possibilitada por sistemas automatizados (computadores), foi um ensaio teórico neste sentido, mas que ainda não responde a complexidade do objeto discurso. Entretanto, é necessário cercar-se de que os fundamentos da Análise do Discurso ocorreram pela flexão entre

⁸⁰ Sobre *Análise Automática do Discurso* ver menção no capítulo 3.

sujeito e ideologia. Por exemplo, o sujeito pardo inscrito em uma sociedade onde transitam os discursos da democracia racial como decorrência do processo de mestiçagem, do embranquecimento como ideal mítico europeu a ser perseguido ou das ações afirmativas na perspectiva do combate a violência significada na memória coletiva brasileira a partir da visão distorcida da grande maioria da população em relação à herança de matriz africana, movimenta-se nestes espaços dialógicos de poder, de apropriação e de reelaboração da experiência coletiva com o objetivo – ainda que inconsciente – de retornar à sociedade a qualidade gerativa de suas interações. Os sujeitos pretos e brancos também estão condicionados ou influenciados por esta premissa. A diferença básica entre sujeitos pretos e brancos em relação aos sujeitos pardos quanto a esta movimentação consiste nas possibilidades e no maior raio de atuação do espaço de manobra – ou espaço de trânsito - dos pardos em acordo com o contexto racial brasileiro do século XXI de significados e sentidos atribuídos principalmente aos valores da mestiçagem.

É neste sentido que a tríade inicial para análise estabelece-se pela tentativa de compreensão das relações entre linguagem, sujeito e ideologia, como percebido no trabalho de Pêcheux.

[...]S1: Ah...eu acho que tem gente que está disposta a não ir no padrão...mas é a mesma coisa de você estar...é a mesma coisa da pessoa...Essas pessoas que ... não estão dispostas a comprar... esse padrão... é a mesma coisa de... alguém que está nadando contra a correnteza... E o Maquiavel disse muito bem né... eu não vou conseguir a frase toda agora de cabeça mas... em síntese ele disse que... “ em tempos maus...não adianta ser bom rei.” Não adianta ser um rei bonzinho. Você também tem que ser mau porque senão... você vai ser engolido no processo... é... e aí você perde o seu rei. Então... no desespero... na fome... o povo abarca a idéia mesmo...vai embora...[...]

De outro modo, tem-se um representativo ganho teórico a partir das proposições de Foucault com a estabilização de noções que perpassam a dinâmica do discurso a partir da localização de princípios inerentes a sua constituição. Os princípios do discurso, nos quais este trabalho de análise está em permanente diálogo e confronto, segundo Foucault (2010, p.52-55) na obra *A ordem do discurso*, são basicamente:

- 1) O princípio da inversão: é um convite a enxergar “o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso”, ou seja, o foco deve afastar-se da continuidade, da origem do discurso para enxergar-se além do que se nos mostrar em nível inicial o contexto.
- 2) O princípio da descontinuidade: é importante notar que apesar de haver como contraponto - sistemas de rarefação do discurso há também um grande discurso ilimitado, contínuo e silencioso que está latente para expor-se a palavra.
- 3) O princípio de especificidade: aqui o discurso atua como uma violência que se realiza sobre as coisas ao impetrar práticas que são encontradas com regularidades.
- 4) O princípio de exterioridade: parte da regularidade do discurso, “e sua aparição a condição de possibilidade que localiza a série aleatória de acontecimentos e fixa suas fronteiras”.
- 5) O princípio da não evidência do sentido, da não transparência do dizer⁸¹: aqui o estabelecimento de séries diversas, entrecruzadas, divergentes, não autônomas possibilitam circunscrever o lugar, as margens da contingência e as condições da aparição do acontecimento.

Observe-se que a fala do sujeito exemplificada anteriormente permite a identificação desses princípios. De acordo com o sujeito, se não pertencer ao “padrão” é significar cotidianamente uma relação de antagonismo com valores vigentes; então, sinalizar qual decisão, qual o arbítrio e sobre que direção tomar informa os riscos do percurso. Nem todos os sujeitos pardos estarão dispostos a arriscar o seu rei. Esta escolha está condicionada a uma projeção de uma visualização futura onde a avaliação é uma estratégia baseada no entorno. Em analogia, sobre um jogo de xadrez, por exemplo, é preciso arbitrar o que será estrategicamente decisivo durante o percurso até o final do confronto: “Não adianta ser um rei bonzinho. Você também tem que ser mau porque senão... você vai ser engolido no processo... é... e aí você perde o seu rei”.

Estas unidades do discurso conceitualmente sumarizadas e descritas como descontinuidade, ruptura, limiar, limite, série e transformação por Foucault na obra

⁸¹ Esse princípio é melhor descrito em *Arqueologia do saber* (2010, pp.71-78)

Arqueologia do Saber, foram esquematicamente operacionalizadas em um exercício de análise inicial conforme o quadro a seguir descreve a localização do caráter enunciativo nas preferências argumentativas desenvolvidas por *S1* e *S2* já nas primeiras entrevistas, conforme ilustra o Quadro 4:

Quadro 4
Arranjo articulatório das falas dos sujeitos

Sujeito 1	Sujeito 2
- Historicidade europeia tende para demarcação referencial na determinação de afinidades identitárias (“...eu mimetizei mais ou menos a característica do comportamento europeu.....”)	- História de vida materna tende para demarcação de referencial na determinação de afinidades identitárias (“... a minha história sempre começa a partir da história da minha mãe...”)
- Argumentação pautada na supervalorização de pressupostos teóricos europeus.	- Argumentação pautada na valorização na experiência de vida materna.
- Tende a repressão discursiva dos afetos dados pelos vínculos raciais. Baixa expressividade em relação aos vínculos sociais.	- Afetos expandidos e expressos no discurso através de vínculos raciais e sociais.
- Fuga, tentativa de não comprometimento e esvaziamento da fala quando questionado sobre posicionamentos de ordem pessoal ou individualizante. Não se refere a si mesmo na primeira pessoa. Utiliza a terceira pessoa para dizer de si remetendo a uma suposta “consciência coletiva” ou coletividade. - Tendência em desviar o foco do conflito étnico-racial. - Negação ou fuga do reconhecimento de níveis de privilégios alcançados pela própria corporeidade.	- Assertividade quanto ao posicionamento étnico-racial. - Enfrentamento do conflito étnico-racial com atenção ao viés social. - Reconhecimento de níveis de privilégios alcançado pela própria corporeidade. - Autoconsciência diante das nuances do privilégio da branquidade em relação à própria corporeidade.
- Reflexão (postura reafirmadora) sobre os argumentos da construção da branquidade.	- Reflexão (postura interpeladora) sobre os argumentos da construção da branquidade.

Fonte: a autora

Foucault (2010, pp.51) propõe um enfrentamento ao temor - tão disseminado na atualidade - gerado pelos acontecimentos exteriorizados pelo discurso a partir da análise de suas condições, seu jogo e seus efeitos. Para isso, ele sugere a

prática do seguinte exercício: a) “questionar a nossa vontade de verdade”; b) “restituir ao discurso seu caráter de acontecimento”; c) “suspender a soberania do significante”. Dessa forma, diferentemente das unidades formadoras do discurso, os princípios que regulam a Análise do Discurso são as noções que possibilitam visualizar os processos que os constituem. De que maneira isto se configura para o sujeito pardo? Será através da contingência histórica que as noções de *negro* e *branco* estabelecem o caráter de acontecimento ao discurso? Observe-se o Quadro 5, a seguir:

Quadro 5
Princípios reguladores da Análise do Discurso (noções)

Eixos de contraposição	
Acontecimento	Criação
Série	Unidade
Regularidade	Originalidade
Possibilidade	Significação

Fonte: Foucault, 2010, pp.54.

Observe-se a aplicação destes eixos de tensão exemplificados nas falas a seguir:

[...]S2: Ah! Às vezes eu acho que o muro não é permeável... mas de maneira que não é nem a intenção...de que ele seja intransponível...é o fato de as áreas não se interligarem...pra poder saber como transpor aquela barreira...né. Então, eu posso pensar toda uma solução pra acabar com o problema de geração de lixo...mas isso de nada vai me adiantar se eu não souber como eu vou abordar isso com a população...com a comunidade...e isso só surge...a partir da interlocução entre as áreas do saber. E isso é incipiente. Isso... pouco existe na universidade...E se tem um muro entre a universidade e a sociedade...ahm...tem um portãozinho entre universitários e universidade...porque a universidade...ela...ela não...por exemplo...o aluno pode vir aqui e assistir...e só se...se abster a isso...vai obter o diploma do mesmo jeito aqui tentando discutir política da universidade...Então...assim...tem esse portãozinho. Não vão ser todos que vão passar por esse portãozinho. É...eu penso por exemplo...o problema com as obras que eu vi no Pará...a tal usina de Jirau⁸²...né.

⁸² Usina Hidrelétrica de Jirau: é uma usina hidrelétrica em construção no Rio Madeira, a 150 km de Porto Velho, em Rondônia. Foi planejada para ter um reservatório de 258 km², que terá capacidade instalada de

Quando se fala em obra que...o que os funcionários se revoltaram...quebraram tudo...nas reportagens não foram muito claros...sobre o que tem acontecido, né... Mas quando se fala em obras...se vê a figura do engenheiro...Aí, beleza, né. “Ah! Você é engenheiro...você vai lá pra Jirau pra tomar conta da obra. Toma conta desses funcionários lá. Na formação desses que não passaram pelo portão ...eles não vão saber lidar com essa situação. Não consta na grade curricular da universidade formar um engenheiro pra lidar com as relações humanas...isso não consta...Pelo portão vão passar poucos... essa...passagem é de decisão de cada um...e aí...eu vejo...Talvez tenha até um portão depois desse portão...porque as vezes as pessoas passam pelo portão e depois retornam. Passam pelo portão mas depois a certa altura da vida decidem que não...não quer pensar...não quer se esgotar...em temas que...talvez não levem a lugar nenhum...na sua concepção...Mas aí eu vejo...nisso que o muro ainda é alto...não dá pra se vencer esse muro...né: “universidade e comunidade”...E o portãozinho é...de abertura voluntária...[...]

S2

Eixos de contraposição	
<u>Acontecimento:</u> - a geração de lixo; - o conflito na usina de Jirau; - os “diálogos” da universidade.	<u>Criação:</u> - qual abordagem conscientiza? - que formação atende a demanda? - há interdisciplinaridade?
<u>Série:</u> - os conflitos sociais que subentendem os raciais.	<u>Unidade:</u> - quem é o sujeito do conflito?
<u>Regularidade:</u> - a prescrição na formação; - os muros altos.	<u>Originalidade:</u> - o diálogo entre formações; - a disposição da passagem pelo portão.
<u>Possibilidade:</u> - a ruptura do sistema.	<u>Significação:</u> - qual é o modelo de sociedade pretendido?

3.450MW, e faz parte do Complexo do Rio Madeira. A construção está a cargo do consórcio "ESBR - Energia Sustentável do Brasil", formado pelas empresas Suez Energy (50.1%), Eletrosul (20%), Chesf (20%) e Camargo Corrêa (9,9%). A usina, juntamente com a de Santo Antônio, também em construção no mesmo rio, são consideradas fundamentais para o suprimento de energia elétrica no Brasil a partir de meados de 2013 e estão entre as obras mais importantes do Governo Federal. No dia 15 de março de 2011, iniciou-se um motim entre os trabalhadores empregados na construção da usina. Eles protestavam contra as condições de trabalho e segurança. Declararam que há trabalhadores morrendo de malária. "Os funcionários relatavam constantemente inúmeros desmaios por dia em plena obra, sendo que os ambulatórios não possuem médicos. E o pior: permanecem sob observação por dez minutos e, depois, são obrigados a retornar ao trabalho", declarou a irmã Maria Ozânia da Silva, coordenadora da Pastoral do Migrante em Rondônia. Segundo os trabalhadores, a confusão começou quando um operário, que não tinha autorização para deixar o canteiro, tentou embarcar em um dos ônibus que transportam os funcionários, e foi impedido pelo motorista. Por causa do motim, cerca de 35 trabalhadores foram presos.

[...]S1: Porque...pobre não foi criado pra debater...é uma questão essencial isso...não existe...É...isso é uma questão histórica...é...essa...há eu vou...precisa interpretar isso do ponto de vista de luta de classe...recorrendo a Marx, né... (PAUSA REFLEXIVA) Sistemáticamente...é... alguns podem concordar... ou alguns podem falar que não mas... tudo bem... mas sistemáticamente... as elites moldam a classe explorada para que ela não questione a elite... isso é uma questão essencial...então... assim...pobre não vai receber formação pra questionar...pobre não vai... não receberá...não recebeu...não vai receber...nunca vai receber nem aqui nem na China...nem no ano 3016...seja em qual idade...ou planeta...ainda possa existir...pobre não vai receber formação pra se colocar...pra se posicionar... diante de determinada condição... não é da estrutura montar...não é da estrutura formar pessoas críticas... ainda mais pobre...você tá doido! Eh! Não é...se elite...o próprio nome elite já se explica... se a elite fosse todo mundo não existiria elite... então não faz sentido você formar pobres com capacidade argumentativa... não faz sentido você formar pobres com capacidade...de interpretação de textos... não faz sentido você formar pobres pra pensar lá na frente... porque eles precisam permanecer... na condição tal para que haja uma reprodução dessa determinada classe... para que as coisas mantenham-se como estão... Isso não é uma questão de ser...de maldade ou de bondade...não...Eh! Se for olhar os primatas em certo sentido...tem o líder e tem o restante do grupo que se subordina ao líder...Eu acho que a questão humana é apenas uma evolução...uma projeção... daquilo que já existe no mundo primata. Então...pelo fato de... ser o projeto Conexões...estar...constituído por pobres...em alguma medida...então... não existia ali... um treinamento básico... pra questionar... pra colocar as coisas... Refletiu muito aquela questão... de que...(PAUSA) “eu sei... não concordo...mas fico calado”. Não que pobre seja burro né...não é essa a questão...[...]

SI

Eixos de contraposição	
<u>Acontecimento:</u> - a mobilização de classe; - o Projeto Conexões de Saberes.	<u>Criação:</u> - para onde vão os pobres? - quem compõe o projeto?
<u>Série:</u> - os conflitos sócio-raciais.	<u>Unidade:</u> - quem é o sujeito do conflito?
<u>Regularidade:</u> - a prescrição na formação; - a história social.	<u>Originalidade:</u> - duvidar da regra; - a interpretação da história.
<u>Possibilidade:</u> - a subversão da elite.	<u>Significação:</u> - é possível romper com a estrutura?

Os argumentos de *S1*(retomado nestas considerações) e *S2* fornecem um desenho das conformações históricas acionadas no discurso dos sujeitos pelo motor da memória. Este desenho informa sobre os usos e os acessos sobre a historicidade que apontam para os contornos da construção identitária dos sujeitos.

A partir dos direcionamentos sinalizados nos quadros as análises das entrevistas foram direcionadas para trabalhar as interpelações nas relações afetivas dos sujeitos em família, nos namoros, nas amizades, na diversão e, principalmente, a interpelação dos vínculos afetivos paternos sobre a relação dos constructos negritude e branquidade.

4.3. Pertencimento racial e identidade: relações, representações, significações e o jogo perverso das inconsistências

Sujeitos pardos possuem - seja na prática ou na teoria - em seus modos de percepção particulares sobre a realidade um raio de mobilidade no domínio de pertencimento em relação a referencia birracial (Negro/Branco) maior do que os sujeitos pretos e brancos. Esta percepção nunca vem desatrelada dos padrões de marca que suposta e incoerentemente identificam os atributos físicos definidores das raças. A estrutura dos fios de cabelo, o formato do nariz, a tonalidade da pele, os contornos e o tamanho dos lábios, o porte físico, a estatura ou a dimensão craniana, por exemplo; ou seja, são atributos que juntos ou isolados podem compor um padrão que supostamente informam culturalmente nas dinâmicas das relações em sociedade a origem, ou melhor, a identificação ou qualificação “racial” do indivíduo. Alguns atributos têm peso maior sobre o julgamento social e individual do sujeito sobre o seu pertencimento. A estrutura da fibra capilar e a tonalidade da pele são os dois atributos comumente mais acessados e são, também, a combinação de maior peso nos julgamentos.

Mas o que dizer, por exemplo, quando vários destes atributos se mesclam na composição do tipo físico do indivíduo? Há então, uma perspicaz apropriação histórica e consciente por parte dos sujeitos da representação do funcionamento das violências, privilégios, valorações e sub-valorações mensuradas e comungadas pelo contexto sócio-

histórico-cultural circunscrito e do modo como eles se posicionam diante delas. Observe-se, por exemplo, as falas de S1 e S2:

[...]S1:Eu não sou negro porque embora a única coisa que mais se aproxima de negro ahm... que eu tenho...é o meu nariz...mais...que é mais próximo...né...mas...eu não tenho...a minha boca não é próxima de negro...a minha estrutura craniana não é próxima da de um negro...eu sem camisa sou branco...[...] “Uai, sou...” “... multicores...[...]

[...]S2: É... (RISOS)... É complicado isso...mesmo...é...eu não me vejo como branco...dado a característica da minha mãe...e também eu considero as características pessoais dela. Por traz a gente não tem nem como definir brasileiro como branco não...todo mundo é negro mesmo...né...o cabelo que não pára na cabeça...essas coisas do tipo...[...]

Ao longo das entrevistas, os argumentos utilizados para descrição e reflexão dos sujeitos a partir de suas trajetórias de vida tende a desvelar os contornos de possíveis preferências políticas e dos pertencimentos raciais próprios. Essa argumentação não surge de um marco zero na história destes sujeitos, mas possivelmente de uma vivência macerada a partir de afetos construídos, lugares de memória, encontros e aproximações com as diferenças e principalmente com a representação do diferente. E como isso funciona para os sujeitos? O exemplo da árvore genealógica pode ser representativo nas apropriações de sentidos e definições de significados:

[...]S1: Eu não sei se é porque na minha família por parte de mãe o pessoal é todo branco de olho azul... e ...como eu vivi no meio deles...eu não tinha tanto problema assim...pra mim...uma pessoa branca não é uma pessoa diferente...desde criança que eu vivo no meio de pessoas brancas...então...talvez por causa disso...talvez eu não sinta...nada...eu não consiga perceber nada...até hoje eu...até hoje eu nunca vi nenhum problema... (SILÊNCIO)[...]

[...]Tatiana: Seu pai, ele é negro...? S1: Ele é moreno... moreno...pardo também...Negro por causa do sol, né... negro porque fica bem queimado pelo sol...mas...a minha família por parte de pai...o pessoal é mais moreno...mais pardos...Tatiana: Mulatos...? S1: Eles não são negros não...Tatiana: Hum...S1: Então... eu não tive

problema...não...**Tatiana:** Avô...avó...tem...? **S1:** Meu avô que era mais mulato... por parte de pai...[...]

[...] **S2:** Já... já. Mais em relação a minha mãe...ela é mais escura do que eu. Teoricamente pra sociedade eu sou branco. (RISOS) Então assim...até...eu não gostava de falar isso muito no Conexões dado o grau das pessoas tinham muito superiores...mas pra mim só tem duas classes...não tem... branco e preto, né. A sociedade me classifica como branco...eu não...eu não me vejo como branco. Mas já teve alguns casos de...de falar de...de falar da minha mãe...falar pra mim...em xingamentos de escola...falar pra mim...fazendo menção a minha mãe...[...]

[...] **Tatiana:** Hum... é...mais uma pergunta: você...é...já...ahm...soube estórias desse pai biológico ou coisas...que...te ajudam a traçar um perfil de quem ele seja?... além da história que você...compartilha com a sua mãe...?**S2:** Não.**Tatiana:** ...de que...de outros que informem quem ele é ...prá você? **S2:** Não... não. Na verdade... que me ocorreu agora mas eu nem parei pra...pra...pensar nisso...eu nunca tinha parado pra pensar nisso...antes...se tem algum...alguma ligação sobre a minha formação...sobre o que eu sou...na verdade eu...não tem nem como eu saber isso...eu...nunca tive contato...e tal...o que eu sei é que é um fazendeiro...(PAUSA). Ponto. [...]

A função das emoções, dos afetos na operacionalização do processo de construção identitário está ligada - de algum modo - com a *praxis* cotidiana do indivíduo em sua disposição à aproximação ao diferente. Esta aproximação não acontece sem contradições porque evidencia o contexto do conflito interior e exterior a subjetividade do sujeito que materializa-se pela representação do diferente em convivência desarmoniosa em relação a si e ao sujeito outro/Outro. Este marcador da distinção do processo de maceração entre as subjetividades oferta à escolha dos sujeitos as opções de silenciamento, de enfrentamento ou da dúvida que interroga o conflito. Nenhuma destas opções são estáticas ou mutuamente excludentes. Elas apenas indicam os estágios em que se encontram os sujeitos no processo de construção/trans formação das identidades.

[...] **Tatiana:** Em algum momento da sua vida...você foi questionado...ou...é...em algum momento mesmo...da infância...da adolescência...com relação justamente a isso?

S1: Não. Nunca fui. Eu tive a felicidade de viver num círculo social com pessoas muito...(PAUSA)...é...digamos com pessoas que

tinham...tinham...uma forma de enxergar as coisas muito...muito...muito boas...tanto em rico...tanto no meio de ricos quanto pobres...a questão que eu tinha falado lá trás de falar de...quando preto num vai...num pode estudar...porque é preto...são umas coisas bem pontuais...você pega assim e passa na rua e vê...eu...sabe que existe...[...] [...] **S1:** Não... não...particularmente...não...ahm... (PAUSA PROLONGADA)... Puxando pela memória talvez até sim... mas é tão pontual que é quase...que inexistente assim...é tão...é levado na brincadeira que...é...(PAUSA) É...da minha sala do segundo grau...tinha...um...dois...tinham três pretos...duas meninas e um menino. Das meninas eu não sei falar... mas do...desse um menino...ahm...ele mesmo...as vezes ele falava... “ah, não sei o quê preto...” mas, muito pontualmente...é...não sei...pra mim parecia que não o afetava tanto...ahm...o problema de cor da pele...talvez hoje afete mais... mas, eu não sei...talvez afete...talvez na época afetaria muito mais...mas pelo menos não deixava transparecer...Nossa...mais muito...extremamente pontual...não era uma coisa assim...enfática...não...**Tatiana:** Humhum...**S1:** Não foi enfático...**Tatiana:**...e na graduação? ...[...] **S1:** Durante a graduação... eu não tive amigos próximos que fossem pretos...(PAUSA) é...na minha sala não...não tinha... não tinha preto...não tinha...então...assim...

[...] **S2:** ...mas aí...ela relatou...algo...que sentia uma espécie de... discriminação... por ser branca... de cabelo liso... Aí...eu fiquei...sem entender... uai mas...como que essa menina esta se sentindo assim...pra que lado que a discussão partiu... pra uma pessoa se sentir dessa forma num grupo desse...né...e ainda ter que ficar lá...Aí eu fiquei meio assim...aí deu pra perceber que... isso que você está falando...que foi crítico...esse processo de discussão... que parece que se tornou mais crítico ainda né... porque já pulou do campo preto e pardo e já virou uma mistura total né...[...]

[...] **Tatiana:** ...e aí...elencando uma categoria parda...uma categoria que você também trouxe pra gente aqui...uma categoria que também engloba o geralzão...**S2:** É...o total...**Tatiana:** ...e o que que é o geralzão...?(RISOS) **S2:** É...daqui a pouco todo mundo... É...a categoria brasileira de se aproveitar das boas oportunidades, né...É...uma cota é uma boa oportunidade. Daqui a pouco tem cento e noventa milhões querendo entrar via...cotas raciais... dada a auto-afirmação via... miscigenação...então... [...]

[...] **S2:** É...eu diria que...depende sim...As vezes eu me posiciono concordando e as vezes me posiciono discordando...Concordo que porque...vai de um pouco...da questão de...como a sociedade enxerga...e acho que isso ainda influencia muito... porque...partir só da auto-afirmação ainda...ainda está meio pisando em...na ponta dos pés...é aquela coisa que eu te falei de cento e noventa milhões de iguais...né...então...as vezes eu acho que tem esse lado... Eh...então tem muito da visão... dos de fora...né... mas as vezes...essa é uma divisão mal formada...precisa ser melhor formada...mas não de maneira que tenha cento e noventa milhões de iguais... porque aí...aí já reverte a minha opinião... aí... a minha opinião vem a cabo de

que...tem os que sofrem mais...e tem os que sofrem menos... mas isso ainda existe...por conta da formação...e essa formação...deve ser melhor elaborada...antes de...poder se dar um título de auto-afirmação...Porque se auto-afirmar sem formação...[...]

Como possibilitar um contexto de trocas sociais mais equânimes e menos estigmatizante nas relações? Como combater e desassociar os estigmas raciais construídos a partir das diferenças? Quais seriam os limites alcançados pela identidade? Que noções de pertencimento poderiam ser construídas fora dos estigmas e em respeito às diferenças?

4.4. Dialogando *com* e *refutando* a teoria: os sujeitos, o discurso, a diluição e a emergência da noção de pardo

Fatos não são nem verdadeiros nem falsos. Só o que se diz sobre eles – os enunciados – pode ser assim avaliado. Fatos ocorrem ou não, manifestam-se como evidências favoráveis ou desfavoráveis aos nossos pronunciamentos sobre a “realidade”. (Oliva, 2008, pp.21)

O que propõe Pêcheux quando investe em uma teoria materialista do discurso? O que é o materialismo sob a perspectiva de uma teoria materialista do discurso? É um materialismo epistemológico, fundado pelo conhecimento real forjado pela formação e pelo processo de conhecimento. É um elemento da representação do discurso e do conhecimento do mundo. É uma concepção empírica do conhecimento e por isso, é um processo de imersão em abstração que um sujeito se submete a partir da realidade extraindo um contingente de elementos que ele julga essenciais. Nesta operação o sujeito retém os elementos essenciais e descarta os elementos contingentes.

Na perspectiva da concepção empirista, o conhecimento é um processo de abstração e por isso estabelece-se uma diferença entre o objeto real e o objeto do conhecimento. Como? O processo de conhecimento opera sobre objeto real na medida em que o conhecimento seleciona o essencial do real no proceder dos contatos, dos encontros entre o conhecimento e a realidade. É um problema em suspenso, neste

aspecto insolúvel porque o conhecimento e a realidade são distintos. De outro modo, também se cogita que o conhecimento seja igual à realidade. Em um exercício de analogia, como - no processo de seleção, de purificação de um metal - separar o minério da escória? Ambos não se separam porque o metal é minério e escória. Esta concepção está sobre uma tensão paradoxal: ao afirmar que o conhecimento é equivalente a realidade, de outro lado, a abrangência da realidade está além do que o conhecimento é capaz de mensurar porque - de maneira análoga - pode-se pensar que o metal precioso também é escória. Há tensão e contradição nestas proposições.

Althusser propõe que o processo de conhecimento não opera sobre o objeto real, mas opera sobre o objeto do conhecimento. Observe a fala a seguir:

[...]**S1:** ...é provavelmente... em graus diversos...existiu algum tipo de coisa relacionada... cada um tinha uma capacidade de argumentar... lançar ali a questão... eu achava que não era necessário... Existe um problema histórico anterior... da...da questão da origem...de que... tem um... tem um vídeo por exemplo...do Conexões... de...hum...eu não lembro...eu assisti um vídeo que era de algum lugar também...eu não lembro...mas que... uma coisa que ficou interessante... nesse vídeo é que tinha um rapaz de quatorze anos...quinze anos por aí...eu não... uma coisa nessa faixa de idade... onde ele falava...tinha um...era um...problema lá...e aí perguntaram qual que era a opinião dele...É...esse rapaz de quinze...quatorze anos... ele não conseguiu falar o problema...ele não conseguiu se expressar... e tinha quinze anos de idade... Então...assim...é um traço claro... de que a camada popular...é... é sistematicamente...é...(PAUSA REFLEXIVA) sistematicamente deixado ao... “ao leão...”... e deixado...não existe um acompanhamento pra...formar a pessoa... numa capacidade de coordenar as idéias... e expor a sua condição... né...Alguns conseguem... por esforço próprio... ou por um dom qualquer...consegue...avançar na capacidade de argumentação...e linguagem...e...isso aí é o caso típico de sindicalista...né... uma pessoa de expressão ou então líder comunitário...mas mesmo assim esses líderes... comunitários... tem dificuldade de expressar... e quando entram num comitê de...de...social... com vistas a debater determinado assunto...eles geralmente... entram em desvantagem... com o outro grupo que também faz parte do comitê pela democracia... mas o outro grupo tem pessoas... que passaram pela universidade...que viveram fora do país...e... então assim...aquele momento ali...torna-se... para eles crítico num desnível de educação... e de capacidade de se expressar...muito grande... Então talvez...então assim...eu poderia dizer que um dos elementos que não permitissem que os debates aflorassem com mais intensidade...talvez fosse essa dificuldade...anterior... de família mesmo... de...de não estar estruturado pra... debater...ficar em cima... discutir...ponderar as

coisas... É próprio...é nato da condição do indivíduo pobre... de classe D, E...essas coisas...[...]

A realidade segue seu trajeto alheio ao que se pode conhecer sobre ela. Segue alheia a “vontade de saber” imputada sobre esta realidade. Surge, dessa maneira, uma saída materialista que tem no objeto do conhecimento uma concepção idealista operante sobre a primazia do objeto pensamento que possibilita a emergência do sujeito. Althusser propõe ainda - em câmbio - um modelo de produção que dialoga com as formas de pensar e de constituir-se como sujeito. Para que isso ocorra, o conhecimento – como uma entidade superior - efetua transformações sobre o efeito do conhecimento - interior ao sujeito - dentro de uma prática de critérios que evolui à prática do conhecimento, mas não a um sujeito do conhecimento (Pêcheux, 1988, pp.123-134).

O objeto de conhecimento – ou seja, aquilo que se pretende conhecer - tem seu lugar no mundo na medida em que são produzidas rupturas com noções prévias, com noções científicas assentadas e noções ideológicas que rompem com outras lógicas pulverizadas na realidade. Trata-se de uma ruptura epistemológica que o ser – o sujeito - toma e transforma. A proposta de Althusser e Pêcheux defende que o conhecimento é um conceito independente do sujeito. Althusser conclui que a concepção de sujeito é independente do domínio conceitual do conhecimento. Por isso é possível isolar-se, polarizar-se, distinguir-se o sujeito do conhecimento e o seu contato com o objeto real. A independência do sujeito em relação ao domínio conceitual coincide com o pensamento de concepções filosóficas que descentralizam o sujeito do conhecimento ao colocá-lo em lugar de subordinação ao concluir-se que a dinâmica dos conceitos não depende dos sujeitos, mas depende de uma prática teórica que pode incluí-los e não, necessariamente, determinar o significante.

O conceito não é uma representação, ou uma vivência, ou uma convicção. No interstício entre representação e conceito, produz-se uma tese, uma filosofia, uma epistemologia materialista para propor-se uma independência entre conhecimento e conceito ao relacionar sujeito. A ordem das representações e da experiência individual, não pertencem a ordem do conceito apesar destas acioná-lo.

A ordem do conceito e da representação *são* e *estão* dissociadas. São lógicas distintas. A raiz da epistemologia tradicional se confunde quando a representação é

subjetiva, imaginária, vivencial e na ordem do conceito⁸³. Em certo sentido a epistemologia materialista reserva para o processo de conhecimento um lugar que opera sobre objeto do conhecimento e não sobre o objeto real, na medida em que não há nada propriamente subjetivo no domínio do conceito. O domínio do conceito é objetivo, como descreve Foucault em *Arqueologia do saber*. Mas ao contrário, a prática social é subjetiva. Esta é uma observação importante: são dois contrapontos. Nesse sentido, há uma distinção entre o domínio do imaginário e o domínio do simbólico. O domínio do imaginário tem sempre a pretensão de ocupar o lugar do domínio do simbólico ou o lugar do conceitual. Althusser afirma que, acerca de uma epistemologia materialista, não sendo esta nada subjetiva no domínio do conceito, este processo de conhecimento ocorre em nível de conceito. O problema localizado é que a equação, indiretamente, se enraíza. Então, como sair da consciência (saber/conhecer) para lidar com o objeto real? Althusser propõe uma inter-relação entre representação e o conceito; ou uma inter-relação entre o efeito do imaginário e o efeito do simbólico ao propor uma teoria da ideologia quando pensa a ideologia não como uma visão distorcida da realidade, mas como uma expressão da relação imaginária - ou de relação distorcida - que os indivíduos têm com a realidade que os constituem como sujeitos. Aqui se insere a questão racial. Ao refletir-se sobre a proposição: “raça não existe, mas racismo sim”; passa-se imediatamente do domínio do simbólico (conceito) para o domínio da representação (real) para ligar o social ao a-histórico.

[...]S1: ...Mas...nunca foi...colocado...eu não sei...pelo o que eu vasculho aqui na minha memória...aqui nesse momento... aqui...acho que nunca foi colocada a questão de...eu por exemplo...nunca tive problema de cor...essas coisas... né?! É...eu sou pardo... mas as vezes eu sou pardo claro...as vezes eu fico um pardo mais escuro...depende do...depende se eu tomo muito sol ou não...Não tem...eu não...[...]

[...]S1: ...é uma questão lógica...não é... A...eu acho que a definição...por exemplo...se você...colocar...pegar...o comportamento geral das pessoas...antes da questão racial...as pessoas se olhavam no espelho e falavam: “é...eu não sou branco...o que que eu sou...? Aí...tinha lá a opção pardo...O que que é pardo. Ah...pardo...se eu for no dicionário é da cor do trigo...[...]

⁸³ Ver: Foucault, 2007, pp. 62-70. In: *A arqueologia do saber*.

Os indivíduos vivem a própria realidade como sujeitos como princípio de uma perspectiva de causa (o que me fez ser quem sou?), como ação (o que me faz agir dessa forma?) e vontade (por que esta é a minha escolha?), e etc. A emergência desse efeito só tem lugar abaixo do conhecimento e da determinação que os constituem como sujeitos. Eles – os sujeitos - só podem dizer algo que apenas tem sentido sobre um contexto social que adota tal sentido. Por exemplo, um contexto social que significa o racismo em múltiplas facetas e ao mesmo tempo o anula; encontra um solo fértil para frutificar-se em muitas outras possibilidades – como no caso do mito da democracia racial operado a partir do dispositivo da mestiçagem. Em um contexto social sem dotação de sentido as expressões de conhecimento, ou seja, este conhecimento prático de querer dizer coisas não funcionaria, não acionaria o ferramental do imaginário, da memória e tampouco das relações de poder que regulariam tais relações. No contexto de sociabilidade do homem de Neandertal, provavelmente, não haveria significações e nem sentidos para a questão racial como a percebida hoje, por exemplo.

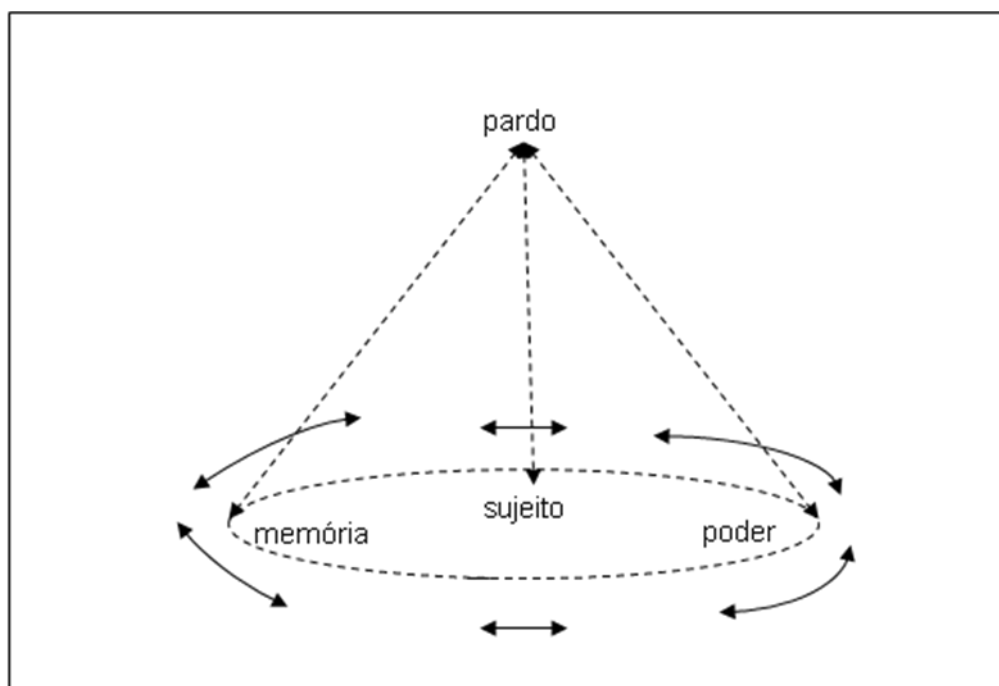


Figura 7 – Dispositivo de dotação de sentidos acionados pelos sujeitos no discurso

Fonte: a autora.

Althusser, com certa cautela, afirma que a ideologia seleciona os indivíduos que estão em condições de encontrarem evidências entre a realidade e a imaginação. Eles – os indivíduos – nomeiam como princípios o que de fato são efeitos. Este exercício, ainda que problemático, também é necessário ao processo de reflexão. Se para a ideologia o efeito seria um princípio, então - nesse sentido – e por isso necessita-se de uma inter-relação entre o domínio da representação e o domínio do conceito. Ou seja, o domínio do conceito e da prática social que o constitui; e o domínio da representação e da evidência que essa prática impõe aos indivíduos que participam dessa mesma prática precisam estar correlacionados internamente. Althusser conclui que os sujeitos têm uma relação imaginária com as condições que o produzem como o indivíduo que é, e; estas relações são imaginárias porque para os indivíduos não há outra opção para entrar no ideário – no modelo - de interpelação ideológica de outra forma. A relação é sustentada pela visão da imagem distorcida em espelhos opostos. Para dizer:

[...] **Tatiana:** [...] você acha que o projeto... depois programa... ele possibilitou alguma noção de grupo... de pertencimento... social... racial... ou outro...? Trouxe essa noção mais... de uma forma mais... com mais substância... ? **S1:** Ou talvez provocou o contrário né... de não pertencimento... sabe?! Não pertenço a isso de jeito nenhum. **Tatiana:** Entendi... **S1:** Talvez... ao invés de... promover alguma capacidade de pertencimento... talvez ... tipo... como se fosse um efeito contrário né... você incentiva as pessoas a... a... pensarem em termos de pertencimento... e por incrível que pareça você consegue o efeito contrário... que seria o “não... de modo algum eu pertenço a isso”. Então assim... o efeito... as vezes é... não é muito controlado... não tem muito como controlar... não tem como controlar... é... [...]

Althusser chama de interpelação esse mecanismo de constituição dos indivíduos em sujeitos. No contexto da formação social é necessário constituir os indivíduos em sujeitos porque é necessário sujeitá-los a determinada forma de atividade que está relacionada com a divisão sócio-técnica do trabalho, como descrita nos capítulos anteriores. Essa representação paradoxal parece que esta propondo uma distinção entre o domínio do conceitual e o domínio do imaginário e por outro lado esta demarcando o lugar onde esta distinção se esmaece, se mistura, se perde, se desfoca, se

apaga. A invisibilidade da raça, para o pardo, é uma evidência de que essa distinção se apaga com a prática da ideologia. Dessa forma os indivíduos são constituídos como sujeitos. E por que a distinção entre o domínio do conceitual e o domínio do imaginário desaparece? Porque para os indivíduos as representações são conceitos. Esta idéia de desordem entre essas séries imaginárias e a série do domínio conceitual é – também – retomada por Pêcheux.

A essência da tese materialista consiste em colocar a independência do mundo exterior (e do conhecimento objetivo de suas leis, que chamaremos daqui para frente processo científico-conceitual) em relação ao sujeito colocando simultaneamente a dependência do sujeito com respeito ao mundo exterior (de onde resulta o caráter necessário dos efeitos que afetam esse sujeito, chamados, doravante, processo nocional-ideológico). Em outros termos, a proposição materialista “a matéria é independente do espírito” não poderia ser convertida em “o espírito é independente da matéria” sem abalar as próprias bases do materialismo. (Pêcheux, 1988, pp.76)

Esta é uma tese tradicional do materialismo que postula a independência do mundo exterior em relação ao sujeito. Mas a recíproca não é verdadeira. Entretanto, ao colocar-se, mutuamente, os sujeitos em relação ao mundo exterior seria ingênuo e pretensioso inferir que o mundo exterior imprime sobre o sujeito - como uma tábula rasa - suas marcas. Para isso seria preciso supor que esta tábula rasa é algo externo, a parte, desconexo do mundo e não tem uma relação de exterioridade com o mundo e sim - neste mundo exterior - o processo significativo que constitui a forma-sujeito como um dos seus efeitos. Dessa maneira esvazia-se o sujeito do seu potencial crítico ao relegar-lhe o abismo da alienação sem retorno. Em certo sentido, é o que acredita a forma sujeito. Entretanto, não é este o aspecto definidor do *corpus* sujeito para Foucault.

O lugar onde Pêcheux encontra a inspiração para propor uma teoria materialista do discurso basea-se na observação da ideologia e dos *Aparatos ideológicos do Estado* de Althusser. O próprio Althusser afirma que essa evidência do sujeito - uma evidência daquele que escreve e daquele que lê - o leitor - (pois certamente ambos são sujeitos) e as evidências dos significados são as primeiras e fundamentais evidências ideológicas. Mas, Althusser não avança em vincular as evidências do sujeito da mesma

forma em que liga uma soma de rituais que fazem os indivíduos incorporarem determinadas formas de confiança e não se incorporarem a outras em determinados rituais. Althusser analisa isto, mas não analisa as evidências do significado, as evidências da forma do significado. É a este ponto que se direciona Pêcheux. Veja a fala, retomada:

[...]S2: É...eu diria que...depende sim...As vezes eu me posiciono concordando e as vezes me posiciono discordando...Concordo que porque...vai de um pouco...da questão de...como a sociedade enxerga...e acho que isso ainda influencia muito... porque...partir só da auto-afirmação ainda...ainda está meio pisando em...na ponta dos pés...é aquela coisa que eu te falei de cento e noventa milhões de iguais...né...então...as vezes eu acho que tem esse lado... Eh...então tem muito da visão... dos de fora...né... mas as vezes...essa é uma divisão mal formada...precisa ser melhor formada...mas não de maneira que tenha cento e noventa milhões de iguais... porque aí...aí já reverte a minha opinião... aí... a minha opinião vem a cabo de que...tem os que sofrem mais...e tem os que sofrem menos... mas isso ainda existe...por conta da formação...e essa formação...deve ser melhor elaborada...antes de...poder se dar um título de auto-afirmação...Porque se auto-afirmar sem formação...[...]

Pêcheux encontra a noção de discurso em determinado estado da linguística e propõe o seguinte quadro: a linguística, se constitui em uma ciência com Saussure distinguindo-se entre *langue* e *parole*, língua e fala. Tal distinção implicava em um corte sincrônico para conceituar-se um sistema da língua. Dessa forma, a questão do discurso não está direcionada para que a língua produza determinados efeitos de inteligibilidade. Então, este corte precisaria ser, necessariamente, sincrônico para propor que a forma de inteligibilidade da linguagem provem de sua sistematicidade com um ponto de referência. O ponto de referência, no caso, o contexto das desigualdades e dos conflitos raciais brasileiros significado através dos usos possíveis da língua em íntima relação com a historicidade específica desta cultura e desta sociedade onde estes sujeitos são formados, definem os efeitos de inteligibilidade contidos na sistematicidade dos discursos raciais brasileiro. Por exemplo, observe-se as proposições abaixo:

- a) O mestiço é o resultado da degenerescência das raças (Século XIX).
- b) O mestiço é o resultado da democracia racial (Século XX).

c) O mestiço é o pardo: elemento negro das ações afirmativas (Século XXI).

Este ponto de referência não tem maior valor do que as diferenças com as outras linguagens. Era necessário agregar uma soma de diferenças, uma soma de elementos desse sistema de linguagem que transite por elementos desse mesmo sistema. A partir desse corte sincrônico e deste ponto poderia-se alcançar a inteligibilidade científica que produz a linguística. Dessa maneira, o que está fora, ou seja, a exterioridade da linguística saussureana é o social pelo a-histórico (Pêcheux, 1988, pp.21-23). Essa é a sua característica. É um domínio que transita pela necessidade social e simultaneamente é atemporal, a-histórico. Em contrapartida a essa operação, tem-se a fala como objeto. A fala não é o objeto de nenhuma ciência quando tenta religar a questão do sentido: o sentido é individual, é histórico. Por ser individual não é objeto do conhecimento. É exterior, é independente do conhecimento. Em oposição a uma lógica aristotélica, a fala é um objeto histórico, temporal. Aqui se localiza o corte que possibilita a teoria e a análise do discurso: não há divisão entre o domínio social pelo histórico e um domínio histórico pelo individual. Pêcheux funde ambos os domínios ao tentar ligá-los. Conforme a fala dos sujeitos:

a) “Mas o que me incomodava... era no sentido de que...porque que as pessoas não podem procurar fazer o melhor ou porque que as pessoas se limitam a aceitar aquilo que tá colocado...que é porque que pobre continua pobre e porque que rico continua rico...e *n* vezes eu...eu vi pais e mães falarem pros seus filhos que...é...pobre é isso mesmo...pobre vai continuar do jeito que tá...ou então no caso de quem é preto... né... “não, mas...pra que que vai estudar...preto é isso aí mesmo e vai continuar do mesmo jeito”. É a mesma condição só que balizada pelo fato da cor da pele... então assim...eu não consigo admitir na minha mente que a pessoa possa continuar estagnada e não possa evoluir...e pra mim evolução ...pra mim...a minha concepção de evolução...evolução é aquela que a partir do momento que a pessoa só evolui a partir do momento que ela consegue apreender, ler ...é...daquilo que leu comparar com a realidade dela e a partir de então...” (Sujeito 1)

b) “É...bom...então eu vou ter que...revogar...que...não que eu tive dúvida...eu não tive dúvida...mesmo não...mas só que... nessa...a frase era... automaticamente eu hierarquizei a frase...né... “Negros...pretos... e pardos”. Então...assim...eu hierarquizei a coisa...e...assim...eu me coloquei...como a...o...a terceira via...ali...que seria...os pardos...Eh...mas ainda assim eu tinha algo leve na cabeça...de ouvir dizer...de discussões...de negros e pardos...muito...uma mistura de idéias...que...ia de encontro com a questão da...miscigenação... da mistura de raças nacional... ou seja...todo mundo é preto... e...tinha esse conflito...e não é um conflito... de querer ter um embate direto... foi só uma mistura que as vezes gerava... uma interpretação pra situação... “Todo mundo é preto...” Eh...que recorte é esse pra UFMG? ...[...]...ahm...mas aquele momento... eu entrei na terceira via... pra mim...tava muito normal... mas eu ainda tinha em mente que aquilo ali ainda era uma via única...também...e ainda tinha em mente...via única no caso das três vias...eu tinha ainda a confusão de via única geralção...também...”(Sujeito 2)

Pêcheux se debruça sobre a noção de sujeito que permaneceu particionada, despedaçada no terreno da língua e religada - em algum sentido - na noção individual dos atos de fala. Dessa maneira, a perspectiva da noção de discurso tenta romper esse esquema porque se propõe a pensar um domínio de necessidade que se constitua historicamente. Se por um lado tem-se o social pelo histórico da língua, e por outro lado tem-se o histórico pelo individual da fala; então, a noção de discurso estará implicada em responder a um domínio da necessidade que seja simultaneamente social e histórico. De fato, esta é uma verdade, ou seja, este é o paradoxo da questão e da reintrodução da questão do sentido. Essa constatação possibilitou a Pêcheux concluir que compartilha dos construtos da ciência e que sua análise propunha uma teoria do sentido e do sujeito. Dessa forma, ele adentrou o terreno do individual, a ciência do individual. Nesse sentido, ele propõe o que Aristóteles cria anteriormente e que era impossível: propor uma ciência do individual, do vivencial, do registro da intimidade do sujeito. Por isso essa ciência há de carecer e de ter uma individualidade, já que se abre ao conhecimento se permitir adentrar na individualidade. Esta demarcada à questão de sentido quando se

reintroduz e se permite abrir a questão do discurso ao sentido que agora não é ligado a seleções individuais de sujeito e assim pensar um domínio da necessidade, das emoções, social e histórico.

Um exemplo interessante que propõe Pêcheux é enunciar a teoria racial. Perguntado sobre a sua cor e sua pertença racial o sujeito se posiciona da seguinte maneira:

[...] **S1:** ...Mas...nunca foi...colocado...eu não sei...pelo o que eu vasculho aqui na minha memória...aqui nesse momento... aqui...acho que nunca foi colocada a questão de...eu por exemplo...nunca tive problema de cor...essas coisas... né?! É...eu sou pardo... mas as vezes eu sou pardo claro...as vezes eu fico um pardo mais escuro...depende do...depende se eu tomo muito sol ou não...Não tem...eu não...] [**Tatiana:** Você acha que essa...a questão racial no caso...é...e aí pensando a auto declaração para o pardo pode ser uma questão delicada?... **S1:** Não...a pessoa coloca...pardão porque ela vê pardo. **Tatiana:** branco...negro... **S1:** ...é uma questão lógica...não é... A...eu acho que a definição...por exemplo...se você...colocar...pegar...o comportamento geral das pessoas...antes da questão racial...as pessoas se olhavam no espelho e falavam: “é...eu não sou branco...o que que eu sou...? Aí...tinha lá a opção pardo...O que que é pardo. Ah...pardão...se eu for no dicionário é da cor do trigo... **Tatiana:** Da cor do quê? **S1:** Trigo. **Tatiana:** Trigo?! **S1:** É... o trigo é assim meio marrom...não é marrom... o trigo não é nem marrom e nem tão amarelo...é uma coisa marrom e amarela...então assim...o pardo é a cor... **Tatiana:** ...meio indefinido...meio assim...no meio...? **S1:** É o degrade do processo. Em matemática também...entre um e zero...existem vários números...]

[...] **Tatiana:** Como pardo...na sua experiência como pardo...né...tendo uma mãe negra...você já vivenciou em algum momento da sua vida...é...situação de discriminação?

S2: Já... já. Mais em relação a minha mãe...ela é mais escura do que eu. Teoricamente pra sociedade eu sou branco. (Risos) Então assim...até...eu não gostava de falar isso muito no Conexões dado o grau das pessoas tinham muito superiores...mas pra mim só tem duas classes...não tem... branco e preto, né. A sociedade me classifica como branco...eu não...eu não me vejo como branco. Mas já teve alguns casos de...de falar de...de falar da minha mãe...falar pra mim...em xingamentos de escola...falar pra mim...fazendo menção a minha mãe.

Tatiana: Você não se vê como branco. Como é que é isso...assim...me explica? **S2:** É... (RISOS)... É complicado isso...mesmo...é...eu não me vejo como branco...dado a característica da minha mãe...e também eu considero as características pessoais dela. Por traz a gente não tem nem como definir brasileiro como branco não...todo mundo é negro mesmo...né...o cabelo que não pára na cabeça...essas coisas do tipo... (RISOS) **S2:** Mas... aí eu entro...na questão de dificuldade...de inserção dessa etnia...nas classes sociais...né...até não...muito até...atrelado econômica...eh...também...as vezes...sem querer

desassociar da economia mas desassociando... e da classe...econômica e tal...mas tem essa...deturpação da figura negra...e a questão de eu me assemelhar muito a minha mãe...então...a minha concepção é negra...nem se eu fosse mais branco do que isso...Na verdade quando eu era jovem eu era mais escuro...eu comecei...estou com uns sintomas de Michael Jackson... (RISOS)[...]

A mesma forma combinatória tem sentido em um caso e é sem sentido em outro. Quando diz-se em um enunciado, que “todo pardo é um negro” é um enunciado que se exprime para alguns como falso porque provavelmente nem todo pardo se reconhece como um negro. Este é um enunciado analítico. A anterioridade opera sobre esse sujeito que se reconhece ou não como pardo. Um enunciado verdadeiro por si mesmo é dado como uma verdade *a priori* e, para outros é simplesmente um enunciado. Pêcheux se percebe entre duas opções: uma é a de desenvolver as noções de sua cor como um procedimento combinatório que permitam dar conta da normalidade dos enunciados ou da normalidade variável dos enunciados de acordo com os mesmos procedimentos que desenbocaram em êxito na constituição da linguística. Aqui se reconhece a relação constitutiva de sentido e exterior ao sentido. Digamos que há uma relação constitutiva entre discurso e a sua exterioridade. Está é a direção tomada por Pêcheux.

[...]S2: Não...não tive... não...porque eu me espelho muito na minha mãe... então assim...eu olho pra minha mãe...eu vejo uma pessoa negra...Eu sou negro...não tenho...não resta dúvida disso não...Então...eu não tinha essa dúvida...Então...eu disse: “oh, é pra mim isso aqui...” Então essa dúvida não passou tanto que eu nem citei como primordial assim...Mas teve...eu lembro que tinha essa ressalva mesmo... teve o recorte... teoricamente teve o recorte menor lá dos alunos da FUMP...hum...[...]

[...]Tatiana: Como fica a sua relação... as suas relações raciais...? Na XXXXX...com os seus colegas...o seu sentimento de pertença...diante do outro...? E aí extrapolando um pouco... saindo da questão de classe e entrando na diversidade...o que mais entra por outros planos políticos? O que é ser pardo na XXXXX? Você é visto, não visto, é indiferente? Se percebe como indiferente pelos outros ou existem entrelinhas que acabam dizendo algumas coisas? (SILENCIO PROLONGADO) S1: Eu até hoje não vi nenhum problema não... nenhum problema... (SILÊNCIO) É...(SILÊNCIO REFLEXIVO). Eu não sei se é porque na minha família por parte de mãe o pessoal é todo branco de olho azul... e ...como eu vivi no meio deles...eu não tinha

tanto problema assim...pra mim...uma pessoa branca não é uma pessoa diferente...desde criança que eu vivo no meio de pessoas brancas...então...talvez por causa disso...talvez eu não sinta...nada...eu não consiga perceber nada...até hoje eu...até hoje eu nunca vi nenhum problema... (SILÊNCIO) **Tatiana:** Seu pai, ele é negro...? **S1:** Ele é moreno... moreno...pardo também...Negro por causa do sol, né... negro porque fica bem queimado pelo sol...mas...a minha família por parte de pai...o pessoal é mais moreno...mais pardos...**Tatiana:** Mulatos...? **S1:** Eles não são negros não... **Tatiana:** Hum... **S1:** Então... eu não tive problema...não...**Tatiana:** Avô...avó...tem...? **S1:** Meu avô que era mais mulato... por parte de pai...**Tatiana:** Mas pele preta não tem ninguém...?**S1:** Não. **Tatiana:** E você se considera negro? **S1:** (SILÊNCIO) **Tatiana:** ...Dentro daquela classificação do IBGE, né... pretos e pardos são negros... Isso é... uma classificação arbitrária...a gente entende também que nos ajuda a trabalhar com políticas públicas. Mas e você S1, você se entende ou se percebe enquanto um negro... como um negro?(SILÊNCIO) **S1:** Não. Eu sou pardo. Eu coloco pardo e... não...eu não fico muito meditando...assim na abstração...não. Eu não sou negro porque embora a única coisa que mais se aproxima de negro ahm... que eu tenho...é o meu nariz...mais...que é mais próximo...né...mas...eu não tenho...a minha boca não é próxima de negro...a minha estrutura craniana não é próxima da de um negro...eu sem camisa sou branco...igual a um outro amigo meu que ele é negro...que ele me viu sem camisa...ele falou assim: “uai o que é isso...? Você é branco...você é doido!?” ... Nem tão branco assim eu sou... mas ele...quando ele viu sem camisa ele falou que eu era branco... Eu falei: “Uai, sou...” “... multicores porque sem... com camisa...uma cor...e sem camisa outra cor...”o resto do corpo que não é coberto é outra cor por causa de sombra, mesmo...Mas eu me coloco como pardo mas...porque é tão complexo...esse tipo de...de análise...de...de colocação porque... se preto e pardo...é negro...mas se pardo também tem parte de branco...também...então como é que fica essa coisa...Só um...só os cinquenta por cento do pardo que é contado?... E os outros cinquenta por cento é o quê, né?...Então, assim...negros são 100% pretos e 50% pardos...eu não sei como é...eu não sei essa classificação...é...extremamente complicada...é...ahn...é...o que poderia resolver o problema...seria fazer uma análise genética, né?!...da pessoa...mas fazer genética de cento e noventa e tantas milhões de pessoas não...não dá...é muito difícil...então assim...se for ater só à cor da pele...também o indiano é negro...e...indiano inclusive é mais...um pouco mais...é uma cor tão estranha...não estranha pejorativamente...mas é uma cor...é...diferente que...tá até um pouco mais escuro do que pardo...mas não é negro...e indiano tem cabelo liso...ainda...então, assim...é...é...eu nunca...eu me classifico como pardo...eu...branco eu não sou porque...**Tatiana:** ...e você se classifica como pardo porque você não se vê como branco e nem se vê como negro. É isso?**S1:** É.**Tatiana:** Aí...é o que tá no meio... **S1:** É. É o que tá no meio. Estritamente pela cor da pele.**Tatiana:** Humhum...**S1:** Eu olho assim e tá lá, beleza... pelo o que eu estou olhando aqui é pardo.[...]

Seria a questão do conflito identitário do pardo na sociedade brasileira uma negação da negritude, um efeito da democracia racial ou um efeito do racismo? Será que os indivíduos tornados sujeitos no processo cotidiano de formação simplesmente aprendem – inquestionavelmente – a não se considerarem negros ou não se considerarem brancos em decorrência da estigmatização social? Quais seriam os limites do ajustamento identitário para o sujeito pardo?

“A língua é uma condição de possibilidades de discursos”, consideram Pêcheux e Foucault. Dito isto, é preciso abrigar imediatamente o fato de que a fronteira que separa a dimensão linguística da discursiva está constantemente sendo posta em questão em toda a prática discursiva. Diante disso, a raiz de que a sistematicidade acessada, solicitada a cada e em todo o momento diante da sintaxe, faz emergir que não existe uma forma ou um bloco homogêneo de regras organizado como uma máquina lógica. Dessa perspectiva, a língua não existe como um conjunto de regras que comunicam univocamente aquilo que se vai dizer. E se isso for uma parte da essência entre língua e discurso – o fato de as regras fonológicas, morfológicas e sintáticas incessantemente carecerem de emendas, estabelecimentos e ataduras parciais – então pode-se inferir que a semântica não pode ser pura e tampouco simplesmente exterior a teoria linguística porque a questão do sentido não pode permanecer como uma questão de lição individual. A semântica também não pode ser definida como uma teoria da sistematicidade lógica e homogênea. É justamente aqui, onde aparece a questão de construir-se um objeto que seja simultaneamente exterioridade e um domínio da necessidade construído historicamente, que Pêcheux se debruçará sobre a relação entre o discurso e seu exterior para produzir uma noção que dá condições ao discurso de se movimentar de forma pendular e de constituir-se como um paradoxo - até certo modo - que se comunica com as formações imaginárias dos sujeitos. Essa imagem de si articulada entre a negritude e a branquidade pode criar efeitos de ambivalência para os sujeitos, conforme a representação na Figura 8 a seguir, que vão apontar para as articulações operadas no meio social que elevam o discurso ao plano das formações discursivas e suas implicações no cotidiano.

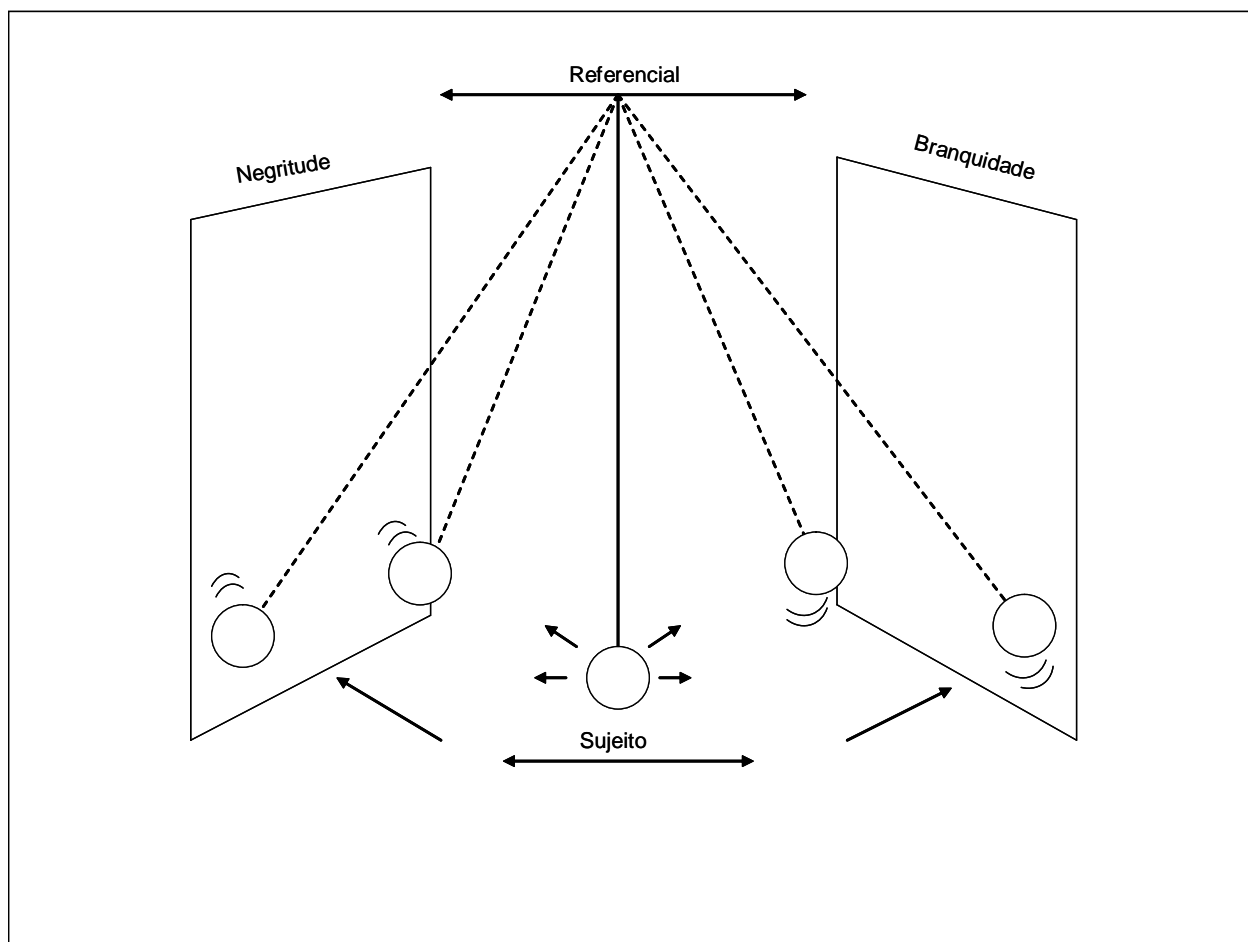


Figura 8 – Movimento pendular do sujeito
 Fonte: Elaboração da autora.

Segundo Foucault, do lugar que acredita-se possível reconhecer a fonte dos discursos, o suporte de sua expansão e continuidade acontece uma espécie de consubstanciação – sacralização – ainda em um primeiro momento – de figuras que evocam uma noção desejável de sujeito. Ele compara este lugar ao lugar: 1) do autor⁸⁴ – um portador da verdade de si; 2) da disciplina – ao evocar sobre si o controle sobre os papéis sociais que o sujeito possa ou deva desenvolver na *mise en scène*⁸⁵; e 3) da vontade de verdade – o desejo de conhecer as conformações do saber sobre o sujeito histórico. Dessa forma, o exercício de reconhecer é, ao contrário, o jogo negativo de um

⁸⁴ Ver: Foucault, 2007. In: *A arqueologia do saber*.

⁸⁵ Ver: Charaudeau, 2008. O ato de linguagem como encenação. In: *Linguagem e discurso: modos de organização*. Ver: Foucault, 1982. In: *Microfísica do poder*.

recorte e de uma rarefação do discurso que pode dizer dos efeitos de possibilidade do sujeito que surge na ruptura e não pode ser reduzido a um mero instrumento ideológico.

Se as formações imaginárias são as condições de formação do discurso que tem o falante – sujeitos e entrevistador - na sua própria posição, na posição de sua consciência ou da sua história, da representação que ele próprio tem da história, da posição que ambos têm sobre o assunto que falam; conclui-se que tem-se uma soma de formações imaginárias em confronto analítico. Conflito racial, noção de raça, sujeito pardo, sociedade brasileira, ações afirmativas, ideologia, mito, branqueamento e democracia racial são noções importantes que circundam o contexto das discussões atuais sobre desigualdades. Então, de que maneira, como esta análise materialista encontra as condições de produção deste discurso, deste aparente exterior para exercer um interior? Como isso ocorre?

Pêcheux faz um movimento que circunscreve a consistência da tese materialista. Se por um lado ele vai produzir uma teoria que diga como as representações imaginárias são efeitos de processos de transformações de significantes; por outro lado, ele propõe uma teoria da identificação dos sujeitos com a sua formação discursiva: uma teoria da eficácia material do imaginário. Em princípio, quando essas formações imaginárias não são as representações que se tem da soma das representações que se tem no intercâmbio discursivo, Pêcheux as pensa como dependente destes processos discursivos. Ele pensa basicamente em dois tipos de constituição, de dois tipos de sentido básicos: 1) um processo de constituição simétrica de uma expressão, palavra, proposição que se constituem por Y - palavra Y (pardo), e se constituem por uma expressão, palavra, proposição Z (raça) e; 2) vice-versa. Deste processo de constituição simétrica se cria um efeito de sinonímia⁸⁶ ou metaforicidade⁸⁷. O modelo esquemático de Charaudeau (2005) ilustra bem esta descrição (Figura 9) da idéia em relação à reflexão elaborada por Pêcheux:

⁸⁶ A relação de sinonímia é importante para definir a noção de analiticidade. O conceito de sinonímia não se resume a “identidade de significado entre duas formas linguísticas”. Duas expressões são sinônimas se e somente se: 1) tem a mesma intensão e se essa intensão não é zero nem universal; 2) se sua intensão é zero ou universal, mas elas são analiticamente confrontáveis. É uma questão lógica: na grande maioria das vezes a sinonímia continua no campo da intensionalidade das formas linguísticas. (Abbagnano, 2000)

⁸⁷ Diz-se da capacidade ou possibilidade de transferência de significado. Essa transferência pode realizar-se do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para a outra ou com base numa analogia. É uma definição aristotélica hoje - ainda - utilizada para definir a natureza da linguagem em geral. (Abbagnano, 2000)



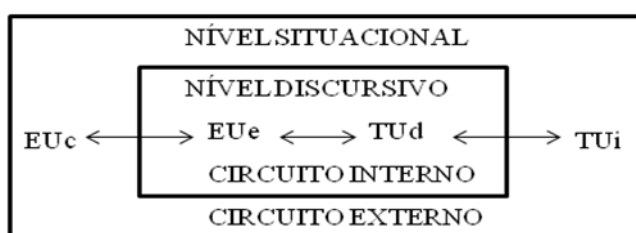
Figura 9 – Esquema do processo de simetria do efeito de sinonímia e metaforicidade de sentidos nas proposições

Fonte: adaptado de Charaudeau, 2005.

Um efeito de sentido ao nível do imaginário, dos processos de transformação global acontece no nível simbólico. De outra forma, tem-se uma constituição orientada onde uma expressão, palavra, [...] se constituem por uma proposição Z(raça), e vão dar lugar a uma proposição Z (raça), mas não há volta, não há retorno. Isso gera um efeito de implicação. São esses os efeitos de sentido. No trabalho de Pêcheux, é através destes efeitos de sentido que se encontraria uma dificuldade para se construir uma teoria do discurso que não pressuponha essa forma-sujeito e que não pressuponha o sentido. Por quê? Porque sentido, segundo Pêcheux, é criado na forma de anterioridade⁸⁸: o sentido não é criado na forma de uma existência prévia. Por exemplo, ao declarar: “Eu não sou negro [...] eu não sou branco[...] ” (Apêndice A) e; o interlocutor lança a pergunta: “Por quê?” E a pessoa tem que responder: “Sou pardo... [mestiço]. A teoria “serve-se” – neste momento - de um ferramental de detalhamento de técnicas para identificar na fala verbalizada ou imagética os recursos próprios da manifestação do sujeito. Aqui, o sujeito toma a conotação objetivada a partir dos registros de fala identificando os sentidos dados, contextualizados pelos enunciadores e pelos enunciados. Essa estratégia auxilia o pensar e ordenar categorias para uma análise

⁸⁸ Há um exemplo comparativo a este exemplo de anterioridade ao qual menciona Pêcheux em Wittgenstein no *Tractatus* que ilustra o efeito que Pêcheux chama de efeito pré-constituído. Wittgenstein conta numa fala: “Napoleão morreu em tal momento”. E o interlocutor pergunta: “Refere-se ao vencedor de Austerlitz?” E a pessoa responde. Este intercâmbio produz uma gama de efeitos curtamente pré-constituído porque na resposta natural sim é em sua referencia do real, do acontecido. Porque ao referir-me não havia um ato mental, não havia algum ato implícito de referência. Em certo sentido esta transformação que “Napoleão é o vencedor de Austerlitz” está operando com a linguagem e não operando na mente da pessoa quando submete-se esta expressão.

psicossociológica posterior: abrange uma perspectiva da localização das faces e dos usos da argumentação elaborada pelos sujeitos. O recurso da argumentação possibilita e revela os efeitos da utilização do *Pathos*, do *Ethos* e do *Logos* no discurso. No discurso, a fala do outro interpela e interfere nas possibilidades e nos sentidos do se pensar ou dizer de si. A materialidade e a presença do outro em sua diferença ou semelhança corrobora para imersão do sujeito nos sentidos submetidos à compreensão do mundo por intermédio das articulações languageiras de si. Isso talvez seja um pouco mais objetivamente visibilizado quando as “identidades” definidas como um processo de construção de sentidos para si e para o outro se manifestam demarcadamente tensionadas na intensidade do terreno das interações. Patrick Charaudeau descreve o processo comunicacional através de um quadro onde os sentidos discursivos aproximam-se dos significados dados a experiência do sujeito. De acordo com a Figura 10 a seguir, onde:



Legenda:

Nível situacional = contexto (social mais amplo)

Nível discursivo = contexto (sócio-histórico-discursivo recortado)

EUE = Sujeito que enuncia (Enunciador)

TUD = Sujeito receptor (Destinatário)

EUC = Sujeito que comunica (Comunicante)

TUI = Sujeito que interpreta (Interpretante⁸⁹)

Figura 10 - Descrição do processo comunicacional: sentidos discursivos X significados da experiência do sujeito

Fonte: Adaptado de Mello, 2006, pp.107.

⁸⁹ Na semiótica contemporânea, os dois termos – significante e significado – referem-se respectivamente: a disposição em responder a um signo e aquele organismo (em geral) que emprega o signo ou se expressa com ele.

Não há empecilho ao concluir-se que esta questão tende a produzir uma filosofia que produz uma semântica frutificatória, ou seja, que gera outros problemas⁹⁰. A análise do discurso – na perspectiva dialógica e dos embates entre Pêcheux e Foucault – possui dois aspectos complementares sobre a base da linguagem: 1) a representação que parte dos usos lógico-semântico e 2) a construção de base histórico-filosófica onde a linguagem recorre aos acúmulos. Tal efeito é próprio da complexidade da investigação e seu aporte teórico.

O que faz com que textos e sequências orais venham, em tal momento preciso, entrecruzar-se, reunir-se ou dissociar-se? Como reconstruir, através desses entrecruzamentos, conjunções e dissociações, o *espaço de memória* de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e de contradições? Como tal corpo interdiscursivo de traços se inscreve através da língua, isto é, não somente por ela mas também nela? (Gadet; Hak, 1997, pp.317).

Pêcheux propõe um exemplo para estudar como em determinados contextos, como determinadas expressões chocam e em algum sentido pensam uma frase ao nível de representação e no que em certo sentido está engendrado na sintaxe de nossa linguagem. Por exemplo, a afirmação: “Aquele que morreu na cruz para salvar o mundo...”, a referência por definição é Jesus, “...não existiu.” É uma questão definida cuja referência é explícita para qualquer falante inscrito no universo do Cristianismo e no contexto da modernidade. Produz-se, desta forma, uma proposição cuja existência definida é cancelada pelo predicado. Então de acordo com o proposto anteriormente,

⁹⁰ Ver Wittgenstein, 1995. In: *Tratado lógico-filosófico* (perspectiva representacionista da linguagem); *Investigações filosóficas* (perspectiva construcionista da linguagem). Segundo Wittgenstein, esta é uma das fontes de problema filosófico: é preciso distinguir entre o sentido e a referência. Napoleão o vencedor de Austerlitz e o derrotado de Waterloo. A referência é Napoleão? Sim. Napoleão é a referência, seja mais velho, seja mais novo (jovem). Entretanto, o sentido não é o mesmo: um é o derrotado e o outro é o vencedor. Há uma distinção entre sentido e referência porque há uma distinção entre quais os efeitos agem sobre os falantes. É sobre o falante que está a distinção. Nesse momento, o que é referido é localizado, é relacionado ao passado. A diferença está na resposta que vem no futuro. O que marca a diferença é que neste caso o interlocutor referia-se ao vencedor de Austerlitz e ao derrotado de Waterloo. Não é um impasse porque este sentido produz para o falante uma forma de anterioridade e por isso o grande sujeito dos estudos de Wittgenstein é a determinação prévia por uma regra, a antecipação de uma regra da resposta. Este é um dos grandes objetos de estudo de Wittgenstein no qual não se adentrará este trabalho investigativo. Este exemplo tem o objetivo de ilustrar que o pensamento de Foucault de aproxima da noção construcionista das *Investigações filosóficas*, mas o pensamento de Pêcheux – em alguma medida – se aproxima da noção representacionista do *Tratado lógico-filosófico*.

tem-se uma proposição definida que contém uma enunciação global da frase. Com este tipo de análise, Pêcheux pensa em - ele denomina de efeito de causa - como o posterior aparece como anterior e como o determinado aparece como determinante, através disso ele vai tentar ligar a teoria althusseriana da interpelação dos indivíduos como sujeitos à questão da constituição dos sentidos no processo discursivo. De certo modo, elaborar esta operação requer que se desloque este efeito pré-constituído e, para tal empreitada, Pêcheux é o único caminho possível para avançar uma teoria materialista do discurso porque do contrário termina-se regenerando a idéia de sujeito orientada a uma finalidade de pessoa. Por isso não se trata de mensurar, avaliar uma personalidade pessoal⁹¹. A direção que propõe Pêcheux é sustentada pela idéia de que o discurso constitui o sujeito e o sentido é o efeito de seu próprio funcionamento.

[...]S1: ...É...não...é...Você pode pegar o problema do Movimento Negro...vamos...ah...eu já falei assim...atrás...na outra entrevista...na questão histórica...os negros foram retirados da África...e transplantados pra América...por questões comerciais...e...uma série de coisas...isso levou ao longo da história a sua condição...submissa...espoliada...isso é fato...não tem como mudar...você não muda isso...né...e...é pleno direito do negro...acessar qualquer tipo de educação...de qualidade...isso é direito pleno...isso é fato...isso é coisa do ser humano...é direito universal da humanidade...né?! Da mesma forma...você...ou um japonês...ou um chinês...ou um cigano...Existem coisas que são básicas e essenciais...da vida humana...isso é uma questão...que é muito avançada para os seres humanos que existem hoje na face da Terra...que é uma questão de igualdade...a gente ainda...esta muito primitivo ainda no nosso consciente...o nosso consciente ainda está apegado a questão de dominar o outro...coisa do gênero...talvez algum dia isso melhore...antes que o sol engula...o planeta Terra...mas...Assim...lutar...como você colocou...abraçar a causa dos negros...pois bem...eu...abraço a causa dos negros sim...Eu vou colocar a minha posição...eu abraço a causa dos negros sim...para que eles saibam da condição que se encontram...e que condição que se encontram é essa?...é a condição...da baixa renda...a condição da educação periférica...condição de uma educação miserável...O segundo ponto que eu luto pela causa dos negros...é...para que eles...possam acessar níveis mais altos...da escala social...é um direito que a pessoa tem...afinal de contas nós não estamos na idade média...é...e lutarei...em qualquer espaço para que o negro possa se manifestar...que possa manifestar a sua opinião...Da mesma forma que...eu vou lutar para que...qualquer outra pessoa...um cigano...possa ter educação...possa ter...saúde...ter o direito de manifestar a sua

⁹¹ É escassa a reflexão de Pêcheux neste ponto em relação a reflexão de Lacan. É importante pontuar que este trabalho de investigação optou por não adentrar em questões da ordem da Psicanálise.

opinião...Da mesma forma também que um branco também tem o direito de manifestar a sua opinião...é claro que eu não estou ingênuo ao ponto de achar que no mundo todos serão iguais...Infelizmente não serão iguais...porque é próprio do ser humano formar conchavos para alcançar o poder... e essa capacidade de formar conchavos é do branco...do negro...e do...do amarelo...do oriental[...]

Nota-se na reflexão do Sujeito 1 nesta fala um posicionamento de afastamento das estâncias representativas onde estão centradas sua argumentação: “os negros”, “a causa dos negros”, “eu luto pela causa dos negros...é para que eles ...possam acessar níveis mais altos ...da escala social...”, “um branco também tem o direito de manifestar a sua opinião...”. Mas, contraditoriamente, há uma percepção de pertença que o inclui a uma coletividade produtora de desordem e conflito na ordem social quando ele diz: “é uma questão de igualdade...a gente ainda...esta muito primitivo ainda no nosso consciente...o nosso consciente ainda está apegado a questão de dominar o outro...coisa do gênero...talvez algum dia isso melhore...antes que o sol engula...o planeta Terra...”. Uma observação importante surge ao analisar-se este trecho: o caráter de representação da linguagem como simbologia não pode ser negado apesar de sua insuficiência para dizer sobre a experiência do indivíduo. Por quê? Porque é este caráter que primeiramente tenta ilustrar as trocas cotidianas vivenciadas no mundo real. O próximo estágio, só atinge um grau de completude a partir da construção contingencial na qual está forjada a historicidade do sujeito enquanto portador da memória coletiva e das trocas simbólicas individuais e materiais em sociedade. Se o discurso é uma tecnologia da linguagem por ser um dos muitos usos pelos quais se fazem dela o caráter representacionista e construcionista da linguagem não podem ser descartados desta análise um em detrimento do outro. As insuficiências, as brechas latentes de uma perspectiva são preenchidas pela bela moldura teórica e acabamento metodológico da outra. Analogamente, a base linguística de Pêcheux somadas base filosófica da linguagem de Foucault através das lentes marxistas possibilitam que a análise do discurso se aproxime mais do real experienciado esperado nesta empreitada analítica sendo menos métrica, menos conjectural e mais uma tentativa de diálogo entre ambos.

Não se trata aqui de evocar o papel da linguagem em alguma ordem das palavras como certeza da resposta. Se ao apelar para o papel da linguagem aciona-se o

recurso de onde ensina-se algo para alguém, tem-se, assim, uma noção suspeita de discurso porque ela está sempre pressuposta a sua ordem e aos encadeamentos que tratam de apelar ao signo. Ou se trata de apelar aos significantes ou ao que se representa ao sujeito para outro significante. O efeito do sujeito é algo que ocorre no passo da cadeia de significantes do mesmo sentido. Por isso o sentido serve como efeito de transformações simétricas ou orientadas que produzem efeitos de sentidos diferentes. É em primazia que esta outorgada o processo de significante. Aparece a cara idéia de que esta transformação não é o que caracteriza uma formação discursiva. Uma formação discursiva remete ao que se pode, ao que se deve, e não ao que está proibido de ser em determinadas circunstâncias e na precisão que esta proibição e permissão tomam (Foucault, 2007). Então, neste sentido, o surgimento da fala “politicamente incorreta” dos sujeitos da pesquisa, em distintos momentos das entrevistas, se caracterizam como uma fuga ainda que momentânea do script, uma ruptura com o sistema ou um não enquadramento ao padrão? Por quê? Porque a essa contradição interna ao discurso - onde os contornos são bem definidos - poderia-se chamar de emergência do sujeito.

[..] **S2:** Sim...pelo fato das oportunidades diferentes...Uê...de fato...isso leva a crer que...segue por um caminho que...não vai dar muito certo né... vai tender... a prosseguir nesse de oportunidades diferentes... eh...mas eu não...consigo enxergar o cerne do ponto de divisão...não. Até onde...que vai esse discurso...Se esse discurso é válido...se não é válido. **Tatiana:** Pra quem faz política pública...isso é um impasse... **S2:** Pra quem elabora as políticas públicas... **Tatiana:** E aí?**S2:** (RISOS) Bem complicado... (SILÊNCIO) Eh... por isso que eu acho que é necessária a intervenção dos profissionais...né...que são as pessoas que passaram pela formação...Ai...parece que é uma coisa que vem de cima pra baixo também...mas...eh...isso tem que ser mais assimilado ao dia a dia...e tal. Até...mais a estratégia... de formação de todos... pra que...não se caminhe pra essa coisa... de...enxergar que um tem mais vantagem que o outro... Eh...e por isso...da formação...Eu também estou meio...confuso...quanto a isso...mas eu acho que parte muito da formação... inicial...pra... que... não se desenrole...nesse nível... **S2:** Ai...eu acho que talvez... acho que transcenda até esse... ponto...foco...e parte pra uma questão de... que...é...a sociedade é formada por...está muito focada em interesses próprios né... ahm...os interesses primordiais são os próprios... então isso seria anterior a esse processo ainda... Essa formação de interesse coletivo... tá longe de... sem formação coletiva...aí vai dificultar bastante...a formação de desmanche de desigualdades... para a formação de igualdade... Porque a igualdade é a coletividade...[...]

[...]S1: por extensão cada indivíduo...vive entre a cruz e a espada...né...entre o querer ser e o poder ser... e o que dá pra ser... Então quando você coloca essa questão de... de trabalhar o indivíduo...de trabalhar determinadas classes... você na mesma medida que tem que... superar determinados padrões... que existe... determinados conceitos idealizados... mas você tem que ter um choque de realidade e saber... que não dá também pra poder...pensar em coisas muito altas porque... nossa sociedade não tem condição de fazer isso. Em certa medida o Brasil optou por ficar assim... eh...não é uma questão natural... o Brasil vai ser ...e será...eternamente um país... com uma estrutura social desigual né...isso não é natural né...É ...uma opção que o Brasil fez...eu digo Brasil... determinados grupos né... fez...é uma opção... escolhida que atende muito bem... todos os grupos envolvidos... então...Em última instância eu pergunto é... saber se queremos realmente mudar as coisas como estão... e em que medida quando determinados grupos atingem o poder... eles estão realmente interessados em mudar... a ordem geral das coisas ou estamos apenas interessados em atingir o poder... A pergunta final é... o interesse é o bem comum da sua classe...a que você pertence... ou do grupo que você pertence ou... o interesse em última instância era atender o seu interesse imediato... de atingir o poder e aí depois ver o que dá pra fazer... Mas isso é uma questão que... séculos e séculos vão sendo discutidas... sempre extrai...assim...a questão relacionada... a questão da relação de poder... como as pessoas se apropriam sempre se expraia... em...mais atualmente...políticas públicas... é...é... luta entre grupos dentro da sociedade...feministas... homossexuais... e como é...e... em última instância todos querem... em alguma medida o poder... para se expressarem... o quanto lhe convêm... então...é... e aí nessa roda aí que vai girando a gente vai tentando... desenvolver alguma coisa que possa melhorar a vida de todos... Mas se não são todos... que estão aptos a... a se inserir nesse processo ...de...de... luta cotidiana pela melhoria das condições de vida...a coisa é bem mais dinâmica... é bem mais complexa... que... como eu mesmo disse... como o pensamento humano é relacional... né... a gente sempre tem que relacionar uma coisa a outra... como a vida é dinâmica e estão relacionadas várias... coisas... a gente não tem condição de... pegar um, duas, três coisas ao mesmo tempo e relacionar com outras duas, quatro, cinco... outras ao mesmo tempo... é sempre bem ... estanque... o nosso raciocínio humano é muito... limitado... a gente só consegue fazer uma coisa...relacionada com outra...uma coisa relacionada com... a outra...nunca várias coisas relacionadas com várias coisas... porque aí a gente entra em confusão... querendo ou não... em algum momento a gente entra em confusão mental... porque são muitas variáveis... pra se controlar... tanto que a minha colocação começou a ficar meio atrapalhada... porque...(RISOS) eu comecei a enxergar algumas outras dimensões que vão se...entrelaçando...e...fica estranho... É realmente difícil você colocar alguma coisa... ali... no claro...né...eh...eh...essa questão mesmo...da...da... da coisa que você me disse da superação... como que trabalharia essa questão... de tornar... iguais... pessoas diferentes... ahm...várias dimensões estão colocadas...né... [...]

A força do imaginário no coletivo social é identificada pelos sujeitos como um caminho sem volta diante das desigualdades que eles sinalizam como seculares. Os aspectos negativos dos acúmulos históricos tem se apresentado como um padrão

intrinsecamente engendrado a esta cultura de tal forma que os sujeitos não conseguem visualizar uma rota eficaz de fuga. A violência vivenciada na coletividade, seja através das múltiplas formas de desigualdade entre os sujeitos, seja nas várias formas do racismo, é sugerida pela fala do sujeito através da imagem figurada de “variáveis” sobre as quais não se detém o controle. Entremeadada à fala surge um sentimento de angústia e confusão através da constatação de que ao começar-se enxergar outras dimensões sobre a violência da vida cotidiana pode-se significar entrelaçamentos de certos padrões em vigência.

Pêcheux afirma que a relação de dependência de sentidos está ancorada no significante porque este não remete a uma mera combinatória sintática. Se esta combinatória sintática fosse o ponto nodal dessa dependência, os elementos que cercam todos os sentidos - na medida em que podem formar combinações uns com os outros e então a possibilidade de combinar seria própria dos elementos - em alguma instância nos elementos estariam contidos todos os sentidos⁹². Pêcheux reflexiona o que pode ou não pode ser interno em determinada formação discursiva porque – agora - a formação discursiva esta em relação de dependência, subordinação e subjunção entre si. Ela conforma um conglomerado que ele chama de interdiscurso. Por exemplo, ao aparecer o discurso da ciência como discurso dominante; o discurso da mestiçagem como neutralizante de conflitos da ordem social; o discurso do mérito como autorização para a instrumentalização dos usos e o alcance da igualdade; (...) estes discursos tomam e determinam os significantes. Se os significantes são apropriados de outras práticas e, legisla-se quais os usos podem ser feitos sobre eles, conclui-se que esses usos são parte de um diálogo. Um diálogo só torna-se possível se os interlocutores comungam das estratégias enunciativas que surgem no contexto da fala. Este diálogo tem um efeito sobre outras formações discursivas que tramitam em um impacto e resistem somente a esta influência do discurso. Pêcheux pensa isso como um conglomerado. Sem embargo não se pode pensar como uma formação discursiva dominante - seja ela a ciência, o direito, ou outra - dará a tonalidade a todas as relações que no interior deste interdiscurso são de contradições mútuas. Seleccionadas as falas de *SI*, a seguir, para exemplificar e analisar a sequência das relações no interior deste interdiscurso:

⁹² Como exemplo tem-se que esta é uma característica dos sujeitos do *Tractatus*. O Tratado resume-se em: os elementos na sua constituição interna na possibilidade e impossibilidade de combinar-se com outros. (Wittgenstein, 1995)

[...]S1: É...eu fiquei...eu achei estranho...né...porque...por que que pardo está dentro de negro? Se pardo é a média entre preto e branco...por que que eu tenho...se pardo é a média entre preto e branco...por que que ele é negro? Se ele é a média... então ele pode ser branco também...e aí...porque que não cria uma terceira categoria...por que que tem de ser duas categorias a serem criadas...? Qual é a intenção...em criar apenas duas categorias...? Então assim...eu não abracei a causa...eu não vou abraçar nenhuma causa enquanto eu não... ver o objetivo essencial da coisa...eu não sou marionete...tá doido...Então assim...uai... (SILÊNCIO PROLONGADO) Fica algumas perguntas...eu fiquei...só aguardando até ver...até aparecer a resposta...vamos ver...aonde vai dar esse trem aí...então eu nunca abracei a causa...eu num...porque é uma coisa que... como ela não... essa questão de cor...é uma questão de...é intrínseca do indivíduo...e por ser uma questão intrínseca do indivíduo é utilizada como forma de submissão e segregação...isso da pano pra muita manga...então eu não vou me entrincheirar atrás de nenhuma causa porque...é uma questão...um ponto questionável... Se pardo é negro...então pardo é...também é branco...então beleza...você está livre para escolher qual é o seu caminho...Quando ela me falou que a opção entre pardo ou negro é uma opção política...então...beleza...então é conveniente...então... Então assim...de fato...então é conveniente...pegar lá os problemas raciais dos Estados Unidos e implantar aqui para o Brasil...Da mesma forma também que é conveniente achar que o Brasil não tem discriminação...então assim...tudo começa a ser muito conveniente...dependendo das partes que...dependendo do ponto de vista...né...as coisas...política...então...beleza...na média é zero...o jogo soma zero...se tudo é conveniente... então...Então...talvez...no fundo você não tá discutindo a essência da coisa...o ser negro...o que é ser branco...talvez você não está discutindo de fato...com profundidade...isso...você está discutindo...uma...você não está discutindo...na verdade você está...engajado numa motivação política... anterior... que talvez...você não conheça... com profundidade... Talvez...você esteja defendendo uma causa em prol de alguém que você desconhece...mas por extensão chegou a você...porque não pensou direito sobre o assunto... e está lá defendendo a causa...Então...não é...uma coisa que você pode chegar e...levar para o lado pessoal...por isso que eu falo...do ponto de vista da discussão da ideologia... da teoria...levar para o lado pessoal...é a pior coisa que tem aí...e a gente chama isso de...radicalismo...extremismo...Da mesma forma que eu... é...tem estes conflitos bobos...esses conflitos tolos...entre católico e o evangélico...é o católico chega lá e fala que o evangélico é fanático...o evangélico vai lá e mete fogo na Igreja Católica...e fica essa briga estúpida...estéril... porque...está fundada em coisas que...as pessoas que estão imersas ali não conseguem compreender...as relações de poder que existem...e são relações de poder em busca...efetivamente de domínio...do poder...mas as pessoas...como elas não param para refletir sobre o processo...elas acabam servindo de “bucha de canhão”... como eu diria... Da mesma forma o islamismo e o

cristianismo...e por aí vai...então...ser muito...é...ah...não é nem questão de fanatismo...é questão de equilíbrio pessoal mesmo...de você ver...é...eu não acho que a questão é...não é nem...hoje em dia...a pessoa que para e não abraça a causa é visto como alguém que não...é vista como uma pessoa retrógrada...coisas do gênero e tal...não...não é isso...[...]

Segundo Pêcheux este discurso, este conglomerado de formações discursivas se insere em uma soma de formações ideológicas com a qual também tem uma relação de contradição, subordinação ou dominação. É também uma relação contraditória. Então, o que finalmente determina essa permissão, esta possibilidade combinatória não é uma propriedade da materialidade dos significantes enquanto tal, mas são os frutos do processo social. E onde isso ocorre? Ocorre no lugar onde esta combinação termina, quando esse processo social retorna ao começo em uma trama de somas de permissões e proibições que é acionada pela relação dialética entre a língua e o discurso.

[...]**S1:** Da desigualdade e da diferença. Isso aí é fato... se determinado grupo social... você tem uma pessoa perspicaz... suficientemente pra a igualdade...a desigualdade e a diferença... ela pode usar isso para o bem e para o mal...isso...eh...pra uma coisa construtiva... ou uma coisa destrutiva...né... aí... depende da...da formação da pessoa... Então...eh... o problema essencial... talvez não seja nem... nem lutar pela... acho que o foco não seria tanto... buscar a questão da igualdade... no... na... sua essência... a igualdade em si...mas... mas lutar pela... mas na verdade combater as formas escusas que existem na sociedade... combater as formas... essas formas eh...eh...estranhas que... vira e mexe vem acontecendo... de apropriação de diferenças... e desigualdades pra... perpetuação de determinadas condições que são inaceitáveis por aí...ao próprio nível da condição humana... acho que a...acho que a gente deveria inverter a causalidade... da...da questão... né... o problema não é... igualdade... o problema é como... se trabalha a questão da diferença... da desigualdade dos meios... e das formas que as pessoas se apropriam disso para se beneficiar...determinados grupos né...se apropriam da diferença pra... se perpetuar no poder... o problema essencial talvez seja esse...eh...pode ser que eu esteja errado mas... esse exercício de reflexão... eu acredito também... seja esse o problema... é uma causa a se estudar... meditar por um bom tempo... talvez o sentido seria esse...[...]

Para tornar completa uma idéia o significante toma parte na interpelação do indivíduo como sujeito: esta é a forma lacaniana segundo a qual um significante representa um sujeito para outro significante, e o significante enquanto tal não significa nada para o sujeito, mas opera sobre si mesmo e sobre o sujeito e o que o constitui como efeito fora de toda compreensão do sujeito. É importante identificar que há uma relação mutuamente constitutiva entre língua e discurso sobre uma sistematicidade aberta que liga-se à idéia de uma elasticidade social porque esta também é histórica. A idéia de formação discursiva como algo que reúne esta possibilidade combinatória é pautada na não-sustentabilidade de uma mera combinação, mas no processo social denso, maçante, conflituoso pelo qual os sujeitos optam - através da luta, da contradição, da subordinação em diferentes modalidades - ao se inserirem na cena pública.

4.5. O recorte (in)visibilizado pelo (não)dito: flexionando raça

A verdade não existe fora do poder ou sem poder... A verdade é deste mundo: ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder (...) Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade”. (Foucault, 1982, pp.12-13)

Michel Foucault ao analisar as formas onde o poder manifesta-se postula que este é um efeito na constituição da identidade. Se o indivíduo não é a substância onde se exerce e se abate o poder então ele é o resultado, especificamente o produto, de uma ou mais relações de poder (ou relação entre poderes) que se exerce sobre os corpos na multiplicidade dos movimentos, dos desejos e das forças em questão. Na análise da questão racial quanto mais silenciada se apresenta a branquidade, maior será a dificuldade em travar um enfrentamento aos valores que ela normatiza fora do terreno em que ela é soberana: o terreno da subjetividade. Tadei (2002, pp.3) conclui que a racionalidade imposta pela mestiçagem não refere-se a algo “natural”, a uma essência, mas a uma formação que precisa responder a uma urgência histórica que permite justificar ou mascarar uma prática que permanece muda e efetivamente atualizada na subjetividade do indivíduo. A constatação da eficácia do dispositivo da mestiçagem na

população brasileira é um meio de falar da diferença brasileira em relação ao tipo europeu. No entanto, essa diferença gera reações que circunscreveram-se desde o discurso do branqueamento até a valorização da afro-descendência, ou do antropofagismo ao homem tropical, ao considerar-se os diversos contextos e impactos sobre as relações sociais dos sujeitos e de seus tempos (Leite, 1983). Se atualmente, a afirmação de que todo o brasileiro é um mestiço permite que, sob certas condições econômicas e sociais, o papel social ideal associado a ser branco possa ser desempenhado por não brancos, e estes não brancos ainda não visualizam na negritude uma identidade positivada no processo de apropriação das trocas sociais, então, conclui-se que as hierarquias se preservam. O papel de destaque da branquidade na etnicidade da elite dominante se hegemoniza ao conseguir a aceitação de setores subalternos predominantemente negros e negro-mestiços. A constatação de que a existência de identidades intersticiais não se constitui em vetor perturbador dos valores eurocêntricos que se acoplam ao bloco histórico hegemônico, são indicativos de que a assimetria da raça como constructo social ainda é persistente e vigorosa nos dias atuais. Tal assimetria não fora abalada, apenas, apresenta-se sob outras vestimentas. É pela ação efetiva do mito da democracia racial que [...] a exclusão racial no Brasil fala em duas vozes: o valor da branquidade – vigente e silencioso – e a noção que cor e raça são de importância relativa para o *status* social, em uma população não branca, cuja negritude é pronunciada - pelo aporte cultural de grande parte da população afro-descendente - em som audível. (Ware, 2004, pp.372). Tanto nas falas de *S1* quanto em *S2* estas condições podem ser percebidas quando ambos confirmam – sinalizando em suas falas - a presença da força do racismo como um importante produtor de desigualdades sociais.

[...]S1: pobre é isso mesmo...pobre vai continuar do jeito que tá...ou então no caso de quem é preto... né... “não, mas...pra que que vai estudar...preto é isso aí mesmo e vai continuar do mesmo jeito”. É a mesma condição só que balizada pelo fato da cor da pele... então assim...[...]

[...]S2: então...são pessoas que tem bagagem...de política né...pra discutir...e aí já rechaçaram aquele tema né...ah...brincou né: “ah, a diferença entre eu e Pelé, o que que é?” não sei o que. Então...é só a questão financeira?![...]

Há nas falas dos sujeitos a convergência em um discurso que denuncia e sinaliza a motivação para o combate à desigualdade social. Entretanto, ao reportarem-se à desigualdade social como o argumento em resposta aos conflitos cotidianos, a questão racial é dissolvida pelos sujeitos pardos entrevistados. O Sujeito 1, ainda nas primeiras entrevistas reintera este lugar e o mesmo argumento persiste ao longo de suas falas subseqüentes ao implicar-se diante da força estabelecida na relação histórica entre “dominantes X dominados” ou “vencedores X vencidos”: esta relação opera em distintos níveis da subjetividade dos sujeitos.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (Foucault, 1982, pp.8)

Os efeitos produzidos são ressignificados a partir da compreensão de uma história européia que se apresenta como a referência argumentativa primeira para ambos os sujeitos. No entanto, os mesmos efeitos operam também a partir de uma figura distorcida projetada pelo crivo das relações em sociedade sob a seguinte articulação:

- 1) Sentidos divergentes dados à historicidade = ato de rememorar que interpela ou reafirma a história da “europeidade”;
- 2) Sentidos divergentes dados à experiência = ato de identificação entendido como um produto entre **prática** (vivência) **X teoria** (ciência). Para o *S2* esta é uma condição para compreender o mundo; para o *S1* esta é uma possibilidade de compreender o mundo.

Através desta articulação é possível identificar-se o eixo formador dos efeitos que operam sobre esse sujeito, ou seja, o mecanismo de constituição do sujeito é o produto entre teoria e prática. O pardo é o produto da flexão entre teoria e prática insurgente pela mestiçagem como dispositivo biológico e ideológico do impasse. Daí

encerra o perigo e o mal-estar da sua complexidade. Ele é o vetor de fuga da regra e a necessidade das constantes emendas.

Ware (2004, pp.336) afirma que desistir prematuramente do estudo de identidades raciais por demasiado complexas e numerosas que sejam constitui-se em um fazer concessão à ideologia da mistura como antídoto ao racismo. Mas a mestiçagem não responde a complexidade dos conflitos e das possibilidades articulatórias da realidade social. De maneira análoga, em lugar de aderir-se à tese do branqueamento como resultado da mistura racial, adere-se à mistura racial enquanto tal e deste resultado o *branco* continua ocupando posições de prestígio, privilégio e poder. É dessa maneira que o paradoxo da questão racial objetivado pelo cruzamento de dois vetores concebidos no período colonial e re-atualizados pela conjuntura sócio-política atual, reintroduz o viés combinatório: desigualdades sociais *versus* desigualdades raciais.

Estas desigualdades não foram geradas a partir de uma mesma placenta, de um mesmo substrato. Apesar de nascerem concomitantemente estes vetores são analogamente comparados a imagem de gêmeos bivitelinos porque articulam-se a partir de corpos – social e individual – semelhantes mas atuam sobre eles em distinção. Foram concebidos juntos, estão ligados pelo mesmo laço materno – o capitalismo – mas caminham em direções distintas. É neste sentido que a experiência relatada pelos sujeitos, ou seja, a corporeidade do pardo apresenta-se coerente com a sua experiência relacionada ao racismo e com a forma na qual é interpelado cotidianamente sobre a questão de raça. Raça/cor para o pardo tem os contornos borrados, esmaecidos, pulverizados pelos discursos da cena pública. Cor para o pardo é uma questão de escolha de classe, não um imperativo de luta da raça. Conforme a seguir:

[...] **Tatiana:** [...] Por exemplo... eu como pardo... hoje... com as políticas de Ações Afirmativas se apresenta a seguinte situação: “Olha, temos cotas para negros... pretos e pardos... você se inscreveria num concurso e pediria a cota porque você é um negro... está na categoria parda... **S2:** Hum... **Tatiana:** Você... iria... assim... feliz e tranquilo... e com a consciência tranquila...? **S2:** É... talvez não porque a concorrência ia ser bem maior viu... Eh... os desavisados... vão... (RISOS) chover nas inscrições... viu... Mas... brincadeiras a parte... eh... Eu ainda tenho conflitos de posicionamentos sobre essa... sobre essas questões nos concursos... e tal... mas... Eu iria mais por uma questão... de trajetória de passado de lutas... que é muito característica... de... da vivência de negros... né... Eu tive essa vivência... que foi uma característica de luta da minha mãe... então... eu tenho um passado de lutas... ali... ligado a

questão... então...por mais que eu não quisesse... tentar ou não a vaga... talvez...aí entraria um mérito de... querer saber a discussão momentaneamente...até por questões de estratégias de vagas... mas eu acho que tem...que deveria...mesmo que fosse...que estivesse iminente esta questão de...do mérito dos normais... eu deveria por direito... assegurar a inscrição na... nas cotas...pela trajetória... de vivência...negra... Trajetória de dificuldades...tanto que é aquela trajetória típica... Agora...se eu tivesse... uma trajetória... de riqueza...eu não sei se eu... se eu faria a inscrição... porque fugiria um pouco da... Se eu fosse um negro rico...assim...[...]

O enxergar depende de quem vê ou lê o mundo. Dessa maneira, a visibilidade do pardo é comprometida pela imagem distorcida no espelho do antagonismo dos pólos Negritude/Branquidade e, nesse sentido são reais e significativas as dificuldades encontradas por esse sujeito em identificar o racismo quando este se manifesta. Para este sujeito o preconceito de classe é o imperativo que o norteia na maioria das situações. Sobre este viés, o racismo sofrido por pretos e pardos não se efetiva no mesmo nível. A evidência da violência do racismo para ambos oferecem distinções que estão ligadas as barganhas dos usos efetivos da corporeidade. Estas barganhas também estão expressas no discurso pelos sujeitos da pesquisa. E onde está, como se porta o sujeito em meio à cena pública, diante das contingências históricas e dos imperativos do poder? Será que isto se finaliza na questão de classe? O próprio Foucault coloca em suspenso a imposição da força por parte da burguesia - ao nível da ideologia como estratégia – quando se refere ao raio de atuação e eficácia sobre o operariado. De algum modo, alguns discursos encontram solo propício e fecundo para estabilizarem-se no meio social: a ideologia do embranquecimento⁹³, a mestiçagem são exemplos a serem considerados. Os níveis de sua eficácia são negociados pelos sujeitos durante o seu percurso de vida.

Chegamos ao centro do problema e sem dúvida das obscuridades de meu próprio discurso. Uma classe dominante não é uma abstração, mas também não é um dado prévio. Que uma classe se torne dominante, que ela assegure sua dominação e que esta dominação se reproduza, estes são efeitos de um certo número de táticas eficazes,

⁹³ A ideologia do embranquecimento é a construção imaginária que os sujeitos estabelecem a partir das relações sociais dadas pelo acúmulo histórico fundado a partir da concepção do capitalismo onde a valorização da corporeidade branca européia é apontada como o modelo universal a partir do qual todos os outros indivíduos são avaliados e submetidos (Carone; Bento, 2002, pp.11) .

sistemáticas, que funcionam no interior de grandes estratégias que asseguram esta dominação. Mas entre a estratégia que fixa, reproduz, multiplica, acentua as relações de força e a classe dominante, existe uma relação recíproca de produção. Pode-se, portanto, dizer que a estratégia de moralização da classe operária é a da burguesia. Pode-se mesmo dizer que é a estratégia que permite à classe burguesa ser a classe burguesa e exercer sua dominação. Mas não creio que se possa dizer que foi a classe burguesa, como um sujeito ao mesmo tempo real e fictício, que inventou e impôs à força, ao nível de sua ideologia ou de seu projeto econômico, esta estratégia à classe operária. (Foucault, 1982, pp.252)

O sujeito como unidade de sentido em si mesmo sugere que o homem deixa a sua condição contemplativa e passa a condição de criador da própria existência como ser que pensa e que duvida: este é o sujeito cartesiano. Esta noção difere do indivíduo cuja existência está diluída no seio da comunidade. Sujeito é uma categoria que emancipa. Nesse sentido nasce sustentada na idéia de sujeito a noção de autonomia. Autonomia – o governo de si - é uma construção da modernidade. A autonomia só é possível com a concepção da idéia de liberdade que articula o circuito que envolve o poder político que faz emergir a concepção de sociedade, de cidadania e de interesses comuns a perpetuação da coletividade a qual chamamos de sociedade: a cidadania esta implicada no reconhecimento do outro – sujeito diferente e não necessariamente um igual - como parte de um *eu* que forma um *nós*. Dessa forma, a classe burguesa se projeta não somente como classe econômica. Ela também é uma classe intelectual e por isso estabelece um *modus operandi* de projetar-se no mundo, de projetar-se na cena pública. Estas noções aparecem diluídas nas falas dos sujeitos desta pesquisa.

[...]S2: [...]no entanto os direcionamentos são pra quem tem maior abertura pra lidar com essa situação...e...a minha empresa amarga um pouco nessa...coisa de não...querer atender a barganha de uma forma desonesta...então...assim: “você não vai me dar isso então pode esquecer que você não vai ter mais nada disso”. Então, tem todos esses anseios...e nisso...me dá vontade de...não vou dizer largar...desistir...mas eu fico me perguntando até onde vai o meu papel nesse meio, né...vamos dizer aí...no mercado de trabalho...não no meio acadêmico...né...porque eu tenho aí uma formação...todo preocupado com a técnica...saneamento...tenho estudado muito...respiro isso...e chego...é...estudo diversas...técnicas aplicadas no mundo...e técnicas efetivas...mas aí quando chega...o impasse político...é o que é o determinante de tudo. Vai depender se...o interesse político daquela ocasião...vai deixar a minha idéia ser implementada...ou não...aí eu

fico olhando... “qual que é o meu papel? Até onde eu devo aceitar isso? Com é que eu vou ficar? ”.[...] **S2:** [...]é o ciclo de...perpetuação política...então...eu vi que...a decisão política...é muito mais importante do que qualquer passo que eu tenha...no [...]. Ah...o contaminante que eu estudo que é da ordem de dez a menos nove centímetros...micro...coisa de micro...não vai interessar em nada...se não tiver uma vontade política...Ai...essa vontade política vai remeter lá...na menina que diz “isso não é da minha conta...eu não tenho nada a haver com isso...”, né. Então aí...a minha preocupação é...é...a formação é outra...Tem que se trabalhar outra formação...ou forma...é...capacitar outro tipo de recurso humano...então assim...eu vou pensar que eu vou capacitar...alguém que vá fazer as análises de laboratório pra mim...e tal...mas essa pessoa tem que estar muito ciente do que ela está fazendo...não é uma simples análise de um organismo que tem dez a menos nove centímetros...é...algo que está tão...tudo...interligado politicamente...e aí...é isso. (SUSPIRO).[...]

[...] **S1:** Porque em certa medida...é...determinadas pessoas ascendem...a classe social...mas por que elas de fato...ainda não serão...a classe social alcançada. Ou seja...por que que um pobre quando ascende socialmente ele não vai ser rico de fato. Porque ele ainda tem...elementos...ele ainda tem um pé no antigo modelo... na antiga classe social dele...então... como ele foi construído no meio pobre...digamos assim...pra generalizar... e classificar grosseiramente... como ele provem de uma organização social com características... padrões de comportamento pobres... mesmo que ele ascenda socialmente através dos estudos... ele ainda está com uma parte da estrutura...interna... da personalidade... dele... na condição da classe mais humilde. Então a ele...ele esta desprovido de determinados elementos e ...instrumentos que o colocam... efetivamente como a classe rica... Talvez o filho dele...aí...sim...já passe a ser cem por cento rico. Um indivíduo que tenha a características da classe rica. Porque aí o filho já vai freqüentar uma escola de... com... com... crianças do mesmo nível de renda... ele vai frequentar ambientes de pessoas ricas porque o pai ascendeu socialmente...então tem condições de bancar... aquilo ali pro filho. Então o filho vai ter um ambiente escolar de...de...crianças ricas... vai freqüentar... ambientes... de consumo... de famílias ricas... então ele vai...ali aos poucos no processo de...de...crescimento dessa criança... vai ter...vai ser agregado nela todos os instrumentos da classe rica. Então ela não tem problema de...de... problema de ambivalência. Pobre quando ascende socialmente tem problema de ambivalência. Ele está e não está ao mesmo tempo. Em termos institucionais... e formais...ele está na classe rica mas...intrinsecamente ele não está na classe rica...porque ele veio lá de trás. Ele não está suficientemente... digamos suficientemente estruturado pra tomar posse daquela nova classe social que ele se inseriu. Os filhos e os netos sim. Mas ele, não. Ele vai ficar... meio que sem casa porque...ao mesmo tempo que ele não consegue se inserir na classe rica...ele não tem elementos da classe rica... mas ao mesmo tempo ele começa a não se inserir... na classe pobre porque...porque ele... teve um novo estágio...um novo...alçou um novo patamar... que os seus pares pobres não conseguiram...alcançar...então ele em certo sentido se desloca. Ele se desloca da classe pobre... em direção a classe rica...mas também não

consegue atingir a classe rica...ele vive uma situação dúbia...nem lá...e nem cá. E essa é a característica da grande parte da população...que vem aí...ascendendo...socialmente.[...]

Se sob um aspecto o pardo pode ser um efeito do mito da democracia racial, por outro ele também pode ser uma categoria que emancipa. Quando o Movimento Negro - através das Ações Afirmativas - convida o pardo à auto afirmar-se negro e a implicar-se nesta auto-afirmação, ele propõe que esta categoria saia do suposto lugar da alienação, do relativo conforto dos olhos vendados, mas também do lugar do perigo a espreita no caso de desconsiderar-se os impactos da questão racial. Anular a questão racial seria negar-se ao enfrentamento e fomentar a manutenção do ocultamento dos conflitos. De outro modo, o que pode aparentar – ainda que inicialmente - uma condição de alienação, um efeito do mito da democracia racial ou da ideologia do branqueamento⁹⁴, pode não estar necessariamente sustentado sobre uma condição de passividade, mas nas possibilidades investidas para alcançar o livre trânsito. O pardo – aquele que transita – no plano das relações sócio-raciais está plenamente apto a mensurar os usos que faz da própria corporeidade para acender ou não socialmente ao posicionar-se em determinados lugares e situações. Como parte deste intento, frequentemente, os sujeitos recorrem à idéia de mérito. Elemento complementar e também relativamente deslocado da questão racial – intrinsecamente relacionado à questão social – mas – como já dito - frequentemente sinalizado pelos sujeitos no discurso tem-se o mérito.

A marca do ideário meritocrático nas falas de *S1* e *S2* é recorrentemente acessada nas entrevistas. Diluído na conjuntura social e no dilema étnico-racial dos sujeitos, o mérito é um dispositivo que circula e funciona em cadeia. A sua rede articula-se sobre os sujeitos que exercem e sofrem a ação do mérito. É neste contexto que o esquema de funcionamento do mérito opera em rede para que este se torne legítimo e possa ser um dispositivo autorizado por pares cuja legitimidade o reafirme, o conceda. Então, qual é a intenção, o fundamento da meritocracia no meio social? Qual a sua utilidade para a vida em sociedade? E por que ela sempre opera como divisor de

⁹⁴ A ideologia do branqueamento diz respeito às políticas imigratórias iniciadas após a abolição da escravidão com objetivo de incentivar a entrada de europeus como força e fonte de trabalho qualificado no Brasil e que isso possibilitasse através da mistura étnica o clareamento da população e consequentemente sua inserção nos padrões de desenvolvimento internacional. (Carone; Bento, 2002)

águas nos processos de seleção “natural” em sociedade? Numa sociedade capitalista e dita democrática cujo exercício do direito é alocado como uma questão de privilégio, a noção de cidadania fica afetada pela baliza do mérito. Se o mérito carrega em si a idéia de um qualificador social – um instrumento democrático - cujos princípios internos remetem a idéia do que universaliza e justifica a assimetria entre os indivíduos; cogitar a não existência do mérito forneceria a todos o *score* de oportunidades iguais? Provavelmente, não. Não em uma sociedade onde a desigualdade impera em detrimento da diferença. O mérito nas sociedades pós-modernas tornou-se uma armadilha, um sofisma, um obstáculo à igualdade entre os indivíduos. Há, entretanto, outros elementos que operam sobre a construção da igualdade, e não apenas o mérito: a cidadania e o privilégio são dois importantes elementos que precisam ser considerados. Em uma sociedade onde impera os privilégios a concessão do mérito está circunstancialmente comprometida com a manutenção da desigualdade. Neste sentido, o mérito é um dispositivo de encaixe que atende perfeitamente os anseios da competitividade demandada pelo capitalismo: por ele e para ele dissipa-se toda e qualquer manifestação de insurreição e revidé porque as regras de seu funcionamento interno as estabiliza. O mérito não se resume a obtenção do conhecimento, a sua propagação e atualização. Ele expande-se a partir das possibilidades multifacetadas de aplicação deste conhecimento e do sentimento de ganho obtido a partir da percepção da idéia de *status* que circunda o universo habitado pelo próprio mérito. O mérito sujeita os corpos, dirige os gestos, rege comportamentos porque é um dos muitos usos que se faz do poder na relação entre os sujeitos.

Há um combate "pela verdade" ou, ao menos, "em torno da verdade" – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer "o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar", mas o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder"; entendendo-se também que não se trata de um combate "em favor" da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. (Foucault, 1982, pp.13)

O mérito, assim como a racionalidade imposta pelo dispositivo da mestiçagem é eficaz na interferência sobre a subjetividade dos sujeitos. Ser o pardo -

alienado - ou mestiço brasileiro - consiste também em ter-se a possibilidade de negar a opressão e a violência que advêm da figura do *Outro Universal* quando o ato de enxergar depende de lentes que estão imersas no mito da democracia racial.

[...]S1: Não... no meu caso eu sempre...tentei entender assim...ah...eu não...eu não...(SILÊNCIO REFLEXIVO)...é eu respeitava porque se eu não vivi...então...eu não sei...eu... se eu não posso dizer...eu... eu não sei...eu não senti na pele o processo... então fica meio complicado em sair... colocando...conclusões...mas eu acho que...até certa medida...cada um...um conseguia...entender...mais ou menos a diferença... de cada um...e a coisa...meio que ia...né...Eh...você pode...talvez...algumas pessoas pensariam que era bobagem...que já era loucura... (PAUSA) ...como já...houveram questionamentos e...e...textos que colocavam que no Brasil a questão racial era... uma extensão muito mal feita da questão racial existente nos Estados Unidos...então... assim...pelo fato do Brasil ser um país miscigenado... a colocação de que... existe um conflito entre negros e brancos no Brasil...ela não poderia ser abordada...nem trabalhada da mesma forma que existe nos Estados Unidos...então...era uma coisa bem... talvez no fundo... todo mundo ali...com raras exceções...tinha em algum momento a idéia que...o problema da questão racial talvez não era tão forte quanto... a coordenação colocava que existia... conforme os textos colocavam...[...] S1:...é...então...assim...quase amarelo...quase marrom...ou então...meio marrom...se fosse marrom talvez seria marrom...porque não tem preto...preto e branco...então se tivesse preto e branco pra ser o cara do meio...teria que ser o marrom...Não existe essa classificação marrom...existe pardo...então assim...aí a pessoa olha lá e... “é eu sou pardo, então” porque amarelo é o oriental...o que eu também não sei porque os chamaram de amarelo...acho que não tem nada haver...mas...Estranho, né...preto...branco...amarelo...pardo...Não é um nome específico de uma cor...né...é...marrom acho que seria muito feio de falar...então assim...a pessoa olha no espelho e diz: “olha eu sou pardo” ou então morena...classificação morena. Então...somente depois... que a questão racial passou a ser mais debatida que as pessoas começaram a optar por pardo...negro e já com...o viés meio maldoso...mais por causa de questão pública mesmo...depois...que o governo passou a aceitar como forma de classificação...para o ENEM...essas coisas...como preto...escola pública...e tal...então...já...a velha característica humana de levar uma vantagenzinha em alguma coisa...começou a aparecer... Mas eu sempre fiquei na observação dessa questão de considerar preto...branco...ou pardo...sempre esperei uma explicação mais...mais...muito convincente...Eu nunca fui de frente...nem debati essa questão de preto, pardo e branco porque...pra mim não é algo palpável...do ponto de vista...científico...da compreensão do processo... eu sempre aguardei...aguardei...aguardei...até que uma professora disse que...optar por ser preto ou pardo era uma opção política...é uma questão política e não biológica...é uma coisa assim...do gênero. Ai eu pensei assim: “Ah, então...o negócio então é maleável...então optar entre ser preto ou branco...não é uma questão

de última instância... de se reconhecer como preto ou pardo...porque se você opta em ser preto ou pardo...ou branco...é uma questão política...então... é uma questão de interesses... a base da política é o interesse... algum tipo de interesse em algum nível ...né...interesse coletivo ou interesse individual...ou interesse de determinado grupo... se você opta por ser branco...ou preto...ou pardo...significa que você pode mudar o seu... a sua opção na hora que você quiser... diante de determinadas condições. Se a condição é favorável eu sou preto...se a condição é desfavorável eu não sou preto mais...eu sou pardo...Então fica uma coisa muito maleável ao longo do tempo...né...Ai eu pensei: “Então esse trem tá muito obscuro porque...se você pode...” [...]

Dessa forma, tornar-se negro – no caso brasileiro – habita uma relação de estrita dependência com as lentes escolhidas para realizar-se uma leitura do mundo. Nesta perspectiva, a necessidade de tornar-se inserido ao meio apresenta-se na forma das mais diversas estratégias e soluções ao dilema da raça/cor. De outro ângulo, a condição do pardo também permite o olhar crítico sobre a violência e o silenciamento operados nas relações. Se a condição do pardo é a de quem transita, então sobre ele está a constante onde são operadas e talvez estabilizadas a ressignificação dos códigos que realizam a permuta na evidência dos sentidos: em analogia, uma senha de acesso a um sistema complexo só tem validade e utilidade para aquele cuja resolução do enigma é acessível a competência de quem a traduz. Duas observações são importantes neste momento: se na proposta das Ações Afirmativas a bipolaridade do confronto acende as discussões sobre raça e; sobre o discurso da elite intelectual conservadora fomenta-se a dissolução do conflito que se assenta no plano da mestiçagem; então, o dilema do percurso solitário e ambíguo do pardo eleva-se a possibilidade de transcender a marca da corporeidade na relação e identificar as instâncias elementares – primeiras - que operam sobre o imaginário dos sujeitos na questão racial ao colocá-las em original evidência.

[...] **S1:** [...]É... agora com relação a pergunta se eu me sinto sozinho...eu acho que eu não me sinto sozinho, não... eu sou sozinho...em raros momentos consigo é...de modo geral...na totalidade...raros são os momentos que consigo uma ponte efetiva...sobre o que eu sinto ou...ou sobre o que eu realmente observo...sobre as coisas...Mas de modo geral eu acho que sou sozinho...vou estar assim até os últimos dias...ai...não tem como não...é muito difícil...fazer esse tipo de comentário porque você não sabe onde é que você tá pisando dependendo do que é você não poder

falar direito...então fica cheio de...do... (SILÊNCIO REFLEXIVO)
[...]

[...] **Tatiana:** E...aí...aliás... não estava no edital falando “afrodescendentes”... estava negros, pretos e pardos...Eu lembro que pra mim...assim...bacana...pela origem popular... tinha engajamento... mas na hora que eu vi assim... negros...pretos e pardos... eu lembro que eu estava ainda no início da graduação...no segundo período... E aí...eu procurei uma professora... pra perguntar se podia... **S2:** Hum... **Tatiana:** ...eu não tinha muita coisa clara... se eu podia... fazer aquilo...se eu não estaria... cometendo... uma coisa assim...fazendo uma coisa errada de entrar num projeto que estava dizendo isso... Você teve dúvidas?**S2:** Não...**Tatiana:** Teve alguma dificuldade? **S2:** Não...não tive... não...porque eu me espelho muito na minha mãe... então assim...eu olho pra minha mãe...eu vejo uma pessoa negra...Eu sou negro...não tenho...não resta dúvida disso não...Então...eu não tinha essa dúvida...Então...eu disse: “oh, é pra mim isso aqui...” Então essa dúvida não passou tanto que eu nem citei como primordial assim...Mas teve...eu lembro que tinha essa ressalva mesmo... teve o recorte... teoricamente teve o recorte menor lá dos alunos da FUMP...hum...[...]

[...] **Tatiana:** ...excluídos nesse sentido...Ahm...como é que você vê isso...pra um projeto...na verdade...hoje um programa...que ascendeu a condição de programa... que você se propõe a tratar ações... a trabalhar com Ações Afirmativas...tentando alcançar um recorte da população... **S2:** Humhum... **Tatiana:** ...e aí...elencando uma categoria parda...uma categoria que você também trouxe pra gente aqui...uma categoria que também engloba o geral... **S2:** É...o total... **Tatiana:** ...e o que que é o geral...?(RISOS) **S2:** É...daqui a pouco todo mundo... É...a categoria brasileira de se aproveitar das boas oportunidades, né...É...uma cota é uma boa oportunidade. Daqui a pouco tem cento e noventa milhões querendo entrar via...cotas raciais... dada a auto-afirmação via... miscigenação...então...[...]

[...] **S1:** Pra mim não é problema. É a maneira como a pessoa enxerga...acho que não necessariamente você precisa ser um inimigo mortal...até porque fragmentar... as pessoas em grupos por causa da questão ideológica... é uma condição inicial... própria da existência humana...mas eu acho que...em determinados momentos é impossível...você se manter isolado...fixado... apenas num grupo porque... não é isoladamente que a gente resolve os problemas da sociedade de um modo geral... Eu sempre fui visto como uma pessoa de livre trânsito... digamos assim né...pode conseguir...consegue... conversar tranquilamente com qualquer... setor. Mas aí é claro que esbarra em problema de vaidade... e aí é uma questão bem mais profunda... mas...a...a... voltando só à questão da diferença de (PAUSA) de visões de mundo... elas sempre vão existir...embora... de modo geral a conjuntura... social sempre tenda a homogeneizar... as formas de visão de mundo... e tem conseguido com muito sucesso nos últimos tempos...homogeneizar as formas de pensamento... infelizmente das piores formas possíveis... ou melhor... da pior forma de pensamento possível... Mas...pra mim é tranquilo...faz parte do processo de construção do ser humano...nesse sentido...né...se

existisse apenas uma forma de visão de mundo como é que... uma pessoa poderia evoluir? Ela não evolui porque se existisse apenas uma forma de visão de mundo... assim...em algum momento atingiria o máximo daquela forma de compreensão e... aí entraria em estágio de estagnação... Então não faz sentido...assim...a pessoa ela...o cérebro entraria em degeneração...talvez...sei lá...porque é impossível o cérebro... e aí eu posso estar falando bobagem porque eu não conhece biologia... fisiologia com profundidade...biologia...nem nada...mas eu...é...a essência do cérebro é... claro...coordenar... uma série de funções...mas aí ele está estruturado pra... (PAUSA REFLEXIVA) todo o raciocínio humano é baseado em relação a algo, né... então você tem algo... e é... com esse algo que você compara essa coisa... com várias outras coisas diferentes...e a partir daí você constrói uma outra... um outro grau de compreensão a partir daquilo... daquele ponto de referência que você tem... então todo o raciocínio humano é relacional...[...]

A Figura 11 a seguir ilustra os níveis (camadas) em que a negritude e a branquidade operam sobre as identidades dos sujeitos a medida que estes vão apresentando suas argumentações sobre os significados dados as relações cotidianas.

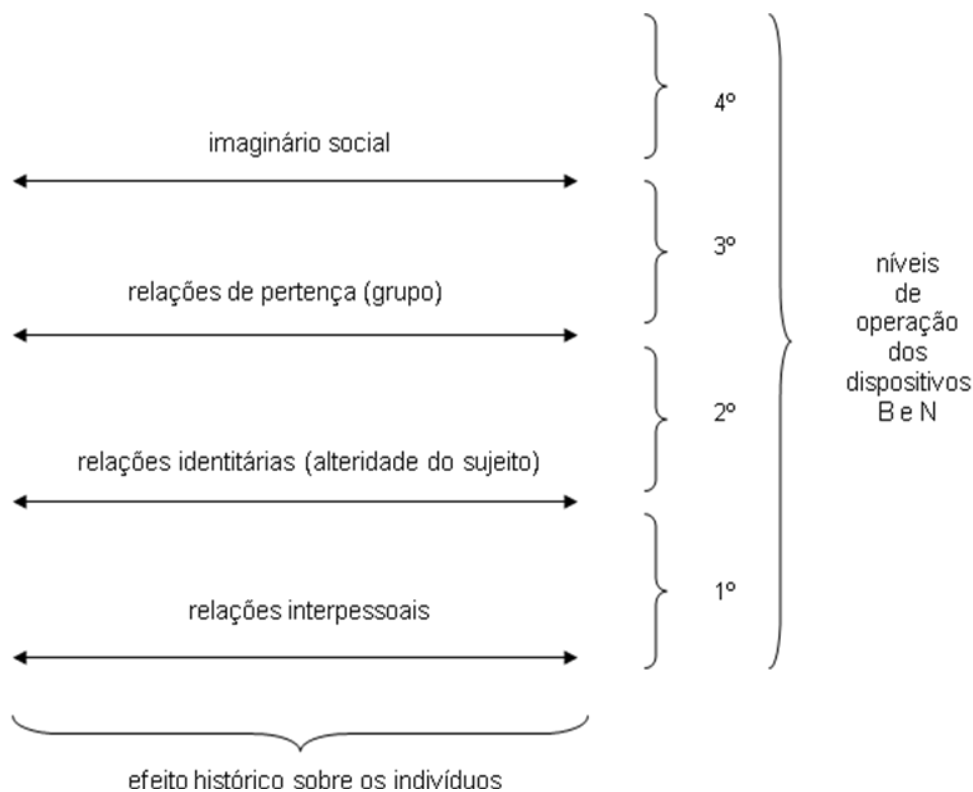


Figura 11 - Planos de operação dos dispositivos Branquidade (B) e Negritude (N) sobre os sujeitos no câmbio das relações raciais

Fonte: Elaboração da autor..

Até aqui a pesquisa possibilitou compreender a branquidade como um “pacote” de valores oriundos do acúmulo da dominação inaugurada pela Europa através do colonialismo vigente do século XVI. A negritude apresenta-se como a reação aos valores impostos pela branquidade em sua essencialização na caracterização dos sujeitos a partir do contraponto situado no embate do imperativo da matriz africana a partir do legado escravocrata. Neste contexto, o confronto dos dilemas da vivência coletiva permite à corporeidade do pardo oscilar entre a camuflagem e a barganha na concessão e na alternância dos dispositivos da branquidade e da negritude em uso na relação. Isso interfere diretamente na obtenção de porções do poder na cena pública diante da questão racial. No caso brasileiro, os contornos, os limites dessa identidade fundida no construto raça/cor são bastante tênues, contraditórios, portanto suavizados – e por isso, constantemente carecem de emendas - que sob esta dimensão a negritude e a branquidade podem ser acionadas tanto pelo sujeito pardo quanto por pretos e brancos na dinâmica das relações cotidianas.

Desconfiar da identidade não significa, portanto, desprezar sua importância. Mas tomá-la pela dupla condição, de parecer necessária mas ser contingente, fruto de relações de força, e de carregar seu revés inseparável, a alteridade. (Lima, 2003, pp.207)

Sovik (2004, pp.383-384) ao discorrer sobre os usos da branquidade a localiza como parte de um discurso identitário pouco explícito e poderoso. Neste sentido, a autora aponta que no contexto brasileiro onde a negritude sempre foi o foco; as relações, as conjunturas, os valores inculcados pela branquidade implicam numa releitura do conhecimento e dos posicionamentos sobre as relações raciais. Consequentemente evidenciam-se as formas menos explícitas do racismo brasileiro nas estratégias adotadas para suavizar os contornos das categorias raciais. Como fora dito anteriormente, a mestiçagem não soluciona os problemas da ordem das desigualdades raciais e tampouco sociais, apenas interroga em nível biológico a irracional incoerência do estabelecimento de nossas mazelas sociais. Michel Foucault em ensaio sobre a governamentalidade sobre os povos disserta brevemente sobre o movimento que faz insurgir a idéia de população como um campo de intervenção em relação ao movimento

que isola a economia como um setor específico da realidade e da economia política onde a ciência e a técnica articulam-se para garantir a soberania nacional (Foucault, 1982, pp.277-293). Em outras palavras, novamente o paradoxo que – teimosamente - insiste em anular os esforços por ações ditas consistentes em defesa de parâmetros que mensurem as condições propícias ou o exercício da dignidade do indivíduo é realocado e resgatado na forma de argumentos legítimos que pulverizam-se no discurso.

Em analogia, quando um grupo de pessoas está preso no labirinto em companhia do *Minotauro*⁹⁵ quais noções, quais valores são perdidos em detrimento de encontrar-se o conforto e o alívio da saída individual ou coletiva? Que privilégios os sujeitos estariam dispostos a abandonar para que a sociedade se torne uma possibilidade real de melhor convivência?

Se o sujeito duvida da regra na qual está inserido ele se desarma como sujeito falante, mas renasce como sujeito político. E neste sentido, há uma construção histórica da necessidade na medida em que surge o efeito de ocultamento que produz a certeza: “Sou pardo, portanto, sou negro” em detrimento de “Sou pardo, portanto, sou mestiço”[...], ou ocultamento que produz a evidência; ou o efeito de reconhecimento do conhecimento como pensa Pêcheux e Althusser.

⁹⁵ Minotauro ou *Asterion*, é o personagem mítico que tomado em analogia como forma de desambiguação ao impasse interroga: estar em companhia do monstro em seu labirinto é significar o arbítrio sobre a escolha do trajeto, a forma e a responsabilidade da chegada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A materialidade das práticas sociais tem consistência no manejo dos significantes e na reprodução da vida: na reprodução material da vida, dos interesses, da produção das diferenças, da reprodução e transformação da ordem social ao conservar as diferenças estruturais dentro das mesmas práticas ou ao transformá-las. Um processo transformador é um processo material. Se por um lado, na questão racial, os anti-racistas estão comprometidos com a superação das desigualdades e das diferenças construídas a partir da idéia de raça; os racistas produzem indiscriminadamente o efeito contrário. Desse modo, o racismo e o anti-racismo na atualidade, invariavelmente, têm sido compreendidos e associados à noção de branquidade e de negritude, respectivamente. O percurso histórico realizado até aqui tem impossibilitado que outras significações apareçam. É importante notar também que esta perspectiva dicotomizada de definição do outro inviabiliza na cena pública para o sujeito pardo a possibilidade da construção de uma “terceira identidade” que atenda a especificidade da sua vivência. Primeiro, porque a via da democracia racial é desbancada historicamente pelos conflitos que não podem ser silenciados pelo mito; segundo, a complexidade das linhas de cor diversifica as estratégias de identificação à violência do racismo criando reações em cadeia que produzem questões frutificatórias de possibilidades de novos conflitos. Terceiro, o momento histórico ainda indica que o confronto de distintos interesses sociais - demarcados pelas relações de poder - ao lidar com as diferenças possui - como visto nos capítulos anteriores - raízes profundas em nossa cultura e para tanto sempre reinscreve o movimento circular da dicotomia do conflito bipolar. Quarto, o encaminhamento de ações que efetivamente extirpem do imaginário social a noção de *status* vinculada à noção de hierarquização das relações raciais é de caráter subalternizante e estigmatizador ao indivíduo e por isso está sempre somado a violência do preconceito racial. Mas a reflexão sobre o processo que constituiu todas estas identidades revela-se ainda insuficiente ao caminho de combate ao racismo que a sociedade precisa trilhar. A construção de uma terceira, quarta, quinta via, ou identidade, que decomponha o denso processo de sedimentações e de estigmas raciais e sociais desenvolvidos ao longo de nossa história ao constituir-se como reivindicação de certos segmentos da sociedade - caso do movimento pardo-mestiço brasileiro - demonstra, em alguma medida, a

insuficiência do modelo de investimento nas identidades. Mas impele-nos a pensar em termos de pluralidade e na sua importância quando as diferenças são postas em questão. Uma terceira identidade seria um argumento frágil, reproduzidor de lógicas similares as já conhecidas e, por fim desnecessária ao momento político. Mas a movimentação exige que se volte o olhar para a questão da diferença no pardo, pois é esta diferença que evidencia a fragilidade e a indefinição dos contornos que limitam o que chamamos de identidade. O ciclo reinscreve-se pela ação material do diferente. Por quê?

Pardo não é *preto* e tampouco *branco*. Pardo torna-se *negro* pela opção política de confronto ao racismo. O pardo pode tornar-se negro por sofrer violências e discriminações que o engajam na luta ou por solidarizar-se com quem vivencia o racismo em diferentes graus - em geral na forma mais violenta. Mas este tornar-se negro não vem descolado das dúvidas e contradições formativas do seu processo identitário. Contradições em que pretos e brancos também estão sujeitos no contexto social brasileiro. “O eu dividido e contraditório é o que pode interrogar os posicionamentos e ser responsabilizado, o que pode construir e juntar-se às conversas racionais e às imaginações fantásticas que mudam a história”, afirma Haraway (1995, pp.20) em *Saberes localizados*. Pardo torna-se racista ao negar-se ou silenciar-se diante do confronto ao racismo. Pardo torna-se mestiço alienado ao não identificar-se como *negro*. Mas estas condições de ser e conceber-se como pardo no mundo precisam ser atestadas pelo olhar do outro. Neste sentido, são os espelhos referenciais da bipolaridade dos embates (*Negro versus Branco*) que mantêm os sujeitos presos às imagens distorcidas, ou a movimentação e ao trânsito circunscrito a este espaço. Assim como um negro ou a um branco, um pardo não se faz pardo em um movimento solitário. É o percurso que realiza a baliza; as prescrições do percurso, a subversão à regra, a ruptura com o predisposto. Nesse sentido, o movimento do enxergar da imagem no espelho se efetiva a partir da confirmação do olhar do outro/Outro, da vivência do outro/Outro, do lugar do outro/Outro. O meu lugar é sempre um lugar em relação ao lugar do outro/Outro. O lugar do pardo é um lugar de aproximação, do trânsito aproximado em relação ao outro/Outro. Nunca é o lugar do porto seguro em que se aporta definitivamente. Um pardo compreende que jamais será um *branco*. Um pardo compreende que jamais será um *preto*. O pardo jamais poderá vivenciar na pele, na própria cor, na própria corporeidade alguma das vivências de um *preto* ou de um *branco*. Mas então como ver? De onde ver? Quais os limites da visão? Ver para quê?

Ver com quem? Quem deve ter mais do que um ponto de vista? Nos olhos de quem se joga areia? Quem usa viseiras? Quem interpreta o campo visual? Qual outro poder sensorial desejamos cultivar, além da visão? (Haraway, 1995, pp.28). As fronteiras da identidade insistem em manter seus contornos pouco visíveis diante dos silenciamentos.

[...] Silenciamentos não se constroem subitamente. Tornar socialmente menos visível qualquer parcela da população leva anos de sedimentação de preconceitos, que se transformam em práticas, até que não precisem ser mais explicitados – em determinado momento, as práticas de subalternidade se tornam tão eficazes que funcionam por si mesmas. Se é necessário investimento para que se formem, a naturalização de hierarquias exige também grande esforço para que seja trazida à discussão. Tal esforço se dá não apenas no que tange à escolha e aplicação de metodologias que desvelem tais hierarquias, tragam-nas à luz do dia. Inclui, ainda, a necessidade de que esse esforço metodológico resulte em discussões que possam ser reconhecidas a partir de diferentes *locus*. [...] (Mayorga; Ziller; Magalhães; Silva, 2010, pp.162)

Assentar-se em fronteiras é uma prática de risco. Mas, fronteiras oscilam desde dentro, nos interstícios dos seus próprios limites porque fronteiras são necessárias e simultaneamente bastante enganosas. Por quê? 1º) São necessárias a operacionalização da vida coletiva cotidiana objetiva, do contrário o cotidiano seria uma impossibilidade; 2º) São enganosas porque constroem contornos que remetem a uma fixidez e a uma não-plasticidade não condizentes com a estrutura sujeito que está em constante movimento e reconfiguração. De outro modo, o que as fronteiras contêm provisoriamente permanece gerativo, produtor de significados e de corpos. Neste sentido, para avançarem as discussões e ações no combate das desigualdades raciais e do racismo nossos pontos de vista precisam alcançar outros níveis que não se estancem à circularidade do movimento da identidade.

Mas, efetivamente, quando no mundo social poderemos dispensar o conceito de raça?

- 1) Quando não mais existirem grupos sociais que se identificam com marcadores direta e indiretamente ligados à idéia de raça.

- 2) Quando as desigualdades, as discriminações e as hierarquias sociais, efetivamente, não corresponderem a estes marcadores.
- 3) Quando estas identidades e discriminações forem prescindíveis em termos tecnológicos, sociais e políticos para a afirmação social dos grupos oprimidos.

Entretanto, no caso brasileiro ocorre justamente o contrário. Enquanto as “raças” representarem o seu caráter de construção social não será necessária a idéia de raça biológica para desenvolver-se políticas de inclusão e afirmação. Mas não podemos esquecer que raça não se constitui apenas em uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil. Raça é também uma categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e as desigualdades que a noção brasileira de cor – historicamente construída – enseja, são efetivamente raciais e não apenas de classe. (Guimarães, 1999). Guimarães (2011, pp.17-36) ilustra de maneira interessante a territorialização limítrofe dos interesses e do proceder dos contatos em relação à noção de identidade racial na percepção dos sujeitos históricos ao relacionar liberdade, igualdade e fraternidade. A cisão dos direitos universais do ser humano relegada ao rol das identidades demarca que a liberdade é negra, a igualdade é branca e a fraternidade é mestiça porque, em analogia, ao retomar-se os objetivos gerais deste trabalho investigativo que analisa o(s) processo(s) que possibilita(m) a construção identitária de sujeitos universitários a partir de sua pertença étnico-racial na inter-relação possibilitada pelo tripé memória, discurso e relações de poder percebe-se que os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade como possibilidade de efetivação de uma sociedade, de um povo, configura-se culturalmente ainda e em grande medida em uma tarefa árdua, difícil, em grande medida desconectada e de contornos complexos; mas não desnecessária e tampouco produtiva.

É importante perceber e localizar os marcadores hierárquicos que estabelecem sobre o corpo (individual e social) inscrições e ligações de subalternidades que se encontram sacralizadas e valoradas em repositórios de poder distintos apresentados também na forma de uma ideologia meritocrática, de *status* de classe e de privilégios. Estas noções surgem intermediadas por uma leitura parcial ou distorcida da realidade. Na fala dos sujeitos da pesquisa a identidade nunca vem desatrelada das noções de mérito, privilégio e classe. De fato, o recorrente acesso e menção a esses

elementos - sinalizados na fala pelos sujeitos - não impedem que haja, de outro modo, uma precoce e perene consciência sobre a tensão, o conflito, o “sofrimento” *da e na* raça. Um dos sujeitos chega a elencar o nível de sofrimento quando afirma: “... há aqueles que sofrem mais...”. Mérito, privilégio e *status* de classe interpelam os valores da negritude e da branquidade emergentes no discurso dos sujeitos e os relacionam ao passado e ao presente.

A experiência também é lugar de poder e encenação histórica manifesta no discurso. Ela é tão coletiva quando individual ao reflexionar sobre os lugares de poder e sobre as estratégias emancipatórias dos sujeitos. O discurso da experiência articulado à reflexão teórico-prática dos sujeitos possibilitou um olhar que dialogasse com a reformulação tensionada do olhar pesquisador (de dentro para fora e vice-versa) considerando-se a responsabilidade, a objetividade, a analiticidade e a autoreflexividade dos sujeitos envolvidos para o campo das relações raciais. O campo de estudos das relações raciais é interdisciplinar. Neste sentido, as ferramentas teóricas se complexificam em torno do desafio analítico. Se a linguística, através da Análise do Discurso apresenta-se como um ferramental teórico e metodológico rico em possibilidades; de outro modo esta perspectiva ainda é pouco explorada no entrecruzamento dos saberes de áreas distintas do conhecimento. Esta complementaridade parece instigadora, mas é preciso cautela porque apenas o trato diário dirá de sua efetiva contribuição ao campo dos estudos raciais. Ainda que haja pontos antagônicos entre as perspectivas de Foucault e Pêcheux, o diálogo entre os dois é sustentado pela complementaridade das bases da linguagem em seus usos através do discurso. Somente o corte sincrônico situado no limiar das leituras distintas do uso histórico e do uso social da língua é a via possível de sistematicidade lógica para o projeto da Teoria e da Análise do Discurso, concebido e rearranjado pelo encontro entre Foucault e Pêcheux. As diferenças de base entre estes autores estão situadas na maneira de enxergarem as propostas althusserianas. A ausência em Foucault das categorias clássicas do marxismo como ideologia e luta de classes leva Pêcheux a classificá-lo como um “marxista paralelo” (Lecourt, 1970 *apud* Gregolim, 2006, pp.120) e a apontar diferenças na maneira de pensar as relações entre o discurso, a História e os sujeitos. Enquanto a sistematicidade de análise do discurso só é possível em Pêcheux devido principalmente a base linguística; a leitura foucaultiana sobre a história das práticas possibilita uma construção ampla da interpretação histórica da ação cotidiana dos

sujeitos. É neste sentido que as noções representacionista e construcionista de ambos se movimentam neste trabalho investigativo possibilitando relacionar ou interpelar a classe, a raça, a ideologia, o mito, as rupturas, o racismo, as identidades, entre outros.

De outro modo, os sujeitos trouxeram também questões que ultrapassaram as fronteiras do problema racial. O gênero, o *ser* homem, o *ser* mulher na sociedade e na especificidade da sociedade brasileira, a política, a cultura, os espaços de discussões, o romper e o adequar-se aos padrões e as formas de mediação dos conflitos denotam uma ânsia e urgência sobre a necessidade de diálogo diante dos conflitos cotidianos da vida coletiva. Um fato constatado: esta sociedade está imersa em uma guerra civil silenciada. As falas destes sujeitos de pesquisa sinalizam – em alguma medida – que as barreiras de contenção a estes conflitos não tem suportado a pressão cotidiana. Que sociedade queremos deixar como legado para as próximas gerações? Estes apontamentos não foram desconsiderados, mas também não puderam ser aprofundados neste trabalho investigativo. Isso sinaliza, de alguma forma, outros caminhos possíveis para a pesquisa no campo das identidades.

Ainda existem muitas perguntas para o campo. Outras perguntas se abrem em novas questões e dilemas. O momento atual informa que dentro dos avanços alcançados nos diversos setores da sociedade há uma constatação de que a questão racial ainda precisa ser discutida e amadurecida com urgência na ampliação responsável dos acessos aos diversos espaços sociais e no combate às desigualdades. Reunir esforços para o avanço das discussões é um investimento que possibilita novas perspectivas teóricas e metodológicas ao fomento de outras tecnologias sociais. A ação de outros olhares sobre o campo será no mínimo uma possibilidade de retomada do fôlego ou de um arejar das idéias.

REFERÊNCIAS⁹⁶

- Abbagnano, N. (2003). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Araújo, I. L. (2004). *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Arruda, J. E. et al. (2006). Mérito: quem tem? In Silva, J. S.; Barbosa, J. L.; Sousa, A. I. (Orgs). *Práticas pedagógicas e a lógica meritória na universidade*. Rio de Janeiro: UFRJ/Pró-Reitoria de Extensão,70-82.
- Arruda, M. A. N.(1996). Dilemas do Brasil moderno: a questão racial na obra de Florestan Fernandes. In Maio, M. C. (Org). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ; CCBB, 195-203.
- Bastide, R.; Fernandes, F. (1971). *Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Bento, M. A. S. (2005). Branquitude e poder: a questão das cotas para negros. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional do Adolescente. São Paulo. Proceedings online... Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100005&lng=en&nrm=abn>. Acessado em: 1/11/2011. Paper.
- Bergson, H. (1990). *Matéria e memória: sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Bethel, L. (2002). *Brasil: fardo do passado, promessa do futuro: dez ensaios sobre política e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2002). Jogando com a verdade: uma leitura de Foucault. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 12 (2), 301-324. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v12n2/a07v12n2.pdf>>. Acessado em: 10/12/2011.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

⁹⁶ Norma utilizada:APA.

- Braga, M. M.; Peixoto, M. C. L. (2006). Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG. Belo Horizonte: Ed.UFMG.
- Bratter, J.; Zuberi, T. (2001). The demography of difference: shifting trends of racial diversity and interracial marriage 1960-1990. Houston, Philadelphia, Race & Society, 4, 133-148. Available in: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1090952403000056>>. Access: october 10, 2011.
- Büerger, G. A. (1954). As aventuras do barão de Münchhausen. São Paulo: Ed. do Brasil.
- Cardoso Junior, V. (2010). O sujeito voltou. Boletim UFMG, Belo Horizonte, 31 de maio de 2010. Seção Entrevista, pp.6.
- Carone, I. (2002). Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In Carone, I. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 13-23.
- Carone, I.; Bento, M. A. S. (2002). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Carvalho, J. J. (2003). Ações afirmativas para negros na pós-graduação, nas bolsas de pesquisa e nos concursos para professores universitários como resposta ao racismo acadêmico. In Silva, P. B. G.; Silvério, V. R. (Orgs). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 163-190.
- Carvalho, J. J. (2001). As propostas de cotas para negros e o racismo acadêmico no Brasil. Sociedade e cultura, Goiás, 4(2), 13-30. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=70311216001>>. Acessado em: 31/12/2011.
- Carvalho, J. J. (2007). O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos, UniCEUB, FACJ, Brasília, 2 (1), 31-50, ISSN 1980-8887. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/pade/article/viewFile/144/133>>. Acessado em: 1/11/2010.
- Carvalho, J. J. (2005). Usos e abusos da antropologia em um contexto de tensão racial: o caso das cotas para negros na UNB. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 11(23), 237-246. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100018>. Acessado em: 30/12/2011.

Castells, M. (2007). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol.1).

Castro, E. (2003). *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica.

Comte-Sponville, A. (2003). *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes.

Cotas para negros.(2006). [Direção] Organizações Globo de Telecomunicações. Rio de Janeiro: Jornal Nacional. vídeo (3'47''), son, color., (You tube). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Am6xIhY9frA&feature=related>>. Acessado em: 28 out. 2010.

Cotas Raciais. (2010). [Direção] Fórum. Brasília: TV Justiça, [s/d]. vídeo (21' 31''), son., color., (You tube). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mbkqu_JUEtE>. Acessado em: 28 out. 2010.

Crespo, E. & Soldevilla, C. (2001). *La constitución social de la subjetividad*. Madrid: Catarata.

Cunha, A. G. et al. (1982). *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Charaudeau, P. (2008). O ato de linguagem como encenação. In: Charaudeau, P.; Paullukonis, A. L.; Machado, I. L. *Linguagem e discurso: modos de organização*. [local desconhecido]: Contexto.

Charaudeau, P. (2007). Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: Boyer, H. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mise en scène*. Paris: Harmattan, 49-63.

Charaudeau, P. (2005). Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: Pauliukonis, M.A.L.; Gavazzi, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 11-27. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>>. Acessado em: 20/10/2010.

- Charaudeau, P.; Maingueneau, D. (2008). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- Chico Buarque fala sobre racismo. (2008). Direção: [s/n]. [s/n]: Edição, 2008. vídeo(8'13"), son, color., (You tube). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sD2sjAw9mlM&feature=related>>. Acessado em: 28 out. 2010.
- Childs, E. C. (2002). Families on the color-line: patrolling borders and crossing boundaries. *Eastern, Race & Society*, 5, 139-161. Available in: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1090952404000063>>. Access: october 10, 2011.
- Dávila, J. (2005). *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945*. São Paulo: UNESP.
- Delgado, L. A. N. (2006). *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Diaz-Bone, R. et al. (2007). *El campo del análisis del discurso Foucaultiano: características, desarrollos y perspectivas*. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 8(2). Disponible en: <<http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-07/07-2-30-s.htm>>. Acceso: 11 nov. 2010.
- Dobb, M. (1983). *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Domingues, I.; Pinto, P. R. M.; Duarte, R. (2002). *Ética, política e cultura*. Belo Horizonte: Ed.UFMG.
- Dreifus, H. L.; Rabinow, P. (1995). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Elias, N. (1994). Parte 1: a sociedade dos indivíduos. In: Elias, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 13-60.
- Emediato, V. (Locutor). (2011). *Dos fundamentos aos problemas contemporâneos da Análise do Discurso*. [Digital em áudio]. Belo Horizonte: ECI/UFMG. Palestra realizada no Núcleo de Estudos em Mediações e Usos Sociais dos Saberes e Informações em Ambiente Digital em 30/09/2011.

- Eastwood, C. (Direção). (2009). *Invictus*. [Filme-vídeo]. [cidade desconhecida]: Warner Bros Pictures.
- Feres Júnior, J.; Daflon, V. T.; Campos, L. A. (2010). *Cotas no STF: os argumentos como eles são*. Insight Inteligência, Rio de Janeiro, 124-136.
- Fonseca, M. V.(2007). O Programa Ações Afirmativas na UFMG e os conflitos em torno de uma proposta de permanência de estudantes negros (as). In: Lopes, M. A.; Braga, M. L. S. (Org). *Acesso e permanência da população negra no ensino superior*. Brasília: MEC/SECAD, 161-186.
- Foucault, M. (2004). *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2010). *A ordem do discurso: aula inaugural do college de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M.(2007). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M.(1991). *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva.
- Foucault, M.[1984]. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M.(1982). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M.(1987). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M.(2008). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Fraser, N. (1997). Multiculturalismo, antiesencialismo y democracia radical: una genealogia del impasse actual en la teoría feminista. In: Fraser, N. *Iustitia interrupta: reflexiones críticas desde la posición “postsocialista”*. Buenos Aires: Siglo del Hombre.
- Fraser, N. (1997). ¿De la redistribución al reconocimiento?: dilemas en torno a la justicia en una época “postsocialista”. In: Fraser, N. *Iustitia interrupta: reflexiones críticas desde la posición “postsocialista”*. Buenos Aires: Siglo Del Hombre.

- Fraser, N.; Honneth, A. (2003). *Redistribution or recognition: a political-philosophical Exchange*. London; New York, USA: Verso.
- Freyre, G.(1950). *Casa grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Freyre, G.(1968). Em torno de uma sistemática da miscigenação no Brasil patriarcal e semipatriarcal. In: Freyre, G. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Fry, Peter et al.(2007). *Divisões perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fry, P.(2005). *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fry, P.(2005). *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Resenha de: Schwarcz, L. M.(2006). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 12(25), 287-292.
- Fry, P.(2005). *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fuller, T. D.; Edwards, J. N.; Vorakitphokatorn, S.; Sermsri, S. (1993). Using focus groups to adapt survey instruments to new populations, In: Morgan, D. L. *Successful focus groups: advancing the state of the art*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Gadet, F.; Hak, T. (1997). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Ed. Unicamp.
- Gatti, B. A.(2005). *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro.
- Geiger, T.(1968). *Ideologia y verdad*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Giroux, H. A.(1999). Por uma pedagogia e política da branquidade. *Cadernos de Pesquisa* [online], Pennsylvania State University, 107, 97-132. ISSN 0100-1574. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a04.pdf>>. Acessado em: 7/7/. 2011. Paper.

- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Gomes, N. L. (2011). Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2, 37-60. Disponível em: <<http://www.ifrj.edu.br/sites/default/files/webfm/AsCom/contempor%C3%A2nea2%5B1%5D.pdf>>. Acessado em: 15/11/2011.
- Gomes, N. L.; Laborne, A. A. P. (2010). Professores universitários, classificação e identidade racial: limites e possibilidades. In *33 Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação, GT21 – Educação e relações étnico raciais, 17-20 de outubro, Caxambu [MG]. Anais eletrônicos...* Caxambu: ANPED. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontros/internos/ver/trabalhos.gt21>>. Acessado em: 20 nov. 2010.
- Gomes, N. L.; Martins, A. A. (2004). *Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gramsci, A. (1991). *Os intelectuais e organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gregolin, M. R. V. (2004). *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz.
- Gruzinski, S. (2007). *El pensamiento mestizo: cultura ameríndia y civilización del Renacimiento*. Buenos Aires; Barcelona: Paidós.
- Guimarães, A. S. A. (2006). Depois da democracia racial. *Tempo social: Revista de sociologia da USP*, São Paulo, 18(2), 269-287.
- Guimarães, A. S. A. (2011). A República de 1889: utopia de branco, medo de preto (a liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça). *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2, 17-36. Disponível em: <<http://www.ifrj.edu.br/sites/default/files/webfm/AsCom/contempor%C3%A2nea2%5B1%5D.pdf>>. Acessado em: 15/11/2011.
- Guimarães, A. S. A. (2002). *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apóio à Universidade de São Paulo; Ed. 34.

- Guimarães, A. S. A.(2008). Cor e raça: raça, cor e outros conceitos analíticos. In: Pinho, O.; Sansone, L. (Orgs). Raça: novas perspectivas antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia; Ed.UFBA, 63-82.
- Guimarães, A. S. A.(1999). Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo; Ed. 34.
- Guimarães, A. S.(2002). Classes, raças e democracia. São Paulo: Ed.34, 2002. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=k7cEzL4awMAC&pg=PA48&lpg=PA48&dq=classes,+ra%C3%A7a+e+democracia&source=bl&ots=51Zx_YGCFC&sig=xyxk_qlmHnPP11BxaX7j9_2lz_k&hl=pt-BR&ei=iTzFTvOqMoPu2gX7-8izDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CDsQ6AEwBA#v=onepage&q=classes%20ra%C3%A7a%20e%20democracia&f=false>. Acessado em: 9/10/2011.
- Hage, G.(2004). A “Ásia” e a crise da branquidade no mundo ocidental. In: Ware, V. (Org.) Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 139-160.
- Haguette, T. M. F.(1997). Metodologias qualitativas na sociologia. 5.ed. Petrópolis: Vozes.
- Halbwachs, M.(1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- Hammack, P. L.; Pilecki, A. (2012). Narrative as a root metaphor for political psychology. Santa Cruz, Political Psychology, 20(20). Available in: <http://ucsc.academia.edu/AndrewPilecki/Papers/1054663/Narrative_as_a_root_metaphor_for_political_psychology>. Access: December 21. (In press)
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, 5, 7-41.
- Hasenbalg, C.(2005). Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.
- Hasenbalg, C.(1996). Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: Maio, M. C. (Org). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ; CCBB, 235-249.

- Hasenbalg, C. & Silva, N.V.(1992). *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Rio Fundo.
- Heilborn, M. L.; Araújo, L.; Barreto, A. (2010a). *Gestão de políticas públicas em gênero e raça: GPP-GeR: políticas públicas e promoção da igualdade*. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- Heilborn, M. L.; Araújo, L.; Barreto, A. (2010b). *Gestão de políticas públicas em gênero e raça: GPP-GeR: políticas públicas, sexo e gênero*. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- Heilborn, M. L.; Araújo, L.; Barreto, A. (2010c). *Gestão de políticas públicas em gênero e raça: GPP-GeR: políticas públicas, raça e etnia*. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- Heilborn, M. L.; Araújo, L.; Barreto, A. (2010d). *Gestão de políticas públicas em gênero e raça: GPP-GeR: Estado e sociedade*. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- Heilborn, M. L.; Araújo, L.; Barreto, A. (2010e). *Gestão de políticas públicas em gênero e raça: GPP-GeR: a transversalidade de gênero e raça na gestão pública*. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- Henriques, R.(2001). *Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições devida na década de 90*. Rio de Janeiro: IPEA. (Texto para discussão n.807)
- Hunter, M. (2002). *Rethinking epistemology, methodology, and racism: or, is White sociology really dead?*. Los Angeles, *Race & Society*, 5, 119-138, 2002. Available in: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1090952404000075>>. Access: october 10, 2011.
- Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial. [INSPIR]. (1999). *Mapa da população negra no mercado de trabalho*. São Paulo: INSPIR/DIEESE.
- Iñiguez, L. (2001). *Identidad: de lo personal a lo social – un recorrido conceptual*. In: Crespo, E.; Soldevilla, C.(Org.) *La constitución social de la subjetividad*. Madrid: Catarata, 209-226.

- Jaccoud, L. & Beghin, N. (2002). Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental. Brasília: IPEA.
- Jacobson, M. F. (2004). Pessoas brancas livres na república, 1790-1840. In: Ware, V. (Org.) Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 63-64.
- Kamel, A. (2006). Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Kamel, A. (2006). Sumiram com os pardos. In: Kamel, A. Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 49-71.
- Karczmarczyk, P. (Locutor). (2011). Do discurso aos jogos de linguagem: Pêcheux e Wittgenstein. [Digital em áudio]. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG. Palestra realizada no Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo em 21/06/2011.
- Krueger, R. A. (c1993). Quality control in focus group research. In: Morgan, D. L. Successful focus groups: advancing the state of the art. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Laborne, A. A. P. (2008). “Por essa porta estar fechada outras tiveram que se abrir”: identidade racial e trajetórias de docentes na Universidade Federal de Minas Gerais. 151f. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Le Ven, M. M. (2008). Afeto e política: metodologia qualitativa: história oral de vida e sociologia clínica. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; Linha Ed. Tela e Texto.
- Leite, D. M.(1983). O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. São Paulo: Pioneira.
- Leite, D. M.(1976). O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. São Paulo: Pioneira.
- Lessa, C. H.(2009). Marcação e destituição de identidade político-discursiva em ensaios de intelectuais de esquerda: valores, imaginários e a projeção de auto e hetero-

- imagens. 254f. Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Lima, I. S.(2003). Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- Lopes, M. A. & Braga, M. L.S. (2007). Acesso e permanência da população negra no ensino superior. Brasília: MEC/SECAD.
- Loureiro, M. A. S. (19--). As Universidades. In: Loureiro, M. A. S. História das universidades. São Paulo: Estrela Alfa Editora, 26-35.
- Loureiro, M. A. S.(19--). Ensino Superior no Brasil. In: Loureiro, M. A. S. História das universidades. São Paulo: Estrela Alfa Editora, 417-444.
- Lloyd, C. (1995). *As estruturas da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Machado, I. L. (2006). Algumas reflexões sobre a teoria semiolinguística. In: Letras & Letras, Uberlândia, 2(22), 179-200.
- Maggie, Y.(1996). “Aqueles a quem foi negada a cor do dia”: as categorias cor e raça na cultura brasileira. In: Maio, M. C. (Org). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ; CCBB, 225-234.
- Maio, M. C. (1996). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ; CCBB.
- Maio, M. C.(1996). A questão racial no pensamento de Guerreiro Ramos. In: Maio, M. C. (Org). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ; CCBB, 179-193.
- Martins Júnior, J. A. (2009, 24 a 26 de agosto). Uniões endogâmicas: relacionamentos afetivos e sexuais entre negros. In Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Trabalho apresentado no II Simpósio de Pesquisa de Pós-graduandos em Sociologia, Prédio de Ciências Sociais. Mesa 8: Olhares sobre a questão racial (sala 107). Comunicação de pesquisa.
- Martins, R. B.(2004). Desigualdades raciais e políticas de inclusão racial: um sumário da experiência brasileira recente. Santiago del Chile: Nações Unidas/CEPAL/Divisão de Desenvolvimento Social. (Políticas Sociales, 82). Disponível em:

<http://www.eclac.org/publicaciones/xml/8/14728/Serie82_P.pdf>. Acessado em: 5/11/2011.

Mayorga, C., Cardoso, T.L., Costa, F.C.S.(2008). História da universidade no Brasil: a Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Programa Conexões de Saberes FAFICH-UFMG. [Relatório não publicado].

Mayorga, C.(2010). Universidade cindida, universidade em conexão: ensaios sobre a democratização da universidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Mayorga, C. (2007). Otras identidades: mujeres, inmigracion y prostitucion. 376f. Tesis (Doctoral) Universidad Complutense de Madrid. Madrid.

Mayorga, C.; Costa, F. C. S.; Cardoso, T. L. (2010). Introdução: universidade pública no Brasil: entre privilégios e direitos. In: Mayorga, C. (Org.). Universidade cindida, universidade em conexão: ensaios sobre a democratização da universidade. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 19-45.

Mayorga, C.; Ziller, J.; Magalhães, M. S.; Silva, S. A. (2010). O problema que não tem nome: sobre metodologias para estudo das desigualdades. In: Mayorga, C. (Org.). Universidade cindida, universidade em conexão: ensaios sobre a democratização da universidade. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 151-180.

Mead, G. H. (1982). Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductivismo social. Traducción de Florial Mazía. Buenos Aires: Paidós.

Mello, R.(2006). A construção de sentidos como operação discursiva na enunciação. In: Lara, G. M. P. (Org.). Língua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: FALE/Lucerna, 107-116.

Mendes, P. H. A. (2009). Intencionalidade e discurso político: por um dialogismo de fato. In: Gomes, M. C. A.; Melo, M. S. S.; Cataldi, C. (Orgs.). Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade. Viçosa: UFV, 171-180.

Minayo, M. C. S. (1998). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.

Minogue, K. R.(1981). A origem das universidades. In: Minogue, K. R. O conceito de universidade. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

- Miranda, S. A. (2007). Avaliação das realizações dos subprojetos: [Programa Conexões de Saberes na UFMG: 2005 à 2007]. Belo Horizonte: Programa Conexões de Saberes FAE-UFMG. [Relatório não publicado].
- Munanga, K. (2003). Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: Silva, P. B. G.; Silvério, V. R. (Orgs). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 117-128.
- Nascimento, A.(2004). Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. Estudos Avançados, 18(50), 209-224. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a19v1850.pdf>>. Acessado em: 04/11/2011.
- Nogueira, C.(2008). Análise(s) do Discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em Psicologia Social. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24(2), 235-242. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000200014>. Acesso em: 03/03/2011.
- Nogueira, O. (1998). Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Ed.USP.
- Norvell, J. M.(2001). A branca desconfortável das camadas brasileiras. In: Rezende, C. B.; Maggie, Y. Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 245-267.
- Oliva, A. (2008). *Filosofia da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Oliveira, E. (1998). Quem é quem na negritude brasileira. São Paulo: Congresso Nacional Afro-Brasileiro; Brasília: Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça.
- Paixão, M. J. P.(2003). Desenvolvimento humano e relações raciais. Rio de Janeiro: DP&A.
- Paixão, M. J.P. & Carvano, L. M.(2008). Censo e demografia: a variável cor no interior dos sistemas censitários brasileiros. In: Pinho, O.; Sansone, L. (Orgs). Raça: novas perspectivas antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia; Ed.UFBA, 25-61.

- Pardo não é negro, pardo é mestiço. (2011). [Direção] Comissão Geral para debater o Estatuto da Igualdade Racial. Brasília: Movimento Pardo-Mestiço Brasileiro, [s/d]. vídeo(6'21'), son., color., (You tube). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2Uu7r9AHrM>>. Acessado em: 10 out. 2011.
- Pêcheux, M.(1988). Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Pontes.
- Petri, V. (2006). Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60. In *Conferência de Abertura da Semana de Letras*. “Anos 60: utopias que transformaram a área de Letras. Disponível em: <http://www.ufsm.br/corpus/txts_profes/Verli_expressao.pdf>. Acessado em: 7 /7/2011.
- Pinho, O. & Sansone, L. (2008). Raça: novas perspectivas antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia; Ed.UFBA.
- Piovezani, C.(2008). Saussure e o discurso: o curso de linguística geral lido pela Análise do Discurso. São Paulo, Alfa, 52(1), 7-20. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/1464/1169>. Acessado em: 03/3/2011.
- Piza, E. & Rosemberg, F.(2002). A cor nos censos brasileiros. In: Carone, I.; Bento, M. A. S. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 91-120.
- Poliakov, L.(1974). O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva; Ed. USP. (Coleção Estudos, 34).
- Políticas públicas de eliminação da identidade mestiça.(2011). [Direção] Comissão Geral para debater o Estatuto da Igualdade Racial. Brasília: Movimento Pardo-Mestiço Brasileiro, [s/d]. vídeo(8'44'), son., color., (You tube). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=A5FqsLrbsvE&feature=related>>. Acessado em: 10 out. 2011.
- Possenti, S.(1995). A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, 4(2), 125-142.
- Praxedes, V. L. et al.(2009). Memórias e percursos de professores negros e negras na UFMG. Belo Horizonte: Autêntica. (Coleção cultura negra e identidade).

Qual a sua cor? (2009). [Direção] Ricardo Mendes . Salvador: Organizações Globo de Telecomunicações, 2009. vídeo (5' 36''), son., color., (You tube). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=E9oj42911eA>>. Acesso em: 28 out. 2010.

Quijano, A.(2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas, Colcción Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 227-278. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>>. Acessado em: 01/8/2011.

Quintanilla, M. A.(1976). *Ideologia y ciência*. Valencia: Gráficas Carmona.

Ramos, A. G.(1957). Patologia social do “branco” brasileiro. In: Ramos, A. G. Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Editorial Andes Ltda, 171-192.

Ramos, A.(1947). A mestiçagem no Brasil: opiniões e estereótipos. In: Ramos, A. Introdução à antropologia brasileira: culturas européias e os contactos raciais e culturais. Rio de Janeiro: [Ed.desconhecida], 385-442.

Ramos, A.(2003). Introdução à psicologia social. São Paulo: Casa do Psicólogo: Florianópolis, SC: UFSC: Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.

Reis Filho, J. T. (2000). Ninguém atravessa o arco-íris: um estudo sobre negros. São Paulo: Annablume.

Reis, M. C. G.(2007). A permanência da população negra na Universidade do Estado do Rio de Janeiro: significados, práticas e perspectivas. In Lopes, M. A.; Braga, M. L. S. (Orgs). Acesso e permanência da população negra no ensino superior. Brasília: MEC/SECAD;UNESCO, 271-293.

Rezende, C. B. & Maggie, Y.(2001). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Rezende, C. B. & Maggie, Y.(2001). Raça como retórica: a construção da diferença. In Rezende, C. B.; Maggie, Y. (Orgs). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 11-25.

- Rodrigues, R. N.(1939). *As colectividades anormaes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Román Brugnoli, J. A.(2007). Lo que las metáforas obran furtivamente: discurso y sujeto. *Forum Qualitative Sozialforschung/ Forum: Qualitative Social Research*, 8(2). Disponible en:< <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-07/07-2-12-s.htm> >. Acceso: 11/11/2010.
- Romão, J. (2005). *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: MEC/SECAD.
- Romão, J.(2005). Educação, instrução e alfabetização de adultos negros no Teatro Experimental do Negro. In Romão, J. (Org). *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: MEC/SECAD, 117-137.
- Santos, J. A. F.(2002). *Estrutura de posições de classe no Brasil: mapeamento, mudanças e efeitos na renda*. Belo Horizonte: Ed.UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.
- Saussure, F.(1995). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
- Schopenhauer, A.(1960). *Parerga und Paralipomena*. Wiesbaden, [Deutschland]: F. U. Brockhaus.
- Schopenhauer, A.(2009). *Parerga y Paralipomena*. [s/c]: Trota.
- Schwarcz, L. M. (1998) . Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In Schwarcz, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 173-244.(Vol.4)
- Selltiz, C. et al.(1987). *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU.
- Seminário Nacional do Programa Conexões de Saberes, 2. (2006). Rio de Janeiro; Brasília. Anais... Rio de Janeiro; Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.164p. 1 CD-ROM.
- Seu Jorge recita “Negro drama” dos racionais.(2011). [Direção] Portal Hap Nacional. [s/n]: Edição, 2011.vídeo(2’47’), son, color., (You tube). Disponível em:<http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=XBPEFKW0YAc>.Acesso: 11 dez.2011.

- Silva, T. T.(2000). A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T. T.; Hall, S.; Woodward, K. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes.
- Sobre cotas raciais.(2007). Direção: Programa Sopa Diário. [s/c]: Programa Sopa Diário. vídeo (3' 41''), son., color., (You tube). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yVXINmuk-Qo>>. Acesso em: 28 out. 2010.
- Souza, N. S.(1983). Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal.
- Souza, S. C.(2004). A ética de Michel Foucault: a verdade, o sujeito, a experiência. Belem: Cejup.
- Sovik, L.(2009). *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Books Livraria.
- Sovik, L.(2004). Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e media no Brasil. In: Ware, V. (Org.) Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 363-386.
- Tadei, E. M.(2002). A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. Psicologia, ciência e profissão, São Paulo, 22(4), 2-13, ago.
- Tajfel, G.(1984). *Grupos humanos e categorias sociais*. Barcelona: Herder.
- Teixeira, I. A. C.; Praxedes, V. L.; Pádua, K. C. et al. (2006). Memórias e percursos de estudantes negros e negras na UFMG. Belo Horizonte: Autêntica.
- Theodoro, M. (2008). As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição. Brasília: IPEA. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/Livro_desigualdadesraciais.pdf>. Acessado em: 12/11/2011.
- Thompson, J. B. (1995). O conceito de ideologia. In: Thompson, J. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa. Petrópolis: Vozes.
- Viana, L.(2007). O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América portuguesa. Campinas: Ed. UNICAMP.

- Ware, V. (2004). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- West, C.(1994). *Questão de raça*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Wieviorka, M.(2007). *O racismo, uma introdução*. São Paulo: Perspectiva.
- Wilson, A. V.(2005). Borboletas, pássaros e teias de aranha: interrogar o privilégio de ser branco por meio da investigação narrativa. *Currículo sem Fronteiras*, 5(2), 86-100.
- Wittgenstein, L.(1995). *Tratado lógico-filosófico; Investigações filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wolff, B.; Knodel, J.; Sittitrai, W.(1993). Focus groups and surveys as complementary. In: Morgan, D. L. *Successful focus groups: advancing the state of the art*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Ziller, J.; Cardoso, T.L.; Amaral, J.G.(2008). O mapa da exclusão na universidade: análise dos dados do vestibular da UFMG (períodos abordados 2002 à 2007). Belo Horizonte: Programa Conexões de Saberes FAFICH-UFMG. [Relatório não publicado].

APÊNDICES

APÊNDICE A

Belo Horizonte, 14 de março de 2011.

Entrevista realizada com o Sujeito 1

LEGENDA

Sujeito 1 = S1	Entrevistado da pesquisa cujo nome foi suprimido para não identificação.
XXXXX	Curso e /ou área de conhecimento do Sujeito 1.
YYYYY	Linha ou corrente teórica de pensamento afim a área do Sujeito 1.
ZZZZZ	Grande área do conhecimento a qual pertence o Sujeito 1.
Entre parênteses () + CAIXA ALTA	Sinalização e demarcação de linguagem não verbalizada auxiliar na expressão de sentidos.
Entre colchetes []	Explicação do pesquisador de expressão não-verbal e simbólica utilizada na fala.

Tatiana: Então Sujeito1... hum...estive lendo a partir da sua experiência, da sua escrita...eu estive pensando que talvez fosse interessante fosse bacana a gente começar um pouquinho a partir das sua referencias...né?!...Sua infância...quem são os seus referenciais...seu pai...sua mãe...suas lembranças... suas coisas que são... caras e que você vai... correlacionando por exemplo com o que...com o que você vem vivendo hoje...por exemplo.

(BREVE SILÊNCIO)

Sujeito 1: ...ahm...é...ah...as minhas referencias básicas sempre foram é...desde o inicio...assim...os meus pais...meu pai e minha mãe...mesmo porque afinal de contas não tem nem como evitar...hum...por ser filho, né...a gente trava o primeiro contato com os pais da gente...A medida que eu fui recebendo educação dentro de casa, que ela é ministrada principalmente pela minha mãe...que é dona de casa...é eu fui...tendo um primeiro contanto...principalmente na parte de leitura, que era o ponto básico na qual ela procurava me educar...que era procurar ler bem, aprender a ler bem, interpretar bem textos...eu...(PAUSA)

Tatiana: De onde é que vinha isso da sua mãe de “ler bem interpretar bem textos”...?

S1: ahm...é uma característica que ela mesmo me falou... que ela recebeu desde a época em que ela era criança...da escola que ela estudou...então...assim...o forte da escola da época dela era leitura...aprender ler...ahn...ler bem e escrever bem...então como ela não avançou nos estudos...foi até a quarta série...é foi a referencia de estudo dela foi basicamente isto...transferiu pra mim este mesmo aprendizado que ela recebeu.(HESITAÇÃO) É...então assim...meu primeiro...minhas primeiras referências foi...meus pais...minha primeira colocação minha mãe por causa da educação...logo em seguida quando eu tomei maior... tive mais condição de aprender a ler...tive condição de ler por conta própria...eu fui...ahm...aprendi...fui buscando livros por mim mesmo...eh...(SILÊNCIO)

Tatiana: É interessante você falar um pouquinho da sua mãe porque foi uma coisa que me chamou, de certa forma, a atenção...tem uma parte que você fala assim...é...ela é a rainha e...como você e seu pai fossem os vassalos...

(RISOS...)

S1:...É...

Tatiana: Como é que é isso?

S1:...é porque... a minha mãe é uma pessoa de personalidade forte...e em última instância querendo ou não ela sabe argumentar bem...é...e ela...ela não é daquele tipo de mulher que fica baixando a cabeça pra marido...como ela fala...então ela...a gente fala em questão de vassalagem por conta disso... (RISOS)... Ela é que no final das contas ...assim que...ela ouve, pondera, mas ela é muito incisiva na colocação dela...então...o estilo...a personalidade dela...eu na época pude classificar como é...como uma característica própria de uma rainha principalmente...eu não vou falar que é igual mas...das rainhas que eu conheço a mais importante seria a rainha Elizabeth...agora eu não lembro mais se é a primeira ou a segunda...mas a rainha Elizabeth da Inglaterra do século XIV se não me engano...que é...foi citada como exemplo de rainha...mas...depois só superada pela rainha Vitória da Inglaterra...em termos de...ahm...uma vez que a última tinha mais qualidades de carisma em relação a população que a rainha Elizabeth I do período que vem antes do século XIX...Tô meio enferrujado com a história porque...enfim...a gente vai deixando de ler e com o tempo a gente vai esquecendo as coisas...mas a questão da minha mãe...a colocação é essa mesmo...Depois que eu passei

a ter...voltando a questão anterior...depois que eu passei a ter condição de buscar conhecimento por conta própria...e que eu entrei na escola e fui avançando ali na primeira... quarta série...é...eu procurei livros que procurassem entender...procurassem apresentar a característica da sociedade de modo geral. Isso pelo fato de que existe uma questão anterior que a minha mãe sempre colocou que...uma das prioridades que ela achava...que são ideais para uma pessoa...é que ela deveria estudar...em última instância...porque...ela...sempre ministrava minha educação...ela sempre dizia que não era bom que eu seguisse o exemplo do meu pai...que apesar de ser metalúrgico aposentado por invalidez...ele começou a trabalhar como pedreiro...então ela...como o meu pai também não avançou nos estudos...terminando também na quarta série...ela sempre dizia que como referência eu deveria ter o pai como uma pessoa que não avançou mais na escala social porque não estudou...e ela também...por causa de motivos familiares que eu particularmente acho que hoje é uma bobagem...mas que pra época as famílias tinham esse tipo de pensamento que eu acho que não tem a menor lógica...

Tatiana: Que tipo de pensamento?...

S1: No caso da minha mãe...ela queria estudar...ela queria fazer medicina veterinária mas como as irmãs dela e o irmão não queriam estudar então a minha avó disse que então ninguém deveria estudar pra que...um não achasse que era melhor que o outro...Então, assim...é uma concepção que...sem a menor lógica...então...assim...é...tolhe a vontade que a pessoa tem de estudar.

Tatiana: Sua mãe era arrimo de família?

S1: Não.

Tatiana: Hum...era a mais velha...a caçula...?

S1: Não...não era a mais velha nem a caçula...era a do meio. Então... assim...hummm...tipo como se estivesse nivelando no geral...vamos nivelar aqui por baixo e pronto...

Tatiana: Humm...

S1: Então...a partir do momento que eu tenho como exemplo de que se eu não estudasse eu seria alguém “mal” na estrutura social...é...eu a partir dessa colocação...eu busquei

conhecimento...a partir do momento que eu tinha uma boa leitura e uma boa capacidade de aprendizagem. Antes de entrar no jardim de infância... essas coisas...eu já sabia ler e escrever...então, eu não tinha problema em termos de aprendizagem... É... a medida que eu fui avançando nos estudos... como a maioria da literatura que eu tive acesso era uma literatura que representava a história do mundo...mais precisamente...a história européia...eu passei a ter como referência determinadas pessoas...determinadas é...ícones da história européia que eu considerava como...seriam aquelas pessoas que seriam...aqueles exemplos a ser seguidos...países também que deveriam ser seguidos...É que é o caso pra mim...Isaac Newton...é...é...Leibniz...ambos são filósofos e matemáticos...é...Descartes...não conhecia Marx com precisão mas tinha um raciocínio bem *a lá marxista*. Marx eu vim a estudar com mais profundidade na universidade...

Tatiana: Humhummm...

S1: ...Então a Europa pra mim é o exemplo de sociedade que deveria ser seguido.

Tatiana: Entendi.

S1: Como eu vivia no Brasil...então a pergunta básica era porque o Brasil por seu um país – eu gostava de geografia, gostava de história – então a minha pergunta era porque que o Brasil que...que era desse tamanho tem tantos atributos positivos...e não é um país que se insere...porque que ele é um país que se insere de forma...ahmmm... é...até na época de uma forma subalterna...mas hoje...talvez...ainda...mais eu não posso precisar com grande...com um grau de acuracidade tão alto... então a minha pergunta era tendo por base o país que eu vivia...a minha classe social...e por outro lado tendo... a Europa...mas precisamente a Inglaterra...porque os próprios livros colocam a Inglaterra como o país hegemonicamente...que é hegemônico...conseguiu construir toda uma estrutura que lhe permitiu avançar e dominar...praticamente todos os cantos do mundo...então...é...o meio em que eu vivia era essa a situação, né. Eu tenho...é...Eu vivo...é não sei...como...se isso é dom...ou seja o que for...mas a minha capacidade de análise...desde pequeno era muito alta...muito...eu acho, né...que era muito alta...então me perguntava que...na família que eu vivo...no lugar que eu vivo, na minha condição, na educação, que meus pais não tem,... que é muito alta... No país que eu vivo...tendo como referencia determinados ícones da Europa...e determinados países...e...ah...porque

que existe esta diferença...e...porque, a pergunta essencial é porque que eu não poderia traçar o mesmo caminho...

Tatiana: Humhum...isso...isso que você está trazendo...era...é...um incomodo que já te marcava desde a adolescência...ou em momento anterior a isso...no seu convívio com os outros colegas...na escola...Como é que você foi construindo isso?

S1: Humm...eu ao ver os meus colegas e...se relacionar com eles...eu... (HESITAÇÃO) ...como eu era muito diferente...eu não sei se talvez podia falar que eu era altista...eu não sei...mas eu não sou muito aberto...de ficar rindo e tal...de ficar falando de qualquer maneira...então...é a questão é que eu não consigo...pra mim é inadmissível que uma pessoa possa ao longo de toda vida dela se limitar a fazer o que é o mais fácil. Evidentemente o ser humano tende a fazer o que é mais fácil porque é o que menos incomoda... é o que a gente hoje em dia fala que não tem muita paciência pra ficar fazendo as coisas que dá trabalho. Mas o que me incomodava... era no sentido de que...porque que as pessoas não podem procurar fazer o melhor ou porque que as pessoas se limitam a aceitar aquilo que tá colocado...que é porque que pobre continua pobre e porque que rico continua rico...e *n* vezes eu...eu vi pais e mães falarem pros seus filhos que...é...pobre é isso mesmo...pobre vai continuar do jeito que tá...ou então no caso de quem é preto... né... “não, mas...pra que que vai estudar...preto é isso aí mesmo e vai continuar do mesmo jeito”. É a mesma condição só que balizada pelo fato da cor da pele... então assim...eu não consigo admitir na minha mente que a pessoa possa continuar estagnada e não possa evoluir...e pra mim evolução ...pra mim...a minha concepção de evolução...evolução é aquela que a partir do momento que a pessoa só evolui a partir do momento que ela consegue apreender, ler ...é...daquilo que leu comparar com a realidade dela e a partir de então...abstrair...e permitir concluir coisas...eu diria mais elevadas...e o que seria essas coisas mais elevadas...é...seriam aquelas coisas que não são comuns ao comportamento humano usual...que é...cobiça, avareza, tentar passar a perna nos outros, deixar de ser honesto, estas coisas...pra mim é um tipo de característica que é muito comum...que eu considero como não muito evoluída...apesar de ser a...a lei que rege as relações sociais...as relações entre as pessoas...mas pra mim isso não é uma coisa que...que eu possa dizer que...é uma coisa avançada...evoluída do ser humano e tal...

Tatiana: é algo que te incomoda, né?

S1: É... porque é mais fácil...as coisas fluiriam muito melhor se as pessoas pudessem trabalhar honestamente do que...da forma como acontece...as vezes tem a boa vontade de alguma coisa mas tem gente que não tem interesse...então barra o outro...segura aqui...segura ali...então as coisas não fluem da forma como deveriam fluir... O benefício pras pessoas eu acredito que seria maior... o benefício geral. Pra comunidade seria muito maior se todos tivessem um comportamento mais decente. O que eu digo decente entre aspas porque decente... este comportamento decente carece de definição. O comportamento decente seria uma questão de respeito, bom senso e visão de futuro. Uma outra coisa que me incomoda seria a questão que a sociedade sempre coloca que as pessoas tem que viver o presente e não se preocupar com o futuro...eu acho isso...humm...é...requer...essa colocação tem alguns problemas...sérios porque implica no fato de que se você não pensa no futuro você deixa de ser *ser humano* porque o ser humano...o que difereuma das característica que diferem o ser humano dos animais é a capacidade de planejar e mentalizar isso...mentalizar alguma coisa e coloca-la em ação...ou seja, ela projeta um futuro algo que está planejando...

Tatiana: Humm...Você me disse que...quando você lia os livros de história...né...tinha como referencia estes países e...o que você achava desta história contada nos livros ...quando você lia a história dos países desenvolvidos, a nossa realidade brasileira ou a realidade que você vivia, que você percebia? Como era isso pra você?

S1: Eh...Na época eu achava que aquilo...que estava sendo colocado nos livros era o ideal... que é um pouco contraditórios que apesar de...de eu ter na época um mínimo de massa crítica eu achava que aquilo que estava colocado no livro era a verdade...Na realidade eu considero o conhecimento...tenho um apreço muito grande pelo conhecimento... então assim...lá traz quando eu era menor...eu já...ahnn...os livros pra mim era a referência máxima do conhecimento...o conhecimento vai resolver todos os problemas da humanidade...então assim...era colocado no livro pra mim era quase que uma verdade incontestada...quase porque na área da leitura a gente vê que tem umas coisas mais estranhas assim...que não batem...né...principalmente pelo fato de que...que...os livros... a história da humanidade são sempre contada a partir dos que ...dos vencedores nunca dos derrotados...então...é...se for parar para pensar a história...dos livros aí correntes do segundo grau é basicamente livro...basicamente historia contada é.. .a partir dos vencedores...então assim...(PAUSA DE REFLEXÃO)

Tatiana: E aonde você se identificava?

S1: Aonde eu me identificava no...na...história...?

Tatiana: É...nessa história contada? De que lado que você se identificava?

S1: Eu...o meu desejo é que fosse sempre dos vencedores...né...é se eu acreditava que o conhecimento é capaz de fazer a pessoa evoluir...isso no decorrer dos livros que eu li... que a revolução científica se deu na Europa...o auge da...da revolução científica da aplicação da técnica e da ciência... a fusão da técnica e da ciência...se daria na Europa do século XIX...eu me colocava mais como um europeu do que como um brasileiro...apesar de querer que o Brasil chegasse ao nível da Europa ainda quero que ainda chegue...mas...apesar da questão do desenvolvimento considerado ai ainda como um...um...mito...mas...eu nunca consegui me admitir como um integrante da população da...que pertencesse a um país derrotado porque pra mim era inadmissível...porque pra mim derrota é uma opção e não é uma consequência de algo anterior...pra mim a...condição de uma sociedade derrotada pra mim era...praticamente era como se fosse uma opção não...não...como é que fala é...você faz sem ter intenção de... do que tá fazendo...como é que fala...é ...é involuntário... é quase uma opção involuntária...(PAUSA REFLEXIVA)

Tatiana: Quase sem consciência, é isso?

S1: É quase sem consciência. Se você constantemente coloca que pobre sempre tem que ser pobre e se você coloca que preto vai ser sempre preto... que vai ser sempre pobre o resto da vida...você nunca vai ser aquilo que você gostaria que fosse, ou seja, se no seio da sociedade...vamos colocar o Brasil...as pessoas continuam mantendo a idéia de que vão continuar sendo pobre elas vão ser pobre o resto da vida...e conseqüentemente vão ser derrotadas...e conseqüentemente vamos... o país vai continuar naquela posição que ele sempre teve na que a gente fala de...ahm... posição na divisão internacional do trabalho.

Tatiana: Hum... Você traz umas coisas muito interessantes... quando você demarca “pobre”... pessoas... hum...esta questão de classe é muito forte? Ela foi muito forte...na relação com o outro... com os outros...com as pessoas...com os colegas...com a escola? Você chegou a trabalhar na adolescência?

S1: Não. Não cheguei a trabalhar na adolescência.

Tatiana: Ou como e o que você via dos seus pais...como foi isso?

S1: A questão de ser pobre eu não...não tinha problema...apesar de ser pobre...não tinha problema de ser pobre...hamm...nas minhas relações com as pessoas...porque eu...mais ou menos desde a infância...como eu fui lendo a cultura da Europa...o modelo europeu...eu mimetizei mais ou menos a característica do comportamento europeu...então... assim...qualquer pessoa que me conhece vai ver que eu não sou de ficar rindo...então assim...francês não ri...abertamente...qualquer pessoa que me olha vai ver que eu não ando gingando igual a brasileiro...inconscientemente eu adotei uma postura mais firme que seria a postura da Inglaterra...do inglês que tem a postura firme...ele não anda rebolando... Rebolar é coisa de animal se diria muito recorrentemente há uns séculos atrás... por parte do pensamento europeu... Então o problema de classe social em termos de dinheiro não foi problema...Meu problema em relação aos outros é um problema de comportamento. Então assim...é... “o S1 é estranho”. Por que? “ Porque ele não ri”. Porque ele não faz brincadeira. Ele é sério. Então assim...esse é o problema de classe...

Tatiana: Humm... Deixe-me ver a palavra seria anti-social, é isso?

S1: É. O que no Brasil o que a gente poderia colocar como anti-social é essa questão, né...é...(SILÊNCIO PROLONGADO)

Tatiana: Na escola... hum...(HESITAÇÃO) você era um aluno aplicado...nas leituras...?

S1: Sim.

Tatiana: ...e isso te afastava ou te aproximava dos grupos...dos colegas?

S1: Afastava... afastava um pouco mas até...o segundo grau eu tive um grupo de amigos mais próximo e compartilhava mais ou menos as mesmas idéias...então...assim...a gente tinha uma linguagem mais diferente, digamos uma linguagem mais apurada. Na universidade o fosso ficou muito maior porque é... As vezes a minha linguagem é muito diferente do que correntemente se usa. Ou seja, apesar da universidade ter uma grande parcela de pessoas ricas... as pessoas não estão acostumadas com uma linguagem mais apurada... Se você perguntar pra pessoa quem é Leibniz eles não vão saber apesar de

tá... de todo dia estar fazendo conta...integral... o cálculo diferencial foi inventado tanto por Leibniz quanto por Isaac Newton...é...praticamente na mesma época...embora estejam distantes um do outro...Então assim...a pessoa faz o negócio...mas não sabe de onde veio. Então assim...é...é o que a gente chama de capital social né...mais ou menos uma coisa assim...o pessoal vem pra universidade...é rico...tem carro importado mas não tem capital social...então assim...hummm... (HESITAÇÃO)

Tatiana: A carga de leitura... você percebeu que...a carga de leitura dos seus colegas...ela te trouxe...ahmm... te aproximou deles ou você percebeu que isso...

S1:... me afastou.

Tatiana: Te afastou?

S1: Me afastou e muito...porque...é...algumas pessoas dizem que eu sou louco...mas assim...são mais amigos...mais próximos...falam que eu sou louco mas assim...toda brincadeira tem um fundo de verdade. É... as meninas dizem que...eu falo muito...complicado demais...então não caça conversa...então beleza...tudo bem...É...Então na universidade que eu achei seria o lugar onde eu poderia de fato...é...consolidar aquele pensamento que eu tinha desde a infância...do ensino fundamental e do ensino médio...que naquela época eu pensava assim...ah...então ótimo...de tudo que eu conheço que eu mais...alto...mais...padrão mais elevado de conhecimento...que eu imaginei na minha cabeça que tava na Europa...poderia ser encontrado na universidade...de fato eu não encontrei... Algumas coisas bem esparsas na universidade... é claro que eu não sou o *ás* do conhecimento...as vezes dependendo da pessoa que eu trombo com ela...também eu tenho dificuldade de entender o que que a pessoa tá falando...porque a pessoa já tem *Know-how* bem mais elevado do que o meu. Mas isso é raro...é muito raro...

Tatiana: E com relação às vivências? Outras vivências...pra além do conhecimento acadêmico...assim...tanto na sua adolescência como agora, por exemplo, na vivência da universidade? Ou a vivência da universidade na época da graduação, por exemplo? Houve momentos pra você poder compartilhar isso... pra você se enxergar também no outro...e conseguir manter...assim...um diálogo?

S1: Sim... sim. Tanto que são assim... os meus amigos mais próximos. Não são todos... não são tantos quanto, né...correntemente as pessoas tem aí...mas são poucos amigos mas são bem mais próximos...são pessoas que mais ou menos tem o mesmo padrão social que o meu...bem mais ou menos próximo... Tem umas leves diferenças... mas... houve sim pessoas que eu pude encontrar certas... ahm... pontos em comum. Também não fiquei tão ilhado assim não...

(RISOS)

S1: Poderia ser melhor né... mas... as vezes eu olho...meio que revoltado... né...mas...ahm...afinal de contas se eu esperei algum...eu fiquei alguns anos de vida esperando uma coisa...quando eu entro na universidade...vejo outra totalmente diferente...né...mas não tô falando que a universidade ela é ruim não...hummm...o conhecimento aqui disponível...não é desprezível não...talvez o caldo social da atualidade seja muito ruim...Alguns professores já falaram que na época deles eles matavam aula pra estudar e hoje...eles falam admirados, né: “na minha época – os professores mais velhos, né ... os professores mais velhos eles hum...quando a gente consegue conversar assim... quando dá um tempo assim ...já me falaram – ah na minha época a gente matava aula pra estudar, hoje em dia vocês matam aula pra ir pro DA... pra jogar sinuca”. Então assim...pra esses professores mais velhos da universidade ...é tipo uma coisa assim também inadmissível né... Como assim alguém com tanta coisa disponível...com biblioteca disponível...e o camarada...mata aula e vai...fazer outra coisa que não tem nada a ver...né...é...(SILÊNCIO)...É eu também não sou um psicopata atrás de livro...louco...maníaco...mas...é...também já fui no DA...também...mas eu acho que...

Tatiana: Quem não foi no D.A., né?...

(RISOS)

S1: É, quem não foi no D.A. Então... tem que ser um pouco moderado...é pelo menos moderado...Mas isso é um problema de...de mercado...da economia capitalista de mercado...

Tatiana: Será que não tem haver um pouco com o momento político...com os momentos políticos...né...ahmm...da época desses professores...que eles foram formados né...diferente das gerações atuais...?

S1: É...tem haver... Eu achava que havia um motivo pelo qual buscar conhecimento...afinal você tinha algo passível de ser imaginado que era...a União Soviética...a ser defendida dentro de um... de uma ...dos Estados Unidos da América que exercia sua hegemonia no Brasil e ainda exerce. Hoje não existe União Soviética... hoje a... é correntemente aceito que...as coisas estão dadas...então...não se faz necessário questioná-las...se faz necessário ganhar dinheiro...então...estas famílias mais ricas...não estou falando que são todas...mas...uma grande parcela da...da...das famílias que tem recursos e que os filhos vem para a universidade...os filhos...hum...não tem muito pra que estudar...ou pra quê...questionar...ou pra quê...adquirir conhecimento...é...

Tatiana: Talvez uma economia intelectual... esteja muito posta na realidade, hoje? Uma economia intelectual no sentido de não se questionar tanto quanto... temos modelos já bonitinhos...? É isso?

S1: Ahmm...é...é estranho porque o mercado...o mercado de trabalho...diz que quer pessoas críticas...que querem pessoas pró ativas...mas querem pessoas críticas e pró-ativas dentro de limites muito estreitos e estabelecidos pelo próprio mercado...

Tatiana: Humm...

S1: ...então...assim...você tem que ser crítico...você tem que ser reflexivo...e não sei o quê mas dentro dos limites impostos pelo mercado de trabalho, pela empresa na qual você vá trabalhar...e nada além disso. Se começar falar que...

Tatiana: Quem é esse crítico, né!?!...

S1: É. Esse crítico bem formatado. Você tem que ser criativo, né... ah...Vira e mexe tem essa propaganda por aí “ seja criativo...e não sei o que”... e se fosse diferente...estes termos que vem aparecendo...que vira e mexe aparece...mas aí e o “se fosse diferente” dentro da caverna do Platão. Não o “e se fosse diferente” fora da caverna. É uma coisinha... aham... são coisas muito sutis... É talvez as pessoas pensam sobre estes problemas mas não dão importância porque a vida é muito curta também ...e...e ...a vida é curta e os problemas são tão grandes que as pessoas preferem...optam deliberadamente pra...pelo...pelo prazer imediato...é...e consumo...e uma forma de se desviar dos problemas que são reais...existentes...então assim...ahm... é mais ou menos isso sabe... Fiquei até meio perdido...aquí agora...hum...me afastei da sua pergunta inicial...

(RISOS)

Tatiana: Você colocou questões muito interessantes... E sua mãe e o seu pai... o que eles acham disso...de você hoje... né...o S1 já formado pela Universidade Federal de Minas Gerais...? Como que é isso... você para a sua família...como você se vê na sua família...no seu grupo familiar...de amigos... e como você se vê aqui neste outro grupo [grupo universidade], também...são tantos grupos né... família, amigos, amigos da universidade, colegas, trabalho e outros...tantos outros? Como é que é isso?...

S1: Eu...eu acho...que...

Tatiana: ...essa ponte...faz ponte?

S1: Eu acho que os meus pais no atual estágio não tem dimensão da... acho que...eu acho que eles não conseguem ter um...tirar uma conclusão mais precisa sobre o fato de eu...ser graduado...né...(SILÊNCIO) Até mesmo pelo o que eles afirmam...assim...de vez em quando eu vejo que...existe uma certa limitação...pela falta de estudo mesmo...uma certa limitação de compreensão da realidade...pela própria falta de estudo...então assim...Mas os meus pais sempre me deram a liberdade de optar...pelo o que eu quisesse...né...então...assim...é...hummm...no fim...em última instância...eles pensam que...é...o que interessa é o que...desde que eu esteja fazendo uma coisa que eu goste...então...tá ótimo...então eu não tenho tanto problema...assim não...A idéia de ficar buscando dinheiro...dinheiro...dinheiro... ter uma profissão de relevância pra poder...ahm... como...como amuleto, né... uma profissão de nome...não foi uma coisa que foi colocada na minha família... eles incentivaram o estudo mas colocaram essa questão...não...não importa o ...que eu faça aquilo que eu goste e...então tá ótimo...É...

Tatiana: Você já se sentiu solitário... assim...neste caminho universidade, universidade-família? Você tocou, por exemplo, numa questão... do estudo...do letramento...digo...no sentido de compartilhar algumas coisas...de desabafar...de tentar manter um diálogo...uma conversa...? Como foi isso pra você? Isso aconteceu... isso não aconteceu?Acontece de vez em quando...?

S1: Manter um diálogo entre...?

Tatiana: Seus pais...com essa sua realidade na universidade que você tem...a partir das leituras...que se tem na universidade...dos questionamentos que se faz na

universidade...ou questionamentos que são pessoais e que talvez...acredito que passe... pela cabeça dos universitários...dessas angústias...Como é que foi isso? Construir isso... por que...

S1: Não... eu sempre tive ponte com os meus pais, principalmente. Ahmm... sobre o meu sentimento em relação a universidade...o meu sentimento em relação a profissão...em relação como as coisas funcionam...sempre tive liberdade...é...mas...com...com os amigos bem mais próximos...meus...um...dois...não passa muito disso não...

Tatiana: São amigos que estão na universidade ou no...

S1: Que estão na universidade e já formaram... um ainda tá na universidade...no mestrado e o outro formou já... É... agora com relação a pergunta se eu me sinto sozinho...eu acho que eu não me sinto sozinho, não... eu sou sozinho...em raros momentos consigo é...de modo geral...na totalidade...raros são os momentos que consigo uma ponte efetiva...sobre o que eu sinto ou...ou sobre o que eu realmente observo...sobre as coisas...Mas de modo geral eu acho que sou sozinho...vou estar assim até os últimos dias...aí...não tem como não...é muito difícil...fazer esse tipo de comentário porque você não sabe onde é que você tá pisando dependendo do que é você não poder falar direito...então fica cheio de...do... (SILÊNCIO REFLEXIVO)

Tatiana: Hummhummm...você fique a vontade pra falar o que você quiser...quando e se você quiser...

S1: Hummhummm...pois é...então assim...é...você tem sempre meio que pisar em ovos...dependendo da situação...agora sobre essa questão mesmo...eu acho que tudo...todo mundo é...em última instância é sozinho...não tem como...você se sentir totalmente acompanhado...né...eu diria assim...não tem como...em última instância a consciência humana é muito bem guardada...

Tatiana: Você se sente sozinho de um fazer intelectual ou sozinho em compartilhar... é...interesses...desejos...futuro...de vida...de sociedade...de um país...melhor...?

S1: O que seria esse sozinho intelectual?

Tatiana: Sobre a possibilidade de compartilhar com pessoas afins e se perceber neste trabalho intelectual que é de crítica, de pensar, repensar...?

S1: Humm...raramente...as vezes eu não fico neste sozinho intelectual não...as vezes eu consigo avançar em termos intelectuais... o problema é que como são amigos mais próximos...a gente tem mais ou menos a mesma idade..em média... então os mesmos problemas que as vezes eu tenho então são os mesmos problemas que o meu amigo tem...então a gente fica...meio que... (REFLEXÃO)

Tatiana: desabafando...?

S1: ...é desabafando... mas é...é...meio nivelado né...é...o...eu não não sei...eu não posso nem...é...as desconfianças em relação ao mundo são niveladas...então assim...como ninguém tá mais velho que o outro...pra poder falar “não, a coisa funciona mais ou menos assim...ou pelo menos na minha época foi assim, assim e assado...”então a gente fica meio assim...(EXPRESSÃO DE INTERROGAÇÃO) fica meio cego... tateando... tentando tatear...

Tatiana: humhum...

S1: ...pra vê se consegue avançar... é...teve um outro sozinho que você falou que o sozinho intelectual e o outro sozinho...? (EXPRESSÃO DE DÚVIDA)

Tatiana: é um sozinho de...caminhar junto...para o trabalho...digamos assim...bem, estou tentando separar isso didaticamente mas...é claro que isso não é possível...de fato...(pausa). De um trabalho que a gente tem que é esse intelectual... de pensar o mundo...né...de pensar as coisas...e de (HESITAÇÃO)... outro também de...eu estou dizendo isto por conta do que eu pude perceber...um leitura feita... e de um desejo também de *fazer acontecer*...e a partir disso aí eu te pergunto também...o que talvez tenha um pouco a haver com sua escolha... do curso...do que você quer pra sua vida profissional...mas também pra vida pessoal...ou pro futuro...pra uma carreira...?

S1: ...Ah...eu não sei se eu vou ...aliás hoje em dia eu nem sei também se...(PAUSA REFLEXIVA). Inicialmente meu... meu...a minha idéia era entender questões sociais, econômicas e...é na qual eu estava inserido e na qual o país estava inserido. Então a questão central minha é a questão de desenvolvimento... desenvolvimento econômico...aí...ahn...resumidamente é desenvolvimento econômico mas pra mim o

conceito é mais amplo...é desenvolvimento econômico, político e social. É uma coisa que eu já venho pensando comigo há algum tempo mas... no curso de XXXXX...quando você começa a falar de coisa social...e cultural...o pessoal fala...não tem como mensurar...é...não é muito...é... então... não é plausível de trabalhar...mas a XXXXX é cheia de problemas...eu nem acho que é ciência mas...mas dizem que é ciência...então tudo bem. Mas é algo a se pensar... é...em termos de doutorado...ou coisa assim...é...mas é coisa de dimensão bem teórica...Agora a minha pergunta... em termos de profissão...se é...se eu consigo compartilhar do mesmo tipo de pensamento...a minha pergunta é: o Brasil quer se desenvolver?... o Brasil...ahn...as pessoas...a sociedade quer ser uma sociedade melhor? ...Eu não posso...é...fica difícil você planejar alguma coisa...em termos de profissão...quando você tem como foco tentar desenvolver um país...ou tentar desenvolver alguma área de algum país quando o seu objeto...onde você quer trabalhar não quer melhorar...é...então...assim...Hoje em dia...se antes eu considerava como...como uma coisa linear de que o Brasil deveria se desenvolver...hoje eu já mudo a minha pergunta. A minha pergunta é o Brasil quer se desenvolver? A sociedade quer melhorar? A sociedade brasileira quer ser inclusiva? A sociedade brasileira quer ser educada?...é...A sociedade brasileira quer reduzir o nível de criminalidade? A sociedade brasileira...ahm...quer ser uma sociedade mais...mais honesta? Porque tem de partir do princípio de querer... se não você é uma andorinha...uma andorinha não faz verão...então assim...você vai ficar...falando...falando...falando...por nada...então...não surte efeito...e pelo o que eu tenho observado assim...minhas noções pessoais...assim...é que é essa pergunta: eu não sei se a sociedade brasileira é...quer evoluir...então assim...eu não sei se eu posso dar uma contribuição tão relevante quanto eu gostaria de dar...primeiro porque eu não sei se sou capaz de dar uma contribuição tão elevada assim...é...porque também eu não sou lá assim o Nobel de XXXXX...e outra coisa eu não sei se...o espaço aonde eu for trabalhar está disposto a isso...então?!...Aí acaba caindo num problema de...que...na academia o povo não gosta muito que é a questão...de...é...fatalismo...que...que...acreditar que as coisas são... é... a ordem geral das coisas...Né?!... as pessoas criticam muito que não existe a ordem geral das coisas...as coisas são construídas... historicamente. De fato... sim são construídas historicamente mas elas... para olhos pouco atentos parece muito ser...o mundo parece regido por uma ordem geral das coisas... ou seja...é...as coisas são...são...o

desenvolvimento humano é...é como se fosse linear né... e ele estivesse projetado por forças ocultas e a humanidade seguiria esse caminho...

Tatiana:...sem possibilidades de rupturas? De brechas...? Quebras?

S1: ...ahm... enquanto... mas e se a quebra estivesse dentro da ordem geral das coisas?...**(SILÊNCIO)**... então assim...

Tatiana: Então essa ordem geral também poderia ser uma desordem geral das coisas?

S1: Pode ser uma desordem geral das coisas... eu não sei...por exemplo...eu posso...vamos pegar a China até...por volta da década de 50 e 60 era o país mais pobre do que o Brasil...então extremamente...agrário...uma coisa insignificante...entre aspas...brincando aqui falando...então é...porque que a China é...apesar de toda uma série de problemas que existem na China que eu sei...eu não estou falando aqui alienadamente...mas porque que a China conseguiu dar um salto...não que seja bom ou ruim...não fazendo esta avaliação...mas porque que ela conseguiu dar um salto...sair de um país praticamente agrário e ser hoje a segunda maior economia do mundo?...Ai...ah...você pode virar e falar... “não, mas houve uma vontade popular da revolta...da revolução da China...e tudo mais...mas se a China pode...então o Brasil poderia fazer a mesma coisa como qualquer outro país...Então porque não faz sendo que é tão óbvio... Então assim...isso rebate num problema...parece que é a ordem geral das coisas...e nós vamos continuar sempre correndo atrás e...vai ser assim até o dia em que o sol engolir o planeta terra...que nem os físicos falam que vai ser o fim do universo...

Tatiana: humm...

S1: ...então... está é uma especulação totalmente teórica, filosófica...do outro planeta...

Tatiana: E no meio dessa... dessa coisa toda...o que que você acha da vontade dos indivíduos...das pessoas...dos interesses...

S1: ...É...aí você tem que classificar os indivíduos, né...assim...é...pro trabalhador...**(HESITAÇÃO)**...

Tatiana: ...isso...assim...te perguntando a partir de você...da sua relação, né, com o mundo... com as pessoas...

S1:...É...de modo geral se você for analisar toda a espécie humana...em última instância as pessoas querem a felicidade. “Todo ser humano tem o direito a busca da felicidade...” é a máxima do... de um camarada que eu não lembro nome aqui agora...mas tava lá na Revolução dos norte-americanos...então assim...em última instância o que eu acho é que o ser humano busca a felicidade e ponto. Embora... as vezes ele não tenha consciência disso...ou seja...tem gente que busca...ficar rico mas em última instância quer ser feliz...tem gente que busca poder mas em última instância ela quer ser feliz...tem gente que busca conhecimento mas em última instância ela quer ser feliz...tem gente que busca a caridade...é...fazer atos de caridade mas em última instância ela quer ser feliz...então...assim...de um modo geral o ser humano busca a felicidade...agora...se você for fazer uma análise que requer menos abstração...aí você vai entrar em problema de classe social...que...o que que uma pessoa busca? O trabalhador ele quer... ele trabalha pra em última instância ter o dinheiro no final do mês e conseguir manter a família dele. O capitalista ele quer conseguir vender mais no próximo mês... ter lucro...pra poder continuar levando o negócio dele... O estudante o que ele quer...aí depende...em se tratando de estudante aí você tem uma gama de coisas...O que que é um estudante? É... uns querem ser professor da universidade...outros querem ir pra uma empresa multinacional...é...*Deloitte* e coisas do gênero...é...outros não sabem nem o que estão fazendo mas tão aí circulando aí e ver o que que vai dar...Então assim...é...no meu caso como estudante...seria buscar conhecimento e em última instância se desse...podia ser um professor. Mas pra ser professor precisa gostar do conhecimento... do conhecimento...só que em se tratando de XXXXX tem algumas coisas muito estranhas em termos de conhecimento...são conhecimentos que definitivamente eu não acho que leva a interpretação certa da realidade...Então assim...é um...em se tratando de XXXXX pra quem...pra quem...é...veio de uma classe social mais pobre é um problema muito maior porque determinada parte da teoria XXXXX é muito simplista e não responde as minhas perguntas enquanto estudante que veio da classe pobre....Ahmm...responde perfeitamente a outros estudantes como eu já vi várias vezes...outros acham que tá certo aquilo mesmo que a ...a teoria é dominante...a teoria convencional...como a gente fala...pra muitos deles responde totalmente ótimo...o camarada brilha com o negócio...brilha com aquela teoria...que é uma coisa espetacular...destaca-se e ganha prêmios...agora se você não...não concorda com a teoria convencional...então...como se

diz... ahmm... em brincadeira de estudante você faz parte do lado negro da força. XXXXX é muito dicotômica...é um...um...(SILÊNCIO)

Tatiana: E o que é estar ou ser do lado negro da força?

S1: Ah! Até hoje pelo o que eu conclui e pelo o que eu tenho observado... ser ou...ser...estar do lado negro da força não...é não achar dentre as atribuições...estar em não acreditar que os mecanismos de mercado resolvem tudo...não dá importância muito alta pra modelos matemáticos...embora eles tenham uma capacidade de explicação muito boa...mas a questão na XXXXX não é nem tanto o problema do modelo matemático mas a questão dos fundamentos que constroem os modelos matemáticos... Então assim se as pessoas não concordam com os fundamentos do modelo matemático ela está no lado negro da força... se ela acha que o Estado deveria intervir pra... pra promover... o desenvolvimento...intervir em determinados pontos...do sistema econômico pra promover melhoria...então ela tá no lado negro da força...né... E isso é uma coisa correntemente colocada em XXXXX...é...em blogs de XXXXX...é sempre assim...você tem um título de um blog e o subtítulo falando “porque a boa XXXXX deve superar a má XXXXX...” essas dicotomias bobas que não levam a lugar nenhum...

Tatiana: Ahm...e estar do lado negro da força é incluir a diversidade, aquilo que não tá no padrão...a diversidade no sentido do mais geral do diferente...ahmm...me diga se não for isso...ahmm...quando se trata de XXXXX se trata muito diretamente de questões de classe...e quando só classe não dá conta? O lado negro da força trata de outras questões pra além da questão de classe? A questão do diferente, por exemplo... da raça...do gênero...dessas questões que estão mais no plano do simbólico das relações...como é que é isso? Isso pra uma vida de mercado... como aluno...como estudante ou como profissional...?

S1: É... o núcleo mais duro da XXXXX que seria o lado convencional não exige classe social...a construção formal e até matematizada...não considera...diferença de classe...ela considera apenas que existe um consumidor. Ele pode ser azul, amarelo, preto, branco, laranja, não tem importância... que é uma das críticas...né o...que que a gente chama de o consumidor racional...então...assim... o que que é o consumidor racional? É uma coisa abstrata que ninguém sabe o que que é. É... o lado convencional também é utilizado pra...explicar...algumas coisas...relacionadas a gênero...raça eu nunca vi...pelo

menos eu não estou lembrado aqui e agora...mas gênero sim...principalmente na área de YYYYY...explicação de composição de família... né...ai eles colocam basicamente...bem grosso modo que a opção da mulher é...entre ter um ou dois filhos depende de uma curva de...de...utilidade que ela tem...uma coisa totalmente abstrata...Agora o lado...digamos entre aspas, negro da força...na realidade pra ser mais formal é o lado heterodoxo de pensamento...o que eu falei anteriormente é o lado ortodoxo...O lado mais heterodoxo de pensamento ele é mais flexível, considera...os mais...mais...sociais...é...inclui a dimensão cultural...é inclui também...coisas de gênero...mais...(PAUSA REFLEXÃO)

Tatiana: E esse lado te interessa...? Te interessa pra discutir...o mundo...pra discutir criticamente a teoria...?

S1: Muito mais... porque é o que mais se aproxima da realidade...né...

Tatiana: Você se vê nessa realidade...?

S1: Sim.

Tatiana: ...a partir dessa realidade?

S1: É...a partir dessa realidade. Não faz sentido, por exemplo, eu pensar... como diz a teoria ortodoxa que...as pessoas optam entre lazer e trabalho. Você tem um trabalhador X lá e ele... ele tem duas alternativas...ele opta entre o lazer e o trabalho...só isso. Não faz o menor sentido. Tipo assim...não existe relação contratual...é...

Tatiana: Não tem também uma classificação de lazer pra quem? Trabalho pra quem? Que trabalho é esse? Quem é que vai exercer esse trabalho?

S1: Não. É só uma coisa assim... mais...trabalho...bem assim...alto nível de abstração...não tem uma classificação específica...né...é claro que...assim...essa...esse é o que se aprende na graduação que é o cerne da teoria ortodoxa...então assim...mais pra frente no mestrado as coisas...ficam mais...menos rígidas...mas eu ainda continuo achando que não é uma fórmula ideal de abordar a realidade econômica e social da qual o ser humano vive. Acho que existem formas mais inteligentes... mais...que se aproximam mais...mais interessantes de...de...(SILENCIO REFLEXIVO)

Tatiana: E o que que você está chamando de mais interessante...mais inteligente...? Que formas são essas?

S1: A partir do momento que eles consideram que a XXXXX não é uma ciência exata...a XXXXX é uma ciência social...O problema todo é que há uma forte tendência em considerar que a XXXXX por ser ciência...então a XXXXX é uma coisa desconectada do restante do...do...universo...não digo... que seria totalmente desconectado...mas no sentido de...que a XXXXX seria mais...a XXXXX estaria mais próxima de uma ciência exata...só que pra ser uma ciência exata você trata com elementos naturais...e elementos naturais...eles estão dentro da ordem geral das coisas...tem uma pedra e a pedra vai cair porque está no planeta terra...tem gravidade...é...agora...é...nó...perdi o raciocínio...(BREVE SILÊNCIO)...nó perdi o raciocínio mesmo...Eu ia fazer um contraponto...

Tatiana: Então... enquanto você não lembra...deixa eu te perguntar uma coisa...Você me colocando estas coisas...me lembro que houve um momento que você gostaria de ter feito Ciências Sociais...né...e você está lidando...um pouco...de certa forma...com isso também na XXXXX também...né...que uma parte...bem é uma ZZZZZ...

S1: Hummhummm...

Tatiana: e...como é...como você se... vê os outros, os seus colegas...né...ou as pessoas que trabalham com você...na graduação...é...vivendo esta teoria...bem... as pessoas...estamos na universidade criando teorias...né...reapropriando...Como você vê a fala dessas pessoas...? O quanto que aparece de você disso... das suas escolhas...desse fazer teoria...que é seu...e o que tem também que é do outro...porque simplesmente as pessoas não repetem o que estão nos livros...mas elas acabam dando sentido...também...Como que é isso pra você?

S1: Ah! No início eu achava que era um absurdo a pessoa aceitar que o ser humano podia ser matematizado e colocado numa... num gráfico...numa curva de utilidade...Hoje eu já acho que é perfeitamente aceitável porque...é...as pessoas vem de classe social diferente...então...querendo ou não...em se tratando de ciência social...é...o apego a determinada visão...que...uma teoria dá é muito vinculado a d'aonde ela veio...então...se uma pessoa veio de uma classe social X ela vai se adequar melhor a

uma teoria X. Agora eu não sei também... se a pessoa prefere a teoria X porque ao ver a teoria Y o mundo dela parece que se acaba...então...

(RISOS)

S1: ...assim...então a pessoa...trava...com...é...trava contato com uma teoria diferente e aquela teoria diferente agride o mundo interno dela...de forma tão tão forte...que...as vezes a pessoa repele o negócio...e prefere uma teoria mais *light* onde tudo é mais...muito mais bonito...onde as coisas são perfeitas...é...a sociedade não tem...não é uma sociedade de classes mas...aquelas teorias que dizem que a sociedade é uma sociedade composta por pessoas que cooperam entre si...

(RISOS)

S1: ...uma coisa perfeita...maravilhosa...

Tatiana: ...onde nunca se entra em atrito...nem discordam...

S1: Nunca discordam... são pessoas que tem o objetivo único...que é...é aumentar a satisfação...então...talvez pro espírito da pessoa...né...uma coisa mais abstrata...do meio de onde aquela pessoa veio...aquela teoria...esse tipo de teoria...é mais aceitável...encaixa perfeitamente na visão de mundo da pessoa...se encaixa melhor no...no...meio do qual viveu...então a pessoa acha que...a existência pode ser resumida no...num mero dilema entre escolher entre sorvete e pastel...e pronto...e tá tudo maravilhoso assim... (RISOS)

Tatiana: Como fazer uma regra de três...?

(RISOS)

S1: Não né...nem precisa fazer não...as vezes a pessoa só opta entre... “ah, eu vou comprar um celular ou então comprar um gravador aqui...” Pronto. Não tem o problema de ter ou não o dinheiro... isso é uma coisa que tá...a pessoa já tem um dinheiro que vem de algum lugar...uma dotação orçamentária que a gente chama... então não tem problema... Então depende muito da origem da pessoa...as pessoas se casam muito com as teorias que são mais próximas da onde ela veio...então...

Tatiana: Que fazem bem ao coração...?

S1: Que fazem bem ao coração. É uma coisa que faz a pessoa... até...ah...excluindo outras coisas do mundo...quando a pessoa se apega a uma teoria aquilo faz bem ao coração dela...ela sente feliz em propalar aquilo...ali...porque ela acha que está...é...dizendo a verdade... “não, eu tenho a verdade aqui... vou disseminar a verdade aqui...”. Igual profeta.

(RISOS)

S1: Então... assim...isso aqui...a pessoa abraça aquilo com uma força...com intensidade que...isso é bom porque pelo menos a vida dela está valendo alguma coisa, né?...É quando a pessoa abraça uma teoria e tenta defender aquela teoria ali... apesar de quem não concorda com aquela teoria achar aquilo um saco...querendo ou não aquilo pelo menos faz a vida da pessoa valer alguma coisa...porque ela deixa de ser uma coisa...e...passa a ser um ser humano... porque ela cria todos os artifícios...todos mecanismos mentais possíveis pra defender uma coisa que agrada...uma coisa que faz bem...um ideal, né...uma ideologia...

Tatiana: Uma ideologia... e neste sentido como que você vê as relações de poder aparecendo aí...uma política aparecendo aí?

(SILÊNCIO)

S1: ...é complicado...né...porque...é...eu não sei nas outras ciências mas...na XXXXX é meio difícil um camarada...marxista...teoria marxista...Já viu algum marxista ter ganhado o prêmio Nobel?...Eu acho que não... eu acho que eu nunca encontrei uma pessoa que defendesse a teoria marxista e que ganhasse o prêmio Nobel. Se for pegar a lista... basicamente mais o pessoal que defende aí o...a linha mais convencional...O problema é que a maioria das pessoas...isso não é nem...uma coisa assim...de falar...porque nem chega em sala de aula...ahm...o pessoal...porque as pessoas dificilmente consegue entender as entrelinhas...de alguma coisa...de uma determinada proposição...Então se está escrito ali...e o cara provou matematicamente aquilo ali é a verdade. Só que matemática... você pode usar matemática pra qualquer coisa...Se fosse provar matematicamente que...Deus até não existe...Então assim...

Tatiana: E as entrelinhas interessam... né...? Elas dizem muita coisa...

S1: As entrelinhas interessam. Então assim... enquanto você propõe, quando você abraça uma teoria, quando você escreve um artigo...em última instância você tá...é...você tá defendendo uma causa...embora muitas vezes você não tenha muita noção de que causa você está defendendo...mas você está defendendo uma causa...Um amigo uma vez disse que no campo da XXXXX...querendo ou não você está defendendo algum lado...você não sabe qual...direito...mas você está defendendo algum lado... Em ciências exatas... isso não tem muito problema não mais em ciências sociais...quando você...é...abraça uma teoria...primeiramente ela lhe cai muito bem espiritualmente...mas em última instância você tá defendendo...um grupo na sociedade...Se você defende que o mercado tem que ser livre...sem intervenção do Estado...liberalização, privatização...você tá defendendo algum grupo político, algum grupo econômico, algum grupo social em algum lugar do planeta. Se você defende que o Estado intervêm na economia... que tem que projetar o desenvolvimento...você defende um outro grupo, né...cabe a você ter o discernimento de que você...que você tá...privilegiando alguém...mas isso é inevitável...

Tatiana: Você disse no início da sua entrevista que você tem uma certa tendência marxista... Como é isso...essa sua tendência marxista na XXXXX...? Como ela fica no cotidiano... ela é manifestada...? Em que momentos você pode manifestá-la? Em que momentos você sente que precisa reprimi-la ou contê-la ou isso não acontece de jeito nenhum?

(RISOS)

S1: A tendência marxista...minha...é...em termos muito mais analíticos...como eu analiso o capitalismo...né...é... Boa parte do...do...eu circulo muito entre um YYYYY e um marxismo...é...o meu marxismo aparece no sentido da análise do capitalismo. O capital tem que se perpetuar...então ele tem que vender...é...ele...ele...extrai mais valia...pra mim isso é fato...é lógico...é evidente...então assim...

Tatiana: Mas isso te... te...deixando de lado o técnico, o analista, o profissional...o resultado disso...te apraz? Te faz... carinho no coração...?

S1: Sim. Eu fico feliz por enxergar dessa forma as coisas... apesar de que eu não...ahn...d'agora em diante...tanto atualmente...como daqui a vinte, trinta anos...esse tipo de análise vai ser eliminada...praticamente...porque as pessoas não consideram que

as coisas funcionam assim...eu acho que funciona...e funcionam assim...então eu fico feliz por conseguir enxergar assim... Eu fico feliz de saber que pelo menos é uma visão mais próxima da realidade... embora eu tenha a certeza que ao longo do tempo vão ser...haverão...existem poucos espaços...e ao longo do tempo...não vai haver espaço pra falar isso...a tendência e ficar mudo ou então...você fala mais ou menos o que dá pra falar ali e pronto... Eu tive um professor de matemática no ICEX que ele falava assim “quanto maior o conhecimento menor é a felicidade...” Na realidade ele falava que a felicidade é inversamente proporcional ao conhecimento. Ele tava certo, né. Por que que você acha que pobre fica feliz com qualquer coisinha? Porque ele não tem a menor noção de que o pau tá quebrando... e ele fica maravilhado com uma coisa simples aí... “Nó, que lindo, maravilhoso...” E você que sabe do que está acontecendo e tal...a tendência que você tem de ficar rindo à toa é menor... Também não é uma coisa que eu fale assim: “ah, é o fim do mundo... acabou”. “Vou só esperar deitado aqui e ... problema do restante do mundo”. Mas essa forma de ver as coisas...eu gosto...acho que é...a ideal...a mais correta...eu gostaria de poder estudar mais...mas não dá...porque os canais de estudo pra isso...vão se reduzindo...ao longo do tempo...aí você tá aí...além de marxista você passa a ser...uma matriz de análise muito importante...te permite conseguir enxergar as coisas mais pra frente...é te permite...circular e meio que sobreviver...na...no mundo que existe ao redor...né. Você deixa de ser uma pessoa panglosiana...você já ouviu falar dos panglosianos...? Os panglosianos...é do livro do Voltaire...Cândido, o otimista. Então você tem Cândido que é o cara feliz...que acha que tudo é maravilhoso e o Panglos é o filósofo do castelo que... “não...se você tá sem uma perna tá ótimo...porque é o melhor dos mundos possíveis...” A gente meio que fala que tem os XXXXX panglosianos...e tem a galera que fala que “...não, tá tudo beleza...”. Teve a crise dos Estados Unidos de 2007, mas aquilo ali só foi uma oscilação de curto prazo...sem problemas...enquanto outro ala de XXXXX vai falar que a coisa é muito mais preocupante porque o sistema financeiro esta muito ... desregulamentado...então tem que regulamentar mais e então começa todo aquele embate...mais eu sinto feliz por não ser tão feliz assim...(RISOS) Eu sou feliz por não ser tão feliz...pelo menos não sou tão alienado assim...

Tatiana: E no meio dessa coisa toda S1, que você está me falando...como é que fica a sua pertença racial?

(SILÊNCIO)

Tatiana: É a sua cor e ponto?

S1: É a minha cor? Como assim?

Tatiana: Como fica a sua relação... as suas relações raciais...? Na XXXXX...com os seus colegas...o seu sentimento de pertença...diante do outro...? E aí extrapolando um pouco... saindo da questão de classe e entrando na diversidade...o que mais entra por outros planos políticos? O que é ser pardo na XXXXX? Você é visto, não visto, é indiferente? Se percebe como indiferente pelos outros ou existem entrelinhas que acabam dizendo algumas coisas?

(SILENCIO PROLONGADO)

S1: Eu até hoje não vi nenhum problema não... nenhum problema... (SILÊNCIO) É...(SILÊNCIO REFLEXIVO). Eu não sei se é porque na minha família por parte de mãe o pessoal é todo branco de olho azul... e ...como eu vivi no meio deles...eu não tinha tanto problema assim...pra mim...uma pessoa branca não é uma pessoa diferente...desde criança que eu vivo no meio de pessoas brancas...então...talvez por causa disso...talvez eu não sinta...nada...eu não consiga perceber nada...até hoje eu...até hoje eu nunca vi nenhum problema... (SILÊNCIO)

Tatiana: Seu pai, ele é negro...?

S1: Ele é moreno... moreno...pardo também...Negro por causa do sol, né... negro porque fica bem queimado pelo sol...mas...a minha família por parte de pai...o pessoal é mais moreno...mais pardos...

Tatiana: Mulatos...?

S1: Eles não são negros não...

Tatiana: Hum...

S1: Então... eu não tive problema...não...

Tatiana: Avô...avó...tem...?

S1: Meu avô que era mais mulato... por parte de pai...

Tatiana: Mas pele preta não tem ninguém...?

S1: Não.

Tatiana: E você se considera negro?

S1: (SILÊNCIO)

Tatiana: ...Dentro daquela classificação do IBGE, né... pretos e pardos são negros... Isso é... uma classificação arbitrária...a gente entende também que nos ajuda a trabalhar com políticas públicas. Mas e você S1, você se entende ou se percebe enquanto um negro... como um negro?

(SILÊNCIO)

S1: Não. Eu sou pardo. Eu coloco pardo e... não...eu não fico muito meditando...assim na abstração...não. Eu não sou negro porque embora a única coisa que mais se aproxima de negro ahm... que eu tenho...é o meu nariz...mais...que é mais próximo...né...mas...eu não tenho...a minha boca não é próxima de negro...a minha estrutura craniana não é próxima da de um negro...eu sem camisa sou branco...igual a um outro amigo meu que ele é negro...que ele me viu sem camisa...ele falou assim: “uai o que é isso...? Você é branco...você é doido!” ... Nem tão branco assim eu sou... mas ele...quando ele viu sem camisa ele falou que eu era branco... Eu falei: “Uai, sou...” “... multicores porque sem... com camisa...uma cor...e sem camisa outra cor...”o resto do corpo que não é coberto é outra cor por causa de sombra, mesmo...Mas eu me coloco como pardo mas...porque é tão complexo...esse tipo de...de análise...de...de colocação porque... se preto e pardo...é negro...mas se pardo também tem parte de branco...também...então como é que fica essa coisa...Só um...só os cinquenta por cento do pardo que é contado?... E os outros cinquenta por cento é o quê, né?...Então, assim...negros são 100% pretos e 50% pardos...eu não sei como é...eu não sei essa classificação...é...extremamente complicada...é...ahn...é...o que poderia resolver o problema...seria fazer uma análise genética, né?!...da pessoa...mas fazer genética de cento e noventa e tantas milhões de pessoas não...não dá...é muito difícil...então assim...se for ater só à cor da pele...também o indiano é negro...e...indiano inclusive é mais...um pouco mais...é uma cor tão estranha...não estranha pejorativamente...mas é uma cor...é...diferente que...tá até um pouco mais escuro do que pardo...mas não é negro...e indiano tem cabelo

liso...ainda...então, assim...é...é...eu nunca...eu me classifico como pardo...eu...branco eu não sou porque...

Tatiana: ...e você se classifica como pardo porque você não se vê como branco e nem se vê como negro. É isso?

S1: É.

Tatiana: Aí...é o que tá no meio...

S1: É. É o que tá no meio. Estritamente pela cor da pele.

Tatiana: Humhummm...

S1: Eu olho assim e tá lá, beleza... pelo o que eu estou olhando aqui é pardo.

Tatiana: Em algum momento da sua vida...você foi questionado...ou...é...em algum momento mesmo...da infância...da adolescência...com relação justamente a isso?

S1: Não. Nunca fui. Eu tive a felicidade de viver num círculo social com pessoas muito...(PAUSA)...é...digamos com pessoas que tinham...tinham...uma forma de enxergar as coisas muito...muito...muito boas...tanto em rico...tanto no meio de ricos quanto pobres...a questão que eu tinha falado lá trás de falar de...quando preto num vai...num pode estudar...porque é preto...são umas coisas bem pontuais...você pega assim e passa na rua e vê...eu...sabe que existe...

Tatiana: hummhummm

S1: Alguém conta que escutou fulano falar e tal... mas...é...hum...o meu círculo...hummm...pelos quais eu andei...ahmm...eram...sejam brancos...ou...ou...pardos...ou morenos...eles nunca me questionaram sobre...ser pardo ou negro...né... É bem próximo daquela questão de...da...da...como é que fala?...é...da igualdade racial...não é igualdade racial...

Tatiana: O mito da democracia racial...

S1: É...o mito da democracia racial...

Tatiana: Hummm...

S1: ...então...assim...eu não tive problemas...já...

Tatiana: Você já leu Gilberto Freyre?

S1: Não... eu não tive oportunidade de ler...direito...é...(PAUSA REFLEXIVA) Tive contato com família...famílias importantes...das cidades nas quais eu circulei...mas eles nunca me questionaram...nem falaram nada...o tratamento sempre foi muito tranquilo...então...assim...por isso que eu não consigo...enxergar isso...eu não tive esse problema...

Tatiana: ...hum...e eram famílias brancas...?

S1: Sim.

Tatiana: De pele branca...humhum...E seus amigos que são negros...? ...negros no sentido *pele preta*... Porque a classificação do IBGE é interessante... mas é complexa mesmo...Algum... já questionou...você já viu...(PAUSA) já presenciou...alguma coisa...alguma questão que...que remeta justamente a essa questão das relações raciais..., por exemplo?

S1: Partindo deles?

Tatiana: É...

(SILÊNCIO)

Tatiana: ...de dificuldades... de relacionamento...ou quando...não...não...dificuldades de... de preconceito mais diretamente...mas de coisas que possam surgir advindas das entrelinhas...já viu ou ouviu alguma queixa...deles nesse sentido...?

S1: Não...

Tatiana: ...e aí...queixas de formas muito diferentes...né...nem sempre verbalizada...né...muitas vezes aparecendo de outras formas...

(SILÊNCIO)

S1: Não... não...particularmente...não...ahm...(PAUSA PROLONGADA)...Puxando pela memória talvez até sim... mas é tão pontual que é quase...que inexistente assim...é tão...é levado na brincadeira que...é...(PAUSA) É...da minha sala do segundo

grau...tinha...um...dois...tinham três pretos...duas meninas e um menino. Das meninas eu não sei falar... mas do...desse um menino...ahm...ele mesmo...as vezes ele falava... “ah, não sei o quê preto...” mas, muito pontualmente...é...não sei...pra mim parecia que não o afetava tanto...ahm...o problema de cor da pele...talvez hoje afete mais... mas, eu não sei...talvez afete...talvez na época afetaria muito mais...mas pelo menos não deixava transparecer...Nossa...mais muito...extremamente pontual...não era uma coisa assim...enfática...não...

Tatiana: Humhum...

S1: Não foi enfático...

Tatiana:...e na graduação? ...

(SILÊNCIO)

Tatiana: ...porque não é uma coisa que as pessoas saem... né... “olha, eu fui ali agredida... ali, ó!”. Não é uma coisa sempre verbalizada ... mas eu digo por conta do convívio né...mais próximo...com as pessoas...quanto mais afinidade a gente vai tendo...talvez os afetos...né...os sentimentos...acabam aflorando...do outro...ham...e talvez...sim ou não...a gente perceba...Na graduação você teve a oportunidade de conviver com algum negro...em algum momento de forma bem próxima...teve alguma oportunidade...?...e se isso aconteceu...algum amigo que é preto...ter falado pra você... “nossa... eu me senti...discriminado...eu poderia ter passado nisso...porque que eu não passei”...

S1: Durante a graduação... eu não tive amigos próximos que fossem pretos...(PAUSA) é...na minha sala não...não tinha... não tinha preto...não tinha...então...assim...

Tatiana: Algum preto na XXXXX...assim...próximo de você? Eu já vi alguns ...né...mas...

S1: Geralmente é o pessoal da África que vem... no intercâmbio e tal...mas...é um ou outro gato pingado assim...que tem...mas...próximo...não...

Tatiana: ...e que a relação é diferente né...ou não...com o estrangeiro...ou não?

S1: ...se a relação é diferente com o estrangeiro?

Tatiana: ...é... com o estrangeiro? Por conta da proximidade... mesmo...cultural...porque até né...até se estabelecer um contato...

S1: É... eu nunca tive tempo de...coisa...de...de...estabelecer este tipo de relacionamento...e também eu...eu acho que boa parte do...dos pretos que entram na universidade não são pretos pobres...totalmente miseráveis...acho que na universidade não tem ninguém tão mal assim...pelo menos as pessoas tem algum mínimo necessário...então...assim...é...(REFLEXÃO)

Tatiana: Já tem uma peneira... mínima?

S1: É... já tem uma peneira...mínima...é...mas também se você pegasse as pessoas que tivessem muito pouco preparadas...eu não sei se elas conseguiriam sobreviver aqui não...

Tatiana: Como assim?

S1: Porque requer... um preparo anterior...uma capacidade de leitura...assim...mais...apurado...é...uma capacidade de memorização um pouco maior...e eu já vi...muita... parcelas da população que...eu não sei porque...mas elas não conseguem...ter um bom desempenho nesses quesitos...e são pessoas novas...não são pessoas velhas...eu não sei porque...mas talvez...é porque a educação básica esteja muito ruim...mas faz tempo que eu não...eu nem tenho conhecimento de ...de educação básica...não sei...isso não é uma coisa próxima de mim...então assim...eu não sei se pegasse essa pessoa e colocasse na universidade...eu não sei se ela conseguiria sobreviver...sobreviver no sentido de que...é...o professor vem e dá aula...e você tem que ficar esperto...e vai estudando por conta própria...e...tem que aprender na raça...

Tatiana: Humm...

S1: Então... não sei...mas isso também é uma...especulação minha...não tem muito fundamento o que eu estou falando...talvez não tenha...mas eu...não tenho nenhum estudo aprofundado...agora...é...eu não sei se...se...esses pretos da universidade...já sentiram alguma coisa assim...hum...ninguém nunca chegou a falar... (PAUSA REFLEXIVA) ...eu não sei...talvez a universidade seja um ponto...um lugar favorável no sentido de que a tolerância é maior...então...eu...você não sente muita coisa

assim...particularmente eu nunca tive esse problema...nem comigo e nem nunca vi uma pessoa preta assim... reclamando...assim...

Tatiana: Humhum...

S1: ...pelo menos até aonde eu circulei... dos meios onde eu circulei...

Tatiana: Humhum...É o que que você acha dessa política de inclusão? Ahmm...digamos... o bônus...né...e agora eu não sei até que ponto anda...como as coisas estão...é...de pretos e pardos... como forma de também promover a diversidade aqui dentro...tendo em vista um pouco...do que você falou...ahm...o mito da democracia racial... (PAUSA) Você acha que isso é pertinente? Assim...fala um pouquinho do que você acha disso...

S1: Ahmm...esse problema...né...de...de...mito da democracia racial...ele é um problema histórico... você tem que tentar buscar isso... não é que seja um problema histórico... na minha opinião...você tem que tentar buscar...é... isso em termos históricos... porque a colonização brasileira foi uma colonização totalmente diferente da colonização americana...então essa relação entre preto e branco ela foi muito mais...muito mais fluida do que...nos Estados Unidos...pelo que me parece...

Tatiana: Fluida...em que sentido?

S1: Ah...porque não tinha...esse problema de...é...ah...é...branco não pode se relacionar com preto e ponto final.

Tatiana: Hum...

S1: Até onde eu sei...no Brasil...não existiu...não existe...lei proibindo casamento entre preto e branco...acho que não teve...ou seja a coisa no Brasil...ela era mais...tolerada...né...pelo próprio português...que...apesar da forma de colonização...e de alguns vícios que a gente herdou de Portugal...em termos de...na sua relação com...com...(PAUSA REFLEXIVA) ... Teve um questionamento em uma aula de história XXXXX que foi muito interessante...no Brasil a escravidão não durou tanto tempo por causa de nada...aí...no Haiti...o país...os pretos do Haiti...eles mataram boa parte dos brancos...se tornaram independentes...em mil e setecentos e pouco...agora eu não me lembro...de cabeça...é...nos Estados Unidos a gente sabe que relação entre preto

e branco não era amistosa...ainda não é...na África do Sul é a mesma coisa...com o problema do *Apartheid*...

Tatiana: E aqui no Brasil... você acha que essas relações são mais tranquilas...é...ou...ou existem outras coisas...ou existem conflitos que são silenciados...ou então isso...

S1:... Pode ser que existam conflitos mais silenciados... se forem silenciados...nós somos um povo muito esperto...com uma capacidade de...controlar as coisas absurdamente...e eu tenho até medo então...se...se...for um...conflito abafado...ou...contornado...eu tenho até medo de o Brasil ser uma grande potência...no mundo...porque se fosse...se o Brasil fosse uma grande potência do mundo...no mundo...tipo...o primeiro país...do mundo...então...minha Nossa Senhora...então...meu Deus do céu...então a nossa capacidade...se a nossa capacidade de dissimular discriminação...for tão absurda...então a gente consegue acabar com o planeta...É...se as elites do Brasil...tem essa capacidade...de...de fazer uma coisa...e deixar transparecer outra com a capacidade tão convincente...então...se a elite brasileira fosse uma elite...dominante no mundo...a gente estava...perdido...não sei...eu preferia...a elite...inglesa...não vou nem falar que é a americana porque a americana é um pouquinho pior...

Tatiana: Existem tipos diferentes de racismo... em lugares diferentes...na Inglaterra é um...na Europa...tem um tipo de racismo...nos Estados Unidos...isso também devido as contingências históricas...e...o nosso, né...à *brasileira*...tem um tempero peculiar...

S1: Mas...foi...é...pois...é...então assim...tem uma coisa muito...muito...uma coisa...bem...bem...maleável...bem...permissiva...porque o senhor de engenho...ele tinha filho com a escrava...e...querendo ou não...ele adotava o menino lá...ainda que fosse bastardo...mas ele colocava o menino...ali na fazenda...existia um espírito...um coração...eu não sei...um coração bom...em certo sentido...por parte do branco...é...uma...uma...provavelmente...

Tatiana: Hum...

S1: É sim...ahm...um questionamento que voltando atrás...é que a escravidão no Brasil durou muito tempo porque...isso era um questionamento colocado...aí na literatura

que...a escravidão no Brasil durou tanto tempo porque era boa para ambos os lados...porque se não fosse boa para ambos os lados...a escravidão não ia até 1889...formalmente...então assim...tinha escravo...escravo de ganho...escravo alugado...escravo que era meio...era escravo mas era meio capataz...que era meio estranho...e os pardos entravam no meio como...o capitão do mato...bem coisa...então...

Tatiana: Hoje isso é diferente, né...um pouco diferente...mas você consegue perceber de alguma forma...na rua...não com conhecidos também...porque as vezes estando com os conhecidos ou não estando com os conhecidos...assim...só em circular...nessa coisa cotidiana da gente circular por aí...né...entre muros da universidade...fora dos muros da universidade...na vida cotidiana...porque a gente transita...né...as coisas são muito diferentes...Você consegue perceber isso...ou você não consegue perceber isso...ou isso realmente não existe...?

S1: Olha...pode...existir...sempre existe...mas é uma coisa que é...extremamente difícil de...de...de conseguir separar...porque...uma hora você está... correntemente na sociedade...ahmm...é...é...é correntemente colocada como um conceito bom...uma coisa boa...ter um bronzeado...ter um bronzeado...implica em não ser branquelo...então...assim...quem é branco no Brasil...isso é visto como...eu já escutei várias vezes reclamar...porque não consegue bronzear...ir na praia e pegar um bronze...então...assim...ah...sou branquelo... porcaria...vou na praia e fico vermelho...não fico moreno...e...e...correntemente...se...circula na sociedade que é bom a pessoa ter um bronzeado...é colocado como uma coisa maravilhosa...então...assim...

Tatiana: Hummmhumm. Mas você acha que o racismo é por conta só do “bronze”?

S1: Não... não é a questão do bronze...é que...o que eu estou colocando é assim...é...qual...que é o grau de profundidade...do racismo no Brasil...dentre todos os graus de...de...de racismo...qual...qual que é o grau de racismo existente no Brasil...?

Tatiana: Você acha que tem uma memória aí...por conta disso?

S1: Porque ao mesmo tempo que... pode ser que...ser preto é ruim...mas ao mesmo tempo a sociedade fala... que é bom ser bronzeado...ela é extremamente titubeante...

Tatiana: Ser preto nos dias de hoje com ações afirmativas, cotas é bom? Será?

S1: Eu acho que é mais mal visto pela sociedade...

Tatiana: Por quê?

S1: É mais mal visto pela sociedade porque o Brasil tem um problema que é... aquela idéia de...de...tentar tirar uma vantagem...brasileiro sempre gosta de...de...tirar proveito de alguma coisinha aqui e ali...então...como isso é uma característica geral da sociedade...eles...a sociedade enxerga cota e política pública pra preto como se fosse uma forma de...declarada de tirar uma vantagem...então assim...ao mesmo tempo que o brasileiro...faz isso...mas ao mesmo tempo ele não gosta...então a pessoa enxerga de modo geral...a pessoa não... a sociedade com suas diferenças...de opinião ...mas de um modo geral me parece que ela enxerga isso...como forma de alguém tentar dar o tombo...no sistema...

Tatiana: Hummhummm... E quando a gente se apresenta como... pensando ações afirmativas pra além das cotas...é...quando a gente vê cotas, por exemplo, pra mulheres na política...cotas pra ...ahmm...pessoas com deficiências... Como é que você enxerga isso? Você acha que é uma coisa mais tranqüila ou não...? Estou perguntando isso também pra saber... se a questão racial no Brasil é uma coisa desconfortável de discutir...?

S1: Ela é desconfortável no sentido de que...

Tatiana: Ela ainda é uma questão desconfortável apesar de tudo o que se divulga...?

S1: Eu acho que é desconfortável sim porque ...(PAUSA) ninguém gosta de discutir...a questão racial...quando ninguém gosta de discutir a questão racial...é porque ela incomoda...ninguém quer discutir uma coisa que lhe incomoda...é...

Tatiana: E é... diferente de discutir questão racial, por exemplo, de...discutir...é...pensando assim...ações afirmativas né...bem...a questão racial...a questão de gênero...ahm...deficientes...ahm...entre outros...índios...a questão racial ela ganha um destaque por conta desse desconforto...nesse sentido...será que as outras questões...elas são menos desconfortáveis...de discutir na nossa sociedade...do que a questão racial...?

S1: Não... as outras questões...são menos desconfortáveis...? Tipo... é menos desconfortável discutir problema de gênero do que de negro... Ahmm...não...eu acho que não...é quase equivalente...porque...a sociedade brasileira ainda é machista...é...mas também tem por outro lado a...ahmm...uma coisa que eu tenho observado é que...por exemplo...é...ahm...desses três problemas...que...são...a questão de gênero...a questão racial...quero dizer...dessas duas né... a que mais ultimamente tem...é...repercutido...e...mais tem...tem...se embrenhado...é...é...na vida...da sociedade é a questão da homossexualidade...é...me parece que tentou-se colocar na pauta...a questão racial...não colou...e aí tentou-se colocar...tenta-se colocar a questão da...de...gênero...mas não tá também pegando...talvez essa discussão seja o mais acentuado talvez por causa da eleição de uma presidente...mas parece que não dá pé...mas conseguiu pegar muito mais a questão de homossexualismo...por quê? (SILÊNCIO) ...né...eu não sei...isso aí eu...não consigo entender...dessas três coisas...pelo o que eu estou observando...a questão do homossexualismo é o que tem mais criado ramificação...mais...se discutido...mais...criado meios...isso e aquilo outro...né...do que a questão da diferença de gênero e do que a questão racial...me parece...então...eu não sei...dessas...três coisas...qual delas dói mais no calo da sociedade...entendeu...

Tatiana: Hummmmm...

S1:...porque...ser preto é uma condição que não tem como esconder...então você consegue conversar...ali...você vê preto e branco conversando...e tal...brinca aqui...brinca ali...e X, Y, Z. Mas...se a pessoa é homossexual...e o outro não é...até que a outra não se declare...tudo bem mas...quando vira e fala que é... a coisa simplesmente gela...e...você fica meio com o pé atrás...assim...de modo geral...tem um problema muito mais grave...então assim eu acho que a questão racial...ainda não é o maior problema...da sociedade brasileira...ainda não é...ou pelo menos...se for colocar em grau de...é...se for fazer um...ranqueamento de coisas mais...graves de...em termos de concepção...de como...são abordadas as coisas pela sociedade...eu diria que a questão racial...não é tão...não é a primeira no ranking de...preocupações que a sociedade tem que ter...como abordá-la...acho...por causa que historicamente...o branco ter tido uma ama de leite preta...e o filho...do...do...senhor de engenho é moreno...e aquela coisa ali...então...historicamente...não teve problema...então assim...não é uma coisa que afeta

tanto...mas o homossexualismo pega muito mais...então...hummm...(PAUSA)...é uma coisa muito mais...é...hum...não tenho uma palavra específica para definir a questão racial...mas...ela não consegue...ter gancho na sociedade...talvez porque a maioria da população não seja branca...embora a pessoa chegue lá no IBGE e marque que é branco...de fato ...ela não é branca...ela fala branca porque deve ser mais bonito...sei lá...por algum motivo ela bota branco...mas quando ela olha...pro outro lá...pro pai...pra mãe...pro irmão...pro amigo...pro time de futebol dele...ele vê...os caras tudo da mesma cor dele...então...ele...ahumm...o indivíduo não consegue...discernir branco...preto e coisas do gênero...agora se você pegar qualquer brasileiro aqui...e botar...colocar lá na Alemanha...aí o cara realmente que o trem tá meio esquisito...mas enquanto a gente estiver conosco...a gente...mesmo aqui...ahumm...não é uma coisa que é assim tão...óóh! Você não consegue...é...muito...sutil...e é muito acostumado...Brasil...preto a ver branco e branco a ver preto...então não é uma coisa que... “nossa meu Deus... é um absurdo”. Embora nos Estados Unidos também... preto veja branco e branco veja preto...mas a forma como foi tratado a relação dos dois é que dá um tom diferente..., né...aqui...a coisa foi muito mais próxima...então...ela fica muito...muito difícil de separar...não é tão estanque assim...pelo menos é o que eu acho...assim...

Tatiana: Bacana, S1. Vamos parar por hoje um pouquinho. Tá, ótima a conversa... mas eu vou respeitar o seu horário também, né...se não nós vamos ficando... (RISOS)

APÊNDICE B

Belo Horizonte, 06 de abril de 2011

Entrevista com Sujeito 2

Tatiana: Então, Sujeito 2, eu queria que você falasse um pouco da sua infância...das suas referências...quem é sua família? Quem são seus amigos...? De onde é que você veio? Quais são as suas coisas mais...caras...né...a partir da sua infância?

Sujeito 2: A partir da minha infância eu posso construir...a partir...na verdade... de qualquer ponto referencial...que a minha história sempre começa a partir da história da minha mãe...de quem eu herdei o capital cultural...o financeiro...foi quem me sustentou por todo este tempo...e...a figura importante na infância pelo fato de...ser uma gravidez independente...né...me criar sozinho...sem a presença de um pai...o que na verdade...de maneira alguma foi boa...é...como se diz...refletir negativamente na minha criação.Eu não fui um garoto problema...é...minha mãe soube suprir muito bem está parte...talvez muito...talvez...da trajetória...muito vivido por ela...que era uma filha adotiva...veio de uma situação que...não era lá...uma filha da família...mas talvez...a...aquela empregadinha que se preze para morar e fazer o serviço da casa...o serviço doméstico...né...ao qual...por desventura...né...ou talvez por...grande sorte do destino...que sou eu, o fruto...veio a entrar num processo de...produção independente...hum...daí começa a...trajetória interligada pela da minha mãe...que a partir daí começa como um marco zero...meio que... por uma interrogação sobre quem são os nossos antepassados...é...mais construir de forma muito concisa...a partir desse marco zero...é...em termos de criação...as amizades com quem eu tive...né...Foi a parte da minha infância...até os dez anos...morei no Triângulo Mineiro...uma região característica...de característica cultural...é...vamos dizer assim...muito influenciada pela questão econômica...então...o pessoal...é...num...não consegue...ham...a característica cultural está muito relacionada a economia né...preza-se o que gera lucro...o que é...o que dá dinheiro...então surge a oportunidade...bem *linkada* ao passado que minha mãe teve que...é...emergencialmente dar aulas no interior do Estado...a gente abarcou no Vale do Jequitinhonha. A situação é que... tinha uma tia que morava por lá e...assim

disse que seria mais fácil a minha mãe conseguir aulas por lá...já que não haviam muitos professores formados...Moramos lá...coisa de ...talvez um ano...enquanto eu tinha dois anos de idade...e assim que apareceu o primeiro concurso para professores do Estado...minha mãe...tentou...para que a gente voltasse pro Triângulo...aí ela foi e passou no concurso...voltamos para o Triângulo, né...e aí...é...eu tenho em minhas memórias...toda essa vivência...de...vamos dizer...memórias de...cinco anos de idade até...os dez anos de idade...é...do Triângulo...mas são coisas que...é pessoas que acabaram...dando lugar a outro cenário...pessoas com quem eu vim a ter...a partir dos dez anos... que a um cenário...a outro cenário completamente antagônico ao do Triângulo...que já tinham um capital cultural diferenciado...por viver já...historicamente um processo de...de políticas de desigualdade...né...então inicia-se aí...uma formação...que tem uma explicação lógica...no que eu sou né...por eu morar na região do Vale do Jequitinhonha...também considerada a região das mais pobres do Estado...mas...é...mas lá...começo a ter contato muito com o que eu venho a valorizar hoje que...vamos dizer...a...as questões de saneamento...a questão de abastecimento de água...principalmente...e por lá...que eu fiz vários amigos...é...desses vários amigos...as vezes eu sou...fui mais amigo dos pais...desses amigos...eu tenho muitos amigos sexagenários...por ser assim...dizer...é...que também contam com uma bagagem cultural...e de experiência que me ajudou muito na...formação...e na...trajetória que eu sigo hoje...é...Há o fluxo natural de quem morava naquela região...por não haver oportunidade de um ensino superior...era...abandar na capital...é...oitocentos quilômetros de distância mas...ainda sim a capital Belo Horizonte...era o principal destino...muito contradizente a posição do Triângulo Mineiro. No Triângulo Mineiro...muitos talvez nem saibam que a capital do Estado é Belo Horizonte...e aí...já entra também a questão da identidade cultural...que o Triângulo é um “Estado” quase paulista... vamos dizer assim...e aí eu já fui perdendo os laços com o Triângulo...e isso inclui as amizades e...eu fui cada vez arraigando os laços com essa questão de identidade local...né...de ser mineiro...brasileiro...mas mineiro...de Minas e não mineiro paulista...e ainda mais microrregional que é esta questão do Vale do Jequitinhonha...é já que...era um processo...era um caminho muito...pouco explorado...alguém...do Vale do Jequitinhonha estudar na universidade pública, até então...Então eu não encontrava muitas [amizades] pra me contar de tal experiência. Foi aí que eu cheguei aqui...após o processo penoso do vestibular...e...é...eu tenho que continuar por aí ou eu tenho que direcionar...?

Tatiana: Ah...eu vou te perguntar...uma coisa...quem é a sua mãe...? Porque sabendo um pouco da sua mãe... a partir das informações que eu tive...eu fiquei curiosa de saber quem é a sua mãe? Quem é essa mulher na sua vida?

S2: Uai...minha mãe...é...as vezes...se eu fosse considerá-la só como mãe...no sentido...no ofício da palavra...eu já teria que dar créditos meu...pela criação...por tudo o que me proporcionou...é...pela presença...pela...por suprir o papel de pai e mãe...né...e...e ainda dou um crédito maior...pela trajetória que ela teve...que...que vamos dizer assim...não teve oportunidade de ter...ser enxergada com crédito por nenhuma outra pessoa que não fosse eu: filho dela.

Tatiana: Como assim?

S2: Porque...ela começa logo...a adoção...ela teve...soube por...uns parentes consanguíneos que ela encontrou... já depois de uma situação formada...que falaram que a mãe dela dava pinga pra ela dormir enquanto bebê...pra poder sair e tal...e ela foi achada...assim...por essa família que veio a adotá-la...Ahm...eu não venho a discutir o mérito criação da família...é que eu...não tava muito presente...mas é que me passa a imagem que eu até falei antes...de ser aquela pessoa...que mora nos fundos...a empregada da casa...e aí ela...junto de outras duas irmãs adotivas...dois filhos legítimos e três adotivos... de mesma faixa etária da minha mãe...E pelo o que minha mãe me conta...só hoje recentemente, né...ela sempre...era privada de algumas coisas...até mesmo...perante as...as adotivas, né...e isso...pelo o que ela me conta...sem nenhuma...mais pelo fato de predileção...mesmo...de uma por outra...mas então...aí ela começou a fazer as coisas muito cedo...a ir pra cozinha mesmo...a fazer as coisas com nove anos...trabalhou no supermercado a partir de treze anos até...a conclusão do curso superior...que nesse processo...até mesmo não era muito típico da época...ela conseguiu terminar o segundo grau...a um tempo...na idade...é...dos tempos de hoje...e...emendar o ensino superior...fazendo no Estado de São Paulo...coisa de duzentos quilômetros de distância...ela ia de carona todos os dias...né...Por ocasião...o primeiro...envolvimento

da vida de mulher dela...que eu vim a ser fruto de...dessa...desse...vamos dizer assim...dessa relação inesperada...na ocasião o meu pai biológico...ele é...ele é casado...pra época não convinha pros padrões...né...então...não me assumiu...essa situação se perpetuou até hoje mas...não faço questão também, né...já...as águas já se passaram...mas isso pra época foi muito...desgastante...uma pelo fato de ser uma filha adotiva...outra pelo fato de ser...um filho é...de um fruto de um...relacionamento proibido...é...e outra...que acabou degradando com o tempo é a questão de ser negra...os filhos legítimos eram brancos...sem nenhuma predileção entre legítimos e adotivos mas a própria sociedade já vai aliando aquilo ao fato de ela ser negra... ela só não sofreu maiores aportes de resignação pelo capital cultural que ela adquiriu logo cedo...foi professora concursada...então...é...mais aí...depois de ter esse resgate dessa figura em *off*: mãe...é que eu tenho uma valorização hiper extrema que é...só o ofício mãe...né...Então a minha mãe é essa pessoa por quem passou por tudo isso...pra poder deixar como herdeiro, né...a minha pessoa...então a intenção é sempre também fazer...lutar mesmo...pelas coisas...não abaixar perante as dificuldades...que eu acho que foi isso que ela me ensinou...mesmo sem querer mostrar essa realidade. Essa realidade, ela não me foi posta na infância... ela foi posta aos poucos e talvez...de maneira até...assim...ahm...timidamente...por parte da minha mãe...por não querer que...já que ela não teve essa questão de meritocracia na trajetória dela...porque ninguém dava valor a isso né...aí...só...a minha posterior presença que passou a valer...e a fazer sentido, né...Aí, hoje...foi...quem é essa figura...a minha mãe hoje, né...ah! Que eu tenho que explicar porque da ida ao Vale... foi muito do que eu queria dar a minha mãe a oportunidade de ser uma esposa...eu queria ver a minha mãe com alguém...foi a ocasião que ela...casou com o meu padrasto...

Tatiana: Humhum...

S2:...estão juntos até hoje.

Tatiana: Quantos anos você tinha na época?

S2: Dez. Ahm...eles devem estar com...dezesseis...dezessete anos de casados...veio a ter a minha irmã...minha irmã agora com...minha irmã tá com treze...quatorze...vai fazer quatorze...Mas aí a figura já muda...aí eu construí a minha figura junto ao meu padrasto...é. Eu sempre mantive essa figura padrasto... até eu não...não tenho dentro de mim essa coisa de ficar associando uma figura paterna que não seja a minha mãe...então...pra mim tanto faz...padrasto...pai...chamá-lo assim...eu não chamo ele de pai, não, sabe...mas pra sociedade...apresentá-lo...esse é o meu pai e tal, né...faz bem pra ele...eu acho que...que ele pode sentir isso...que ele participou da minha criação...foi importante também...em alguns aspectos rígidos...assim...mas essa figura é da minha mãe. Mesmo com o nome de mãe...com o acento circunflexo mais...é...vamos dizer assim...mais grafado...mas fica só como mãe mesmo...Mas aí, ela está casada...tem a minha irmã...morei com eles até os meus dezesseis anos...aí eu sai para fazer parte do segundo grau na cidade vizinha...e daí já vim pra cá...né...aí eu morei pouco tempo...com a minha irmã...mesmo...eu tenho uma ligação muito forte...gosto muito...inclusive a gente conversa todos os dias...eu e minha mãe e a minha irmã...todos os dias sem exceção...por telefone. Aí hoje... eu...é...tenho assim...certa tranquilidade com a minha mãe porque...ela...hoje ela é aposentada...não conseguiu ficar parada...então...ela trabalha ...num dos escritórios que o meu padrasto...isso até...um assim...ele também em *off* deveria...tem muito o que agradecer a ela pela...pela inserção da figura dela na vida dele...pelos direcionamentos que ela...deu na formação dele...na época ele não tinha curso superior...ela o incentivou a fazer...pelo menos o técnico...depois culminou no superior...e aí uma linha de mercado que tava em ascensão...eles começaram a mexer...e hoje tem um padrão...de nível alto pra região...ele tem cinco escritórios pela cidade...espalhados...pelo Vale...e ela gerencia um dos escritórios...e então assim...já é uma figura...diferente, né...é...uma figura que foi a minha mãe, lá...mas aí...cortando... o cordão umbilical foi cortado...né...Aí a minha mãe é aquela figura que está a oitocentos quilômetros de mim...mas sempre dentro do meu coração...e tal...e hoje...tem uma vida tranquila...com o merecido descanso...depois de tanta luta...né.

Tatiana: Bacana...

S2: Hum...mais algum direcionamento...?

Tatiana: É...ahm...eu gostaria que você ficasse muito à vontade...pra falar o que você quiser...Mas...assim...a sua mãe me chama muito a atenção...

S2: Ah... eu também...sempre...tento...que eu já contei essa história pra um professor meu...que é meu pai aqui dentro...né...a quem eu...desde que eu saí do Conexões até hoje eu tenho relação...que é meu orientador...e ele conversa comigo como...se fosse um amigo e filho mesmo...

Tatiana: Bacana isso...

S2: ...aí eu contei a mesma história assim pra ele...ressaltando...sobre...quem é a figura que está por detrás de mim e porque que eu estou aqui...eu...sem essa figura...eu acho que...desvirtua totalmente...não seria esse o meu interesse... não...É...eu digo...poderia tá lá eu pensando só no âmbito do meu diploma...em XXXXX⁹⁷...e querendo construir arranha-céus de Belo Horizonte, né...mais essa é uma lógica...que passa muito...mais muito longe dos meus...(PAUSA)

Tatiana: Dos seus interesses de formação?

S2: Dos meus interesses de formação...de intervenção junto a sociedade...ah...e aí...isso.

(RISOS)

S2: É...é...e o que mais...?

Tatiana: E quem é a sua irmã? Você disse que conversa com ela todos os dias...com ela...com a sua mãe...

S2: Hum...

Tatiana: Como é que é ser irmão?

S2: Oi?! Ser... irmão...

(RISOS)

Tatiana: Como é que é ser irmão?

⁹⁷ Curso de graduação de S2.

S2: Ai... as vezes eu fico querendo...é até uma forma meio estranha...porque eu...eu acho que eu não consigo ser irmão...e olha só que curioso...que eu parei pra pensar agora...eu fico querendo ser pai...dela...então assim...eu tenho uma postura mais paterna...é irmão mais velho né...mas aquela postura paterna de...preocupar sobre a série dela...seguinte...do ano que vem...já mandei esse...eu mandei um...monte de material de provas Coltec, Coluni...que ela está na oitava série...projetos...programando pra ir para essas escolas que eu acho que as melhores do Estado...então...eu tenho essa coisa de ligar todo o dia...e saber..."ah...tá estudando" . E também da questão de saber dos namoradinhos...

(RISOS.)

S2: Aí...já tenho...coisas que o pai dela nem...acha natural...mas eu fiquei hiper irado quando fiquei sabendo do primeiro beijo dela...

(RISOS.)

S2: ...e... aí fico nestas coisas de ficar mapeando...antes eu ficava muito...vasculhando o Orkut dela pra saber o que que eu descobria...frases...no MSN...é...coisas de irmão mais velho...que se confundem com toques paternalistas...É...mais aí...eu tento também contornar um pouco a situação porque aí a minha mãe...ela ao mesmo tempo que...tem essa coisa de ficar...vangloriando demais a minha mãe...ela tem o triplo talvez...de me vangloriar...por achar que eu não devia estar aqui de jeito nenhum...pela trajetória difícil que a gente teve...mais...ela nem para pra pensar que...ela deu conta, né...ela sempre acha que foi muito pouco o que fez...por mim e tal, né...é...porque logo quando eu cheguei na graduação...aqui...não tinha muito como...me sustentar não...então os primeiros meses foram penosos...até...é ...era coisa que ela poderia mandar pra mim...duzentos reais...nada mais...e eu tinha que me virar...aí foi que...uma fase que entrou a FUMP...entidade que eu até...gosto muito...tem alguns pontos de vistas contrários...como qualquer pessoa...mas...foi de função essencial na minha graduação toda...é que foi...como complementação aos meus ganhos de bolsa de pesquisa...o Conexões quando eu entrei...eu tava...talvez no segundo período...desde...lá...eu não fiquei nem um mês sem...bolsa...CNPq...

Tatiana: ...humm...muito bom...

S2: Aí...então... a formação foi tranquila. É...mas aí então...a minha mãe tem muito disso...de achar que eu fiz milagre...e tal...tudo era muito difícil...Às vezes eu ligava pra ela e dizia: “ó mãe, ó fui reprovado outra vez naquela mesma disciplina” que eu falei pra ela do semestre passado... Ela: “mas não tem problema, eu sei que você correu atrás. Parado eu sei que você não ficou não...”. Então eu nunca tive uma cobrança...por parte dela...já a minha irmã ela sempre acha que... “ah...porque o Leonardo nunca teve o que você tem aí agora...computador...eu nem sabia o que que é isso...porque eu nem tive condições de dar um computador pra ele...ele que comprou o computador dele...não sei o que... agora você tem tudo isso...e tal”. Sempre é uma cobrança muito maior...que as vezes eu tenho que tentar...é ...dar uma acalmada...uma apaziguada na situação que...a ocasião proporcionou que houvesse esse aumento de padrão de vida...que assim seja...a minha irmã não pode ser tão cobrada assim...que senão ela...tende a sofrer muito mais que eu...e na verdade eu não sofri muito...hum.

Tatiana: Qual é a formação da sua mãe?

S2: Minha mãe é formada em Letras, português-inglês, e deu muita literatura...também...hoje ela simplesmente apagou isso...da memória.

Tatiana: Mesmo?

S2: Mas isso foram...calos que o Estado ocasionou...porque ela teve um problema seríssimo de garganta ao longo da...então na época em que a gente morava no Triangulo...uma região mais...fria...o médico falou com ela: “você não pode voltar a dar aula”. Ela ficou em funções administrativas... trabalhou em secretaria e biblioteca...aí quando a gente mudou pro Vale...ela começou só por...passa tempo...e daí começou...a virar ofício e...ela pegou cada vez mais aulas...porque o clima...era propenso e ela até então nunca tinha tido crises...mas agora...recentemente...começou...a ter crises contínuas de garganta...fica rouca mesmo...problema sério...e ai agrava...problema de coluna e ...vários...outros problemas de saúde...aí junte-se a isso...um plano de saúde não tão...abrangente...esse...esses problemas mais sérios...nenhum era abrangido pelo plano de saúde...o salário também não tão condizente...é...a falta...de aumento...em períodos bem longos também...então...e aí...o nível de aulas...que o governo queria né...reprovação deixou de ser uma palavra que existia no ensino fundamental...depois o

médio...e com isso...houve uma grande marginalização dos alunos né...até de...vamos dizer de...ameaça mesmo...se você não me passasse você está desempregado...sem lá...eu te mato...é os alunos...coisas desse tipo, né...E foi perdendo o gosto pela coisa...de maneira que professores de escola estadual...são muito atrelados a ter...que cumprir aquele horário da aula...corrigir prova e tal...não é prevista uma...capacidade de elevação do nível de produção...científica, né...Professor universitário...ele a todo o instante ele tá...crescendo mais e mais...o professor secundarista...é na verdade...está até regredindo...que a formação que ele obteve lá no ensino superior...não vai retendo a reciclagem...e aí acaba que o nível dos alunos foi caindo...cada vez mais...e aí...nível de reciclagem também...

Tatiana: Não tem tido incentivo?

S2: É...parte governamental então não tem incentivo...Aí...é...foram coisas que foram entrando em desuso na vida da minha mãe...aí ela já não dá mais aula de inglês...consequentemente não lembra de quase nada...

Tatiana: Hum...

S2: É..eu até fico assim um pouco preocupado que ela...tenha até certo...e nesse também sem contar o grau de visão que já tá afetado...mas ela tem certa rejeição a leitura de livros assim que ela que...antes eram essenciais...que ela mesmo falava: “oh, vocês tem que ler tal e tal livro”. Mas ela não gosta nem de lembrar...mais isso fica como marca negativa da profissão...foi o ganha pão...possibilitou...é...com que ela criasse a família mas...com o passar do tempo não dá pra falar...que ela amou a profissão...que sente saudades...

Tatiana: Nossa...!

S2: Ahm...hoje ela mexe com o ramo financeiro...então...ahm...nada a ver mais...é...ela até gosta...porque ela lida muito com o público...e tem gostado...tal...mas ela faz aquilo bem...de maneira...sem ser...forçosa...tanto que quando ela quer o momento de férias dela...ela fala: “Eu to indo pra Belo Horizonte”. Ela vem...aí meu padraço segura as pontas por lá...e assim...na verdade...eu...tava preocupado com que ela ficasse em casa...é...pra ter o descanso dela mas...eu vi que era melhor não...na verdade até que...meio que...forçoso esse trabalho dela...são cidades vizinhas onde que...tudo perto,

né...então ela mora em uma cidade YYYY⁹⁸...anda vinte e cinco quilômetros até a outra...que tem o Jequitinhonha...tem um escritório...então ela vai e volta...todo o dia...

Tatiana: Andando mesmo? À pé?

S2: Não, não. Vinte e cinco quilômetros... é aí tem a condução...(RISOS) é rara mas...tem. Aí hoje... ela... hoje em dia...faz o quê? Faz... coisa de um mês que ela tirou a carteira dela...nunca imaginei que ela ia fazer isso...mas aí daqui a alguns dias já tá indo de carro já. Mas aí então eu pensava: “Mas... coisa pesada... nossa minha mãe...acordar cedo pra ir trabalhar lá na outra cidade...” . Mas não... é uma coisa que ela faz de bom grado...tá ajudando no orçamento familiar...vamos dizer assim...

Tatiana: Você acha que ela está feliz?

S2: É... tem...ah...é...vamos dizer que tem algumas desavenças entre...marido e mulher...ela já...em vários instantes já pensou em separar...e fica o tempo todo falando nisso...eu já me posicionei, logicamente ao lado dela, de não...mas na verdade é isso mesmo...o que ela decidir eu vou apoiá-la também...mas ainda assim...mesmo com as reclamações...eu acho que ela não quer outra vida...que não seja aquela lá...chateações...marido não chega na hora certa pra almoçar...as vezes nem vai...no dia...ela...acho que ela prefere isso...hum...mas aí é isso.

Tatiana: Você cuida da sua mãe...né, S2?

(RISOS.)

S2: É...nessa coisa de ligar todo o dia...é meio que uma troca assim...cuidados né.

Tatiana: Uma mão dupla né?! Um cuidado que vem e um cuidado que vai. E da sua irmã também né?

S2: É...é. Ela até às vezes...eu fico falando assim... “ô mãe você não pode falar assim não...” . Mas é porque ela tem mais apego assim...porque ela sempre teve muito junto da minha irmã...até período maior do que eu...que...vamos dizer assim...na verdade...eu...já tá quase igual né...que minha irmã tá com treze anos pra quatorze...então são catorze anos junto dela...e eu sai com dezesseis...

⁹⁸ Cidade do interior de Minas Gerais onde reside a mãe de S2.

Tatiana: Você tem quantos anos hoje?

S2: Vinte e seis. É...mais ela fala que as vezes que...fica falando “ah, Maria Cecília⁹⁹ não pode nem sonhar...a não mas...eu sou mais apegada é com você mesmo...”

(RISOS.)

S2: ...Mas mais por conta dessa dificuldade...junto...que ela passou e teve assim...um marco de saúde...assim...na minha vida...que foi uma simples cirurgia de apendicite que se transformou num...uma complicação interna de todos os órgãos...quase fiquei dois meses hospitalizados...um tempo de cadeira de rodas...recebi transfusão sanguínea...então foi uma fase muito penosa pra ela que estive...sempre ao meu lado...é...e também...por saber de onde sairia o dinheiro pra pagar todo o tratamento já que o plano de saúde não cobria...

Tatiana: E isso você era criança?

S2: Dez anos. Era a época que a gente tava indo pro Vale. No mês...tipo...dezembro...ahm...dezessete de dezembro de noventa e quatro...Ai, aconteceu isso...uma simples cirurgia de apendicite...ocasionado por um erro médico...e começou uma série de complicações... Natal e Ano Novo no hospital...e o ciclo...o quadro só piorando...aí até que em certa ocasião...porque os pais da minha...pais, né...adotivos da minha mãe...o pai dela era farmacêutico...então...farmacêutico daquela época é que lidava com alguns...procedimentos médicos...né...e aí a minha mãe teve o cuidado de analisar que... o médico do hospital que eu tava queria me abrir em cirurgia...pela terceira vez em menos de quinze dias com anestesia geral...ela falou assim: “não, ninguém resiste a anestesia geral num prazo tão curto desse. Você não vai abri ele não.” E ficou no impasse com o médico...e eu estava numa situação bem degradante...aí...ela...entrou em contato com o motorista da...ambulância do hospital...que era o nosso amigo...e ele se dispôs mesmo sem ordem de ninguém...a me levar para uma cidade vizinha que tinha...melhor condições de me atender...chegando lá o médico dessa cidade falou: “Olha, se abrisse ele...ele ia morrer na mesa de cirurgia...e não há garantias de que dá pra recuperar...não...mas fez a senhora muito bem em ter trago ele prá cá.” E lá eu fiquei mais uns dois...um mês e pouco...passei por

⁹⁹ Nome fictício da irmã de S2

mais...vários procedimentos cirúrgicos...ahmmm...e...e aí...a minha...mãe sofrendo...isso...todo esse dia a dia...tava pra morrer...morre não morre...e eu assistia tudo aquilo de forma agonizante assim...ela...todo mundo pensava que eu tava...se lá...em coma...mas...porque eu não tinha força pra levantar...as pálpebras...aí eu...via tudo aquilo...já praticamente as pessoas me dando como morto...já as pessoas já tavam... lá prá confortar minha mãe...porque a morte já era certa. Aí entra a questão religiosa... que...que minha mãe...assim...tá muito devota, hoje...eu menos...essa até é uma confusão...que passa pela minha cabeça sobre a questão religiosa...que é muito complicado...são posicionamentos né...Mas na época, pela região, tudo era muito voltado para o catolicismo...e na região tinha a questão da medalha milagrosa. Era Nossa Senhora de... Nossa Senhora das Graças...creio eu...e...o pessoal tinha muito costume de fazer votos né. E se fulano melhorar...prometo fazer tal e tal coisa...mas aí o fazer era eu que tinha que fazer... Eu fiquei sete anos pagando votos...

(RISOS.)

S2: ...mas pagava de bom grado porque...a...foi um pouco de milagre...e aí depois de toda a recuperação de um quadro clínico...o médico falou assim: “Olha, ele vai crescer...ele não vai crescer um menino saudável...então tenha muito cuidado na prática de esportes...porque ele vai crescer com problemas ósseos...é bem provável...provável. Nossa...e assim eu fiquei...transtornado...porque na casa que a gente tinha...no interior lá no Triângulo...que a minha mãe chegou a conseguir construir uma casa...ela tinha feito pra mim um campo, né...um gramadinho...que eu ia usar pra jogar bola com os vizinhos...ah, eu ficava indignado de ver aquilo e não poder encostar na bola...hoje eu já não tenho vínculo nenhum com futebol mais...nem gosto...tenho pavor...em falar em time...mas...naquela época era muito essencial pra mim e aí...não sei porque...questão de dois meses...eu já não tinha mais nada...e ai sem a menor possibilidade de crescer com anormalidades, né...E aí eu fazia natação...jogava bola...e aí o médico falava que eu poderia ter problema de pulmão...de insuficiência respiratória...então...pra mim a melhor parte de jogar bola era...tá na quadra em todos os pontos ao mesmo tempo...a isso pra mim era demais...quem queria saber de bola? Eu queria saber de correr ao máximo...e nadar...eu gostava muito de nadar...muito...e também mergulhar...eu gostava de fazer travessias na piscina assim...sem tirar a cabeça pra respirar...só pra testar...o meu novo pulmão né...então...tem aí também...uma vertente que muda um pouco a história...que

fez a minha mãe ficar um pouco mais apegada comigo...né...afinal ela...ela me viu morto...que eu tava em coma por se assim dizer mas...a trajetória ainda era longa e eu tinha muito a fazer pela frente...

Tatiana: Humhum...

S2: ...continuar até...a própria trajetória dela, né...Então, vamos dizer assim...um dentre a enorme família Santos...pelo Brasil...somos mais um pra continuar na trajetória...

Tatiana: Bacana... e seus amigos de infância?

S2: Os amigos de infância até os dez anos tinha...os meus amigos que estudaram a metade da quinta série comigo né...os quais eu tive contato durante todas as séries né. Depois que eu sai da cidade lá do Triangulo...eu perdi o contato...tem em minha memória sempre que as vezes passa um *flash back*... que as vezes eu lembro deles...mas eu nunca mais encontrei...e não tenho contato...não sei como estão...já os amigos pós dez anos, né...em termos de infância...são amigos com os quais eu tive contato durante toda a adolescência...mas que com o tempo foi chegando...com as obrigações do mercado de trabalho...alguns já casaram...já tem filhos...e a gente foi se distanciando...tem uma ligação muito forte...eu tenho um por exemplo que...os nossos encontros se resumem a encontrar pra viajar junto no dia vinte e dois de dezembro de todos os anos...lá pro Vale...né...ocasionalmente a gente só encontra no final do ano, né. Mas é sempre encontrar como se nada tivesse...nada se...se os outros trezentos e sessenta e quatro dias não tivessem sido tão vagos assim...

Tatiana: Humhum...

S2: E tenho contato com eles...mas também esta coisa...de não saber o que está acontecendo agora...com ele...Não sei quais são os problemas...então é aquela coisa que ficou meio presa a infância também...é...é perdendo amigos ...aqui na universidade...o curso eu não tenho por assim dizer...pessoas com quem...entrei e segui toda a trajetória...Aí...essa questão de fazer matérias...repetir...fazer matérias isoladas em...horários isolados...vai...dando um caráter muito individual a trajetória...aqui...então também...não tenho muitos amigos...no conceito de está encontrando...todo o dia...e saber...do dia a dia...saber da vida da pessoa...eu tenho perdido esse contato.

Tatiana: Você se sente solitário, nesse sentido? Assim...pra poder compartilhar de algumas coisas...por estar aqui né...por mais que você converse com sua mãe...com a sua família todos os dias...mas eu digo assim...aqui...na universidade...como você está colocando...os amigos...tendo em vista... que você tem toda uma rotina de trabalho...também e de estudo...Como é...como é que foi isso, por exemplo, na graduação...agora...?

S2: É...eu sinto muita falta sim.Tenho que deixar isso bem claro...porque quando as vezes encontro...com pessoas que já formaram há um tempo...ou mesmo as que estão em vias de formar...estão estudando...ainda...falando sobre as festas...confraternizações...no Campus...né...aí eu paro pra olhar...Ops! Eu não tenho historia nenhuma pra contar... então assim eu me pergunto...aonde é que eu tava que eu não fui em nenhuma calourada... ou talvez...uma ou duas...Não tive nenhum envolvimento com amigos...namoradas que sejam...na universidade...Só venho a ter a minha namorada atual que era...trabalhava comigo na pesquisa...né...então...nem tá no contexto...universidade assim...tá mais no...quase trabalho...né...Mas...as vezes...eu fico assim...as vezes eu reclamo: “o que que houve...não sei aonde é que eu tava”. Não tenho nada pra contar não...aí eu perdi essas referências assim...então...eu não vou ter muita coisa pra contar pros meus filhos...do que é divertido na universidade...não...muito foi ficando...se perdeu no tempo...essa coisa de ser muito individual...e pra esse tipo de coisa eu nunca gostei de fazer nada sozinho...se era pra divertir tinha que ter alguém muito ligado e tal...aí o tempo foi passando...passando...e agora...já não faz mais sentido eu...ir as calouradas...(RISOS)...e aí eu sinto essa falta sim...sinto...e aí muito de querer conversar com a minha mãe...todo o dia...minha irmã...minha namorada...até...alguns colegas de trabalho...até eu sei que é por conta dessa solidão...mesmo...de fato...tem isso. É...mas...eu as vezes...eu não faço muito esforço pra mudar isso...encaro, por exemplo, na época da graduação...eu acho que não teve um dia que eu falei assim um final de semana...” acho que eu estou por conta de fazer, nada, nada.” Essa palavra pra mim era um absurdo...eu pensar isso...não, eu não posso falar que eu não tenho nada pra fazer...se não tiver nada eu posso pensar num tema de pesquisa e tal...Então eu...ficava achando inconcebível o nada. E nesse meio tempo eu perdi um pouco a minha juventude... assim...não que eu estou velho, tá... mas estou bem com espírito de velho já...e vão ver se dá tempo de correr atrás...ainda...Viajar...eu queria viajar muito...eu

tinha o princípio de querer conhecer os oitocentos e cinquenta e três municípios de Minas...Devo estar na casa dos cem...falta muito ainda...

Tatiana: Nossa...! Viajou muito...já...

S2: É. Viajei...

Tatiana: ...Então, tem história pra contar...muita história pra contar.

S2: É. Muita coisa... passageira...né. Os amigos da cidade. Muita coisa passageira. Conheci muita gente, né. Não foram amizades...assim...

Tatiana: Você tocou numa coisa...aqui na graduação...na ZZZZZ¹⁰⁰...é...assim...o cotidiano...estou falando a partir do seu contexto...né...da ZZZZZ...mas no Campus em geral...ahamm...você acha que as relações aqui são muito efêmeras? É...as pessoas por conta do seu cotidiano as vezes não tem muito tempo de...de...de se aproximarem...mais umas das outras...é...você acha que por conta disso também...é...essa possibilidade...isso acaba contribuindo pra esse sentimento de solidão porque as pessoas estão construindo né...uma carreira...construindo sentidos pra vida também...mas trazem bagagem que vem muito anterior...que são anteriores a universidade...

S2: É sim. Eu acho que em Belo Horizonte é muito efêmero...pelo menos no âmbito da ZZZZZ...pelo menos...é porque eu veja a dificuldade...da diferença pra quem estuda no interior...a pessoa tá lá pra viver a universidade...a pessoa não tá perdendo tempo no trânsito. Você não perde quatro horas no transito...é...é...a pessoa não tá com aquele medo de chegar em casa dez horas da noite...e não tá com medo de chegar pra outra pessoa e perguntar...ah...como que é o seu nome? O que que você faz aqui, você mora aonde?...aqui a relação corre muito pelo que é um hipercentro de Belo Horizonte, né...as coisas são muito impessoais...principalmente quando as aulas da ZZZZZ eram no prédio do Centro. Uma aula horrível...uma região bem...incrustada na região de zona boemia...de Belo Horizonte...fétida...ao extremo...então...as pessoas iam lá única e exclusivamente para o momento aula. Até porque não tinha...as vezes até tinha espaço de convivência...é...mas...ninguém convivia com...portanto as pessoas queriam mais saber de...acabar a aula logo porque eu tenho que ir para o meu outro núcleo...de

¹⁰⁰ Unidade acadêmica do curso de graduação de S2.

convivência...então eu sempre considerei que foram relações efêmeras...mesmo...é...e pelo fato de tá ligado a Belo Horizonte...de ser essa coisa louca de...se passar um tempo da vida no trânsito...aí eu considero que isso contribui muito...pra esse efeito de solidão...as amizades que eu construí aqui as vezes eu...lembro das pessoas...as vezes eu sinto saudades demais da conta...nossa como eu queria...estar com tal e tal pessoa agora...por lembrar...das madrugadas de estudo...conversas...é...fora do contexto do curso...conselhos...e mesmo de escutar o que a pessoa queria ouvir...ou queria que você falasse...coisa de aconselhamento também...as vezes da muita saudade...mas a gente vai encarando...aí...acha...que talvez Belo Horizonte e a maneira como a gente vai sendo inserido no mercado de trabalho também ...vai...canalizando...afunilando...pra que a gente seja dessa maneira...e conformando...mas fazer o que né... “ele também tem esses mesmos problemas então não vai...é uma coisa que não vai depender só de mim”. Então ele também teria que talvez...mover mundos para que por exemplo a gente possa se encontrar...Toda a semana uma reuniãozinha...descontração...um *happy hour*...aí é isso...Fugi da linha?

Tatiana: Não...a linha é você quem dá.

S2: É!?! (RISOS)

Tatiana: Eu não vou te por na linha...a linha é você quem dá...é por aí...(RISOS) Pra você que não é daqui...de certa forma foi frustrante...é difícil...muito difícil?

S2: É. Eu falo abertamente assim mas as vezes chega a ser da boca pra fora...Mas até a muito tempo não que eu não gosto de Belo Horizonte...mas de jeito nenhum...as vezes eu...chego da janela...até daqui da Escola de Engenharia...dá pra ver um pouco...as vezes eu fico olhando a paisagem assim...entender...até da formação do município...que eu entendo até muito mais do que os próprios belorizontinos...de tanto com esta questão de estar envolvido com políticas públicas de saneamento...eu aprendi a me identificar com isso aqui...e entender que eu também sou parte desse processo...todo...mesmo que seja passageiro...mas eu sou isso mesmo...passageiro...nesse ciclo continuo que tem...as vezes inconscientemente eu tenho que...que aceitar que eu gosto...daqui...mas quando é pra afirmar...assim...falar abertamente...de boca cheia...me sai as palavras...não gosto de Belo Horizonte...não...

Tatiana: Você sente falta dos afetos e os afetos eles não ficam tão...claros...aqui...

S2: É. De certa forma...sim...Essa coisa...essa coisa que me deixa muito assim...é chateado ...é...essa perda de tempo...no dia a dia...Por exemplo, teve uma época que eu fazia um estágio lá em Nova Lima...estágio geralmente de quatro horas...eu tinha aula aqui de manhã...um estágio de quatro horas e mais quatro horas...que era duas horas pra ir e duas horas pra voltar, né. Então assim...eu fiz outro estágio...só no transito né...de que que isso me serviu positivamente...em nada...porque eu não aprendi a ter mais...eu não atingi o meu nirvana...eu não fiz nada disso...eu não aprendi a concentrar...queria muito ser mais calmo...com essas situações extremas mas...não...foi...quatro horas em pé...ônibus cheio...todo mundo suado...nada...é...quando fala Belo Horizonte é muito dessa questão e da impessoalidade também...as vezes a gente quer saber quem é todo mundo...essa coisa do interior né...filho de quem...marido de quem...pai de quem...aí...aqui não tem isso...né...e eu carrego um pouco dessas coisas do interior...que é o que acontece muito quando eu estou nos projetos de extensão...que aí sim tem essa...não é um morador da zona rural...é a dona Maria da comunidade tal que mora lá no...quer dizer...todo mundo é um indivíduo com nome e endereço...né...e...

Tatiana: ...uma história pra contar...

S2: E uma história pra contar...e a paciência é de sobra pra ouvir todos eles, né...aí não tem trânsito...a gente vai a pé mesmo pra zona rural...então...mais eu fico sentido que a...o meu...a minha ligação...aqui...consanguínea é com o...a pesquisa científica...fico sentido que...se eu saio daqui...vou estar fora...em off do...do que está acontecendo...que eu posso evoluir...aí parece que eu me sinto mais a vontade pra ser um pesquisador aqui...engenheiro que faz projetos aqui...até porque...empresas da minha linha de trabalho...só tem em capitais mesmo...e no Brasil...só no sudeste...não tem espalhados no Brasil não...

Tatiana: Humhum...Você falou um pouco...atrás ...há alguns minutos atrás... a respeito dos seus interesses de pesquisa que... você não quer tanto o mercado...você quer...pra sua carreira outras coisas...me fala...o que são essas outras coisas...

S2: Ahm... quando eu iniciei a pesquisa...eu já entrei no conceito de que eu tinha que fazer algo...pela minha sociedade...né... o meu meio de convívio...no caso foi os projetos de intervenção...no Vale do Jequitinhonha. Nenhum deles foi na minha cidade...específica...até nunca não procurei direcionar porque tem muitas cidades próximas a minha que tem situações bastante piores...mas foi de direcionar...e pensar o seguinte...aquela forma primária...mesmo...que a gente fala...fala por falar mas não dá...atenção...quem paga pra eu estar estudando aqui é...a sociedade...então...a forma de reverter de muito bom grado...algo que seja útil pra sociedade..., né...As vezes isso é meio primário...porque esse discurso fica...só na fala de...vamos dizer assim...de...calouros...calouros típicos da medicina por exemplo... “ah, eu quero fazer medicina porque eu quero ajudar as pessoas”. Ajudar as pessoas com...consultas módicas de trezentos reais...talvez...

(RISOS.)

S2: É...mais aí tem esse discurso inicial de conversa fiada que...não...é isso mesmo...é isso...que eu tenho que fazer...aí nesse conceito...eu repudiei veementemente...toda e qualquer coisa da engenharia que não tivesse uma aplicação centrada na sociedade...por exemplo, a área que eu odiei ao máximo...era a área de cálculo estrutural...pra mim aquilo não...aquela coisa sem aplicação...sem...poderia ter sim...se fosse...na minha mão...se eu gostasse disso...talvez...eu poderia pensar num...material mais barato pra construção de casas populares que não fosse ocupações desordenadas, né...mas essa não é a linha de tendência da coisa...a coisa evolui pra pensar num prédio de vinte andares que tenha os melhores aspectos tecnológicos e estruturais, né...então eu repudiava veementemente toda e qualquer coisa que não seguia essa linha mais ... social de atendimento...as camadas excluídas...foi quando eu achei todo esse aporte no saneamento...mesmo lá dentro tem umas pesquisas muito direcionadas...que são de estrito interesse...de indústrias...é...mais...nesse...meio...aí eu me entendi...como o seguinte...já que eu sou um engenheiro civil...né...tenho essa formação...reclamei inicialmente...porque eu achei que não era isso que eu queria mas depois eu descobri qual que era o meu papel...o que que eu tinha que fazer como engenheiro...descobrir a lógica por detrás da engenharia...é isso que eu tenho que fazer...muito simples...então assim...o fato de eu estar no mercado de trabalho...trabalho com projetos e sistemas pra cidades...já projetei muito pra pequenas comunidades...então quando eu estou fazendo

os meus serviços eu tenho muita preocupação de lembrar de todos os erros que historicamente as políticas de saneamento vem vivendo né...que são...investimentos esparsos... poucos investimentos...na área...e aí...quando se investe...o projeto...não tem nenhuma capacidade técnica...desejável...né...então acaba que...sempre foram recursos em vão...aí eu procuro, né...na minha linha de mercado de trabalho...fazer o máximo...pra que tudo seja direcionado...da melhor forma possível nos atendimentos das condições de saneamento...do país...que é...uma política pública bem emergente...são poucos temas discutidos...no mundo...inclusive...na América Latina como um todo são...praticamente inexistentes...É...políticas públicas em geral...é um tema bem emergente, né...então quando se fala nessa relação...saneamento...é o povo começou a entender que...o esgoto polui os rios...e não faz coisa de mais de vinte anos não...então...eu tento aliar o mercado de trabalho ao...que eu tenho como propósito...e não dissociar.

Tatiana: Humhum... Você me disse que um pouco da experiência que você teve com o Conexões no seu trabalho...Você vê que tinha...hum...fazia algum link...

S2: Ahm... sim.

Tatiana: Como é que foi isso?

S2: É...o Conexões...ele falava muito em interlocução entre a universidade e as camadas populares...É...é tanto...que vamos dizer...que...eu roubei...descaradamente...esse slogan prá...os projetos em que eu estive no Vale...porque na época do Vale...é...a gente trabalhou...porque eu fiz sempre questão de...recapitular com os adeptos...os estudantes...que me procuravam...era a questão de interdisciplinaridade entre as áreas...que todas as áreas se complementavam...de alguma forma...né...e o conceito de interlocução com a comunidade...e não com aquela coisa de...conhecimento de fora pra dentro...mas era um conhecimento lapidado ali...com a realidade da...da camada

popular...da zona rural que era o meu foco...né...Então sempre eu tentava pautar...em muito do que a gente discutia, né...interlocução entre as camadas populares...e a interdisciplinaridade entre as áreas do saber...É não foi muito o meu foco...que na época do Conexões...que era a política de ações afirmativas...

Tatiana: Humhum...

S2: Lá no...é...foi uma linha que eu não tive muito a estudar...eu sai do Conexões no processo meio que...no meio do caminho...então...não foi um tema que eu me dediquei muito...e estando no Vale...a questão das ações afirmativas...ali...pra mim...eu não...conseguia ter muita aplicação porque quando eu chegava na zona rural eu...tinha diversas classes...e etnias que estavam ou vivenciando o mesmo problema no qual eu queria solucionar...de maneira a universalizar a coisa...né...que todo mundo tivesse acesso a água...É talvez esse...esse tenha sido o link...o qual eu não usei do Conexões...mas foi muito importante essa coisa de...interdisciplinaridade...e interlocução com as comunidades...essas duas palavras...interdisciplinaridade e interlocução...acho que foram precursoras...pra eu ser diferencial...quando o professor entregou de bandeja pra mim...ham...a coordenação dos projetos de extensão...e foi aí que eu tive muito contato com...a própria Pró-reitoria de extensão...que sempre procurou muito os projetos do Vale Jequitinhonha pra...é prá...fazer parcerias...né...sempre pautando neste discurso dos...tripés de sustentação da universidade né...pesquisa, ensino e extensão...sempre enfocando ao máximo a extensão...que era o momento que eu pegava todos os alunos aqui de diversos cursos...e levava ao Vale...sempre falando... “você não estão indo pra lá pra ensinar nada a ninguém”. Na verdade eles chegavam a essa conclusão até depois de voltar aqui...aprenderam e muito...ficavam até assim meio constrangidos porque...sentiram que sugaram conhecimento e não deixaram muita coisa...ahamm...mas aí o Conexões tem esse diferencial, sim...porque na hora que eu olhei na minha mochila... “oh, olha a interdisciplinaridade, a interlocução aqui dentro...eu posso usar”. E era uma coisa, na

verdade...inexistente aqui...esse foi o primeiro projeto do Departamento de LLLLL¹⁰¹ que teve...e que foi ganhando notoriedade e abertura pra outro...

Tatiana: Que coisa bacana...isso...e...quando você realizando o seu trabalho na sua relação...com os bolsistas...no departamento...aqui na universidade...você falou agora a pouco de ações afirmativas...eu fiquei curiosa...é...sobre algumas coisas que se discutia...que a gente discutia...você já vivenciou ou já presenciou alguém vivenciando alguns conflitos com relação a questão racial...? Aqui na universidade...

S2: Não. Não... de verdade. Isso não é levado muita as...isso não é uma questão que é discutida muito as claras...mas...uma coisa que eu estou reparando agora...aqui também...a presença do negro...não é...quer dizer...em qualquer setor ela não é expressiva mesmo...assim...é...perante...a dominação dos brancos...mas não é grande não...Mas... tem alguns de grande renome...é...e...que são muito elogiados...outros são criticados mas pela carga de chatice que já tem mesmo...tipo um secretário que tem...ele seria muito chato se fosse alemão...(RISOS). Nem é por...tanto é que na hora que os xingamentos aparecem...nunca houve...um... “ah, seu negão, idiota!”. Nada passa perto disso não... então assim...não tem...essa...esse tipo de exclusão...mas também não tem a presença...da figura.

Tatiana: Ahm... Outra pergunta: você se classifica como pardo...não é isso?

S2: Humhum...

¹⁰¹ Área específica de pesquisa de S2.

Tatiana: Como pardo...na sua experiência como pardo...né...tendo uma mãe negra...você já vivenciou em algum momento da sua vida...é...situação de discriminação?

S2: Já... já. Mais em relação a minha mãe...ela é mais escura do que eu. Teoricamente pra sociedade eu sou branco. (RISOS) Então assim...até...eu não gostava de falar isso muito no Conexões dado o grau das pessoas tinham muito superiores...mas pra mim só tem duas classes...não tem... branco e preto, né. A sociedade me classifica como branco...eu não...eu não me vejo como branco. Mas já teve alguns casos de...de falar de...de falar da minha mãe...falar pra mim...em xingamentos de escola...falar pra mim...fazendo menção a minha mãe.

Tatiana: Você não se vê como branco. Como é que é isso...assim...me explica?

S2: É... (RISOS)... É complicado isso...mesmo...é...eu não me vejo como branco...dado a característica da minha mãe...e também eu considero as características pessoais dela. Por traz a gente não tem nem como definir brasileiro como branco não...todo mundo é negro mesmo...né...o cabelo que não pára na cabeça...essas coisas do tipo...

(RISOS)

S2: Mas... aí eu entro...na questão de dificuldade...de inserção dessa etnia...nas classes sociais...né...até não...muito até...atrelado econômica...eh...também...as vezes...sem querer desassociar da economia mas desassociando... e da classe...econômica e tal...mas tem essa...deturpação da figura negra...e a questão de eu me assemelhar muito a minha mãe...então...a minha concepção é negra...nem se eu fosse mais branco do que isso...Na verdade quando eu era jovem eu era mais escuro...eu comecei...estou com uns sintomas de Michael Jackson...

(RISOS)

Tatiana: Muito engraçado...

S2: Eu era mais moreninho...sim...(RISOS)

Tatiana: Ai... ai...ahm... a condição do pardo...o pardo ele pode...transitar...né?

S2: Infelizmente...

Tatiana: Como é que é isso... o trânsito? Interessante isso que você falou... “eu não me considero negro... mas a sociedade... em muitos momentos...se não todos...

S2: Humhum...

Tatiana: ...me vê como um branco”...é ai você se posiciona...diante disso né...diante dessas situações...

S2: Humhum...é...isso é...é muito estranho porque...mas no meu meio não tem muito essa questão de diferenciação...tal...nunca presenciei...até mesmo com figuras negras mesmo que trabalhavam junto comigo...fora da escola né...nestes momentos de estágio...trabalho...sala de aula...não presenciei isso não...até porque eu acho que tem uma parcelinha que ajudaria que é a elite intelectual...então...se a pessoa não concorda ela no máximo fica calada...sobre criticar ou não...Se ela tem aquela crítica dura...enfim...sobre o negro... o máximo que ela deve fazer é...assim eu considero que é...ficar calada...não tecer nenhum tipo de comentário...então essa é a característica de quem...tem um conhecimento melhor...e o meio de capital técnico mais elevado...Então...essa coisa de transitar...pra mim não dá pra informar, né. Com base no que que a sociedade me proporciona. Não dá pra mim informar isso...porque...não há esse meio...assim...no meio que eu vivo não tem isso...as vezes...pede permissão pra ficar calado porque...é feio fazer piada de negro, né...anti-ético...e tal... E assim como começa a ter essa concepção de homossexual...também...que hoje em dia o posicionamento também é...caminhar pra igualdade...e assim é o meio que eu

vivo...né...Não cheguei a ter contato com outros meios, não...é por isso que eu digo que eu perdi o link com o Conexões...e aí eu fiquei fraco nessa discussão... até quando saiu a questão do...da obra de Monteiro Lobato, né. Da maneira como a imprensa colocou...eu não estava vendo outra forma...e a alternativa de me posicionar a favor da imprensa. Mas como...quando eu fiquei sabendo quem era a parecerista...que era a Nilma...do...é... a precursora das políticas públicas...assim...não...essa eu confio...tem...alguma coisa concisa por trás disso...aí eu fui atrás do parecer...original...na íntegra assinado por ela...aí eu caí de costas com o negócio...Como é que a imprensa deturpou o que que ela quis dizer no parecer...não tinha nada a ver...mas aí...é...tem muito do...da questão de...da sociedade não saber muito discutir...e aí aquela coisa...não...não quer muito...tem um posicionamento...prefere ficar calado...mas aí são momentos raros que sai uma opinião...e aí sai uma opinião torta sobre o que que é o negro e tal...e aí tava era esse posicionamento na Folha de São Paulo na época...depois foi estirpado...com outro edital... e depois...veio mais a público o...parecer da Nilma...que...a meu ver tava bem claro...e não tinha como não ter um posicionamento a favor dela.

Tatiana: Você... ahm... me veio uma pergunta aqui agora...você acha que em certas áreas...em certos espaços...eu digo assim...porque você também circulou entre outros espaços aqui dentro...você acha que é mais propício...pra discutir essas questões...será que essas questões as vezes... a raça...a diversidade...ela...ainda é uma questão difícil de se falar a respeito...no Brasil...apesar de tudo o que se coloca...né...as vezes aparece na mídia...em políticas públicas...hoje por exemplo tem um estatuto da igualdade racial...e aí tem muitas controvérsias...você acha que é uma coisa difícil de as vezes...de se discutir...?

S2: Acho...acho sim. Acho que esse é um assunto quase restrito a quem se detem a analisar o tema...então...a Faculdade de Educação e de...e a FAFICH...por exemplo, bem por acaso hoje...teve a discussão que foi de dois artigos...que fazem uma busca histórica sobre a relação água e saneamento...do ser humano ao longo da...das épocas né...e aí...lá nos “idos” de mil e oitocentos...mil e setecentos e cinquenta...século dezessete...século dezoito...é...foi percebido que...alguns setores da sociedade... que tomaram pra si...o

poder e o controle...sobre quem teria a água...sobre poucas fontes pras classes das...e aí na maioria das vezes eram escravos...negros...né...aí alguém cogitou de falar...isso na discussão...porque...aí...mas já foi rechaçado logo de cara...aí eu fiquei meio assim...porque...o professor por exemplo...é referência...mundial no tema de políticas públicas...em saneamento...ele não tem esse olhar por esse viés...porque pra ele...ele considera que...não era só o negro...que aí também tem uma questão de pobreza...ou riqueza...anterior a essa questão étnica...nos idos da distribuição de água...o que eu fiquei assim...depois que eu saí da aula...eu fiquei assim...quando a gente tem um professor que é excelência mundial...a gente fica assim...nos primeiros dias de convivência a gente fica sempre querendo...aceitar tudo como ele fala...como máxima e tudo...mas eu fiquei sem querer...contradizer e tal...mas depois...eu fiquei pensando...e tal...isso antes da assinatura da Lei Áurea...então assim...era pouquíssimo provável que a classe marginalizada da sociedade fosse outra que não negra. Então...então nem...dá pra desassociar assim...porque aí depois o negro começou a ter acesso...a água quando...da revolução industrial e do avanço industrial...que o patrão viu que precisava de um empregado né...e aí começou a dar condições salubres...pra que esse empregado não morresse de cólera...ou diarreia...então tem um viés aí também...talvez até muito bom de ser estudado...dentro da minha área...mas que ali naquele momento já foi rechaçado... e é uma sala que... Políticas Públicas de Saneamento...que com certeza eu sou o mais novo da turma...são pessoas com mais de trinta anos...todos...é e são pessoas...mais de trinta anos até que eu estou sendo generoso...são pessoas na casa dos quarenta...ou até mais...são pessoas que já tem história de formação porque é uma matéria muito política que envolve...que a pessoa tenha uma bagagem...tanto que eu estou...assim...as vezes eu fico meio que...quieto no meu canto por...ficar meio...constrangido perante aos que já passaram pela diretoria da Agencia Nacional de Aguas, Gerencia da Fundação Nacional de Saúde, então...são pessoas que tem bagagem...de política né...pra discutir...e aí já rechaçaram aquele tema né...ah...brincou né: “ah, a diferença entre eu e Pelé, o que que é?” não sei o que. Então...é só a questão financeira?!

Tatiana: Ahm...mas esse incomodo...seria muito simples de resolver...talvez...estou apenas cogitando aqui...se fosse só uma questão social....talvez?! Você falou que era

uma turma...uma classe de gente de políticas públicas...é...hoje...a gente conversa um pouco mais sobre questões de relações de poder...o desconforto de se dizer sobre a questão da desigualdade...racial...ou outras desigualdades...ahm...e você falou que ficou desconfortável com isso...será que talvez estas questões não passem apenas pelas relações pessoais...interpessoais...entre pessoas... O que você acha disso?

S2: Hum...Eu acho que...é...isso talvez...na visão que eu acho...que acho...o que vem a explicar porque que eu acho que os únicos espaços que se podem discutir isso são as escolas específicas...mesmo...porque...talvez a preocupação...deles é entender...classe...que sofre com a descentralização de políticas como um todo...pra universalização de serviços de saneamento...então eles não querem...é...na falta de forma melhor...vai essa pejorativa mesmo: perder tempo com discussão étnico-social...

Tatiana: Hum...

S2: ...É...eu ainda não vi...mas não vou negar não...que deve ter estudos...não sei como é...sei que...a relação da mulher com a água...né...então...como a figura feminina com a água... tem influenciado...então...tem...por isso que eu te digo que...os estudos em políticas públicas...quase não existem...estão evoluindo...e muito parte...um pouco...do que eu falo...dessa coisa de que...da interdisciplinaridade...né...não é só uma questão dos engenheiros sanitários¹⁰²...lidarem com isso não...então...então...é cada vez mais necessário...a presença de sociólogos...dos...é...psicólogos...pra entender essa formação do...porque todas essas ações né...vão dizer da relação da água...tem por detrás uma figura humana...né...e isso não aconteceu por acaso...a escassez da água não foi por acaso...a poluição não é por acaso...tem uma figura humana por trás...disso...né...então...eu acho que essas relações tem de ser mais estudadas...mas o...É...as vezes eu tenho que entrar em defesa porque...tudo é muito recente...por exemplo, em estudos de hidráulica...que são os fenômenos de movimentação...das

¹⁰² Profissionais da mesma especialidade de S2.

águas...é...temos leis que foram formuladas...em...1940...então, assim... a gente não tem...formulações lá dos idos de Galileu que fazem diferença...tem muita coisa que vem fazer sentido agora...nesse século...então a coisa está meio pré matura...está...está bem embrionária...na verdade.

Tatiana: É...você está dizendo que está bem embrionária esta questão do social nas áreas...por exemplo, das engenharias...?

S2: Sim... sim...e aí...muito por conta da ajuda dessa interdisciplinaridade...está se percebendo a necessidade de...de...entender as ações né...e não atacar de forma a “precisou vamos atender”, né...então...vamos pensar o que que pode acontecer...por exemplo, lá em 1970 foi instaurado um plano que decidiu: “oh, vamos ter que levar água pra todo mundo”. Foi muito boa a idéia...mas aí no momento em que se levou água pra todo o mundo... todo mundo tinha um banheiro...uma torneira...começou a consumir muito...água...e começou a ter a geração de esgoto que até então...eles nem preocupavam com isso...e aí começou-se a poluir os rios...aí só hoje que veio a se dar conta de que...tem que haver um tratamento do esgoto...e...ainda conseguindo essa linha do esgoto...só...nem é só...só a minutos atrás descobriu-se que quando se trata o esgoto...tem um lodo que é gerado, né...até então...não se sabe aonde se vai colocar...aí...então...assim...são coisas muito recentes...é...eu estou assistindo a evolução de...como primeira cadeira mesmo da coisa...É...mais aí...precisa incentivar o estudo nas escolas específicas...pra que possa entrar esse assunto mais...conciso nas escolas não tão afins ao tema...não afeitas ao tema...porque isso na verdade não deve ser afeito ou não...deve fazer parte do dia a dia...aos poucos...quando você vai lidando com...por exemplo...impactos no meio ambiente...já passa ser inerente ao processo você saber que está lidando com o ser humano...né...hoje se vê...qual é o impacto...na sociedade...né...aí a coisa está ganhando corpo agora...Já nesta questão de Ações Afirmativas...não é uma coisa muito nova...até na própria Escola, né...então...eu creio que deva melhorar com o tempo...

Tatiana: É você acha que essas...eu vou chamar de temáticas...essas temáticas...por exemplo, quando envolvem gênero, quando você fala assim...a mulher e a água...é raça...o negro, o branco...e a água...Ahm...e aí você mencionou...ahm...a questão do homossexualismo...

S2: Humhum...

Tatiana: ...Você acha que essas temáticas contêm temas muito densos...muito conflitantes assim...que trazem...desconforto...?

S2: Sim... são temas conflitantes e...foi um avanço científico, técnico...que a nossa...eu não vou dizer nem geração...mas...até gerações...é...anteriores e posteriores...em coisa de cem anos...passou a vivenciar...a carga muito grande de informações...né...então assim...tem aquela coisa de que o certo é o que o meu avô falava...e aquela formação não aceitava esse tipo de coisa de jeito nenhum...né...então assim...começa a ter que ter essa mudança de paradigma...é...junte-se a isso...tantas outras...questões que vão acontecendo ao mesmo tempo...e aí...junte-se mais a isso essa questão tecnológica né...ahm...a não mais que três anos um celular que tira foto era coisa do outro mundo né...hoje em dia já é bobeira...perto dos que você tem...então assim...esse avanço tecnológico muito rápido tem tido impactos negativos na discussão de temas que foram surgindo de...uma só vez...e aí fica uma disputa de espaço...e aí tem...aquele pessoal que tá preso no passado ainda...os que não conseguiram avançar tecnologicamente...os que não sabem o que é um computador...o que é um celular...tem muitos que ainda não sabem disso...tem um contato insipiente com a televisão...que hoje em dia não tem um caráter de formação interessante...é...aí acaba tendo muitos assuntos...a pessoa...por exemplo a pessoa da roça...vivia ali no seu cotidiano sabendo ao máximo...o que que um vizinho...a cinquenta metros fazia...né...aí ele liga a televisão...e está sabendo que o Al Kadafi está dominando a Líbia...e aí são uma tempestade de informações...que acabam desinformando...tirando o foco...do que...de discussões que...podem se efetivar num consenso geral...né...num consenso sensato...né...a sensatez leva a crer que não era

pra ter desigualdade racial...e...nem de gênero...é...mas essas discussões perdem espaço...eu acho.

Tatiana: E porque que você acha que elas perdem espaço?

S2: Justamente por causa dessa tempestade de idéias que ocorrem ao mesmo tempo...e alguns setores ainda querem esconder esse tipo de discussão.

Tatiana: Silenciar?

S2: É. Silenciar... é isso mesmo.

Tatiana: Não levantar poeira...

S2: É... mídias confiáveis não se tem...hoje em dia...né...e aí o pessoal...por exemplo...seguia muito...o jornal de vinte e cinco centavos...

Tatiana: Ham... em dois mil e oito...acho que ao final de dois mil e oito...a UFMG...ela...adotou uma política de inclusão...um pacote...básico...de bônus...né...escola pública atendendo um viés social...e...raça...bônus...Isso não é cota...o bônus...é uma espécie de ajuste...o que você acha disso?

S2: A da UFMG foi um pouco cheia... carregada... de discussões né...é...muito...até que inconscientemente...pela questão do mérito dos alunos...que passaram...eles achavam inconcebível alguém ter mais direito...né...até dos que...provenientes do ensino

privado...né. Outro dia eu vi uns alunos do Bernoli reclamando estes tais quinze por cento...né... “mais eu acho isso um absurdo, né...”. Eu não aguentei e falei: “Que quinze por cento é esse aí que não faria diferença nenhuma pra vocês que estão em quarenta e oito horas de um dia de vinte e quatro estudando na melhor escola de Belo Horizonte? Por que que vocês vão querer quinze por cento?...né”. E aí nesse sentido...é...tem a questão étnica...né...é quase...eu enxergo isso...como...um pagamento da dívida que ainda é recente...pra mim...mil oitocentos e noventa e um...não sei a data de assinatura da Lei Áurea...

Tatiana: Agora eu também não lembro...

S2: Mil oitocentos e tal...é...isso foi ontem...isso...não faz muito tempo não...e...porque...essa dependência aí...foi num contexto bem localizado pra época né...eles não eram escravos né...não eram...mas só que a marginalização perpetuou-se até os dias de hoje porque...isso...ainda não consegue-se ter uma diferenciação. Se tem um negro rico... ele é rico no máximo a partir da segunda geração...hum...vamos dizer assim...não que...eu tenho que excluí-lo...então...Então eu acredito que tem essa dívida...pra remediar...a gente se lança nos fatos históricos pra poder tentar consertar o que possa a vir a ser o futuro...né...também...a melhor maneira de apagar isso é trazer pra um mesmo pé de igualdade quem é minoria...se a gente está falando que vai dar bônus pra negro rico...pode ficar tranqüilo que isso não vai representar nem um por cento talvez do universo acadêmico...agora tem a questão de quem se considera como negro ou não...as vezes o jeitinho brasileiro ensinou o povo a partir para o lado mais fácil...aí que eu fico chateado...quando eu vejo esse tipo de...não por dar esses quinze por cento porque quem...pra quem é malandro esses quinze por cento podem ser dados porque vão...vai ser tirado no futuro...mas pelo fato de que está deixando de se dar ênfase a um conceito que tende a mais uma vez...passar gerações perpetuando discussão que não chega a um pé de igualdade...né...Mas aí essa questão de...ter ou não...acabou que...acho que o bônus acaba sendo muito necessário...muito pela política de educação adotada...no ensino médio hoje em dia não se tem mais todas as matérias né...então já há um direcionamento de matérias específicas. Isso, na verdade... só...para o aluno não

parar de ir mais a aula...a questão que é forte...a questão de formação de números...né...O ensino médio...público...hoje não existe reprovação como antes...isso é fato, né...mas tem aquela questão de incentivo ao número de alunos formando...então ao final de um pleito é interessante falar que teve...que foram alfabetizados tantos milhões de alunos né...e aí o que eu estou sentindo...é que já tem começado a...uma regressão na qualidade do ensino superior a partir da entrada...não...só de alunos de bônus, né...mas programas do tipo Reuni...que isso já é até uma outra discussão que vai...que salta fora do que se...do que...do meu posicionamento a favor ou contra o bônus...A questão é: tem entrado gente que não tem condições de estar no curso superior...na universidade...

Tatiana: E você acha que isso também já redimensiona e... já se faz necessário acessar outros dispositivos da própria universidade...? A universidade precisa se...

S2: ...readequar aquele novo perfil de aluno porque é um aluno que tende a não prosseguir no curso. Por exemplo, as matérias... as famosas matérias de Cálculo...é...Eletromagnetismo...hoje em dia se eu falar que eu fiz uma matéria dessas duas, três vezes...eu sou algum tipo de piada no ICEX porque...porque o ICEX logo quando eu estava saindo...a gente...já começou a idéia do Reuni...então as salas-auditórios com cento e vinte alunos...né...então...assim era aquela coisa né... “nós precisamos desovar esses alunos... vamos passando pra frente...” Então...assim...não existe mais essa coisa de o aluno ser reprovado várias vezes em Cálculo em Física...se isso existe...é por conta da precariedade...do grau de semi analfabetismo...da pessoa...porque tem...tem essa formação hoje...um diploma de segundo grau hoje...nada mais é do que uma constatação de que a pessoa sabe assinar o nome.

Tatiana: Nossa... outro dia...é...uma pessoa...é...me fez a seguinte afirmação, falou assim, né: “Eh, pra ser negro tem que ter certas características. O cérebro tem que ter uma forma...a cabeça tem que ter uma forma...a imagem uma forma e isso já é indicativo...de algumas coisas...do que é ser negro.” Você acha que ser negro...te pergunto...é só uma questão de imagem?

S2: Hum... é...as vezes não...eu acho que tem toda uma questão...tem uma questão de...tem uma questão corporal...estrutura física da pessoa...é diferenciada...é...não chega a ser um extraterrestre, né...mas assim questões próprias...da evolução mesmo...que...acho que...Deixa eu diferenciar é...sobre a...é...a formação de certos...mas isso sem deter em detalhes muito técnicos na formação...de...de...sentir...que vê...que um negro é mais...forte...que um branco por exemplo...mais resistente...só neste sentido...mesmo...né...E agora de...dos negros se apossarem da imagem pra mostrar-se como fragilizados...talvez seria isso...?

Tatiana: Não... não sei. Queria que você dissesse a respeito.

S2: É...as vezes...aí vai muito de um caráter da pessoa...negra...que é a cabeça e tal...Alguns se usam da vestimenta...pra...pra...pra sempre se...tentar se proteger de algumas situações...né...aí...isso foge do pé de igualdade até...quando a pessoa usa: “a você fala isso é porque eu sou negro”. Então...a pessoa...nunca deve passar por esse...esse nível de discussão...aí...nesse sentido...eu acho que as vezes é só uma imagem...a pessoa nem sabe o que de fato...é aquela veste...o que que ele...é falta de relação com o passado, né...muitas pessoas tende...no cotidiano...né...muito por desconhecer o que que foi o passado, né...Isso.

Tatiana: Hum...Uma pergunta: você namoraria com uma mulher negra?

S2: Sim. A minha namorada é negra.

Tatiana: Teria filhos com uma negra?

S2: Sim... sim.

Tatiana:...E pensando aqui pra...você tendo consciência de como são as relações humanas...as relações entre as raças...seus filhos...você...S2...sua mãe...sua família...tudo o que você está construindo...hoje...as gerações atuais...nossa geração...uma geração que teve uma quebra numa história de...de um ciclo...e hoje é uma geração universitária...com curso superior...com formação...Você acredita que essa formação isso vai trazer possibilidades de...é...pra essa idéia de família que você tem...você acha que as relações raciais ainda estão muito longe de ou muito próxima de alcançar essa idéia de igualdade...pensando nos conflitos...como em alguns momentos você trouxe quando se é rechaçado...silenciado?

S2: Ah...eu percebo que assim...no momento acho que não vai haver grande evolução não. No momento que eu falo é coisa de...próximos dez anos. Mas é uma coisa que tende a fazer barulho...e pelo grau de evolução que a gente tem dos assuntos...que não é um grau linear...assim...de evolução...é quase exponencial né...é uma evolução...mais rápida...é...então...acho que tende a...ser mais incisivo...e...vão ter que abrir as portas...pra esse tema assim...esse tema como um todo...essas questões de etnia...gênero...desigualdades sociais como um todo...então...que já está muito em nível de se mostrar cada vez mais potencializado...está ficando muito evidente assim.

Tatiana: Bacana. Acho então, que ficamos por aqui hoje.

APÊNDICE C

Belo Horizonte, 30 de maio de 2011.

Entrevista com o Sujeito 1

Tatiana: Então S1...eu gostaria que você falasse mais...a respeito do seu pai...sobre a sua vida pública...relacionamentos, amizades...ahn...e...que você se sentisse a vontade pra contar o que você achar...interessante...

Sujeito 1: ...É...hammm...seguindo a ordem...das proposições... (RISOS)... Sobre o meu pai...é...ahn...é uma pessoa simples que sempre estudou...até a quarta-série...igual a minha mãe...ahm... é...mas... a questão de...de...simplicidade...pelo fato de ter estudado só até a quarta-série não...não limitou ele a...entender a importância do estudo como pessoa...também não interferiu na capacidade crítica dele. É... eu falo isso porque...de um modo geral... quando a gente observa a média geral da população...a gente percebe que geralmente...que quanto menor o nível de estudos das pessoas...mais simples mais simples estas pessoas são...e simples no sentido de...que a elas...elas apresentam determinadas limitações de compreensão da realidade que as tornam alvo muito fácil de...de...de outras classes mais bem formadas...de situações políticas ou de...contextos conjunturais dos mais variados aí...que existem na sociedade... É...ele tem...o meu pai tem uma boa capacidade crítica...que geralmente o povo classifica como...uma pessoa turrona...mas ele sempre foi apegado a procurar estudar...e um ponto forte dele é a capacidade de...argumentar...então ele...mesmo estudando até a quarta série...ele procura entender...entender...estudar pra poder...argumentar... é...e isso de deveu muito mais ao fato...pelo fato...se deveu muito ao fato dele...ahm...fazer parte dos alcoólicos anônimos...

Tatiana: Hummm...

S1: ...então os alcoólicos anônimos...como abre espaços para as pessoas...nas reuniões...para...palestrar, né...falar sobre...a situação e o processo de evolução...dentro da instituição...e aí ele não ficou apenas...e ele nem gosta disso de ficar relatando...como é a vida dele depois que parou de beber e tudo o mais...Ele foi procurar estudar a fundo a legislação, a literatura sobre alcoolismo tanto na época...tanto relacionado a literatura

vinculada a questão na época do surgimento nos Estados Unidos e...sua disseminação no Brasil...Então, assim...ele foi uma pessoa que acostumou...a partir de então a fazer...apresentação em público...a falar...e ele era sempre indicado porque ele era a pessoa que mais lia sobre o assunto em termos de conhecimento...literatura do assunto...então a leitura...a retórica em...de anos em termos de apresentação é muito boa. É...passou mais tarde a interessar mais por literatura...sociologia...economia...e mais no sentido de marxismo...essas coisas...por conta própria...também... e depois que eu entrei na universidade...com livros ou textos...que eu tinha e ele de tabela também passou a ler...então assim...de vez em quando...mas ele...de vez em quando...mas ultimamente tem sido mais... crítico em relação as coisas... então ele diria que...hummm...(PAUSA REFLEXIVA)...eu diria que ele é bem mais...se tornou bem mais combativo que eu...no passar do tempo...pelo fato de ler, criticar, questionar... (SILÊNCIO)...Então...assim...nesse sentido de literatura...e conhecimento...então assim...ele não é um Az do conhecimento...mas dentro das possibilidades dele ele passou a estudar mais coisas...por conta própria. É...hum...como pai...é... é assim...a gente não é...a gente é apegado um ao outro mas não é aquela coisa de eu poder chegar e falar abertamente com ele... a maioria das coisas... Eu fiquei mais a falar isso com a minha...a...a se abrir mais pra minha mãe... Mas ele enquanto pai...enquanto pessoa... e eu...não há dúvida de que ele cumpriu...cumpre bem o seu papel de pai...porque mesmo a gente sendo pobre a gente nunca... Como a maioria dos pais faz...ele nunca me disse que eu precisaria trabalhar pra colocar comida em casa...que eu precisaria trabalhar pra valer alguma coisa em casa. Ele sempre colocou como requisito essencial estudar...e não mediu esforços...é...em financiar os meus estudos...então eu tive um período em que eu passei por escola particular...foi ele quem pagou mesmo...sendo pedreiro. É... pagou cursinho...estas coisas...todas...então assim...ele nunca cobrou de mim questão de ter de trabalhar... "Ah, tem que trabalhar... e não estudar, porque estudar não vale a pena..." que eu acho que é uma das coisas...um dos problemas familiares...no Brasil... o fato de que o pai tolhe o filho... por uma crença arraigada de que filho... é isso mesmo... filho tem que trabalhar e pronto. Inclusive uma tendência que eu posso tá errado...mas uma tendência que eu observo é que...ultimamente numa família onde tem um casal de filhos... o filho...ele tem uma educação mais largada portanto não avança nos estudos e o pai e a mãe tendem a investir mais na filha. O que em certo sentido... ao longo do tempo... vem dando...levando ao resultado de ...que as mulheres tem mais escolaridade

que os homens. Ah...esse é um dos fatores que eu acho que influencia...e outros...mais...uma questão de dentro de família...porque essa relação...esse modo de pensamento... dos pais mais antigos... tem reforçado muito a tendência ao deslocamento... no nível de escolaridade entre homens e mulheres... Mas...eu procuro enquanto filho... tenho consciência do esforço dele enquanto pai... minha preocupação hoje é...com relação a saúde dele...e...nos últimos tempos tem sido a minha preocupação porque...eu tenho que tentar aliar a capacidade ...minha de... continuar avançando em termos de estudo... mas eu tenho que me preocupar com o fato de que não temos plano de saúde e eu não posso deixar meu pai largado...no nada. Eu não quero...por ser filho único eu não quero deixar os meus pais...e muito menos o meu pai...num asilo...não acho isso um procedimento...correto. E...eu não quero também que ele fique largado no SUS. Convenhamos que o sistema de saúde no papel é muito bom mas... não funciona...do modo que deveria funcionar. Então a questão financeira...no quesito saúde...media muito né...ah...esse problema de avançar no estudo e...e...questão de recurso pra...banciar um plano de saúde...e alguma coisa assim. É...

Tatiana: E a saúde dele está debilitada por quê?

S1: Não...não é uma questão de saúde debilitada...é porque...é...hamm...pelo fato da idade...mesmo e ele já começa a apresentar sinal de pressão alta...estas coisas...né...então é preferível remediar...por antecipação... então eu não quero deixar chegar num estágio muito pior. Prefiro fazer um acompanhamento médico desde agora pra não ter problema. Então...fazer exame de rotina...essas coisas sem tem que ficar... dependente de médico...boa vontade...essas coisas. Principalmente porque ... na cidade que eu moro o sistema de saúde está péssimo. Piorou muito de uns tempos prá cá. Então...a questão é essa mesma...como pai...ele cumpriu bem a função dele...e eu não pretendo deixar ele na mão de jeito nenhum. Não quero e não acho isso justo...deixar a pessoa na mão...largado...porque... A pessoa... pai e mãe não é pai e mãe só até enquanto você começa ir trabalhar... e ter a sua própria vida...querendo ou não você tem... querendo ou não você tem um vínculo com a pessoa... do momento que você nasce até...quando ela vai falecer e tudo mais...Então com relação ao meu pai...assim...a relação é a mesma...assim de proximidade...mas...é... a questão é essa mesmo. Com relação a minha vida pública...aí a minha vida pública...vida pública...você fala...?

Tatiana: É...são as suas vivências...né...além do seu relacionamento familiar...são suas amizades...seus outros relacionamentos...namoro...? E...você diz por exemplo, talvez,... o seu pai...você disse que ...que... já chamaram ele de turrão... Por que turrão?

S1: É porque ele... no sentido de que... é... ele é muito difícil...você...é...ele geralmente...tende a achar que a opinião dele é... está mais certa do que a sua. Então...ele é meio teimoso em relação a isso.

Tatiana: Huhumm...

S1: E como... ele...esses atritos...meus...ahm...inclusive com as minhas tias... e as vezes em casa mesmo...ele acha que o negócio tá... certo daquele jeito ali... algumas vezes por não entender a colocação dos termos... outras vezes porque a gente também não entende...porque não...mas também ele vira e fala: “Não...não sei o que. É isso mesmo.” Por exemplo, várias vezes eu já tentei explicar pra ele... como é que funciona o capital no sentido de...capital...capitalismo. E toda vez ele acha que eu sou a favor do capital...e na verdade eu não sou nem a favor e nem contra. Na verdade eu estou fazendo uma explicação... do processo de... como se deu a formação do capitalismo. Como é que o capital funciona... mas ele acaba...na hora de explicar ele acaba...entendendo que eu estou fazendo apologia ao capital e não é isso.

Tatiana: E como é que...como são estes conflitos...? Essas suas tias são irmãs dele ou...?

S1: É...irmã dele...

Tatiana: É mesmo?! E...qual é geralmente o pano de fundo destes conflitos?

S1: Não...é que...as vezes a minha tia acha...que a coisa tem que ser assim...ela tá fazendo bobagem...e...Por exemplo, a minha tia fez um concurso público...já é aposentada...aí o meu pai acha que ela tá caçando mais dinheiro...sovina...coisa e tal...e aí ela acha que não...”o que que tem fazer o negócio”... aí fica aquela disputa...embate de opinião.

Tatiana: E você? Como é que você lida com isso...com ele nesse sentido? Você...negocia com ele isso...ou geralmente você silencia...deixa pra lá...?

S1: Ah, geralmente eu deixo ele falar. Eu não me incomodo muito com isso, não...porque não dá...as vezes não dá pra poder ficar...mantendo a discussão por longa...por longo tempo. Então... pra mim é tranquilo...mas de vez em quando eu fico enchendo o saco dele de sacanagem, mesmo...é só pra encher o saco...apezinhar...apezinhar ele mas...é tranquilo pra mim...isso não tem problema.

Tatiana: Seu pai ele já...ele já militou...em algum movimento... social? Ou...ou algum movimento do bairro...mesmo...comunitário? Ele já foi...?

S1: Ah, ele já mexeu com sindicato...mas também ficou assim...descrente...com relação a movimento social...de sindicato...essas coisas... Aí ele preferiu meio que afastar e ficar...mais por conta dele mesmo...

Tatiana: Humhum...isso na sua infância?

S1: Não. Foi antes de eu nascer... Então...assim...hoje ele é meio...quase apolítico...Não incomoda mais...nem gosta mais...de falar de coisa de política porque... ele já entregou pra...seja o que for. Então...ele já nem mais mexe com nada. Relacionado a movimento ele não mexe mais... não. (SILÊNCIO) É... meio que chutou o balde, né. Não precisa mais esquentar a cabeça.

Tatiana: Humm...

S1: Agora...ham...com relação a minha vida pública...?

Tatiana: E você? Você já se envolveu com...com outros movimentos...assim...? Movimentos sociais...movimento político...sindicato...movimento do bairro...ou alguma outra causa?

S1: Não... sindicato não...movimento de bairro também não...é...Eu já mexi com o que que eu já mexi? Faz tanto tempo...(SILÊNCIO REFLEXIVO) É... eu já fiz parte de...de...sociedade musical...eu já fiz parte de coisas bem mais organizadas... em termos institucionais... eu não estou lembrado aqui...agora...Já...mexi com...com algumas coisas...sim...Ah...já fiz parte de teatro...sociedade musical...é...a Sociedade Musical Santa Cecília lá de Sabará... (SILÊNCIO)

Tatiana: E...você mantém alguns vínculos...ainda com esse pessoal?

S1: Ah, não. Muito difícil porque...as coisas são muito esporádicas...né...A coisa não é perene...assim...Embora a Sociedade Musical continua existindo no tempo, né...é uma instituição financiada pela prefeitura...lá de Sabará...mas eu...perdi vínculo porque...muita gente também saiu...da época. Eu conheço o maestro, mas...também faz tempo que eu não o vejo... não trombo com ele nem nada...faz muito tempo que eu não vou a Sabará...então eu não sei como é que a coisa esta andando pra...por lá. Eu tive que sair porque eu fui... começar a fazer o vestibular...então não dava pra conciliar estudar pro vestibular e aprender a tocar violino...então...acabou que cortou...Depois que eu entrei na universidade menos ainda...mexi. É...

Tatiana: Você sente falta?

S1: Muita falta...porque...não faz sentido...a pessoa...Eu acho né...que não faz sentido a pessoa...é...é...aprender determinada profissão... única e exclusivamente porque tem que aprender determinada profissão...porque a sociedade cobra que a pessoa tem que ter uma determinada profissão e tem que ir bem...e X, Y, Z. Aquela coisa certinha...e a pessoa as vezes não tem tempo pra fazer alguma coisa que gosta. Então... eu gostaria de voltar a... tocar violino...eu tenho o instrumento lá em casa mas...raramente eu mexo. Hum...não dá e também você tem que dedicar um tempo específico...uma hora pelo menos...o pessoal fala...mas eu acho que uma hora é até pouco... Mas você tem que dedicar ao trabalho...estudo... aprender inglês...não sei o que...isso e aquilo outro então o tempo vai consumindo. Você perde um tempo grande de deslocamento...perde aí duas horas...da sua vida deslocando...de ônibus...ou então...até mesmo de carro... dependendo do trânsito...me consome bastante. E você ainda tem que fazer atividade física pra não ficar obeso...ou então...ou então...acumulando gordura...essas coisas...então assim...você

tem que...sobra muito pouco tempo pra...pra poder dedicar a música...essas coisas... É olha que eu nem sou tanto de ficar visitando família...se bem que nos últimos quatro anos...eu nem tenho aparecido pra ver as minhas tias...nem minha avó...nem nada...então...é...mesmo com isso...eu...também eu...na realidade eu sou bem...avacalhado com relação a organização do meu tempo. Eu agora estou começando a aprender a ficar mais esperto... porque avolumou mais coisas pra fazer...então eu tenho que saber organizar...Só que esse negócio de saber organizar o tempo da gente parte do pressuposto de que a pessoa é como se fosse uma máquina e pudesse fazer determinada atividade num tempo...depois ser reprogramada pra fazer outra coisa num tempo...depois outra atividade num espaço de tempo. Só que como ser humano a gente tem um ponto de...um ponto de auge...um ponto de máximo e um ponto de mínimo, né...falando em termos matemáticos...de produtividade...ou seja você não consegue fazer bem...todas as atividades que você se propõe a fazer durante o dia...então de manhã cedo...você pode trabalhar...a tarde você pode estudar...mas não consegue ter o mesmo rendimento porque afinal de contas você está dispendendo...energia ao longo do tempo...chega por exemplo a noite...está bem cansado...Então quando você vai realizar uma atividade de concentração...fica bem mais difícil que...você faria se estivesse na parte da manhã. Então são alguns problemas de limitação de tempo que ...influenciam bastante...É...com relação a vida pública...eu vou considerar a vida social...é a minha vida social ela é bem limitada...porque...isso se deve muito a questão minha mesmo... Eu não tenho muita paciência pra ficar conversando não...qualquer coisa assim...do dia a dia...Assim “Ah, o povo senta pra conversar...sobre o Big Brother...”. Eu não vejo o Big Brother...eu não gosto de ver o Big Brother...porque eu acho uma bobagem...perder tempo pra poder assistir a porcaria do negócio... Então...assim...já está excluído do grupo...que conversa sobre o Big Brother...(SILÊNCIO) É...eu não conheço nome de artista...de televisão...raras exceções...e uns já devem até ter morrido já...também...acho...Nem sei mais...não sei nome de artista...não sou fã de novelas...saco mais ou menos muito pouco...Filme eu até conheço um bocado...mas também não é todo e qualquer tipo de filme não...Então assim: nome de artista eu não sei...nome de modelo aí que fica aparecendo na televisão isso não me incomoda...eu não me preocupo...É...Big Brother eu não assisto... Como é o nome do negócio lá...Luciano Huck...no sábado...alguma coisa...eu não assisto...?

Tatiana: Ah...Caldeirão do Huck.

S1: Caldeirão do Huck...eu não assisto...fico sabendo dos programas porque o povo comenta comigo ou então de vez em quando...quando eu vou na casa de algum amigo...o cara...tá assistindo o negócio e aí de quebra...de tabela...você assiste o programa...Mas...não ligo televisão pra assistir isso...É...Faustão...pelo amor de Deus...não assisto nem a pau. Pânico na TV...nem tenho idéia...assisti raras vezes...É...

Tatiana: ...E as festas ou saídas com os amigos...? Ou os encontros...os raros encontros com os amigos...? Você gosta de música, né? E nesses momentos...

S1: Eu gosto de música...mas é música clássica...então os amigos não gostam tanto de música clássica...então também já tá excluído. A última vez eu fui... foi engraçado porque da última vez eu fui no...no...Palácio das Artes pra assistir uma apresentação de tango...com um colega da época de universidade...de...bolsa...bolsista...é...quando a gente chegou lá...eu olhei...assim...nossa...o pessoal aqui é...sessenta anos ou mais...de novo só tinha eu e ele...assim...a gente tentava jogar a média da idade...do pessoal pra baixo mas mesmo assim não dava porque era sessenta, oitenta, noventa...anos de idade era a média do pessoal. Então assim...não é todo mundo que gosta de tango. Não é todo mundo que gosta de música clássica...então é difícil ter “pega” pra poder...de gente que vai...querer me acompanhar ou até mesmo...eu acompanho os outros nas loucuras deles mas eu...não forço também...ninguém a...me acompanhar... Já fui lá nos encontros Conexões...como é que é?! Conexão Vivo...aí...mas...é...há...é muito avacalhado...a galera fica numa fumação de maconha danada...eu não tenho paciência com isso não...acho que eu to ficando meio velho...Não...eu não tenho paciência...nem... (SILÊNCIO) Então...assim...em termos de cultura...relacionado a música...eu tenho esse problema...então eu pego e vou sozinho. Foi aquele negócio que eu te falei do cartão de crédito...é por conta disso¹⁰³.

Tatiana: Humhum...

¹⁰³ O entrevistado informou a pesquisadora antes do momento da entrevista que não utiliza cartão de crédito e por isso se vê muitas vezes em situação de constrangimento por conta dos amigos que julgam essa situação inconcebível para uma pessoa dos dias atuais.

S1: É...quinta-feira agora tem apresentação no Palácio das Artes...então eu vou sozinho...e eu não quero nem saber se tem gente pra ir comigo...se não vai...eu já...eu já sei...já concluí: não há esperança. Então eu vou sozinho. E tem outra coisa...também...a maioria dos meus amigos tem namorada...então não faz sentido eu ficar segurando vela...de tabela...lá também...segurando vela...do nada né?! Isso é falta de noção. Aí seria falta de noção demais.

Tatiana: Mas aí você não leva nenhuma menina... junto?

S1: Não...porque... (PAUSA) a maioria...de certo sentido...(PAUSA) eu acho que não gosta de música clássica também...estou falando acho...porque... (PAUSA)...é...(PAUSA)...porque dos...dois...três anos prá cá...eu tive uma desilusão amorosa e preferia...agora ficar mais quieto na minha...não incomodar também...não vão incomodar as mulheres...também...mais não...Então tá tranquilo. Tô beleza...e vou tocando o barco...É...então...nesse quesito aí também...eu não... É...de um modo geral eu não sou uma pessoa que: “Nóóóssa! Causa...” Eu...não...Olha...primeiro eu não faço musculação...vou começar no mês que vem mas...não faço musculação...é...então assim...não tenho um corpo maravilhoso...não tenho um rosto muito bonito...não tenho dinheiro... (PAUSA) ...e como a gente classifica no mundo masculino... eu não sou mongolóide. É que a gente fala de vez em quando que (RISOS)...eu gosto muito de argumentar isso...é que mulher só fica com nego mongolóide. A gente (RISOS) então...a classificação geral de quem tá “passando fome”... é essa: “mulher só gosta de ficar com nego mongolóide...então eu não sou mongolóide...então eu tô...vou ficar chupando dedo, aí...” Então...beleza...

Tatiana: Mas você acha que todas as mulheres... que ainda...não tem mulheres que...que...gostem...ou que tenham gostos parecidos como o seu...?Você acha que se...ahm...no mundo de hoje...a aparência...construída pela mídia...pela televisão...isso...isso...afasta as pessoas...? Você acha que é isso?

S1: Eu acho que sim...eu acho que sim. É...

Tatiana: Você acha que isso dificulta também de...ahm...dificulta as pessoas se aproximarem...? Bem...pode ser que tenha uma menina que...

S1: ...É... (PIGARRO). Bem...como é que eu vou...é...Como é que...é...a questão de...de...análise mais... parece meio negativista...mas é uma análise mais pura...não sei talvez...eu estou errando em alguma coisa...de...de...entender. É...dado o contexto atual...de que...é... “viva o presente... viva a juventude... o negócio é viver intensamente...blá,blá,blá...” Não é compatível... (PAUSA) não é...não é...como é que eu digo?!...Não é...não existe possibilidade...de encaixe...encaixe entre aspas porque eu não achei um conceito, uma palavra certa. Não é possível...encontrar um ponto de liga...digamos assim...um ponto de pega...entre uma pessoa...que...não... aí Deus...como é que eu vou explicar isso...vou...vou tentar simplificar o negócio...Entre alguém que seja totalmente desprovido de...capacidade crítica...que fala qualquer bobagem...qualquer coisa...que não faz o menor sentido...não que falar bobagem seja um problema mas...falar bobagem de vez em quando...ahm...falar bobagem que eu digo é...fazer umas piadas sem graça...uns “trem” sem noção...umas coisas que não tem nada haver...que tipo assim... “Nó...pelo amor de Deus...a pessoa não cresceu...”. Então entra uma pessoa que...que não tem a liberdade necessária...ou que não está acostumada...a ser expansiva...uma pessoa...que não está acostumada...a ser muito...eu não sei se pode falar que é uma pessoa...alegre...eu não sei...é um termo meio...estranho...mas sei lá...

Tatiana: É extrovertida?

S1: É...seria extrovertido (PAUSA) mas é mais do que isso...existe...a meu ver parece que existe um...padrão...específico...que é...linguagem corporal...ham...aparência...e formas de comunicação... (SILÊNCIO)... até mesmo abstrata...que...permitem que as pessoas...é...promovam...contatos...ham... e relacionamentos sociais. (SILÊNCIO) A sociedade...atual...ao meu ver...de modo geral...ela (PAUSA)...despreza...a pessoa que... seja...CDF...entre aspas... ou seja...ela tende a...a...tornar marginal...a pessoa que 1) gosta de estudar; a pessoa que tem a capacidade de criticar a forma geral das coisas...como as coisas funcionam...e exclui a pessoa fisicamente...que tem determinado tipo...biofísico...e exclui a pessoa que não acompanha...aquilo que é dado pela sociedade... ou seja a pessoa que não acompanha as formas de entretenimento...as

formas de... (PAUSA) de...principalmente as formas de entretenimento...digamos assim. Então essas pessoas são marginalizadas... Agora quem...adota...o biofísico...o biotipo...é...dá sociedade...essa pessoa tem uma maior facilidade...Então...no meu caso...existem determinadas limitações nesse sentido...eu não tenho...antigamente eu tinha até paciência...hoje eu não tenho mais paciência pra ficar conversando fiado...bobagem e tal. Então já é um quesito que afasta. É (PAUSA). Eu não sei...ficar conversando de carro...embora eu tenha carro mas eu não acho isso uma coisa essencial...a minha vida não se pauta em...festa...carro...dinheiro (BATIDAS NA MESA). Pra mim são valores outros... que eu acho que são...mais importantes. Em certo sentido... sou...até meio conservador...no sentido de que...é...é...eu...não sou...não sou adepto...da idéia de vários relacionamentos ao mesmo tempo...que o povo chama de “pegação” e coisas do gênero... então nesse sentido você também já está fora...do contexto mais...público. (SILÊNCIO) E...eu acho que é isso...mesmo...parece bem mais complexo... o processo de análise. Tem gente que fala que isso não tem nada haver...mas eu não sei...até agora eu não vi nada de diferente.

Tatiana: Você acha que...que...não tem pessoas que fogem desse tipo...desse estereótipo...?

S1: Tem pessoas que fogem...

Tatiana:...pensando...assim...os relacionamentos...

S1: ...mas acho que estão bem dispersas no espaço.

Tatiana: Hum...

S1: Então...assim...como as pessoas estão dispersas no espaço...você não consegue acessar essas pessoas porque...são minoria...então...como minorias...estão em algum lugar...e...gravitando em algum lugar...então você não consegue...acessar...ter acesso a isso. Você tem mais acesso ao que é padrão...comum...o brasileiro médio.

Tatiana: Hum... Pra ter acesso é...você acha que pra ter acesso não teria que circular?

S1: Mas...circular...até...quanto...de circular ...né...?! Quantos quilômetros de circulação possível...?

Tatiana: Hummm...

S1: Então...o negócio é bem limitado.

Tatiana: Você acha que...é...agora eu vou dar um exemplo das mulheres...as mulheres hoje elas estão menos afetivas e mais...ahm...as pessoas no geral...estão menos afetivas...no sentido de as pessoas trazerem para o convívio...pra experiência...na relação com o outro...mais substância...menos efemeridade nas relações...mais sinceridade...mais profundidade...mais respeito...ao outro...no sentido do diferença...? E na diferença no geral você acha que – se for isso - ...que esse pressuposto...essas relações efêmeras tem dificultado as pessoas se aproximarem e a partir daí trazer mais qualidade para as relações...pra tudo...no trabalho...nas relações afetivas...nas relações em família...com os amigos?

S1: Olha...eu acho que sim e não. Sim, no sentido de que...é...o próprio sistema social...as relações de trabalho...as relações de mercado...as relações entre classes...e a dinâmica que o sistema de produção impõe as pessoas...faz com que...é...como há relacionamento...como as relações sociais são mediatizadas por questões materiais...aí vale o velho jargão...como as relações sociais são mediatizadas por questões materiais as pessoas começam a tratar umas as outras como materiais também... objeto.

Tatiana: Então você acha que isso está entrando também no campo da sedução?

S1: Sim.

Tatiana: E muito?

S1: Muito no sentido de que...você pode pegar até um termo recorrente: “Eu fiquei com fulano (BATIDAS NA MESA) por...por três meses...(PAUSA) por um ano.” É...a

mesma condição...que você vira e fala: “Eu fiquei com um carro (BATIDAS NA MESA)... durante um ano”. “ Eu fiquei com uma mochila durante um ano”. Mais ou menos muito próximo a...a colocação de termos. É...então existe este problema de...de...é claro que depende de formação humana. Depende da formação de cada pessoa...depende do que que a televisão bota na cabeça dos outros...sistematicamente...então as pessoas estão tendendo a se coisificar nesse sentido... Mas por outro lado...não...porque em última instância...dado que nós somos seres humanos e ainda não nos tornamos robô...robôs...mesmo um pouco adepto da teoria marxista...eu acredito que...por serem criaturas humanas...tenham consciência...então...em última instância...as pessoas...procuram relacionamentos efetivos...verdadeiros e coisas do gênero. Mas é uma relação muito tênue e muito estranha porque ao mesmo tempo que a pessoa...(PAUSA) e eu seria maldoso falando que só...existem relações baseadas em termos materiais...porque tem gente que...que...arruma namorado...sei lá...e...fica aí...um longo tempo...e mais tarde casa...e coisas do gênero...mas isso tende a reduzir...ao longo do tempo. Outra questão que reforça a idéia da materialização...é o fato de...o que eu havia citado anteriormente... “Ah, eu fiquei com fulano durante três meses...eu fiquei com um carro durante três meses...” . Uma outra coisa bem próxima é a análise mercadológica do processo...que é muito assim: “Ah, fulano de tal tá solteiro.” Aí corre esse determinado tipo de informação em determinado grupo de pessoas...amigos. Aí vem algum e fala: “Ah, eu vou apresentar você a fulano de tal.” E aí por algum motivo X não dá certo. Ou então por um motivo Y deu certo. Ou seja, por um motivo deu certo, por outro motivo não deu certo. É...uma coisa que teoricamente teria que ser aleatória...talvez seja loucura minha...mas uma coisa que teoricamente teria que ser aleatória...ela começa a ser mediatizada por relações muito parecidas com relações de mercado...onde eu tenho um produto A – solteiro...e tento fazer um vínculo com um produto B – solteiro. Então parece um negócio muito comercial...assim...uma coisa muito... “Ah, A e B estão nesta condição...tenta ajuntar...”. Ou então...apelando mais...a forma de análise...aparece esses programas de rádio aí...que tem...é...de noite...né... Esses programas de rádio...(RISOS) estou falando em programa de rádio porque na moradia¹⁰⁴ tem...tinha...tinha uns neguinhos lá que ficavam escutando esse negócio de programa de rádio...os “Good

¹⁰⁴ Moradia universitária da Universidade Federal de Minas Gerais acolhe estudantes, pesquisadores que não moram na cidade de Belo Horizonte.

Times” da vida...Nossa...dava um desespero! Então...fulano...ai...vem sempre aquela apresentação: “Meu nome é fulano de tal, tenho X anos de idade, procuro não sei quem é... de idade X...é...que seja isso, que more...” Tens uns que botam até o lugar que moram né... “...que more de preferência no Centro de Belo Horizonte”. Então...assim...fica um negócio bem rotulado, né...um produto...que se tem...a...a...composição do produto...o peso líquido...é...o peso líquido, o produto...é...o que mais...é...sei lá... o número da inscrição estadual...essas coisas...um produto (BATIDA NA MESA) qual que é...na prateleira tem determinadas características que o caracterizam...e o determinam como um produto A.

Tatiana: Que é atrativo ao outro?

S1: Que é atrativo ao outro que vai comprar. Aí a coisa começa a se dar da mesma forma em relação ao relacionamento humano. “Fulano de tal tem idade X, e tal...e tal...” Aí começa aqueles rótulos...Aí procuro Fulano de tal, falo o número de telefone. Aí fica um negócio bem...tipo assim...tens uns que falam na tora: “Que seja ...”(RISOS) como é que é...é que da última vez que eu escutei eu achei engraçado... é... “eu sou não sei o quê...isso, isso e aquilo... procuro alguém que tenha realmente boa aparência...” (RISOS) É um negócio bem...é... “que tenha boa aparência, que seja definido...” e aí vem... “...que esteja com a situação financeira bem organizada e tal e tal” ...essas coisas. (SILÊNCIO)

Tatiana: E...

S1: Coisas do mundo moderno...modernidade líquida né...do texto...de...não lembro o nome.

Tatiana: E como é que você imagina...é...que deveria...ou...uma opção...um contraponto...ahm...a esse tipo de...de construção de relacionamento... que a gente tem, por exemplo...?

S1: Eu...eu...

Tatiana: ...no mundo de hoje?

S1: Eu não sei...não tenho idéia. Realmente eu não sei...eu não tenho nada formado. (SILÊNCIO REFLEXIVO) Seria voltar ao modelo antigo...em que mulher era obrigada a casar com fulano de tal...porque o cara tinha dote. Dote, não...dote quem tinha era a mulher...mas...a menina tinha que casar com fulano de tal porque já tinha sido prometida pelo pai. Vai voltar a isso? Não...não é tanto...porque isso também é uma irracionalidade muito grande. Embora, tivesse como mesmo princípio o objetivo econômico e social... acho que não precisa retornar a tanto. Mas...

Tatiana: E pra você qual... o que você acharia que seria bom?

S1: Eu acho que seria bom que as pessoas fossem no mínimo... claras e honestas naquilo que estivessem dispostas a fazer. Não omitindo informações... tipo assim...a pessoa dá todo o indicativo que quer algo mais com você mas na realidade...ela guarda consigo determinadas informações porque existem outras pessoas...vinculadas a ela. É o que eu chamo de teoria do terceiro elemento. A pessoa...a pessoa não fala pra você abertamente que...já está em algum outro relacionamento... ela meio que monopoliza...meio que...que...monopolizando as coisas ou vai construindo uma teia de parceiros...digamos assim...que é muito comum...é a pessoa vai colecionando pessoas...no seu portfólio de...de relacionamento...bem...financeiro, né?! Você pode fazer uma coleção de...coleção de...de...é...coleção de...de investimentos mesmo...como...igual a um banco. Ou seja, o que eu quero dizer...é...a pessoa ela não é...ela não fica só com uma pessoa em si...ela fica com um, com três, quatro, cinco pessoas...mas essas pessoas não sabem. Vamos citar um exemplo no qual um elemento A...não vou falar nem que é homem nem mulher pra não dá problemas de falar que eu sou machista...se for mulher...e falar que eu estou lenhando a galera. Uma pessoa A fica com B...vamos traçar um ponto inicial...É...uma pessoa A fica com uma pessoa B. Beleza! Só que a pessoa A também começa a ficar com a pessoa C, mas a pessoa B não sabe que A está começando a ficar com C e nem C sabe que A fica com B. Mas A sabe que está com C e B. Aí, A começa a ficar com D. D não sabe que existe B; B não sabe que existe C e C também não sabe e não tem a menor idéia que existe D. Mas A sabe que tem A, digo...A sabe que tem B, C e D. Então assim...fica um negócio meio

que...assim...alguém sabe mais informação e alguém não sabe nem do que está acontecendo e acha que tá ali “Oh, eu sou um indivíduo maravilhoso...sou a única pessoa.” E aí ...quando ela vai ver...ela não é a única pessoa.

Tatiana: Você acha então que falta mais honestidade... entre as pessoas...? É isso...respeito ao...?

S1: É...respeito.

Tatiana: ...ao contrato...

S1: Não...não é uma questão de contrato...

Tatiana: Não...eu digo contrato...assim...porque eu não estou achando uma palavra melhor...humm...é um contrato social...eu digo é...um contrato entre essas duas pessoas...mas não é um contrato... a palavra...é um...quase que um... pacto...né?!...É...

S1: O pessoal mais religioso fala que é uma comunhão...

Tatiana: Humm...isso...essa palavra, né?! ...entre as duas pessoas. E...algumas coisas estão ditas...precisam estar bem claras...aquilo que está fora é porque alguém não sabe...e aí...tem uma quebra...Você acha então que tem acontecido demais...e...é isso realmente que corroi com a coisa...que torna difícil...mesmo...se relacionar...com o outro?

S1: Sim...porque você não sabe até que ponto a pessoa está sendo honesta com você...então fica um jogo de...como se fosse um jogo de máscaras...onde você está ali...mas não está...fica uma coisa bem pueril...ali...bem etérea...digamos assim...uma coisa bem pouco palpável.

Tatiana: Humm...

S1: É que no final das contas...acaba...humm...uma coisa muito corriqueira...deixa de ser uma coisa mais real onde você possa...porque as pessoas em linhas

gerais...esquecem...ou sabem...o que implica que no longo prazo...tudo se ajuste...mas as pessoas esquecem que as pessoas tem sentimentos...e que ninguém gosta de ser tratado como um objeto ou coisas...coisas manipuláveis...né. Então...ham...a questão de...de...os mais intelectuais...mais...avançados...diriam que eu sou retrógrado...e que a pós-modernidade permite este tipo de coisa e que...ha vantagens e tal...Eu não acho que seja muita vantagem.

Tatiana: Mas você acha que essa é uma coisa mensurada pela pós-modernidade ou na verdade não tem mensuração nenhuma porque não está no campo do racional...?

S1: Ou talvez está no campo do racional...onde o indivíduo...pelo fato de saber que nada é eterno...então...ele procura maximizar a satisfação dele...através de vários relacionamentos...tentando extrair de cada um o melhor...possível. Se for assim...então o ser humano caiu no nível mais dramático que seria a mercadoria...eu uso alguma coisa enquanto ela está nova...eu uso uma roupa enquanto ela está nova...depois quando ela ficar velha eu descarto. E aí...a coisa começa a ficar bem mais materializada...Essa é uma visão que eu tenho...parece ser uma visão pessimista...mas é a visão que eu tenho visto aí várias vezes...já fui refém disso...e...eu não sei se existe algum ponto...alguma coisa que possa ser diferente. (SILÊNCIO)

Tatiana: Na universidade você tem visto isso...muito?

S1: Na universidade isso aí é comum... é básico. É isso...não...não (RISOS) Já estou começando a achar que não existe universidade sem isso...é critério básico...elementar. É isso. Até em cidade de interior a coisa já tá mudando. Mas também eu sou contra o tradicionalismo exacerbado. Mas o mínimo de organização...de...de respeito entre as pessoas eu acho que é o...o básico. Ah...(SILÊNCIO) é...basicamente a esse respeito eu tenho achado isso. Eu não sei.

Tatiana: Então...você acha que as mulheres estão um caso perdido...?

S1: Não é um caso perdido...mas...parece ser machista o que eu vou falar...mas...não é. As mulheres estão sendo...caíram numa cilada absurda...que elas não sabem...ou

sabem...mas...não sei porque não agem contra...que é uma indagação minha. A partir da década de sessenta... setenta...foi o início de uma revolução feminista...digamos assim...só que...o que que acontece...nunca em toda a história da humanidade...como diria algumas pessoas que...já falaram esse termo...nunca antes na história da humanidade...ou nunca antes na história do Brasil... como eu disse... nunca antes na história da humanidade as mulheres tiveram tanta liberdade de fazer o que desejam...pelo menos nos países do ocidente...nos países de democracia...Só que ao mesmo tempo que elas passaram a ter liberdade de fazer tudo o que elas querem...ao mesmo tempo elas caíram na outra condição...eu diria...elas caíram nas...no...no...no âmbito da necessidade de se libertar...do machismo...através da revolução feminista...elas...caíram...num novo machismo...numa outra dimensão...E...como seria isso? Parece até que existe uma grande mente arquitetando a coisa... mais até...a revolução feminista existir...um padrão de dominação machista e a...depois da revolução feminista...passou a haver um outro nível de dominação machista...mascarado na liberdade feminina...Porque em última instância...a...a idéia de sensualidade feminina...a questão de sexualidade feminina...de liberdade do corpo feminino...de fazer o que bem quiser do corpo...em última instância vai atender...o machismo. Por quê? Eu vou usar um exemplo...simples pra tentar...um exemplo limitado...um exemplo simples...Se até...a...até a primeira metade do século XX...vão...eu vou usar um exemplo grosseiro...as mulheres tinham determinado padrão de roupa...que eram roupa...uma roupa mais...menos decotada...que simbolizava uma forma de repressão da mulher...a mulher tinha que usar uma roupa longa...que não podia aparecer o decote...os seios...blá,blá,blá...depois da revolução as mulheres passam a usar roupas mais decotadas...ham...mas...porque elas passam a determinar o tipo de roupa que elas querem...mas...a produção... a moda de vestuário...ela...exacerbadamente...coloca...a mulher como...objeto. Ao mesmo tempo que a mulher quer se libertar...de ser um objeto...ela se insere...no novo modelo de revolução...feminista...como objeto. Porque...a construção da mídia...a construção da...moda de vestuário é toda...voltada pra sexualização...da mulher...porque a roupa é mais curta...os...Se antigamente, no século XIX...a mulher usava uma saia longa...hoje ela usa um short que...tem...ham...equivalente a quatro dedos juntos...então...eu diria...que liberdade é essa...das mulheres que...de uma hora pra outra...de uma repressão...brutal...no comportamento...passa a ser...digamos que...uma repressão meio que...não não...uma

repressão invertida mas...seria um...deixaria de ser uma repressão direta...pra um controle indireto...então assim...eu...a meu ver...as mulheres ainda...nem...não chegaram ainda nem perto...da revolução feminista delas...porque elas deixaram...a possibilidade...o potencial de ser...de serem seres humanos...dotados de suas características especiais...e acabaram se inserindo...no contexto...da mercadoria...porque...até mesmo...pela liberação das relações...humanas...relações amorosas...em que uma mulher fica com vários homens...os homens ficam com várias mulheres...então as mulheres...se tornaram mais objetos...ainda...nesse sentido...se tornaram mais...objetos...mais objeto...ao buscar a própria liberdade...de uso do corpo...porque passaram...a adotar um comportamento e uma...um vestuário que é muito conveniente...é claro...a classe masculina...(SILÊNCIO) É...em termos culturais...é...de dança...essas coisas...elas...adotaram uma forma de...de dança...totalmente...sexualizada... que vai agradar...em última instância...a classe masculina...então...essa liberdade foi...totalmente...digamos...cooptada...sobre uma nova ótica de machismo...E o povo fica...nessa briga...imbecil...de quem é melhor...quem é o homem...quem é a mulher...mas eles não avaliam...na profundidade que é...a meu ver...a questão...E o que me deixa mais desesperado...ai é que o povo fala, né...é...mulher...é burra. Ahm...não é possível...não enxergou a condição dela...ela não...as mulheres...as feministas de plantão...digamos assim...as feministas mais...linha dura...não perceberam...ou talvez perceberam...mas como elas são minoria...e não tem espaço pra poder falar...elas não perceberam que na realidade...elas caíram numa cilada... porque o processo de revolução feminista...não alcançou...pra mim...pelo menos pra mim...a meu ver...a revolução feminista não alcançou o que era esperado...inicialmente...Acabaram sendo cooptadas por uma nova forma de machismo...muito mais sutil...do que o que existia anteriormente. Então nesse, sentido as mulheres...passaram a ser mais objeto ainda...deixaram de ter uma capacidade de crítica...mais...apurada... e passaram a integrar um sistema...muito bem articulado de...de...até mesmo perverso...do sistema social. Elas...ham... integraram o processo de válvula de escape... elas já faziam parte disso...desse processo de válvula de escape...no sistema...que eu chamo de prostituição... e hoje elas integraram ainda ...muito mais. Se inseriram na nova ordem do...social ...de um modo muito mais...submisso do que anteriormente...É que anteriormente havia aquela questão... “Há porque o homem deve respeitar a mulher”...claro que dentro de casa...dentro das casas...nos séculos anteriores...mulher

apanhava...dentro de casa...mulher não...tinha tanta voz assim...mas pelo menos havia um parâmetro...na sociedade que era ... a mulher é uma donzela...você não pode... a mulher não pode dar o que falar...na sociedade... e hoje foi dissipado. A condição... da mulher hoje se encontra bem mais...submissa do que...anteriormente...embora elas... não tenham percebido isso... embora ...eu diga isso...os homens vão falar que eu sou veado...quando eu falar isso...(RISOS)...então... eu não falo isso. Eu estou falando abertamente aqui... porque é... em termos de pesquisa...mas eu por exemplo não posso falar isso... nos núcleos por aí...que eu circulo...Talvez aqui na FAFICH seria até mais tranquilo... mas de resto... na sociedade... o povo vai falar que eu sou louco. Mas em termos de...de...da classe feminina... das mulheres... eu entendo isso... que elas perderam o potencial de... o potencial que tem... de... de efetivamente alcançar a liberdade.

Tatiana: E...assim...o que você sente diante disso? Como homem...é...vendo as mulheres nesse...nesse sentido...nessa situação... que você está trazendo? ...E...é que... é isso pra você construir... isso... tendo em vista que você convive com mulheres também, né, ...nos mais diversos âmbitos... como é isso pra você? O que que você sente como homem... nesse sentido...passando pelo mundo...né...vivenciando estas situações...e percebendo isso?

S1: É... eu acho isso...ham...lastimável, né. A gente... o ser humano não precisa chegar a esse nível...tão baixo de ignorância. Mas optamos por isso. Não sei se conscientemente ou inconscientemente... optamos por isso. Mas eu vejo com... pena... porque... é muito... potencial jogado fora... eu sempre digo que é muito potencial jogado no lixo. (SILÊNCIO) Então... eu como ser humano...como ... criatura pensante... acho... isso errado. E...como homem... também. Mas como a maioria dos... dos pares... da minha espécie... os pares da minha espécie (RISOS)... eu digo assim...como...a maioria dos homens acham que deveria ser isso mesmo...e... tá beleza... tá ótimo... é...eu... discordo deles... nesse sentido... não penso como a maioria dos homens... por achar que isso aí tá certo... é isso mesmo...tá ótimo... porque eu não sou nenhum psicopata sexual... não sou facínora... louco... desesperado... nem ganhão... nem... pegador... eu tenho uma vida natural... normal... eu não sou desequilibrado. Não que isso também não ... que esse comportamento...seja um comportamento de alguém desequilibrado mas... é uma “forção” de barra que eu acho que... existe na sociedade. Eu acho que o homem tem

que...cem por cento das vezes que...achar... que mulher tem que... andar praticamente pelada na rua. Eh...então...acho que isso é uma bobagem... isso é construção social...ao longo do tempo... não existe necessidade disso. É... no mais... as vezes... as mulheres existem... os homens existem... e... pronto...beleza... isso aí... é muito natural... não precisa forçar a barra. Mulher pra mim não vai deixar de ser mulher... pelo fato de ... usar decote... e eu acho que homem não deixa de ser homem... pelo fato de não ficar... igual a morto de fome... correndo atrás de mulher... É...é...coisa desnecessária ...esse é um tipo de comportamento desnecessário...não precisa disso...não. Acho que a gente pode preocupar com outras coisas...É...eu acho isso...lastimável...é...mas eu...vai além das minhas forças... se eu for parar pra explicar isso... no dia a dia...eu vou tomar muita porrada... ou então... eu vou afundar mais ainda... vou me afundar mais ainda no meu distanciamento... em relação a sociedade. Então eu prefiro ficar quieto...ficar ali...beleza... O pessoal faz os comentários...eu também faço o mesmo comentário de homem mas...só pra manter o padrão...isso não é relevante pra mim... não conta ponto...pra...minha felicidade... não...É...eu não sei...parece que todo mundo...as vezes eu acho que todo mundo sabe as regras do jogo... menos eu (RISOS). Todo mundo sabe como as coisas...funcionam...mas... é isso mesmo...e as coisas vão se ajustando...menos eu... Eu fico me perguntando assim... “mas como é que os negócios acontecem assim...” Eu não entendo...eu não...ou talvez seja porque eu estou esmiuçando demais... a coisa...e aí eu fico meio... alienado... por essa tentativa de compreensão...eu acabo não entendendo o trem direito...então... mas...é...não...isso aí...não precisa disso não...não precisa dessa necessidade...desse desespero... de...de...ficar...é...fazendo musculação...não precisa... ficar nesse desespero de ficar comprando produto de beleza...igual a... esse povo fica comprando...Não tem necessidade de ficar... nessa trocação de roupa que mulher arruma... nossa...pra mim isso não é essencial... É...não é. Pra mim... olhos bonitos não põem a mesa... quem vê cara não vê coração...acho que não vale...vale muito mais isso... Mas como o povo meio que optou por outros meios...então vamos deixar o pau quebrar...Eu já estou...tipo assim... “Há...beleza.” Então pra mim é tranquilo.

Tatiana: Você acredita que não tenham pessoas que não estejam dispostas a comprar...isso?

S1: Comprar isso...?

Tatiana: Compre essa coisa...isso que você colocou...né...de seguir sempre esse padrão? Você consegue ver...ou...não? Você consegue localizar...ou você não localizou...que existem na sociedade pessoas que não estão dispostas a... ir pelo padrão...?

S1: Ah...eu acho que tem gente que está disposta a não ir no padrão...mas é a mesma coisa de você estar...é a mesma coisa da pessoa...Essas pessoas que ... não estão dispostas a comprar... esse padrão... é a mesma coisa de... alguém que está nadando contra a correnteza... E o Maquiavel disse muito bem né... eu não vou conseguir a frase toda agora de cabeça mas... em síntese ele disse que... “ em tempos maus...não adianta ser bom rei.” Não adianta ser um rei bonzinho. Você também tem que ser mau porque senão... você vai ser engolido no processo... é... e aí você perde o seu rei. Então... no desespero... na fome... o povo abarca a idéia mesmo...vai embora... só que como eu já estou mais velho... já não consigo adaptar... eu não tenho essa capacidade de adaptação que esse povo arruma...

Tatiana: Quantos anos você tem?

S1: Eu tenho vinte e oito. Então eu não...nem...nossa...eu não consigo ter a desenvoltura pra... adaptar... aos comportamentos modernos...aí...é...eu sempre... brinco muito dizendo que... a minha tecnologia nesse aspecto... é obsoleta...eu estou...eu estou... no sistema à vapor... Maria Fumaça...e o pessoal já tá lá no Trem Bala. Eu não dou conta...é muita informação... existe uma lacuna no meu... processo de formação como indivíduo... com relação a isso e eu não tenho a menor idéia de como eu vou preencher isso... e...e...vai levando...eu não tenho preocupação... em primeiro lugar...eu não tenho preocupação em casamento... isso não é meu...eu não estou... é...esse negócio de “Ah...pra você encontrar a pessoa amada...” Aquelas coisas mais... nada haver... ah...nem...nem...esquenta a cabeça mais com isso... e vou levando. Eu acredito bem mais na aleatoriedade... meio estatística do que... nesses negócios muito forçados... não é a toa que... é... casamento e divórcio... aumentaram muito... deve ser por causa disso, né. O povo vai embarcando na onda...e...depois vê que não era aquilo...e depois...

separa. Como eu quero evitar dor de cabeça...mais dos que a que eu já tenho... muitas (RISOS)...eu quero evitar esse tipo de dor de cabeça porque é muito ruim...em função até mesmo dessa desilusão que eu tive... isso me custou... de imediato... cinco meses... é...de rendimento... acadêmico... Então...eu tinha que passar... estava fazendo sete matérias...uma porcaria...estava doido pra chutar o balde...metralhar todo mundo na universidade... mas eu não podia...e tinha que levar na raça... Então... é muito desgastante esse tipo de coisa... então é bom evitar...ficar... enfiando de cabeça de qualquer maneira... E até hoje... eu gostava muito da pessoa...mas também eu não sei se...se a pessoa...mas também não sei se... se a pessoa...mas também as vezes eu acho que a pessoa gostava de mim... sei lá...é um trem muito esquisito...Fatores externos influenciam muito... sempre tem algum amigo...alguma amiga que estão ali... alfinetando pra terminar de destruir o negócio... O ser humano é muito...muito... ruim...nesse aspecto. Que nem lá em Matheus não sei das quantas...lá na bíblia...lá... “ porque no coração do homem provem intrigas...ódio...não sei o que...não sei o que...” Em certo sentido...está falando a verdade... (TOSSE)...isso prova que eu não sou tão... tão cético em relação a religião...Mas tudo bem né...a gente vai usando as coisas que tem... as informações que tem... prá poder compreender a realidade. Então eu não tenho preocupação em relação a isso. Nossa...nenhum grão de desespero. Eu não sou desesperado com relação a isso. A gente vai levando...é...ixi...já estou perdido do início da conversa...Fui terminando os negócios...

Tatiana: A moça era daqui...da universidade?

S1: É...é. Estudamos na ZZZZ¹⁰⁵ também...no mesmo período... que é pior ainda...tínhamos que...assistir aula...juntos...Nossa...no auge da tristeza...eu fui testado ao máximo. E...então...hoje eu estou indo trabalhar no mesmo lugar que ela trabalha...não no prédio...no mesmo edifício...mas no edifício vizinho. Então...eu procuro sempre me policiar... Ham... em certo sentido em tenho áreas de restrição aérea de circulação...no meu trabalho...

Tatiana: Humhum...

¹⁰⁵ Faculdade onde o Sujeito1 estava veiculado no período de graduação.

S1: Então...eu não me incomodo...não fico desesperado como esse povo fica aí...Tá bom...pra mim... eu não me incomodo muito com isso não...Tá bom faz parte do processo. Eu acho que a gente deveria preocupar mais em...fazer alguma coisa mais... consistente... Também... é loucura minha...delírio meu...também as vezes eu nem consigo fazer...tipo assim...o pessoal fica aí...cada vez mais velho e não consegue fazer...consegue inventar coisa pra fazer porque envelheceu...então...coisa...Ah, vai pra biblioteca...vai ler livro lá...sei lá...alguma coisa...isso é complicado...Aí o povo fica desesperado em casa...triste...depressivo... “oh...não sei o que...” Ah...tem muita coisa pra fazer. Então no que se refere a relacionamento é mais ou menos isso...ahm...Daqui a um mês eu posso estar falando uma coisa completamente diferente...mas esse aí já é um processo longo...de conclusão. Um processo longo de meditação...longa meditação...dos últimos tempos. E...em relação a relacionamento...é...isso. A terceira pergunta...que eu não estou lembrado...era sobre o pai...sobre...

Tatiana: ...sobre vida pública...relacionamentos no geral...é...Você me falou um pouco...é...você mencionou...de como é o seu trânsito... o seu cotidiano...como é o seu cotidiano nesse ir e vir para o trabalho...e suas outras atividades...como você percebe as pessoas...ao redor...mesmo aqueles...anônimos...nesse processo?

S1: A existência dela...esse comportamento dela...?

Tatiana: Como é que você percebe o outro? A satisfação...ou o reconhecer...o outro nas atitudes...?

S1: Não sei...as vezes me parece meio triste a vida da galera... o restante do povo...parece que tem uma vida meio triste...meio...assim...ah, beleza...é isso mesmo...arrastando. Tem gente que consegue dar uma oscilação diferente...e vai levando a vida bem, né. Mas você nunca sabe se a pessoa tá feliz...ta rindo...porque tá feliz ou se tá rindo porque... já perdeu a alternativa de tudo...então é melhor rir. É...então você não consegue ir a fundo...tem um...um...um xerox de uma professora de Economia...Economia não...de uma professora de...do departamento de Ciências Políticas...é...Teoria Política e não sei o que... é uma matéria que eu fiz...Ai ela deu um xerox de uma revista... que tem um escritor africano...radicado na Inglaterra...o nome eu não vou lembrar porque faz tempo...mas... ele falou uma coisa que é essencial... ela fala

que o mundo é triste porque as pessoas... a maioria...grande parte das pessoas... não fazem aquilo que gosta. De fato, noventa por cento... da população mundial...provavelmente não faz aquilo que gosta... então, pelo fato de não fazer aquilo que gosta e ter que...dar resposta pra sociedade... e ter que levar a vida na raça... então...ao longo do tempo... o povo vai ficando meio...meio... cabisbaixo...meio revoltado... meio assim... “Ah, que saco!”. Esse é um impeditivo muito grande. O que é uma bobagem, né. Se você for avaliar... “dar resposta pra sociedade” aí você pega e avalia: “Quem é a sociedade e qual que é o nível dessa sociedade?” ...né...Se parar pra pensar o nível da sociedade na média...a média da sociedade...ela é muito baixa...em termos de compreensão das coisas... ou talvez... tenha uma boa compreensão mas tem um comportamento bem esquisito... Falar que...a média de entendimento da sociedade é muito perigoso... primeiro porque... tem gente que... tem doutorado... mas não consegue entender coisas simples... que um morador de rua entende com... perfeita lucidez... então...você tem essas variações... assim... Tem que tomar muito cuidado. Mas seguindo...adotando o padrão estabelecido... esse negócio de seguir muito o que a sociedade propõe é um negócio muito perigoso porque... quando se fala: “Ah, a sociedade...” A coisa quando ao mesmo tempo dissipa... em termos de personalidade... ao mesmo tempo cria... uma personalidade oculta que paira sobre as pessoas e que determina a vida de todo mundo. Então...ao mesmo tempo você tem que dar resposta a sociedade...dar resposta ao capital... porque você tem que ser produtivo...porque se você não for produtivo... se você não tiver um bom emprego... você não é uma pessoa de sucesso... A sociedade estabeleceu que alguém de sucesso é alguém que é empresário... ou então é um alto executivo... se você está bem fora desse padrão aí... você está mal...você...nasceu e vai morrer arregaçado... (RISOS) já era...perdeu suas esperanças...Papai do Céu não olhou para você. Então assim...fora desse padrão estético...tradicionalmente...estabelecido...ou então...inclui-se aí também o povo que é...famoso...o povo com essa palavra maravilhosa... famoso...estrela... ou coisas do gênero...se você não está enquadrado nessas coisas... nesses aspectos... você já era. Então você tem que dar resposta a toda a hora pra esse tipo de coisa...só que você não é chegado nisso... não sente apego a esse tipo de coisa... não faz sentido você ficar correndo atrás disso. Porém se você não buscar... determinado tipo de emprego... se você não...não é... casado...se você não tem família... se você não tem casa própria...sítio... e tarará... você é classificado como uma pessoa sem sucesso. Fica

extremamente difícil...afinal de contas também... a pessoa precisa trabalhar pra comer... que é o indutor mais cruel da sociedade de mercado é essa... Força de trabalho você tem que... é...é...friamente dizendo...você tem que trabalhar pra conseguir os meios necessários pra sua própria reprodução. Então a pessoa fica submetida a essa condição cruel de que...ela tem um potencial que...muitas vezes não é usado porque... a sociedade escolheu... que o sistema tem de ser o sistema de produção... em série...em produção...a produtividade... a sociedade escolheu essa opção. Então nesse sentido quando você... deixa de trabalhar... naquele potencial que você recebeu... naquele dom... dom que você tem... então efetivamente... não tem como você ser feliz... você vai estar fazendo uma coisa que você não gosta. E as pessoas tem dons variados... desde música... artes plásticas... pintura... tem gente que tem dom pra ganhar dinheiro também... não tem o menor problema... tem gente que tem dom pra não fazer nada... mas beleza...tá ótimo...tem gente que tem dom pra ficar aí...tal...filosofando... tem gente que tem dom pra ficar tirando foto... essa coisa...fotógrafo...tem gente que tem dom pra...filmagem...tem gente que tem vários tipos de dons... Tem gente que tem dom pra fazer jardins maravilhosos... então assim... já piora pelo fato de você viver num país periférico... Então assim uma das coisas que caracterizam um país periférico... é o fato de você ser tolhido... em realizar aquilo que você tem vontade... aquilo que você tem potencial... Isso aí... umas correntes mais avançadas do movimento econômico falam isso... a liberdade de fazer aquilo que você realmente gosta... a limitação disso é uma das coisas que cria a idéia de subdesenvolvimento de país... Então...ham...é...essa é a parte mais cruel que existe no mundo. E as pessoas pelo fato de não poderem desempenhar o...as suas atividades como gostariam... é um fator que prejudica... muito...primeiro a própria evolução da pessoa... prejudica os relacionamentos interpessoais... prejudica o ambiente de trabalho... e de tabela amplia aí... as estimativas... as estatísticas de violência... aí o povo fica louco... sem a válvula de escape...então... pelo fato de não desempenharem ... não estarem... fazendo aquilo que gosta. Aí o povo já... entra na...no... no sistema... de...de arrefecimento da sociedade que é...drogas... de toda espécie... bebida...fumo...maconha...cocaína e tudo o mais... e prostituição... e tem aqueles que simplesmente suicidam.

Tatiana: Você acha que as pessoas estão vivendo... tão sobre pressão... como se elas estivessem numa panela de pressão... mesmo...prontas pra explodir...de tanto que elas

vem sendo violentadas cotidianamente pelo outro...por não fazer isso ou aquilo? Por se ver obrigada a sobreviver num sistema já...arrochado...? As pessoas ficam tentando se enquadrar ou se encaixar...ali dentro desse sistema bem definido?

S1: Humhum...sistema já instituído, né. É...eu acho que as pessoas... sim... as pessoas estão forçadas a encaixar naquilo ali...e a rodar na roda do sistema...e você vê isso na forma brutal... como as pessoas... se comunicam... até mesmo dentro da própria família... embora a minha família seja muito tranquila... mas as oportunidades que eu tenho... de...de observar...de observar alguns relances assim...eu vejo mãe gritando com o menino... de três anos de idade e tratando o menino como se fosse um adulto... é...o marido bruto com a mulher...falando uns trem... tipo dando coice...falando um trem... como se fosse na raça...e um brigando com o outro... e não sei o que...e pai não respeita o menino... e o menino já não está nem azul com o pai...também...

Tatiana: No ônibus?

S1: É...no ônibus...então você vê essas coisas... tem uma deterioração muito grande da... de princípios mínimos da qualidade de vida... de princípios mínimos de... de... tratamento entre as pessoas... que é a coisa muito intensa... O...o...eu as vezes tendo a achar que o ser humano é bom... a sociedade corrompe... eu acho que de um modo natural as pessoas tendem a... raras exceções... as pessoas tendem a buscar... fazer sempre coisas boas...né. Mas fica uma pergunta no ar: por que que se a maioria das pessoas tendem a fazer coisas boas por que que tem tanta avacalhação generalizada na ordem social? Isso aí é uma coisa que eu não consegui entender ainda... mas também não adianta. Tem uma propaganda na televisão que falou que os bons são maioria: “não se preocupe, os bons são a maioria”. De nada adianta se estes bons são maioria se estes bons são omissos. Talvez pelo fato dos bons serem muito bons...eles... deixam os maus tomarem conta... mesmo sendo minoria... Mas eu acho que o ser humano tende a ter um comportamento... é...mais...mais...mais minimamente decente... mas com o tempo a pessoa vai chutando o balde porque... só ficar tomando cacetada...ninguém agüenta... dependendo da personalidade da pessoa...ela muda totalmente... e torna-se uma pessoa...um cidadão... agressivo né... um cidadão... muito...muito esquisito... com um comportamento diferente.

Tatiana: Você falou em omissão... me veio uma situação... que outro dia eu vindo aqui [para a universidade] no campus...aí eu me encontrei com um pessoal...e aí numa conversa...uma moça, né... as pessoas estavam todas conversando...e aí essa moça... estava falando para um amigo...um colega... provavelmente eles eram...bem...já tinham passado da fase de calouros... e aí... nesse contexto de várias discussões que tem na universidade... ela falando com o amigo...com o colega: “Ah, mais...que culpa que eu tenho de ser...de ter nascido rica... de não ser pobre... de não ser preta... o que que eu tenho haver com a vida ruim dos outros? Por que que eu tenho que ficar discutindo...por que que eu tenho que ficar discutindo a respeito disso? Eu estou aqui pra...trazer coisas pra mim...construir coisas pra minha vida.” O que você acha disso?

S1: Ah... esse tipo de comportamento é natural porque a pessoa nasceu circunscrito em determinado espaço...então ela não... O ser humano como nasce circunscrito em determinado espaço às vezes não está preocupado... muito...com o que acontece além do espaço dele. Hã...um exemplo...alguém...por exemplo um sueco não está preocupado com o que está acontecendo no Brasil...porque ele não nasceu no Brasil...ele nasceu circunscrito no espaço político...administrativo... da Suécia...digamos assim...supondo que a Suécia seja uma pessoa. E o brasileiro não está preocupado com o que está acontecendo na Argentina...

Tatiana: É...mas no caso essa moça mora no Brasil. Talvez essa realidade não seja a realidade do bairro, da rua, da casa dela...né...mas ela de alguma forma vê televisão...está na universidade... de alguma forma certas coisas acabam circulando...né...?!

S1: É...por extensão...a analogia que eu fiz...então assim...você pode enxergar vários comportamentos. Um é que a pessoa vê a realidade do outro... fica indignado mas não tem instrumento de ação... para resolver o problema. Então ela fica ali meio que no afã de resolver o problema...mas não tem como. Dois: ela pode ver, entender o...processo mas... “Ah...tanto faz...” não está nem aí. Ou então a pessoa vê mas não entende a realidade... do processo e fica fazendo ...assim...indagando...com coisas que não faz sentido. Então a pessoa as vezes não tem compreensão real da sociedade...vê aquilo

ali...mas... “ah...beleza...é...nó... é mesmo...é ruim...” E fica na superficialidade da coisa...e não procura entender o por quê.

Tatiana: E quando esse...essa...esse outro aí que ela diz: “Tá, mas eu não tenho nada haver com isso...” mas acaba se aproximando da vida dela de alguma forma...e que talvez não seja uma forma não tão afetiva... não tão calorosa...né...por diversas formas que vemos no contexto social...na forma...talvez de violência...uma forma mais agressiva...muitas vezes vinculada a fome... a miséria... ahm...esse outro de alguma forma acaba se fazendo enxergar de uma forma bem efetiva.

S1: Ou não...né...ou ele é...reativo né...e ainda...pune o outro: “isso é absurdo...estou sendo expoliado...reprimido... na minha liberdade de usufruir daquilo que eu tenho...” É...indiretamente...ela é responsável por isso...porque ela é uma agente do...digamos assim...classificando a grosso modo...entre rico e pobre... o rico ele é responsável pela condição do pobre...porque ele é um instrumento do processo de produção e de organização social... portanto ele concentra renda em cima dessa pessoa pobre... mas também por outro lado você tem que avaliar...que tem pobre que quer efetivamente sair daquela condição... porque aquela condição lhe é negativa...e aí você tem duas alternativas: tem o pobre que sai daquela condição de pobreza e não quer nem olhar pra trás... porque graças a Deus saí desse negócio... e migra pro bloco da classe rica... Tem o pobre que ascende socialmente, mas continua ali dentro... só que pra ele continuar ali dentro as condições externas não... muitas vezes não lhe são favoráveis... Uma pessoa por exemplo... é muito difícil dessa pessoa que passou pela universidade...e que veio da classe pobre...continuar na favela ou num ambiente mais pobre porque muitas vezes...as condições ali...não lhe são favoráveis. A pessoa tem que estudar e tem o vizinho... que bota o pagode na maior altura. Ele tem que estudar e... as vezes começa um tiroteio generalizado... ele não tem como estudar...ele tem que se jogar no chão pra não tomar um tiro. Então assim... O ambiente estrutural ali...muitas vezes não lhe permite...muitas vezes ele gosta daquele lugar mais ele não pode ficar porque... porque não tem ambiente...a estrutura ali... não é propícia... aquela nova condição social em que ele se encontra. Então é uma dualidade um pouco complexa. Porque primeiro tem a classe rica que não entende...não vai entender...não consegue...porque nunca chegou a... a pisar de fato... a sentir o que acontece num ambiente mais pobre... porque essa classe mais rica

os olhos dela...estão voltados...pra Europa...porque ela mimetiza e acha bonito isso...mimetizar as formas culturais européias... [norte] americanas...então a ligação digamos que...intelectual...e a ligação comportamental dela e de conduta...é...vinculada a lá fora... Tem uns ricos que tem uma boa formação...entendem o processo... mas sua ação...ela é limitada porque... em alguma medida...ninguém quer ferir os seus próprios interesses... Você não consegue ter condições de mover toda a estrutura social... Tem a classe pobre que ascende com a visão de querer ser a classe rica...(BATIDA NA MESA) Consegue essa ascensão social mas de fato nunca vai ser rica porque ainda lhe falta determinados elementos... Tem os pobres que não estão querendo também... subir...nem...já estão ali...e tá ótimo...não conseguem compreender a dimensão da conjuntura...social... Então assim...só aí eu já falei quatro tipos de abordagem... sendo duas de cada lado. Mas...esse tipo de coisa...relacionada a ser pobre...preto...rico...branco... é uma coisa...muito mais vinculada a uma organização social que determinada...a sua forma de ação... a forma como essa organização social se operacionaliza ela é desprovida muitas vezes da consciência individual...né...então...É um fluxo que acontece... e é extremamente difícil de você...traçar uma linha definida... um planejamento... específico de como será a sociedade daqui a tanto tempo. Uma coisa que eu acho... de fato...é que... aí o processo de evolução social ele passa...ele não se dá... linearmente... a transformação social...nenhuma transformação social é natural... em determinados momentos qualquer país... passa por algum momento de ruptura brusca... guerra civil...essas coisas... pra a partir daqui construir uma nova forma de organização social... ou uma nova forma de concepção... o que eu acho no caso brasileiro... ela é falha nesse sentido. O Brasil nunca passou por guerra civil generalizada... o Brasil nunca foi... literalmente invadido... eu digo invasão do tipo...sessenta por cento do seu território ter sido invadido. O Brasil nunca... passou por isso...então... brasileiro nunca passou fome no sentido... de... não de fome como a gente...sabe que existe... eu digo que o brasileiro nunca passou fome no sentido de (BATIDAS NA MESA) depender de outro país... ou de uma outra civilização... para se alimentar... E por que que eu falo isso? A Rússia passou por guerras... não tinha alimento suficiente... praticamente mais da metade da população morreu... a Alemanha nazista tinha uma ideologia... passou por guerra...foi invadida... um choque social aconteceu ali... por causa disso... uma outra concepção acerca de organização social... e ideologia...foi estabelecido a partir da segunda guerra mundial. A França foi

invadida...a China teve a sua... a sua revolução... com a contra cultura...aspectos tradicionais da China em determinado momento foram banalizados... ou seja...digamos que houve... foi sacudido...a sociedade foi sacudida... ela foi chamada a pensar sobre as suas formas...como ela se organiza... a forma como ela atua. No Brasil...isso nunca aconteceu. Então assim...é...não dizendo que...eu queira que o brasileiro sofra... porque ele já sofre...mas... eu acho que para que nós pudéssemos dar um salto de organização social... uma outra forma de pensar a sociedade... eu acho que o Brasil teria que passar por algumas coisas... que outros países já passaram... O Brasil teria que sofrer uma invasão...o Brasil teria que ter uma guerra...o povo teria que passar fome... porque aí sim ... eu acredito que esse... não é o único fator... mas seria alguns elementos... que eu acho que colocaria... a forma de organização da sociedade... de um outro modo. Essa questão de relações de poder no Brasil... ela é muito sutil...mas... ela existe mas... a questão de dominação entre pobre e rico...essa coisa... essa coisa sempre existiu... mas... a classe... a elite... ela sempre... soube tratar bem ... os seus subordinados... a classe subordinada. É...se não acontecesse... Se a elite brasileira... a elite brasileira ela é muito inteligente... no sentido de que ela sabe tratar...eu não sei se talvez isso seja intencional...ou se é por uma própria questão de... da...de característica da elite brasileira... mas ela sabe cuidar muito bem dos seus subordinados... da classe subordinada... porque é junto dela que ela agrega os seus dominados, né...Ela consegue puxar ali...e tal... não deixa ficar tanto na mão...Então ela consegue...a organizar a sociedade...ahm...a relação dominado e dominante... consegue no Brasil estabelecer uma linha de... muito próxima de organização... ele tem... O dominado tem consciência que ele é dominado mas ele consegue obter algumas vantagens aí...e... O dominante sabe que ele domina mas...ele sabe que ele precisa também... segurar a mão onde... porque senão ele vai massacrar o dominado. Então... no Brasil... a gente não...não...não chega a...a... destruir o próximo...porque... a gente sabe...porque o Brasil... que o Brasil...querendo ou não existe uma consciência geral de o Brasil é um país pobre... de que no Brasil existe pobreza... que o outro é um pobre bom...é um bom pobre... um indivíduo trabalhador... então ele consegue ali...segurar as pontas... E ambas...parece ao meu ver... que ambas as classes... dominantes e dominados... tem consciência de que é preciso comungar ali um relacionamento pra manterem-se dentro do padrão. É...então eu acho que... um..uma ruptura no...na estrutura...uma quebra brutal nesse tipo de relacionamento talvez promoveria outra forma de organização social. Não sei se seria

uma forma de organização social melhor...ou pior...mas...é... aqui...o brasileiro...por si só...é muito solidário... um com o outro... e isso...explica... o rico ter um bom relacionamento com o pobre e o pobre ter um bom relacionamento com o rico ali...dentro de determinadas...dentro de limites estreitos... mas existe...uma coisa... bem colocada... mas em termos de transformação social...de uma nova forma de concepção...eu acho que ... talvez um...um... um fator...forte...externo... alguma coisa assim...pra poder promover a transformação. Ai realmente eu não sei se seria bom ou ruim. Mas...se você pegar todos os países...nem todos os países...do mundo... conseguiram avançar nas suas instituições... em algum momento da história... houve... uma crise social... uma guerra... uma guerra civil...algo... que resolvesse um problema... de uma dicotomia...Guerra de Secessão...Revolução Francesa... apesar de que a Revolução Francesa ser uma revolução burguesa mas... trata-se de um forma de mobilização social... embora... cada grupo com sua... com seus objetivos... mas conseguiram... é... cada um na... sua... planejando os seus próprios... suas próprias vantagens... a obtenção de vantagens... levou a alguma outra realidade...totalmente diferente daquela anterior...

Tatiana: Você trouxe alguns elementos muito interessantes...você falou que...por exemplo ...algumas classes...elas conseguem ascensão mas elas...elas tem alguns elementos que...tem alguns elementos que essa classe não vai alcançar...mesmo tendo alçado uma mobilidade social. Eu que queria que você dissesse um pouco... a respeito...por exemplo...sobre essas relações sociais...sobre essas relações no geral. Você acha que os muros da universidade são muros permeáveis... ao trânsito de idéias... de pessoas... ao fluxo de...idéias...e a... mudança social...ou você acha que esse muro ele é muito alto... ele é intransponível... ou não é nada disso?

S1: Ah...eu acho que o muro não é intransponível... mas...E a universidade não pode ser considerada também... não pode ser considerada uma ilha... porque a sociedade é composta por pessoas da sociedade...então... a universidade... parece que... em algum momento ela é a extensão daquilo que existe lá fora...da sociedade. Da mesma forma que o Congresso é uma extensão da sociedade...da mesma forma que o Senado Federal é uma extensão da sociedade. Então a universidade também é a extensão da sociedade. É... se a universidade pode ser considerada como um ponto de transformação... eu não

sei...porque se colocar que a universidade...é um ponto de transformação... implica em considerar que a universidade está isolada de todas as influências de que a sociedade de modo geral sofre. E se a universidade é uma extensão da sociedade... então... a universidade também está sendo influenciada por determinados ditames que existem na sociedade de modo geral. Então eu não sei se a universidade chega a ser um ponto de excelência... um ponto possível...que vai...liderar uma transformação na sociedade...isso eu não sei...isso não é possível falar.

Tatiana: E os indivíduos que estão nesta universidade? Você acha que eles são...que podem possibilitar isso ou é esperar demais?

S1: Teoricamente eles podem levar... isso...mas trata-se de questão histórica. Se na década de sessenta, na década de setenta... o corpo estudantil da universidade... o corpo de professores tinham determinada postura diante da sociedade...hoje... o corpo estudantil é totalmente diferente. Então se na década de setenta... tínhamos estudantes com consciência política... com consciência da necessidade de transformação social... e que muitos desses estudantes da década de setenta hoje...são professores... a questão é que... quando você passa a analisar os estudantes de hoje... se eles tem essa visão de que é preciso transformar a sociedade... é...muito pouco os estudantes que tem essa visão. Então assim...como essa questão de transformação... pode ser analisada em termos de uma variável fluxo...ou seja...ela corre ao longo do tempo... os alunos combativos da década de setenta são os professores... os alunos críticos e combativos da década de setenta são os professores críticos e combativos de hoje...mas esse professores vão morrer... vão aposentar... então se você jogar isso pra frente... pra mais cinquenta...cem anos... os alunos de hoje... se não forem críticos e combativos...serão... os professores não críticos e não combativos do futuro.

Tatiana: E qual é o panorama que você vê? Você, S1, hoje vê disso... desses alunos...desses possíveis professores do futuro...ou possíveis agentes sociais...técnicos...profissionais...e etc...que estão sendo formados?

S1: Ah...a noção de que as pessoas tem hoje em dia...os alunos tem hoje em dia...de que...o que importa é ganhar dinheiro...implica em aceitar... as coisas como são. As

pessoas deixam de pensar em transformar aquilo que existe e passam a agir em função de obter o máximo de vantagem daquilo que já existe. Ou seja... tem uma diferença muito grande em você obter uma vantagem daquilo que já existe e criar mecanismos para obter vantagens daquilo que existe...ou você criar mecanismos pra transformar aquilo que existe. É...um futuro que eu enxergo...é...eu posso estar errado...mas o futuro que eu enxergo é... a manutenção das condições como elas estão. O Brasil continua sendo subdesenvolvido... existe a possibilidade de no futuro... haver uma lacuna né...de direcionamento político... no planejamento econômico social...e...ou pode acontecer algo diferente...em decorrência dessa geração que hoje eu falo, né. Pode ser que no futuro... por causa da tendência das pessoas... dos estudantes... a acharem que o mercado é a solução do problema... pode ser que haja uma contra corrente... que leve a acreditar na possibilidade de mudança. Mas aí...é meio que futurologia. Mas eu não sei se se no futuro nos vamos ter...uma... as possibilidades de transformação no futuro eu acho que se reduzem... mas não é uma conclusão determinada...que eu possa considerar que vai ser assim. Há tendências...de que seja isso. Mas eu não posso falar que vai ser assim. Porque a coisa é muito dinâmica...a vida social é muito dinâmica então...você não tem condições de controlar...ter certeza... de que vai ser aquilo. Mas eu acho que...parece que existe um consenso de que...as coisas devem seguir um caminho... já estabelecido e assim... todos serão felizes...ou alguma coisa assim... do gênero. Está determinado. Eu não sei... a questão da universidade está bem no vácuo...eu não consigo...tem vários determinantes... pra esse futuro... se vai ser bom ou ruim...então... na universidade...pública...a gente nunca sabe... Isso aí...fica...fica pra quem viver...mais pra frente...verá. É uma condição indefinida.

Tatiana: E os elementos que as classes mesmo ascendendo não...alcançam? Que elementos são esses?

S1: Porque em certa medida...é...determinadas pessoas ascendem...a classe social...mas por que elas de fato...ainda não serão...a classe social alcançada. Ou seja...por que que um pobre quando ascende socialmente ele não vai ser rico de fato. Porque ele ainda tem...elementos...ele ainda tem um pé no antigo modelo... na antiga classe social dele...então... como ele foi construído no meio pobre...digamos assim...pra generalizar... e classificar grosseiramente... como ele provem de uma organização social com

características... padrões de comportamento pobres... mesmo que ele ascenda socialmente através dos estudos... ele ainda está com uma parte da estrutura...interna... da personalidade... dele... na condição da classe mais humilde. Então a ele...ele esta desprovido de determinados elementos e ...instrumentos que o colocam... efetivamente como a classe rica... Talvez o filho dele...aí...sim...já passe a ser cem por cento rico. Um indivíduo que tenha a características da classe rica. Porque aí o filho já vai freqüentar uma escola de... com... com... crianças do mesmo nível de renda... ele vai freqüentar ambientes de pessoas ricas porque o pai ascendeu socialmente...então tem condições de bancar... aquilo ali pro filho. Então o filho vai ter um ambiente escolar de...de...crianças ricas... vai freqüentar... ambientes... de consumo... de famílias ricas... então ele vai...ali aos poucos no processo de...de...crescimento dessa criança... vai ter...vai ser agregado nela todos os instrumentos da classe rica. Então ela não tem problema de...de... problema de ambivalência. Pobre quando ascende socialmente tem problema de ambivalência. Ele está e não está ao mesmo tempo. Em termos institucionais... e formais...ele está na classe rica mas...intrinsecamente ele não está na classe rica...porque ele veio lá de trás. Ele não está suficientemente... digamos suficientemente estruturado pra tomar posse daquela nova classe social que ele se inseriu. Os filhos e os netos sim. Mas ele, não. Ele vai ficar... meio que sem casa porque...ao mesmo tempo que ele não consegue se inserir na classe rica...ele não tem elementos da classe rica... mas ao mesmo tempo ele começa a não se inserir... na classe pobre porque...porque ele... teve um novo estágio...um novo...alçou um novo patamar... que os seus pares pobres não conseguiram...alcançar...então ele em certo sentido se desloca. Ele se desloca da classe pobre... em direção a classe rica...mas também não consegue atingir a classe rica...ele vive uma situação dúbia...nem lá...e nem cá. E essa é a característica da grande parte da população...que vem aí...ascendendo...socialmente.

INTERRUPÇÃO – PROBLEMAS COM O LOCAL DE ENTREVISTA.

APÊNDICE D

Belo Horizonte, 11 de maio de 2011.

Entrevista com Sujeito 2.

Tatiana: Então Sujeito 2...é...eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre o seu pai...biólogo...sobre a sua vida pública...na universidade, escola..., trabalho...

(BREVE SILÊNCIO)

Sujeito 2: É...sobre o meu pai biológico...é...fazendo uma recapitulação momentânea...né... é...a figura “pai”...me surgiu...talvez...eu estivesse com...com quatro anos. Aí...num mercado vizinho a casa que eu morava ...é...alguém brincou...algum dos funcionários brincou e falou alguma coisa de pai...e aí...me surgiu essa dúvida aos quatro anos de idade...que eu fui perguntar pra minha mãe quem era o meu pai. Aí...ela...ela me explicou quem era o meu pai...ela falou diretamente quem era a pessoa. “Seu pai é o Ciclano de Tal e tal... filho de fulano de tal...” Então eu sabia quem era aquela figura, mas aquela figura era inatingível pra mim... até não é... era meu interesse ser é...algo também atingido...dada a construção. É...até os quatro anos eu não tinha uma figura paterna...não fazia o menor sentido pra mim...e assim foi se perpetuando. É...cheguei a ter alguns encontros de rua... coisa de transeunte normal...com...esse meu pai biológico...mas nunca nem conversamos... Teoricamente... acho que mantêm a posição de que ele acredite que eu não seja filho dele...e...a posição de que não quer me assumir. É...isso nunca foi crítico durante a minha infância...nem durante a adolescência... Aos vinte e quatro anos... quando eu...tava num momento de...mais fragilizado por...é...términos de namoro... eu comecei a querer a repensar a vida de outras formas...é...e querer ter um olhar mais...fragilizado pela minha situação...aí que eu passei a pensar que eu...deveria ir conversar...com ele. Sem nenhum propósito...ahn...definido...só pensei que eu deveria ir... lembrando que...ao longo de toda a convivência com amigos...os amigos sempre me falavam: “Não...que ‘cê tem mais é que ir atrás dele e...levar a justiça pra correr atrás dos seus direitos, né?! Não é nem questão de “seus direitos”... de que você tem que pegar alguma coisa mas sim...algo que valorize a sua mãe que...que sofreu com isso...né...?! Agora...vamos dizer que teve uma...um sofrimento grande com essa...com esse...pra te trazer até onde você

está hoje...”. Às vezes eu ficava pensando: “mas não foi necessário até então... então porque que eu vou fazer isso...”. Mas... foi nesse momento...que aos vinte e quatro anos...eu achei que eu deveria ir...mas passou...porque estava muito atrelado a...ao...fato de...do término de um namoro...uma associação de...fragilidade momentânea que...desencadeou esse...eu querer procurar...a isso...querer resolver as coisas. Talvez fica uma...fica uma...um anseio de que...isso é uma interrogação...acredito que não. Mas naquele momento pra mim...eu...eu...eu afirmava pra mim mesmo que sim...isso é uma interrogação...preciso resolver essa interrogação.

Tatiana: Você poderia explicar melhor que relação era essa... o término de um namoro com ...a proximidade do seu pai?

S2: É... porque...foi...que o meu pai...é...é do Triângulo Mineiro...uma região que eu já morei...e foi numa ocasião onde eu comecei a namorar uma moça lá...da cidade ao lado. Então... eu tava vivenciando aquela região de novo... Ai...nesse contexto eu acredito que desencadeou...essa coisa...de...localidade...me levar a querer procurar...talvez nem tanto a força da localidade...mas...ahn...a força de achar que eu tinha interrogações...naquele momento da vida...Era uma coisa que talvez eu deveria ter passado...lá pelos dezesseis anos...nessas paixões de adolescente...eu fui...ocorreu...assim...paixões e desilusões de adolescentes...que só me foi ocorrer já...mais velho...um pouco...aham...Mas...não tenho muito o que falar sobre o pai biológico...não. É uma figura ausente... mesmo.

Tatiana: Humm...aham...você chegou a procurá-lo...então...?!

S2: Não...não cheguei.

Tatiana: Não...?

S2: Só passou pela cabeça... mas não cheguei. É...eu sempre soube onde ele morava...sabia quem era...os meus irmãos...né...na verdade os filhos dele. É... até...certa vez...também eu tava...próximo a uma padaria com um amigo...uma filha dele tava com...um amigo dela...esse amigo sabia que eu era o... ai sacaneou: “ah...olha o seu irmão aqui...” E foi o único contato que eu tive com a minha...”irmã”...né. Mas nunca

tive nenhum outro tipo de contato... nem tenho consideração... na verdade... a gente não tem um laço. É... não se poderia explicar isso só consanguineamente...então...não existe um laço afetivo...não existe...qualquer tipo de ligação...aí...(SILÊNCIO)...É isso. O pouco que me vem a memória é isso. Mas a minha memória é vazia quanto a essa figura pai biológico...é bem...apagada mesmo...

Tatiana: Hummhummm...

S2: Nunca fiz... questão...não...

Tatiana: Hum... é...mais uma pergunta: você...é...já...ahm...soube estórias desse pai biológico ou coisas...que...te ajudam a traçar um perfil de quem ele seja?... além da história que você...compartilha com a sua mãe...?

S2: Não.

Tatiana: ...de que...de outros que informem quem ele é ...prá você?

S2: Não... não. Na verdade... que me ocorreu agora mas eu nem parei pra...pra...pensar nisso...eu nunca tinha parado pra pensar nisso...antes...se tem algum...alguma ligação sobre a minha formação...sobre o que eu sou...na verdade eu...não tem nem como eu saber isso...eu...nunca tive contato...e tal...o que eu sei é que é um fazendeiro...(PAUSA). Ponto.

Tatiana: Humhum...

S2: Né?!... É...e daí a formação...de caráter...ou idéias e pensamentos...não sei se eu tenho raiz nisso...mesmo. Mas... eu...nunca tinha parado pra pensar nisso...(SILÊNCIO). Eu acho que em termos de... eu não sei se é uma fuga...eu não sei nem responder isso...por mim mesmo. Não sei se é uma fuga do assunto... mas...eu sinto como um assunto esgotado...sabe...eu não...não tem muito o que falar...não tem nem pra mencionar que... a vontade que apareceu aos vinte e quatro anos surge agora...não aparece...é...é isso.

Tatiana: Entendi... ahm... e quem foi essa namorada que... que te remeteu a esse sentimento...com seu pai? Ou pelo menos... a esse sentimento...a essas interrogações...né... que você falou...ahm? Não é um sentimento... são interrogações...ahm...

S2: Ah! Na verdade eu não personifico... não personificaria essa...moça não. Foi que... acontece que eu passei um longo período da adolescência...o começo da adolescência com uma namorada...e...aí...namorando a distância...e...idas e vindas...foi uma relação que durou...seis anos...e da qual eu já queria ter me...desvencilhado talvez...no terceiro ano...né...desses seis.

Tatiana: Ahm...

S2: Dentre seis... lá os três anos... eu já tava...inconformado...mais...aí eu queria...mas... “não...é uma pessoa bacana...cresceu junto... ahm... passou a juventude comigo...ahm...” mas chegou a uma situação que eu já não suportava mais...foi um momento...que eu consegui me desvencilhar...foi um processo penoso...mais pra ela do que pra mim...porque eu já tinha convicção de que eu não queria. Pra ela teve toda uma desconstrução do que ela almejava comigo. Mas aí nessa história de não querer eu tinha... pintado uma imagem feminina que eu queria pra mim... aí nesse momento de...ahm... até curtir um pouco da juventude que...as vezes eu...ficou apagada...ahm... “a primeira que me apareceu...” até meio pejorativo falar assim... mas aí eu associei essa figura feminina que eu tinha pintado a essa menina que eu tinha... foi um relacionamento de dois meses... bem rápido...e muito intenso assim que eu...ahm...(RESPIRAÇÃO OFEGANTE). Então assim eu...ahm...a desilusão tá muito ligada a figura que eu construí...mas não muito a pessoa. E aí...o fato da figura...as vezes alia...ao fato de eu momentaneamente eu estar naquela localidade que me remeteu a vivenciar aquela situação... “ó...meu pai tá ali e tal...” então...e as fragilidades que ocorreram devido a isso.

Tatiana: Ahm...e que figura feminina é essa?

S2: Ah...ahm...(REFLEXÃO). Figura feminina que hoje é a minha namorada.

(RISOS)

S2: Ahm... é...mais à época...é...não sei...talvez...era...a questão de eu ter ficado muito tempo...começado lá do início da juventude...até...eu considero...meio que fim da juventude...assim...adolescente...a coisa de vinte e um anos...a coisa começa a ficar mais adulta...assim...

(RISOS)

Tatiana: Juventude... ahm... é uma coisa meio complicada...a gente definir né...?!

S2: É... complicado...por exemplo eu..tenho um cunhado...é um concunhado...quarenta e dois anos mas se tiver a idade mental de dezesseis já é muito...

(RISOS)

S2: ...É... mais aí...eu sempre tive essa coisa...porque...eu digo...porque a universidade...marca muito a juventude...o que que é a juventude...? O que que não é...? Depois que você acaba a universidade...ou tá prestes a terminar...você meio que sente uma necessidade de...que aquilo já é vida adulta...ou qualquer coisa que seja relacionado a curtição...já é passado...né...Aí...essa história de figura feminina... “Ah! Busca da figura feminina” parecendo poetas parnasianos...e...e...antepassados...é coisa de anseio...juvenil...de adolescência...

Tatiana: Você táconsegue descrever o que é isso? Que figura feminina que é... o que que era isso na época? Descrever... características. Ou tem haver com outras coisas pra além disso...características...psicológicas...comportamentais...de comportamento...é disso que você tá falando?

S2: É... talvez...de comportamento...é seria...ter os mesmos gostos...sair para os mesmos lugares...é...e...ahm...eu acho que não tem muito...algo definido...talvez seja...o cansaço e a questão de querer conhecer algo...diferente...né...

Tatiana: Humm...

S2: Daí que eu tiro um recorte que... seria impossível no caso de eu casar aos dezesseis anos... Não daria pra falar que eu já encontrei a mulher da minha vida aos dezesseis ou vinte e um... pode ser que nem seja aos vinte e sete...mas...

Tatiana: Você está com vinte e sete... hoje?

S2: É...vinte e sete...

Tatiana: Aos vinte e quatro você ainda estava na universidade...?

S2: Tava...

Tatiana: Hummm...

S2: Hummm...

Tatiana: Então quando... quando...essa namorada...vocês estavam...é...você estava na universidade...vocês se relacionavam à distância...?

S2: Ahm... anterior a vinte e quatro anos, sim...Essa...essa namorada...

Tatiana: Você entrou na universidade com quantos anos?...pra eu entender melhor...pra eu localizar...

S2: Ah...eu entrei com vinte...dezenove...vinte...

Tatiana: Ahmm...

S2: Aí...eu comecei a namorar com essa de mais longa duração que...que veio a desgastar com...dezessete...foi a minha primeira namorada. E aí durou até...os vinte e três pra vinte e quatro anos...

Tatiana: Hummmm...

S2: Entre idas e vindas...

(RISOS)

S2: É isso. (RISOS)

Tatiana: E...?

S2: É que eu lembrei que nesse idas e vindas tinha alguns episódios do Conexões né... viagem pra...(RISOS)...a viagem para Recife né... que a gente foi...

(RISOS)

S2: É... aquilo era idas e vindas...Não sei definir mais ou menos se foi numa vinda ou numa ida...mais...eu sei que...muito provavelmente eu não teria...é...critério pra definir isso...

(RISOS)

Tatiana: Aham...!

S2: Ai...ai...

(SILÊNCIO PROLONGADO)

S2: Algum direcionamento... mais?

Tatiana: Ahmm...direcionamento? Eu não vou te direcionar.

S2: Ah...é... (RISOS). Você não vai me direcionar...

Tatiana: Bom... você quer contar alguma coisa...?

S2: Bem...você definiu...é...pai biológico...eu acabei falando...figura feminina pintada...na imaginação...é...vida pública...

Tatiana: Hummmhummm...

S2: Ah...esse assunto quando você citou eu...eu...já me senti receoso pra tratar porque...é...Belo Horizonte consome a vida pública...aí...quando eu percebo...se me perguntar o que eu fiz durante a semana excluindo trabalho e escola não vai me sobrar muita coisa pra contar... É... aí nisso... acaba saindo muita coisa...vivência...vizinhos...pessoas...que acabam saindo desse contexto...e...e aí quando se pergunta vida pública...eu paro...penso algumas...alguns segundos e aí eu...vejo que as vezes eu tenho dificuldade pra responder...essa pergunta...fica uma interrogação também que...não sei definir muito bem que...o que é a minha vida pública fora desse eixo trabalho. Saberá falar o que seria a vida pública... ahm...dentro das...três horas totais que eu passo dentro do ônibus...eu acabo criando uma rotina, né. As vezes se eu pego um ônibus num mesmo horário...é o mesmo cobrador e motorista e os mesmos estudantes...pessoas que trabalham...aí talvez eu consiga ter um conceito de vida pública que é o de observar e ouvir as histórias que... o cobrador conta...pro motorista.

É...acompanhar as leituras que estão sendo feitas dentro do ônibus pra tentar mapear o estilo de leitura de cada um que está ao meu redor...né... “Ah, aquele ali é leitura de vinte e cinco centavos...esse aqui é leitura de cursinho pré vestibular...esse aqui tá...é leitura de cursinho de inglês...” E aí fico tentando mapear...e buscar proximidades com a minha...com a minha cara...não...é as vezes nunca acho...então. É...e...a rua...também acaba sendo uma vida pública...as pessoas...Eu tento olhar o rosto das pessoas...eu até tenho comigo...isso...já de muito tempo...eu tenho uma boa memória fotográfica...Eu sempre lembro de uma pessoa que eu vi em algum lugar...e não...por vez...eu lembro até nome e mês se me foi passado... (RISOS)... nome completo...é que certa vez...eu participava dos projetos de extensão...enquanto era pra selecionar os alunos...eu...fiquei com essa coisa de...de adquirir conhecimento...desnecessário...então eu tenho uma memória incrível pra coisa inútil...Eu sei nome completo de um monte de gente que não precisava...e-mail...tudo que eu poderia consultar tranquilamente... Mas aí eu olha...e são pessoas...são rostos...as vezes apagados...são só quantidades...né...eu sou só...eu sou só mais um na multidão. Diferente no contexto de cidade pequena que... você tem a personificação até do cachorro que tem costume de passar na sua rua...né...e...aí eu vejo isso...Outra vida pública?!

Tatiana: É... quando você está no ônibus observando as pessoas... o que mais você vê...? Você ve outras coisas pra além daquele monte de gente que entra e sai?

S2: Eu vejo que... pra achar um rosto satisfeito...em meio aos vários que passam pela roleta...é...bem difícil. O pessoal acorda... já assim...não vou dizer chateado...pode-se usar o termo chateado mais...de...ansioso...nervoso com aquela situação...de ter de pegar o ônibus...demorar mais...do que o normal no trânsito...Não ter uma previsão concreta

de que hora vai chegar no trabalho...e qualquer efeito externo...aí até...já incorporando a minha personagem...já...já cria uma situação de nervosismo...né. Uma freada mais brusca já me deixa muito nervoso... uma pessoa que talvez...esteja ocupando cinco centímetros a mais da cadeira ao lado...não as que são obesas...sem nenhum julgamento, né...mas as que são espaçosas...estas me deixam indignado...as vezes...ou uma pessoa que não se dispõe a levar a mochila...já que criou essa cultura de carregar os objetos pra quem está em pé...isso vai me deixando as vezes...ahm...as vezes me leva a tomar certos posicionamentos... “ah, porque que eu tenho que pensar assim, né? O que que tá me levando a pensar assim”. Aí eu vejo que é a situação de ter de passar por isso... enfrentar isso...não sei se eu estaria assim tão mal humorado se eu tivesse pegando um ônibus na cidade do interior...ou então indo pra uma praia...ahm...colocando a praia aí como uma sensação de alívio e férias...distração...mas...qual que foi o ponto inicial? Esqueci...

Tatiana: O que você vê no ônibus... nas pessoas?

S2: Ah, tá... no ônibus...nas pessoas...é...o que eu vejo é muito do que eu vivo...também...Eu sinto que este são os anseios das pessoas...que lá também andam...

Tatiana: Você já presenciou algum constrangimento... ou...alguma coisa que você achou assim...legal...ou diferente...que...ultimamente tem sido...meio que deixado de lado, assim? No ônibus... na rua...? Alguma situação dessa de quase um “anônimo” né?! ...um “mais um na multidão...”

S2: (SILÊNCIO REFLEXIVO). Ahm... Tem algumas coisas que...eu já comecei a fazer mas...eu acho que...poderia ser feito mais vezes...eu gostaria também que as outras

pessoas também tivessem coragem de fazer isso...porque por exemplo...são pessoas que tem a mesma rotina de...deslocamento...vamos dizer assim...Então, todo o dia...que eu estou num certo horário fixo...eu vou encontrar as mesmas pessoas...então...não adianta falar que a memória...que tem uma memória...fraca pra rosto de pessoas que dada a constância...ahm...são pessoas que moram no bairro já...a sete anos...ahm...eu não vou dizer que eu estou lá vivendo...vendo pessoas há sete anos...mais...coisa de três meses dá pra saber bem quem é aquela pessoa...né. Então, pára nisso aí, né... Então...eu não tenho um contato...talvez seria interessante passar aquela hora do ônibus conversando sobre... “pô, né...mais pois é...a rua do bairro poderia melhorar...”. Mas nada disso é feito...aí...dada a característica aí...muito urbana...do bairro...né...eu acho que é isso.

Tatiana: Hummm...E o que que você acha do tratamento...assim...em geral...uns com os outros? Porque passam pelos ônibus pessoas...ahm...de tudo quanto é jeito, né?...No geral...de um com outro...de quem atende...motorista...trocador...

S2: Hummhum... O tratamento...eu vejo...é um tratamento não muito satisfatório...eu enxergo como...um tratamento as vezes até conflituoso...né. Tem o conflito de espaço...o ônibus tá muito cheio...já que eu vou tá em pé...eu quero tá em pé em tal lugar mas...tem o outro que tá ali...então...eu não vejo como uma relação muito amistosa porque o serviço por si só ele já não...já não proporciona conforto...é...há um número mínimo de ...de usuários...imagine então quando esse número aumenta...em demasia...então isso acaba refletindo demais sobre...a conduta né...seria...a mesma coisa que explicar a...a conduta de motorista...você olha a pessoa...pessoas que você não imaginava de jeito nenhum...por exemplo...falar palavrões...mas quando estão ao volante...tomam a postura de gritar...de xingar o motorista...que...fechou a frente...e...é

isso...acho que o contexto dá...do...o contexto que está inserido estes personagens...acaba moldando como é que é o comportamento...né. Então, assim...o pessoal não está muito pra amizade dentro de ônibus...acho que é muito por conta disso. Já tem insatisfação do atraso... de ter que ficar muito tempo...no ônibus...isso gera...uma coisa de querer ficar centrado em si mesmo...acho que poderia ser por aí...

Tatiana: Você já presenciou algum...algum assalto dentro de ônibus...nem que seja aqueles...aqueles furtos...pequenos...quando o ônibus está lotado...você já viu alguma pessoa passando por algum tipo de constrangimento...?

S2: Não... não vi.

Tatiana: Sua linha de ônibus é mais tranquila? Você circula por outros espaços... da cidade, assim?

S2: Hummm... não. A minha linha de ônibus ela é... basicamente trântquila, mas ela já foi alvo de assalto...porque ela passa próxima a Pedreira Prado Lopes. E... não era raro a linha... noturno... quase todos serem parados...pelos traficantes da região...e aí ocasionava assalto...mas nunca me ocorreu...mas...eu ouvi que já teve muito disso aí...nessa linha...É para outros deslocamentos...é quando estou no Centro e vou pra casa da minha namorada...que é pior do que o meu trajeto...ainda. Ai... pega um trajeto do bairro Alípio de Melo...a confusão é maior...é...eu até...brinco...com ela que enquanto eu elogiava a minha linha de ônibus que hoje já não dá mais pra elogiar...mais...mas a maneira como os passageiros lidam com o outro né... passageiros...motorista...são...muito diferente né. Teve um dia que eu peguei a linha do bairro dela... a minha por exemplo...todo mundo...passageiro...motorista... “bom dia,

né”. Todos cumprimentam de maneira... superficial...né. Isso...passageiro...motorista...Entre os passageiros até que não...mas pegando a linha saindo da casa dela eu...a...a mulher já entrou xingando porque o motorista não parou no ponto...parou uns dez metros a frente...e aí ele...por vez...já retrucou...se ela jogou uma pedra...ele já retrucou com dez pedras... “Ah! Vai pra casa do capeta... @&#%...não sei o quê...” E aí eu até brinco que até tinha essa diferenciação...de rotina...de...linha...mas isso tende a surgir mais...nas linhas que tem mais usuários né...e menos...linhas disponíveis...são ruas mais apertadas pra atender um fluxo de veículos maior... e o fato de que...a cada vez que...é...o atendimento vai piorando...e a condição pra...compra de veículo...compra eu entendo assim...o poder de endividamento da pessoa...vai melhorando...compra-se o carro...e aí a situação é de...ter praticamente a média de 1,6 ocupantes por veículo. Então... assim...leva praticamente...cada veículo em Belo Horizonte tá levando uma pessoa...raramente duas e não mais do que isso...de maneira alguma...estatisticamente falando...e aí esse é um ciclo vicioso...são fatores que se interligam...economia...política...acabam por influenciar o...a...o estilo de vida do...ser humano aqui...no caso em Belo Horizonte...Não são raras as pessoas que passam por problemas psicológicos dadas a...estresses...eu acho que em Belo Horizonte...nos grandes centros em geral...deve ser assim... os índices de pessoas que ao longo da vida vão...tendo uma carga muito...pesada...de estresse...e acaba desencadeando também em depressão e vários outros distúrbios psicológicos...que acabaram ganhando mais destaque dada...ahmm... o grande número de pessoas que... Acho que eu li uma notícia ontem que falava que é... doenças psicológicas eram as que ocupavam o topo de diminuição da expectativa de vida do...do brasileiro...e só depois vinha problemas de coração. E eu acho que isso se explica muito pelo fato do estresse... que aí tá interligado a vivência do núcleo urbano...que tá interligado com o...todas as oportunidades serem

na capital...e vira esse inchaço...e aí é um palco que se unem economia, política e centralização de recursos.

Tatiana: Quando você passa pelo Centro... pelos...pelos bairros de Belo Horizonte...no seu trânsito diário...é...isso tudo que você vai percebendo você...traz isso...aqui...pro seu fazer...acadêmico...científico...? Isso te ajuda a refletir...? Quando você está escrevendo um artigo ou quando você está trabalhando com os seus colegas... né...com seus pares...isso de alguma forma influencia naquilo que você está fazendo também...te ajuda a pensar...em aproximar mais... de algumas coisas ou... te afasta mais...? É...

S2: Ajuda e muito. Uma é pelo principal fato de... de ver...pelo direcionamento...o como que o direcionamento de uma...simples política de infra estrutura...pode...determinar todo o futuro de um...de uma cidade. É... resolveu-se que tudo seria centrado na capital. Não seria necessário, isso. E aí veio o inchaço... que é. Poderia se... pulverizar em...cidades do Estado...que seja ...do Brasil...O Brasil tem Estados que são muito inabitados, né...e aí dentro dessa coisa de trazer...o que eu vejo para o...os estudos...aí eu vejo o quanto...que...eu tenho que me empenhar mesmo...nos temas que...dado ao...a oportunidade do meio de...de...antever alguns problemas...que podem acontecer, por exemplo, relacionado a questões de saneamento...de ver o...o que se pode ter como efeito da...de...da maneira como se age hoje e ver que...a população não tem informação...não tem informação do real...da real proporção da coisa. Aí que eu acho que...a gente tem que tá aqui mesmo pra poder trabalhar a formação de recursos humanos...pra lidar e virar fontes multiplicadoras...e poder trazer esse assunto mais a tona...pra se tornar um tema mais conhecido...mais estudado...Por exemplo, a questão dá...que foi implantado em Belo Horizonte...da proibição dos supermercados de liberarem as sacolas plásticas...eu fiquei assustado com...o nível de discussão dos

usuários...por onde que tava indo a coisa...né...é...Tava indo pra todos os lados mas...muito longe de enxergar...qual que era o real problema...sobre a política dos resíduos sólidos...Tudo bem que essa determinação não...resolveria os problemas todos mas...o ser humano estava muito preocupado de...como que se resolveria o problema dele enquanto ele estava no supermercado com vários volumes e ele não tem a sacola. Aí... acha uma absurdo pagar os dezenove centavos pela sacola compostável que tem disponível. Mas também acha um absurdo ficar carregando sacola pra lá e pra cá...as retornáveis né...Aí eu vi que...o propósito da política tá longe de ser...enxergado pela população...É. Eu fiquei pensando: “Não posso culpar...mas porque eles não tiveram a oportunidade de formação que eu tive...” não digo de ter estudado e ter feito universidade...que isso é...essa política de resíduos em si atinge todos os níveis de...e não apenas quem estuda engenharia sanitária, né...Mas ai eu vi também que falta também uma interlocução...uma intertextualidade...entre as diversas áreas...e a gente tem engatinhado muito...quanto a isso e...não tem...evoluído...e é nesse sentido que...se precisa evoluir...aí...neste aspecto...essa vivência urbana...ajuda muito a construir algo que...ou tentar construir algo que seja de maior abrangência...maior efetividade...eficácia...e que não seja estanque, né...que tenta afagar...ahm...

Tatiana: Você acha que...ahm...os muros da universidade...ainda separam quem está dentro da universidade da sociedade...de uma forma ainda muito incisiva...? Você acha que esse muro ...ele já começou...ele já é...ou começou...ou vai começar a ser um pouco mais...ele é permeável...? Ou ele não é permeável? Ele permite algumas trocas significativas ou ele só da uma... ahm...faz um ensaio...O que você acha?

S2: Ah! Às vezes eu acho que o muro não é permeável... mas de maneira que não é nem a intenção...de que ele seja intransponível...é o fato de as áreas não se interligarem...pra poder saber como transpor aquela barreira...né. Então, eu posso pensar toda uma solução pra acabar com o problema de geração de lixo...mas isso de nada vai me adiantar se eu não souber como eu vou abordar isso com a população...com a comunidade...e isso só surge...a partir da interlocução entre as áreas do saber. E isso é incipiente. Isso... pouco existe na universidade...E se tem um muro entre a universidade e a sociedade...ahm...tem um portãozinho entre universitários e universidade...porque a universidade...ela...ela não...por exemplo...o aluno pode vir aqui e assistir...e só se...se abster a isso...vai obter o diploma do mesmo jeito aqui tentando discutir política da universidade...Então...assim...tem esse portãozinho. Não vão ser todos que vão passar por esse portãozinho. É...eu penso por exemplo...o problema com as obras que eu vi no Pará...a tal usina de Jirau¹⁰⁶...né. Quando se fala em obra que...o que os funcionários se revoltaram...quebraram tudo...nas reportagens não foram muito claros...sobre o que tem acontecido, né... Mas quando se fala em obras...se vê a figura do engenheiro...Aí, beleza, né. “Ah! Você é engenheiro...você vai lá pra Jirau pra tomar conta da obra. Toma conta desses funcionários lá. Na formação desses que não passaram pelo portão ...eles não vão saber lidar com essa situação. Não consta na grade curricular da

¹⁰⁶ Usina Hidrelétrica de Jirau: é uma usina hidrelétrica em construção no Rio Madeira, a 150 km de Porto Velho, em [Rondônia](#). Foi planejada para ter um reservatório de 258 km², que terá capacidade instalada de 3.450MW, e faz parte do Complexo do Rio Madeira. A construção está a cargo do consórcio "ESBR - Energia Sustentável do Brasil", formado pelas empresas Suez Energy (50.1%), Eletrosul (20%), Chesf (20%) e Camargo Corrêa (9,9%). A usina, juntamente com a de Santo Antônio, também em construção no mesmo rio, são consideradas fundamentais para o suprimento de energia elétrica no Brasil a partir de meados de 2013 e estão entre as obras mais importantes do Governo Federal. No dia 15 de março de 2011, iniciou-se um motim entre os trabalhadores empregados na construção da usina. Eles protestavam contra as condições de trabalho e segurança. Declararam que há trabalhadores morrendo de malária. "Os funcionários relatavam constantemente inúmeros desmaios por dia em plena obra, sendo que os ambulatórios não possuem médicos. E o pior: permanecem sob observação por dez minutos e, depois, são obrigados a retornar ao trabalho", declarou a irmã Maria Ozânia da Silva, coordenadora da Pastoral do Migrante em Rondônia. Segundo os trabalhadores, a confusão começou quando um operário, que não tinha autorização para deixar o canteiro, tentou embarcar num dos ônibus que transportam os funcionários, e foi impedido pelo motorista. Por causa do motim, cerca de 35 trabalhadores foram presos.

universidade formar um engenheiro pra lidar com as relações humanas...isso não consta...Pelo portão vão passar poucos... essa...passagem é de decisão de cada um...e aí...eu vejo...Talvez tenha até um portão depois desse portão...porque as vezes as pessoas passam pelo portão e depois retornam. Passam pelo portão mas depois a certa altura da vida decidem que não...não quer pensar...não quer se esgotar...em temas que...talvez não levem a lugar nenhum...na sua concepção...Mas aí eu vejo...nisso que o muro ainda é alto...não dá pra se vencer esse muro...né : “universidade e comunidade”...E o portãozinho é...de abertura voluntária...

Tatiana: Humm... E o que você acha que...que faz com que uma pessoa...né...se mobilize a passar por esse portão...mesmo tendo...sabendo de todos os riscos?

S2: É... talvez...eu falaria por mim...é...né...que é algo que vem da questão da trajetória...de...ter vivenciado algo disso...e...e querer mudar...e também dos poucos...dos jovens mais novos que eu que ingressaram na época do programa de extensão...do projeto de extensão que eu tava organizando...o que que eles falavam que motivava...Que...eu via alguns né...mas eu lembrava: “gente, mas esse não é aquele menino...playboyzinho...sempre vem com um tênis bacana...tal...vem de carro...por que que ele tá querendo ir pro Vale do Jequitinhonha nas férias...ficar lá no sol...?” Eu ficava muito curioso...pra entender aquilo...Aí...muitas das vezes...tinha ligação com a formação do país...que...sofreram...os pais que tiveram uma trajetória árdua...e de uma certa forma os filhos souberam valorizar aquilo...e estavam na forma de retribuição...Não precisavam passar por aquilo. Então, tem muito a questão de trajetória. E aí remetendo a...trajetória num...conceito de que...trajetória...em termos de construção familiar são...metas que vão sendo passadas de geração a geração...A trajetória que um

pai foi...eu fiz a minha trajetória até aqui. Você continua nessa linha... E aí...é assim que eu traço esse perfil de como...pessoas vão passar por esse portão...como pessoas não vão passar, sabe.

Tatiana: Você acha que as novas gerações... pelo menos as que estão entrando agora...elas de certa forma...elas tem sido motivadas...ou pelo menos tem espaço...é..de valores...já...estabelecidos...isso...de casa...de família...é...mesmo aqui dentro da universidade...das relações que possibilitem esse engajamento pra...pro...o que a gente tem muitas vezes como responsabilidade social...retorno social...afinal de contas é uma universidade pública, né?!...

S2: Humhum...

Tatiana: Você acha que...além disso...do que você colocou...tem...alguma outra coisa que possibilite...que essas pessoas...que esses meninos...que...entram...vão por esse lado ou não?

S2: É...eu acho que a tendência de algumas coisas é que...um pouco da cultura tem se perdido. Eu não sei onde que eu entro nessa época...eu não sei me localizar...nesse contexto. Mas...é...não é comum...por exemplo...um jovem de vinte e três anos está preocupado com as questões políticas...Ai... vinte e três anos eu entendo por um jovem que está...talvez a meio percurso de universitário, né?!

Tatiana: Mas ele vê a realidade do país dele, né?! Pode até não ser a realidade do bairro, da casa, da família dele ou do lugar onde ele esteja. Mas ele vê jornal, ele deve passar em alguns lugares... Eu queria que você dissesse mais a respeito disso.

S2: Ah! Eu acho que ele não tem uma construção própria... ele não...ele vê mas não quer...discutir...Então eu vejo, por exemplo, por uma matéria que eu faço que chama “Políticas Públicas em Saneamento” . É...na sala tem pessoas que trabalham no setor a trinta anos...pessoas que trabalham a vinte anos...Professores de outras universidades...que estão fazendo essa matéria...e alunos que...recém entrados no mestrado...Eu me incluo em um passo um pouco a frente ...além destes porque eu já vivenciei essa questão política de saneamento dado o meu contexto de pesquisa...quatro a cinco anos no departamento...Mas eu vejo que quem chegou...caiu de pára-quadras na disciplina...tá assustado porque...passou por um processo seletivo no melhor programa de Saneamento do país...até então considerado...mas quando chega pra discutir política pública de saneamento ele fica assustado porque ele não sabe nada...da política...né...E...não tem nada a opinar...e não tem...uma opinião formada sobre...e...talvez seja colocando isso pra outros fatores...pra uma política econômica...pra uma política social...acho que teria o mesmo reflexo...E aí eu não sei...relatar onde é que isso...se apaga...hummm. A mídia tem ajudado bastante...na questão de alienação...televisão...tentam se ocupar com coisas que não são nada importantes...Por exemplo, gastasse um domingo...em que por exemplo todo mundo tá em casa prá...passar programas que tem provas de...provas de diversos tipos mas...aí talvez um programa interessante...esteja no...no...na manhã as seis horas de um sábado. Por exemplo, o Globo Universidade. Eu nunca vi. Nunca consegui... o dia que eu acordei sábado as seis horas eu fui fazer outras coisas...Mas achava interessante que isso

fosse passado numa tarde de domingo, por exemplo. Então, tem um contexto de alienação também da televisão...também já é outra grande abordagem...outro ponto a ser discutido...mas...é...aí também tem a questão do portão...aí sim...tem os jovens que se mostrarem uma inquietude... “mas, não...porque é assim...” A grande maioria não. Eu vejo que a grande maioria...vão pelos programas de domingo a tarde mesmo e...a inflação tá em alta...”Ah, problemas...” né.

Tatiana: Você já...viu a programação da Rede Minas?

S2: Já... já. Eu não acompanho mais... mas eu sei de vários programas que passam...

Tatiana: Você conhece alguém que... que acompanha a programação da Rede Minas...?

S2: Conheço... e todas tem mais de 28...29 anos...

Tatiana: Por que você acha que... nesse... nesse pequeno universo...é...isso acontece... Ahn...se a gente for pensar...no espaço da universidade...aí...a grande maioria das pessoas que entraram conosco... já estão saindo [ou saíram] ...né...aqueles que entraram com dezessete...vinte e poucos já estão saindo...é quase uma idade da maturidade...digamos assim...né... tentando pensar um pouco sobre o que você já disse a respeito...sobre o que é ser jovem ou não...Bem...o que que você acha...

S2: Sobre o porquê desse público não está na rede Minas?! Acho que é uma coisa do momento... o jovem acompanhar um MTV...música...ahn...

Tatiana: Ahn... uma sociedade do consumo...você acha que estamos consumindo muitas coisas...? Ou eles são incentivados a consumir muitas coisas e...

S2: Sim... sim...

Tatiana: ...e tudo muito envolto a uma aura tecnológica... nisso o que tem sido deixado de lado...?

S2: É... o que tem sido deixado de lado é o avanço de conhecimento... por exemplo...o...aí eu não sei aonde que se perde o foco da coisa...mas o Brasil gaba-se...em termos de telefonia...de ter praticamente um celular...pra cada habitante, né... até... quase dois...mas...esse habitante não tem o tal crédito pra falar...então...que...é... que tipo de evolução é essa...né...Tem a acessibilidade da banda larga mas o serviço que é entregue...é dez por cento do que de fato é anunciado...é...até a própria acessibilidade...a...a...ao computador...é o famoso trinta e seis vezes nas Casas Bahia...e...pra quê...sendo que o alvo...é o Orkut e o MSN...então...assim são ferramentas que poderiam...ser melhor utilizadas...Poxa...nós...num contexto de...acadêmicos de pós-graduação...sem uma Internet eu não sei o que seria de mim...hoje...né... Então eu tenho os meus...e a parte...da população...o...telefone celular...né. “Eu preciso...estar...dependendurado num telefone celular...o tempo inteiro pra sempre estar precisando de crédito?” “Eu preciso de dois telefones...preciso de um que seja sempre atual...que tenha...todos os MP30 da vida...?” Então, tem essa tendência de consumo...né...porque as pessoas não sabem pra que as coisas servem...é...não se apropriam da coisa devidamente...deixam que a coisa se aproprie de si...né...ahmnn.

Tatiana: Outro dia... eu...eu...encontrei com um...com um pessoal...por aqui [na universidade]...aí...é...uns meninos novos...aí...né...é...calouros. Um pouquinho mais do que calouros...né...já passaram um pouquinho da...calourada da vida...E aí...a moça tava assim: “Ah, mais...que culpa que eu tenho se eu...nasci com dinheiro...se eu não sou preta...se eu não sou pobre...o que que eu tenho haver com isso? Por que que eu tenho que discutir essas coisas...por que que eu tenho que ficar sabendo dessas coisas...por que

que...”, né. “Eu estou aqui fazendo o que é interessante pra mim...né...O que que eu tenho a ver com a vida do outro? Com a vida ruim do outro?”

S2: Ahahn...é...basicamente acho que é essa a figura...o retrato do jovem...é importante a gente falar assim... “ Tô pensando coisas pra mim...” porque não tem a capacidade de olhar ao redor...e que tem um mundo que tá pra servi-lo...né...Então é até aquela coisa de...só quer saber de “venha a nós...e nada de vosso reino”...já tem um mundo pra servi-lo mas ele não quer...ele não nota...essa noção de espacialidade...a dele...e que tem milhares de pessoas...seres...animais...e que você está num contexto de coletividade...a passagem da nossa vida aqui...não é pra pensar só...Temos que deixar alguma coisa para o conceito de coletividade...

Tatiana: Quando... aí...eu fiquei pensando... “e quando esse...”, por exemplo, “...essas pessoas: ‘ah, eu não tenho nada...eu não tenho nada com isso!’” Foi mais ou menos isso que a moça...que a mocinha falou “...E quando justamente esse pessoal com quem ela disse que não tem nada haver com isso dá um jeito de se aproximar da vida dela de uma forma que...talvez não seja a mais...agradável...né...a mais afetuosa...”é o que a gente tem visto em termos de violência...né...é...fome...é miséria...é...ou não...mas outras formas de...de...de outras pessoas estarem revidando isso aí...né...de serem enxergadas...Ahm...o que você acha disso?

S2: Vai continuar achando que não tem nada haver com isso porque aí quando isso acontecer... a primeira coisa a ser aclamada é...eu quero que seja feita justiça. Ou então cobrar das autoridades... “isso é porque o governo não investiu”. Ai...ainda continua do ponto de vista do “eu não tenho nada haver com isso” . E aí enquanto a população não saber que tem tudo a ver com isso...não encarar...não enxergar isso...uai...a gente não vai evoluir...né...As vezes eu fico vendo alguns protestos...assim...mundo afora...em que a população encara... “não, eu tenho haver com isso sim. Isso não pode mais acontecer...” Se vai às ruas e sabe fazer a diferença...agora...aqui...quando as políticas são implementadas de um dia para a noite...não precisa nem ter...a preocupação dos políticos...de ter cuidado...de maquiagem as coisas...pode ser as claras mesmo...ninguém tem nada haver com isso...Então...a preocupação de um solitário vai ser apagada porque...dessa questão de todo mundo pensar que sozinho não tem como fazer muita

coisa...eu penso assim também...Sozinho eu não tenho muito o que fazer...aí as vezes...eu encontro confiança nos meus pais...as vezes quando eu já tenho mais um do meu lado...aí a coisa já muda de figura...e o crescimento não é linear não né...quando nós estamos em dois não são duas idéias somadas...duas intervenções...já são...a coisa já é mais exponencial...então...assim a idéia é angariar...pequenos exponencialistas...pra que a coisa evolua...mas no universo...retrogrado...assim de tanto...tanta gente...aí...é complicado.

Tatiana: Você acha que está cada vez mais difícil...é...se manter firme nesse mundo...assim...acreditando nessa lógica de...que a gente precisa enxergar que tem outro ali...e o outro...e que eu tenho haver com aquele outro daquele jeito...

S2: Humhum...

Tatiana: Você acha que...está cada vez mais difícil ou não? A dificuldade de cada época é...de acordo com cada época e aí...a gente vai...

S2: Eu...não diria nem que está cada vez mais difícil ...mas...é...talvez eu diria...que...é a taxa de crescimento seria essa...uma taxa...baixa de crescimento...e...a gente vai ter que evoluir em outras áreas pra que esta...cresça vertiginosamente...mas enquanto isso...As vezes eu enxergo que a tendência é pior dado que...a gente não evolui em outras coisas mas...eu enxergo que pode melhorar...a gente tem...tem mecanismos pra isso. Acho que não há uma coisa no mundo assim que...dê pra falar assim: não tem solução...a gente não sabe...de maneira alguma o que pode ser feito com isso...Se sabe...mesmo que de maneira insipiente...preliminar...sabe-se dos direcionamentos...um planejamento pra poder atacar aquela coisa...mais aí...mobilização...

Tatiana: Humhum...

S2: Todas essas questões deixam o negócio...ruindo...

Tatiana: Você acha que a sociedade ela está produzindo mais pessoas “do bem”... ou esse bem ...ele já foi meio que colocado assim: “é um bem...mais ou menos...relativo...”

Ah...eu sou uma pessoa boa mas de vez em quando eu faço isso...eu faço aquilo...né?! Não...eu converso ali com o trocador...do ônibus...e aí ele...passa um cartão assim...e eu...não pago...eu passo dinheiro de volta...aí...

S2: É o bem relativo...é o bem relativo...Até tem...eu costumo relacionar uma figura a esse bem relativo às pessoas que me cumprimentam com tapinhas nas costas...Quando a pessoa me cumprimenta assim...eu penso: nossa esse deve ser da pior espécie...quando eu virar as costas vai me passar uma rasteira agora...” É...tem muito essa coisa de...e nesse sentido...é...acho que tem muito disso...é um bem...eu lembrei agora o que eu queria falar...é...por exemplo...algumas pessoas fazem fotos ...é...vai ao hospital...vão ao hospital do câncer visitar...crianças com câncer...e tiram aquelas fotos...lá...aí expõem né...mesmo em jornais...tal...tal...tal...pessoa visita crianças, né... Quer dizer...aquela foto...serve pra quê...né? Mudou em quê? O problema ali...são crianças com câncer...mudou em quê? Só ficou bonito pra quem estava na foto: “Fiz a minha parte. Eu tenho que ter o meu espaço no céu agora.” É isso...então...tem muito desse bem temporário...desse bem superficial...humhum...

Tatiana: Você acha que as pessoas...elas barganham demais...? E...essa barganha...geralmente...ela está chegando a um nível...crítico...? Olha...eu te dou isso...mas você me dá aquilo? Ai eu digo: “aí você vai aparecer como uma pessoa do bem...eu vou aparecer também...”

S2: Sim...sim. Diante até do contexto político...até...que...vamos partir do pressuposto que...como opção política...nenhuma delas seja válida...porque...qualquer que seja a alternância do poder...não se atinge o alvo que foi proposto...então...vamos partir do princípio de que nenhum se tem opção em...voltar...não tem opção: nenhuma é válida... É... diante desse quadro a pessoa escolhe aquele...que lhe atende o interesse direto. Então é um...sei lá um presidente que...visa a...industrialização e aí...nisso pega um recorte dos setores das cidades mais...industrializadas. E aí as pessoas tendem a olhar aquilo que é necessário a elas mesmas. E aí recai também no “o que que eu tenho haver com isso, né?” do mesmo caso da menina que nasceu rica, linda...e...branca...tudo mais...o que que eu tenho haver com isso e...mas aí esse o que que eu tenho haver com isso cai em diversos contextos econômicos...e aí é coisa de um...olhar pro próprio

umbigo...falta senso de coletividade...e eu vejo que é todo um bem superficial mesmo...fazer bem superficial...talvez eu mesmo...caso...eu sentia isso...quando...dos projetos de extensão que eu organizava né...a gente aparecia de forma meteórica uma vez ao ano...lá no Vale do Jequitinhonha...passava quinze dias das férias...e sumia...né...em outra oportunidade de voltar só no ano seguinte...né...Aí...para os olhos da sociedade...para todos assim...enxerga isso aí como pessoas que já tem vaga garantida no céu, né. Mas eu sempre senti um vazio dentro de mim... “eu fui lá com um propósito...e o que que eu atingi desse propósito...será que...que...” a mudança incipiente tem. A pequena mudança...tem...isso é fato. Mas...daí a coisa de...muito também quando você associa o fato das coisas serem sempre projeto ou no máximo...um programa de curta duração...então as coisas não ganham efetividade...a contar pela cultura de pleito político. Todo pleito político é de quatro anos ...no máximo oito. Tudo depois disso é reconstruído...e aí...isso se transforma também...no dia a dia do ser humano...então...as pessoas tem planos pra daqui a quatro anos e olhem lá.

Tatiana: Então você acha também que essa falta de continuidade em tudo o que a gente faz...é sempre...está sempre imbuído de um sentido de emergência...é sempre no plano emergencial...? “Ah, eu vou fazer isso aqui...porque estou percebendo isso aqui agora e...é a vivência de agora...e eu não quero saber...o que vai acontecer daqui a...ou depois disso...ou desse período...”, por exemplo.

S2: É. Exatamente. Aí que entra a questão de, por exemplo, isso não é algo sem solução. A gente já conhece...já...mesmo não atuando...as ferramentas necessárias pra isso né...que...até apossar-se de ferramentas...assim...trabalhando de maneira intertextualizada...né...o processo de ferramentas da administração...que são ferramentas de planejamento...né...pra não ficar só...em políticas corretivas...ficar corrigindo a coisa depois que acontece...né. Por exemplo, ter um órgão... é melhor ter um órgão de saúde que se preocupa em... universalizar o abastecimento de água pra que as pessoas tenham fontes confiáveis...de água do que ter um órgão que trata exclusivamente de pessoas...de crianças que morrem de diarreia...Então assim...ferramentas a gente tem...a gente tem conhecimento mesmo sendo um país em desenvolvimento...a gente tem ferramentas pra que isso não aconteça. Mas tudo está muito aliado a emergência... as coisas são pra quatro anos...isso é: “eu tenho que fazer bonito no meu pleito...depois disso eu não

sei...já não sou eu mais...” (SILÊNCIO) E...de repente eu fico vendo mais...será que não seria interessante a figura de um ditador que fica aí uns sessenta anos...(RISOS)...pelo menos ele iria continuar...teria efetividade a política dele...ham... (SILÊNCIO)...Bem...mais algo?

Tatiana: Ahm...(SILÊNCIO REFLEXIVO). Hoje...hoje você vê isso no seu trabalho? No seu cotidiano...você vê também...agora falando do seu trabalho...?

S2: Hum...

Tatiana: As pessoas...angustiadas...nesse sentido e...essas barganhas cotidianas...que se...precisam fazer...com uma certa...justificativa...? Como se fosse um pacto de sobrevivência...?

S2: Sim. Sim, o mercado de trabalho isso ainda é mais evidente. O que...o que a minha empresa sofreu foi...por exemplo...um direcionamento de intenções, né. É...por obras de saneamento serem...alvo de grandes financiamentos...é...as empresas...construtoras...ficam de olho porque é uma ótima oportunidade de...angariar fundos...né. Então...não raro...é...são as ocasiões em que as empresas construtoras vão até as empresas que fazem o projeto...o dimensionamento...pra que... “Olha, não tem jeito de você dá uma aprofundada nesse negócio aqui pra poder ter mais escavação...pra aumentar os preços...e aí...você faz isso por...mim aqui que eu...te dou maiores liberações...”. Acontece... pelo o que eu tenho notado na empresa que eu estou...essa não é a conduta. Até então... tem sido idônea, né...e...tem sofrido com isso...porque...a partir do momento em que...não se habilitou a entrar no esquema...fraudulento...ai...a empresa projetista...passou a não ser mais alvo do ciclo de interesses...no entanto os direcionamentos são pra quem tem maior abertura pra lidar com essa situação...e...a minha empresa amarga um pouco nessa...coisa de não...querer atender a barganha de uma forma desonesta...então...assim: “você não vai me dar isso então pode esquecer que você não vai ter mais nada disso”. Então, tem todos esses anseios...e nisso...me dá vontade de...não vou dizer largar...desistir...mas eu fico me perguntando até onde vai o meu papel nesse meio, né...vamos dizer aí...no mercado de trabalho...não no meio acadêmico...né...porque eu tenho aí uma formação...todo preocupado com a

técnica...saneamento...tenho estudado muito...respiro isso...e chego...é...estudo diversas...técnicas aplicadas no mundo...e técnicas efetivas...mas aí quando chega...o impasse político...é o que é o determinante de tudo. Vai depender se...o interesse político daquela ocasião...vai deixar a minha idéia ser implementada...ou não...aí eu fico olhando... “qual que é o meu papel? Até onde eu devo aceitar isso? Com é que eu vou ficar? ”. Por exemplo...eu vou falar porque você falou que eu posso falar qualquer coisa...depois você...se vira...com isso...(RISOS)...Mas...eu estava com o meu colega no...num simples café...tomando um café...a gente tira uma vez por semana pra tomar um café...de quatro reais...né...aí...nesses meios sempre dá [aparecem] executivos...né...Ah! Um cafezinho depois do almoço tem que ser refinado...e tal...Bem...nesse dia a gente estava sentado...e tinha uma mesa de executivos do lado...aí nisso eles...por acaso...citaram o nome COPASA...e aí a gente já ficou de olho na conversa, né...porque é nossa...nosso grande cliente...né...o meu colega era de outra empresa...de um mesmo ramo de atuação...empresa que faz projetos de saneamentos...Aí o cara que parecia ser uma figura de influência...eu não associei o rosto a alguém...ele falava que: “Não...eu já falei com o Teixeira...” e...esse Teixeira, o meu chefe já havia me dito que...quem é essa figura...Ele é a figura responsável pela interface empresas-construtoras...é...COPASA...liberação do dinheiro e tudo o mais...É...inclusive o meu chefe tinha falado que em certa ocasião...esse Teixeira...tinha chamado ele e...falou assim: “Ó, eu quero essa mudança aqui no projeto e tal...” Ai...o meu chefe falou assim: “Olha...tecnicamente, isso é inviável...eu não posso fazer isso.” Ele virou e falou pro meu chefe assim: “Eu não estou pedindo pra você fazer isso...eu estou mandando você fazer isso...” E o meu chefe disse que já saiu da sala sem falar nada com ele...Então...isso tudo delineia... o que vai ser a empresa...Então...assim...a empresa que quiser...seguir pelo traço de idoneidade...as vezes está fadada ao...fracasso financeiro...como tem acontecido...mais ou menos...Mas aí o que que aconteceu...né... Tem essa figura do Teixeira...e... o cara falar “ Ah, eu já falei com o Teixeira...tem que dar um jeito nisso...porque...a Andrade não vai querer essas coisas de PPP não...” A Andrade...é a construtora do Estado que...não por acaso nos pleitos de PSDB ela tem conseguido todas as obras do Estado. E aí... a PPP...ela não queria essa parceria público-privada... que não fosse desse jeito...que fosse aberto a licitação, né... porque...o fulano que é presidente do PSDB mineiro já foi lá...ou seja...então a Andrade...consegue todas as obras no pleito do PSDB está cobrando do PSDB...né...aí fala assim: “ E aí...você não

vai...então eu não vou custear a sua campanha não...né...” Então o que que saiu dessa conversa...que a Andrade Gutierrez não queria que fosse feito nenhum tipo de licitação ou se fosse feito era pra ser direcionado mesmo...pra eles...né. E...por acaso...essa obra...que era do sistema Rio Manso...era a empresa do meu colega que estava mexendo com as coisas...então ele sabia do valor que seria direcionado pra Andrade Gutierrez...seria direcionado coisa de...novecentos milhões... Então...assim...num simples café eu estava ouvindo...o que vai ser o direcionamento da política do Estado, né...Aí...falei assim...eu estou ali...eu estou a cinquenta centímetros da decisão que está sendo tomada...do meu setor...e no entanto o que que eu represento...aqui... “Eu não sou nada...eu não posso fazer nada...Como é que eu vou parar o café do cara agora?...”. “Você não pode fazer isso não...” “É capaz de eu não sair vivo nem pela porta do café...” Mas aí...quando eu passei a assistir essas coisas...não...só ouvir falar...como coisa de imprensa revolucionária...mas não...eu estava lá...eu presenciei... E aí...conversando com o meu chefe...ele já me falou que...essas empresas grandes já estiveram lá...e pediram pra aumentar os custos dos projetos...por exemplo...pediram pra incluir...várias viagens de avião... alugando avião...necessários pra trabalhos de campo. Mas nunca foi necessário na nossa empresa...nunca fez nenhuma viagem de avião. Eles queriam que colocasse...que era pra custear...a campanha... do Pimentel...na época ele...era...pra você ver que...por isso que eu digo que não tem opção, né...Não é só o PSDB...Aí...porque...aí as empresas conseguem ter um superfaturamento...nesse contexto da obra...é uma obra executada...só que...executada com um preço muito maior do que se previa...e aí nesse lucro...aí entram o dinheiro pra custear as campanhas...e as campanhas...são concretizadas...os candidatos são eleitos...e...aí...favorecem a empresa...e aí...vira um ciclo...é isso...é o ciclo de...perpetuação política...então...eu vi que...a decisão política...é muito mais importante do que qualquer passo que eu tenha...no saneamento. Ah...o contaminante que eu estudo que é da ordem de dez a menos nove centímetros...micro...coisa de micro...não vai interessar em nada...se não tiver uma vontade política...Aí...essa vontade política vai remeter lá...na menina que diz “isso não é da minha conta...eu não tenho nada a haver com isso...”, né. Então aí...a minha preocupação é...é...a formação é outra...Tem que se trabalhar outra formação...ou forma...é...capacitar outro tipo de recurso humano...então assim...eu vou pensar que eu vou capacitar...alguém que vá fazer as análises de laboratório pra mim...e tal...mas essa pessoa tem que estar muito ciente do que ela está fazendo...não é uma simples análise de

um organismo que tem dez a menos nove centímetros...é...algo que está tão...tudo...interligado politicamente...e aí...é isso. (SUSPIRO).

Tatiana: Ok, S2. Você gostaria de colocar mais alguma coisa?

S2: Não.

Tatiana: Bem...então vamos ficar por aqui...hoje...tá bom?!

S2: Aham. Ok.

APÊNDICE E

Belo Horizonte, 26 de agosto de 2011

Entrevista com Sujeito 1

Tatiana: Sujeito 1, a entrevista de hoje vai girar em torno da experiência do Conexões de Saberes. Bem...nós vamos então conversar a respeito disso...e para rememorar...um pouco...eu gostaria que você dissesse de como foi o processo seletivo para o programa que ainda era um projeto...que iniciou-se em 2005... Puxar agora pela memória...é...como isso aconteceu...como você ficou sabendo do programa...? A grande maioria ficou sabendo de uma forma bem parecida: por e-mail ou por correspondência que chegou via FUMP. Bem...eu queria que você falasse um pouco a respeito...né. O que te chamou a atenção no edital e porque que você se inscreveu?

Sujeito 1: Olha...eu não estava nem lembrando que era por carta...é...uai eu recebi...eu tinha entrado recentemente na universidade...em 2004...e...mas como anteriormente...até por conversa...do meu pai...falando que existia na universidade a possibilidade de trabalhar...desenvolver alguma atividade eu estudava...então eu já tinha mais ou menos em mente que eu queria participar de algum tipo de atividade que a universidade desenvolvesse. Fiquei um ano estudando... entrei no primeiro semestre de 2004...mas sempre de olho em alguma oportunidade que estivesse próxima daquilo que eu tinha inclinação que era estudar a questão...social...a questão econômica...aspectos bem próximos relacionados...a condição, primeiro do indivíduo...e segundo o aspecto conjuntural da sociedade em si... É... então quando eu recebi a carta eu achei que era uma questão interessante que...o projeto era de extensão... ai eu procurei saber...mais ou menos...como é que funcionava...o que que significava projeto de extensão...como...agora eu não lembro se na carta vinha falando isso ou se foi depois que eu vim a saber como é que...como é que funcionava uma pesquisa de extensão...Eu vi que tinha trabalho de campo...questão de levantamento de bibliografias...então essas coisas...então eu me interessei. Como eu entrei num curso em que eu já estava pensando

em mudar... foi uma forma de tentar acelerar o processo de...entendimento e compreensão da sociedade. O primeiro período que foi feito na FAFICH foi muito bom mas... aí veio segundo período que já começaria a estudar as matérias que em certo sentido não estavam afinadas com aquilo que eu já vinha pensando...estudando anteriormente...então... o projeto era uma possibilidade de tornar a ver... ver as coisas de fato...concretas como elas realmente acontecem. Então eu peguei enão lembro como foi o contato...se foi por e-mail...mas se eu não me engano eu acho que fui pessoalmente lá na FAE...e...o pessoal marcou data...essas coisas...e eu fui fazer entrevista. É...(PAUSA REFLEXIVA) Agora...agora especificamente eu não estou lembrado de como foi a entrevista ... mas eu fui claro...e não tinha muito problema...eu nem lembro...agora eu nem lembro se havia pergunta sobre a questão de cor...eu não lembro... eu não lembro... mesmo...

Tatiana: Ahm...no recorte da FUMP...tinha no edital...tinha uma coisa assim...é... “...projeto de extensão para trabalhar com...selecionando jovens de origem popular ...”

S1: Solicitava aqueles que fossem nível 1 da FUMP...essas coisas...

Tatiana: É... “...nível um da FUMP...” é verdade... nível um da FUMP... aí vinha o nome do projeto porque ainda não era programa, né?!

S1: Aham... e

Tatiana: O Conexões era um projeto...

S1: ...era um projeto...

Tatiana: ...falando sobre o diálogo com as comunidades populares... né... e aí...vinha um recorte...para alunos que se auto-declaravam negros – e aí vinham pretos ou pardos – afro-descendentes... e essa coisa toda.

S1: Acho que tem...acho que tinha...na época...

Tatiana: Aham... Quanto tempo você ficou no projeto?

S1: Eu fiquei no projeto de 2005 até...2006...ham...não...foi de 2005 todo...contou 2006 todo... até...até meados de 2007...se não me engano...

Tatiana: Uns dois anos e pouco...

S1: É...uns dois anos e ... quase meio... fechou o ciclo né...do projeto.

Tatiana: Haham... e por que que você saiu?

S1: Ah...eu sai porque...porque...como o projeto estava vindo pra FAFICH... e a proposta básica era...voltar a trabalhar com algumas questões que já haviam sido trabalhadas lá trás...anteriormente... na FAE... então...assim... então assim... reiniciaria... um novo ciclo de formação... é... não fazia sentido eu ficar ocupando a vaga de uma pessoa que poderia estar entrando... é... que poderia entrar no meu lugar e... poderia aproveitar muito mais a questão dessa nova fase do ciclo... de formação. E...segundo... é...eu acho que eu já tinha esgotado as possibilidades de aprendizado do ciclo anterior... e da... novamente... como o ciclo seria reiniciado... de formação então... eu acho que não era necessário eu ... que eu continuasse... no projeto. E de tabela também... junto com

isso... eu já... eu também consegui uma bolsa de ... é de iniciação científica e entrei na XXXX¹⁰⁷. Então...tranquilo... não tinha problema... eu diria que juntou o útil ao agradável...questão de bom senso e... questão de... a partir de então... já era hora de eu aprofundar mais... as questões relacionadas as disciplinas do meu próprio curso. Esse foi o motivo pelo qual eu deixei.

Tatiana: Aham...eu queria que você falasse um pouco a respeito de como foi o...o seu processo nessa edição...primeira [edição] do projeto...das temáticas discutidas... o que você percebe que foi de ganho pra você... pra sua formação... como é que você percebia as coisas... as situações... o convívio com os colegas... as temáticas... as discussões... as idas nos campos... ?

S1: É... do ponto de vista do aprendizado... com relação as leituras... elas contribuíram pra dar... uma capacidade argumentativa em prol de um abordagem não...necessariamente quantitativa... da análise...de qualquer análise é...(PAUSA REFLEXIVA) é...ampliaria o leque do meu conhecimento... na forma de interpretação... da realidade...Com relação as pesquisas de campo... elas foram muito... essenciais... eu gosto muito de trabalho de campo... Eu acho que pra trabalhar questões de pesquisa ... eu acho que vai ser válido em qualquer lugar... em qualquer tipo de...de disciplina... né... talvez ... exceto em Física... mas...é...a ida a campo é essencial porque traz um agregado a mais na interpretação das informações que você colhe... Então... de...de...mesmo sendo pobre...de origem popular...essas coisas... eu nunca morei em favela... eu nunca morei... moro num bairro de... classe média... Mas vê diferente... as várias formas...a gente...eu diria que... diria que no Brasil as especificidades de cada local...cada localidade construir uma análise estrutural...conjuntural... da organização social e das formas produtivas (PAUSA) ... que leva... refletem uma determinada organização social e...com relação aos colegas... eu não... eu... mesmo sendo uma pessoa fechada... muito... muito pouco... é... tem um termo...como é que é? Eh...como é que é gente...hã...eu não vou lembrar agora não... é uma palavra simples mas ela... Hah!

¹⁰⁷ Unidade Acadêmica estudos do Sujeito 1.

Mesmo sendo uma pessoa introspectiva eu não cheguei a ter nenhum problema de relacionamento... mas o meu próprio aspecto de pessoa fechada as vezes pode por algum motivo implicar em um problema que talvez eu...eu... tenha desconhecido... ou algum problema grave que talvez eu não conheça... mas... é... aí é uma questão de personalidade. Mas eu não... julgo ninguém... (PAUSA REFLEXIVA). Como era uma época... uma fase específica da história de vida de cada um... aquele espaço...digamos que aquele recorte temporal em que todas as pessoas estavam... que todas as pessoas que pertenciam ao Conexões estavam ali...é...é representavam uma síntese da época ...da idade... das condições históricas... sociais... de cada um naquele momento específico. Então... assim...o que eu quero dizer: as pessoas... a personalidade das pessoas... o comportamento de cada um era... era dado específico daquele momento. Então... julgar as pessoas... em alguma medida... seria...um posso dizer que seria temerário porque hoje... já se passaram aí... é... quatro anos...né... e muito provavelmente as pessoas mudaram em alguma medida... e hoje tem pensamentos totalmente diferentes. (SILÊNCIO). Uma coisa que foi muito marcante ali nas Conexões foi a questão da...da politização... né...que é a formação do indivíduo enquanto um ator político ativo (BRAÇOS CRUZADOS) ...é...é uma questão que eu acho que foi relevante...muito...muito... muito importante... foi um espaço de treinamento... é...se você parar para pensar a universidade pública... né... a universidade federal tem uma capacidade de formar a pessoa não só profissionalmente mas ela forma a pessoa pra vida...mas também pra quem quer, né. Diploma... o diploma que a gente recebe da universidade...de universidade federal...ou das universidades federais que as pessoas recebem...é um diploma que tem muito mais peso do que o mero peso do papel e tinta que qualifica a pessoa ali...a exercer determinada profissão...e a construção da minha cidadania enquanto pessoa...brasileiro...que pensa...em projeto de país é...ela foi...o Conexões foi... o Conexões teve uma participação muito importante nesse processo. O problema é quando depois...quando você passa ...depois...pela universidade...você vê que não tem mais tanto poder quanto poderia ter teoricamente projetado o futuro...né...pra exercer aquilo que de fato deveria ser feito... mas aí são as distorções da sociedade que a gente tem. É isso... é... a contribuição é essa mesmo...assim...sinteticamente dizendo.

Tatiana: Humhum... mas eu queria que você dissesse um pouco...hã...é...não necessariamente dos problemas... mas quando eu estou perguntando...é... assim... sobre as relações... da construção coletiva... do convívio... porque o trabalho era dividido em eixos né?!...e nem todos participavam dos mesmos eixos ...e aí de vez em quando tinham reuniões gerais... aquela troca né...momentos de reunião... coletiva... congresso... eu queria que você dissesse um pouco disso...do aprendizado... do apreender a partir disso...de compartilhar com o outro colega...dessa coisa toda discutida lá...

S1: Uai...dizer do aprendizado...mais especificamente desse processo é que (SILÊNCIO REFLEXIVO) eu...se não me engano a memória...eu...preferi trabalhar só com o grupo de trabalho relacionado as políticas públicas.

Tatiana: Hum...hum...

S1:...é...tinha de gênero...tinha...outros...outros temas que eu...eu... agora eu não me lembro de cabeça ... mas eu me identifiquei mais com o de políticas públicas... porque estava mais próximo da questão...estava bem mais próximo da questão relacionada em alguma medida com a questão... do desenvolvimento...então eu achei que de alguma forma... que se eu me concentrasse ali...acho que eu obteria ganhos e poderia contribuir muito mais do ponto de vista de discussão sobre esse assunto...é (PAUSA). É... a questão do ganho...do processo de troca de conhecimento proveniente de todos os temas... ali...nos momentos de reunião ali...

Tatiana: ...Porque tinha muitos temas né...a gente...hã...discutia-se muita coisa...

S1: É...(SILÊNCIO REFLEXIVO) Hã...eu não sei...eu estou... (SILÊNCIO) dentro das nossas próprias limitações... eu não sei...eu não consigo pensar como que...Como é que eu colocaria? (SILÊNCIO)... é...eu não sei...eu estou agora no ar...aqui...

Tatiana: (RISOS) Vamos tentar lembrar aqui... (PAUSA) Lembrei de uma coisa: No dia...eu não sei se você estava lá no dia que...eu acho que era o primeiro dia... o dia de apresentação... que os orientadores... os coordenadores... Tereza Cristina¹⁰⁸... Rodolpho¹⁰⁹...é...Joaquim¹¹⁰... fizeram uma dinâmica com a gente ... várias dinâmicas ...né... dando alguns *insights* do que que seria discutido...do que que seria...você se lembra disso?

S1: (PIGARRO. BRAÇOS CRUZADOS) Ah...eu lembro de uma dinâmica que alguém falou que eu andava reto demais...um negócio assim...

Tatiana: Ahm...a gente fez muitas dinâmicas ...né... e eu estou falando de um exemplo particular da dinâmica e...deixa eu contá-la pra ver se você lembra... pelo o que eu me lembro...eu acho que esta foi a primeira mesmo... a primeira dinâmica... e aí colocaram a gente em círculos ...em voltas...e iam fazendo perguntas...né... “agrupem em pessoas assim...agora forma um grupo tal... e agora outro grupo...” e tinham várias perguntas... “quem de vocês são oriundos de comunidades populares...”. Você lembra disso... e uma dinâmica de rodas assim...talvez você não estivesse presente no dia...pode ser...eu não lembro...

S1: ...É... pode ser...

Tatiana: ...bom... e aí ...tinham várias perguntas soltas...quantas etnias tem aqui...e quantas raças tem aqui...e aí as pessoas iam respondendo. Eu lembro que - pra mim; do meu exemplo - nesse dia eu lembro que eu perguntei assim: “Uai, raça tem uma só! É

¹⁰⁸ Nome fictício gerado para a coordenadora-formadora do Conexões de Saberes.

¹⁰⁹ Nome fictício gerado para o coordenador-formador do Conexões de Saberes.

¹¹⁰ Nome fictício gerado para o outro coordenador-formador do Conexões de Saberes.

raça humana!”... aí o povo disse “Não, tem outras raças”, né... e começaram algumas discussões... assim... bem introdutória...né...estava todo mundo mais ou menos...

S1: Cru...é...

Tatiana: ...é meio calouro... crú...exatamente...iniciando as discussões mais sociológicas... políticas...e ai tiveram outras, né...tiveram palestras...com o Ricardo Henriques... com aqueles gráficos... Você lembra?

S1: Huhum...

Tatiana: E aí? Que memória você tem destas coisas...dos inícios... começando...?

S1: (BRAÇOS CRUZADOS) Não... com relação a questão de raça (PAUSA) pra mim é...eu sempre pensei por um ponto de vista...é possível...é possível né...mas também eu não posso afirmar como categoria.

Tatiana: Como assim possível... eu não entendi?

S1: Ham...é...(PIGARRO) é...raça...etnia...essas...essas...coisas... esses debates assim... não eram questões que eu me debrucei pra estudar...então eu sempre fiquei...fiquei com aquela questão: “é uma possibilidade...” mas não vou...mas eu não defendi ali...mas também não defendia a idéia mas também não fui contra...

Tatiana: Ham...humhum...

S1: Mas... era uma possibilidade...Ou seja, é possível...há uma possibilidade de que de fato exista...mas...hum...da minha estrutura de pensamento enquanto...enquanto desenvolvimento social e humano...ah... não é uma questão que ...que eu diria que...é central...pra discutir um processo de desenvolvimento e crescimento ...precisa?...não precisa...É...(PAUSA REFLEXIVA). Ahm...eu sempre procurei...eu sempre fiquei...olhando...observando até aonde ia...até onde este processo de construção ia me levar...acho que a cada um essa forma de...de...a interpretação... recepção de cada um... e a opção dada pelos coordenadores. De fato não havia consenso... Não era todo mundo que concordava com o fato da existência de raça... essas coisas...de uma forma...como era colocada... (SILÊNCIO). Então... assim...o processo de formação foi bem livre...então...apesar das pessoas não expressarem diretamente...não havia consenso. Eu acho que... ou não concordavam porque...ou tinham medo de perder a bolsa... ou não concordavam porque não achavam necessário...ou não concordavam porque talvez... ou não se manifestavam porque...achavam...por exemplo no meu caso...achava que...eu acho que poderia ser trabalhado do outro ponto de vista...de questões mais...mais objetivas...então...

Tatiana: Por exemplo...(?) ...só para mim entender melhor...essas questões mais objetivas...por que eu estou...

S1: ...é porque ficou a questão da... formação...ham... raça... condição social... colocação disso e daquilo... mas parece que ficou muito mais no plano da teoria do que do trabalho...de uma coisa objetiva... e...resgatar...as pessoas daquela condição pobre...que estavam ali... Foi um processo...eu diria que foi um processo mais de conscientização do que de... ou de resultados concretos de... (PAUSA) então...uma coisa que eu percebia muito era a dificuldade de mensurar o progresso das ações... né... como ficava uma coisa bem teórica... não só bem teórica mas... existia um processo de discussão contínuo então...me parece...posso estar errado...que talvez... as pessoas sentiam um pouco a falta de um...um... uma “pega” mais com a realidade e ver a realidade em transformação. Até porque...é... houve problema de atraso na ida a

campo... lembro teve este problema... de escolha de lugar...que teve... teve vez que...bom... com a escolha que era Contagem...que era o Icaivera¹¹¹...e que e depois...e tinha dois pontos que... né...que era o Santa Lúcia¹¹² e...lá no Santa Lúcia... e... foi lá em Contagem...então ficou aquele negócio meio... meio capenga...e como o [grupo do] Santa Lucia andou mais... se desenvolveu mais...por causa da organização social da comunidade... falando bem “carioquês” ... “da comunidade”... ele conseguiu progredir mais... eles conseguiram gerar mais pesquisa...ficou da...ficou um pouco...meio que... de rixa... o Santa Lúcia...é...progrediu mais...o projeto de Contagem ficou meio que...parado...mas...ficou ali parado porque não havia mobilização...inicial...ali...no Icaivera e região...então...não tinha como o projeto em Contagem progredir mais do que o...mais que o projeto em Santa Lúcia. Mas até a gente conseguir enxergar isso demoraria muito. É...as coisas em Contagem eram...dispersas...ou seja... dado que foram escolhidos dois focos...e que cada foco tinha uma estrutura social diferente...obviamente os resultados vão ser diferentes...Você não consegue construir uma articulação da noite para o dia. Então ficou uma coisa um pouco dispersa...assim meio aérea...e...e...isso causou um incômodo dentro do próprio grupo. E é só...um...é...isso trata-se de características próprias das pessoas de um modo geral...porque...apesar de em alguma medida todos ali congregarem de algum ideal...né...obviamente o ser humano gosta de ver...pelo menos os seres humanos normais...né... a média...acredito...acho que os seres humanos gostam de ver progredir aquilo no que eles estão trabalhando... Como o Icaivera não estava...o Icaivera não estava na mesma situação então a...houve algumas...não vou falar que são “rachas”...mas algum descontentamento dentro do próprio grupo... em relação ao progresso...mas são coisas de trabalho em equipe... são coisas que acontecem quando se aglomera muita gente né... quando você organiza uma quantidade de pessoas para determinado trabalho.

¹¹¹ Nome de Bairro da cidade de Contagem/MG onde a equipe do Programa Conexões de Saberes fazia incursões no campo de pesquisa e da extensão em 2005.

¹¹² Nome de Bairro da cidade de Belo Horizonte/MG onde a equipe do Programa Conexões de Saberes fazia incursões no campo da pesquisa e da extensão em 2005.

Tatiana: Trabalhar com um grupo grande e muito heterogêneo...você acha que demanda um esforço maior de cada um?

S1: Depende do tipo de esforço que você está colocando...

Tatiana: Digamos assim... porque é fato que existiam ...assim...uma gama de interesses né...eram pessoas diferentes... com formações diferentes... oriundas de cursos diferentes... né...perspectivas diferentes... aliás com olhares...né...pelo menos...nem que fossem iniciais...diferentes... e que estavam ali porque... o...

S1: ...por *n* motivos...

Tatiana: o ponto...é...mas... tinha um ponto de contato ali...uma... uma linha de convergência... que era...é... interesse ou essa... origem popular... ou esse interesse de trabalhar com essa temática... e tinha esse recorte...que no caso só a UFMG que utilizou isso... as outras universidades não. Desse recorte...

S1: ...carente 1...

Tatiana: ...étnico-racial...

S1: ...carente 1 e tal...essas coisas...É...é...

Tatiana: Então tinham essas zonas de convergências aí...nesses interesses...nesse trabalho todo. E como eram pessoas diferentes... tendo opiniões

diferentes...experiências...cada um foi escolhendo caminhos... trajetos...trajetos durante e após...né...distintos...entre outras coisas...né...

S1: Huhum...

Tatiana: ...e é claro que assim...a divergência de opinião... e aí...entendendo o conflito também como isso...faz parte do processo...né...O que que você acha disso...desse...dessa divergência de opinião... se foi particularmente pra você... se foi interessante...se foi importante... por quê? Você consegue trazer algum exemplo...disso...desse processo...que foi inicial...porque era...pra todos...se não...para a maioria... e se não para a maioria ... a todos... a primeira bolsa da universidade...o primeiro envolvimento com discussão teórica...com escrita de texto acadêmico...com o esforço de teorizar muitas coisas...

S1: Humhum...Ah...o que eu acho que é comum...a todos que estavam ali é...era a vontade de fazer algo acontecer... Poxa! Quando você diz que tem um projeto que vai atuar em campo e fazer... e fazer aquilo...todo mundo anima... o outro fica...ah...porque...querendo ou não dependendo do grau de consciência que as pessoas tenham...em alguma medida elas querem ver as coisas acontecerem... Então eu acho que o ponto básico aqui... que reuniu...os que estavam ali...todos ali presentes...era isso... É claro que tinha também a questão de bolsa...dinheiro... essas coisas... é (PAUSA) mas eu acho que se fosse fazer uma hierarquia... eu acho que a primeira coisa a ser considerada era a vontade de fazer alguma coisa...diferente no ânimo... de tá ...é...entrando na universidade...essas coisas...Como as coisas geralmente não andam como a gente planeja...porque na cabeça da gente...a gente imagina que a coisa corre de forma linear... e até certo ponto ta certo a gente achar que a coisa ...né...é linear... é a gente que está pensando as coisas dentro da nossa própria cabeça e só depende...e quando pensamos um coisa só da própria cabeça da gente implicitamente significa que as coisas...as coisas vão...a gente sempre analisa as etapas para que se alcance um objetivo sempre do ponto de vista nosso... então imaginamos que as coisas fluem

naturalmente... né... ou seja eu planejo...então porque eu planejo então eu...eu estou planejando...então eu vou planejar...com a meta X. Se eu se...quando eu projeto isso pra...isso pra frente eu penso na execução como eu... como eu fazendo alguma coisa. Quando eu penso o resultado...eu penso o resultado a partir da minha ação...então certinho...é linear. Mas...como cada pessoa tem o seu mundo...vamos dizer assim...a sua forma de entender... a sua forma de compreender... os seus valores... a sua forma de ponderação... quando você agrega essas várias formas...diferentes de interpretação ...essas formas diferentes de encarar a realidade...você tem um problema básico que é... a questão de que não necessariamente você consegue atingir pontos em comum entre as várias formas de encarar a realidade... e aí se você consegue num trabalho em grupo...você consegue...é... encontrar o máximo de pontos em comum provenientes das cabeça de várias pessoas...então você consegue controlar o grupo... e os resultados que vão ser gerados a partir da interação desse grupo...(SILÊNCIO REFLEXIVO) Como era um projeto proveniente de vários cursos diferentes... por si só não existe interdisciplinaridade ...das...entre os cursos...e como também as pessoas em certa medida haveria ali...uma diferença de renda... diferentes formas de experiência embora... em comum existissem pontos...embora em comum existisse o fato de que estas pessoas fossem carente 1...afrodescendentes... você tem algumas nuances que são algumas coisas bem diferentes... (SILÊNCIO REFLEXIVO). Como resultado dessas diferenças...essas diferenças... dentro de uma heterogeneidade dentro de uma homogeneidade...mais geral... e como havia...por causa disso...houve um problema...na...evolução do projeto...né...eu acho que as pessoas... em alguma medida desanimaram... porque as coisas não aconteciam...e quando acontece um desânimo quando se trata de um trabalho de grupo... as pessoas tendem a...a se apropriar daquele meio na qual ela se insere...para fins pessoais...porque a conclusão é... a menos básica né...”eu estou com boa vontade e disponibilidade de fazer algo... em conjunto com outras pessoas...” e aí você senta e começa a fazer algumas coisas mas aí percebe-se que ... as coisas não conseguem andar muito bem dentro daquilo... que você planejava... Algumas pessoas começam a...a... a se organizar pra tentar colocar mais as idéias delas... outro grupo de pessoas se acham... se vêem prejudicadas nisso... e aí você começa a...a ir diante dessa situação... não esperada por cada uma das pessoas...ocorre uma questão...que é...ou a pessoa... fica ali presente só de corpo... e ignora... ou despreza aquilo que está acontecendo... no projeto... ou no... nas ações de grupo... e se

volta... e fica ali só do ponto de vista de... de...meramente o dinheiro e depois... ou então a pessoa... aproveita o projeto...vai fazendo as coisas e depois tenta obter alguma vantagem naquilo que está sendo desenvolvido... pra poder jogar mais prá frente...alguma coisa futura... mas querendo ou não...cada um... obtém algum tipo de vantagem no projeto... porque...ao mesmo tempo que as pessoas dão alguma coisa de si... e elas também obtém alguma coisa em troca.. (SILÊNCIO REFLEXIVO). Então assim...esta questão do relacionamento é isso mesmo... é isso mesmo...é... ao longo de dois anos teve gente que saiu... porque achou que...achou que não ia... render nada... - a gente pode usar esse termo né - não era válido... a maior parte das pessoas... talvez não concordando com ... o caminho...os resultados...continuou ali... e procurou de alguma forma de obter conhecimento...algum aprendizado em cima disso... O projeto nesse caso... as formas de relações elas não são uníssonas...elas vão se modificando ao longo do tempo... criando formas diferentes de apego... e relacionamento que vão... se alterando ao longo do tempo e... aí em determinado momento... alguma pessoa que estava omissa aparece... assume as ações... contribuem depois essa mesma pessoa volta a ficar... a ficar omissa e aquela que já estava mais pró-ativa anteriormente também fica omissa e vai aquela coisa...que vai pipocando... e... é um processo vivo né... não é uma coisa bem... não é uma coisa homogênea... linear... vai modificando ao longo do tempo...

Tatiana: Hum...

S1: E também como reflexo do processo de raciocínio de cada pessoa... de reflexão das condições de... das formas como...as relações... inter e intra pessoais vão acontecendo... um processo de evolução também do psicológico da personalidade da pessoa...

Tatiana: Hum... Você acha que... por exemplo... havia uma liga interessante entre os bolsistas... entre os... as pessoas ... os bolsistas... os alunos compondo... no sentido de estarem ali caminhando... todos mais ou menos ali engatinhando... começando... Como era isso? Você acha que tinha isso (?)... porque os conflitos existiam... sempre...

S1: Humhum...

Tatiana:... e como você trouxe aqui...tinham os prós e os contras né... conflitos e aí... veja bem se é isso mesmo que eu estou entendendo: você acha que... isso foi importante...especificamente... pra sua formação... formação como pessoa e profissional... também... você acha que esse tempo pra você...isso é ... uma percepção de quem olha de fora... para os outros...pra você... ou seja...você olhando os outros e os outros te olhando...você acha que o projeto... depois programa...ele possibilitou alguma noção de grupo...de pertencimento... social...racial... ou outro...? Trouxe essa noção mais... de uma forma mais... com mais substância... ?

S1: Ou talvez provocou o contrário né...de não pertencimento...sabe?! Não pertenço a isso de jeito nenhum.

Tatiana: Entendi...

S1: Talvez... ao invés de...promover alguma capacidade de pertencimento... talvez ... tipo... como se fosse um efeito contrário né...você incentiva as pessoas a... a... pensarem em termos de pertencimento... e por incrível que pareça você consegue o efeito contrário... que seria o “não...de modo algum eu pertenço a isso”. Então assim... o efeito... as vezes é... não é muito controlado... não tem muito como controlar... não tem como controlar...é...

Tatiana: Hum...

S1: Então assim... conflitos entre pessoas...sempre vão existir... né...

Tatiana: Humhum...

S1: ...mas a questão é... você ser é...digamos... político... é... ser político o suficiente pra contornar conflitos... o essencial é você... discutir idéias e não pessoas... porque na medida que...eu diria que uma discordância...de idéias leva a uma...uma discordância não de...eu diria o seguinte...na medida que uma discordância de idéias leva a uma antipatia pessoal...você não tem um progresso...você na verdade tem um processo totalmente regressivo... de...de...construção enquanto ser humano...né...Antipatia das pessoas as vezes pode existir... as vezes uma pessoa bate o olho na outra e... “Hah...eu não fui com a cara de fulano...” mas partir da existência de conflitos ideológicos...e ai estender isso para um conflito pessoal...eu acho que já é...uma atitude... eu não diria irracional não...mas é uma atitude de bom senso...não é uma coisa... própria da... da possibilidade...de um aspecto humano...uma coisa relacionada a evolução... da própria convivência... da sociabilidade das pessoas...né...mesmo tendo os meus pontos de vista eu...por exemplo...não concordando com os pontos de vistas de outras pessoas... eu não tenho problema nenhum... As formas de visão pra mim... (PAUSA) não são problema... pra levar a...uma ruptura... total com a pessoa... O que eu não gosto, por exemplo, é quando uma pessoa tenta doutrinar...

Tatiana: Humhum...

S1: Tentar enfatizar uma coisa... apesar de...esse termo “doutrinar”...seria um ato mais perverso do que convencer... O esforço de convencimento ele é normal... porque é próprio do ser humano...né...Convencer o outro de que o seu argumento é o mais adequado...aí tudo bem...plenamente... cabível...mas doutrinar e forçar o outro... a aceitar aquele ponto seu...é...é pra mim...uma questão inconcebível...então eu sempre... tive condição de conversar com qualquer um... eu sempre transitei... em qualquer grupo de pensamento que... existisse aí... ideológico ou não...É...qualquer grupo de pensamento científico, teórico e ideológico da...da sociedade...

Tatiana: Humhum...

S1: Pra mim não é problema. É a maneira como a pessoa enxerga...acho que não necessariamente você precisa ser um inimigo mortal...até porque fragmentar... as pessoas em grupos por causa da questão ideológica... é uma condição inicial... própria da existência humana...mas eu acho que...em determinados momentos é impossível...você se manter isolado...fixado... apenas num grupo porque... não é isoladamente que a gente resolve os problemas da sociedade de um modo geral... Eu sempre fui visto como uma pessoa de livre trânsito... digamos assim né...pode conseguir...consegue... conversar tranquilamente com qualquer... setor. Mas aí é claro que esbarra em problema de vaidade... e aí é uma questão bem mais profunda... mas...a...a... voltando só à questão da diferença de (PAUSA) de visões de mundo... elas sempre vão existir...embora... de modo geral a conjuntura... social sempre tenda a homogeneizar... as formas de visão de mundo... e tem conseguido com muito sucesso nos últimos tempos...homogeneizar as formas de pensamento... infelizmente das piores formas possíveis... ou melhor... da pior forma de pensamento possível... Mas...pra mim é tranquilo...faz parte do processo de construção do ser humano...nesse sentido...né...se existisse apenas uma forma de visão de mundo como é que... uma pessoa poderia evoluir? Ela não evolui porque se existisse apenas uma forma de visão de mundo... assim...em algum momento atingiria o máximo daquela forma de compreensão e... aí entraria em estágio de estagnação... Então não faz sentido...assim...a pessoa ela...o cérebro entraria em degeneração...talvez...sei lá...porque é impossível o cérebro... e aí eu posso estar falando bobagem porque eu não conheço biologia... fisiologia... com profundidade...biologia...nem nada...mas eu...é...a essência do cérebro é... claro...coordenar... uma série de funções...mas aí ele está estruturado pra... (PAUSA REFLEXIVA) todo o raciocínio humano é baseado em relação a algo, né... então você tem algo... e é... com esse algo que você compara essa coisa... com várias outras coisas diferentes...e a partir daí você constrói uma outra... um outro grau de compreensão a partir daquilo... daquele ponto de referência que você tem... então todo o raciocínio humano é relacional...

Tatiana: Hum... Deixe-me ver se entendi...estou tentando entender um pouco do que você falou...bem...eu coloquei a questão do conflito...então...você acha que os debates que aconteciam... teóricos...eles... bem eles extrapolavam também o nível do teórico e acabavam afetando as relações interpessoais...entre pessoas... de certas pessoas...de certos grupos... que acabavam se estabelecendo...né...por proximidade...por alguma afinidade...

S1: Humhum...

Tatiana: ...ou por outras circunstâncias e isso era muito particular de cada um...é...(PAUSA) e isso de certa forma...impedia que...alguns grupos se manifestassem ou falassem realmente o que...o que gostaria... “olha...essa é a minha opinião...eu não concordo...eu discordo...isso eu quero...isso eu não quero...”

S1: Humhum...

Tatiana: ...Você acha que...foi um ambiente também que... (PAUSA) que trouxe tensões nesse sentido...tensões...em momentos que houveram desconforto... nesse sentido... “constrangimento”...

S1: Não. Os debates...eles aconteciam... mas eles não afluíam na sua plenitude... né...

Tatiana: Humhum...

S1: Eles aconteciam... mas eram debates bem... (PAUSA) bem... é...digamos...é... politicamente corretos...acho que não seriam nem politicamente corretos...seriam debates bem... mornos... né...

Tatiana: E você acha... por quê que isso acontecia...?

S1: Porque a...porque...(PAUSA)

Tatiana: ...porque as pessoas tentavam controlar...porque “Ah! Eu vou no embalo...?”

S1: Porque...pobre não foi criado pra debater...é uma questão essencial isso...não existe...É...isso é uma questão histórica...é...essa...há eu vou...precisa interpretar isso do ponto de vista de luta de classe...recorrendo a Marx, né... (PAUSA REFLEXIVA) Sistemáticamente...é... alguns podem concordar... ou alguns podem falar que não mas... tudo bem... mas sistematicamente... as elites moldam a classe explorada para que ela não questione a elite... isso é uma questão essencial...então... assim...pobre não vai receber formação pra questionar...pobre não vai... não receberá...não recebeu...não vai receber...nunca vai receber nem aqui nem na China...nem no ano 3016...seja em qual idade...ou planeta...ainda possa existir...pobre não vai receber formação pra se colocar...pra se posicionar... diante de determinada condição... não é da estrutura montar...não é da estrutura formar pessoas críticas... ainda mais pobre...você tá doido! Eh! Não é...se elite...o próprio nome elite já se explica... se a elite fosse todo mundo não existiria elite... então não faz sentido você formar pobres com capacidade argumentativa... não faz sentido você formar pobres com capacidade...de interpretação de textos... não faz sentido você formar pobres pra pensar lá na frente... porque eles precisam permanecer... na condição tal para que haja uma reprodução dessa determinada classe... para que as coisas mantenham-se como estão... Isso não é uma questão de ser...de maldade ou de bondade...não...Eh! Se for olhar os primatas em certo sentido...tem o líder e tem o restante do grupo que se subordina ao líder...Eu acho que a

questão humana é apenas uma evolução...uma projeção... daquilo que já existe no mundo primata. Então...pelo fato de... ser o projeto Conexões...estar...constituído por pobres...em alguma medida...então... não existia ali... um treinamento básico... pra questionar... pra colocar as coisas... Refletiu muito aquela questão... de que...(PAUSA) “eu sei... não concordo...mas fico calado”. Não que pobre seja burro né...não é essa a questão...

Tatiana: E isso perpassava... praticamente... todas as temáticas...assim...no geral...gênero...raça...classe...?

S1: Eu não sei... eu não posso falar de todas as temáticas porque eu não participei...de todas né...mas...eu acredito que em alguma medida...

Tatiana: ...mas...tinham reuniões que eram gerais...e...

S1: Sim...

Tatiana: ...e...assim...acabava que todo mundo participava de todas as temáticas...nem que fosse no geralzão...

S1: Humhum...

Tatiana: ...não no grupo de trabalho específico...lembra...aqueles seminários que a gente tinha? E a coordenação cobrava isso...

S1: ...É...mais como eu não estava diariamente...eu não podia... eu não posso falar...Talvez sim...sempre existe isso...em alguma dimensão...mas eu não posso...falar: “sim, existiu isso em todos os grupos temáticos”.

Tatiana: Humhum...

S1: ...não é porque o sol nasce todo o dia que deveremos julgar que o sol nascerá amanhã...então...

Tatiana: Hum...

S1: ...é provavelmente... em graus diversos...existiu algum tipo de coisa relacionada... cada um tinha uma capacidade de argumentar... lançar ali a questão... eu achava que não era necessário... Existe um problema histórico anterior... da...da questão da origem...de que... tem um... tem um vídeo por exemplo...do Conexões... de...hum...eu não lembro...eu assisti um vídeo que era de algum lugar também...eu não lembro...mas que... uma coisa que ficou interessante... nesse vídeo é que tinha um rapaz de quatorze anos...quinze anos por aí...eu não... uma coisa nessa faixa de idade... onde ele falava...tinha um...era um...problema lá...e aí perguntaram qual que era a opinião dele...É...esse rapaz de quinze...quatorze anos... ele não conseguiu falar o problema...ele não conseguiu se expressar... e tinha quinze anos de idade... Então...assim...é um traço claro... de que a camada popular...é... é sistematicamente...é...(PAUSA REFLEXIVA) sistematicamente deixado ao... “ao leão...”... e deixado...não existe um acompanhamento pra...formar a pessoa... numa capacidade de coordenar as idéias... e expor a sua condição... né...Alguns conseguem... por esforço próprio... ou por um dom qualquer...consegue...avançar na capacidade de argumentação...e linguagem...e...isso aí é o caso típico de sindicalista...né... uma pessoa de expressão ou então líder comunitário...mas mesmo assim esses líderes... comunitários... tem dificuldade expressar... e quando entram num comitê de...de...social... com vistas a debater

determinado assunto...eles geralmente... entram em desvantagem... com o outro grupo que também faz parte do comitê pela democracia... mas o outro grupo tem pessoas... que passaram pela universidade...que viveram fora do país...e... então assim...aquele momento ali...torna-se... para eles crítico num desnível de educação... e de capacidade de se expressar...muito grande... Então talvez...então assim...eu poderia dizer que um dos elementos que não permitissem que os debates aflorassem com mais intensidade...talvez fosse essa dificuldade...anterior... de família mesmo... de...de não estar estruturado pra... debater...ficar em cima... discutir...ponderar as coisas... É próprio...é nato da condição do indivíduo pobre... de classe D, E...essas coisas...

Tatiana: Hum...hum...

S1: ...e...oh...é claro que eu não estou colocando também que entre os ricos...todos são... bem dotados de linguagem... tal... Na classe A, B...C...classe alta e média também tem seus...tem também seus elementos que...(PAUSA) aí também a dimensão não é...o problema é que... o problema deles talvez não seja questão de formação... todos tem muito boa formação mas... é uma questão de vantagem... aí já é uma questão de opção...né...No caso de classe alta e média é...uma opção tomar pra si o controle da... da...social ou das instituições ou não... agora nas classes baixas... não é uma condição é uma questão estrutural...

Tatiana: Hum...hum...

Sujeito 1: ...ele não está preparado pra se inserir num debate...na luta do cotidiano...

Tatiana: Hum...você falando nisso...me lembrou daquele...momento de escrita...

S1: Humhum...

Tatiana: ...dos textos...e...no momento das... ahm...das trocas...pra leitura...um lendo o texto do outro e... foi um momento ainda inicial pra... além do trabalho da elaboração da escrita... de... de um perceber o outro... a trajetória do outro... as motivações do outro... e (PAUSA REFLEXIVA)...o que que você achou desse momento...o que você pôde perceber...se você lembra...

S1: Eu não falei da minha vida inteira... (SILÊNCIO)...era visível...qualquer um que pegasse e lesse os textos...era pra falar...sobre a vida...reflexões...e tal...

Tatiana: ...e por que você optou...por não contar...não dizer um pouco dessa trajetória...?

S1: Porque não era necessário... embora em goste de estória...eu não gosto...eu não gosto de falar da minha vida porque... não é uma vida que se vá falar: “Nossa! Que espetáculo! Que vida...que coisa maravilhosa!”...segundo...é...eu não vou ficar agregando desgraça né... pelo amor de Deus né...não faz sentido... né...Todo mundo sabe que pobre é pobre e...pronto, acabou...e assim...eu não sei...mas quem pesquisar... algum dia...usar como pesquisa... eu não quero que... algum...alguém... no futuro veja... esse livro com os relatos de vida...eu não quero que as pessoas vejam...é...uma descrição da miséria... uma descrição da... dificuldade... eu quero que as pessoas vejam aquele trabalho... como...é... a expressão de uma capacidade... de alguém que não...é rico...ah...Ou seja...é...eu não preciso falar que o mundo é ruim... eu não preciso descrever que o mundo é ruim... todo mundo sabe que o mundo é uma merda... agora...eu não preciso ficar... não...não fazia...não tinha necessidade de eu ficar falando que o meu pai era assim... assim...e assado...que a minha mãe...era assim...assim...e assado. Eu tracei uma descrição geral...pra falar de onde eu vim... mas eu preferi colocar as questões... de reflexão. O mundo... o ser humano é baseado em reflexão...

então...assim... eu achava que era muito melhor pontuar... naquele momento... a existência de uma... de uma criatura vivente... que era capaz de pensar... as coisas de um modo geral... que era capaz de pensar a sociedade... que era capaz de pensar em mediar a economia...era capaz de pensar... a desigualdade... do que... relatar a minha própria vida... porque...ao relatar a minha própria vida... alguma pessoa que vá ler esse texto...algum pesquisador... ele vai conseguir traçar... uma característica geral... do grupo... e a partir dessa característica geral de um grupo... ele vai construir outra coisa que ele objetiva mas...assim...aquele livro seria um complemento ao...ao... alguma estrutura analítica que alguém no futuro faria. Eu queria que fosse diferente...eu queria que o que eu escrevesse... permitisse a pessoa que fosse ler... mais para frente... parar pra pensar... não só... sobre a vida dela...como a conjuntura... e a estrutura ao redor que ela vive. Entendeu?...É...a minha vida não é importante... a minha história de vida não é importante...o importante é pensar...o porque que a vida...a minha vida é assim...então... eu sou pobre... meu pai é operário aposentado... virou pedreiro e minha mãe...dona de casa... beleza. Agora... “porque que a sociedade brasileira não se”... que era uma questão que eu coloquei... porque que a sociedade brasileira se mobiliza pra carnaval e festa de rua...de todos os tipos mas não se mobiliza ...por causa da corrupção, por exemplo ... não se mobiliza por causa do atraso econômico...e do atraso político que vive o país...Pra mim isso é uma questão muito mais relevante... porque essa...essa questão... que é posta...permite você transformar uma sociedade...permite você... transformar as pessoas...ou seja... a pergunta...na minha visão...permite transformar a mente da pessoa...colocar a na outra... numa outra condição capaz de... A pergunta permite promover uma transformação na pessoa do ponto de vista da compreensão e da libertação do espírito...digamos assim...ahm...a alma que se liberta... que critica... que é o esclarecimento segundo Kant...né... “Não basta apenas conhecer...” conhecer você conhece...mas o esclarecimento é quando você consegue conhecer e criticar aquele conhecimento de modo geral...seria isso. Então...eu pensei... “ah, eu não vou ficar repetindo aqui...porque todo mundo está colocando mais ou menos a mesma coisa...então...eu vou colocar um trem diferente...aqui”. Tanto que o título lá é “AAAA¹¹³” ...né...não tem nada de excepcional... que você virar e a cada pagina dizer: “nó que doido, tem coisas diferentes aqui...” Não. De um modo geral é tudo

¹¹³ Título de um texto escrito pelo Sujeito 1.

igual...então...eu prefiro fazer os apontamentos que eu sempre fiz...quando eu era menino...quando eu era adolescente...então...eu prefiro botar no papel isso aqui...então eu pensei...é uma oportunidade que eu tenho de botar isso aqui e deixar público...e aí ver o que vai dar mais pra frente... eu não sei o que vai acontecer...talvez tem alguém...alguém em 2530 que possa achar isso aqui.

Tati: Tem gente consultando aquele material...já...

S1: Ah...

Tati: É...

(PAUSA DE INTERRUÇÃO DA ENTREVISTA POR MOTIVO DE INTERFERÊNCIA EXTERNA)

S1: ...bom...então assim...eu achei que aquele momento era melhor fazer perguntas...ainda que não tivesse respostas...pra...um futuro aí...se alguém tiver ânimo...se alguém souber ler ainda...né...se alguém no Brasil souber ler...ou se alguém no Brasil tiver interesse por... sentar e estudar alguma coisa... talvez no futuro...alguém... leia e contribua pra...pra... melhorar a vida de alguém...eu não sei... então eu preferi fazer pergunta...era melhor. Preferi fazer os questionamentos e deixar isso público...pronto...era melhor do que ficar martelando...e tal... Tanto que foi bom porque quem me orientou nesse processo foi a Tereza Cristina¹¹⁴ e eu...acho que ela já deve ter sacado já na primeira hora que ela leu o texto e disse: “não...beleza...tá tranquilo!” Eu até esperei que ela ficasse mais... “não...fala mais da sua vida...e tal...” Mas ela não falou isso e eu pensei: “ótimo!Tá excelente...acho que ela entendeu o

¹¹⁴ Nome fictício da coordenadora do Programa Conexões.

processo, perfeito”. Eu fui o primeiro a terminar o texto...então...não...não...já sabia...é...se for pensar no agregado...claro que cada um tem especificidades da vida... que são...que não...não é que são desprezíveis...mas... é...questionamentos são importantes...importantes pra...pra levar pro futuro...

Tatiana: Humhum...

S1: As perguntas são essenciais pra...promover um salto qualitativo...é...psicológico e...intrínseco pra cada pessoa...então eu não falei da minha vida por causa disso...eu achei que não era relevante...não era importante... naquela hora... (SILÊNCIO LONGO)

Tatiana: Você gostaria de colocar mais alguma coisa...?

S1: Uai...não sei...

Tatiana: Pensando um pouco... a respeito dos textos... indo mais pelo que você colocou também...pela opção de... da escrita...do seu caminho de escrita... (PAUSA REFLEXIVA) ...isso é uma percepção...né...cada um tem uma percepção...assim...como você percebe esse seu processo...a sua experiência e a experiência... a sua vivência...a vivência dos seus colegas nesse...trajeto do Conexões...nessa troca que teve...Bem...e aí a pergunta é muito mais... eu estou dizendo um pouco mais dos conflitos... e agora voltando aos conflitos que com relação a pertença racial... É...por exemplo...entre os pretos e os pardos...né...

S1: Humhum...

Tatiana: ...estou dizendo...também...porque eu me encontro nessa categoria... (PAUSA REFLEXIVA) ...É...como é que você percebia-se...assim...porque haviam tensões...em alguns momentos...

S1: Humhum...Uai...(SILÊNCIO REFLEXIVO)...ah...de modo geral... o que eu poderia caracterizar é que... quem...quem achava que a questão racial era válida...aprofundou no tema... estudou o assunto... agora quem achou que não era válido optou por outras questões... não...não se apegou àquilo... não considerava como uma coisa importante...então...

Tatiana: Humhum...

S1: ...Mas...nunca foi...colocado...eu não sei...pelo o que eu vasculho aqui na minha memória...aqui nesse momento... aqui...acho que nunca foi colocada a questão de...eu por exemplo...nunca tive problema de cor...essas coisas... né?! É...eu sou pardo... mas as vezes eu sou pardo claro...as vezes eu fico um pardo mais escuro...depende do...depende se eu tomo muito sol ou não...Não tem...eu não...

Tatiana: Eu digo...assim...com relação a reivindicação de direitos...por exemplo (PAUSA) e até dando um...vou dar um exemplo da segunda versão do Conexões...que já...dos conflitos que acontecem... das formas de apropriação...porque existem mesmo...né. As pessoas...elas vão ali...trazendo as próprias experiências...né... E aproveitando eu vou te perguntar em relação a isso... E... por exemplo...existiam alguns momentos...e assim...como você também...eu lidava...a gente estava ali no meio...com todo mundo...né...com os amigos... com aquelas conversas todas... né...com todas as discussões... ahm...bem...eu estou te perguntando em relação a experiência... porque haviam alguns momentos que eu percebia...que a gente se sentia assim...essa questão do cuidado e do respeito com a experiência do outro... por exemplo...de...as vezes o outro

dizer...falar assim: “Olha, disso aqui você não pode dizer. Você não é preto...você é pardo...isso aqui você nunca viveu. Eu já.” Como que era isso?

(SILÊNCIO)

S1: Não... no meu caso eu sempre...tentei entender assim...ah...eu não...eu não...(SILÊNCIO REFLEXIVO)...é eu respeitava porque se eu não vivi...então...eu não sei...eu... se eu não posso dizer...eu... eu não sei...eu não senti na pele o processo... então fica meio complicado em sair... colocando...conclusões...mas eu acho que...até certa medida...cada um...um conseguia...entender...mais ou menos a diferença... de cada um...e a coisa...meio que ia...né...Eh...você pode...talvez...algumas pessoas pensariam que era bobagem...que já era loucura... (PAUSA) ...como já...houveram questionamentos e...e...textos que colocavam que no Brasil a questão racial era... uma extensão muito mal feita da questão racial existente nos Estados Unidos...então... assim...pelo fato do Brasil ser um país miscigenado... a colocação de que... existe um conflito entre negros e brancos no Brasil...ela não poderia ser abordada...nem trabalhada da mesma forma que existe nos Estados Unidos...então...era uma coisa bem... talvez no fundo... todo mundo ali...com raras exceções...tinha em algum momento a idéia que...o problema da questão racial talvez não era tão forte quanto... a coordenação colocava que existia... conforme os textos colocavam...

Tatiana: Você acha que essa...a questão racial no caso...é...e aí pensando a auto declaração para o pardo pode ser uma questão delicada?...

S1: Não...a pessoa coloca...pardo porque ela vê pardo.

Tatiana: branco...negro...

S1: ...é uma questão lógica...não é... A...eu acho que a definição...por exemplo...se você...colocar...pegar...o comportamento geral das pessoas...antes da questão racial...as pessoas se olhavam no espelho e falavam: “é...eu não sou branco...o que que eu sou...? Aí...tinha lá a opção pardo...O que que é pardo. Ah...pardos...se eu for no dicionário é da cor do trigo...

Tatiana: Da cor do quê?

S1: Trigo.

Tatiana: Trigo?!

S1: É... o trigo é assim meio marrom...não é marrom... o trigo não é nem marrom e nem tão amarelo...é uma coisa marrom e amarela...então assim...o pardo é a cor...

Tatiana: ...meio indefinido...meio assim...no meio...?

S1: É o degradê do processo. Em matemática também...entre um e zero...existem vários números...

(RISOS)

S1: ...é...então...assim...quase amarelo...quase marrom...ou então...meio marrom...se fosse marrom talvez seria marrom...porque não tem preto...preto e branco...então se tivesse preto e branco pra ser o cara do meio...teria que ser o marrom...Não existe essa

classificação marrom...existe pardo...então assim...aí a pessoa olha lá e... “é eu sou pardo, então” porque amarelo é o oriental...o que eu também não sei porque os chamaram de amarelo...acho que não tem nada haver...mas...Estranho, né...preto...branco...amarelo...pardo...Não é um nome específico de uma cor...né...é...marrom acho que seria muito feio de falar...então assim...a pessoa olha no espelho e diz: “olha eu sou pardo” ou então morena...classificação morena. Então...somente depois... que a questão racial passou a ser mais debatida que as pessoas começaram a optar por pardo...negro e já com...o viés meio maldoso...mais por causa de questão pública mesmo...depois...que o governo passou a aceitar como forma de classificação...para o ENEM...essas coisas...como preto...escola pública...e tal...então...já...a velha característica humana de levar uma vantagenzinha em alguma coisa...começou a aparecer... Mas eu sempre fiquei na observação dessa questão de considerar preto...branco...ou pardo...sempre esperei uma explicação mais...mais...muito convincente...Eu nunca fui de frente...nem debati essa questão de preto, pardo e branco porque...pra mim não é algo palpável...do ponto de vista...científico...da compreensão do processo... eu sempre aguardei...aguardei...aguardei...até que uma professora disse que...optar por ser preto ou pardo era uma opção política...é uma questão política e não biológica...é uma coisa assim...do gênero. Ai eu pensei assim: “Ah, então...o negócio então é maleável...então optar entre ser preto ou branco...não é uma questão de última instância... de se reconhecer como preto ou pardo...porque se você opta em ser preto ou pardo...ou branco...é uma questão política...então... é uma questão de interesses... a base da política é o interesse... algum tipo de interesse em algum nível ...né...interesse coletivo ou interesse individual...ou interesse de determinado grupo... se você opta por ser branco...ou preto...ou pardo...significa que você pode mudar o seu... a sua opção na hora que você quiser... diante de determinadas condições. Se a condição é favorável eu sou preto...se a condição é desfavorável eu não sou preto mais...eu sou pardo...Então fica uma coisa muito maleável ao longo do tempo...né...Ai eu pensei: “Então esse trem tá muito obscuro porque...se você pode...”

Tatiana: Então você teve dúvidas quando recebeu aquele... a coisa do edital lá...porque veio assim: “recorte: estudantes de origem popular; negros...entre parênteses...pretos e pardos...afrodescendentes...” ...porque eu tive dúvida...

S1: Humhum...

Tatiana: Eu tive dúvida e... fui perguntar a uma professora... se era a mesma coisa...

S1: Humhum...

Tatiana: ...eu fui perguntar: “Pode?”. Ela: “Pode. É a mesma coisa.”...e eu respondi: “Ah...então pode...”

S1: Ahm...eu acho que...

Tatiana: Você teve dúvida também...?

S1: É...eu fiquei...eu achei estranho...né...porque...por que que pardo está dentro de negro? Se pardo é a média entre preto e branco...por que que eu tenho...se pardo é a média entre preto e branco...por que que ele é negro? Se ele é a média... então ele pode ser branco também...e aí...porque que não cria uma terceira categoria...por que que tem de ser duas categorias a serem criadas...? Qual é a intenção...em criar apenas duas categorias...? Então assim...eu não abracei a causa...eu não vou abraçar nenhuma causa enquanto eu não... ver o objetivo essencial da coisa...eu não sou marionete...tá doido...Então assim...uai... (SILÊNCIO PROLONGADO) Fica algumas perguntas...eu fiquei...só aguardando até ver...até aparecer a resposta...vamos ver...aonde vai dar esse trem aí...então eu nunca abracei a causa...eu num...porque é uma coisa que... como ela não... essa questão de cor...é uma questão de...é intrínseca do indivíduo...e por ser uma questão intrínseca do indivíduo é utilizada como forma de submissão e segregação...isso da pano pra muita manga...então eu não vou me entrincheirar atrás de nenhuma causa

porque...é uma questão...um ponto questionável... Se pardo é negro...então pardo é...também é branco...então beleza...você está livre para escolher qual é o seu caminho...Quando ela me falou que a opção entre pardo ou negro é uma opção política...então...beleza...então é conveniente...então... Então assim...de fato...então é conveniente...pegar lá os problemas raciais dos Estados Unidos e implantar aqui para o Brasil...Da mesma forma também que é conveniente achar que o Brasil não tem discriminação...então assim...tudo começa a ser muito conveniente...dependendo das partes que...dependendo do ponto de vista...né...as coisas...política...então...beleza...na média é zero...o jogo soma zero...se tudo é conveniente... então...Então...talvez...no fundo você não tá discutindo a essência da coisa...o ser negro...o que é ser branco...talvez você não está discutindo de fato...com profundidade...isso...você está discutindo...uma...você não está discutindo...na verdade você está...engajado numa motivação política... anterior... que talvez...você não conheça... com profundidade... Talvez...você esteja defendendo uma causa em prol de alguém que você desconhece...mas por extensão chegou a você...porque não pensou direito sobre o assunto... e está lá defendendo a causa...Então...não é...uma coisa que você pode chegar e...levar para o lado pessoal...por isso que eu falo...do ponto de vista da discussão da ideologia... da teoria...levar para o lado pessoal...é a pior coisa que tem aí...e a gente chama isso de...radicalismo...extremismo...Da mesma forma que eu... é...tem estes conflitos bobos...esses conflitos tolos...entre católico e o evangélico...é o católico chega lá e fala que o evangélico é fanático...o evangélico vai lá e mete fogo na Igreja Católica...e fica essa briga estúpida...estéril... porque...está fundada em coisas que...as pessoas que estão imersas ali não conseguem compreender...as relações de poder que existem...e são relações de poder em busca...efetivamente de domínio...do poder...mas as pessoas...como elas não param para refletir sobre o processo...elas acabam servindo de “bucha de canhão”... como eu diria... Da mesma forma o islamismo e o cristianismo...e por aí vai...então...ser muito...é...ah...não é nem questão de fanatismo...é questão de equilíbrio pessoal mesmo...de você ver...é...eu não acho que a questão é...não é nem...hoje em dia...a pessoa que para e não abraça a causa é visto como alguém que não...é vista como uma pessoa retrógrada...coisas do gênero e tal...não...não é isso...

Tatiana: Você está dizendo abraçar a causa do Movimento Negro ou abraçar a causa em se debruçar sobre as discussões sobre as relações raciais?

S1: Eu falo abraçar a causa...no sentido de qualquer causa...

Tatiana: Mas...mais especificamente...porque...

S1: ...É...não...é...é...é...Você pode pegar o problema do Movimento Negro...vamos...ah...eu já falei assim...atrás...na outra entrevista...na questão histórica...os negros foram retirados da África...e transplantados pra América...por questões comerciais...e...uma série de coisas...isso levou ao longo da história a sua condição...submissa...espoliada...isso é fato...não tem como mudar...você não muda isso...né...e...é pleno direito do negro...acessar qualquer tipo de educação...de qualidade...isso é direito pleno... isso é fato...isso é coisa do ser humano...é direito universal da humanidade...né?! Da mesma forma...você...ou um japonês...ou um chinês...ou um cigano...Existem coisas que são básicas e essenciais... da vida humana...isso é uma questão...que é muito avançada para os seres humanos que existem hoje na face da Terra...que é uma questão de igualdade...a gente ainda...esta muito primitivo ainda no nosso consciente...o nosso consciente ainda está apegado a questão de dominar o outro...coisa do gênero...talvez algum dia isso melhore...antes que o sol engula...o planeta Terra...mas...Assim...lutar...como você colocou...abraçar a causa dos negros...pois bem...eu...abraço a causa dos negros sim...Eu vou colocar a minha posição...eu abraço a causa dos negros sim...para que eles saibam da condição que se encontram...e que condição que se encontram é essa?...é a condição...da baixa renda...a condição da educação periférica...condição de uma educação miserável...O segundo ponto que eu luto pela causa dos negros...é...para que eles...possam acessar níveis mais altos...da escala social...é um direito que a pessoa tem...afinal de contas nós não estamos na idade média...é...e lutarei...em qualquer espaço para que o negro possa se manifestar...que possa manifestar a sua opinião...Da mesma forma que...eu vou lutar para que...qualquer outra pessoa...um cigano...possa ter educação...possa ter...saúde...ter

o direito de manifestar a sua opinião...Da mesma forma também que um branco também tem o direito de manifestar a sua opinião...é claro que eu não estou ingênuo ao ponto de achar que no mundo todos serão iguais...Infelizmente não serão iguais...porque é próprio do ser humano formar conchavos para alcançar o poder... e essa capacidade de formar conchavos é do branco...do negro...e do...do amarelo...do oriental...

Tatiana: ...e do pardo?!...

S1: ...e do pardo também... então assim...como dimensão humana...qualquer um dessas...das raças... sub-raças...classificações de raças...vão ter na média um comportamento parecido...né...É claro que como tudo é...história, né...ao longo do tempo você vai tendo oscilações...dependendo...determinados grupos conseguem ascensão social...depois vão perdendo ascensão social...outros...grupos sociais vão ocupando aquele lugar...e assim vai...ao longo do tempo... Apesar de ser muito poucas as variações...né...porque o mundo...ele é... padrão...o padrão estabelecido do mundo...ele é...branco, louro, do olho azul, rico e bem sucedido...então...

Tatiana: ...e heterossexual...?!

S1: ...evidente...é...e heterossexual...então...do ponto de vista dessa luta de classes...não falo...nem...eu estou usando bem chulamente...luta de classes...luta de grupos...vamos dizer assim...ela vai existir ao longo do tempo...então...Agora a pergunta essencial é: em que medida ao você lutar pela causa dos negros...você não está suprimindo uma outra causa...? né...Uma coisa que eu colocava no Conexões...que eu pontuava...eu não colocava sempre...mas...e o índio por exemplo? Eh...o índio está aqui no Brasil...desde muito tempo...e...só agora...muito recentemente...por exemplo na FAE agora tem curso pra indígena...né...mas veio muito depois...Então assim...a questão que eu falo de abraçar uma causa específica é essa...você deve lutar sim...por...pelo que é direito da pessoa...mas...até que ponto você luta pelo direito de determinado grupo...sem estar

suprimindo outro grupo... também...que também tem o direito igual...Então essa linha ténue que é um perigo muito grande...é que as pessoas muitas vezes não param pra pensar...né...Se é pra lutar pelo direito igual...vamos lutar pelo direito igual de todo mundo...não é só do negro...só específico...ou só do cigano específico...

Tatiana: ...só da mulher...só do idoso...

S1: ...só do idoso...é claro...que existem momentos históricos que são mais favoráveis a determinado grupo...mas evidentemente eu não posso esquecer que...existem outros grupos que também estão em condição...subalterna...

Tatiana: Humhum...

S1: ... não seria...digamos que não seria ético...nobre...da minha parte...considerar só um grupo e esquecer os demais...

Tatiana: Humhum...

S1: ...então é por isso que eu coloco...que abraçar uma causa...específica...requer...mais do que só energia e empenho. Existe... capacidade para se considerar outros elementos que são essenciais...pra compreender...a conjuntura em geral da sociedade...as formas como as pessoas se organizam...as intenções...que existem...a partir daí...que...ao tentar...lutar por uma causa...é provocar...uma ruptura ou...ahm...não é questão de ruptura...a pior coisa que tem é ao você lutar...por um direito...é...subtrair o direito de outro...porque aí...gera reflexos...ou seja... se o branco antigamente...subtraiu o direito do negro...obviamente o negro vai ter rancor por isso...e aí o negro...agora...por exemplo...consegue...uma ascensão social...é maior...a custa do índio...aí o índio...aí o

índio vai ter rancor do negro...o branco também vai ter rancor do negro...e aí mais para o futuro os índios se organizam...e conseguem um direito...uma maior quantidade de direitos pra si...mas as custas por exemplo de um oriental...E aí você já começa um outro problema porque o oriental vai ter rancor do índio...o índio tem rancor do negro...o negro tem rancor do índio porque índio já roubou o direito dele...aí vira...no final das contas uma panacéia...ou seja...é impossível fugir de conflitos...mas você acaba...agravando conflitos...que teoricamente seriam desnecessários...né...

Tatiana: Numa sociedade desigual... ahm...como tratar de forma equânime...né...com equidade...esses desiguais? Como incluir na desigualdade... considerando-se as diferenças...diferenças no plano da desigualdade?

(SILÊNCIO)

S1: ...é...é...você tem...ham...seria isso: como tratar iguais pessoas desiguais...?

Tatiana: Como tratar com igualdade aqueles que...estão em condições de desigualdade?

S1: E aí... Tratar com igualdade pessoas que estão em condições desiguais... é praticamente impossível ...porque...você não pode cobrar...de um...de um morto de fome que ele consiga...levantar uma pedra...por exemplo...porque ele está morto de fome...você não pode cobrar...nesse caso vale a regra do dois pesos...e duas medidas...

Tatiana: Dar a medida exata daquilo que ele precisa?! É isso...?

S1: É...você dar a elas...cobraria aquilo que...a medida daquilo...Eh...a condição dele...mas sem perder de vista que é necessário cobrar...sempre um pouco a mais...quem está na condição é...é...menor...porque...

Tatiana: Daquele que está na condição menor?!

S1: É...sempre bom...é você tem que cobrar na exata medida da condição que a pessoa está. Mas você tem sempre que procurar cobrar um pouco mais... não na exata dimensão...

Tatiana: Prá aquele que tem menos?

S1: É...sempre um pouquinho mais...

Tatiana: Hum...

S1: ...você tem que permitir...fazer com que aquela pessoa cresça...e aquela pessoa consiga se libertar...das amarras que ela se encontra...Eu não posso pegar uma...pessoa pobre e tratá-la como um coitado...isso é... tratar uma pessoa...eu estou falando pobre...é...como classificação de uma pessoa que está mal...digamos assim...mal em todos os seus aspectos...Então eu não posso pegar uma pessoa que está...marginalizado...pobre...sem dinheiro...sem educação e tratá-lo como uma pessoa pobre...marginal...sem dinheiro...preciso...ao mesmo tempo que eu forneço condições...pra que essa pessoa possa galgar espaços maiores...eu preciso cobrar dessa pessoa pra que ela se levante...porque se eu tratar a pessoa como ela é...ham...é um negócio meio paradoxal né...se você trata a pessoa como ela é...essa pessoa nunca vai sair da condição...em que ela se encontra.

Tatiana: Você está falando de dignidade? Você está falando de dignidade humana...como você se vê e vê o outro? Ou como um é visto pelo outro na relação... é isso que você está falando? É uma palavra que se aproxima... pra eu entender melhor...

S1: Não...eu peguei do ponto de vista do tratamento...não peguei da...da dignidade...eu peguei...do ponto de vista de um apoio...de uma política pública...nesse sentido...

Tatiana: Humhum...Você não acha que, por exemplo, a Ação Afirmativa não é uma política pública quando ela foca mulheres...quando ela foca...

S1: É...sim...

Tatiana: ...idosos...quando ela foca os...negros...

S1: Humhum...é...acredito que sim...

Tatiana: ...os auto declarados negros... entrando aí...os pretos e pardos...os pardos...é...índios...crianças... o que mais...?

S1: ...mulheres...

Tatiana: ...é...mulheres...e várias outras categorias...né...várias possibilidades...que por exemplo...vão aparecendo nas relações sociais...que vão apresentando assim...um tratamento desigual...ou uma forma de violência...

S1: Humhum...

Tatiana: ...é disso que você está falando...?

S1: É...você trata...é...você tem um trabalho específico com aquele grupo...mas você não pode alimentar...nesse grupo a idéia da derrota, né...eu acho que não é...não é o caminho...né...você não pode pegar o menino pobre da favela...e ficar apenas...dando-lhe subsídio ou algo paliativo porque ele é pobre...ham...esse discurso...não é possível...não é válido...Acho que a questão seria a seguinte: você é pobre? Sim. Mas você tem condição de superar essa condição...de pobreza... e se inserir numa outra dimensão...mais digna digamos assim... E por que fazer isso? Para que os descendentes dessa pessoa possam... superar aquela condição anterior do ...do...antepassado...né...acho que só assim você consegue...levar a pessoa a...a condição de libertação...das suas ...das suas dificuldades...Eh...reconhecer a...a sua condição anterior é essencial...para que você possa se libertar... e avançar na vida...mas... apenas reconhecer a sua situação e ficar reforçando... o reconhecimento dessa situação...num ciclo vicioso...eu não acredito que... não seja o caminho pra...que leve a uma condição de libertação... do indivíduo enquanto pessoa... e ser humano... Ficou meio abstrato assim...meio obscura...a minha colocação...? (RISOS)...eh...

Tatiana: Me dê exemplos disso que você está colocando...para eu entender melhor...? Você consegue dar um exemplo...?

S1: Eh...por exemplo...por que que...muitos projetos que atuam...não sei agora...o problema é que a medida do tempo...você vai se afastando um pouco de determinadas coisas...e as vezes...perde clareza das colocações... mas por que por exemplo...determinadas instituições ...eh...instituições?...ah...determinadas ações...em bairros pobres são voltados com mais intensidade pra questões relacionadas a ocupar tempo...eu digo...atividade esportiva por exemplo...com intensidade...eu acho que as

atividades esportivas sim...tem sua importância mas...a questão da educação...ela é muito mais consistente. Mas também a questão da educação...ela não é só...seguir um cronograma de atividades...a serem ensinadas pra...essas pessoas de comunidade pobre...Eu acho que uma coisa que deveria ser trabalhada...no sentido de projeto de vida...né...você pega um menino que está na condição...totalmente desestruturada...e você...vai trabalhando pra que ele possa ir enxergando um projeto de vida pra ele...ele tem que pensar no que que ele quer ser daqui a trinta anos...entendeu...e não podemos desconsiderar o fato de que...o país...que o Brasil é um país...pobre...periférico...não...aliás...é um país muito rico por sinal...mas ele se insere numa condição muito periférica...que subverte das pessoas a possibilidade de realizarem suas atividades mais nobres...o que que eu quero dizer...Eu...por exemplo...pensava e teria o enorme prazer em ser violinista...Dado que o Brasil é um país periférico...com imensas dificuldades de...de...fornecer aos seus cidadãos a possibilidade de optar por aquilo que ele deseja...ou seja...não é qualquer um que vai querer ser violinista...não é qualquer um que pode ser violinista...

(INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA POR MOTIVOS EXTERNOS)

S1: ...então assim...eu não posso...é...é...ao mesmo tempo que eu não posso cercear a pessoa da vontade que ela tem...eu também não posso iludir essa pessoa de que ela pode atingir...ser uma coisa que o país não tem condições de fornecer...Por exemplo...eu...Sujeito 1...gostaria de ser violinista...é...não é justo...iludir o menino Sujeito 1 falando que ele vai ser violinista se existe uma imensa dificuldade do Brasil em conceder oportunidade...para pessoas que tem talento para a música. O Brasil enquanto país periférico...ele...se insere numa condição muito específica que é...a de produzir e gerar riqueza pra fora...então assim...não é importante...do ponto de vista da estrutura... ter...para o cidadão brasileiro a oportunidade de ser uma coisa que ele quer...não faz sentido...brasileiro não tem que ser violinista...brasileiro não tem que ser pesquisador... brasileiro tem que ser mão de obra técnica... prá...com algumas exceções...mão de obra de curso...nível superior...pra atender interesses econômicos externos... Não faz sentido...por que que você vai... formar intelectual...uma pessoa

culta...um artista...isso é do ponto de vista de produção... capitalista...e não é concebível...Então você tem que incentivar as qualidades específicas de cada pessoa...mas deixar bem claro...pra ela que ela precisa de uma segunda alternativa...e essa alternativa...querendo ou não é através da educação formal...Então assim...o menino Sujeito 1 pode querer ser violinista...mas ele tem que saber que... tem que estudar porque... não é todo mundo que vai ser violinista...então tem que ter uma profissão... Então a coisa tem que andar muito bem casada... porque a gente ainda não atingiu... ou talvez nunca vai atingir... ou talvez nunca atinja a condição de um país que... consegue fornecer oportunidades pra... pro seu cidadão. No dia que a gente for um país que tiver estrutura propícia para...(PAUSA) ... capaz de oferecer oportunidade para as pessoas de...de...de ser um pintor...de ter condição de ganhar a vida em cima disso... de ser um músico...ganhar a vida com... decência... em cima disso... aí tudo bem... aí não vai precisar de programa... de tantos programas assim...porque aí você já tem a clara condição de que... passa a ser mais ou menos um processo natural. Aí a gente vai ser desenvolvido. Então nós somos ...estamos numa condição muito...muito cruel... em termos de...de...porque a sociedade brasileira e...por extensão cada indivíduo...vive entre a cruz e a espada...né...entre o querer ser e o poder ser... e o que dá pra ser... Então quando você coloca essa questão de... de trabalhar o indivíduo...de trabalhar determinadas classes... você na mesma medida que tem que... superar determinados padrões... que existe... determinados conceitos idealizados... mas você tem que ter um choque de realidade e saber... que não dá também pra poder...pensar em coisas muito altas porque... nossa sociedade não tem condição de fazer isso. Em certa medida o Brasil optou por ficar assim... eh...não é uma questão natural... o Brasil vai ser ...e será...eternamente um país... com uma estrutura social desigual né...isso não é natural né...É ...uma opção que o Brasil fez...eu digo Brasil... determinados grupos né... fez...é uma opção... escolhida que atende muito bem... todos os grupos envolvidos... então...Em última instância eu pergunto é... saber se queremos realmente mudar as coisas como estão... e em que medida quando determinados grupos atingem o poder... eles estão realmente interessados em mudar... a ordem geral das coisas ou estamos apenas interessados em atingir o poder... A pergunta final é... o interesse é o bem comum da sua classe...a que você pertence... ou do grupo que você pertence ou... o interesse em última instância era atender o seu interesse imediato... de atingir o poder e aí depois ver o que dá pra fazer... Mas isso é uma questão que... séculos e séculos vão

sendo discutidas... sempre extrai...assim...a questão relacionada... a questão da relação de poder... como as pessoas se apropriam sempre se expraia... em...mais atualmente...políticas públicas... é...é... luta entre grupos dentro da sociedade...feministas... homossexuais... e como é...e... em última instância todos querem... em alguma medida o poder... para se expressarem... o quanto lhe convêm... então...é... e aí nessa roda aí que vai girando a gente vai tentando... desenvolver alguma coisa que possa melhorar a vida de todos... Mas se não são todos... que estão aptos a... a se inserir nesse processo ...de...de... luta cotidiana pela melhoria das condições de vida...a coisa é bem mais dinâmica... é bem mais complexa... que... como eu mesmo disse... como o pensamento humano é relacional... né... a gente sempre tem que relacionar uma coisa a outra... como a vida é dinâmica e estão relacionadas várias... coisas... a gente não tem condição de... pegar um, duas, três coisas ao mesmo tempo e relacionar com outras duas, quatro, cinco... outras ao mesmo tempo... é sempre bem ... estanque... o nosso raciocínio humano é muito... limitado... a gente só consegue fazer uma coisa...relacionada com outra...uma coisa relacionada com... a outra...nunca várias coisas relacionadas com várias coisas... porque aí a gente entra em confusão... querendo ou não... em algum momento a gente entra em confusão mental... porque são muitas variáveis... pra se controlar... tanto que a minha colocação começou a ficar meio atrapalhada... porque...(RISOS) eu comecei a enxergar algumas outras dimensões que vão se...entrelaçando...e...fica estranho... É realmente difícil você colocar alguma coisa... ali... no claro...né...eh...eh...essa questão mesmo...da...da... da coisa que você me disse da superação... como que trabalharia essa questão... de tornar... iguais... pessoas diferentes... ahm...várias dimensões estão colocadas...né...

Tatiana: Eu não digo tornar iguais mas... tratar com...

S1: ...tratar com igualdade...

Tatiana: ...tratar com igualdade... quem está em situação desigual.

S1: Humhum...é... esse é um problema de um país com uma heterogeneidade social assumida... né... você tem esse diâmetro...

Tatiana: Você acha que é só um problema do país...do Brasil?

S1: Humhum...Ah... não...isso é... um problema global...ahm...é que... eu só considerei o Brasil... porque... eu tomei como referência o Brasil... mas (PAUSA) voltando né...é...próprio da luta de classes... que vai existir... pessoas em condições desfavoráveis... né... a idéia de achar que todos estão em pé de igualdade... é mais um raciocínio burguês...liberal... “que todos são iguais” pra validar uma condição que na prática não é real... Até mesmo a idéia de democracia... ela... a gente sabe que é uma idéia de democracia burguesa...liberal... aquela coisa toda... no mercado de trabalho... em qualquer dimensão... ninguém... é igual... a sociedade... não é igual... nem nos países mais ricos... a gente não consegue identificar a igualdade... nem de renda e nem... igualdade ... (PAUSA) intelectual... digamos assim... né... cada um tem suas atribuições... suas condições de... de... cada um tem uma aptidão diferente... então... essa questão da igualdade é um... é um desejo... é um plano muito... infinito que a gente imagina a igualdade... mas... de fato... as pessoas não são iguais... o problema é quando você utiliza-se da desigualdade... pra fins obscuros... fins escusos... o problema não é nem talvez a questão de tentar trabalhar a igualdade... a questão que seria... impossível... a questão seria trabalhar...ou trabalhar sentido de se evitar que as pessoas apropriem-se da existência da desigualdade pra espoliar o outro... né... nas diversas condições sociais...

Tatiana: Você está falando... em... se apropriar da desigualdade... ou da diferença...?

S1: Da desigualdade e da diferença. Isso aí é fato... se determinado grupo social... você tem uma pessoa perspicaz.... suficientemente pra a igualdade...a desigualdade e a diferença... ela pode usar isso para o bem e para o mal...isso...eh...pra uma coisa

construtiva... ou uma coisa destrutiva...né... aí... depende da...da formação da pessoa... Então...eh... o problema essencial... talvez não seja nem... nem lutar pela... acho que o foco não seria tanto... buscar a questão da igualdade... no... na... sua essência... a igualdade em si...mas... mas lutar pela... mas na verdade combater as formas escusas que existem na sociedade... combater as formas... essas formas eh...eh...estranhas que... vira e mexe vem acontecendo... de apropriação de diferenças... e desigualdades pra... perpetuação de determinadas condições que são inaceitáveis por aí...ao próprio nível da condição humana... acho que a...acho que a gente deveria inverter a causalidade... da...da questão... né... o problema não é... igualdade... o problema é como... se trabalha a questão da diferença... da desigualdade dos meios... e das formas que as pessoas se apropriam disso para se beneficiar...determinados grupos né...se apropriam da diferença pra... se perpetuar no poder... o problema essencial talvez seja esse...eh...pode ser que eu esteja errado mas... esse exercício de reflexão... eu acredito também... seja esse o problema... é uma causa a se estudar... meditar por um bom tempo... talvez o sentido seria esse...

Tatiana: Bacana, Sujeito 1...

S1: Deu pra mim responder perguntas...ou ainda ficou no ar...?!

(RISOS)

Tatiana: ...deu pra responder...ahm... você gostaria de colocar mais alguma coisa...ahm...que eu não perguntei?

S1: Uai...eu...ah talvez... eu vou colocar assim... é uma coisa de perspectiva que... que eu tenho agora... nesse dado momento né... eh...se eu tivesse que fazer uma projeção para o futuro... das pessoas... e da sociedade... de um modo geral... e não considerando

especificamente... classe social... raça... uma coisa assim... eu tenho... tido muita pena do ser humano... em si né... ele tem percorrido um caminho... o ser humano...as pessoas tem optado por um caminho... muito pior... é...conscientemente...e... inconscientemente... a humanidade aí de modo geral... a sociedade tem optado por caminhos aí...que eu acredito que não são os melhores... não seja o melhor caminho...eh...e eu acho que talvez nós tenhamos a possibilidade de melhorar o nosso padrão de convivência... de... interpretação da realidade... mas... eu acho muito pouco provável... Eu não tenho bola de cristal então fica difícil...mas eu não...eu não sei... ah...mais uma vez aquela questão... a humanidade e o futuro que ela tem fica em aberto... e de minha parte... eu vou procurar tentar fazer aquilo que... aquilo que for possível... dentro das minhas limitações... pra tentar... mudar... modificar... alguma coisa ou outra... embora seja muito difícil e ... a tendência é que... a homogeneização... a banalização... a vulgaridade seja... talvez sejam as três coisas mais... tendenciais que tem formatado a humanidade... ou talvez... a humanidade sempre foi assim...e eu estou “viajando... na maionese”... delirando totalmente...Ou talvez a humanidade...né...sempre tenha sido assim e eu estou querendo demais... mas... como tudo depende do período histórico em que a gente vive né... eu acho... que...se... estas características da sociedade funcionam como uma onda...né... as vezes está em alta as vezes está em baixa...então eu diria que nós estamos atravessando um...eh...longo... longo período de vale né... na matemática quando você fala em onda você fala em cristas e vales...né... vales da onda... Então eu acho que atualmente nós vivemos um período de longo vale... em que... a perspectiva do cume...né... a busca pela... pela... por novas formas de visão... de mundo... novas formas de se relacionar entre as pessoas tem... ficado muito distante... talvez... isso seja muito bom...né... talvez não seja nem tão ruim quanto eu esteja colocando... talvez seja bom porque... talvez é... o prenúncio de uma melhora... futura que possa vir... dadas as condições em que estamos caminhando... mas eu também não posso falar disso...ahm... eu não tenho condição de prever o futuro... mas fica em aberto aí pra quem... quem tiver boa vontade...né... e quiser fazer um esforço... é...é... eu diria que... esse é um exercício cruel... é pesado... pensar a sociedade... pensar a vida... pensar as pessoas... é uma coisa que toma... nesse sentido...toma muito tempo... você paga um preço alto... pesado... extremamente pesado... mas é uma coisa que... em certo sentido é uma opção de vida mas...também... depende muito da criação que a pessoa tem... algo...eu não sei se é uma vantagem ou se é uma desvantagem... mas eu nasci com esse

problema... aí...grave... de ficar esmiuçando as coisas e... não é... eu acho que é uma coisa... eu já tentei fazer o esforço de não pensar nesse tipo de coisa... de ficar... de tentar... se homogeneizar... e assim... se enquadrar dentro... da média em geral... mas não dá... não é possível... eu não consigo...então já... eu aceitei isso como uma condição... e eu acho que...levando pro caso mais abstrato né... se você for... pensar que existe evolução na... alma...coisas do gênero assim... talvez seja um estágio... de vida... meu... um estágio que eu estou vivendo na terra e que... seja essencial... mas eu também não sei... não tem como...ninguém sabe nada sobre o futuro... a gente fica... fica difícil de entender... é...é isso... não tem... eu não vou sair nem em defesa... da minha causa... mas também não vou... agredir os outros que não querem... pensar... sobre o assunto porque... é opcional...não tem como forçar... ninguém a fazer nada... mas... eh...é isso...talvez no passado também... houveram pessoas com a mesma perspectiva... e essas pessoas se foram... morreram... e a sociedade continua a sua... rota...e pessoas vão vir também... pensando a mesma coisa que eu... e outras pessoas totalmente alienadas também vão nascer... e assim a gente vai... eu não sei qual é o objetivo desse negócio não...eu ainda não consegui entender qual é o objetivo da... do ser humano...e... em ter...em existir na face da terra com... tamanha discrepância em formas de... enxergar as coisas... mas provavelmente eu não tenho objetivo nenhum... foi uma mera... um mero acaso né...ou talvez tenha objetivo... eu não sei... fica... fica a pergunta e um convite a...a olhar as estrelas aí... e esperar o bom... que possa vir... de algum lugar... ou então essa coisa boa ser criada por nós... que eu acho que seria mais interessante... eh...e uma boa noite pra todos.

(RISOS)

Tatiana: Obrigada, Sujeito 1.

S1: De nada.

APÊNDICE F

Belo Horizonte, 24 de agosto de 2011.

Entrevista com o sujeito 2

Tatiana: Então...Sujeito 1...ahm...hoje vamos falar um pouco do percurso pelo projeto que depois se tornou programa Conexões de Saberes...Eu gostaria que você dissesse um pouco...contasse... um pouco... como foi o processo de seleção pra você...mas o processo anterior...como você ficou sabendo...da seleção... e o que que te motivou a se inscrever naquele momento no projeto Conexões?

Sujeito 2: Humhum...certo. Eh...fiquei sabendo através de uma correspondência enviada...creio que com base no banco de dados da FUMP...aos estudantes acolhidos pela FUMP...né...Só que essa correspondência foi para o endereço do interior...da casa dos meus pais... Então eu cheguei na época de férias e vi essa correspondência que... chegou até próximo da época de férias... mas chegou com um...um certo atraso de data e...então eu teria que perder as minhas férias...voltar pra Belo Horizonte e...e participar do processo seletivo... mas... aí eu decidi não participar... pensei assim: “Ah...não...não posso... eu já custo a vir aqui na cidade...” Mas aí...quando eu cheguei...de volta a BH... eu recebi novamente outra correspondência com prorrogação... do prazo...pra preencher umas vagas remanescentes... Aí...falava-se da...quantidade de estudantes que pretendia atingir né...via processo seletivo...tal... quantos que passaram pelo processo seletivo... e da questão das vagas remanescentes... é...daí eu passei a pensar né... porque o...o tema em si já tinha me chamado a atenção pelo... final...assim: “populações...eh...comunidades populares...” né... de acesso...jovens de origem popular né... de comunidades populares...né... É...eu pensei bem... “ Eh...eu sou de origem de comunidade popular...o Vale do Jequitinhonha por si só...já é um caminho de...tipologias...” Então... a questão era a seguinte... um dos preceitos lá do processo seletivo é que a pessoa estivesse inserida em algum...algum projeto social... eh...Aí... o

que me vem em mente... projeto social assim... bom... pensei...mas tem que ser algo...oficial...mas... “não...eu não estou ligado a nenhuma Ong...eu não estou ligado a ninguém não... o que que eu faço né?!” Mas aí eu estava interessado né... aí eu fiquei pensando... o que que eu faço... por que que eu penso que eu tenho uma inserção social... aí eu... falei assim: “Poxa, porque no decorrer do tempo que... eu tava nessa coisa de férias... em casa... ao longo de... do ensino médio...do ensino superior... sempre tiveram muitos colegas e outros estudantes que se interessavam por minha trajetória...” porque para a região eu estava fazendo algo que era impossível...né...adentrar a UFMG... no caso...

Tatiana: Humhum...

S2: ...e...e o que eu tinha feito era conversar com essas pessoas e tentar mostrar que o impossível estava um pouco longe disso né... que era possível sim... e... as vezes mostrava até... alguns caminhos das pedras...né... pra essas pessoas...Então assim... teve uns cinco jovens os quais eu... eu participei muito ativamente... na... na trajetória de vinda pra Belo Horizonte... o que hoje eles fazem... eh...e aí eu consegui... um contato com um político lá da cidade... É...ele era político em Contagem... mas nasceu lá na região...ele conseguiu... bolsas de cursinho pra esses alunos virem pra cá... aí... e sem contar que antes também... da época... que eu estava me preparando para o vestibular... eu e um colega... a gente... estudava muito sozinho assim...sabe... e aí a gente aproveitou este instante pra dar também umas... aulas particulares... gratuitas lá na Escola... é que eu morava do lado da Escola...então eu tive muito essa ligação assim com a parte de educação mas... de uma forma muito independente... até...alternativa...né...sem ligar... a ação a qualquer Ong ou Associação... coisa de conversa de esquina... conversa de rua mesmo... e foi isso que eu apresentei como... um projeto Social que eu atuava pro Conexões né...era um projeto próprio... não era algo oficial... e eu fazia isso né... e ao longo da trajetória... é até interessante que pelo menos dois desses cinco que eram muito próximos... estão hoje aqui na UFMG. Eu acredito que até mesmo a trajetória deles...foi...muito mais puxada do que a minha...

Tatiana: Olha...

S2: ...entraram em cursos mais concorridos... tem um que está lá comigo hoje... mora comigo hoje ... faz Ciência da Computação... eh...então foi essa a proposta que eu apresentei ao Conexões... assim sem esperanças de que fosse aceita porque... tem diversos outros tipos de projeto social... Eh...na verdade eu não sei porque de...eu ter sido aceito... na época...

Tatiana: Como assim?

S2: É...hum.

Tatiana: Durante a seleção... a FUMP... soltou essa espécie de edital...ou convocatória... né... e chegou muita coisa por e-mail e chegou... realmente... as cartas né... as correspondências por carta... Eh...e assim... isso agora...eu estou dizendo particularmente... eh... porque quando eles falaram assim: “ah...jovens de origem popular que tiveram algum momento o engajamento com... o social...”

S2: Humhum...

Tatiana: ...eu também me identifiquei bastante com a coisa...com isso no primeiro momento. Mas uma das coisas que...que pra mim... estou dizendo pra mim... me gerou assim uma espécie de... uma espécie de...de dúvida... na hora... e até... me fez procurar uma professora pra conversar... a respeito...

S2: Hum...

Tatiana: ...eh...é porque eles colocaram assim no edital: “jovens de origem popular; recorte: negros, pretos e pardos...né... afrodescendentes...”

S2: Hum...

Tatiana: E...aí...aliás... não estava no edital falando “afrodescendentes”... estava negros, pretos e pardos...Eu lembro que pra mim...assim...bacana...pela origem popular... tinha engajamento... mas na hora que eu vi assim... negros...pretos e pardos... eu lembro que eu estava ainda no início da graduação...no segundo período... E aí...eu procurei uma professora... pra perguntar se podia...

S2: Hum...

Tatiana: ...eu não tinha muita coisa clara... se eu podia... fazer aquilo...se eu não estaria... cometendo uma coisa assim...fazendo uma coisa errada de entrar num projeto que estava dizendo isso... Você teve dúvidas?

S2: Não...

Tatiana: Teve alguma dificuldade?

S2: Não...não tive... não...porque eu me espelho muito na minha mãe... então assim...eu olho pra minha mãe...eu vejo uma pessoa negra...Eu sou negro...não tenho...não resta dúvida disso não...Então...eu não tinha essa dúvida...Então...eu disse: “oh, é pra mim isso aqui...” Então essa dúvida não passou tanto que eu nem citei como primordial

assim...Mas teve...eu lembro que tinha essa ressalva mesmo... teve o recorte... teoricamente teve o recorte menor lá dos alunos da FUMP...hum...

Tatiana: ...É...porque essa era...a temática maior né... ?

S2: Era...

Tatiana: E...eu lembro que isso... porque foi... no meu caso fui eu, a Maria Alice¹¹⁵... a Maria Alice estudava comigo...e tinha outras pessoas... né... Então a Maria Alice foi também... mas aí eu perguntei pra mim: “nossa...será que eu posso fazer isso...?”

S2: Humhum...(RISOS)

Tatiana: Eu me perguntei: “Tudo bem...eu sou parda...eu estou...e eu estou aqui me admitindo como negra...mas se eu fizer isso... eu não vou estar fazendo alguma coisa errada...?”

S2: Humhum...

Tatiana: Esta dúvida não passou pela sua cabeça?!...assim... de jeito nenhum...

S2: Não...não...eu nem lembro se chegaram a perguntar isso pra mim...

¹¹⁵ Nome fictício de integrante do Programa Conexões de Saberes. Manteve-se o gênero feminino.

Tatiana: Você diz...na entrevista...?

S2: É...devem ter perguntado...mas...

Tatiana: Me perguntaram...

S2: ...eu devo ter falado tão...tanto... com tanta veemência que... com tanta naturalidade... que eu não estou lembrado... com certeza... eles perguntaram porque realmente era o foco... mas... não... não lembro...

Tatiana: Hã...interessante...e...assim... quando...eh... Você já disse do seu interesse inicial pelo projeto... eh...continuando ainda nessa linha... é...nunca houve dúvida nenhuma quanto ao seu... pertencimento racial...?

S2: Não...não...

Tatiana: ali dentro...

S2: Não...não...não...

Tatiana: E...com relação...quando a gente conversava com os outros colegas...quando estava...ahm...a gente tinha muitas discussões...palestras...

S2: Humhum...

Tatiana: Tinham as palestras do...Ricardo Henriques... entre outras questões...né?!

S2: Humhum...

Tatiana: Como é que você via... como você via aquilo...tudo...?

S2: Eh...

Tatiana: ...porque ali...éramos todos assim...bem iniciantes...na graduação...

S2: Humhum.. Ah...a primeira... o primeiro impacto... é...eu confesso que eu estava interessado numa causa própria... que talvez se resumia a comunidades populares... e aí...nisso... eu fazia um recorte do YYYYYYYY¹¹⁶...Eh...ai eu tava...as vezes eu ficava... com...com uma discussão... comigo mesmo né...sobre qual que... era o meu enfoque ali...né... Assim “...o meu enfoque não é tão amplo...assim...eu quero atender algo...mesmo que seja olhando pro próprio umbigo...seja algo que... eu me sinta como parte influenciadora...”. Ai eu tive esses conflitos... de interesse... de fato...né...porque o Conexões...partiu pra uma coisa global...né...não era... algo tão local...assim...apesar da gente ter inserções nas comunidades aqui... o foco era algo global...hum... e eu estava muito focado localmente...Eu saí de lá...pensando localmente... mas aí depois que eu começar a andar com as próprias pernas... que eu caí no departamento que eu...pensei da coisa global... então...o amadurecimento foi posterior...mesmo. Estava um processo lento...porque ainda tinha um conflito da graduação... uma fase que eu passei muito aperto... com as matérias de graduação... e...aí eu sentia que o pessoal do... dos outros colegas do Conexões tinha um certo preparo... um bom preparo pra se engajar nas discussões... dado a... mínima convivência que seja... com leitura... Mesmo até próxima

¹¹⁶ Região do semi-árido mineiro.

das leituras que a gente fazia... então...já eu não tinha muita leitura...e nem tão pouco...escrita... eu estava muito resumido a números...então começou a aparecer algumas coisas que me deixou com sentimento de atraso em relação a... em relação a turma... e...mais foi meio... impactante nesse sentido... aí é tanto até que...quando eu saí... eu saí nesta expectativa de que...aí eu pudesse fazer os meus planos...mais livremente... mas aí eu fui olhar o que que eu tinha na mochila...e aí era muita coisa... Eu não tive tempo de mexer nessa mochila enquanto eu estava lá...sabe...?!

Tatiana: Humhum... você estava no durante...estava no processo e...bem você estava passando pelo processo...

S2: É...aí...ou seja... na verdade...eu acho que talvez eu não era o perfil que o Conexões queria pra época não... não espera-se... por conta da inserção... social... por conta... por conta da... do discurso de... de questão racial... que eu não tinha muito em mente... Então depois que eu saí de lá que eu passei a ter... a enxergar mais as coisas... Mas no momento que eu estava lá eu... creio que eu não tenha acrescentado muito... pra eles não...(RISOS) Agora...eu confesso que tem muito... gostaria muito de assim... daqui a uns anos... se o programa...sei lá... tiver um... um encontro aí pra falar...ah...como surgiu... pode contar comigo...tranquilamente pra contar como que foi a minha inserção... na qual a minha não inserção... e como é que eu saí e tudo que... e tudo que rendeu depois que eu saí. Aí eu acharia muito...até eu me vejo... até já me imaginei fazendo isso... proferindo palavras pra... já velho (RISOS) num grupo de jovens... pra dizer o que foi o Conexões pra mim e tal... então... ahm...

Tatiana: Entendi...Eh...eu estou lembrando de uma...de uma...acho que foi o primeiro dia... a primeira dinâmica...eu não sei se você lembra... disso...

S2: Hum...

Tatiana: ... que a Tereza Cristina¹¹⁷ ...colocou a turma num círculo...ah...era uma sala fechada... pôs a gente pra fazer vários grupos... e ela fazia algumas perguntas...Eh...ela perguntava, por exemplo...quantas raças que tem aqui presentes? Aí...alguns respondiam assim: “Ah...são tantas raças, são X raças, ...” . Aí alguém respondia: “Uai...mas não é raça humana? Tem alguma outra raça além dessa aqui?” . O que que eu estou querendo dizer com isso...eh...quando você entrou você já tinha clareza disso...dessa discussão de raça distinto de etnia... raça do ponto de vista sociológico... que foi trabalhado...no Conexões? Você tinha clareza disso?

S2: Não...não tinha muita clareza...não.

Tatiana: Porque eu não tinha.

S2: Não...não...não tinha não...nenhuma...nenhuma...pra falar a verdade. E... a clareza veio depois...mesmo...durante eu estava muito imaturo com a idéia... e...era uma tempestade de idéias ao mesmo tempo... por conta da graduação... e...isso estava sendo assim...sendo assimilado muito devagar...por mim... (RISOS)

Tatiana: Você consegue...contar assim...lembrar de algum episódio... nesse sentido que...eh... destes textos...destas coisas que a gente discutia...bem...porque...era algo...paralelo às nossas graduações né...

S2: Humhum...

Tatiana: ...porque para a maior parte ali...a graduação não dizia exatamente daquilo que era discutido...né?!

¹¹⁷ Nome fictício de coordenadora do Programa Conexões.

S2: É.

Tatiana: ...não eram os nossos assuntos...temas diretos...Você consegue lembrar de alguma situação?

(PAUSA)

S2: Ah...não lembro...Eu lembro que certa vez...partiu um pouco pra...pra questão do...eh...das correções coletivas¹¹⁸ lá...de...correções gramaticais...Na época ainda sobrava resquícios da época que eu gostava de gramática...mas...é...quando era pra discussões sobre a literatura...não né... (PAUSA) Eu tenho que forçar um pouco pra lembrar...

Tatiana: Hum...eu acho que eu estou lembrando um pouco dessa...era a produção dos textos né...?

S2: Era...é a gente discutia alguns trechos meio anônimos... assim...

Tatiana: E você lembra desses trechos...das experiências que a gente... a gente trocou né... eram muitas experiências... cada um tinha...

S2: ...É...a gente trocou o texto entre colegas... um colega contava pro outro...Hum...eu lembro que eu cheguei a... conversar com o João Francisco¹¹⁹ que era da XXXX¹²⁰ ...aí

¹¹⁸ Aqui o sujeito menciona o momento de partilha coletiva na leitura dos textos que seriam publicados sobre a trajetórias dos estudantes que integravam o corpo de bolsistas do Programa Conexões de Saberes em 2005.

¹¹⁹ Nome fictício de integrante do Programa Conexões de Saberes. Manteve-se apenas o gênero referente ao integrante, no caso, o masculino.

ele me contou a história dele...que tinha também...uma trajetória de dificuldade na inserção no curso...e tal...a questão de trabalho...e...mas eu não estou lembrando muito bem das coisas... Eh...teve as inserções...no...Icaiveras¹²¹...eu fui nas inserções...do Icaiveras e na do...naquele bairro lá...o Santa Lúcia... ahm...não eu não cheguei a ir não... No Icaiveras eu lembro da gente indo nos locais... em encontros com alguns líderes comunitários...

Tatiana: Eu era do outro grupo...

S2: Do...Santa Lúcia¹²²...

Tatiana: ...é...do Santa Lúcia...eu não ia no Icaiveras...

S2: Ham...

Tatiana: Então...você...Maria Fernanda¹²³...e o restante do pessoal...

S2: Ham...acho que o Pedro Joaquim¹²⁴ também era do Icaivera...

¹²⁰ Área do Conhecimento de origem do integrante do Programa Conexões de Saberes.

¹²¹ Nome de Bairro da cidade de Contagem/MG onde a equipe do Programa Conexões de Saberes fazia incursões no campo de pesquisa e da extensão em 2005.

¹²² Nome de Bairro da cidade de Belo Horizonte/MG onde a equipe do Programa Conexões de Saberes fazia incursões no campo da pesquisa e da extensão em 2005.

¹²³ Nome fictício de integrante do Programa Conexões de Saberes. Manteve-se apenas o gênero referente ao integrante, no caso, o feminino.

¹²⁴ Nome fictício de integrante do Programa Conexões de Saberes. Manteve-se apenas o gênero referente ao integrante, no caso, o masculino.

Tatiana: É...

S2: Humhum... e...mais aí... o que mais...me...me...direciona...

Tatiana: Então...nesses...nessa convivência... porque a gente conviveu durante...quanto tempo você ficou no Conexões...mais ou menos?

S2: Hum...acho que chegou a uns dez meses a um ano...

Tatiana: Mais ou menos isso né...

S2: Humhum...

Tatiana: ...a gente chegou a ir pra Recife...foi o período inicial de formação...porque o projeto...acho que durou uns dois anos... lá na FAE... na Faculdade de Educação...

S2: Humhum...

Tatiana: ...é...a gente pegou...a mesma fase assim de...estar começando a...entender... mais ou menos do que se tratava...algumas coisas...

S2: É...lá em Recife teve uma coisa interessante que...foi-se perceber...como os enfoques estavam diferentes... eh...cada região tem a sua particularidade... então...mas assim... respeitada a particularidade de cada região tinha... algo que estava fugindo do

enfoque central né... o enfoque nacional¹²⁵... e isso ficou muito claro lá né... ai fica aquela percepção “acho que a gente está no caminho certo.” Eu acho que era isso mesmo. Agora o pessoal dali... do outro Estado... “será que é isso mesmo”. Aí deu pra entender um pouco o que que era a proposta nacional...e como a gente estava mais ou menos no caminho certo... né...

Tatiana: Humhum...

S2: ...e...foi isso...

Tatiana: Ahm... a coordenação...ela tinha feito esse recorte racial... Por que será que eles fizeram esse recorte justamente na UFMG...?...Você lembra disso?

S2: Hum...

Tatiana: Porque nós...praticamente...éramos...quase os únicos... do projeto Conexões de Saberes...que entrou com o recorte étnico-racial...Você lembra disso?

S2: Lembro...

Tatiana: ...bem e aí... a coordenação...ela foi...trabalhando isso com a gente...paralelamente...né...

¹²⁵ Aqui o sujeito relembra a experiência do impacto causado pela equipe do Programa Conexões de Saberes na UFMG que fora a única universidade que cruzava o diálogo da inserção das camadas populares à questão racial, como o primeiro critério de seleção dos bolsistas.

S2: Humhum...

Tatiana: A gente ia...com o foco maior...que era as comunidades populares...mas tínhamos esse recorte aí...cotidianamente...chamavam a gente para aquelas palestras...né...que haviam junto do pessoal do Ações Afirmativas... Você lembra disso?

S2: Humhum...

Tatiana:...e também...naquelas discussões...aí...fomos tendo algumas leituras e percebendo as vivências... Eu...particularmente...eu tive...eu fui também para a segunda edição do Conexões de Saberes... que era um outro enfoque... totalmente. Era muito voltado pra essa questão étnico-racial...na verdade... a gente nem falava tanto étnico...mas mais racial...definido um campo político...e... outros recortes como os de...gênero... orientação sexual... Essa foi a segunda versão. E aí... o que que acontecia...já no segundo Conexões... a gente percebia... por exemplo...eu percebia... uma dificuldade muito grande dos meninos que estavam entrando...com relação também a essa... coisa da pertença racial... De como os grupos iam se...organizando...como as pessoas iam se aproximando...era um grupo mais heterogêneo...Quando a gente entrou... se a gente era mais heterogêneo por conta das formações distintas...dos cursos...das graduações diferentes...

S2: Hum...

Tatiana: ...nessa segunda versão...a heterogeneidade não era só por conta das graduações diferentes. É que tinham pessoas com formações distintas mas...assim... iniciando alguns passos sabe... na discussão...e a discussão era diferente... alguns entrando outros não...assim bem engatinhando... e aí suscitavam algumas discussões fervorosas...sabe...

S2: Hum...

Tatiana: ...assim...da dificuldade...mesmo...de tratar...a questão racial...a pertença.

S2: Humhum...

Tatiana: ...principalmente com relação a questão do pardo. Quem que era negro...quem que era pardo...Você acha que isso acontecia na época da gente? No convívio... alguns conflitos em relação a isso?

(PAUSA)

S2: Não. Acho que...ham...não chegou a acontecer com tanta veemência não... Acho que mais pelo...choque da... mensagem inicial de seleção. Apesar de que na seleção entraria...os pardos e os negros...né...mas...mas assim...eu... não enxergava tão...nesse sentido...o pessoal...alguns sim...creio que uma meia dúzia...enxergava que não tinha um avanço nessa discussão...mas a grande maioria não estava atento... a essa discussão...então... Não é que...não tinha esse conflito... é...por achar que... é... são... coisas iguais. Mas pela falta de argumentação... falta de formação mesmo...eu acredito... que faltava a esse conflito... O conflito são não existia por falta de informação e argumentação.

Tatiana: Hum...

(SILÊNCIO)

Tatiana: Alguns...algumas pessoas nessa segunda edição...eh...tinham características bem distintas do primeiro grupo... mesmo.

S2: Hum...

Tatiana: ... de interesses... e a dificuldade...mesmo...de estar trabalhando com a questão racial era... bem grande nesse sentido...

S2: É...teve uma menina que... é até da minha região...inclusive... eu não cheguei a ter contato com ela não. Quem teve contato foi só a minha namorada... porque ela precisou fazer um estágio em laboratório... num curso técnico de química... e aí ela falou pra minha namorada que era do Conexões... Eu não sei como é que está hoje...acho que está na FAFICH...né?!...

Tatiana: Humhum...está na FAFICH.

S2: ...mas aí...ela relatou...algo...que sentia uma espécie de... discriminação... por ser branca... de cabelo liso... Aí...eu fiquei...sem entender... uai mas...como que essa menina esta se sentindo assim...pra que lado que a discussão partiu... pra uma pessoa se sentir dessa forma num grupo desse...né...e ainda ter que ficar lá...Aí eu fiquei meio assim...aí deu pra perceber que... isso que você está falando...que foi crítico...esse processo de discussão... que parece que se tornou mais crítico ainda né... porque já pulou do campo preto e pardo e já virou uma mistura total né...

(SILÊNCIO)

Tatiana: Ahm... o argumento que se tem...ahm... e as vezes é...as vezes não...é apresentado...também pela leitura...é que nós somos um país de mestiços...né...

S2: Humhum...

Tatiana: ...de misturados... (PAUSA) e...as misturas elas são diversas...né...

S2: Humhum...

Tatiana: ...ahm...pra questão racial...quando a gente trabalha isso... e aí eu estou dizendo isso para por exemplo...a gente pensar as políticas públicas...Quando a gente...lembra o nosso primeiro momento...quando a gente entrou... no Conexões ahm... “Seleção de bolsistas de origem popular... pretos e pardos.” Eh...o estereótipo...hoje... a aparência...né... melhor dizendo... a corporeidade dos bolsistas...ela está... indo bem além...e tem muito disso... dessa mistura que é trazida na literatura...ahm...Você já leu... “Casa Grande & Senzala” ...Gilberto Freire...?

S2: Não...

Tatiana: Ahm...bem a gente tinha algumas discussões a respeito disso...Bem...então o que que acontece...hum...hoje...os pardos que estão entrando no Conexões...não são apenas os mulatos...os mestiços de negro e branco...com a pela mais clara...ou com a pela mais escura... mas são todos os mestiços...em que em algum momento...a raiz familiar tenha tido...um viés da afrodescendencia...do africano ali...

S2: Humhum...

Tatiana: ...isso é bastante complexo de se delimitar... grosseiramente...Bem...mas pensando isso de uma forma bem pulverizada... tem alguma coerência...

S2: Hum...

Tatiana: ...mas aí quando a gente começa a pensar isso...que impactos que isso vai ter...que isso vai tendo quando você começa a discutir ações afirmativas...

S2: ...que não tem nenhum excluído...que são cento e noventa milhões de iguais...

Tatiana: ...E...isso de fato acontece... no campo social? Na vivência... na experiência da gente quando...sai pra realidade? Quem são os pretos e os pardos?

S2: Hum...

Tatiana: Do que que a gente está dizendo? Eu...sabe...eu queria te ouvir falar um pouco disso. Se a partir da experiência que você teve no Conexões...se você já identificava...ou...você não identificava...ou você vê que...assim...essa diferença...porque existem diferenças...e essa de alguma forma...trazia em algum sentido...não estou falando que em um mesmo grau desse relatado por essa sua amiga...

S2: Humhum...

Tatiana: ...mas em outros graus...de formas diferentes...né...de um dizer assim: “Olha...essa experiência aqui...com certeza você não teve. Então, você não pode falar nisso”...

S2: Humhum...

Tatiana: ...né... “nós somos negros sim mas...isso aqui...eu vivi na pele...você não...”

S2: (SUSPIRO) Ah...é...meio vagamente...que no começo estes...que eram de fato...mais escuros...tinham relatos...mais evidentes...chocantes...do que...os que eu tinha pra contar...que eram poucos...Então...mas vai muito daquela coisa de entrar ...no momento sem muita formação... sem muita capacidade de identificar... a situação...né... acho que era mais ou menos por aí... Mas...me dê mais uma direcionada...

Tatiana: Ahm...por exemplo...vou dizer de uma coisa da convivência com os meninos...ahm...

S2: Hum...

Tatiana: ...que eu tive...por exemplo...com a grande maioria...né...com todos ali...praticamente do projeto Conexões...Eu fiquei lá bastante tempo...e ainda fui pra outra versão¹²⁶... (RISOS) Então assim...dessa convivência cotidiana... de estar conversando...e lidando com algumas coisas, né...em alguns momentos eu percebia um “racha” entre os pretos e os pardos...

S2: Humhum...

Tatiana: Você percebia isso de alguma forma? Talvez...como uma forma de respeito no sentido de: “olha, isso eu não posso dizer...”

S2: Hum...

¹²⁶ Referência à segunda versão do Programa Conexões de Saberes na UFMG, agora na FAFICH.

Tatiana: ...talvez tenha um pouco a haver com isso que você estava falando...antes...

S2: ...de não ter vivenciado.

Tatiana: Isso...

S2: Hum...

Tatiana: ...é...porque a gente viu declarações explícitas mesmo...né...de...de...vivência do racismo...diferente...né?!

S2: Humhum...

Tatiana: ...de uma força...com uma força...muito maior...não é?!

S2: Humhum...

Tatiana: ...o que...por exemplo...talvez não apareça da mesma forma pra um pardo...

S2: Hum...

Tatiana: ...o que você acha disso?

(BREVE SILÊNCIO)

Tatiana: ...ou talvez nem apareça para o pardo, né?

S2: Hum...

Tatiana: Quando a gente diz assim: “eu sou negro” e quando tem um negro...da pele preta ele vai dizer de uma forma muito diferente...né...com uma propriedade que talvez a gente não tenha tanta...

S2: Hum... (BRAÇOS CRUZADOS)

Tatiana: ...ou você não concorda comigo?...Ou...depende...

S2: É...eu diria que...depende sim...As vezes eu me posiciono concordando e as vezes me posiciono discordando...Concordo que porque...vai de um pouco...da questão de...como a sociedade enxerga...e acho que isso ainda influencia muito... porque...partir só da auto-afirmação ainda...ainda está meio pisando em...na ponta dos pés...é aquela coisa que eu te falei de cento e noventa milhões de iguais...né...então...as vezes eu acho que tem esse lado... Eh...então tem muito da visão... dos de fora...né... mas as vezes...essa é uma divisão mal formada...precisa ser melhor formada...mas não de maneira que tenha cento e noventa milhões de iguais... porque aí...aí já reverte a minha opinião... aí... a minha opinião vem a cabo de que...tem os que sofrem mais...e tem os que sofrem menos... mas isso ainda existe...por conta da formação...e essa formação...deve ser melhor elaborada...antes de...poder se dar um título de auto-afirmação...Porque se auto-afirmar sem formação...

Tatiana: E...aí...você acha que é complicado?...então...vejamos bem...vamos voltar na primeira pergunta...Eu tive dificuldades no primeiro momento quando eu vi escrito isso...lá...

S2: Humhum...

Tatiana: ...quando estava...justamente falando...

S2: ...sobre pretos...

Tatiana: “negros...pretos e pardos...”

S2: Ahm...

(PAUSA POR INTERFERÊNCIA EXTERNA)

Tatiana: Então...eu...assim...no momento em que eu vi aquilo...eu fiquei...eu fiquei preocupada...e aí eu pensei assim: “e agora?”...

S2: Hum...

Tatiana: ...não que eu desconhecesse a minha condição...o meu pai é negro...eh...a família do meu pai é uma família de negros...de mulatos... então na minha família...assim...é uma mistura...danada...e eu sei que eu sou uma “mulata”... Mas a questão é: mesmo sem ter... eham...aquela coisa da discussão teórica...de não ter a mínima noção do que que é raça do ponto de vista social...porque eu fui uma daquelas

que disse: “Raça? Mas não é raça humana?”...eu tinha aquele conceito formado na minha cabeça que a gente aprende na escola, né?...

S2: Humhum...

Tatiana: ...de etnias...né...que se formavam...

S2: Humhum...

Tatiana: ...e essa coisa toda...E tinha uma vaga percepção...uma vaga não...uma percepção...mesmo... da vivência...do que acontecia na vida cotidiana...na vida social. Então... na hora que eu recebi aquela carta...quando eu recebi aquele e-mail e estava lá... “Negros... pretos e pardos...” aí eu fiquei pensando: “Será que eu posso?” e aí eu fui perguntar pra alguém que eu achava que podia dizer pra mim... (RISOS)

S2: Hum...

Tatiana: ...que teria “autoridade”... E me disse assim: “É a mesma coisa.” “Ah, então pode.”... e eu fui lá.

S2: Hum...hum (RISOS)

Tatiana: Você não...eh...você está me dizendo que não teve nenhuma dúvida...com relação a isso...

S2: É...bom...então eu vou ter que...revogar...que...não que eu tive dúvida...eu não tive dúvida...mesmo não...mas só que... nessa...a frase era... automaticamente eu hierarquizei

a frase...né... “ Negros...pretos... e pardos”. Então...assim...eu hierarquizei a coisa...e...assim...eu me coloquei...como a...o...a terceira via...ali...que seria...os pardos...Eh...mas ainda assim eu tinha algo leve na cabeça...de ouvir dizer...de discussões...de negros e pardos...muito...uma mistura de idéias...que...ia de encontro com a questão da...miscigenação... da mistura de raças nacional... ou seja...todo mundo é preto... e...tinha esse conflito...e não é um conflito... de querer ter um embate direto... foi só uma mistura que as vezes gerava... uma interpretação pra situação... “Todo mundo é preto...” Eh...que recorte é esse pra UFMG? ...

Tatiana: Humhum...

S2: ...ahm...mas aquele momento... eu entrei na terceira via... pra mim...tava muito normal... mas eu ainda tinha em mente que aquilo ali ainda era uma via única...também...e ainda tinha em mente...via única no caso das três vias...eu tinha ainda a confusão de via única geralção...também...

Tatiana: Humhum...

S2: E...Ah, e foi isso...

Tatiana: Humhum...é que o pardo pode ser isso né...?! O geralção...

S2: Não...

Tatiana: ...também...né...

S2: É...mas eu digo o geralção...o de...todo mundo preto.

Tatiana: Humhum...tudo junto e misturado...?!

S2: ...É...e ainda tem essa questão também do pardo...permear né...também...hum.

(RISOS)

Tatiana: E...o que mais...você tem pra me dizer disso...de coisas assim...que você...percebe...?

S2: O que mais...

(PAUSA REFLEXIVA)

S2: Ahm...na verdade...ahm...acaba que eu entrei... com essa percepção de três vias né...Acaba que a gente entrava...então assim...dava pra identificar...se identificava se era negro mesmo...Na verdade até duas né... negro e pardo...vamos dizer assim...e...mais...aí...com o tempo que eu fui ganhando bagagem... Então...assim... digamos que minimamente eu passei por uma... formação... pra poder adequar a minha auto-afirmação... Hum...eh...parei o processo no meio do caminho...né...vamos dizer assim... mas eu acho que parte daí mesmo... naquela época eu estava num caminho... ideal né... a partir de uma formação pra aí então a auto-afirmação...e aí depois agora parece que o processo se reverteu. Primeiro vem a auto-afirmação, e aí depois a formação não tem mais, a auto-afirmação era o imperativo...e hoje é uma formação conflituosa...mas foi isso...assim...

Tatiana: Você tem...você passou por essa parte conflituosa...ou não...era ausente?

S2: Não... Você teve já neste instante? Mais crítico assim...?

Tatiana: Eh...quando...eu entrei...a minha sensação era de...de...ter um cuidado...um respeito... Por exemplo, você já...é mais ou menos a situação atual...Porque se dizer...se auto-declarar...negro...tem uma força muito grande...porque a gente não produziu só a partir da cor da pele...

S2: Humhum...

Tatiana: ...né...porque...moreninhos...é uma coisa assim...que traz uma neutralidade né...

S2: Humhum...

Tatiana: ...está falando do bronzeado da pele...mas não está dizendo de algumas vivências né...Então quando a gente se declara negro...a gente está assumindo uma afrodescendência mas não é só pela afrodescendência...é por tudo o que ela carrega historicamente... também...

S2: Humhum...

Tatiana: ...né...e a gente é interpelado por isso... No caso do pardo...eh...a gente é interpelado... estou só supondo... Você me disse...concorde ou não... bem...a gente é interpelado... a gente é interrogado...né... a gente é questionado de formas muito...diferentes...né...

S2: Hum...

Tatiana: no cotidiano...

S2: Humhum...

Tatiana: Mas não é da mesma forma que um negro que tem a pele preta...

S2: Humhum...

Tatiana: Né?!

S2: É.

Tatiana: Então...eh...essa identificação...ela é também uma identificação política...né?!

S2: Hum...certo...certo.

Tatiana: ...bem...e aí...eu queria que você dissesse...se no seu cotidiano...como é que isso acontece...as vezes...porque...a gente passa pela vida...passa pelas pessoas...e em certas situações... e eu estou dizendo disso aqui...hoje...tentando entender um pouco melhor o porque daquilo naquele momento pra mim... Por exemplo...eu como pardo...hoje...com as políticas de Ações Afirmativas se apresenta a seguinte situação: “Olha, temos cotas para negros...pretos e pardos...você se inscreveria num concurso e pediria a cota porque você é um negro...está na categoria parda...

S2: Hum...

Tatiana: Você...iria...assim...feliz e tranquilo...e com a consciência tranquila...?

S2: É...talvez não porque a concorrência ia ser bem maior viu...Eh...os desavisados...vão...(RISOS) chover nas inscrições...viu...Mas...brincadeiras a parte...eh...Eu ainda tenho conflitos de posicionamentos sobre essa...sobre essas questões nos concursos... e tal...mas... Eu iria mais por uma questão... de trajetória de passado de lutas... que é muito característica... de...da vivência de negros...né...Eu tive essa vivência... que foi uma característica de luta da minha mãe... então...eu tenho um passado de lutas... ali...ligado a questão... então...por mais que eu não quisesse... tentar ou não a vaga... talvez...aí entraria um mérito de... querer saber a discussão momentaneamente...até por questões de estratégias de vagas... mas eu acho que tem...que deveria...mesmo que fosse...que estivesse iminente esta questão de...do mérito dos normais... eu deveria por direito... assegurar a inscrição na... nas cotas...pela trajetória... de vivência...negra... Trajetória de dificuldades...tanto que é aquela trajetória típica... Agora...se eu tivesse... uma trajetória... de riqueza...eu não sei se eu... se eu faria a inscrição... porque fugiria um pouco da... Se eu fosse um negro rico...assim...

Tatiana: Hum...

S2: ...mas aí...não quer dizer que... este seja o meu posicionamento não...que... é que de fato é a minoria...e algum antecessor passado desse... preto rico de hoje... sofreu no passado também... Mas...até...em...questão de levar em consideração os demais...eh...eu pensaria... a questão de deixar a oportunidade... para os atuais... No momento atual...eu sou uma pessoa abastada...né...No meu círculo... tem os que não são... eu pensaria por esse lado...

Tatiana: ...e aí...então por isso você não...não se candidataria ao... concurso pra pedir, por exemplo a cota...pardo.

S2: É...isso é estranho porque...eu não me inscrevi ainda em nenhum tipo de...eu nem parei pra pensar nisso... mas...eh... (PAUSA) agora...não. Agora não. Mas na época do vestibular... talvez sim... porque a trajetória de luta estava por começar...Hoje...por mais que eu tenha pouco tempo de formação... eu acho que eu já tive a minha formação já... Eu já tive as minhas conquistas... as mínimas conquistas... e...acho que o momento seria de... oportunidade para os...os atuais...que...

Tatiana: Entendi...uma pergunta: em algum momento da sua vida...agora...você... você mesmo... Você já identificou algum tipo de discriminação que fosse preconceituosa...pra você...no sentido do racismo...com você...como pardo? E isso te possibilitou identificar...em algum momento que “isso é racismo”?

S2: Já sim...mas eu não vou saber contar agora... porque já teve alguns momentos que me chocaram...assim... fora do ambiente escola... e até...convivência... e até por isso eu tive dificuldades...porque... o meu convívio é muito... em torno disso né...eu pouco me lembro das coisas externas a isso... mas eu acho que foi uma situação de...de...de está envolvido nessa situação de Belo Horizonte, Centro, deslocamentos e tal... eu já vi...já...algumas coisas... mas...impactante mas... que não fazia muito parte do meu... grande círculo né...então... eu passava por aquilo como um passageiro que poderia vivenciar só por questão de cinco segundos...

Tatiana: ...hum...e você pode contar...ham...de como foi a situação?

S2: Ah...é questão de... de...de no Centro eu já...questão de negros que... gostam de usar um estilo mais...*afro regue*...e tal... serem interpelados por policiais... e...assim...sem nenhum... motivo... ou força... maior evidente... talvez pudesse ter uma investigação...uma longa investigação... uma vasta investigação criminal anterior... mas

não era o que parecia... e aí...mais adiante... instantes depois... se vê um tipo caucasiano... tendo que ser algemado...né...

Tatiana: Humhum...

S2: ...mas eu já vi isso...umas duas vezes... por questão de força policial...

Tatiana: Você já... sentiu na pele algum tipo de preconceito...em caráter de racismo...mas com você?

S2: Não...não.

(PAUSA)

S2: Não que eu sentisse naquele momento... diretamente... talvez depois...

Tatiana: Você conseguiu interpretar isso depois...?

S2: Em algumas situações...sim... mas... muito ligado a questão família...né... a minha mãe...e tal...

Tatiana: Entendi...

S2: Mas...isso...é uma interpretação posterior...e tal...

Tatiana: Humhum...

S2: Eh...mas não diretamente...

Tatiana: Você acha que por exemplo...bem...eu estou inferindo algumas coisas...bem...vamos pensar assim...Você acha que por exemplo... às vezes no caso do pardo...fica mais difícil... da gente localizar um preconceito... quando ele é racial... em determinado momento...Você acha que essas coisas elas só...elas aparecem muito mais... muito mais em piadas disfarçadas... pro pardo... é muito mais difícil pra ele... ver ou...identificar num primeiro momento... quando ele está sofrendo algum...alguma espécie de racismo...?

S2: Sim...sim...sim... e...aí as vezes...ahm...toca o pardo no momento em que ele sente como parte... de uma família né... de uma trajetória familiar negra... aí ele sente que está sendo atingido por... pela questão familiar... né... “Tão falando diretamente da minha mãe...” vamos dizer assim... e...se estão falando da minha mãe... estão falando de mim... né...Isso é uma linhagem familiar mais direta... assim... eu acho... que o preconceito do pardo... passa por aí...não dá nem pra falar que é indiretamente porque... essa questão familiar é muito direta... pra mim...sabe... então... nem dá pra falar que é um... um indireto...hum...

(SILÊNCIO)

Tatiana: Eu...eu não sei se você lembra de...na época do Conexões... eu não lembro se você saiu antes do MAD... Você lembra do MAD que era o Movimento Afirmando Direitos?...O pessoal do Ações Afirmativas...encabeçou...e aí...também...tinham...pessoas do Conexões... que participaram...e...Era assim...encabeçou assim... não o Ações Afirmativas diretamente...mas... pessoas que estavam no Ações Afirmativas... bolsistas também como a gente... mais bolsistas do Conexões de Saberes... e começaram a se organizar... e...bem... tinha algumas

palestras... fizeram algumas palestras pelo campus...foram em algumas unidades falando... tentando dar uma... eh...suscitar um pouco mais o debate a respeito...das questões raciais...foi nesse sentido. Eh...uma observação que...depois a gente foi fazendo...que eu fui fazendo... é que a grande parte...grande parte dos integrantes do MAD...eram negros... a grande maioria negros...da pele preta... a grande maioria...

S2: Hum...

Tatiana: ...muito poucos...eram pessoas do Conexões de Saberes... O que...Por que ...você acha... que houve esse movimento... muito maior dos negros... da pele preta do que dos pardos... e do Conexões de Saberes naquele momento... a participação foi menor ainda... O único que eu lembro que participou realmente desse movimento foi o João Francisco¹²⁷.

S2: Foi um...por acaso era da época... que tinha o pessoa da...da...que era orientado lá pelo Juarez¹²⁸...

Tatiana:isso mesmo...

S2: ...que tinha...eu não sei se você lembra da Maria Catarina¹²⁹...

Tatiana: Isso...isso...

S2: Aquilo era o MAB...pra era o...

¹²⁷ Nome fictício.

¹²⁸ Referência ao Prof. Juarez Dayrel da Faculdade de Educação da UFMG.

¹²⁹ Nome fictício de integrante do Programa Conexões de Saberes. Manteve-se apenas o gênero referente ao integrante, no caso, o feminino.

Tatiana: MAD...

S2: MAD...pra era o Ações Afirmativas...alguma coisa...

Tatiana: ...é...tinha gente do Ações Afirmativas... tinha o Conexões também...

S2: ...que era o grupo mesmo...o programa mesmo...

Tatiana: ...é...era o programa mesmo...era como se fosse um...

S2: ...um projeto...

Tatiana: Não...era uma junção de estudantes que...tipo...humm...fundaram o MAD... e aí foram pra discussão...

S2: Hum...

Tatiana: Era quase que um movimento independente...era um movimento mesmo...independente... Movimento Afirmando Direitos...aí estas pessoas se juntaram...

S2: Olha...Hum...eu acho que...o negócio floresceu mais...depois que eu já não estava...mais... porque eu não lembro do João Francisco¹³⁰ ...eu lembro que só tinha meninas no meio...

¹³⁰ Nome fictício.

Tatiana: Ahm...é? Porque eu não participei do MAD...efetivamente...e muitas outras pessoas também não.

S2: ...E...são destes que eu estou falando...que tinha a Maria Catarina¹³¹...só tinha...meninas...e eu lembro que tinha um menino da Geografia...que era até colega do João Francisco¹³²...Esqueci o nome...

Tatiana: Pedro José¹³³?

S2: Pedro José. É...mais isso foi só uma questão de manipulação de bolsas...porque ele entrou via...Ações Afirmativas... porque não tinha mais bolsa no Conexões...

Tatiana: Ahm...não...não...não...isso aí já era outra coisa...

S2: Ahm...mas então eu acho que era anterior ao MAD...

Tatiana: É...isso.

S2: ...era um movimento de estudantes né...É...eu não acompanhei o outro não...mas aí...só passando pela questão que você falou que tinha mais...mais negros pele preta e pouco envolvimento do Conexões né... É...vai um pouco do...eu acho que da formação...cai na formação... do pessoal... e... e da vivência atual... aí...além de se...por

¹³¹ Nome fictício.

¹³² Nome fictício.

¹³³ Nome fictício de integrante do Programa Conexões de Saberes. Manteve-se apenas o gênero referente ao integrante, no caso, o masculino.

acaso... precisar de uma bagagem... é...de trajetória histórica...eles teriam... mas talvez não tivessem muita bagagem na vivência atual... que queira ou não queira...ela é maior do que a do pardo... né...

Tatiana: Hum...

S2: ...ai...o Conexões que eu tinha te falado...ainda naquele momento tinham poucos... que tinham fortemente... o conceito de discutir isso... É...na época a gente tinha muita interface... lá com o pessoa do Ações Afirmativas... Eu não me sentia a vontade pra ... discutir porque... não por questões de me achar pardo... ou não... mas era por questão...porque eu via aquilo como... uma discussão com um nível mais elevado... Eu não tinha formação pra estar ali... e pra aquele momento eu não achava... como fazer...que eu não deveria fazer parte...né.

Tatiana: Ok. Bem...S2...você gostaria de colocar mais alguma coisa sobre como foi a sua formação no Conexões...o seu processo... ou alguma outra coisa?

S2: Hum...não.

Tatiana: ...ou como foi o Conexões pra você na convivência com as pessoas...?

S2: É...do Conexões... a bagagem que eu levo...e que eu falo...tem algumas coisas que nunca saem...né...é a questão de interlocução com as camadas... populares... né. Eh...e foi o que eu sei mais... com link direto...depois aqui fora... a ligação com o departamento... Mas... a formação não foi tão...exitosa... no momento em que eu estava lá...pelo fato de... um... eu não ter muito amadurecimento pra assimilar... muito bem aquelas idéias... então... eu tinha uma visão... própria...que no final... das contas acabava

por... ter uma inter relação com a visão... Conexões... mas eu ainda sentia...fraco de... pensamentos... ideais... e pontos de vista...pra... aprofundar nas discussões e... seguir aquela linhagem né...mas...foi uma formação importante... mais pela visão de mundo...até.

Tatiana: Humhum... Essa...sua amiga que está na versão atual...

S2: Hum...

Tatiana: ... hoje pensando na perspectiva de pardo...porque ela é uma parda né... ?!

S2: Hum...

Tatiana: ...você consegue identificar aí...qual é o complicador...de um pardo... Já que ela é parda...e se formos pensar o pardo também como afrodescendente... e mesmo sendo uma parda que seja loira... né...dos olhos azuis... e o pai pode ser negro... ou a avó ser negra... e mesmo ela não sendo rica...digamos...

S2: Humhum...

Tatiana: Considerando essas características...são coisas que você colocou aqui...importantes...que tem muito haver com a trajetória de desigualdade...do negro na sociedade ...né...

S2: Hum...

Tatiana: ...excluídos nesse sentido...Ahm...como é que você vê isso...pra um projeto...na verdade...hoje um programa...que ascendeu a condição de programa... que você se propõe a tratar ações... a trabalhar com Ações Afirmativas...tentando alcançar um recorte da população...

S2: Humhum...

Tatiana: ...e aí...elencando uma categoria parda...uma categoria que você também trouxe pra gente aqui...uma categoria que também engloba o geralzão...

S2: É...o total...

Tatiana: ...e o que que é o geralzão...?(RISOS)

S2: É...daqui a pouco todo mundo... É...a categoria brasileira de se aproveitar das boas oportunidades, né...É...uma cota é uma boa oportunidade. Daqui a pouco tem cento e noventa milhões querendo entrar via...cotas raciais... dada a auto-afirmação via... miscigenação...então...

Tatiana: E...ai...essa auto-afirmação...pensando...ela não é só uma afirmação naquele momento... porque o outro vai te cobrar o tempo todo daquilo... também...né?!

S2: Hum...

Tatiana: ...no cotidiano... na vivência... né...

S2: É...

Tatiana: Como que você vê essa possibilidade... até mesmo pra se pensar políticas públicas...

S2: É...é...eu até...hum...

Tatiana: ... você como um pardo? Nesse sentido pensando as várias possibilidades que o pardo pode emergir...aí...

S2: Hum...eu estou pensando na... muito na questão da formação... é... quando o Conexões está elencando... bolsistas...ele não está elencando... especialistas... então são mentes que precisam ser formadas... conhecimentos que precisam ser agregados... Então...essa menina em específico... o que eu sei dela...e eu não sei muito... eu sei que por exemplo...ela...é de fato branca do cabelo liso... só que ela vem de uma comunidade rural... da cidade... em que noventa por cento da população é negra e... talvez seja uma das maiores... pelo menos de Minas eu tenho certeza que é... que ainda tem remanescentes de Quilombos...

Tatiana: Humhum...

S2: Então...assim...ela tem uma trajetória...

Tatiana: Humhum...

S2: ...por mais que ela seja loiríssima... a cidade dela é noventa por cento... de pessoas que tem uma trajetória...né...

Tatiana: Humhum...

S2: Acho que a contribuição dela...seria extremamente importante...

Tatiana: Humhum...

S2: ...pra trazer o recorte... que ela tem de vivência...e...mas...eu não sei o que deve ter acontecido pra ela poder...ter chegado a esse momento de... choque... de se sentir...discriminada...né... Tudo bem...natural...assim...o que salta aos olhos...é que...ela não está com uma boa formação ainda... Ela mantinha uma concepção bem formada...a respeito disso...mas parece que procede...por que ela não...não precisaria assim...sentir.

Tatiana: Eh...pelo o que você está colocando parece que...os conflitos... eles estão surgindo... e é muito...eu não vou dizer que é a palavra natural mas que é muito...esperado...que é esperado...a...vivência disso... né...

S2: Passa... humhum...

Tatiana: E aí...duas coisas... coisas que são... e talvez ajude um pouco...eu quero te ouvir falar mais um pouco disso...Eh... o fato de ser miscigenado...nessa briga... um exemplo: [uma garotinha¹³⁴] de nove anos é loira... a mãe dela...e o pai...dela são negros...pardos... bem... é uma coisa nesse meio aí...Eh... o irmão dela...ele parece um indiozinho... e...do cabelo mais crespo...

S2: Hum...

¹³⁴ A informação dentro do colchete, excepcionalmente, foi editada para que não fosse exposta a identidade de uma menor de idade e seu núcleo familiar.

Tatiana: Provavelmente... talvez... ele... ahm...supondo... se formos analisar a grosso modo... os dois tem uma mesma família...são irmãos... Em algum momento... alguma coisa me permite inferir que... que as oportunidades que ele [o menino] terá...na vida não serão as mesmas que ela [a menina]...

S2: Hum...

Tatiana: Por que... que isso acontece... porque ela poderá alegar... “olha, eu sou...parda”...né...

S2: Hum...certo...certo...entendi...

Tatiana: E...aí...o argumento que virá é... “nós somos miscigenados... misturados”... O que está trazendo...para o campo...visual...estes conflitos...também...né...

S2: Humhum...

Tatiana: ...está dizendo da ordem social também...está dizendo de desigualdades...né...do que está faltando...pra alguns... O que que você acha disso? Estou te perguntando isso também prá...pra você dizer também...do que é possível você dizer disso? Ser um pardo...um negro...você se auto-declara...negro...e... como é que eu vou dizer disso...

S2: ...resta outra opção...

Tatiana: ...o estereótipo... digamos... pardo...

S2: Humhum...

Tatiana: ...porque isso diz para as pessoas... de como elas... e como as relações vão se dar...também...

S2: Hum...

Tatiana: ou não é...?

S2: Acho que isso diz...

Tatiana: ... É do que está acontecendo no plano da vivência...do que a gente vê no mundo aí fora...

S2: Ah! Sim...pelo fato das oportunidades diferentes...Uê...de fato...isso leva a crer que...segue por um caminho que...não vai dar muito certo né... vai tendenciar... a prosseguir nesse de oportunidades diferentes... eh...mas eu não...consigo enxergar o cerne do ponto de divisão...não. Até onde...que vai esse discurso...Se esse discurso é válido...se não é válido.

Tatiana: Pra quem faz política pública...isso é um impasse...

S2: Pra quem elabora as políticas públicas...

Tatiana: E aí?

S2: (RISOS) Bem complicado... (SILÊNCIO) Eh... por isso que eu acho que é necessária a intervenção dos profissionais...né...que são as pessoas que passaram pela formação...Ai...parece que é uma coisa que vem de cima pra baixo também...mas...eh...isso tem que ser mais assimilado ao dia a dia...e tal. Até...mais a estratégia... de formação de todos... pra que...não se caminhe pra essa coisa... de...enxergar que um tem mais vantagem que o outro... Eh...e por isso...da formação...Eu também estou meio...confuso...quanto a isso...mas eu acho que parte muito da formação... inicial...pra... que... não se desenrole...nesse nível...Quer me dizer mais...?

Tatiana: ...ahm...eu vou deixar você falar...a vontade...pensar...

S2: Humhum... se for o caso...site mais exemplo...pra eu partir de comparações...

Tatiana: Bem...por exemplo...vamos pensar na condição do pardo possibilitar... trânsitos...de alguma forma... se não... por que que tem pardo que se declara negro e tem pardo que não se declara negro... Por que que tem pardo que ...mas...claro...isso passa pela pressuposição de que... do querer do indivíduo... uma escolha... “olha...eu vou levantar essa bandeira aqui...eu acredito nisso...é uma saída...” “eu quero uma sociedade que caminhe...né...neste sentido” ou... “não...eu estou com esse lado de cá...” (RISOS)

S2: Ai...eu acho que talvez... acho que transcenda até esse... ponto...foco...e parte pra uma questão de... que...é...a sociedade é formada por...está muito focada em interesses próprios né... ahm...os interesses primordiais são os próprios... então isso seria anterior a esse processo ainda... Essa formação de interesse coletivo... tá longe de... sem formação coletiva...aí vai dificultar bastante...a formação de desmanche de desigualdades... para a formação de igualdade... Porque a igualdade é a coletividade... e aí...?! Algo mais?

Tatiana: Está a seu critério...se você quiser falar mais alguma coisa...

S2: Não. Ok.

Tatiana: Então...eu acho que é isso. Obrigada, mais uma vez.

APÊNDICE G

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por este instrumento fica acordado - entre pesquisador e entrevistado - que os relatos - entendidos aqui como dados da pesquisa - emitidos na(s) rodada(s) de entrevistas serão analisados e conforme a necessidade serão utilizados nomes fictícios evitando-se dessa maneira identificações que possam levar a exposição e/ou a localização do entrevistado participante da pesquisa. Dessa maneira os sujeitos envolvidos na pesquisa estarão protegidos de quaisquer riscos de identificação, portanto suas identidades serão mantidas em anonimato. A gravação em áudio ocorrerá com o objetivo de registrar os relatos das entrevistas em período (dia/hora) e local acordado entre as partes envolvidas: o entrevistado e o pesquisador. Os registros das entrevistas serão transcritos (digitados) em sua íntegra e encaminhados ao entrevistado para sua conferência; dessa forma, espera-se que seja garantida a transparência e a lisura na relação entre pesquisador e entrevistado. O acordo firmado neste contrato torna o pesquisador sujeito às punições éticas cabíveis pelo COEP/UFMG (Conselho de Ética na Pesquisa na UFMG) em caso de descumprimento deste. Os dados da pesquisa poderão ser divulgados independentes das considerações finais do pesquisador.

A entrevista é concedida de forma voluntária, com fins estritamente de pesquisa, inclusive para sua possível publicação, ficando isento de ônus de qualquer espécie o pesquisador e o entrevistado. O uso e a destinação dos dados coletados serão utilizados estritamente para fins de pesquisa.

Assinam abaixo o entrevistado consentindo o uso dos dados na forma prevista neste contrato e o pesquisador compromete-se a cumprir o acordo.

Entrevistado: _____
(Sujeito de pesquisa X)

Pesquisador responsável: _____
(Profa. Dra. Cláudia Andréa Mayorga Borges)

Pesquisador autor: _____
(Tatiana Lucia Cardoso)

Belo Horizonte, _____ de _____ de _____.

Pesquisador responsável: Profa. Dra. Cláudia Andréa Mayorga Borges (psicologa.claudia@ufmg.br) / Autora: Tatiana Lucia Cardoso (psicologa.tatiana@ufmg.br) / Departamento de Psicologia/ Programa de Pós-Graduação - Dr. Anísio Carlos, 6627 - FURCH 4º andar - Sala 4.005 - CEP 31.270-901 - Telefone: (31) 3409-5043. E-mail: maepal@fch.ufmg.br - url: <http://www.fch.ufmg.br/~maepal/> COOP/UFMG/Conselho de Ética na Pesquisa na UFMG: Unidade Administrativa II (Grúdo da Fundeg), 2º andar, sala 2005. Telefone: (31) 3409-4992 - CEP:31.270-901 - BH/MG.E-mail: coep@ppg.ufmg.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em Psicologia

RESPONSÁVEIS PELA PESQUISA

- Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Cláudia Andréa Mayorga Borges
mayorga.claudia@gmail.com

- Autora: Tatiana Lucia Cardoso
tatiana.luciacardoso@yahoo.com.br

- Departamento de Psicologia: Programa de Pós-Graduação - Av. Antonio Carlos,
6.627 - FAFICH 4º Andar - Sala 4.005 - CEP 31.270-901 - Telefax: (031) 3409-5042.
E-mail: mestpsi@fafich.ufmg.br ejet: <http://www.fafich.ufmg.br/~mestpsi>.

- COEP/UFMG(Conselho de Ética na Pesquisa na UFMG): Unidade Administrativa II
(prédio da Fundap), 2º andar, sala 2005. Telefax: (31) 3409-4592 - CEP:31.270-901 -
BHMG. E-mail: coep@ppq.ufmg.br .

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Cláudia Andréa Mayorga Borges (mayorga.claudia@gmail.com)/ Autora:
Tatiana Lucia Cardoso(tatiana.luciacardoso@yahoo.com.br) / Departamento de Psicologia: Programa de Pós-
Graduação - Av. Antonio Carlos, 6.627 - FAFICH 4º Andar - Sala 4.005 - CEP 31.270-901 - Telefax: (031) 3409-5042.
E-mail: mestpsi@fafich.ufmg.br - url: <http://www.fafich.ufmg.br/~mestpsi/> COEP/UFMG(Conselho de Ética na Pesquisa
na UFMG): Unidade Administrativa II (prédio da Fundap), 2º andar, sala 2005. Telefax: (31) 3409-4592 - CEP:31.270-
901 - BHMG. E-mail: coep@ppq.ufmg.br .

APÊNDICE H

ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Projeto de pesquisa - Negritude e Branquitude: memória, discurso e relações de poder na construção da identidade.

Autora: Tatiana Lucia Cardoso

Entrevista em profundidade baseada em história de vida: Identificação étnico-racial, raça, memória, poder, saber e relações raciais no Brasil

1. O ato de contar a história de vida.

- Quais as principais referências? (família, amigos, trabalho, escola, relacionamentos)
- Como você percebe os outros nas relações?
- Qual a sua pertença racial?
- Quais as implicações dessa pertença para a vida em sociedade?
- Que visões de mundo a formação acadêmica propiciou?
- Qual o papel da universidade na sua percepção?
- Qual o papel da cultura na sua percepção?

2. Correlações entre teoria e experiência

- Quais os sentidos dados ao mundo das vivências?
- Qual o grau de influência da historicidade na construção identitária do sujeito?
- Quando as relações de poder demarcam os espaços e os conflitos identitários? Qual (is) a(s) saídas encontradas? Quais estratégias são utilizadas?

3. Compromisso social

- Quais são as principais motivações?
- Como os sujeitos (re)elaboram, através do discurso, a realidade percebida?

ANEXOS

ANEXO A – Característica por curso – maior prestígio

Característica Socioeconômica dos Candidatos: Por Curso (Maior Prestígio)															
Medicina		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	10668	40,2%	59,8%	19,76	*	*	4%	26%	3,7%	66,1%	6,21	46,3%	30,5%	23,2%
	2003	9701	39,7%	60,3%	19,71	79,5%	20,5%	3,9%	22,7%	3,2%	70%	6,09	48,8%	31%	20,2%
	2004	9385	38,3%	61,7%	19,56	68%	25,5%	4%	22,1%	3%	70,8%	6,29	53%	29%	17,5%
	2005	9632	37,7%	62,3%	19,64	64,7%	28,4%	3,7%	22,3%	3,1%	70,7%	6,25	53,9%	29,4%	16%
	2006	9481	37,7%	62,3%	19,56	63,5%	27,9%	3,6%	20,5%	2,6%	73,2%	6,79	56,7%	28,4%	14,9%
	2007	9092	36,9%	63,1%	19,59	63,1%	28%	3,7%	20,7%	2,5%	72,9%	5,31	60,1%	27,5%	12,5%
Ciênc. Bio. - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2159	31,3%	68,7%	19,88	*	*	3,2%	46,1%	9%	41,5%	4,65	69,7%	20,3%	9,9%
	2003	2133	32%	68%	20,02	70,2%	29,8%	3,1%	43%	9%	44,6%	4,58	72,2%	18,2%	9,6%
	2004	1764	33,6%	66,4%	19,31	49%	41,9%	3,3%	40,9%	6,4%	49,3%	4,92	73%	17,8%	8,5%
	2005	2179	33,5%	66,5%	19,26	59,6%	32%	3,3%	38,1%	6,8%	51,7%	5,09	69%	21,3%	8,5%
	2006	1798	30,3%	69,7%	19,13	57,3%	31,7%	3,3%	37,1%	6,5%	53%	5,95	71,4%	20%	8,6%
	2007	1690	32,2%	67,8%	19,05	53,3%	35,6%	3%	40,4%	5,4%	51,2%	4,64	77,9%	17,9%	4,5%
Enga. Química		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	567	43,4%	56,6%	19,71	*	*	8,3%	41,5%	6,2%	43,8%	4,76	68,3%	17,9%	13,8%
	2003	654	42,8%	57,2%	19,09	71,2%	28,8%	7,1%	35,1%	4,5%	53,2%	4,73	67,3%	21,8%	10,9%
	2004	547	48,3%	51,7%	18,88	63,7%	32,4%	6,4%	30,6%	6,8%	56%	5,21	67,5%	24,3%	7,5%
	2005	771	46,6%	53,4%	18,81	61,4%	6,4%	7,1%	36,4%	4,5%	51,7%	5,04	70,6%	20,1%	8,3%
	2006	820	45%	55%	18,64	56%	33,9%	9%	28,9%	3,4%	58,7%	6,13	67,6%	23,2%	9,2%
	2007	958	48%	52%	18,74	58,2%	33,4%	7,9%	32,8%	3,8%	55,5%	4,83	71,5%	22,1%	6,4%

Fisioterapia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1512	7,7%	92,3%	19,71	*	*	3,4%	39,3%	6,9%	50,3%	3,97	64,5%	23,9%	11,6%
	2003	2115	19,7%	80,3%	19,75	72,5%	27,5%	3,7%	43,3%	6,7%	45,9%	4,57	69,5%	22,2%	8,3%
	2004	1799	21,9%	78,1%	19,56	60,8%	31,9%	3,3%	42,9%	7,7%	45,8%	4,73	74,3%	17,8%	7,1%
	2005	1840	17,4%	82,6%	19,52	55,8%	35,5%	3%	46,7%	7,1%	43,1%	4,58	77,7%	14,9%	6,1%
	2006	1600	16,1%	83,9%	19,38	52,6%	38%	2%	47,9%	7,3%	42,7%	5,51	80,2%	15,8%	3,9%
	2007	1246	15,7%	84,3%	19,46	49,3%	43,6%	2,1%	51,8%	7,1%	38,7%	4,31	85,8%	11%	3,2%
Enga. Cont. Autm.		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1008	89%	11%	19	*	*	8,5%	29,6%	4,8%	56,9%	5,43	54,1%	28,8%	17,1%
	2003	1293	90,6%	9,4%	19,24	71,5%	24,8%	8,6%	29,6%	5,4%	56,1%	5,01	60,1%	25,3%	14,5%
	2004	913	90,9%	9,1%	18,88	63,4%	28,3%	9,6%	27,4%	2,7%	60,1%	5,42	61,9%	27,2%	10,4%
	2005	877	89,9%	10,1%	18,83	59,1%	31,1%	8,7%	26,1%	5%	60,1%	5,46	61,6%	28,4%	9,7%
	2006	901	89,2%	10,8%	18,62	59,6%	32%	8,2%	24,7%	3,7%	63,3%	6,12	65,7%	26,9%	7,5%
	2007	886	87,2%	12,8%	18,65	61,2%	29,5%	7,4%	25,7%	4,1%	62,5%	4,9	69,3%	23,6%	7%
Enga. Produção		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	968	60%	40%	19,68	*	*	7,5%	33,6%	6,7%	51,9%	5,13	59,3%	25,7%	15%
	2003	770	60,9%	39,1%	19,32	74,3%	25,7%	7,4%	24%	3,1%	65,4%	5,45	56,6%	26,3%	17,1%
	2004	833	62,9%	37,1%	19,18	69,4%	24,5%	7,8%	25,6%	3,7%	62,6%	5,76	55%	27,9%	16,9%
	2005	823	58,9%	41,1%	18,78	65,1%	26,9%	6,6%	22,3%	3,5%	67,6%	6,11	52,1%	29,6%	17,7%
	2006	864	59,5%	40,5%	18,67	66,6%	25,9%	6,4%	20,8%	2,4%	70,4%	6,66	55,5%	28,1%	16,4%
	2007	987	56,2%	43,8%	18,53	65,4%	27,6%	4,8%	23%	2,1%	69,9%	5,19	60%	28%	12,1%
Cienc. Comp.		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2668	75,2%	24,8%	19,81	*	*	6,5%	49,8%	8,7%	34,7%	4,06	72,9%	17,2%	9,9%
	2003	2119	80,7%	19,3%	19,87	66,8%	33,2%	5,4%	44,3%	8,6%	41,2%	4,11	72,8%	19%	8,3%
	2004	1892	84,6%	15,4%	19,46	59,5%	32,5%	6,4%	41,5%	7,7%	44,1%	4,59	71,9%	19,9%	7,5%
	2005	2004	85,2%	14,8%	19,35	55,8%	34,5%	5,9%	43,5%	7,9%	42,5%	4,6	73,9%	18,3%	7,2%

	2006	1507	84,3%	15,7%	19,24	51,9%	37,2%	6%	42,4%	7,3%	43,9%	5,48	77,5%	16,9%	5,6%
	2007	1425	83,9%	16,1%	19,13	51,4%	39,8%	4,6%	44,9%	7,3%	42,6%	4,38	78,8%	16,7%	4,4%
Direito - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	8748	44,9%	55,1%	21,83	*	*	4%	39,2%	9%	47%	4,89	59%	23,8%	17,2%
	2003	7284	45,7%	54,3%	21,84	70,2%	29,8%	4,4%	36,9%	7,4%	50,7%	4,8	60,1%	24,1%	15,7%
	2004	3798	39,6%	60,4%	19,82	66,1%	26,8%	3,5%	28,6%	4,9%	62,6%	5,93	56,8%	26,4%	16,1%
	2005	3337	37,2%	62,8%	19,74	62,8%	30%	3,2%	26,2%	4,8%	65,4%	6,09	54,8%	26,9%	17,4%
	2006	3756	37,7%	62,3%	19,57	63,1%	28,8%	3%	24,1%	3,3%	69,2%	6,73	57,9%	27,4%	14,7%
	2007	3172	34,8%	65,2%	19,33	62,2%	29,7%	2,6%	24,2%	2,7%	70,3%	5,36	57,9%	27,5%	14,6%
Comum. Social		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	3647	35,3%	64,7%	19,58	*	*	3,3%	44,2%	8%	44,3%	4,79	66,3%	21,3%	12,4%
	2003	3414	36,8%	63,2%	19,34	72%	28%	3,1%	39%	8,2%	49,4%	4,75	67,1%	29,9%	11%
	2004	2903	35,6%	64,4%	18,94	61,4%	29,5%	3,5%	36,6%	7,1%	52,4%	5,2	66,9%	22%	10,3%
	2005	3372	36,4%	63,6%	19,06	59,4%	32,4%	3%	36,1%	6,9%	53,8%	5,24	67,5%	22,1%	9,6%
	2006	2798	33,7%	66,3%	18,99	57,3%	33,3%	3%	38,3%	5,6%	52,9%	5,96	72,4%	20,4%	7,2%
	2007	2426	33,9%	66,1%	18,9	57,2%	34,7%	2,3%	36,7%	4,8%	56,1%	4,76	72,3%	20,6%	7,1%
Med. Veterinária		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2384	35,8%	64,2%	20	*	*	4,4%	37,9%	8,2%	49,3%	5,21	59,9%	25,9%	14,2%
	2003	2558	37,9%	62,1%	20,07	78,5%	21,5%	3,9%	37,9%	8,6%	49,5%	4,83	65,7%	23,5%	10,9%
	2004	2082	39%	61%	19,78	67,2%	24,9%	4%	22,1%	3%	70,8%	5,2	67,7%	21,4%	10,6%
	2005	2194	37,8%	62,2%	19,8	64,8%	27,9%	3,7%	22,3%	3,1%	70,7%	5,19	68,5%	21%	9,4%
	2006	2029	35,1%	64,9%	19,79	60,4%	29,7%	4%	36,4%	6,3%	52,9%	5,97	71,1%	21,3%	7,6%
	2007	1929	31,9%	68,1%	19,45	61,4%	30,6%	3,9%	35,5%	5,6%	54,7%	5,31	75,8%	17,8%	6,58%
Enga. Elétrica		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1859	85,6%	14,4%	19,85	*	*	10,6%	40,1%	5,7%	43,2%	4,59	67,1%	21,4%	11,6%
	2003	1241	88,1%	11,9%	19,67	71,2%	28,8%	9,3%	36,7%	4,4%	49,2%	4,55	67,5%	22,5%	10%

	2004	967	89,5%	10,5%	19,64	60,4%	31,7%	10,7%	39,2%	5,3%	44,7%	4,58	71,4%	18,9%	9,4%
	2005	999	90,2%	9,8%	19,55	56,6%	35,3%	12,1%	37,7%	5,6%	44,4%	4,6	72,6%	16,1%	10,9%
	2006	955	87,3%	12,7%	19,32	52,5%	38,1%	12,3%	37%	4,4%	46,2%	5,32	75,8%	18,7%	5,6%
	2007	1014	85,6%	14,4%	19,26	56,1%	35,5%	12,6%	34,3%	4,2%	48,8%	4,51	74%	19,6%	6,4%
Enga. Mecanica - Dia	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM	
	2002	873	92,8%	7,2%	20,15	*	*	4,9%	39,8%	7,6%	47,4%	4,83	63,4%	22,6%	14,1%
	2003	892	93,9%	6,1%	19,57	58,5%	41,5%	6,2%	29,9%	5,1%	58,7%	5,18	57,6%	28,6%	13,9%
	2004	819	93,7%	6,3%	19,03	65,6%	26,5%	5,2%	31,2%	5%	58,5%	5,51	61,5%	23%	14,8%
	2005	840	93,9%	6,1%	18,76	62,9%	30,2%	5,5%	34,8%	5,1%	54,5%	5,38	63,9%	23,8%	11,8%
	2006	920	92,6%	7,4%	18,8	58,5%	31,8%	5,2%	28,5%	4,1%	61,9%	6,25	63,6%	25,9%	10,5%
	2007	944	91,4%	8,6%	18,54	61,7%	29%	4,3%	27,6%	4,2%	63,6%	5,08	62,2%	27,4%	10,4%
Administração - Dia	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM	
	2002	1181	43%	57%	19,47	*	*	2,5%	41,4%	6,5%	49,4%	5,17	57,4%	23,5%	19%
	2003	1159	48%	52%	19,74	74,1%	25,9%	2,7%	34,8%	6,6%	55,9%	5,29	56,7%	25,8%	17,5%
	2004	907	49,3%	50,7%	18,98	67%	25,6%	3,1%	30,6%	6,4%	59,6%	5,71	56,9%	24,7%	17,8%
	2005	1182	44,2%	55,8%	19,06	61,7%	28,7%	2,4%	35,5%	5,6%	56,2%	5,53	59,7%	24,3%	14,7%
	2006	994	45,5%	54,5%	18,78	61,8%	29,2%	2,2%	32,3%	5,1%	60,1%	6,31	62,5%	25,5%	12%
	2007	1066	45,7%	54,3%	18,71	57,3%	34,9%	1,3%	35%	5,1%	58,6%	4,85	65,7%	22,3%	12%
Cienc. Economicas	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM	
	2002	852	55,9%	44,1%	20,6	*	*	3,1%	41,4%	9,7%	45,6%	4,46	65,2%	20,9%	13,9%
	2003	866	60,3%	39,7%	20,13	72,5%	27,5%	3,6%	36,3%	6,9%	52,8%	4,7	62,5%	23%	14,5%
	2004	666	60,8%	39,2%	19,63	61,6%	29,7%	4,6%	57,1%	12,9%	24,5%	5,27	60,1%	24,5%	14,6%
	2005	637	63,6%	36,4%	20,16	57,6%	34,5%	4,7%	33,8%	7,3%	54,1%	5,13	60,9%	21,4%	16,2%
	2006	664	58,9%	41,1%	19,68	55%	33,6%	4,8%	32,1%	4,8%	58,2%	6,13	62,3%	24,7%	13%
	2007	655	58%	42%	19,08	59,4%	28,7%	4%	27,6%	3,2%	65,2%	5,08	59%	26%	15%
Arquit. Urban.	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM	

2002	1091	30,3%	69,7%	19,75	*	*	4,7%	31,3%	7,1%	56,7%	5,51	55%	26,8%	18,2%
2003	1215	31,1%	68,9%	20,4	78,8%	21,2%	4,8%	31,8%	6,3%	56,7%	5,26	59,9%	24%	16,1%
2004	993	32,2%	67,8%	19,47	69,1%	24,1%	6,2%	30,6%	6,1%	56,8%	5,5	63,6%	23,6%	12,4%
2005	1174	29,3%	70,7%	19,67	68,6%	23,9%	6,1%	26,9%	5,2%	61,6%	5,69	59,6%	25%	14,3%
2006	1098	30,1%	69,9%	19,4	62,3%	28,7%	4,5%	29,8%	3,7%	62%	6,42	61,9%	26,6%	11,5%
2007	1165	27%	73%	19,03	64,4%	26,5%	3,4%	25,3%	3,9%	67,1%	5,12	65,7%	22,3%	12%

Fonte: Programa Conexões de Saberes na UFMG, 2007. (Pesquisa " O mapa da exclusão na universidade")

Característica Socioeconômica dos Candidatos Reprovados: Por Curso (Maior Prestígio)															
Medicina		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	10348	39,7%	60,3%	19,77	*	*	3,8%	26,6%	3,8%	65,6%	6,16	47%	30,5%	22,5%
	2003	9382	39,3%	60,7%	19,71	79,4%	20,6%	3,8%	23,2%	3,2%	69,6%	6,04	49,5%	30,8%	19,7%
	2004	9065	37,9%	62,1%	19,57	67,7%	25,7%	3,8%	22,6%	3%	70,4%	6,24	53,7%	28,6%	17,1%
	2005	9312	37,1%	62,9%	19,63	64,7%	28,5%	3,5%	22,8%	3,2%	70,3%	6,21	54,5%	29,1%	15,7%
	2006	9161	37,2%	62,8%	19,56	63,4%	28%	3,3%	21,1%	2,7%	72,7%	6,75	57,4%	28%	14,5%
	2007	8772	36,5%	63,5%	19,59	63,1%	28,2%	3,5%	21,4%	2,5%	72,5%	5,28	60,8%	26,9%	12,3%
Ciênc. Bio. - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2079	30,5%	69,5%	19,93	*	*	2,9%	47,4%	9,3%	40,2%	4,54	71,6%	19,5%	8,9%
	2003	2054	31,5%	68,5%	20,05	69,7%	30,3%	2,9%	44,2%	9%	43,5%	4,49	73,6%	18%	8,4%
	2004	1684	33,1%	66,9%	19,33	58,7%	32%	3,1%	42,6%	6,6%	47,5%	4,79	74,9%	16,9%	7,4%
	2005	2099	33,1%	66,9%	19,29	58,9%	32,6%	3,1%	39,3%	7,1%	50,4%	4,99	70,5%	20,5%	7,7%
	2006	1718	29,5%	70,5%	19,16	56,8%	32,4%	2,6%	38,5%	6,7%	52,1%	5,88	72,8%	19,2%	8%
	2007	1610	31,6%	68,4%	19,06	52,6%	36,2%	2,7%	42%	5,5%	49,6%	4,57	79,7%	16,5%	3,8%

Enga. Quimica		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	517	42,2%	57,8%	19,68	*	*	6,6%	44,4%	6,6%	42,2%	4,56	71,4%	16,7%	11,9%
	2003	604	41,9%	58,1%	19,16	71,4%	28,6%	6,3%	37,1%	4,7%	51,8%	4,55	70,2%	20,4%	9,4%
	2004	497	47,9%	52,1%	18,95	63,5%	30%	5,7%	32,9%	7,3%	53,9%	5,07	70,2%	22,7%	6,2%
	2005	721	46,2%	53,8%	18,85	60,2%	31,6%	6,8%	38,3%	4,9%	49,7%	4,89	73,2%	18,4%	7,2%
	2006	770	44,3%	55,7%	18,66	55,4%	34,6%	9%	30,6%	3,6%	56,8%	6	69,8%	22,7%	7,4%
	2007	908	47,7%	52,3%	18,76	57,7%	34,3%	8%	34,5%	4%	53,5%	4,75	74%	20,9%	5,2%
Fisioterapia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2131	18,9%	81,1%	19,72	*	*	3,1%	40,2%	7%	49,6%	4,92	65,2%	23,6%	11,2%
	2003	2055	19,5%	80,5%	19,77	72,5%	27,5%	3,3%	44,1%	6,8%	45,3%	4,53	70%	21,9%	8,1%
	2004	1739	21,6%	78,4%	19,56	60,9%	31,7%	3%	44%	8%	44,8%	4,66	75,2%	17,1%	6,8%
	2005	1780	17,1%	82,9%	19,52	55,3%	36%	2,7%	47,6%	7,4%	42,1%	4,51	78,7%	14,3%	5,7%
	2006	1540	16%	84%	19,37	51,9%	38,6%	1,7%	49,3%	7,6%	41,3%	5,44	81,7%	14,8%	3,5%
	2007	1186	15,4%	84,6%	19,47	48,2%	45%	1,9%	54%	7,3%	36,4%	4,26	87,2%	10%	2,8%
Enga. Cont. Autm.		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	928	88,7%	11,3%	19,07	*	*	7,9%	31,6%	5,1%	55,2%	5,3	55,4%	29%	15,6%
	2003	1213	90,3%	9,7%	19,32	73,8%	26,2%	7,6%	31,1%	5,8%	55,3%	4,87	62,4%	24,3%	13,3%
	2004	833	90,6%	9,4%	18,94	62,3%	29%	8,4%	29,4%	3%	58,9%	5,27	63,9%	25,6%	10%
	2005	797	89,3%	10,7%	18,9	58,4%	31,7%	7,8%	28,4%	5,5%	58,1%	5,32	63,7%	27%	8,9%
	2006	821	88,9%	11,1%	18,68	59,1%	32,4%	7,3%	26,7%	3,9%	62%	6,01	67,8%	25,3%	6,9%
	2007	806	86,7%	13,3%	18,69	60,9%	30,6%	6,1%	27,5%	4,5%	61,8%	4,8	71%	22,8%	6,2%
Enga. Produção		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	888	59%	41%	19,72	*	*	7,2%	35,7%	7,3%	49,4%	4,93	62,1%	25,4%	12,4%
	2003	690	60%	40%	19,43	73,4%	26,6%	7,4%	26,2%	3,5%	62,9%	5,2	60%	25,7%	14,3%
	2004	753	62,3%	37,7%	19,24	68,5%	25,1%	7,6%	27,9%	4,1%	60,1%	5,57	58,2%	26,4%	15,3%
	2005	743	57,7%	42,3%	18,84	64,2%	28,1%	6,6%	24,4%	3,9%	65,1%	5,88	56,3%	28%	15,2%

	2006	784	59,4%	40,6%	18,69	65,8%	26,6%	6%	22,6%	2,7%	68,8%	6,49	58,6%	27,2%	14,2%
	2007	907	55,1%	44,9%	18,56	64,6%	28,5%	4,5%	25%	2,3%	67,9%	5,07	71%	22,8%	6,2%
Cienc. Comp.		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2588	74,7%	25,3%	19,84	*	*	5,9%	51,2%	8,8%	33,8%	3,99	74%	16,8%	9,3%
	2003	2042	80,4%	19,6%	19,87	66,3%	33,7%	4,8%	45,4%	8,9%	40,3%	4,04	73,8%	18,4%	7,8%
	2004	1812	84,5%	15,5%	19,48	59,1%	32,9%	5,5%	43,1%	8%	43,1%	4,53	72,8%	19,6%	6,9%
	2005	1924	85%	15%	19,36	55,2%	35,3%	5,4%	44,8%	8,2%	41,4%	4,51	75,1%	17,8%	6,4%
	2006	1427	83,9%	16,1%	19,27	51%	38,1%	5,1%	44,4%	7,6%	42,5%	5,38	79%	16,1%	4,9%
	2007	1345	83,5%	16,5%	19,14	50,7%	40,6%	3,9%	46,7%	7,7%	41%	4,31	80,5%	15,7%	3,8%
Direito - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	8418	44,7%	55,3%	21,92	*	*	3,8%	40,5%	9,2%	45,7%	4,79	60,4%	23,5%	16,2%
	2003	6955	45,6%	54,4%	21,93	69,6%	30,4%	4,1%	38,3%	7,6%	49,3%	4,68	61,8%	23,5%	14,7%
	2004	3598	39,1%	60,9%	19,9	65,6%	27,3%	3,3%	30%	5,2%	61,1%	5,8	58,6%	25,9%	14,8%
	2005	3136	37%	63%	19,83	62,1%	30,5%	2,9%	27,6%	5%	64%	5,98	56,5%	26,2%	16,4%
	2006	3556	37,4%	62,6%	19,64	62,6%	29,4%	2,8%	25,3%	3,5%	68,1%	6,64	59,8%	26,7%	13,5%
	2007	2972	34,4%	65,6%	19,39	62,1%	30,4%	2,3%	25,7%	2,8%	69%	5,28	59,9%	26,6%	13,5%
Comum. Social		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	3547	35%	65%	19,61	*	*	3,1%	45,2%	8,1%	43,3%	4,72	67,2%	20,9%	11,9%
	2003	3314	36,4%	63,6%	19,36	71,8%	28,2%	2,8%	39,9%	8,4%	48,7%	4,68	68,2%	21,4%	10,4%
	2004	2803	35,7%	64,3%	18,96	61%	30%	3,2%	37,5%	7,3%	51,5%	5,12	68%	21,3%	9,8%
	2005	3272	35,9%	64,1%	19,07	59,2%	32,7%	2,8%	37,1%	7%	52,8%	5,18	68,7%	21,4%	9,1%
	2006	2698	33,1%	66,9%	19,01	56,8%	33,9%	2,9%	39,5%	5,8%	51,6%	5,9	73,7%	19,5%	6,8%
	2007	2326	33,7%	66,3%	18,92	56,9%	35,3%	2%	38,1%	4,8%	55%	4,71	73,5%	19,8%	6,7%
Med. Veterinária		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2264	35,2%	64,8%	20,05	*	*	3,9%	39,5%	8,5%	47,9%	5,09	61,5%	25,5%	13,1%
	2003	2438	37,3%	62,7%	20,12	78,4%	21,6%	3,9%	39,2%	8,7%	47,9%	4,72	67,3%	22,6%	10,1%

	2004	1962	38,7%	61,3%	19,82	67,2%	24,8%	3,3%	37,7%	8%	50,7%	5,11	69,2%	20,6%	9,8%
	2005	2074	37,8%	62,2%	19,82	64,7%	27,8%	3,3%	37,4%	7%	52%	5,08	69,9%	20,3%	8,6%
	2006	1909	34,4%	65,6%	19,84	59,7%	30,8%	3,8%	38%	6,4%	51,4%	5,88	72,9%	20,3%	6,9%
	2007	1809	30,8%	69,2%	19,48	61,1%	31,2%	3,7%	37,1%	5,7%	53,1%	4,62	77,5%	16,6%	6%
Enga. Elétrica		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1759	85,5%	14,5%	19,89	*	*	9,8%	41,9%	5,9%	41,9%	4,43	69,3%	20,8%	9,9%
	2003	1141	87,8%	12,2%	19,79	70,6%	29,4%	9%	39%	4,8%	46,7%	4,33	70,5%	21,5%	8%
	2004	867	89,7%	10,3%	19,78	59,1%	33%	9,5%	42,2%	5,8%	42,3%	4,35	74,3%	17,9%	7,6%
	2005	898	89,8%	10,2%	19,66	56,2%	36,4%	10,3%	41%	5,8%	42,9%	4,37	76,1%	15,5%	8%
	2006	855	87%	13%	19,43	50,5%	39,7%	10,1%	40,2%	4,8%	44,8%	5,18	78,7%	17,2%	4,1%
	2007	914	85,3%	14,7%	19,35	54,8%	36,6%	11,4%	37,9%	4,6%	46,2%	4,38	77,6%	16,9%	5,5%
Enga. Mecânica - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	793	92,9%	7,1%	20,31	*	*	4,8%	42,8%	7,7%	44,4%	4,59	66,2%	22,1%	11,7%
	2003	812	94,2%	5,8%	19,71	73,2%	26,8%	5,9%	32,2%	5,6%	56%	4,97	60,5%	26,8%	12,7%
	2004	739	93,5%	6,5%	19,1	63,5%	28,2%	4,8%	34,2%	5,6%	55,3%	5,26	65,1%	22,2%	11,9%
	2005	759	94,2%	5,8%	18,86	62,3%	31,1%	5%	36,9%	5,5%	52,4%	5,21	65,7%	23,2%	10,5%
	2006	840	92,1%	7,9%	18,84	58,2%	32,4%	4,4%	30,6%	4,4%	60,3%	6,15	65,6%	24,6%	9,8%
	2007	864	91,7%	8,3%	18,55	61,9%	29,4%	3,9%	29,3%	4,6%	61,9%	5,01	64,3%	25,9%	9,8%
Administração - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1131	42,3%	57,7%	19,52	*	*	2,4%	42,8%	6,6%	48%	5,04	59%	23,4%	17,6%
	2003	1109	48,2%	51,8%	19,81	73,8%	26,2%	2,6%	36,3%	6,8%	54,2%	5,18	58,5%	25%	16,5%
	2004	857	48,9%	51,1%	19	66,8%	25,6%	2,5%	31,9%	6,5%	58,8%	5,63	81,2%	12%	6,4%
	2005	1132	44,3%	55,7%	19,09	61,1%	29,2%	2,3%	36,8%	5,8%	54,8%	5,43	60,9%	24,5%	13,4%
	2006	944	44,7%	55,3%	18,72	61,3%	29,5%	2,1%	33,4%	5,4%	58,9%	6,23	64,3%	25%	10,7%
	2007	1016	45%	55%	18,74	57,2%	35%	1,1%	36,4%	5,3%	4,78%	57,2	67%	21,7%	11,3%
Cienc. Economicas		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM

	2002	772	53,9%	46,1%	20,78	*	*	3%	44,7%	10,5%	41,5%	4,15	69,5%	19,6%	11%
	2003	786	59,9%	40,1%	20,28	72,1%	27,9%	3,2%	39,2%	7,5%	49,7%	4,45	66%	22,2%	11,8%
	2004	586	59%	41%	19,74	60,1%	30,5%	2,9%	36,9%	5,3%	54,9%	5	64,5%	22,4%	12,3%
	2005	556	61,9%	38,1%	20,4	54,9%	36,9%	4,7%	38,2%	8,1%	48,8%	4,77	65,8%	18,3%	14,6%
	2006	584	57,5%	42,5%	19,78	54,3%	34,8%	3,8%	34,6%	4,8%	56,8%	5,93	66,3%	22%	11,7%
	2007	575	57,9%	42,1%	19,15	57,9%	30,3%	3,3%	31%	3,5%	62,3%	4,88	64%	23,4%	12,6%
Arquit. Urban.		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1001	29,8%	70,2%	19,8	*	*	4,1%	33,8%	7,5%	54,4%	5,31	59%	23,4%	17,6%
	2003	1125	31,5%	68,5%	20,55	77,7%	22,3%	4,6%	33,6%	6,9%	54,4%	5,08	62,1%	23,6%	14,3%
	2004	903	32,8%	67,2%	19,57	69,2%	24,4%	5,5%	32,7%	6,8%	54,8%	5,34	65,9%	22,9%	11%
	2005	1084	29,2%	70,8%	19,77	68,1%	23,9%	5,1%	28,8%	5,5%	60,3%	5,59	61%	24,2%	13,7%
	2006	1008	30,1%	69,9%	19,48	61,3%	29,8%	4%	32,3%	3,9%	59,9%	6,27	64,3%	25,6%	10,1%
	2007	1075	26,9%	73,1%	19,11	63,7%	27,3%	2,9%	27,2%	4,3%	65,5%	5,03	65,4%	24,6%	10,1%

Fonte: Programa Conexões de Saberes na UFMG, 2007. (Pesquisa " O mapa da exclusão na universidade")

Característica Socioeconômica dos Candidatos Aprovados: Por Curso (Maior Prestígio)															
Medicina		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	320	0,563%	0,438%	19,23	*	*	0,088%	0,072%	0,016%	0,825%	7,81	24,1%	30,1%	45,8%
	2003	320	52,7%	47,3%	19,97	82,7%	17,3%	8,8%	6,6%	1,3%	83,4%	7,46	27,4%	37,1%	35,5%
	2004	320	50%	50%	19,3	76,9%	19,1%	10,3%	6,9%	1,3%	81,6%	7,56	31,3%	38,8%	30%
	2005	320	54,4%	45,6%	19,8	65,1%	25,8%	9,7%	7,5%	0,6%	82,2%	7,21	36,9%	37,8%	25,3%
	2006	320	52,5%	47,5%	19,52	66,1%	24,5%	10,6%	3,4%	0,3%	85,6%	7,72	35,5%	39,3%	25,2%
	2007	320	45,3%	54,7%	19,68	62,5%	23,1%	10%	3,1%	1,6%	85,3%	6,08	39,2%	42,3%	18,5%
Ciênc. Bio. - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	80	0,5%	0,5%	18,43	*	*	0,113%	0,113%	0,025%	0,75%	7,45	21,3%	41,3%	37,5%
	2003	80	45,6%	54,4%	19,04	81,8%	18,2%	8,9%	11,4%	7,6%	72,2%	6,84	36,7%	22,8%	40,5%
	2004	80	43,8%	56,3%	18,75	80%	15%	7,5%	5%	1,3%	86,3%	7,47	32,5%	36,3%	31,3%
	2005	80	43,8%	56,3%	18,39	77,2%	15,2%	8,8%	6,3%	0%	85%	7,46	28,8%	41,3%	28,8%
	2006	80	46,3%	53,8%	18,44	69,6%	16,5%	17,5%	7,5%	1,3%	73,8%	7,32	42,5%	36,3%	21,3%
	2007	80	45%	55%	18,68	67,5%	22,5%	7,5%	7,5%	2,5%	82,5%	6,04	36,3%	46,3%	17,5%
Enga. Química		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	50	0,56%	0,44%	19,98	*	*	0,26%	0,12%	0,02%	0,6%	6,86	36%	30%	34%
	2003	50	54%	46%	18,2	68,8%	31,3%	16%	12%	2%	70%	6,94	34%	38%	28%
	2004	50	52%	48%	18,2	65,3%	22,4%	14%	8%	2%	76%	6,6	40%	40%	20%
	2005	50	52%	48%	18,2	78%	18%	12%	8%	0%	80%	7,22	32%	44%	24%
	2006	50	56%	44%	18,22	64%	22%	10%	2%	0%	88%	8,06	34%	30%	36%
	2007	50	54%	46%	18,42	68%	18%	6%	2%	0%	92%	6,47	26,5%	44,9%	28,6%
Fisioterapia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	60	0,333%	0,667%	19,4	*	*	0,167%	0,083%	0,017%	0,733%	6,67	40%	33,3%	26,7%
	2003	60	26,7%	73,3%	19,27	72,4%	27,6%	15%	16,7%	1,7%	66,7%	5,98	50%	33,3%	16,7%

	2004	60	31,7%	68,3%	19,38	58,6%	36,2%	13,3%	11,7%	0%	75%	6,59	46,7%	38,3%	15%
	2005	60	28,3%	71,7%	19,43	72,9%	18,6%	11,7%	18,3%	0%	70%	6,6	46,7%	33,3%	18,3%
	2006	60	18,3%	81,7%	19,58	70%	21,7%	10%	13,3%	0%	76,7%	7,21	42,4%	42,4%	15,3%
	2007	60	21,7%	78,3%	19,27	70%	16,7%	5%	8,3%	1,7%	85%	5,25	58,3%	30%	11,7%
Enga. Cont. Autm.		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	80	0,925%	0,075%	18,14	*	*	0,163%	0,063%	0,013%	0,763%	6,94	38,8%	26,3%	35%
	2003	80	95%	5%	17,94	81%	19%	23,8%	7,5%	0%	68,8%	7,13	26,3%	41,3%	32,5%
	2004	80	93,8%	6,3%	18,18	75%	21,3%	21,3%	6,3%	0%	72,5%	6,93	41,3%	43,8%	15%
	2005	80	95%	5%	18,16	66,3%	26,3%	17,5%	2,5%	0%	80%	6,8	40%	42,5%	17,5%
	2006	80	92,5%	7,5%	17,98	64,6%	27,8%	17,5%	3,8%	1,3%	77,5%	7,18	43,8%	42,5%	13,8%
	2007	80	92,5%	7,5%	18,19	65%	18,8%	21,3%	7,5%	0%	70%	5,83	52,5%	32,5%	15%
Enga. Produção		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	80	0,713%	0,288%	19,3	*	*	0,113%	0,1%	0%	0,788%	7,33	27,5%	28,8%	43,8%
	2003	80	68,8%	31,3%	18,41	81,8%	18,2%	7,5%	5%	0%	87,5%	7,64	27,5%	31,3%	41,3%
	2004	80	68,8%	31,3%	18,69	77,5%	18,8%	10%	3,8%	0%	86,3%	7,49	25%	41,3%	32,5%
	2005	80	70%	30%	18,25	73,4%	16,5%	17,5%	2,5%	0%	80%	8,16	13,8%	45%	41,3%
	2006	80	60%	40%	18,49	73,8%	18,8%	10%	3,8%	0%	86,3%	8,18	25,3%	36,7%	38%
	2007	80	68,8%	31,3%	18,28	75%	17,5%	21,3%	7,5%	0%	70%	6,63	23,8%	45%	31,3%
Cienc. Comp.		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	80	0,913%	0,088%	19,05	*	*	0,238%	0,075%	0,05%	0,638%	6,41	38,8%	31,3%	30%
	2003	80	89,6%	10,4%	20,03	81,1%	18,9%	19,5%	14,3%	1,3%	64,9%	5,97	45,5%	33,8%	20,8%
	2004	80	86,3%	13,8%	18,95	69,6%	22,8%	25,3%	5,1%	2,5%	67,1%	6,12	51,3%	26,3%	21,3%
	2005	80	91,3%	8,8%	19,15	70,5%	16,6%	18,8%	11,3%	1,3%	68,8%	6,68	43,8%	31,3%	25%
	2006	80	91,3%	8,8%	18,8	68,8%	20%	22,5%	6,3%	1,3%	70%	7,05	50%	31,3%	18,8%
	2007	80	91,3%	8,8%	18,95	63,8%	26,3%	16,3%	15%	0%	68,8%	5,55	51,3%	33,8%	15%
Direito - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM

	2002	330	0,509%	0,491%	19,48	*	*	0,103%	0,061%	0,033%	0,802%	7,57	24,8%	30,9%	44,2%
	2003	330	48,3%	51,7%	20,03	83,8%	16,2%	10,6%	7,3%	2,4%	79,6%	7,41	24,4%	37,8%	37,8%
	2004	200	49%	51%	18,39	76,5%	18%	7%	3%	0%	90%	8,08	25%	35%	40%
	2005	200	40,8%	59,2%	18,24	73,1%	21,4%	8%	3,5%	2,5%	86,1%	7,81	27,9%	37,8%	33,3%
	2006	200	43,5%	56,5%	18,38	71,9%	17,6%	6,5%	3,5%	0,5%	89,5%	8,25	24,6%	38,7%	36,7%
	2007	200	41%	59%	18,41	64%	20,5%	8%	3%	0,5%	88,5%	6,52	29%	40%	31%
Comum. Social		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	100	0,49%	0,51%	18,69	*	*	0,1%	0,08%	0,03%	0,79%	7,24	34%	36%	30%
	2003	100	50%	50%	18,67	77,8%	22,2%	13%	10%	1%	75%	6,93	33,2%	39%	29%
	2004	100	34%	66%	18,52	74%	17%	11%	9%	2%	78%	7,22	36%	40%	24%
	2005	100	53%	47%	18,79	64,3%	25,5%	9%	5%	2%	84%	7,34	30%	44%	26%
	2006	100	48%	52%	18,41	70,7%	17,2%	7%	7%	0%	86%	7,49	39%	44%	17%
	2007	100	61%	39%	18,63	63%	22%	10%	4%	4%	82%	5,82	46%	38%	16%
Med. Veterinária		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	120	0,467%	0,533%	18,98	*	*	0,125%	0,067%	0,042%	0,767%	7,33	30,8%	34,2%	35%
	2003	120	49,2%	50,8%	19,12	81,4%	18,6%	2,5%	11,7%	5%	80,8%	7,11	31,7%	41,7%	26,7%
	2004	120	43,3%	56,7%	19,24	67,5%	26,7%	11,8%	12,6%	5,9%	69,7%	6,63	44,2%	33,3%	22,5%
	2005	120	37,5%	62,5%	19,48	66,4%	28,6%	7,5%	11,7%	4,2%	76,7%	6,95	43,3%	32,5%	23,3%
	2006	120	46,7%	53,3%	19,01	72,3%	11,8%	5,8%	11,7%	5%	76,7%	7,72	43,3%	37,5%	19,2%
	2007	120	51,7%	48,3%	18,91	66,7%	20,8%	6,7%	10%	4,2%	79,2%	6,08	50%	35,8%	14,2%
Enga. Elétrica		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	100	0,88%	0,12%	19,13	*	*	0,24%	0,08%	0,02%	0,66%	7,27	29%	31%	40%
	2003	100	91%	9%	18,3	77%	21%	13%	10%	0%	77%	7,07	34%	34%	32%
	2004	100	87%	13%	18,39	72%	20%	21%	13%	1%	65%	6,55	46%	28%	25%
	2005	100	94,1%	5,9%	18,56	60%	25%	28,7%	8,9%	4%	58,4%	6,66	41,6%	21,8%	36,6%
	2006	100	90%	10%	18,3	69%	25%	31%	10%	1%	58%	6,47	51%	31%	18%
	2007	100	88%	12%	18,42	68%	26%	24%	2%	1%	73%	5,65	41%	44%	15%

Enga. Mecânica - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	80	0,913%	0,088%	18,51	*	*	0,063%	0,1%	0,063%	0,775%	7,24	35%	27,5%	37,5%
	2003	80	91,3%	8,8%	18,1	80%	20%	8,8%	6,3%	0%	85%	7,34	27,5%	46,3%	26,3%
	2004	80	95%	5%	18,41	85%	11,3%	8,9%	2,5%	0%	88,6%	7,77	28,8%	30%	41%
	2005	80	91,4%	8,6%	17,91	68,8%	25%	9,9%	14,8%	1,2%	74,1%	6,99	46,9%	29,6%	23,5%
	2006	80	97,5%	2,5%	18,38	62,5%	26,3%	13,8%	6,3%	1,3%	78,8%	7,3	42,3%	39,7%	17,9%
	2007	80	88,8%	11,3%	18,41	59,5%	24,1%	8,8%	10%	0%	81,3%	5,87	39,2%	44,3%	16,5%
Administração - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	50	0,6%	0,4%	18,26	*	*	0,04%	0,12%	0,04%	0,8%	8,26	22%	28%	50%
	2003	50	44%	56%	18,12	82%	18%	4%	2%	2%	92%	7,72	18%	44%	38%
	2004	50	56%	44%	18,64	69,4%	26,5%	14,3%	8,2%	4,1%	73,5%	7,11	44%	32%	22%
	2005	50	44%	56%	18,52	75,5%	16,3%	4%	8%	0%	88%	7,57	34%	20%	44%
	2006	50	60%	40%	19,84	70%	24%	4%	12%	0%	84%	7,78	28,6%	34,7%	36,7%
	2007	50	60%	40%	18,04	60%	32%	6%	8%	0%	86%	6,16	40%	34%	26%
Cienc. Economicas		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	80	0,75%	0,25%	18,85	*	*	0,038%	0,1%	0,013%	0,85%	7,44	23%	33,8%	42,5%
	2003	80	63,8%	36,3%	18,66	76,3%	23,8%	7,5%	7,5%	1,3%	83,8%	7,11	28,8%	31,3%	40%
	2004	80	73,8%	26,3%	18,89	72,5%	23,8%	10%	6,3%	3,8%	80%	7,27	27,5%	40%	31,3%
	2005	80	75,3%	24,7%	18,49	76,3%	17,5%	4,9%	3,7%	1,2%	90,1%	7,6	27,2%	42%	27,2%
	2006	80	68,8%	31,3%	18,91	60%	25%	12,5%	13,8%	5%	68,8%	7,5	32,9%	44,3%	22,8%
	2007	80	58,8%	41,3%	18,56	70%	17,5%	8,8%	3,8%	1,3%	86,3%	6,44	22,5%	45%	32,5%
Arquit. Urban.		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	90	0,367%	0,633%	19,19	*	*	0,111%	0,033%	0,022%	0,833%	7,72	21,3%	36%	42,7%
	2003	90	26,7%	73,3%	18,44	93,2%	6,8%	6,7%	8,9%	0%	84,4%	7,41	32,6%	28,1%	39,3%
	2004	90	26,7%	73,3%	18,46	67,8%	21,1%	13,3%	10%	0%	76,7%	7,08	41,1%	30%	26,7%
	2005	90	31,1%	68,9%	18,4	73,9%	26,1%	17,8%	3,3%	1,1%	77,8%	6,89	43,3%	35,6%	21,1%

2006	90	31,1%	68,9%	18,48	73%	16,9%	10%	2,2%	2,2%	85,6%	7,93	34,8%	37,1%	28,1%
2007	90	28,9%	71,1%	18,06	73,3%	16,7%	10%	3,3%	0%	86,7%	6,31	36,7%	40%	23,3%

Fonte: Programa Conexões de Saberes na UFMG, 2007. (Pesquisa " O mapa da exclusão na universidade")

ANEXO B – Característica por curso – médio prestígio

Característica Socioeconômica dos Candidatos: Por Curso (Médio Prestígio)															
Administração - Noite		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1911	53,7%	46,3%	22,32	*	*	3,3%	58,8%	14%	23,2%	2,76	81,1%	12,1%	6,8%
	2003	1457	56,9%	43,1%	22,7	61,7%	38,3%	5%	51,6%	15,2%	27,4%	2,91	77,5%	15,7%	6,8%
	2004	1214	61%	39%	22,44	54,1%	36,6%	4,6%	53,1%	12,1%	29,9%	3,37	79,4%	13,3%	6,9%
	2005	1257	58,6%	41,4%	22,3	49,5%	41,1%	4%	54,9%	11,6%	28,7%	3,21	81,5%	12,8%	4,6%
	2006	1195	54,3%	45,7%	21,72	46,7%	43%	3,1%	55%	10,8%	30,8%	4,61	81,2%	13,9%	4,9%
	2007	1147	51,4%	48,6%	21,71	44,9%	45,5%	4,1%	57,9%	9,7%	28%	3,55	85,9%	9,4%	4,6%
Agronomia/Enga. Agronomica		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	487	62,6%	37,4%	21,09	*	*	9,1%	50,6%	6,8%	32,6%	3,81	79,7%	14,9%	5,4%
	2003	509	60,3%	39,7%	20,48	62,7%	37,3%	5,5%	56%	5,7%	32,3%	3,74	79,1%	15%	5,9%
	2004	506	61,9%	38,1%	20,26	53,2%	36,7%	5,7%	48,1%	6,3%	39,4%	4,42	75,7%	14%	10,1%
	2005	465	67,7%	32,3%	20,12	50%	41,5%	5,8%	51,2%	3,9%	38,7%	4,43	78,5%	15,3%	5,8%
	2006	456	62,1%	37,9%	19,96	47,9%	40,6%	7,7%	49,1%	4,8%	38,2%	5,11	84,6%	11,5%	4%
	2007	341	63%	37%	19,46	45,3%	47,9%	8,5%	46,3%	4,1%	40,8%	4,42	81,8%	11,2%	7,1%
Artes Cênicas/Teatro		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	418	36,6%	63,4%	21,43	*	*	1,2%	60,1%	7,9%	29,8%	3,67	79%	14,5%	6,5%
	2003	368	30,7%	69,3%	21,13	66,3%	33,7%	2,4%	51,4%	9,8%	35,9%	3,93	80,4%	13,3%	6,3%
	2004	328	32,9%	67,1%	20,57	57,5%	31,8%	2,1%	52,8%	8,6%	35,9%	4,15	80,8%	12,2%	6,1%
	2005	358	38,5%	61,5%	21,04	56,5%	33,9%	3,1%	50,6%	10,2%	35,9%	4,13	77,1%	15,1%	5,6%
	2006	304	36,2%	63,8%	21,57	52,3%	36,8%	2%	53%	7,6%	37,5%	5,02	82,8%	13,9%	3,3%
	2007	305	33,4%	66,6%	20,56	54,3%	36,5%	3,3%	51,5%	6,9%	38%	4,19	85,5%	10,9%	3,6%
Belas Artes/Artes Visuais		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM

	2002	478	54,8%	45,2%	23,27	*	*	3,4%	47,5%	10,5%	37,8%	4,19	66,3%	22,5%	11,2%
	2003	595	48,1%	51,9%	23,05	66,4%	33,6%	3,4%	46,9%	12,8%	36,5%	3,98	72,8%	19,1%	8,1%
	2004	500	55%	45%	22,62	56,3%	30,5%	5,4%	44%	11,4%	38%	4,41	75%	15,8%	8,6%
	2005	445	52,6%	47,4%	22,81	52,3%	33,2%	3,6%	46,6%	10,4%	38,3%	4,29	74,2%	18,4%	6,1%
	2006	505	48,7%	51,3%	22,83	55%	30,2%	5,5%	42,4%	10,1%	41,4%	5,31	77,1%	17,7%	5,2%
	2007	429	44,3%	55,7%	21,69	52,4%	31%	3,3%	42,7%	9,3%	44,3%	4,41	79,5%	16,3%	4,2%
Ciências Atuariais		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	194	46,4%	53,6%	20,79	*	*	4,1%	43,3%	10,8%	41,2%	4,26	67,5%	23,2%	9,3%
	2003	265	40%	60%	21,18	69,6%	30,4%	3,8%	48,1%	9,5%	37,5%	3,8	76,9%	17,4%	5,7%
	2004	225	40,4%	59,6%	20,89	55,6%	35,1%	5,8%	39,1%	10,7%	43,6%	4,18	77,8%	13,8%	7,6%
	2005	226	43,4%	56,6%	20,6	56,5%	35,9%	4%	40,7%	7,1%	48,2%	4,5	72,6%	18,6%	7,1%
	2006	193	40,4%	59,6%	20,35	52,4%	38,6%	3,1%	44%	4,7%	48,2%	5,37	76,7%	17,6%	5,7%
	2007	213	40,8%	59,2%	19,95	52,6%	36,2%	2,8%	40,8%	8%	48,4%	4,35	80,2%	16%	3,8%
Ciências Contábeis - Noite		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1322	50,9%	49,1%	23,96	*	*	3,5%	59,2%	18,5%	18,3%	2,31	86,8%	9%	4,2%
	2003	1162	51,1%	48,9%	23,9	56,5%	43,5%	2,9%	60,8%	17,9%	17,5%	2,22	89,4%	7,1%	3,5%
	2004	1070	52,7%	47,3%	23,26	47,8%	44%	2,8%	57,2%	17,8%	21,6%	2,7	86,4%	9,6%	3,3%
	2005	1187	50,8%	49,2%	22,74	46,4%	44,2%	3%	61,8%	13,5%	21%	2,99	85,3%	9,6%	4,3%
	2006	953	46,2%	53,8%	22,44	44,8%	46%	2,4%	57,4%	13,2%	25,9%	4,39	84,9%	10,8%	4,3%
	2007	920	43,6%	56,4%	22,07	45,4%	46,7%	3,3%	59,9%	10%	26,5%	3,5	88,1%	8,7%	3,2%
Ciências Sociais		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1565	39,9%	60,1%	22,46	*	*	3%	55,8%	10,8%	29,4%	3,55	77,5%	15%	7,5%
	2003	1268	40%	60%	22,16	60,5%	39,5%	2,4%	50%	12,1%	34,7%	3,71	76,2%	16%	7,9%
	2004	890	43,6%	56,4%	21,72	49,6%	38,3%	3,6%	42,2%	10,1%	43,3%	4,36	74,8%	16,4%	8,4%
	2005	770	44,3%	55,7%	22,32	45,7%	42,9%	5,5%	41,9%	8,3%	43,2%	4,43	75,2%	15,2%	9%
	2006	704	36,1%	63,9%	21,7	47,1%	39,1%	4,1%	39,8%	8,5%	46,7%	5,55	75,6%	16,5%	7,9%
	2007	665	41,8%	58,2%	21,54	47,3%	37%	3,8%	36,7%	9,8%	49,2%	4,53	72,5%	18,8%	8,8%

Educação Física		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	3065	56%	44%	20,71	*	*	3,1%	53,2%	15,2%	28,2%	3,82	77,6%	16,3%	6,1%
	2003	2791	56,3%	43,7%	20,71	64,2%	35,8%	3,4%	52,3%	12,9%	31%	3,76	78,5%	16,1%	5,4%
	2004	2620	56,4%	43,6%	20,22	53,5%	38,1%	2,4%	50,7%	12,3%	34,3%	4,12	79,9%	15,3%	4,2%
	2005	2564	53,7%	46,3%	20,22	50,2%	40,7%	2,3%	52,3%	12,3%	32,7%	4,04	81,9%	13,1%	4,2%
	2006	2012	52,8%	47,2%	20,21	47,6%	43,9%	1,9%	52,6%	11,3%	33,9%	5,19	85,5%	9,9%	4,5%
	2007	1648	49,6%	50,4%	19,99	46,2%	44,9%	1,9%	53,4%	12,6%	32,1%	4,12	87,1%	10%	2,9%
Enfermagem		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	3312	10,7%	89,3%	22,07	*	*	2,3%	63,1%	11,2%	22,7%	3,16	86,6%	10,6%	2,8%
	2003	2868	12,8%	87,2%	22	61%	39%	2,5%	60,4%	11,3%	25,1%	3,18	86,4%	11%	2,5%
	2004	3024	14,7%	85,3%	21,45	51,3%	39,2%	2,2%	55,3%	10%	32%	3,71	86,5%	10,8%	2,1%
	2005	2485	11,8%	88,2%	21,75	46,7%	43,6%	1,8%	58%	10,2%	29,5%	3	88,2%	9,4%	1,5%
	2006	2150	13,1%	86,9%	21,21	46,1%	46%	2,1%	56,9%	8,1%	32,6%	4,94	89,9%	8,4%	1,7%
	2007	1987	10,2%	89,8%	21,04	43,4%	48%	1,7%	56,6%	8,1%	33%	3,93	91,2%	7,5%	1,3%
Enga. Civil		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1427	69,7%	30,3%	21,02	*	*	5,4%	54,6%	9,2%	30,5%	3,85	74,9%	15,6%	9,5%
	2003	1278	72,1%	27,9%	21,26	65,2%	34,8%	4,8%	50,7%	10,4%	33,4%	3,83	74,4%	15,1%	10,5%
	2004	1434	70,4%	29,6%	20,51	59,2%	32,9%	5,5%	47,6%	7,8%	38%	4,23	75,5%	16,4%	7,7%
	2005	1249	72,3%	27,7%	20,47	50%	42,5%	6,1%	45,1%	6,7%	41,6%	4,66	70,5%	19,5%	8,7%
	2006	1515	69,6%	30,4%	19,93	57,6%	33,8%	5,8%	37,8%	5,8%	50,3%	5,74	69,8%	20,5%	9,7%
	2007	1620	68,7%	31,3%	19,44	57,9%	33,5%	4,9%	35,3%	4,9%	54,5%	4,75	69,7%	20,9%	9,4%
Enga. Minas		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	259	78,8%	21,2%	21,29	*	*	7,8%	48,4%	13,6%	29,1%	3,51	79,1%	14,7%	6,2%
	2003	552	74,8%	25,2%	21,08	63,9%	36,1%	6,4%	52,2%	10,3%	29,8%	3,16	82,7%	12,9%	4,4%
	2004	383	79,9%	20,1%	20,77	60,1%	32,3%	9,4%	42,8%	6%	41%	4,1	77,3%	18,3%	4,4%
	2005	532	77,8%	22,2%	20,46	53%	39,1%	5,9%	46,1%	7,2%	40,5%	4,27	76,5%	15,6%	7,5%

	2006	714	74,2%	25,8%	19,7	55,8%	35,4%	6,3%	42,1%	6%	45,3%	5,46	78,1%	16,4%	5,5%
	2007	707	70,7%	29,3%	19,25	56,1%	37,1%	6,2%	38%	5%	50,6%	4,56	76,5%	18,7%	4,8%
Enga. Mecanica - Noite		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1587	95,4%	4,6%	22,96	*	*	14,8%	50,1%	13%	21,2%	2,31	82,7%	14,3%	3%
	2003	1184	95%	5%	23,48	58,5%	41,5%	15,6%	48,8%	11,9%	22,7%	2,3	83,4%	13,2%	3,4%
	2004	1317	95,6%	4,4%	22,63	50,4%	41%	13,9%	45,5%	13,3%	26,1%	2,93	81,5%	13,3%	4,6%
	2005	1351	95,2%	4,8%	22,8	45,8%	45,6%	13,9%	48,7%	12%	24,8%	2,97	82,1%	13,1%	4,3%
	2006	1114	95,7%	4,3%	22,33	43%	45,1%	14,6%	51,6%	11,4%	22,1%	4	85,2%	11,5%	3,2%
	2007	1175	94%	6%	22,3	47,6%	43%	14,7%	48,1%	12%	24,8%	3,46	85,1%	12,3%	2,6%
Enga. Metalurgica		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	308	82,5%	17,5%	20,87	*	*	10,1%	50,6%	9,1%	29,9%	3,43	78,2%	15,3%	6,5%
	2003	356	89,6%	10,4%	21,62	64,3%	35,7%	8,2%	47,3%	9,9%	33,7%	3,25	80,1%	16,2%	3,7%
	2004	403	17,9%	82,1%	21,11	50,9%	41,4%	7%	55,4%	9,7%	27,2%	3,44	83,6%	13,9%	1,7%
	2005	419	81,1%	18,9%	20,42	48,2%	43,4%	6,9%	46,2%	8,9%	37,6%	4,01	75,7%	19,1%	4,5%
	2006	482	77,6%	22,4%	19,82	52%	37,5%	8,7%	42,1%	5,6%	43,6%	5,37	80,2%	12,7%	7,1%
	2007	464	76,5%	23,5%	19,63	55,2%	35,7%	9,5%	35,2%	3,9%	51%	4,4	75,3%	19,3%	5,4%
Farmácia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2913	25,1%	74,9%	19,99	*	*	4,7%	45,4%	7,8%	41,9%	4,38	74%	19,5%	6,5%
	2003	2833	25,1%	74,9%	20,11	70,9%	29,1%	5,3%	45,5%	6,6%	42,3%	4,04	78%	17,3%	4,7%
	2004	2077	28%	72%	19,68	62,7%	29,5%	4,2%	44%	5,6%	46,2%	4,52	78,2%	16,5%	4,7%
	2005	2550	25,6%	74,4%	19,68	59%	33,5%	4,6%	44%	6,4%	44,7%	4,48	81,5%	13,1%	4,3%
	2006	2250	23,6%	76,4%	19,47	54,9%	36,8%	3,6%	40,4%	6,8%	49,1%	5,56	82%	14,7%	3,4%
	2007	1930	22,2%	77,8%	19,37	56,9%	34,8%	3,6%	42%	4,5%	49,8%	4,43	82,7%	14,5%	2,8%
Filosofia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	376	57,4%	42,6%	25,3	*	*	2,1%	51,6%	14,7%	29,1%	3,41	71,8%	19,6%	8,6%
	2003	466	55,6%	44,4%	25,7	61,3%	38,7%	2,8%	50,4%	12,8%	31,7%	3,37	78,6%	13,1%	8,3%

	2004	311	64,6%	35,4%	23,79	51,3%	37,1%	4,2%	44,1%	11,3%	39,5%	4,28	72,3%	17%	10,3%
	2005	404	66,8%	33,2%	24,53	52,4%	37,3%	5%	47,3%	10,8%	35,3%	3,76	77,2%	15,3%	5,9%
	2006	338	65,1%	34,9%	25,35	51,4%	31,5%	5,3%	46,2%	8,9%	39,3%	5,14	74,9%	18%	7,2%
	2007	342	68,4%	31,6%	25,26	53,8%	34,2%	4,1%	45%	9,6%	39,8%	4,21	74,6%	21,1%	4,4%
Física - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	327	70,3%	29,7%	21,12	*	*	6,4%	47,4%	12,5%	32,7%	3,85	76,6%	12%	11,4%
	2003	376	74,5%	25,5%	21,03	65,4%	34,6%	5,6%	44,4%	10,9%	39,1%	3,91	76,2%	16,6%	7,2%
	2004	366	73,5%	26,5%	20,85	61,3%	28,5%	4,9%	49,5%	6,6%	39%	4,35	75,1%	16,7%	7,1%
	2005	352	71,9%	28,1%	20,72	53,9%	33,2%	5,1%	48%	9,7%	37,2%	4,32	75,9%	17,3%	6,3%
	2006	319	76,8%	23,2%	20,5	51,7%	34,8%	5,3%	44,5%	6,9%	41,7%	5,51	75,7%	19,2%	5%
	2007	258	74,4%	25,6%	20,5	59,3%	28,7%	3,9%	43,4%	7%	45,7%	4,51	77,5%	14,3%	8,1%
Fonoaudiologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1512	7,7%	92,3%	20,37	*	*	2,4%	52,2%	11,3%	33,7%	3,97	78,1%	16,9%	4,9%
	2003	703	7,3%	92,7%	20,13	70,8%	29,2%	2,9%	50%	10,3%	36,9%	3,95	81,1%	14,3%	4,6%
	2004	961	9,7%	90,3%	20,19	58,6%	34,2%	2,8%	53,5%	10%	32,8%	3,94	85,4%	11,6%	2,5%
	2005	690	6,8%	93,2%	20,06	54,3%	39,6%	3,8%	50,3%	10,5%	35,5%	4,38	78,8%	14,9%	5,2%
	2006	657	6,4%	93,6%	20,23	50,1%	39,8%	2,1%	51,1%	9,9%	36,5%	5,24	86,4%	11,6%	2%
	2007	523	8,2%	91,8%	19,86	49,3%	42,2%	3,6%	52,6%	7,8%	35,9%	4,27	85,1%	13,2%	1,7%
Gografia - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	484	48,6%	51,4%	22,21	*	*	6,2%	50,9%	13,7%	28,3%	3,7	77,5%	16,6%	5,8%
	2003	653	52,2%	47,8%	21,79	66,4%	33,6%	3,7%	54,8%	14,1%	26,5%	3,45	80,7%	13,5%	5,8%
	2004	492	53,7%	46,3%	21,47	51,4%	38,2%	3,5%	49%	15,1%	31,8%	4,1	77,2%	17,3%	4,7%
	2005	592	55,4%	44,6%	21,52	53,6%	37,2%	2,9%	47%	17,5%	31,9%	4,02	77,5%	16,7%	4,6%
	2006	432	52,8%	47,2%	21,18	51,2%	35,7%	2,3%	43,3%	14,4%	38,9%	5,24	77,8%	18,3%	4%
	2007	383	53%	47%	20,87	52,1%	35,3%	2,3%	46%	12,3%	38,9%	4,27	82,9%	15%	2,1%
Geologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM

	2002	315	58,7%	41,3%	21,62	*	*	5,8%	47,3%	10,9%	35,4%	4,02	73,2%	21,9%	4,8%
	2003	288	60,4%	39,6%	21,28	71,9%	28,1%	5,2%	47%	9,1%	38,3%	4,14	74,2%	16,4%	9,4%
	2004	346	65%	35%	20,4	61,7%	28,7%	6,4%	44,8%	8,7%	39,8%	4,36	77,7%	16,8%	4,3%
	2005	404	65,1%	34,9%	20,54	57%	34,2%	6,2%	40,2%	10,2%	42,4%	4,55	72,8%	17,6%	8,2%
	2006	437	60,4%	39,6%	20,17	53,7%	35%	6,4%	42%	6%	45,2%	5,45	79,4%	15,2%	5,3%
	2007	459	60,6%	39,4%	20,51	55,6%	31,9%	5,7%	39,2%	7,4%	47,1%	4,59	77,9%	17,5%	4,6%
História - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	821	42,5%	57,5%	22,46	*	*	3,5%	57,4%	14,3%	23,8%	3,39	80%	14,2%	5,8%
	2003	651	54,5%	45,5%	21,98	59,8%	40,2%	4,1%	54,2%	11,1%	29,8%	3,68	77,7%	15,7%	6,6%
	2004	758	46,3%	53,7%	21,42	49,1%	40,5%	3,3%	52,5%	11,2%	32,7%	4,13	80,1%	14,1%	5,7%
	2005	650	44,3%	55,7%	21,4	49,8%	38,4%	3,9%	48%	10%	37,5%	4,38	79,1%	13,1%	6,9%
	2006	611	44,8%	55,2%	21,14	49,3%	38%	2,5%	48,9%	10,5%	37,6%	5,35	79,6%	14,5%	6%
	2007	483	49,1%	50,9%	20,94	52,9%	34%	4,3%	46,4%	8,9%	39,8%	4,48	77,8%	16,5%	5,6%
Letras - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1015	19,9%	80,1%	23,68	*	*	3,1%	55,7%	12,9%	27,4%	3,53	80%	14,4%	5,6%
	2003	1180	21,4%	78,6%	24,4	63%	37%	3%	53,8%	12,4%	29,7%	3,44	80,4%	13,8%	5,8%
	2004	841	22,1%	77,9%	23,59	57,7%	33,3%	3,6%	51,5%	11,2%	33,1%	3,91	80,6%	12,7%	6,3%
	2005	1068	24,3%	75,7%	23,55	54,7%	35,8%	2,4%	50,4%	11,6%	34,5%	4	78,8%	13,9%	6,3%
	2006	760	22,9%	77,1%	23,39	51,7%	38,5%	3,6%	45,6%	9,2%	40,9%	5,26	81%	14,2%	4,8%
	2007	744	23,9%	76,1%	23,23	53,6%	35,9%	3,1%	47,2%	10,1%	38,7%	4,14	82,1%	12,8%	5,1%
Matemática - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	532	40,2%	59,8%	22,11	*	*	4,5%	64,1%	14,6%	16,1%	2,68	90,9%	6,8%	2,3%
	2003	447	41,4%	58,6%	22,34	58,3%	41,7%	4,9%	61,7%	14,1%	18,6%	2,83	90,1%	7,6%	2,2%
	2004	494	47,2%	52,8%	21,51	50,4%	36,9%	5,1%	61,1%	12,6%	20,9%	3,2	91,5%	6,5%	1,6%
	2005	397	45,8%	54,2%	21,75	53%	39,1%	3,8%	57,8%	12,4%	25,8%	3,42	85,1%	10,6%	4%
	2006	326	46%	54%	21,3	49,5%	41,5%	5,5%	51,7%	11,1%	31,4%	4,83	87,3%	9,9%	2,8%
	2007	308	49%	51%	21,57	44,8%	45,8%	5,6%	54,2%	11,1%	28,8%	4	85,3%	9,5%	5,2%

Matematica Computacional		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	266	65,4%	34,6%	20,81	*	*	7,9%	48,7%	16,6%	26%	3,48	74,5%	20,9%	4,6%
	2003	288	70,1%	29,9%	20,27	63,5%	36,5%	12,8%	43,4%	12,2%	30,6%	3,61	79,9%	13,9%	6,3%
	2004	188	70,2%	29,8%	20,43	53,2%	39,2%	9,6%	48,4%	8,5%	33%	3,68	81,4%	15,4%	3,2%
	2005	206	78,2%	21,8%	20,52	52,2%	39,6%	5,8%	47,1%	10,7%	35,9%	4,04	83%	13,1%	3,4%
	2006	141	79,4%	20,6%	20,01	50,4%	33,1%	7,1%	46,1%	12,1%	34%	5,1	83,7%	11,3%	5%
	2007	152	73,7%	26,3%	20,16	42,8%	41,4%	7,9%	50,7%	8,6%	32,9%	3,94	82,9%	12,5%	4,6%
Musica - Licenciatura		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	73	71,2%	28,8%	22,77	*	*	4,1%	49,3%	9,6%	35,6%	3,93	63%	27,4%	9,6%
	2003	94	73,4%	26,6%	23,48	65,9%	34,1%	6,4%	37,2%	20,2%	35,1%	3,44	74,5%	19,1%	6,4%
	2004	99	77,8%	22,2%	23,27	60,6%	27,3%	10,1%	42,4%	7,1%	40,4%	4,28	71,7%	22,2%	6,1%
	2005	86	67,4%	32,6%	22,47	58,1%	31,4%	2,4%	54,1%	9,4%	34,1%	4,53	79,1%	16,3%	3,5%
	2006	95	71,6%	28,4%	23,34	48,9%	40,4%	4,2%	53,7%	6,3%	34,7%	4,97	80,9%	17%	2,1%
	2007	81	76,5%	23,5%	22,94	53,1%	34,6%	6,2%	43,2%	11,1%	39,5%	4,1	77,8%	17,3%	4,9%
Musica - Bacharelado		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	279	81,7%	18,3%	21,87	*	*	3,2%	50,5%	5,4%	39,4%	4,41	64,4%	22,7%	12,9%
	2003	287	78,7%	21,3%	22,93	67,1%	32,9%	4,2%	45,8%	5,2%	42,7%	4,15	71,9%	17,2%	10,9%
	2004	261	80,1%	19,9%	21,95	57,3%	31,2%	3,1%	45,4%	7,7%	42,7%	4,39	69%	21,5%	8,4%
	2005	339	79,9%	20,1%	22,23	52%	36,9%	4,2%	48,2%	6,3%	40,2%	4,53	69,6%	19,2%	8,8%
	2006	279	78,9%	21,1%	22,09	57,6%	27,5%	4,3%	45,2%	6,5%	43%	5,38	74%	17,7%	8,3%
	2007	241	78,4%	21,6%	21,45	54,4%	31,5%	5,8%	42,7%	7,5%	43,2%	4,5	75,8%	18,3%	5,8%
Odontologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2406	28,3%	71,7%	19,79	*	*	3,5%	42,9%	5,6%	47,8%	5,06	64%	23,4%	12,6%
	2003	1944	26,6%	73,4%	19,66	75,6%	24,4%	3%	42%	4,6%	50,2%	4,79	68,9%	22,8%	8,3%
	2004	1856	27%	73%	19,47	65,4%	27,3%	3,2%	43,1%	5,3%	48,3%	4,97	70,5%	21,3%	7,4%
	2005	1568	26,1%	73,9%	19,48	62,5%	29,6%	2,6%	38,6%	6,6%	51,8%	5,14	71,3%	20,7%	7,5%

	2004	1434	10,9%	89,1%	21,69	64,2%	28%	4,2%	44,4%	9,6%	41,5%	4,4	77,6%	17,2%	4,7%
	2005	1819	8,1%	91,9%	20,31	55,9%	35,6%	2,1%	51,1%	8,9%	37,7%	4,19	81,6%	13,5%	3,8%
	2006	1324	6,5%	93,5%	19,87	52,1%	39,6%	1,7%	50,8%	8,8%	38,3%	5,35	84,4%	11,6%	4%
	2007	1101	6,9%	93,1%	20,25	46,4%	44%	1,5%	55,5%	8,9%	34%	4,1	88,9%	9,4%	1,7%
Direito - Noite		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2003	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2004	3377	56,1%	43,9%	24,3	56,5%	35,1%	6,5%	42,2%	11,3%	39%	4,11	67,7%	20,9%	10,9%
	2005	4207	54,6%	45,4%	24,35	53,7%	38,1%	6%	42,7%	11%	39,4%	4,12	70%	19,2%	9,7%
	2006	3139	54,3%	45,7%	24,37	50%	39,7%	6,3%	42,7%	10,7%	39,1%	5,01	73,8%	17,2%	9,1%
	2007	3673	52,7%	47,3%	23,42	51,1%	38,7%	6,5%	38%	8%	46,7%	4,26	71,6%	19,6%	8,8%

Fonte: Programa Conexões de Saberes na UFMG, 2007. (Pesquisa " O mapa da exclusão na universidade")

Característica Socioeconômica dos Candidatos Reprovados: Por Curso (Médio Prestígio)															
		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
Administração - Noite	2002	1861	53,1%	46,9%	22,36	*	*	3%	60%	14,2%	22,1%	2,67	82,1%	11,7%	6,2%
	2003	1407	56,2%	43,8%	22,77	61,2%	38,8%	4,6%	52,9%	15,6%	26%	2,81	79,1%	14,9%	6%
	2004	1164	60,4%	39,6%	22,54	53,1%	37,4%	4%	54,7%	12,4%	28,5%	3,23	81,2%	12%	6,4%
	2005	1206	57,8%	42,2%	22,33	48,8%	42,3%	3,5%	56,4%	12%	27,4%	3,1	82,8%	12,1%	4%
	2006	1145	54%	46%	21,79	46,4%	43,4%	2,5%	57%	11%	29,1%	4,53	82,6%	13%	4,4%
	2007	1097	50,9%	49,1%	21,78	43,9%	46,5%	3,6%	60%	10%	26,2%	3,45	87,5%	8,4%	4,1%
Agronomia/Enga. Agronomica	2002	447	63,3%	36,7%	21,28	*	*	9,9%	52,5%	6,8%	30,2%	3,66	82,2%	13,5%	4,3%
	2003	469	61,2%	38,8%	20,65	61,5%	38,5%	5,8%	58,5%	6%	29,3%	3,55	82%	13,5%	4,5%
	2004	466	62,7%	37,3%	20,4	52,8%	37,1%	5,2%	50,8%	6,2%	37,4%	4,29	77,7%	12,4%	9,7%
	2005	415	68,2%	31,8%	20,38	48,5%	43,2%	5,5%	54,5%	4,3%	35,2%	4,23	81%	13,3%	5,3%
	2006	416	62,5%	37,5%	20,01	47,2%	40,9%	7,5%	51,4%	4,8%	36,1%	5,05	84,5%	11,1%	4,3%
	2007	301	64,8%	35,2%	19,47	44,5%	47,8%	8,6%	48,2%	4,3%	38,5%	4,37	83%	10,3%	6,7%
Artes Cênicas/Teatro	2002	378	36%	64%	21,37	*	*	1,3%	62,8%	7,2%	27,7%	3,55	80,5%	14,4%	5,1%
	2003	328	30,5%	69,5%	20,99	66,3%	33,7%	1,8%	54%	9,5%	34,1%	3,82	81,7%	12,5%	5,8%
	2004	288	33,3%	66,7%	20,5	55,7%	34,1%	2,1%	55,6%	9,1%	32,5%	3,95	83,3%	10,8%	4,9%
	2005	318	38,4%	61,6%	20,92	55,3%	34,8%	2,9%	52,4%	10,5%	34%	4	78,9%	13,5%	5,3%
	2006	282	34,4%	65,6%	21,46	51,6%	37,7%	1,4%	54,6%	7,1%	36,9%	5,01	83,3%	13,2%	3,6%
	2007	265	33,6%	66,4%	20,53	54,5%	38,6%	3,8%	55,1%	5,7%	35,1%	4,16	86,8%	9,8%	3,4%
Belas Artes/Artes Visuais	2002	412	53,4%	46,6%	23,34	*	*	1,2%	51,7%	11,7%	34,4%	3,94	69,4%	20,5%	10%
	2003	529	47,8%	52,2%	23,29	64,8%	35,2%	3,4%	49,3%	14,2%	32,5%	3,77	75,6%	18,4%	6,1%
	2004	434	53,9%	46,1%	22,56	55,2%	31,4%	3,5%	47,2%	12,9%	35,5%	4,16	77,9%	15%	6,7%

	2005	379	53,8%	46,2%	22,87	50,9%	35,5%	2,6%	50%	11,6%	34,4%	4,08	77,3%	16,4%	4,7%
	2006	439	46,7%	53,3%	23,04	55,9%	30,8%	4,6%	44,2%	11,6%	39%	5,15	80,8%	14,9%	4,3%
	2007	363	43,8%	56,2%	21,98	51%	33,3%	1,9%	46,3%	10,5%	40,8%	4,28	82,1%	14,6%	3,3%
Ciências Atuariais		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	169	43,8%	56,2%	20,75	*	*	3,6%	46,7%	11,2%	38,5%	4,1	69,2%	22,5%	8,3%
	2003	240	40,8%	59,2%	21,4	69,4%	30,6%	3,8%	51,9%	10%	33,1%	3,6	78,2%	16,3%	5,4%
	2004	200	40,5%	59,5%	21,1	53,5%	38,5%	5,5%	44%	12%	37,5%	3,92	80,5%	12%	6,5%
	2005	201	42,8%	57,2%	20,69	54,5%	37,9%	4%	45,3%	6,5%	44,3%	4,27	74,1%	18,4%	5,5%
	2006	168	36,3%	63,7%	20,61	52,7%	38,2%	3%	48,2%	5,4%	43,5%	5,23	80,4%	14,3%	5,4%
	2007	188	41%	59%	20	52,7%	35,6%	2,7%	44,7%	9%	43,6%	4,22	83,4%	13,4%	3,2%
Ciências Contábeis - Noturno		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1242	50,1%	49,9%	24,04	*	*	3,2%	60,8%	19,2%	16,2%	2,16	88,9%	8,2%	2,9%
	2003	1082	50,6%	49,4%	23,97	55,5%	44,5%	2,1%	62,8%	18,7%	15,7%	2,05	91,1%	6,3%	2,6%
	2004	990	52,2%	47,8%	23,37	47,4%	44,5%	2,4%	59,8%	18,2%	18,9%	2,51	88,3%	9%	2%
	2005	1105	50%	50%	20,4	45,4%	45,1%	2,6%	63,9%	14,2%	18,6%	2,83	87,1%	8,6%	3,4%
	2006	873	44,4%	55,6%	22,55	43,8%	46,8%	2,1%	60%	13,9%	22,8%	4,23	87,9%	8,8%	3,3%
	2007	840	42,3%	57,7%	22,15	43,5%	49,2%	2,3%	62,6%	10,6%	24,1%	3,38	90,6%	7,3%	2,1%
Ciências Sociais		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1485	38,5%	61,5%	22,61	*	*	2,5%	57,9%	11%	27,6%	3,4	79,5%	14,2%	6,4%
	2003	1188	39,8%	60,2%	22,33	59,2%	40,8%	1,9%	52,2%	12,4%	32,5%	3,55	78,2%	15,1%	6,8%
	2004	810	42,8%	57,2%	21,92	48,7%	39,5%	3,5%	44,6%	10,6%	40,4%	4,18	77%	15,4%	7,2%
	2005	690	43,6%	56,4%	22,67	43,5%	45,6%	4,4%	45,5%	8,7%	40,4%	4,17	78,3%	13,2%	7,8%
	2006	624	36,1%	63,9%	21,98	46,4%	40,9%	3%	42,8%	9,5%	43,8%	5,41	77%	15,9%	7,1%
	2007	585	41,4%	58,6%	21,94	45,4%	39%	3,4%	40,3%	11,1%	44,4%	4,36	76,6%	15,8%	7,6%
Educação Física		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2955	55,9%	44,1%	20,74	*	*	2,6%	54,4%	15,4%	27,3%	3,75	78,5%	15,7%	5,8%

	2003	2681	56,5%	43,5%	20,74	63,6%	36,4%	3%	53,3%	13,3%	30%	3,69	79,3%	15,6%	5,1%
	2004	2510	56,4%	43,6%	20,25	53,2%	38,3%	2,1%	52%	12,5%	33%	4,05	80,8%	14,7%	3,9%
	2005	2453	53,6%	46,4%	20,25	49,5%	41,2%	1,9%	53,6%	12,6%	31,4%	3,96	83%	12,5%	3,6%
	2006	1902	52,4%	47,6%	20,23	47,2%	44,4%	1,8%	54,1%	11,4%	32,5%	5,12	86,9%	9%	4%
	2007	1538	49,5%	50,5%	20,04	45,3%	45,8%	1,5%	55,9%	13%	29,7%	4,05	88,3%	9,1%	2,6%
Enfermagem		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	3216	10,4%	89,6%	22,12	*	*	2%	64,1%	11,2%	22,1%	3,12	87,1%	10,2%	2,7%
	2003	2772	12,8%	87,2%	22,06	60,8%	39,2%	2,3%	61,5%	11,4%	24,3%	3,14	86,8%	10,8%	2,4%
	2004	2928	14,8%	85,2%	21,48	51,1%	39,3%	2,1%	56,2%	9,9%	31,3%	3,67	86,9%	10,5%	2,1%
	2005	2389	11,8%	88,2%	21,79	46%	44,4%	1,6%	59,1%	10,3%	28,3%	3,53	88,7%	9%	1,5%
	2006	2054	12,9%	87,1%	21,26	45,7%	46,3%	1,9%	58,4%	8%	31,2%	4,89	90,6%	7,8%	1,6%
	2007	1891	10,1%	89,9%	21,09	43%	48,5%	1,6%	58,4%	8,4%	31,1%	3,89	91,9%	6,9%	1,2%
Enga. Civil		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1227	68,6%	31,4%	21,21	*	*	4,6%	59,9%	9,6%	25,6%	3,49	79,2%	14,4%	6,4%
	2003	1079	71,5%	28,5%	21,51	63,1%	36,9%	4%	55,9%	11,2%	28%	3,42	79,5%	13,3%	7,3%
	2004	1234	69,9%	30,1%	20,77	57,4%	34,7%	5,4%	51,5%	8,3%	33,6%	3,92	79,8%	13,6%	6,2%
	2005	1029	71,8%	28,2%	20,73	54,5%	36,9%	4,8%	50%	7,5%	37,1%	4,35	74,2%	17,4%	7,2%
	2006	1315	69%	31%	20,11	56,5%	35,6%	4,6%	41,4%	6,1%	47,4%	5,59	72,4%	18,8%	8,8%
	2007	1420	67,9%	32,1%	19,55	56,2%	35,5%	4,5%	38,9%	5,4%	50,8%	4,6	72,9%	19,1%	8%
Enga. Minas		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	209	79,9%	20,1%	21,41	*	*	5,8%	53,4%	13,5%	26%	3,29	82,7%	13,5%	3,8%
	2003	502	74,1%	25,9%	21,25	63,4%	36,6%	5,3%	53,8%	10,9%	28,5%	3,03	83,7%	12,2%	4,1%
	2004	333	80,2%	19,8%	20,95	58,3%	34,7%	9%	45,9%	6,3%	37,8%	3,95	80,8%	15,3%	3,9%
	2005	482	77,4%	22,6%	20,56	51,2%	40,3%	4,6%	49,3%	6,9%	38,8%	4,13	76,8%	15,6%	7,3%
	2006	664	73,8%	26,2%	19,76	55%	35,9%	5,9%	43,9%	6,2%	43,7%	5,38	79,4%	15,5%	5,2%
	2007	657	70%	30%	19,31	55,8%	37,5%	5%	40,5%	5,3%	49%	4,5	78%	17,2%	4,7%

Enga. Mecanica - Noite		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1507	95,3%	4,7%	23,07	*	*	13,6%	51,9%	13%	20,5%	2,24	83,6%	13,7%	2,7%
	2003	1105	94,9%	5,1%	23,57	58%	42%	14,1%	50,3%	12,3%	22,3%	2,22	84,2%	13%	2,8%
	2004	1237	95,6%	4,4%	22,77	49,6%	41,6%	13%	46,8%	13,5%	25,4%	2,82	82,5%	12,5%	4,2%
	2005	1271	95,3%	4,7%	22,95	44,6%	46,9%	12,7%	50,9%	11,9%	23,8%	2,84	83,6%	12,1%	3,8%
	2006	1034	95,6%	4,4%	22,51	42,2%	46,3%	12,3%	54,9%	11,9%	20,5%	3,89	86,9%	10,1%	3%
	2007	1095	93,6%	6,4%	22,46	47%	43,6%	12,4%	50,3%	12,7%	24,1%	3,35	86,9%	11,1%	2%
Enga. Metalurgica		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	258	80,6%	19,4%	21,17	*	*	7,4%	54,7%	9,3%	28,3%	3,26	80,2%	14%	5,8%
	2003	306	88,9%	11,1%	21,96	62,1%	37,9%	7,9%	49,5%	10,6%	31%	3,1	82,1%	14,9%	3%
	2004	353	81,9%	18,1%	21,28	49,3%	43,3%	7,4%	58,7%	10%	23,4%	3,21	85%	13%	1,1%
	2005	369	80,8%	19,2%	20,55	47,4%	44,4%	6,5%	48,6%	9,2%	35,1%	3,78	78,9%	18,2%	2,4%
	2006	432	77,5%	22,5%	19,94	51,5%	38,2%	6,7%	45,1%	6%	42,1%	5,27	81,4%	12,6%	6%
	2007	414	76,6%	23,4%	19,76	55,3%	36,7%	8,7%	38,5%	4,4%	47,9%	4,23	79,9%	16,9%	3,1%
Farmácia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2781	24,7%	75,3%	20,04	*	*	4,3%	46,5%	8,1%	41,1%	4,31	74,9%	18,6%	6,5%
	2003	2701	25%	75%	20,16	70,2%	29,8%	4,4%	46,7%	6,9%	41,7%	3,99	78,5%	17,1%	4,4%
	2004	1945	27,8%	72,2%	19,71	62,2%	29,8%	3,6%	45,4%	5,7%	45,3%	4,46	78,7%	16,2%	4,5%
	2005	2418	25%	75%	19,72	58,7%	34%	4,1%	45,7%	6,5%	43,5%	4,4	82,3%	12,4%	4,1%
	2006	2118	23,4%	76,6%	19,51	54,6%	37%	2,6%	42,1%	7%	48,1%	5,51	82,8%	13,9%	3,4%
	2007	1798	21,5%	78,5%	19,38	55,8%	36,1%	3,4%	44%	4,6%	48%	4,36	84,3%	13,3%	2,4%
Filosofia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	331	55%	45%	25,32	*	*	1,5%	54,4%	14,9%	26,4%	3,16	75,6%	17,4%	7%
	2003	422	54%	46%	25,96	60%	40%	2,2%	54,1%	13%	28,6%	3,21	80%	12,6%	7,5%
	2004	266	63,2%	36,8%	24,24	52,1%	39,2%	3%	48,1%	12,4%	35,7%	4,02	74,1%	14,7%	10,9%
	2005	358	66,8%	33,2%	24,96	51,8%	39,1%	4,8%	49,2%	11%	33,1%	3,55	78,8%	14%	5,6%

	2006	293	63,5%	36,5%	25,65	50%	33%	4,8%	48,1%	8,9%	37,9%	5,09	75,9%	18,3%	5,9%
	2007	297	67%	33%	25,4	52,5%	36,4%	4%	47,8%	10,8%	35,7%	4,1	78,5%	17,8%	3,7%
Física - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	277	69%	31%	21,56	*	*	6,1%	52,3%	13,7%	26,7%	3,42	81,1%	11,3%	7,6%
	2003	326	75,8%	24,2%	21,33	63,5%	36,5%	4,6%	49,4%	11,7%	34,4%	3,63	80,6%	14,2%	5,2%
	2004	316	72,2%	27,8%	21,11	59,9%	29,8%	4,8%	55,7%	7%	32,5%	3,96	80,4%	13,9%	4,4%
	2005	302	69,9%	30,1%	20,89	52,8%	33,1%	3,3%	50,7%	11,3%	34,8%	4,17	78,1%	15,2%	6%
	2006	269	75,5%	24,5%	20,7	48%	38,3%	3%	51,3%	7,8%	36,1%	5,2	81,3%	15,4%	3,4%
	2007	208	71,6%	28,4%	20,67	61,1%	28,4%	4,3%	48,6%	7,2%	39,9%	4,29	80,8%	13%	6,3%
Fonoaudiologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1462	7,9%	92,1%	20,36	*	*	2%	53,3%	11,6%	32,7%	3,91	79,3%	16,2%	4,5%
	2003	653	6,7%	93,3%	20,21	70,5%	29,5%	2,9%	51,2%	10,8%	35,1%	3,88	81,8%	13,9%	4,3%
	2004	911	9,4%	90,6%	20,23	58,2%	35%	2,6%	54,3%	10,4%	31,8%	3,87	86,6%	10,6%	2,2%
	2005	638	6,7%	93,3%	20,08	53,2%	40,7%	3,8%	51,4%	10,5%	34,3%	4,34	78,8%	15%	5,2%
	2006	607	6,4%	93,6%	20,29	49,3%	41%	2%	52,9%	10,5%	34,3%	5,16	87,7%	10,3%	2%
	2007	473	8,7%	91,3%	19,85	48,8%	42,5%	3%	54,5%	8,2%	34,2%	4,23	86%	12,5%	1,5%
Gografia - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	444	48,6%	51,4%	22,25	*	*	5,7%	53,3%	13,2%	27%	3,61	78,5%	16,1%	5,4%
	2003	613	51,7%	48,3%	21,92	65,1%	34,9%	3,3%	56%	14,2%	25,5%	3,37	82%	13,1%	4,9%
	2004	452	52,7%	47,3%	21,43	51,1%	38,4%	3,1%	50,9%	15,6%	29,8%	3,97	79,2%	16,8%	3,1%
	2005	552	54,5%	45,5%	21,59	52,9%	38,1%	2,6%	48,6%	17,9%	30,2%	3,93	78,6%	15,8%	4,5%
	2006	392	52,8%	47,2%	21,39	50,3%	36,8%	1,5%	46,2%	15,3%	35,7%	5,08	80,2%	16,7%	3,1%
	2007	343	52,2%	47,8%	20,94	50,3%	36,8%	2,6%	48,7%	13,1%	35%	4,2	85,3%	12,9%	1,8%
Geologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	280	56,1%	43,9%	21,85	*	*	4,3%	49,5%	11,9%	33,6%	3,83	75%	21,7%	3,3%
	2003	253	58,9%	41,1%	21,55	72,4%	27,6%	4,4%	51,2%	9,5%	34,5%	4,02	74,6%	16,7%	8,7%

	2004	311	66,9%	33,1%	20,54	60,6%	30%	4,9%	46,9%	8,7%	39,2%	4,23	79,1%	15,4%	4,2%
	2005	369	64,8%	35,2%	20,6	55,5%	35,1%	4,9%	42,9%	10,6%	40,5%	4,42	75,1%	16,8%	6,8%
	2006	402	60,4%	39,6%	20,25	53,1%	36,3%	6%	43,6%	6,5%	43,4%	5,3	81,7%	14,1%	4,3%
	2007	424	60,1%	39,9%	20,62	56,8%	31,6%	4,7%	40,8%	8%	45,8%	4,53	79,9%	15,6%	4,5%
História - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	777	41,6%	58,4%	22,59	*	*	3%	59,2%	14,6%	22,2%	3,26	81,8%	13,3%	4,9%
	2003	607	45,1%	54,9%	22,14	58,8%	41,2%	3,1%	57,2%	11,4%	27,5%	3,52	79,9%	14,5%	5,6%
	2004	714	46,5%	53,5%	21,53	48,3%	40,9%	2,8%	54,8%	11,5%	30,6%	3,97	82,2%	12,6%	5%
	2005	606	44,1%	55,9%	21,59	48,6%	39,2%	3,6%	49,8%	10,4%	35,4%	4,22	80,7%	12,4%	5,9%
	2006	567	45%	55%	21,33	48,6%	39%	1,9%	51,2%	11,2%	35,2%	5,21	81,9%	12,7%	5,4%
	2007	439	49,2%	50,8%	21,05	53,5%	34,9%	3,9%	49,7%	9,1%	36,7%	4,38	79,8%	14,7%	5,5%
Letras - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	875	18,5%	81,5%	23,96	*	*	1,4%	61,1%	14%	22,3%	3,21	83,9%	12,7%	3,3%
	2003	1040	20%	80%	24,62	61,1%	38,9%	2,5%	57,9%	13,3%	25%	3,18	83,8%	12,3%	3,9%
	2004	701	20,7%	79,3%	23,96	54,5%	36%	2,7%	56,4%	10,7%	29,4%	3,64	83,2%	11,7%	4,7%
	2005	925	22,3%	77,7%	23,68	52,6%	38,4%	2%	54,6%	12,6%	29,8%	3,74	81,6%	12,4%	5%
	2006	620	21,1%	78,9%	23,58	48,7%	41,1%	2,8%	50%	10%	36,7%	5,03	84,7%	12,1%	3,3%
	2007	604	22,8%	77,2%	23,59	50,2%	39,9%	2,5%	52,8%	11,1%	32,6%	3,96	93,2%	5,2%	1,6%
Matemática - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	482	39,2%	60,8%	22,02	*	*	4,2%	67,1%	14,2%	13,8%	2,52	92,3%	5,8%	1,9%
	2003	397	39,5%	60,5%	22,54	58,4%	41,6%	3%	64,6%	14,9%	16,7%	2,69	92,9%	6,1%	1%
	2004	444	45,9%	54,1%	21,68	49,1%	38,2%	4,1%	64,6%	13,1%	17,8%	3,02	93%	5,4%	1,1%
	2005	347	44,4%	55,6%	21,88	50,3%	41,5%	3,2%	61,3%	12,7%	22,5%	3,2	87,9%	8,9%	2,9%
	2006	276	43,5%	56,5%	21,39	47,8%	43,4%	4,3%	56,2%	12%	27,5%	4,68	88,7%	9,5%	1,8%
	2007	258	46,1%	53,9%	21,61	44,5%	47,3%	4,7%	60,9%	11,3%	22,7%	3,82	91%	6,3%	2,7%
Matemática Computacional		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM

	2002	246	63,8%	36,2%	20,88	*	*	6,5%	50,6%	16,7%	25,3%	3,33	77%	18,9%	4,1%
	2003	268	70,1%	29,9%	20,34	63,5%	36,5%	10,8%	46,3%	12,3%	29,9%	3,53	81%	13,1%	6%
	2004	168	67,3%	32,7%	20,46	52,4%	39,8%	8,3%	51,8%	8,3%	31%	3,54	83,9%	14,3%	1,8%
	2005	186	76,3%	23,7%	20,46	51,9%	40%	4,3%	51,6%	11,3%	32,3%	3,91	85,5%	11,8%	2,2%
	2006	121	78,5%	21,5%	20,02	51,3%	33,6%	2,5%	50,4%	12,4%	33,9%	4,91	86,8%	9,1%	4,1%
	2007	132	72%	28%	20,27	40,9%	43,2%	5,3%	55,3%	8,3%	31,1%	3,85	85,6%	9,8%	4,5%
Musica - Licenciatura		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	65	70,8%	29,2%	22,98	*	*	4,6%	50,8%	10,8%	32,3%	3,66	69,2%	27,7%	3,1%
	2003	86	73,3%	26,7%	23,49	66,3%	33,7%	7%	38,4%	22,1%	31,4%	3,23	77,9%	17,4%	4,7%
	2004	91	76,9%	23,1%	23,18	60,4%	27,5%	7,7%	44%	7,7%	40,7%	4,22	72,5%	23,1%	4,4%
	2005	78	65,4%	34,6%	22,4	57,7%	30,8%	1,3%	54,5%	9,1%	35,1%	4,14	76,9%	17,9%	3,8%
	2006	87	70,1%	29,9%	23,53	46%	42,5%	3,4%	58,6%	6,9%	29,9%	4,77	83,7%	15,1%	1,2%
	2007	73	79,5%	20,5%	22,96	54,8%	32,9%	5,5%	47,9%	12,3%	34,2%	4,04	79,5%	15,1%	5,5%
Musica - Bacharelado		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	243	81,1%	18,9%	21,97	*	*	3,3%	53,1%	5,3%	36,6%	4,27	65,7%	21,1%	13,2%
	2003	251	79,3%	20,7%	23,15	66,8%	33,2%	2,8%	48%	5,6%	41,6%	4,05	74,7%	16,5%	8,8%
	2004	223	81,2%	18,8%	22,01	55,6%	32,3%	2,7%	49,3%	8,5%	38,6%	4,15	73,1%	18,8%	7,2%
	2005	300	81%	19%	22,45	49,7%	38,2%	3,4%	51,2%	6,1%	38,4%	4,3	72,3%	17,3%	7,7%
	2006	244	80,7%	19,3%	22,27	57,3%	29%	3,3%	48%	7,4%	40,6%	5,25	75,6%	16,9%	7,4%
	2007	203	80,3%	19,7%	21,52	53,2%	33,5%	4,4%	45,3%	8,4%	40,9%	4,39	79,2%	16,8%	4%
Odontologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Brancos	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	2286	28,3%	71,7%	19,82	*	*	3%	44,4%	5,6%	46,7%	4,98	65%	23,1%	11,8%
	2003	1825	25,6%	74,4%	19,67	74,9%	25,1%	2,8%	43,4%	4,8%	49%	4,7	70,1%	21,8%	8%
	2004	1736	26,1%	73,9%	19,5	64,9%	27,9%	2,9%	44,8%	5,3%	46,9%	4,86	71,8%	20,8%	6,5%
	2005	1447	25,8%	74,2%	19,44	61,9%	30,4%	2,2%	40,1%	6,8%	50,5%	5,05	72,5%	20%	6,9%
	2006	1481	25,6%	74,4%	19,23	58,1%	32,7%	2,5%	39,6%	6%	51,6%	5,85	77,1%	17,7%	5,1%
	2007	1209	25,9%	74,1%	19,2	59,4%	32,3%	1,9%	38,4%	4,1%	55,7%	4,73	77,9%	17,1%	5%

Psicologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	3750	13,4%	86,6%	21,22	*	*	2,3%	58,5%	10,3%	28,3%	3,6	80,5%	13,8%	5,7%
	2003	3029	17,3%	82,7%	21,34	62,2%	37,8%	3%	55,3%	9,5%	31,8%	3,58	81,3%	13,3%	5,4%
	2004	2361	17,9%	82,1%	21,25	54,3%	36,5%	2,8%	52,4%	8,8%	35,4%	4,01	81,5%	13,3%	4,6%
	2005	2365	18,6%	81,4%	21,37	48,7%	41,7%	2,8%	53,6%	9,9%	33%	3,96	82,5%	11,9%	4,7%
	2006	2165	19%	81%	21,1	49,6%	40,5%	2,2%	52,9%	9,1%	35,3%	5,14	83,8%	11,9%	4,3%
	2007	1973	16,6%	83,4%	20,78	48,7%	41,3%	1,9%	53,6%	7,8%	36,2%	4,09	84,8%	11,5%	3,7%
Terapia Ocupacional		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	809	4,8%	95,2%	20,48	*	*	3,2%	50,4%	10,3%	35,4%	4,18	76,6%	18,2%	5,2%
	2003	1495	5,4%	94,6%	21,03	70%	30%	2,8%	52,6%	10,7%	33,7%	3,72	81,4%	14,7%	4%
	2004	744	6,7%	93,3%	20,38	59,2%	32,4%	2,3%	51,5%	7,7%	38,2%	4,07	83,3%	13,2%	3,4%
	2005	850	8,4%	91,6%	20,51	57%	34,6%	2,1%	51,4%	8%	37,9%	4,22	81,2%	13,6%	4,4%
	2006	819	7,7%	92,3%	20,12	56,7%	34%	2,4%	48,8%	8,4%	40,1%	5,35	84,1%	12,9%	3%
	2007	573	5,4%	94,6%	20,34	53,7%	37,4%	1,4%	48,9%	7,9%	41,7%	4,15	85,2%	12,5%	2,3%
Turismo		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	1125	32%	68%	21,41	*	*	3,2%	39,4%	12,4%	44,4%	4,61	63,4%	25,5%	11,1%
	2003	1630	26,7%	73,3%	20,39	68,3%	31,7%	2,2%	49,6%	11,6%	36,1%	3,97	76,8%	16,5%	6,7%
	2004	892	31,5%	68,5%	19,96	60,8%	30,4%	2,2%	46,7%	9,3%	41,7%	4,51	76,1%	17,6%	5,9%
	2005	1003	26,2%	73,8%	20,31	53,2%	37,4%	2,3%	50,2%	9%	38,1%	4,37	78,4%	15%	5,1%
	2006	723	25,9%	74,1%	19,92	50,6%	41,1%	1%	50,5%	10,4%	38%	5,39	83,5%	12,2%	4,3%
	2007	502	27,3%	72,7%	20,23	47,1%	44,9%	2%	54%	9,2%	34,3%	4,12	88,8%	8,2%	3%
Ciência da Nutrição/ Nutrição		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2003	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2004	1374	11,2%	88,8%	21,79	64,2%	27,9%	3,9%	45,5%	9,5%	40,7%	4,34	78,3%	16,7%	4,5%
	2005	1757	8,1%	91,9%	20,36	55,4%	36,1%	2,1%	52,1%	9,1%	36,5%	4,12	82,2%	13,3%	3,6%

	2006	1264	6,6%	93,4%	19,94	51,4%	40,3%	1,4%	52,5%	9%	36,7%	5,27	85,7%	10,7%	3,6%
	2007	1041	6,8%	93,2%	20,3	45,6%	45,2%	1,3%	57,4%	9,1%	32,1%	4,05	89,8%	8,5%	1,7%
Direito - Noite		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2003	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2004	3177	55,4%	44,6%	24,43	55,6%	35,8%	5,9%	43,9%	11,6%	37,5%	3,96	69,6%	20,5%	9,5%
	2005	4007	54,3%	45,7%	24,47	53,1%	38,8%	5,5%	44,4%	11,4%	37,9%	4	71,6%	18,4%	9%
	2006	2939	53,3%	46,7%	24,55	49,2%	40,8%	5,6%	44,7%	11,1%	37,3%	4,91	75,3%	16,2%	8,6%
	2007	3473	52,2%	47,8%	23,52	51%	39%	5,9%	39,5%	8,4%	45,3%	4,19	73,2%	18,6%	8,2%

Fonte: Programa Conexões de Saberes na UFMG, 2007. (Pesquisa " O mapa da exclusão na universidade")

Característica Socioeconômica dos Candidatos Aprovados: Por Curso (Médio Prestígio)															
		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
Administração - Noite	2002	50	78%	22%	20,78	*	*	16%	14%	6%	64%	5,92	44,9%	26,5%	28,6%
	2003	50	76%	24%	20,86	75,5%	24,5%	16%	14%	2%	68%	5,82	32%	38%	30%
	2004	50	76%	24%	20,24	76%	16%	18%	14%	6%	62%	6,25	38%	42%	20%
	2005	50	78,4%	21,6%	21,59	66,7%	13,7%	15,7%	19,6%	3,9%	60,8%	5,72	51%	29,4%	19,6%
	2006	50	62%	38%	20,24	54%	34%	16%	10%	6%	68%	6,56	50%	34%	16%
	2007	50	64%	36%	20,08	66%	24%	16,3%	10,2%	2%	69,4%	5,58	52%	32%	16%
Agronomia/Enga. Agronomica		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	40	55%	45%	19,03	*	*	0%	30%	7,5%	60%	5,45	52,5%	30%	17,5%
	2003	40	50%	50%	18,48	75%	25%	2,5%	27,5%	2,5%	67,5%	6,03	45%	32,5%	22,5%
	2004	40	52,5%	47,5%	18,68	57,5%	32,5%	12,5%	17,5%	7,5%	62,5%	5,97	52,5%	32,5%	15%
	2005	40	64%	36%	17,98	62%	28%	8%	24%	0%	68%	6,04	58%	32%	10%
	2006	40	57,5%	42,5%	19,5	55%	37,5%	10%	25%	5%	60%	5,69	85%	15%	0%

	2007	40	50%	50%	19,45	51,3%	48,7%	7,5%	32,5%	2,5%	57,5%	4,83	72,5%	17,5%	10%
Artes Cênicas/Teatro		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	40	42,5%	57,5%	22,03	*	*	0%	35%	15%	50%	4,77	65%	15%	20%
	2003	40	32,5%	67,5%	22,3	65,8%	34,2%	7,5%	30%	12,5%	50%	4,83	70%	20%	10%
	2004	40	30%	70%	21,1	70%	15%	2,5%	32,5%	5%	60%	5,51	62,5%	22,5%	15%
	2005	40	40%	60%	22,03	66,7%	25,6%	5,1%	35,9%	7,7%	51,3%	5,11	62,5%	27,5%	7,5%
	2006	22	59,1%	40,9%	22,91	61,9%	23,8%	9,1%	31,8%	13,6%	45,5%	5,14	77,3%	22,7%	0%
	2007	40	32,5%	67,5%	20,75	52,5%	22,5%	0%	27,5%	15%	57,5%	4,41	76,9%	17,9%	5,1%
Belas Artes/Artes Visuais		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	66	63,6%	36,4%	22,83	*	*	16,7%	21,2%	3%	59,1%	5,77	47%	34,8%	18,2%
	2003	66	50%	50%	21,18	79,4%	20,6%	3%	27,3%	1,5%	68,2%	5,7	50,8%	24,6%	24,6%
	2004	66	62,1%	37,9%	23,03	63,6%	24,2%	18,2%	22,7%	1,5%	54,5%	5,98	56,1%	21,2%	21,2%
	2005	66	45,5%	54,5%	22,45	60%	20%	9,1%	27,3%	3%	60,6%	5,44	56,1%	30,3%	13,6%
	2006	66	62,1%	37,9%	21,44	48,5%	25,8%	12,1%	30,3%	0%	57,6%	6,23	52,3%	36,9%	10,8%
	2007	66	47%	53%	20,08	60,6%	18,2%	10,6%	22,7%	3%	63,6%	5,14	65,2%	25,8%	9,1%
Ciências Atuariais		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	25	64%	36%	21,08	*	*	8%	20%	8%	60%	5,36	56%	28%	16%
	2003	25	32%	68%	19,08	70,8%	29,2%	4%	12%	4%	80%	5,76	64%	28%	8%
	2004	25	40%	60%	19,24	72%	8%	8%	0%	0%	92%	6,26	56%	28%	16%
	2005	25	48%	52%	19,88	72%	20%	4%	4%	12%	80%	6,28	60%	20%	20%
	2006	25	68%	32%	18,6	50%	41,7%	4%	16%	0%	80%	6,29	52%	40%	8%
	2007	25	60%	40%	19,56	52%	40%	4%	12%	0%	84%	5,32	56%	36%	8%
Ciências Contábeis - Noturno		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	80	63,8%	36,3%	22,73	*	*	8,8%	33,8%	7,5%	50%	4,67	53,8%	22,5%	23,8%
	2003	80	57,5%	42,5%	22,88	69,6%	30,4%	13,8%	35%	7,5%	42,5%	4,5	66,3%	17,5%	16,3%
	2004	80	58,8%	41,3%	21,9	53,8%	37,5%	7,5%	25%	12,5%	55%	5,05	63,8%	17,5%	18,8%

	2005	80	62,2%	37,8%	22,02	59,3%	32,1%	8,5%	34,1%	4,9%	52,4%	5,12	61%	23,2%	15,9%
	2006	80	65%	35%	21,25	55%	37,5%	6,3%	28,8%	6,3%	58,8%	6,01	52,5%	32,5%	15%
	2007	80	57,5%	42,5%	21,26	65%	21,3%	13,8%	31,3%	3,8%	51,3%	4,8	62,5%	23,8%	13,8%
Ciências Sociais		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	80	65%	35%	19,59	*	*	12,5%	16,3%	8,8%	62,5%	6,27	41,8%	30,4%	27,8%
	2003	80	42,5%	57,5%	19,68	78,8%	21,3%	10%	16,3%	7,5%	66,3%	6,06	46,8%	29,1%	24,1%
	2004	80	51,3%	48,8%	19,6	58,8%	26,3%	5%	17,5%	5%	72,5%	6,16	52,5%	26,3%	21,3%
	2005	80	50%	50%	19,31	64,6%	20,3%	15%	11,3%	5%	67,5%	6,51	48,8%	32,5%	18,8%
	2006	80	36,3%	63,8%	19,5	53,2%	25,3%	12,5%	16,3%	1,3%	70%	6,61	64,6%	21,5%	13,9%
	2007	80	45%	55%	18,64	61,3%	22,5%	6,3%	10%	0%	83,8%	5,76	42,5%	40%	17,5%
Educação Física		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	110	56,4%	43,6%	19,88	*	*	16,4%	20,9%	9,1%	53,6%	5,63	55%	31,2%	13,8%
	2003	110	51,8%	48,2%	20,07	77,6%	22,4%	13,6%	27,3%	3,6%	55,5%	5,49	59,1%	29,1%	11,8%
	2004	110	57,3%	42,7%	19,56	60%	33,6%	9,1%	19,1%	8,2%	63,6%	5,74	59,1%	30,9%	10%
	2005	110	55%	45%	19,41	64,2%	30,3%	10,8%	23,4%	5,4%	60,4%	5,68	57,7%	26,1%	16,2%
	2006	110	59,1%	40,9%	19,96	54,1%	35,8%	3,6%	28,2%	10%	58,2%	6,41	60,7%	26,2%	13,1%
	2007	110	50,9%	49,1%	19,32	59,1%	31,8%	7,3%	19,1%	7,3%	65,5%	5,13	70%	23,6%	6,4%
Enfermagem		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	96	17,7%	82,3%	20,19	*	*	13,5%	30,2%	11,5%	44,8%	4,69	70,8%	22,9%	6,3%
	2003	96	12,5%	87,5%	20,15	69,2%	30,8%	9,4%	31,3%	9,4%	50%	4,38	74,7%	17,9%	7,4%
	2004	96	13,5%	86,5%	20,59	58,3%	35,4%	7,3%	28,1%	11,5%	53,1%	4,96	76%	20,8%	3,1%
	2005	96	13,5%	86,5%	20,77	66,3%	26,4%	6,3%	29,2%	7,3%	57,3%	4,86	77,1%	20,8%	2,1%
	2006	96	17,7%	82,3%	20,1	53,1%	38,5%	5,2%	24%	8,3%	62,5%	5,91	74,7%	20%	5,3%
	2007	96	12,5%	87,5%	20,03	50%	36,5%	4,2%	20,8%	3,1%	71,9%	4,63	77,9%	20%	2,1%
Enga. Civil		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	200	76,5%	23,5%	19,82	*	*	10,6%	22,6%	6,5%	60,3%	6,07	48,5%	22,7%	28,8%

	2003	200	75,4%	24,6%	19,91	76,8%	23,2%	9%	22,6%	6%	62,3%	6,06	47,2%	25,1%	27,6%
	2004	200	73,5%	26,5%	18,93	70,4%	22,1%	6,5%	23,1%	5%	65,3%	6,14	48,5%	33,5%	17,5%
	2005	200	74,5%	25,5%	19,27	72%	17,9%	12,4%	22%	2,8%	62,8%	6,06	52,7%	29,5%	15,9%
	2006	200	73,5%	26,5%	18,78	65,5%	22,3%	14,1%	13,6%	3,5%	68,8%	6,73	52%	31,6%	16,3%
	2007	200	74,5%	25,5%	18,64	70%	19%	7,5%	10%	2%	80,5%	5,81	47%	33,5%	19,5%
Enga. Minas		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	50	74%	26%	20,78	*	*	16%	28%	14%	42%	4,42	64%	20%	16%
	2003	50	82%	18%	19,34	68,8%	31,3%	18%	36%	4%	42%	4,42	72%	20%	8%
	2004	50	78%	22%	19,56	72%	16%	12%	22%	4%	62%	5,13	54%	38%	8%
	2005	50	82%	18%	19,44	70%	28%	18%	16%	10%	56%	5,5	74%	16%	10%
	2006	50	80%	20%	18,9	67,3%	28,6%	12%	18%	4%	66%	6,5	62%	28%	10%
	2007	50	80%	20%	18,54	60%	32%	22%	6%	0%	72%	5,4	56%	38%	6%
Enga. Mecânica - Noite		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	80	97,5%	2,5%	20,74	*	*	37,5%	16,3%	12,5%	33,8%	3,74	66,3%	25%	8,8%
	2003	80	96,2%	3,8%	22,16	64,9%	35,1%	36,7%	27,8%	6,3%	29,1%	3,46	72,7%	15,6%	11,7%
	2004	80	96,3%	3,8%	20,48	63,3%	30,4%	26,3%	26,3%	10%	37,5%	4,65	65%	25%	10%
	2005	80	93,8%	6,3%	20,55	65%	26,3%	32,5%	13,8%	12,5%	41,3%	4,97	58,8%	28,8%	12,5%
	2006	80	97,5%	2,5%	19,99	54,4%	30,4%	43,8%	8,8%	5%	42,5%	5,32	63,8%	30%	6,3%
	2007	80	98,8%	1,2%	20,19	55%	33,8%	45%	17,5%	2,5%	35%	4,92	59,5%	29,1%	11,4%
Enga. Metalúrgica		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	50	92%	8%	19,34	*	*	24%	30%	8%	38%	4,32	68%	22%	10%
	2003	50	94%	6%	19,48	77,6%	22,4%	10%	34%	6%	50%	4,2	68%	24%	8%
	2004	50	84%	16%	19,92	62%	28%	4%	32%	8%	54%	4,9	74%	20%	6%
	2005	50	84%	16%	19,48	54%	36%	10%	28%	6%	56%	5,8	52%	26%	20%
	2006	50	78%	22%	18,76	56%	32%	26%	16%	2%	56%	6,22	69,4%	14,3%	16,3%
	2007	50	76%	24%	18,6	54,2%	27,1%	16%	8%	0%	76%	5,8	36,7%	38,8%	24,5%

Farmácia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	132	31,8%	68,2%	18,97	*	*	14,4%	22,7%	3%	59,8%	5,74	54,2%	38,2%	7,6%
	2003	132	28%	72%	19,14	83,6%	16,4%	23,5%	20,5%	1,5%	54,5%	5,05	68,2%	22%	9,8%
	2004	132	31,1%	68,9%	19,18	69,5%	23,7%	13,6%	23,5%	3,8%	59,1%	5,33	71,2%	21,2%	7,6%
	2005	132	37,9%	62,1%	19,04	64,4%	27,3%	15,2%	13,6%	3,8%	67,4%	5,75	65,9%	25%	8,3%
	2006	132	27,3%	72,7%	18,98	59,1%	34,8%	18,9%	13,6%	3%	64,4%	6,29	69,5%	27,5%	3,1%
	2007	132	32,6%	67,4%	19,19	71,2%	16,7%	6,8%	15,2%	3%	75%	5,36	61,4%	30,3%	8,3%
Filosofia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	45	75,6%	24,4%	25,16	*	*	6,7%	31,1%	13,3%	48,9%	5,22	44,4%	35,6%	20%
	2003	45	70,5%	29,5%	23,23	73,8%	26,2%	9,1%	15,9%	11,4%	61,4%	4,89	65,9%	18,2%	15,9%
	2004	45	73,3%	26,7%	21,11	46,7%	24,4%	11,1%	20%	4,4%	62,2%	5,9	62,2%	31,1%	6,7%
	2005	45	67,4%	32,6%	21,2	56,5%	23,9%	6,5%	32,6%	8,7%	52,2%	5,28	65,2%	26,1%	8,7%
	2006	45	75,6%	24,4%	23,4	60%	22,2%	8,9%	33,3%	8,9%	48,9%	5,5	68,2%	15,9%	15,9%
	2007	45	77,8%	22,2%	24,33	62,2%	20%	4,4%	26,7%	2,2%	66,7%	4,87	48,9%	42,2%	8,9%
Física - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	50	78%	22%	18,68	*	*	8%	20%	6%	66%	6,22	52%	16%	32%
	2003	50	66%	34%	19,04	77,6%	22,4%	12%	12%	6%	70%	5,76	48%	32%	20%
	2004	50	82%	18%	19,22	70%	20%	6%	10%	4%	80%	6,67	42%	34%	24%
	2005	50	84%	16%	19,68	60%	34%	16%	32%	0%	52%	5,24	62%	30%	8%
	2006	50	84%	16%	19,48	72%	16%	18%	8%	2%	72%	7,23	46%	40%	14%
	2007	50	86%	14%	19,76	52%	30%	2%	22%	6%	70%	5,4	64%	20%	16%
Fonoaudiologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	50	2%	98%	20,76	*	*	14,3%	18,4%	4,1%	63,3%	5,84	42,9%	38,8%	18,4%
	2003	50	14%	86%	19,1	74%	26%	2%	34%	4%	60%	4,88	72%	20%	8%
	2004	50	14%	86%	19,52	66%	20%	6%	40%	4%	50%	5,08	64%	28%	8%
	2005	50	7,7%	92,3%	19,79	66,7%	25,5%	3,8%	36,5%	9,6%	50%	4,84	78,8%	13,5%	5,8%

	2006	50	6%	94%	19,42	60%	26%	4%	30%	2%	64%	6,25	69,4%	28,6%	2%
	2007	50	4%	96%	20	54%	40%	10%	34%	4%	52%	4,6	76%	20%	4%
Gografia - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	40	47,5%	52,5%	21,78	*	*	12,5%	25%	20%	42,5%	4,77	67,5%	22,5%	10%
	2003	40	60%	40%	19,7	86,5%	13,5%	10%	35%	12,5%	42,5%	4,65	60%	20%	20%
	2004	40	65%	35%	21,9	55%	35%	7,5%	27,5%	10%	55%	5,54	55%	22,5%	22,5%
	2005	40	67,5%	32,5%	20,48	62,5%	25%	7,5%	25%	12,5%	55%	5,21	62,5%	30%	5%
	2006	40	52,5%	47,5%	19,1	60%	25%	10%	15%	5%	70%	6,91	52,6%	34,2%	13,2%
	2007	40	60%	40%	20,3	67,5%	22,5%	0%	22,5%	5%	72,5%	4,88	62,5%	32,5%	5%
Geologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	35	80%	20%	19,74	*	*	17,6%	29,4%	2,9%	50%	5,58	58,8%	23,5%	17,6%
	2003	35	71,4%	28,6%	19,4	68,6%	31,4%	11,4%	17,1%	5,7%	65,7%	5	71,4%	14,3%	14,3%
	2004	35	48,6%	51,4%	19,09	71,4%	17,1%	20%	25,7%	8,6%	45,7%	5,41	65,7%	28,6%	5,7%
	2005	35	68,6%	31,4%	19,89	73,5%	23,5%	20%	11,4%	5,7%	62,9%	5,91	48,6%	25,7%	22,9%
	2006	35	60%	40%	19,26	60%	20%	11,4%	22,9%	0%	65,7%	7	54,3%	28,6%	17,1%
	2007	35	65,7%	34,3%	19,23	41,2%	35,3%	17,1%	20%	0%	62,9%	5,4	54,3%	40%	5,7%
História - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	44	59,1%	40,9%	20,16	*	*	13,6%	25%	9,1%	52,3%	5,55	50%	29,5%	20,5%
	2003	44	50%	50%	19,84	72,7%	27,3%	18,2%	13,6%	6,8%	61,4%	5,89	47,7%	31,8%	20,5%
	2004	44	43,2%	56,8%	19,77	61,4%	34,1%	11,4%	15,9%	6,8%	65,9%	6,71	45,5%	38,6%	15,9%
	2005	44	47,7%	52,3%	18,73	65,9%	27,2%	6,8%	22,7%	4,5%	65,9%	6,51	56,8%	22,7%	20,5%
	2006	44	43,2%	56,8%	18,7	59,1%	25%	9,1%	20,5%	2,3%	68,2%	7,07	48,8%	37,2%	14%
	2007	44	47,7%	52,3%	19,89	46,5%	25,6%	9,1%	13,6%	6,8%	70,5%	5,49	58,1%	34,9%	7%
Letras - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	140	28,6%	71,4%	21,97	*	*	13,7%	21,6%	5,8%	59%	5,53	55,7%	25%	19,3%
	2003	140	31,4%	68,6%	22,79	76,3%	23,7%	6,4%	23,6%	5,7%	64,3%	5,42	55%	25%	20%

	2004	140	29,3%	70,7%	21,71	73,6%	20%	7,9%	27,1%	13,6%	51,4%	5,32	67,9%	17,9%	14,3%
	2005	140	37,1%	62,9%	22,71	67,8%	18,2%	5,6%	23,8%	4,9%	65%	5,66	60,8%	23,1%	14,7%
	2006	140	30,7%	69,3%	22,56	64,7%	27,3%	7,1%	26,4%	5,7%	59,3%	6,24	64,5%	23,9%	11,6%
	2007	140	28,6%	71,4%	21,64	68,3%	18,7%	5,7%	22,9%	5,7%	65%	4,95	67,1%	22,1%	10,7%
Matematica - Dia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	50	50%	50%	22,98	*	*	8,2%	34,7%	18,4%	38,8%	4,22	77,6%	16,3%	6,1%
	2003	50	56%	44%	20,74	58%	42%	20%	38%	8%	34%	3,92	68%	20%	12%
	2004	50	58%	42%	19,98	62%	26%	14%	30%	8%	48%	4,65	78%	16%	6%
	2005	50	56%	44%	20,9	72%	22%	8%	34%	10%	48%	4,9	66%	22%	12%
	2006	50	60%	40%	20,78	59,2%	30,6%	12,2%	26,5%	6,1%	53,1%	5,63	79,6%	12,2%	8,2%
	2007	50	64%	36%	21,36	46%	38%	10%	20%	10%	60%	4,92	56%	26%	18%
Matematica Computacional		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	20	85%	15%	20	*	*	25%	25%	15%	35%	5,2	45%	45%	10%
	2003	20	70%	30%	19,4	63,2%	36,8%	40%	5%	10%	40%	4,75	65%	25%	10%
	2004	20	95%	5%	20,15	60%	35%	20%	20%	10%	50%	4,83	60%	25%	15%
	2005	20	95%	5%	21,1	55%	35%	20%	5%	5%	70%	5,26	60%	25%	15%
	2006	20	85%	15%	19,95	45%	30%	35%	20%	10%	35%	6,21	65%	25%	10%
	2007	20	85%	15%	19,45	55%	30%	25%	20%	10%	45%	4,55	65%	30%	5%
Musica - Licenciatura		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	8	75%	25%	21	*	*	0%	37,5%	0%	62,5%	6,13	12,5%	25%	62,5%
	2003	8	75%	25%	23,38	62,5%	37,5%	0%	25%	0%	75%	5,63	37,5%	37,5%	25%
	2004	8	87,5%	12,5%	24,38	62,5%	25%	37,5%	25%	0%	37,5%	4,88	62,5%	12,5%	25%
	2005	8	87,5%	12,5%	23,13	62,5%	37,5%	12,5%	50%	12,5%	25%	3,75	100%	0%	0%
	2006	8	87,5%	12,5%	21,25	85,7%	14,3%	12,5%	0%	0%	87,5%	7	50%	37,5%	12,5%
	2007	8	50%	50%	22,75	37,5%	50%	12,5%	0%	0%	87,5%	4,63	62,5%	37,5%	0%
Musica - Bacharelado		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM

	2002	36	86,1%	13,9%	21,22	*	*	2,8%	33,3%	5,6%	58,3%	5,34	55,6%	33,3%	11,1%
	2003	36	75%	25%	21,44	69,4%	30,6%	13,9%	30,6%	2,8%	50%	4,83	52,8%	22,2%	25%
	2004	36	73,7%	26,3%	21,55	67,6%	24,3%	5,4%	21,6%	2,7%	67,6%	5,77	44,7%	36,8%	15,8%
	2005	36	71,8%	28,2%	20,54	70,3%	27%	10,3%	25,6%	7,7%	53,8%	6,13	48,7%	33,3%	17,9%
	2006	36	65,7%	34,3%	20,83	60%	17,1%	11,4%	25,7%	0%	60%	6,31	62,9%	22,9%	14,3%
	2007	36	68,4%	31,6%	21,08	60,9%	26,1%	9,9%	17%	3,7%	69,1%	5,11	57,9%	26,3%	15,8%
Odontologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	120	27,5%	72,5%	19,15	*	*	11,8%	13,4%	5,9%	68,9%	6,68	43,7%	29,4%	26,9%
	2003	120	41,2%	58,8%	19,53	85,3%	14,7%	7,6%	21%	2,5%	68,9%	6,07	49,6%	37,8%	12,6%
	2004	120	40,8%	59,2%	19,15	71,4%	18,5%	6,7%	18,5%	5,9%	68,9%	6,58	50,8%	28,3%	20%
	2005	120	29,8%	70,2%	20,01	69,2%	20,8%	7,4%	20,7%	5%	66,9%	6,24	57%	28,9%	14%
	2006	120	34,2%	65,8%	19,51	65,8%	24,2%	5%	20%	4,2%	70,8%	6,66	59,2%	32,5%	8,3%
	2007	120	35,8%	64,2%	19,33	70,8%	16,7%	1,7%	17,5%	5%	75,8%	5,45	54,2%	36,7%	9,2%
Psicologia		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	132	25,8%	74,2%	19,61	*	*	8,5%	16,9%	3,8%	70%	6,68	41,5%	33,1%	25,4%
	2003	132	32,6%	67,4%	20,05	80%	20%	10,6%	12,9%	6,8%	69,7%	6,14	45,5%	30,3%	24,2%
	2004	132	26,5%	73,5%	19,96	64,4%	27,3%	13,6%	23,5%	4,5%	58,3%	5,75	55,3%	33,3%	10,6%
	2005	132	25%	75%	20,2	63,4%	24,4%	8,4%	18,3%	6,9%	66,4%	5,7	55,3%	29,5%	14,4%
	2006	132	28%	72%	19,59	70,2%	16,8%	8,3%	11,4%	7,6%	72,7%	6,81	55%	30,5%	14,5%
	2007	132	31,8%	68,2%	19,55	68,9%	16,7%	6,1%	15,9%	2,3%	75,8%	5,52	55,3%	33,3%	11,4%
Terapia Ocupacional		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	60	6,7%	93,3%	19,42	*	*	16,7%	26,7%	11,7%	45%	5,56	53,3%	31,7%	15%
	2003	60	6,7%	93,3%	19,27	74,1%	25,9%	10%	36,7%	5%	48,3%	4,92	66,7%	21,7%	11,7%
	2004	60	1,7%	98,3%	19,48	65%	23,3%	10%	18,3%	8,3%	63,3%	5,02	78,3%	15%	6,7%
	2005	60	12,5%	87,5%	20,17	63,5%	26,9%	6,3%	26,6%	4,7%	62,5%	5,81	53,1%	32,8%	14,1%
	2006	60	8,3%	91,7%	19,35	52,5%	33,9%	3,3%	36,7%	0%	60%	5,82	78%	20,3%	1,7%
	2007	60	8,3%	91,7%	19,47	63,3%	28,3%	8,3%	23,3%	3,3%	65%	4,52	73,3%	26,7%	0%

Turismo		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	60	40%	60%	19,42	*	*	13,3%	18,3%	8,3%	58,3%	6,08	36,7%	45%	18,3%
	2003	60	35,6%	64,4%	18,42	85,7%	14,3%	11,9%	11,9%	0%	76,3%	6,59	49,2%	30,5%	20,3%
	2004	60	33,3%	66,7%	20,17	70%	26,7%	8,3%	28,3%	5%	58,3%	5,81	60%	28,3%	11,7%
	2005	60	31,7%	68,3%	19,77	60%	30%	3,3%	23,3%	1,7%	71,7%	5,8	63,3%	26,7%	10%
	2006	60	40%	60%	21,43	55%	35%	5%	26,7%	1,7%	65%	6,64	59,3%	25,4%	15,3%
	2007	60	36,7%	63,3%	21,15	66,7%	20%	3,3%	16,7%	1,7%	78,3%	5	71,7%	20%	8,3%
Ciência da Nutrição/ Nutrição		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2003	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2004	60	5%	95%	19,3	63,3%	30%	10%	18,3%	11,7%	60%	5,67	61,7%	28,3%	10%
	2005	60	9,7%	90,3%	18,84	68,3%	21,6%	3,2%	22,6%	1,6%	72,6%	6,08	64,5%	21%	11,3%
	2006	60	3,3%	96,7%	18,4	65%	26,7%	6,7%	16,7%	5%	71,7%	6,93	58,3%	30%	11,7%
	2007	60	8,3%	91,7%	19,27	60%	23,3%	3,3%	23,3%	5%	68,3%	4,82	73,3%	23,3%	3,3%
Direito - Noite		Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda - Até 10 SM	Renda - Entre 10 e 20 SM	Renda - Acima de 20 SM
	2002	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2003	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	2004	200	66,5%	33,5%	22,25	71,4%	24,6%	15,5%	15,5%	5,5%	63,5%	6,46	38,5%	28,5%	33%
	2005	200	62%	38%	22,02	64,5%	25%	15,5%	9,5%	4%	70,5%	6,59	39,5%	35%	25%
	2006	200	68,5%	31,5%	21,73	61,8%	24,6%	17,1%	12,6%	5%	65,3%	6,43	51,5%	32,1%	16,3%
	2007	200	62,5%	37,5%	21,61	53,5%	33,5%	15,5%	12,5%	1,5%	70%	5,51	44,5%	36%	19,5%

Fonte: Programa Conexões de Saberes na UFMG, 2007. (Pesquisa " O mapa da exclusão na universidade")

ANEXO C – Característica por curso – menor prestígio

Característica Socioeconômica dos Candidatos: Por Curso (Menor Prestígio)															
BIBLIOTECONOMIA DIA	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	796	22,1%	77,9%	25,28	-	-	2,2%	65,5%	16,7%	16,7%	2,45	91,5%	6,1%	2,4%
	2003	850	20,9%	79,1%	25,08	53,0%	47,0%	1,3%	67,7%	16,2%	13,7%	2,36	92,9%	5,8%	1,3%
	2004	618	26,1%	73,9%	24,57	42,4%	49,0%	2,3%	66,8%	13,4%	15,5%	2,76	92,4%	4,8%	2,4%
	2005	586	23,2%	76,8%	24,4	41,1%	48,6%	1,4%	66,4%	14,1%	17,1%	2,91	91,2%	5,9%	2%
	2006	635	24,7%	75,3%	22,66	42,6%	47,0%	1,9%	59,0%	13,3%	25,5%	4,9	87,7%	8,2%	4,1%
	2007	496	23,4%	76,6%	23,33	44,9%	45,5%	1,2%	56,0%	10,0%	32,2%	3,99	82,5%	11,3%	6,3%
BIBLIOTECONOMIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	580	33,0%	66,0%	26,79	-	-	3,4%	69,4%	19,1%	11,7%	1,65	95,3%	4,5%	2%
	2003	587	32,7%	67,3%	26,98	48,5%	51,5%	2,2%	62,1%	20,1%	14,8%	1,68	95,5%	3,8%	0,7%
	2004	381	37,1%	62,9%	26,54	41,4%	50,5%	2,4%	69,6%	16,8%	10,7%	1,95	96,1%	3,4%	-
	2005	429	36,2%	63,8%	26,98	35,3%	54,7%	2,7%	70,3%	15,1%	8,9%	1,92	94,8%	2,3%	0,7%
	2006	327	34,4%	65,6%	26,4	33,9%	54,5%	1,5%	68,9%	14,2%	13,6%	3,51	95,7%	2,8%	1,5%
	2007	348	32,6%	67,4%	26,51	37,5%	52,7%	1,7%	71,1%	12,6%	13,2%	2,84	94,8%	4%	1,1%
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	985	31,0%	69,0%	22,85	-	-	4,9%	58,5%	20,7%	15,1%	2,43	90,2%	8%	1,8%
	2003	868	35,0%	65,0%	22,53	59,0%	41,0%	4,5%	59,1%	16,3%	19,0%	2,63	88,4%	9,6%	2%
	2004	936	34,7%	65,3%	22,48	49,0%	41,9%	4,6%	57,1%	12,9%	24,5%	3,1	90%	7,7%	2%
	2005	1174	34,4%	65,6%	22,21	45,4%	44,4%	3,9%	60,9%	11,3%	23,5%	3,13	89%	7,1%	2,6%
	2006	1055	35,8%	64,2%	22,15	42,9%	44,6%	3,5%	58,0%	12,9%	25,0%	4,45	90,2%	7,4%	2,4%
	2007	884	34,7%	65,3%	21,82	45,6%	43,8%	2,8%	56,3%	12,1%	28,4%	3,66	90,4%	8%	1,6%

ESTATÍSTICA DIA	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	337	46,6%	53,4%	21,5	-	-	2,4%	58,3%	15,4%	23,1%	3,03	85,8%	11,5%	2,7%
	2003	253	47,8%	52,2%	21,6	61,8%	38,2%	5,2%	57,8%	12,7%	22,7%	3,05	86,1%	10%	4%
	2004	256	47,5%	52,5%	21,81	47,5%	42,0%	3,5%	57,0%	15,6%	23,0%	3,13	87,9%	7,8%	3,9%
	2005	325	48,3%	51,7%	21,96	41,6%	46,8%	4,3%	64,6%	7,9%	23,2%	3,26	87,5%	7,9%	3,3%
	2006	237	46,4%	53,6%	21,65	42,9%	46,2%	4,2%	58,2%	4,6%	32,5%	4,9	85,7%	10,1%	4,2%
	2007	243	50,6%	49,4%	21,15	41,1%	46,1%	6,2%	49,4%	7,8%	36,6%	4,06	82,7%	12,3%	4,9%
FÍSICA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	349	80,7%	19,3%	24,86	-	-	13,4%	54,7%	12,8%	17,4%	2,15	85,5%	12,8%	1,7%
	2003	393	83,5%	16,5%	24,41	58,5%	41,5%	15,6%	50,1%	11,3%	20,5%	2,24	88,2%	9,2%	2,6%
	2004	314	79,8%	20,2%	23,79	45,4%	45,4%	12,0%	51,9%	12,0%	23,1%	2,61	87,7%	8,8%	2,5%
	2005	280	84,0%	16,0%	24,64	41,5%	47,7%	8,6%	55,7%	10,4%	25,0%	2,85	87,2%	10%	2,5%
	2006	232	80,3%	19,7%	24,41	40,9%	47,4%	13,7%	59,7%	10,3%	16,3%	3,94	90,5%	8,2%	1,3%
	2007	224	84,4%	15,6%	25,36	42,6%	45,7%	9,8%	54,9%	9,4%	24,6%	3,37	87,1%	10,7%	2,2%
GEOGRAFIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	661	66,7%	36,3%	25,38	-	-	4,8%	55,8%	25,9%	11,8%	1,85	93%	6%	1%
	2003	597	66,7%	33,3%	24,92	56,3%	43,7%	3,4%	62,1%	21,4%	11,3%	1,88	93,9%	4,7%	1,4%
	2004	630	67,2%	32,8%	24,38	48,3%	42,8%	3,6%	60,1%	21,1%	13,6%	2,47	91,1%	7%	1,6%
	2005	457	64,8%	35,2%	25,08	43,5%	47,0%	3,5%	58,0%	20,2%	16,1%	2,57	90,7%	6,7%	2%
	2006	458	61,8%	38,2%	25,31	42,2%	49,0%	3,5%	58,0%	19,9%	17,1%	3,9	91,7%	6,8%	1,5%
	2007	354	58,8%	41,2%	24,82	42,0%	47,2%	5,1%	58,0%	19,9%	16,2%	3,08	92,9%	6,5%	0,6%
HISTÓRIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	775	55,7%	44,3%	25,73	-	-	3,7%	65,1%	16,5%	12,1%	2,07	88,8%	8,8%	2,4%
	2003	819	58,6%	41,4%	25,23	55,1%	44,9%	2,2%	61,5%	17,5%	17,8%	2,16	89,7%	8,1%	2,2%
	2004	700	60,0%	40,0%	24,52	43,5%	47,1%	3,7%	61,3%	15,1%	18,4%	2,6	88,9%	8,8%	1,8%
	2005	738	56,2%	43,8%	24,68	44,6%	45,7%	2,6%	60,5%	18,5%	16,9%	2,8	86,2%	10,9%	2,2%
	2006	564	57,6%	42,4%	24,18	40,4%	47,1%	3,2%	59,6%	15,2%	20,9%	4,21	88,5%	8,5%	3%

	2007	483	57,3%	42,7%	24,34	38,9%	50,5%	5,2%	58,1%	15,6%	19,6%	3,3	89,6%	8,7%	1,7%
LETRAS NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	1858	26,4%	73,6%	25,56	-	-	2,5%	63,9%	16,6%	15,3%	2,14	90%	7,8%	2,2%
	2003	1330	31,7%	68,3%	26,3	56,7%	46,3%	2,7%	60,1%	17,3%	17,8%	2,11	89,8%	7,3%	2,9%
	2004	1336	30,5%	69,5%	24,9	47,8%	43,7%	3,2%	60,9%	16,0%	19,3%	2,65	89,3%	7%	2,9%
	2005	1153	33,4%	66,6%	25,89	43,9%	45,3%	4,3%	57,8%	14,8%	22,1%	2,77	84,9%	10,5%	3,2%
	2006	1089	30,4%	69,6%	25,82	41,3%	47,7%	3,3%	60,0%	14,5%	21,0%	4,04	90,8%	6,8%	2,4%
	2007	893	32,1%	67,9%	25,46	43,8%	46,7%	3,4%	57,0%	14,4%	24,4%	4,14	90,5%	7,2%	2,4%
MATEMÁTICA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	584	57,0%	43,0%	24,45	-	-	8,4%	63,2%	17,5%	9,6%	2,03	90,2%	7,8%	2%
	2003	511	61,8%	38,2%	25,02	52,1%	47,9%	9,8%	58,7%	16,7%	13,4%	1,93	90,1%	7,9%	2%
	2004	511	67,4%	32,6%	25,36	47,1%	44,1%	10,4%	57,1%	15,9%	15,9%	2,35	89,1%	8,2%	2,3%
	2005	408	64,9%	35,1%	25,42	45,3%	45,6%	8,8%	60,6%	13,9%	15,6%	2,42	89,6%	6,8%	2,4%
	2006	335	58,8%	41,2%	24,99	45,1%	46,6%	6,5%	59,1%	13,6%	19,0%	3,7	91,9%	6,3%	1,8%
	2007	292	60,1%	39,9%	25,51	37,7%	52,1%	12,0%	62,0%	11,6%	13,4%	3,09	92,5%	6,8%	0,7%
PEDAGOGIA DIA	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	1252	3,7%	96,3%	24,36	-	-	0,3%	65,7%	15,9%	16,6%	2,63	90,8%	7,2%	2%
	2003	880	3,9%	96,1%	23,77	59,3%	40,7%	0,9%	65,8%	14,7%	17,4%	2,7	90,1%	7,8%	2,1%
	2004	891	4,9%	95,1%	22,91	50,3%	39,8%	1,4%	66,6%	13,9%	17,6%	3,01	92,1%	5,2%	1,3%
	2005	718	3,6%	96,4%	23,41	47,2%	45,7%	1,0%	66,5%	13,4%	18,4%	3,1	91,4%	5,7%	2,1%
	2006	661	6,3%	93,7%	23,11	43,2%	47,1%	1,3%	65,7%	11,7%	20,5%	4,58	92,1%	7%	0,9%
	2007	572	4,2%	95,8%	23,61	40,9%	47,7%	0,3%	66,1%	11,2%	21,5%	3,68	91,4%	7,3%	1,2%
PEDAGOGIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	1249	6,4%	93,6%	25,21	-	-	1,3%	72,1%	17,6%	8,2%	1,73	95,7%	3,8%	0,6%
	2003	1437	11,7%	88,3%	25,54	46,5%	53,5%	1,8%	68,8%	19,1%	9,3%	1,73	96,9%	2,7%	0,4%
	2004	801	11,6%	88,4%	25,05	38,9%	50,9%	2,2%	70,7%	15,8%	10,7%	2,04	95,3%	3%	0,6%
	2005	926	8,6%	94,1%	25,16	37,6%	52,8%	1,4%	72,9%	13,8%	10,8%	2,21	95,3%	2,9%	0,9%

2005	202	62,1%	37,9%	20,15	50,0%	41,0%	9,9%	46,5%	4,5%	39,1%	4,22	79,8%	16,7%	3%
2006	631	46,2%	53,8%	19,26	50,2%	39,4%	4,0%	45,2%	4,6%	46,0%	5,72	76,5%	17,4%	6%
2007	398	45,7%	54,3%	18,7	55,9%	35,8%	5,5%	36,2%	3,8%	54,5%	4,85	70,6%	19,1%	10,3%

Fonte: Programa Conexões de Saberes na UFMG, 2007. (Pesquisa " O mapa da exclusão na universidade")

Característica Socioeconômica dos Candidatos Reprovados: Por Curso (Menor Prestígio)															
	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
BIBLIOTECONOMIA DIA	2002	724	21,0%	79,0%	25,33	-	-	2,1%	65,4%	17,2%	14,4%	2,31	93,8%	5,4%	8%
	2003	768	19,8%	80,2%	25,24	53,5%	46,5%	1,0%	68,9%	16,8%	12,2%	2,26	94,1%	4,9%	1%
	2004	536	25,3%	74,7%	24,76	41,2%	50,6%	1,7%	68,8%	13,6%	13,6%	2,61	94,1%	4,5%	1,1%
	2005	502	22,1%	77,9%	24,56	39,5%	50,4%	1,4%	68,5%	13,8%	15,2%	2,73	93,4%	4,2%	1,4%
	2006	501	23,5%	76,5%	22,73	42,5%	47,2%	1,8%	60,3%	13,3%	24,4%	4,6	87,5%	8,7%	3,8%
	2007	414	22,9%	77,1%	23,46	44,7%	46,9%	1,2%	58,9%	8,8%	30,5%	3,94	82,9%	11,1%	6%
BIBLIOTECONOMIA NOITE	2002	554	30,5%	69,5%	26,71	-	-	2,5%	66,5%	19,0%	10,9%	1,6	96,4%	3,6%	0%
	2003	547	31,6%	68,4%	27,03	48,0%	52,0%	1,8%	62,4%	20,3%	14,7%	1,65	96,1%	3,1%	0,7%
	2004	341	35,0%	65,0%	26,63	41,2%	50,9%	2,0%	71,3%	16,4%	9,6%	1,87	96,8%	2,6%	0,6%
	2005	362	34,9%	65,1%	27,01	35,3%	54,5%	2,3%	70,7%	15,7%	8,3%	1,84	95,5%	1,5%	0,8%
	2006	253	31,6%	68,4%	26,28	34,1%	55,2%	1,4%	70,8%	14,8%	11,7%	3,47	96,5%	1,7%	1,7%
	2007	307	30,0%	70,0%	26,63	35,6%	64,0%	1,6%	73,1%	12,6%	11,0%	2,79	95,1%	3,6%	1,3%
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NOITE	2002	960	30,4%	69,6%	22,9	-	-	4,8%	59,4%	20,5%	14,4%	2,36	91,3%	7%	1,7%
	2003	828	34,3%	65,7%	22,59	58,4%	41,6%	4,4%	60,0%	16,6%	18,1%	2,56	88,7%	9,4%	1,9%
	2004	857	33,6%	66,4%	22,35	48,1%	42,5%	4,0%	59,9%	13,3%	21,9%	2,94	91,7%	6,5%	1,5%

	2005	1053	33,5%	66,5%	22,8	44,8%	45,2%	3,2%	62,4%	11,6%	22,2%	3,02	90%	6,4%	2,3%	
	2006	866	35,3%	64,7%	22,24	42,3%	45,7%	2,8%	60,1%	13,7%	22,9%	4,35	91,7%	6,6%	1,7%	
	2007	802	33,7%	66,3%	19,06	44,9%	45,4%	12,4%	59,3%	12,8%	25,2%	3,55	92,4%	6,8%	0,7%	
ESTATÍSTICA DIA	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro		Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	304	44,4%	55,6%	21,52	-	-	1,3%	61,7%	15,8%	20,5%	2,91	87,5%	10,6%	2%	
	2003	218	44,5%	55,5%	21,74	62,1%	37,9%	4,6%	61,6%	13,4%	18,5%	2,79	89,4%	8,3%	2,3%	
	2004	221	46,8%	53,2%	21,97	44,1%	45,5%	3,6%	59,7%	16,3%	19,9%	2,91	89,6%	6,8%	3,2%	
	2005	294	48,0%	52,0%	22,2	40,1%	48,3%	3,1%	67,9%	8,5%	20,5%	3,1	87,4%	8,2%	3,1%	
	2006	181	43,6%	56,4%	21,89	40,8%	47,3%	2,0%	62,4%	5,0%	30,2%	4,76	87,6%	8,9%	3,6%	
	2007	208	49,5%	50,5%	21,34	41,7%	48,1%	5,3%	51,0%	8,7%	35,1%	3,9	84,1%	11,5%	4,3%	
FÍSICA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro		Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	312	79,5%	20,5%	24,87	-	-	10,3%	58,2%	12,9%	16,7%	2,04	87,1%	12,2%	0,6%	
	2003	353	83,6%	16,4%	24,49	57,5%	42,5%	14,8%	52,7%	12,0%	17,7%	2,04	90,6%	8,3%	1,1%	
	2004	274	77,6%	22,4%	23,69	44,4%	46,9%	9,1%	53,6%	13,8%	22,5%	2,49	89,9%	7,2%	1,8%	
	2005	226	83,8%	16,2%	24,75	36,7%	52,8%	7,9%	60,0%	11,7%	20,4%	2,56	90,5%	7,5%	1,7%	
	2006	179	78,8%	21,2%	24,84	37,5%	51,6%	10,9%	64,8%	10,4%	14,0%	3,78	92,2%	6,7%	1%	
	2007	184	82,6%	17,4%	25,78	43,5%	45,7%	7,6%	57,6%	10,3%	22,8%	3,23	87,5%	10,3%	2,2%	
GEOGRAFIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro		Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	637	63,3%	36,7%	25,48	-	-	4,0%	57,0%	25,8%	11,6%	1,84	93,3%	5,5%	1,1%	
	2003	557	66,2%	33,8%	24,92	56,1%	43,9%	3,3%	63,3%	20,8%	10,7%	1,84	94,2%	4,7%	1,1%	
	2004	590	67,2%	32,8%	24,48	48,4%	43,5%	3,0%	61,4%	21,0%	12,9%	2,39	91,7%	6,8%	1,2%	
	2005	398	64,8%	35,2%	25,3	43,4%	47,2%	2,9%	58,8%	20,7%	15,2%	2,54	91,7%	6%	1,7%	
	2006	375	61,2%	38,8%	25,45	41,4%	49,6%	3,3%	59,2%	20,9%	15,2%	3,81	93,8%	5,3%	1%	
	2007	310	58,0%	42,0%	25,27	40,1%	48,7%	3,8%	60,9%	21,2%	13,1%	2,98	94,6%	4,8%	0,6%	
HISTÓRIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro		Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	750	54,5%	45,5%	25,75	-	-	2,8%	66,8%	16,7%	11,0%	1,97	90,2%	8,5%	1,3%	
	2003	775	57,9%	42,1%	25,32	53,5%	46,5%	1,6%	62,7%	18,0%	16,7%	2,07	90,6%	7,5%	2%	

	2004	657	59,3%	40,7%	24,59	42,5%	48,2%	3,5%	62,6%	15,3%	17,0%	2,52	87,9%	8%	2%
	2005	661	55,7%	44,3%	24,84	44,0%	46,6%	2,2%	60,7%	19,2%	16,2%	2,7	87,1%	10%	2%
	2006	456	56,9%	43,1%	24,22	39,3%	48,2%	3,3%	61,2%	15,4%	19,0%	4,11	90,4%	7,5%	2,1%
	2007	439	56,9%	43,1%	24,41	36,4%	52,6%	4,1%	60,7%	16,0%	18,0%	3,22	90,9%	7,7%	1,4%
LETRAS NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	1747	24,3%	75,7%	25,48	-	-	2,0%	66,0%	17,1%	13,5%	2	92,3%	6,2%	1,5%
	2003	1172	29,9%	70,1%	26,42	51,5%	48,5%	2,1%	63,3%	18,4%	14,0%	1,87	92,8%	5,7%	1,5%
	2004	1177	28,2%	71,8%	25,11	46,3%	45,5%	2,6%	63,4%	16,7%	16,7%	2,43	91,3%	6,1%	1,8%
	2005	950	31,1%	68,9%	25,99	41,8%	47,5%	3,2%	61,1%	15,8%	18,8%	2,54	88,7%	8,2%	1,7%
	2006	839	29,6%	70,4%	25,95	40,0%	49,2%	2,5%	63,4%	14,4%	18,7%	3,92	92,7%	5,3%	2%
	2007	733	31,3%	68,7%	25,7	42,1%	48,9%	2,6%	61,9%	15,5%	19,5%	3,12	93,2%	5,2%	1,6%
MATEMÁTICA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	555	54,4%	45,6%	24,33	-	-	6,9%	65,1%	18,1%	8,9%	1,99	91,1%	7,2%	1,6%
	2003	471	60,3%	39,7%	25,06	51,2%	48,8%	7,7%	61,0%	17,9%	11,9%	1,85	91,1%	6,6%	1,5%
	2004	471	66,6%	33,4%	25,47	46,4%	44,5%	9,4%	58,5%	15,5%	15,7%	2,27	89,9%	7,6%	2,1%
	2005	343	63,0%	37,0%	25,57	43,8%	47,1%	7,8%	62,5%	14,8%	13,5%	2,27	91,4%	5,4%	1,9%
	2006	264	57,6%	42,4%	25,18	45,4%	46,1%	5,7%	60,9%	14,1%	17,2%	3,6	92,9%	5,7%	1,4%
	2007	250	57,3%	42,7%	25,62	38,1%	52,4%	9,9%	65,5%	12,3%	11,1%	2,96	96%	4%	0%
PEDAGOGIA DIA	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	1224	3,5%	96,5%	24,37	-	-	0,2%	68,1%	15,8%	15,4%	2,53	91,7%	6,9%	1,4%
	2003	814	3,8%	96,2%	23,92	58,2%	41,8%	0,7%	66,9%	14,6%	16,5%	2,63	90,8%	7,5%	1,7%
	2004	825	5,0%	95,0%	23,08	49,2%	40,5%	1,4%	67,7%	14,2%	16,2%	2,92	92,6%	5%	1%
	2005	624	3,5%	96,5%	23,52	46,5%	46,4%	0,8%	68,0%	13,6%	16,9%	2,99	92,5%	4,7%	2%
	2006	538	5,1%	94,9%	23,23	43,4%	47,2%	1,2%	67,1%	11,6%	19,3%	4,53	93%	6,2%	0,8%
	2007	503	3,9%	96,1%	23,59	38,9%	50,1%	0,4%	68,6%	12,0%	18,1%	3,62	92,9%	5,9%	1,2%
PEDAGOGIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	1213	5,4%	94,6%	25,19	-	-	1,0%	73,3%	17,3%	7,7%	1,7	96,1%	3,6%	0,3%

	2003	1372	11,1%	88,9%	25,59	46,2%	53,8%	1,8%	69,6%	19,0%	8,8%	1,7	97,4%	2,3%	0,3%
	2004	735	10,1%	89,9%	25,15	38,1%	51,4%	1,8%	72,3%	16,1%	9,2%	1,93	96,4%	2%	0,4%
	2005	808	7,5%	92,5%	25,15	36,4%	53,9%	1,4%	73,7%	13,9%	9,9%	2,14	96,4%	1,8%	0,7%
	2006	676	9,9%	90,1%	25,1	32,1%	57,5%	1,2%	75,4%	13,5%	8,7%	3,63	97,6%	1,8%	0,6%
	2007	608	7,7%	92,3%	25,25	30,9%	58,4%	1,3%	74,2%	14,8%	8,9%	2,88	96,9%	2,3%	0,8%
QUÍMICA DIA	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	372	35,5%	64,5%	21,07	-	-	4,0%	64,2%	11,0%	20,2%	3,12	87,9%	10%	2,2%
	2003	321	38,3%	61,7%	20,88	63,6%	36,4%	7,5%	58,9%	9,7%	22,9%	3,07	86,5%	11,3%	2,2%
	2004	532	37,1%	62,9%	20,31	53,7%	37,5%	4,1%	61,1%	7,5%	26,7%	3,52	89%	9,4%	1,3%
	2005	396	35,8%	64,2%	20,34	48,8%	44,1%	4,1%	56,0%	10,9%	28,7%	3,54	89,1%	8,3%	1,7%
	2006	349	40,1%	59,9%	20,13	50,7%	40,4%	4,0%	57,0%	9,5%	29,6%	4,92	89,2%	9%	1,8%
	2007	383	35,1%	69,9%	20,02	47,7%	42,0%	3,6%	54,4%	9,1%	32,9%	4,04	88,8%	9,1%	2,1%
QUÍMICA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	426	48,1%	51,9%	23,56	-	-	7,8%	61,2%	17,6%	12,5%	1,92	89,2%	9,2%	1,6%
	2003	389	53,2%	46,8%	24,19	57,1%	42,9%	11,1%	56,0%	20,7%	11,1%	1,82	90,1%	7,8%	2,1%
	2004	393	50,9%	49,1%	23,23	47,1%	42,0%	6,1%	66,3%	16,2%	10,3%	2,23	92,2%	5,3%	1,5%
	2005	392	45,8%	54,2%	23,36	44,0%	42,4%	8,6%	61,2%	15,6%	13,2%	2,2	93,1%	5,3%	0,7%
	2006	264	46,2%	53,8%	24,47	39,7%	50,2%	7,3%	66,0%	12,5%	12,8%	3,59	94,1%	5,6%	0,3%
	2007	236	49,2%	50,8%	24,08	37,0%	52,5%	7,1%	63,9%	13,4%	15,5%	3,15	92,8%	5,9%	1,3%
SISTEMA DE INFORMAÇÃO NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	2003	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	2004	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	2005	437	83,9%	16,1%	24,03	55,7%	37,1%	11,5%	41,6%	12,2%	34,2%	3,41	78,1%	17,2%	4,8%
	2006	819	74,1%	25,9%	21,52	47,3%	42,8%	6,7%	54,4%	8,6%	29,8%	4,44	86,1%	11,6%	2,3%
	2007	706	78,4%	21,6%	20,78	46,0%	42,0%	6,6%	48,9%	7,9%	35,7%	3,73	86,1%	11,5%	2,4%
ZOOTECNIA DIA	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM

2002	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2003	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2004	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2005	170	62,4%	37,6%	20,31	52,1%	38,9%	9,5%	49,1%	5,3%	36,1%	4,14	81,8%	14,1%	3,5%
2006	550	45,1%	54,9%	19,29	49,6%	40,4%	3,9%	47,1%	4,4%	44,4%	5,71	77,3%	16,8%	5,9%
2007	356	47,7%	55,3%	18,67	55,2%	36,4%	5,0%	37,4%	3,6%	53,9%	4,83	70,7%	18,4%	10,9%

Fonte: Programa Conexões de Saberes na UFMG, 2007. (Pesquisa " O mapa da exclusão na universidade")

Característica Socioeconômica dos Candidatos Aprovados: Por Curso (Menor Prestígio)															
BIBLIOTECONOMIA DIURNO	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	82	31,7%	68,0%	24,8	-	-	3,7%	46,3%	12,2%	36,6%	3,71	72%	12,2%	15,9%
	2003	82	31,7%	68,3%	23,57	48,8%	51,3%	3,7%	56,1%	11,0%	28,0%	3,28	81,7%	14,6%	3,7%
	2004	82	31,7%	68,3%	23,28	50,0%	39,0%	6,1%	53,7%	12,2%	28,0%	3,73	81,7%	7,3%	11%
	2005	82	29,2%	70,8%	23,47	50,0%	38,6%	1,1%	55,1%	15,7%	28,1%	3,86	78,7%	15,7%	5,6%
	2006	82	32,9%	67,1%	22,24	43,2%	45,7%	2,4%	50,0%	13,4%	32,9%	5,17	89%	4,9%	6,1%
	2007	82	25,6%	74,4%	22,68	45,7%	38,3%	1,2%	40,7%	16,0%	40,7%	4,24	80,2%	12,3%	7,4%
BIBLIOTECONOMIA NOTURNO	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	40	67,5%	32,5%	27,9	-	-	15,0%	42,5%	20,0%	22,5%	2,38	80%	17,5%	2,5%
	2003	40	47,5%	52,5%	26,2	55,0%	45,0%	7,5%	57,5%	17,5%	15,0%	2,13	87,5%	12,5%	0%
	2004	40	55,0%	45,0%	25,73	42,5%	47,5%	5,0%	55,0%	20,0%	20,0%	2,69	90%	10%	0%
	2005	40	48,8%	51,2%	26,66	35,9%	56,4%	7,3%	65,9%	9,8%	14,6%	2,68	87,8%	9,8%	2,4%
	2006	40	55,0%	45,0%	27,25	32,5%	50,0%	2,5%	55,0%	10,0%	27,5%	3,79	90%	10%	0%
	2007	40	52,5%	47,5%	25,6	52,5%	42,5%	2,5%	55,0%	12,5%	30,0%	3,15	92,5%	7,5%	0%

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	80	45,0%	55,0%	21,6	-	-	7,5%	37,5%	25,0%	30,0%	4,3	62,5%	32,5%	5%
	2003	80	50,0%	50,0%	21,2	71,1%	28,9%	7,5%	42,5%	10,0%	37,5%	4,3	82,5%	15%	2,5%
	2004	80	46,3%	53,8%	20,36	58,8%	35,0%	11,3%	27,5%	8,8%	52,5%	4,67	71,3%	20%	7,5%
	2005	80	46,3%	53,8%	20,34	53,8%	33,8%	12,5%	40,0%	6,3%	41,3%	4,69	75%	16,3%	7,5%
	2006	80	42,5%	57,5%	20,99	50,0%	31,3%	11,3%	32,5%	3,8%	51,3%	5,73	72,2%	17,7%	10,1%
	2007	80	43,8%	56,3%	20,2	52,5%	27,5%	7,5%	26,3%	5,0%	61,3%	4,75	70%	20%	10%
FÍSICA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	40	90,0%	10,0%	24,75	-	-	37,5%	27,5%	12,5%	22,5%	3,08	72,5%	17,5%	10%
	2003	40	82,5%	17,5%	23,7	67,5%	32,5%	22,5%	27,5%	5,0%	45,0%	4	67,5%	17,5%	15%
	2004	40	95,0%	5,0%	24,5	52,5%	35,0%	32,5%	40,0%	0,0%	27,5%	3,43	72,5%	20%	7,5%
	2005	40	85,0%	15,0%	24	70,0%	17,5%	12,5%	30,0%	2,5%	52,5%	4,5	67,5%	25%	7,5%
	2006	40	87,5%	12,5%	22,33	57,5%	27,5%	27,5%	35,0%	10,0%	27,5%	4,68	82,1%	15,4%	2,6%
	2007	40	92,5%	7,5%	23,4	38,5%	46,2%	20,0%	42,5%	5,0%	32,5%	4,03	85%	12,5%	2,5%
GEOGRAFIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	40	70,0%	30,0%	23,85	-	-	17,5%	37,5%	27,5%	15,0%	2	87,5%	12,5%	0%
	2003	40	72,5%	27,5%	24,98	60,0%	40,0%	5,0%	45,0%	30,0%	20,0%	2,55	90%	5%	5%
	2004	40	67,5%	32,5%	22,85	47,4%	31,6%	12,5%	40,0%	22,5%	25,0%	3,71	82,5%	10%	7,5%
	2005	40	65,0%	35,0%	22,85	45,0%	45,0%	10,0%	50,0%	15,0%	25,0%	2,92	80%	15%	5%
	2006	40	67,5%	32,5%	23,85	50,0%	42,5%	5,0%	45,0%	10,0%	37,5%	4,84	69,2%	23,1%	7,7%
	2007	40	65,0%	35,0%	21,3	57,5%	35,0%	15,0%	35,0%	10,0%	40,0%	3,9	80%	20%	0%
HISTÓRIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negro	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	44	75,0%	25,0%	25,5	-	-	18,2%	36,4%	13,6%	29,5%	3,72	65,9%	13,6%	20,5%
	2003	44	70,5%	29,5%	23,7	81,4%	18,6%	13,6%	40,9%	9,1%	36,4%	3,77	75%	18,2%	6,8%
	2004	44	70,5%	29,5%	23,41	59,1%	29,5%	6,8%	40,9%	11,4%	38,6%	3,68	77,3%	20,5%	2,3%
	2005	44	63,6%	36,4%	22,05	54,5%	31,8%	9,1%	56,8%	6,8%	27,3%	4,32	70,5%	25%	4,5%
	2006	44	65,9%	34,1%	23,68	52,3%	34,1%	2,3%	40,9%	13,6%	43,2%	5,22	65,9%	20,5%	13,6%

	2007	44	61,4%	38,6%	23,66	63,6%	29,5%	15,9%	31,8%	11,4%	36,8%	4,16	77,3%	18,2%	4,5%
LETRAS NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	160	48,8%	51,3%	26,43	-	-	8,8%	41,3%	11,9%	36,5%	3,61	64,2%	25,8%	10,1%
	2003	160	44,9%	55,1%	25,38	69,7%	30,3%	7,0%	36,7%	9,5%	46,2%	3,92	67,7%	18,4%	13,9%
	2004	160	57,5%	52,5%	23,31	59,1%	30,2%	7,6%	43,0%	10,8%	38,6%	4,13	74,4%	13,8%	11,3%
	2005	160	48,1%	51,9%	25,21	56,7%	30,6%	11,3%	36,9%	8,8%	43,1%	4,21	61,3%	25%	12,5%
	2006	160	35,6%	64,4%	25,02	48,8%	38,8%	8,1%	40,6%	15,0%	34,4%	4,73	79,9%	15,7%	4,4%
	2007	160	35,6%	64,4%	24,32	51,9%	36,9%	6,9%	35,0%	9,4%	46,9%	4,09	78,1%	16,3%	5,6%
MATEMÁTICA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	40	92,5%	7,5%	26,03	-	-	30,0%	37,5%	10,0%	20,0%	2,67	77,5%	15%	7,5%
	2003	40	80,0%	20,0%	24,48	61,5%	38,5%	35,0%	32,5%	2,5%	30,0%	2,88	70%	22,5%	7,5%
	2004	40	77,5%	22,5%	24,1	55,0%	40,0%	22,5%	40,0%	20,0%	17,5%	3,16	80%	15%	5%
	2005	40	82,5%	17,5%	24,1	60,0%	32,5%	17,5%	42,5%	5,0%	35,0%	3,68	72,5%	20%	7,5%
	2006	40	67,5%	32,5%	23,65	42,5%	50,0%	12,5%	45,0%	10,0%	32,5%	4,43	84,6%	10,3%	5,1%
	2007	40	77,5%	22,5%	24,8	35,0%	50,0%	25,0%	40,0%	7,5%	27,5%	3,93	70%	25%	5%
PEDAGOGIA DIA	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	66	7,6%	92,4%	24,2	-	-	11,8%	13,4%	5,9%	68,9%	4,39	75,8%	12,1%	12,1%
	2003	66	4,5%	95,5%	22	71,9%	28,1%	3,0%	53,0%	15,2%	28,8%	3,56	81,8%	12,1%	6,1%
	2004	66	3,0%	97,0%	20,71	64,6%	30,8%	1,5%	53,0%	10,6%	34,8%	4	86,4%	7,6%	6,1%
	2005	66	4,5%	95,5%	22,34	53,8%	38,5%	3,0%	52,2%	11,9%	32,8%	4,15	80,6%	14,9%	3%
	2006	66	16,7%	83,3%	22,02	41,5%	46,2%	3,0%	53,0%	12,1%	31,8%	5,05	84,6%	13,8%	1,5%
	2007	66	6,1%	93,9%	23,76	56,9%	29,2%	0,0%	47,0%	4,5%	47,0%	4,15	80,3%	18,2%	1,5%
PEDAGOGIA NOITE	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branco	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	66	24,2%	75,8%	25,55	-	-	7,6%	50,0%	22,7%	16,7%	2,26	87,9%	7,6%	4,5%
	2003	66	24,6%	75,4%	24,51	53,2%	46,8%	3,1%	53,1%	21,9%	21,9%	2,31	85,9%	12,5%	1,6%
	2004	66	28,8%	71,2%	23,91	47,0%	45,5%	7,6%	53,0%	12,1%	27,3%	3,14	83,3%	13,6%	3%
	2005	66	22,7%	77,3%	25,26	53,8%	38,4%	1,5%	62,1%	12,1%	22,7%	3,17	80,3%	16,7%	3%

	2005	40	80,0%	20,0%	22,45	60,0%	27,5%	40,0%	12,7%	0%	47,5%	4,8	52,5%	45%	2,5%
	2006	40	92,5%	7,5%	20,73	60,0%	27,5%	20,0%	12,5%	10,0%	57,5%	5,73	57,5%	35%	7,5%
	2007	40	82,5%	17,5%	20,45	67,5%	22,5%	37,5%	22,5%	2,5%	37,5%	4,53	72,5%	22,5%	5%
ZOOTECNIA DIA	Ano	Total	Homens	Mulheres	Idade (Média)	Branços	Negros	Escola Pública - Federal	Escola Pública - Estadual	Escola Pública - Municipal	Escola Particular	FSE (Média)	Renda – até 10 SM	Renda – entre 10 e 20 SM	Renda – acima de 20 SM
	2002	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	2003	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	2004	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	2005	40	60,6%	39,4%	19,33	39,4%	51,5%	12,1%	33,3%	0%	54,5%	4,66	69,7%	30,3%	0%
	2006	40	62,5%	37,5%	18,9	60,0%	25,0%	5,0%	17,5%	7,5%	70,0%	5,95	65%	27,5%	7,5%
	2007	40	55,0%	45,0%	19	62,5%	30,0%	10,0%	25,0%	5,0%	60,0%	5	70%	25%	5%

Fonte: Programa Conexões de Saberes na UFMG, 2007. (Pesquisa " O mapa da exclusão na universidade")

SITES CONSULTADOS

1. <http://www.ibge.gov.br/home/>
2. <http://www.ipeadata.gov.br>
3. <http://www.eclac.org>
4. <http://umnegro.blogspot.com/2008/05/kabengele-munanga-difcil-tarefa-de.html>
5. <http://www.nacaomestica.org>

ÍNDICE

A

ações afirmativas, 12, 21, 23, 30, 35, 37, 47, 52, 55, 58, 59, 65, 77, 121, 142, 160, 167, 200, 212
 África, 44, 73, 128, 129, 171, 205
 ambiguidade, 92
 Análise do Discurso, 9, 12, 34, 39, 42, 50, 90, 111, 136, 141, 145, 197, 203, 213

B

brancos, 30, 34, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 76, 77, 79, 80, 81, 84, 86, 87, 89, 96, 101, 104, 119, 126, 142, 148, 165, 179, 187, 191, 194
 branqueamento, 21, 61, 67, 69, 82, 167, 179, 181, 200, 213
 branquidade, 64, 66, 84, 85, 87, 88, 89, 95, 104, 119, 120, 127, 128, 130, 131, 144, 148, 165, 178, 190, 191, 193, 197, 205, 207

C

capitalismo, 49, 85, 87, 88, 89, 119, 132, 181, 182, 186, 203

censo, 30, 35, 57, 58, 65, 74, 75, 76, 77, 80
 classe, 30, 45, 46, 49, 54, 56, 57, 59, 65, 66, 67, 73, 74, 76, 77, 78, 82, 84, 88, 97, 101, 106, 111, 116, 129, 133, 139, 140, 147, 154, 163, 174, 181, 182, 183, 184, 196, 198, 215
 coletividade, 39, 99, 137, 138, 144, 172, 174, 175, 183
 colonialismo, 119, 191
 Conexões de Saberes, 7, 8, 12, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 34, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 122, 123, 124, 133, 147, 211, 212, 218
 conflitos raciais, 59, 94, 97, 159
 conhecimento, 6, 29, 32, 35, 39, 41, 44, 46, 48, 49, 55, 56, 95, 112, 125, 133, 139, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 186, 191, 192, 197
 contexto social, 76, 92, 95, 137, 156, 194
 contextualismo, 37
 cor, 12, 29, 34, 35, 45, 46, 48, 53, 54, 57, 63, 65, 66, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 82, 88, 90, 104, 122, 123, 124, 128, 151, 155, 160, 162, 163, 164, 176, 179, 181, 187, 188, 191, 193, 194, 196, 199, 206, 210, 213, 214, 216

corpo, 33, 82, 86, 93, 95, 98, 101, 102, 106, 128, 164, 170, 180, 196, 199, 205
corporeidade, 86, 130, 132, 144, 181, 182, 185, 188, 191, 194, 205

D

democratização, 21, 26, 29, 36, 52, 56, 211
diáspora africana, 72, 128
disciplina da interpretação, 42, 90
discurso, 12, 21, 30, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 44, 50, 52, 61, 64, 90, 93, 94, 96, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 125, 128, 130, 131, 132, 137, 141, 142, 143, 144, 148, 152, 156, 158, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 188, 191, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 205, 206, 209, 211, 212, 213, 214, 215
dispositivo da mestiçagem, 34, 59, 69, 90, 121, 156, 178, 186
diversidade, 10, 22, 24, 44, 47, 60, 82, 99, 163, 212

E

educação superior, 53
elementos metodológicos, 12, 14, 36, 49
elite, 36, 60, 140, 147, 179, 188

embranquecimento, 34, 67, 69, 105, 142, 182
enfrentamento, 12, 31, 37, 55, 56, 132, 144, 150, 178, 185
Estatuto da Igualdade Racial, 35, 213
Europa, 44, 61, 87, 119, 125, 128, 191
evidências ideológicas, 50, 158
experiência, 23, 24, 26, 28, 31, 33, 37, 40, 48, 51, 67, 74, 91, 101, 105, 107, 118, 119, 123, 124, 125, 127, 131, 132, 135, 136, 142, 144, 154, 162, 169, 172, 180, 181, 197, 211, 216

F

função proposicional, 105
função sógnica, 105

H

hierarquias, 12, 21, 29, 38, 41, 79, 86, 95, 179, 195, 196
história de vida, 34, 39, 48, 124, 127, 134, 136
historicidade, 32, 102, 105, 107, 128, 130, 148, 159, 172, 180

I

identidade, 12, 22, 23, 25, 29, 31, 33, 40, 46, 51, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 84, 86, 88, 90, 91, 93, 97, 101, 102, 103, 104, 118, 121, 130, 131, 148, 152,

167, 178, 191, 193, 195, 196, 205, 206,
207, 209, 210, 213, 214, 216, 217

identidade racial, 68, 93, 121

ideologia, 12, 21, 33, 34, 38, 42, 45, 47,
61, 64, 65, 67, 69, 70, 78, 84, 91, 94,
105, 110, 115, 117, 121, 131, 142, 155,
157, 158, 167, 176, 181, 182, 183, 185,
196, 197, 209, 217

ideologia do branqueamento, 34, 61, 64,
67, 69, 95, 117, 185

imaginário, 32, 33, 34, 59, 64, 66, 71,
82, 95, 102, 119, 121, 155, 156, 157,
167, 168, 175, 188, 193

indivíduo, 31, 33, 38, 66, 83, 93, 95, 96,
98, 101, 102, 103, 114, 115, 117, 119,
123, 134, 148, 150, 154, 157, 172, 174,
176, 178, 183, 184, 192, 193

interpelação, 24, 78, 93, 94, 95, 104,
110, 111, 128, 133, 148, 157, 171, 178

L

linguagem, 25, 31, 33, 34, 35, 41, 42,
90, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110,
112, 114, 132, 142, 153, 159, 160, 166,
167, 168, 170, 172, 197, 199, 202, 209,
214

linguística, 107, 108, 111, 113, 116,
117, 159, 160, 163, 165, 213, 33, 105,
106, 109, 110, 136, 160, 172, 197, 215

M

memória, 4, 12, 21, 24, 32, 34, 39, 40,
42, 46, 48, 49, 50, 93, 98, 99, 100, 101,
102, 103, 125, 142, 148, 149, 151, 155,
156, 162, 170, 172, 196, 199, 200, 202,
207

mérito, 52, 56, 78, 101, 126, 175, 182,
185, 186, 196

mestiçagem, 21

mestiço, 12, 21, 35, 60, 75, 76, 90, 91,
97, 101, 103, 104, 121, 159, 160, 168,
179, 186, 192, 193, 194, 213

miscigenação, 60, 62, 63, 65, 67, 68,
151, 161, 189, 204

mito, 12, 14, 21, 33, 34, 45, 60, 61, 65,
70, 71, 84, 95, 121, 125, 156, 167, 179,
185, 187, 193, 198, 207, 213

Movimento Negro, 18, 36, 72, 92, 125,
171, 185

Movimento Pardo-Mestiço Brasileiro,
35

N

negritude, 64, 84, 85, 87, 120, 127, 128,
130, 131, 132, 148, 165, 179, 190, 191,
193, 197, 213, 12, 84, 85, 131, 182, 190

negros, 23, 26, 27, 28, 30, 34, 47, 52,
54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67,
69, 70, 71, 72, 73, 79, 85, 86, 96, 119,
128, 129, 149, 161, 164, 165, 171, 172,
179, 181, 187, 189, 199, 200, 201, 203,
206, 210, 214, 215, 217

P

pardo, 14, 21, 31, 34, 35, 39, 40, 43, 44, 45, 48, 50, 58, 59, 70, 74, 75, 76, 82, 90, 91, 92, 96, 97, 103, 104, 105, 120, 121, 122, 125, 127, 133, 142, 145, 149, 151, 152, 155, 158, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 176, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 191, 192, 193, 194, 213

particularismo, 37

pertencimento racial, 21, 66, 67

pobreza, 30, 61, 81, 82, 123, 129, 138

poder, 10, 12, 14, 21, 30, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 50, 61, 69, 84, 86, 87, 90, 91, 93, 95, 97, 98, 104, 106, 107, 114, 115, 117, 126, 129, 132, 134, 137, 141, 142, 145, 152, 156, 159, 166, 172, 174, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 186, 188, 191, 193, 195, 196, 197, 199, 204, 214, 217

prática, 6, 9, 27, 33, 37, 38, 67, 68, 69, 72, 94, 103, 105, 106, 107, 109, 113, 115, 117, 144, 148, 154, 155, 157, 158, 165, 178, 180, 195, 197, 211, 212

prestígio, 29, 57, 58, 66, 78, 79, 119, 122, 181

pretos, 23, 30, 47, 55, 58, 59, 63, 65, 76, 77, 79, 80, 81, 96, 142, 148, 151, 161, 164, 181, 182, 189, 191, 194

privilegio, 30, 56, 59, 65, 66, 78, 79, 84, 87, 144, 181, 186, 196, 207, 217

processo social, 177, 178

R

raça, 10, 12, 21, 29, 30, 35, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 85, 86, 88, 89, 91, 101, 104, 105, 119, 132, 155, 158, 167, 168, 178, 179, 181, 188, 191, 193, 195, 196, 197, 198, 201, 205, 206, 208, 210, 216, 217

racionalidade, 43, 46, 93, 178, 186

racismo, 30, 31, 36, 54, 55, 61, 62, 65, 66, 68, 69, 73, 84, 88, 91, 95, 117, 119, 121, 132, 139, 155, 156, 165, 175, 179, 181, 182, 191, 193, 194, 195, 196, 198, 200, 202, 207, 213, 217

reconhecimento, 25, 37, 44, 46, 106, 127, 144, 183, 192

redistribuição, 37

referência, 8, 36, 40, 59, 123, 125, 128, 129, 130, 159, 160, 168, 170, 180, 190

reflexividade, 103

representatividade, 55, 57, 63, 80

S

sentido, 7, 12, 21, 26, 28, 31, 32, 33, 36, 40, 43, 44, 55, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 77, 78, 79, 82, 85, 88, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 111, 115, 117, 118, 119, 126, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 147, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 163, 165, 167, 168, 170,

173, 177, 181, 182, 183, 184, 186, 189,
191, 192, 194, 195, 197, 21, 28, 31, 35,
40, 41, 44, 50, 62, 83, 91, 92, 94, 96,
98, 100, 101, 102, 105, 107, 119, 125,
128, 130, 133, 135, 136, 137, 142, 149,
156, 168, 169, 171, 173, 175, 188, 210,
211

sistematicidade, 110, 159, 165, 178, 197

sociedade, 12, 21, 23, 30, 32, 33, 34, 35,
36, 39, 41, 42, 49, 50, 52, 56, 58, 59,
60, 65, 66, 67, 69, 71, 73, 75, 76, 83,
85, 86, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 99,
102, 104, 105, 107, 108, 109, 119, 121,
122, 126, 127, 128, 129, 132, 134, 137,
138, 139, 140, 141, 142, 145, 146, 148,
150, 151, 159, 162, 165, 167, 172, 173,
174, 177, 180, 183, 185, 189, 192, 193,
196, 198, 199, 201, 203, 207, 208, 210

subalternidades, 12, 14, 21, 30, 38, 41,
196

subjetividade, 30, 33, 66, 83, 84, 85, 93,
94, 99, 109, 114, 115, 150, 178, 180,
186

subordinação, 73, 82, 95, 97, 154, 175,
177, 178

sujeito, 12, 21, 32, 33, 34, 37, 38, 39,
41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 82, 83, 85,
90, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 100, 103,

104, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115,
117, 119, 121, 122, 123, 127, 130, 132,
133, 135, 137, 138, 142, 143, 145, 146,
147, 148, 150, 152, 154, 158, 161, 162,
163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171,
172, 173, 175, 178, 180, 182, 183, 191,
192, 193, 195, 200, 203, 216

T

Teoria do Discurso, 42, 90, 105, 106,
107, 108, 111, 112

trajetórias, 12, 24, 42, 46, 58, 149, 209

U

universidade, 12, 21, 22, 24, 25, 26, 27,
28, 29, 30, 35, 36, 37, 45, 47, 52, 54,
56, 57, 58, 59, 82, 128, 134, 139, 145,
146, 153, 199, 206, 211, 212, 218

V

vida coletiva, 95, 137, 195, 198